Rosa Maria Ferreira da Silva

A República dos Patos

ou a construção da cidade republicana no sertão das Geraes:
Representação, memórias e conflitos. Cidade de Patos, 1889 – 1933.







Universidade Federal de Uberlândia

2015

R o s a M a r i a F e r r e i r a d a S i l v a

A República dos Patos

ou a construção da cidade republicana no sertão das Geraes:
Representação, memórias e conflitos. Cidade de Patos, 1889 – 1933.

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como parte das exigências para obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História e Cultura
Orientação: Profª Drª. Maria Clara Tomaz Machado

Universidade Federal de Uberlândia
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586r
2015

Silva, Rosa Maria Ferreira da, 1966-
A República dos Patos ou a construção da cidade republicana no sertão das Geraes : representação, memórias e conflitos. Cidade de Patos, 1889-1933. / Rosa Maria Ferreira da Silva. - 2015.
430 f. : il.

Orientadora: Maria Clara Tomaz Machado.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. Cidades e vilas - Minas Gerais - História - Teses. 3. Sociologia urbana - Patos de Minas - Teses. 4. Patos de Minas - História - Teses. I. Machado, Maria Clara Tomaz. II. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Rosa Maria Ferreira da Silva

A República dos Patos
Ou: a construção da cidade republicana no sertão das Gerais: Representação, memórias e conflitos. Cidade de Patos, 1889 – 1933.

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como parte das exigências para obtenção do título de Doutor em História.

Aprovada em: 6 de março de 2015

Profª. Drª Tânia Regina de Luca
(UNESP/Assis)

Prof. Dr. Henry Marcelo Martins da Silva
(UFMS)

Profª. Drª Vera Lúcia Puga
(UFU)

Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib
(FACIP-UFU)

Profª. Drª Maria Clara Tomaz Machado
(Orientadora - UFU)

Uberlândia, 6 de março de 2015

Para Igor e Marcella: the best jobs.

Em memória de todos os Borges, Maciéis e Berenices

AGRADECIMENTOS

Gratidão. Sentimento necessário, sem o qual nos perdemos da nossa própria humanidade.

Sou extremamente grata a todas as pessoas que direta e indiretamente contribuíram para a existência deste trabalho. Começo agradecendo pela bolsa de estudos concedida pela CAPES e estendo minha Gratidão aos sujeitos que se construíram, anelando sua existência à construção de Patos. Sou grata a todos eles, sobretudo por terem me deixado *indícios* de suas histórias. A cada um agradeço por meu envolvimento, minhas risadas e, sim, confesso, minhas lágrimas. Por incontáveis vezes me quedei em prantos, emocionada com suas escolhas e suas batalhas. No correr da pesquisa muitos se tornaram meus "tios e tias". Agradeço por terem... "me adotado".

Escrever, criar, viver. Na dureza do cotidiano, a batalha pelo pão de cada dia não raro foi árdua. O que teria sido de mim e dos meus filhos se não fosse a ajuda, o amparo, o cuidado, o amor incondicional a nós dedicados por nossos tios... À minha tia Rosa e ao meu tio João, nenhuma palavra é grande o bastante para expressar toda a minha Gratidão. Sem eles, esta Tese jamais teria sido possível.

Pesquisar. Ler. Refletir. Não existe trabalho acadêmico sem pesquisa. E, com certeza, ninguém se faz pesquisador sozinho. Na jornada, jamais estive só. Contei com a boa vontade de amigos. Contei com os *insights* de conversas instigantes. Contei com profissionais dedicados.

Minha Gratidão a Alex de Castro Borges, meu "Chefinho", por ter me "revelado" a cidade através do olhar do arquiteto. À Altamir Fernandes, o "Altamirinho", pelas conversas esclarecedoras. À Eunice Caixeta, a "Tiónice", pela doação. À Geenes Valentim, companheiro de jornadas imprevisíveis, sou Grata por ter me convidado e participado da "realização" cinematográfica da minha pesquisa. Também por isso, e por muito mais, agradeço à minha irmã Regina Carvalho, o reencontro dos impossíveis e a conclusão dos ciclos.

Minha Gratidão, eterna, à amizade e a dedicação de Antoniette Camargo de Oliveira, a "Nietta", amiga de todas as horas, pesquisadora criteriosa e dedicada, que me acompanhou e me ajudou na digitalização da maior parte dos documentos e na transcrição de atas e jornais. Estendo, ainda, minha Gratidão ao "Seu Antônio", pai da Antoniette e pesquisador por tabela.

Minha Gratidão, igualmente eterna, a Roberto Vargas, o “Bill”, meu amigo amado, também de todas as horas e perrengues, disposto a virar o mundo do avesso e de ponta a cabeça para me conseguir um livro, uma tese, um documento e o que mais eu inventasse, no meio da minha tendência insidiosa a invencionices.

Pensar. Criar. Retomar. Refazer. Sem orientação, não há trabalho acadêmico. Minha Gratidão à Maria Clara Tomaz Machado, minha orientadora. Porque “desnorteadora”, me instigou a rever nortes, conceitos, idéias e experiências. Sem jamais me deixar sozinha, respeitou do início ao fim do processo, minha necessidade de liberdade. Sou Grata à Maria Clara por ter mantido minhas asas e, ao mesmo tempo, ter sido minhas raízes.

Sorrir. Abraçar. Partir. Voltar. Esta Tese nasceu do amor pelos meus filhos e só foi possível através do amor deles por mim. À Igor e Marcella, “a espera e a presença”, “a saudade e a coragem”, minha Gratidão pela confiança, o respeito, o carinho, cada uma das lágrimas, cada um dos sorrisos, cada um dos abraços. Sou imensuravelmente Grata por cada “Mamãe, eu te amo” que me é dedicado... todos os dias!

Por fim, meu agradecimento ao improvável. Àquele que sem querer, e certamente sem saber, tem sido a conexão comigo mesma e com a minha feminilidade. Ofereço à Luiz Ricardo Santos Basso, o “Magrello”, a minha mais profunda Gratidão por ter despertado a mulher que jazia adormecida entre meus dedos...!

“Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra

um passado que não lembrava existir:

a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir

revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.”

- Ítalo Calvino - As Cidades Invisíveis-

RESUMO

Esta pesquisa tem por intenção discutir a construção da cidade republicana no sertão das Minas Gerais, tomando como objeto de reflexão a cidade de Patos, entre 1889 e 1933. A escolha do objeto deve-se, em primeiro lugar, a uma lacuna na reflexão acerca das cidades no período em questão: ainda que a produção intelectual sobre o tema possua notórios avanços, pouco se pensou a respeito do processo que levou à constituição das cidades do interior, notadamente do interior mineiro. Ora, a cidade de Patos, hoje Patos de Minas, possui um núcleo urbano original que, se de um lado dialoga com os grandes projetos de urbanização da época, como a Paris do Barão de Haussmann e o Rio de Janeiro de Pereira Passos, por outro lado também reflete a forma lusitana de povoar. O núcleo urbano que deu origem à cidade é, assim, seccionado em dois. Uma parte, constituída ao norte, atrás da Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua, foi como que "semeada", conforme expressão consagrada de Sérgio Buarque de Holanda, apresentando uma intrincada rede de vielas, ruas estreitas e becos; ao passo que, ao sul, o núcleo corresponde ao modelo urbano de "cidade civilizada" do século XIX, com avenidas e ruas largas, dispostas no formato de tabuleiro. Não obstante a peculiaridade daquela conformação urbana, a pesquisa revelou que se imprimiu nela, como um palimpsesto, o embate entre dois grupos políticos rivais: os presbiterianos, liderados pela família Dias Maciel e os católicos, liderados pela família Borges. Ao mesmo tempo, a pesquisa demonstrou que se a cidade foi espaço e objeto do conflito entre os dois grupos, o foi, ainda, para outros sujeitos sociais: as camadas populares que passaram "ao largo" da disputa entre "Borges e Maciéis". Assim, do processo, depreendem-se, pelo menos, "três cidades de Patos": aquela em que viveram e "atuaram" os Maciéis, em evidente ingerência política; aquela em que viveram os Borges, e a partir da qual se constituíram como oposição aos Maciéis; e, finalmente, a cidade em que viveram os pobres, os negros e desvalidos, assolados pela sífilis, pelo alcoolismo e pela miséria, nos bairros periféricos da Várzea e da "Beira da Lagoa".

Palavras Chave:

Cidade. República. Urbanização. Representação. Memória. Conflitos.

ABSTRACT

This research has the intention to discuss the construction of the republican city in the backwoods of Minas Gerais, taking as object of reflection the city of Patos, between 1889 and 1933. The choice of the object is due, first, to a gap in reflection about the cities in the period in question, although the intellectual production on the theme has striking gains, little is thought about the process that led to the establishment of towns, notably the mining interior. Now the city of Patos, today Patos de Minas, has a unique urban core that is a side dialogues with major projects of urbanization of the time, as the Paris of Haussmann Baron and the Pereira Passos' Rio de Janeiro, for other hand also reflects the Lusitanian way to people. The urban core that originated the city is thus cut in two. A part, consisting north, behind the Church of Santo Antônio de Pádua, it was like that "seeded" as enshrined expression of Sérgio Buarque de Holanda, with an intricate network of alleys, narrow streets and alleys; while to the south, the core corresponds to the urban model of "civilized city" of the nineteenth century, with wide streets and avenues, arranged on the board format. Despite the peculiarity that urban conformation, the survey revealed that printed on it, as a palimpsest, the clash between two rival political groups: the Presbyterians, led by Family Dias Maciel and Catholics, led by Borges family. At the same time, research has shown that if the city was space and object of the conflict between the two groups, was also to other social subjects: the working classes who have gone "off" of the dispute between "Borges and Maciéis". Thus, in the process, be inferred at least "three cities of Patos": on which they lived and "worked" the Maciéis in apparent political interference; that they lived in the Borges, and from which they arose as opposed to Maciéis; and finally, the city where the poor lived, blacks and underprivileged, plagued by syphilis, alcoholism and poverty, in the suburbs of the Várzea and the "Beira da Lagoa".

Key Words:

City. Republic. Urbanization. Representation. Memory. Conflicts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1-	Vista panorâmica de Patos de Minas	48
Figura 2-	Catedral de Santo Antônio	49
Figura 3-	Av. Getúlio Vargas.	49
Figura 4-	V Festival Nacional de Teatro Universitário	49
Figura 5-	Parque de Exposições/*Fenamilho* 2013	49
Figura 6-	Publicidade em Outdoor/ Fenamilho, 2011	49
Figura 7-	Esculturas de Patos	50
Figura 8-	Painel n.2: Terminal Rodoviário José Rangel	53
Figura 9-	Lagoa Grande	53
Figura 10-	Avenida Piauí	53
Figura 11-	Rua Major Gote	53
Figura 12-	Monumento das Três Graças	53
Figura 13-	Mercado Municipal de Patos de Minas	53
Figura 14-	Colégio Marista de Patos de Minas	54
Figura 15-	Entrada principal do UNIPAM	54
Figura 16-	Memorial do Milho	54
Figura 17-	Artesanato em Palha, Marias Artesãs	54
Figura 18-	Prédio da Cadeia, antiga Casa de Câmara e Cadeia.	58
Figura 19-	Rua Teófilo Otoni	65
Figura 20-	Travessa do Sumbem	65
Figura 21-	Rua Major Carlos Soares	66
Figura 22-	Praça da Genoveva	66
Figura 23-	Antiga Casa de Deiró Borges	66
Figura 24-	Rua Tenente Bino	66

Figura 25-	Antiga residência do Dr. João Borges	66
Figura 26-	Antiga residência de Antônio Cândido Borges	66
Figura 27-	Vista lateral da Praça Dom Eduardo	68
Figura 28-	Vista frontal do Cruzeiro	68
Figura 29-	Largo da Matriz de Santo Antônio	69
Figura 30-	Catedral de Santo Antônio, parte de trás	70
Figura 31-	Catedral de Santo Antônio de Pádua, frente.	70
Figura 32-	Antiga residência do Dr. Itagyba Ferreira da Silva	72
Figura 33-	EE. Antônio Dias Maciel, "Escola Normal"	72
Figura 34-	Casa de Olegário Maciel - Museu da Cidade de Patos de Minas	72
Figura 35-	Antiga residência do Cel. Arthur Thomaz de Magalhães	72
Figura 36-	Antiga residência de Adélio Maciel	73
Figura 37-	EE Marcolino de Barros	73
Figura 38-	Palacete Amadeu e Jorgeta Maciel	73
Figura 39-	Av. Getúlio Vargas. Vista aérea	78
Figura 40-	Avenida Champs Élysées	79
Figura 41-	Avenida Getúlio Vargas	79
Figura 42-	Busto de Olegário Maciel	85
Figura 43-	Major Sesóstris Dias Maciel e família	109
Figura 44-	Palacete Amadeu Maciel	109
Figura 45-	Olegário Maciel, e outros, em Belo Horizonte	123
Figura 46-	D. Flaviana Rosa e Cel. Antônio Dias Maciel	133
Figura 47-	Major Jerônimo Dias Maciel	133
Figura 48-	Dr. Olegário Maciel. Assembléia Legislativa Provincial de Minas Gerais	133
Figura 49-	Cel. Farnese Dias Maciel	133
Figura 50-	Amadeu Dias Maciel.	134
Figura 51-	Jorgeta Dias Maciel	134
Figura 52-	Dr. Marcolino de Barros	134

Figura 53-	Dr. Jacques Dias Maciel	134
Figura 54-	Dr. Adélio Dias Maciel	135
Figura 55-	Ordália Maciel e seu esposo, Dr. Antônio Dias Maciel (Tonico)	135
Figura 56-	Cel. Farnese Dias Maciel e Família	135
Figura 57-	Getúlio Vargas e Olegário Maciel.	136
Figura 58-	Olegário Maciel e outros, no Palácio da Liberdade, durante a Revolução de 1932.	136
Figura 59-	Sede do Partido Político Popular de Patos	157
Figura 60-	Capitão João Antônio Borges	159
Figura 61-	D. Serafina Corrêa Borges	159
Figura 62-	Deiró Eunápio Borges e família	159
Figura 63-	Clérigo e meninos	160
Figura 64-	Bernardino Antônio Borges e família	160
Figura 65-	Apresentação teatral: "São Venâncio"	161
Figura 66-	Família. Arquivo da Família Borges.	161
Figura 67-	Largo da Matriz. Igreja Matriz de Santo Antônio, 1905.	166
Figura 68	Dr. Antônio Nogueira Coelho	180
Figura 69-	Residência do Dr. Euphrasio José Rodrigues,	185
Figura 70-	Largo do Rosário	197
Figura 71-	Cinema Magalhães	198
Figura 72-	Hospital Regional Antônio Dias, 1930	209
Figura 73-	Inauguração do Grupo Escolar Marcolino de Barros, 1917.	210
Figura 74-	Atual Escola Estadual Marcolino de Barros	212
Figura 75-	Vista aérea da Escola Normal	213
Figura 76-	Desfile dos alunos da Escola Normal	215
Figura 77-	Alunos da Escola Normal Oficial de Patos	216
Figura 78-	Avenida Getúlio Vargas, 1936	218
Figura 79-	Praça da Matriz	219

Figura 80-	Casa de Adélio Maciel. Visita de Carlos de Chagas	229
Figura 81-	Posto de Prophylaxia Rural,1924	229
Figura 82-	"Avenida Municipal", centro de Patos de Minas	244
Figura 83-	Avenida Municipal. Em segundo plano, trabalhadores indo em direção à Várzea	247
Figura 84-	Passeio familiar. Em segundo plano, a menina negra	248
Figura 85-	Sala de espera do Hospital Regional Antônio Dias.	258
Figura 86	Crianças no Jardim	264
Figura 87-	Passeata dos Operários Patenses	266
Figura 88-	Dr. Euphrásio Rodrigues e família; Zama Alves e Família	270
Figura 89-	Marcolino Ferreira de Barros e Família	272
Figura 90-	Cel. Augusto Ferreira da Silva	272
Figura 91-	D. Anna Gonçalves da Motta	272
GRÁFICOS		
Gráfico 1	Evolução Mensal do Quantitativo de Registros de Crimes Violentos. Patos de Minas, 2012 e 2013.	37
Gráfico 2	Produto Interno Bruto de Patos de Minas	39
MAPAS		
Mapa 1	Localização de Patos de Minas em Minas Gerais	34
Mapa 2	Região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba em Minas Gerais.	35
Mapa 3	Macrozoneamento do Município de Patos de Minas	36
Mapa 4	Área Central de Patos de Minas, com destaque para o Núcleo Urbano Original	76
Mapa 5-	Capitania de Minas Gerais.	140
Mapa 6-	Planta Geral das Linhas da Companhia Mogyana de Estrada de Ferro	146
Mapa 7-	Município de Patos, 1927	201
Mapa 8-	Planta da Cidade de Patos [1916]	201

Mapa 9- Área central - Planta da Cidade de Patos [1916], sobreposta a configuração atual. 202

QUADROS

Quadro 1 - População do Triângulo Mineiro - Censo de 1890 144

Quadro 2 - Mapa de Freqüência. Escola Nocturna da Villa de Patos, 1º Bim. 1886 250

SUMÁRIO

Introdução 17

I. Entre a representação e a memória, o lugar do problema 33

I.1. Patos de Minas: a cidade bonita, tranqüila e festiva 34

I.2. A memória urbana e suas contradições 51

II. Borges e Maciéis: as elites em conflito 87

II.1. A título de contexto: o pacto político da Primeira República 88

II.2. Coronéis de diploma: os Maciéis 95

II.3. O Doutor Olegário Maciel 117

II.4. Iconografia Maciel 133

II.5. Fervorosos católicos: os Borges 137

II.6. Iconografia Borges 159

III. Contenda: a configuração do núcleo urbano original de Patos 162

III.1. Do norte para o sul: o processo de divisão do centro 163

III.2. A "cidade" dos coronéis 195

III.3. A "cidade" da oposição 219

III.4. A "cidade" dos aflitos 245

Considerações Finais 277

Referências 280

Anexos 305

introdução

Cidade... Trama cultural urdida no tempo, alinhavada no espaço. Apreendida pelos sentidos e pelo pensamento. Transversalizada por uma miríade de possibilidades reflexivas. Exigente de considerações dialógicas.

Como tema, a cidade provocou as Ciências Humanas a partir do século XIX, quando se constituiu, no ocidente, a experiência social da "metrópole industrializada". Do ponto de vista teórico, foi da observação da metrópole oitocentista que se forjou, como analítica, a categoria "cidade": *local da experiência urbana,* em oposição ao "campo", o *lugar da experiência rural*[1]. Em fins do século XIX e princípios do XX, a metrópole industrializada inspirou reflexões sobre as "patologias sociais" identificadas na sub-habitação, na delinqüência e no marginalismo; o planejamento urbano, a relação capital etrabalho, o movimento operário; e, ainda, do que Georg Simmel, demarcando o nascimento da Sociologia Urbana, chamou de "a vida mental na metrópole"[2].

A História entraria mais tarde no debate. Quando o fez, na década de 1960, também compreenderia a cidade como *lócus* de realização do urbano. Destarte, o objeto de estudo "cidade" foi tratado como parte de um universo maior de reflexão, os "Estudos Urbanos", dentro dos quais a História haveria de prestar a sua contribuição.

Foi também na década de 1960 que a "experiência urbana" deixaria de ser, genuinamente, uma experiência citadina. O processo que separaria campo e cidade a partir de 1850, concluiu-se na segunda metade do século XX, permitindo vivências desterritorializadas. Um novo ente fenomenológico se descortinava: o *urbano*. Uma experiência descolada de entornos materiais fixos[3].

---

[1] Uma discussão sobre a historicidade das categorias "urbano e cidade", pode ser acompanhada em: SILVA, Rosa Maria Ferreira. A Cidade e o urbano: categorias explicativas e experiências históricas. **Revista Alpha**, v. 13, p. 235-243, 2012.

[2]O texto "As Grandes Cidades e a Vida do Espírito" foi proferido em forma de Conferência por ocasião da "Exposição das Cidades", em Dresden, na Alemanha, no inverno de 1902-1903. Além deste, outros artigos que informam a Sociologia Urbana, foram reproduzidos em: VELHO, Otávio G. (org). **O Fenômeno Urbano**.Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Para uma classificação das abordagens acerca da cidade, ver: FREITAG, Barbara. **Teorias da Cidade.** Campinas: Papirus, 2006.

[3] Cf. CHOAY, Françoise. O reino do urbano e a morte da cidade. In: **Projeto História/ Espaço e cultura**. n.18. São Paulo: EDUC, 1999, p. 70. Da mesma autora, ver: **O Urbanismo. Utopias e Realidades.** Uma Antologia. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Transformam-se os tempos, transformam-se as categorias, sem o que se tornariam engessadas, e inúteis como ferramentas explicativas.

À categoria "urbano" corresponderia uma nova cultura planetária, que pode ocorrer em *qualquer lugar.* Por isso mesmo, urbano tornou-se equivalente de "não lugar": *the non- place urban realm*, conforme definido em 1967 por Melvim Webber e que, na contemporaneidade, se expressa nas comunidades virtuais permitidas pelos avanços da tecnologia digital[4].

Consoante ao "admirável mundo novo" que se desenhava com os anos de 1960, também se alterou o tratamento da "cidade" como categoria analítica. Não mais o "lugar da realização do urbano", como na explosão metropolitana do século XIX. Mas, um *fenômeno cultural* dotado de um *ethos,* "os aspectos morais (e estéticos), [...] os elementos valorativos, construídos cultura a cultura"[5]*,* conforme definido pela Antropologia Interpretativa de Clifford Geertz.

Será, pois, como produto de cultura*,* que a cidade fará parte, em definitivo, das reflexões históricas. Por suposto, mais especificamente, dentro dos estudos da História Cultural, promovidos a partir da década de 1990. Dito de outra forma: com as perspectivas abertas pela História Cultural, a História se inseriu, de forma categórica, nos debates acerca da cidade, iniciados em fins do século XIX pela Sociologia. Entretanto, ainda que redimensionados, *cidade e urbano* permanecerão, pelo menos dentro da História Cultural, como interfaces de um mesmo objeto:

> [...] Ao longo da década de 1990, a emergência de uma história cultural veio proporcionar uma nova abordagem ao fenômeno urbano. O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um lócus privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos

[4]WEBBER, Melvin. *Explorations into urban structure.* Filadelfia: The University of Philadelphia Press, 1967. Ver também, do mesmo autor: The post-city Age, de 1968, publicado pela Editora Daedalus de Nova York. Sobre as novas territorialidades e a ciber cultura, consultar: LEPETIT, Bernard.**Por uma nova história urbana.** São Paulo, Edusp, 2001; CASTELLS, Manuel. A geografia da internet: lugares em rede. In: **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

[5]GEERTZ, Cliford. **Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989, p.143. Dentro desta perspectiva, ver as reflexões de Walter Benjamin acerca das dimensões materiais e simbólicas da cidade enquanto artefato urbano, em: BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Trad. de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006; a leitura clássica de RAMA, Angel. **A cidade das Letras.** Tradução: Mario Vargas Llosa. São Paulo: Brasiliense, 1985. E, ainda, o capítulo referência de Schorske no qual, ao discutir a idéia de cidade no pensamento europeu, consegue percebê-la como "virtude", como "vício" e "para além do Bem e do Mal. Em: SCHORSKE, Carl E. A idéia de cidade no penamento europeu: de Voltaire a Spengler. In: **Pensando com a História.** Indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 53-72.

> atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais[6].

No Brasil, porém, o provocativo da temática está demarcado em fins da década de 1970. Os estudos históricos que tomaram a cidade como tema, nasceram no bojo dos movimentos sociais do período, "quando novos personagens entraram em cena"[7]. Ocupando os palcos urbanos, reivindicando o direito à *cidadania*, os atores sociais capturaram o olhar dos historiadores não apenas para os sujeitos que ocupavam a "boca da cena", mas *também* para a historicidade do próprio cenário.

O Rio de Janeiro e as reformas empreendidas sob a batuta do Prefeito Pereira Passos, no início do século XX, inauguraram as reflexões sobre a reformulação dos espaços urbanos[8]. Com o estudo intensivo do Rio de Janeiro, nas décadas de 1980 e 1990, a "cidade" foi posta em tela. Através de suas reinvenções, arquitetônicas ou poéticas, outros "urbanos" puderam ser revisitados, tornando a "cidade" um profícuo campo de pesquisa histórica no Brasil[9].

Não obstante, dentro deste campo extremamente rico de estudos históricos, poucos trabalhos se dispuseram a pensar as configurações urbanas construídas sob a égide da

---

[6]PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História.** v.27, n.53, São Paulo, jan./jun. 2007, p. 12-13.

[7] A respeito dos movimentos sociais que marcaram o fim da ditadura militar no Brasil, redimensionando as interpretações históricas sobre as classes trabalhadoras no país, ver a obra clássica de: SADER, Emir. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

[8] A bibliografia que tomou o Rio de Janeiro e suas reformas urbanas como tema, é ampla e variada. Dos trabalhos publicados nas décadas de 1980 e 1990, destacamos: ABREU, Maurício de. **Evolução urbana do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: IPLAN-Rio-Zahar, 1988; BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical.** A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992; ROCHA, Osvaldo Porto. **A era das demolições.** Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

[9] Conforme Maria Stella M. Brescianni, responsável pela implantação da Linha de Pesquisa "Cultura e Cidades", no Programa de Pós- graduação em História da Universidade de Campinas:" (...) é importante notar que somente na década de 1980, uma área temática específica sobre Cidades ganha definição precisa como linha de pesquisa em programas de pós-graduação na universidade brasileira, dando lugar à formação de grupos de pesquisadores e estimulando os estudos urbanos nos domínios da historiografia". BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998, p.243. Dentro deste universo de reflexão, situam-se, dentre outros, os trabalhos de: TOLEDO, Benedito. **São Paulo: três cidades em um século.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981; SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992; BARROS, José Márcio. **Permanências e mudanças em Belo Horizonte.** Belo Horizonte: PUC Minas/Autêntica, 2001; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 2002; ROSTOLDO, Jadir Peçanha. **A cidade republicana na belle époque capixaba:** espaço urbano, poder e sociedade. Doutorado em História Social. USP: 2008. Ver, ainda, a coletânea: FENELON, Déa R. (org). **Cidades.** São Paulo: PUC/Olho d'Água, 2000.

República, no interior do Brasil[10]. Aparentemente preso à leitura de Euclides da Cunha, o olhar dos historiadores é, ainda, bastante refém dos grandes centros, deixando passar ao largo as transformações urbanas do interior: *dos sertões*[11]. Especialmente dos *sertões das Gerais*...

Foi mediante a percepção destas lacunas que a presente pesquisa de doutorado nasceu. A historiadora que partejou o trabalho teve por intenção compreender a forja da cidade republicana no interior do Brasil, tomando como lócus de pesquisa a cidade de Patos de Minas, localizada na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, o antigo "sertão das Geraes", entre 1889 e 1933. Cabe, é claro, justificativa.

Em primeiro lugar, o contexto pautado na República e não na "Modernidade".

De um modo geral, em se tratando das cidades estudadas no período eleito para análise, as contextualizações históricas mais recentes tendem a circunscrevê-las dentro da "Modernidade". Ou seja: ao *período,* o final do século XIX e a primeira metade do século XX, a historiografia corrente costuma creditar o que foi uma experiência social demarcada em *tempo,* mas também em *lugar* específico.

---

[10]O Programa de Pós Graduação em História da UNESP de Franca, tem se mostrado um rico celeiro de reflexões acerca do tema. Impulsionado, sobretudo, pelo tema da modernização dos espaços urbanos, face à expansão da economia cafeeira, o programa tem produzido dissertações e teses que abordam, principalmente a "belle époque" do interior paulista. Dentre estes, ver os trabalhos de: FOLLIS, Fransérgio. **Modernização no interior paulista:** o poder público municipal e a transformação do espaço urbano de Franca (1889 - 1940). Franca: Universidade Estadual Paulista. Dissertação de Mestrado em História, 1999. Do mesmo autor, a compilação da pesquisa em forma de livro: **Modernização urbana na *Belle Époque* paulista.** São Paulo: Editora da UNESP, 2004. Ainda: PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris:** Joaquim Macedo Bittencourt e a *belle époque* em Ribeirão Preto (1911- 1920). Franca: Universidade Estadual Paulista. Tese de Doutorado em História, 2004; SILVA, Henry Marcelo Martins da.**Conflitos na elite:** a transformação dos grupos de poder de São José do Rio Preto na República Velha (1894 - 1930). Franca: Universidade Estadual Paulista. Tese de Doutorado em História e Cultura Social, 2009. E, o artigo seminal de José Evaldo Doin, à época professor do Programa, no qual oferece a conceituação inicial de *Belle époque caipira*: DOIN, José Evaldo de Mello, et. al., A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) — a proposta do Cemumc. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: v. 27, n. 53 (junho de 2007). Deslocando o olhar do interior paulista, ver o trabalho de Sandra Mara Dantas que se dispôs a discutir a cidade de Uberlândia, antiga Uberabinha, em Minas Gerais: DANTAS, Sandra Mara. **A fabricação do urbano:** civilidade, modernidade e progresso em Uberabinha/MG (1888 - 1929). Franca: Universidade Estadual Paulista. Tese de Doutorado em História, 2009. Também sobre Uberlândia e a configuração do seu espaço urbano, o Programa de Pós Graduação em História da UFU abrigou o trabalho de: LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. **Uberlândia:** histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos: memórias, construção e apropriações dos espaços. Uberlândia, EDUFU, 2010. Observe-se que *todos os trabalhos* abordaram as transformações urbanas do interior, impulsionadas pela chegada de uma estrada de ferro.

[11] Para Euclides da Cunha, a República aumentou a distância civilizatória que grassava, "há quatrocentos anos", entre o litoral e o interior, a parte sertaneja do Brasil. CUNHA, Euclides. **Os Sertões:** campanha de Canudos. 39ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora: Publifolha, 2000- Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro, p. 170.

Ora, é na cidade, mas na *cidade-metrópole,* reformulada, aberta em largas avenidas, livre dos "miasmas insurretos das classes trabalhadoras" e oxigenada pelos ventos do *progresso,* que a Modernidade se realizou[12]. Resultado direto da racionalização dos processos produtivos, portanto da *modernização* que marca a consolidação da sociedade burguesa, a Modernidade é muito bem definida por Sandra Jatahy Pesavento como: "[...] a expressão artística e intelectual de um projeto histórico chamado 'modernização', produzido pela transformação capitalista do mundo, [o qual] dá nascimento à experiência, também histórica, individual e coletiva do 'viver na metrópole'"[13].

Isto posto, se a Modernidade funciona muito bem para o tratamento do viver urbano nas grandes cidades da Europa oitocentista, quando transladada para as realidades brasileiras do mesmo período, o conceito já apresenta "rangeduras". Aqui, sobretudo no interior do país, uma série de especificidades históricas requer que se trate o contexto dentro da perspectiva dos *contemporâneos*. Dificilmente o viver urbano numa cidade sertaneja, marcado por relações de compadrio, com base coronelista e herança escravagista, pode corresponder à experiência do viver urbano nos grandes centros. A colagem indistinta das experiências vivenciadas no mesmo "tempo", mas em lugares e em condições diferenciadas, promove não apenas um deslocamento de contexto, mas, também, uma inadequação teórica:

> [...] Transeuntes que não se conhecem e se ignoram, estrangeiros, marginais, conspiradores, dândis, colecionadores, assassinos, panoramas, galerias, vitrinas, manequins, modernidade e ruínas da modernidade, *shopping centers* e elevados. Um murmúrio em que as palavras *flâneur* e *flânerie* são usadas como inesperados sinônimos de praticamente qualquer movimento que tenha lugar nos espaços públicos. Fala-se de *flânerie* em cidades onde, por definição, seria impossível a existência de

---

[12] O tema da "modernidade" possui várias facetas e sua identificação na experiência histórica do ocidente, muitas vezes se dilata no tempo, conforme a abordagem do pesquisador. Contudo, conceitualmente, a historiadora deste trabalho concorda com Jürgen Habermas de que a "modernidade" diz respeito às formações societárias do *nosso tempo,* qual seja, o mundo moderno. Desta feita, Habermas diferencia *modernização* de *modernidade*, entendendo a primeira como o processo de racionalização ocorrida nas esferas econômicas e políticas e a segunda, decorrente da primeira, como as transformações dadas no interior do "mundo vivido', notadamente nas esferas do "valor": a moral, a estética e a arte. Assim, Habermas considera que o "início da modernidade" se correlaciona a três grandes eventos, dados na Europa ocidental, quais sejam: a Reforma Protestante, o Iluminismo e a Revolução Francesa. Não obstante, dentro do presente trabalho, optou-se por utilizar, no corpo do texto, a definição de Sandra Jatahy Pesavento, uma vez que condensa, de forma sucinta e inteligente, a própria leitura de Habermas, traduzindo seu pensamento dentro da perspectiva cultural assumida nesta Tese. Sobre a Teoria da Modernidade em Habermas, dentre outros, ver: HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990; e, ainda: *Modernidade – um projeto inacabado.* In: ARANTES, O.; ARANTES, P. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

[13] PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 2002, p. 30.

> um *flâneur*. O simples passeante vespertino de uma praça interiorana ou de um calçadão que não tem mais do que duas quadras tornou-se personagem de um romance filosófico urbano, esboçado conforme a teoria benjaminiana sobre a modernidade no século XIX ou sobre as ruínas do capitalismo na vitrina de suas mercadorias[14].

No Brasil de fins do século XIX e início do XX, o embate entre o "novo e o velho", entre o "antigo e o moderno", se articula ao debate conceitual e político que colocou em campos opostos, a Monarquia... e a *República*[15].

Ao considerar a análise dos conceitos proposta por Reinhart Koselleck,[16] o historiador observa que, a despeito dos esforços de reafirmação simbólica da Monarquia, ciosa em

---

[14] SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias.** Intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Edusp, 1997, p. 103-104.

[15] A análise da implantação da República e do primeiro período republicano no Brasil (1889-1930) está assentada numa longa, complexa e rica historiografia. Observados em suas linhas gerais, pelo menos até 1932, à época da Revolução Constitucionalista, os estudos históricos tenderam a interpretar a temática dentro de uma ótica *paulista*, ou seja: alçando o Estado de São Paulo à condição de sujeito histórico, identificando, assim, a história de São Paulo à história da República. A quebra dessa hegemonia e o conseqüente desvelamento de uma história narrada em conformidade com a perspectiva da burguesia agrário-industrial paulista, deu-se com a reviravolta intelectual dos anos de 1930, dentro da qual é significativo o pensamento de Caio Prado Jr. na obra **Evolução Política do Brasil e outros ensaios,** de 1933. A obra pioneira de Caio Prado Jr. alicerçou as análises marxistas do período republicano, constituídas a partir da década de 1950. Dentre estas, são referências os trabalhos de Leôncio Basbaum, notadamente os volumes 1 e 2 de **História sincera da República.** Rio de Janeiro, Livraria São José, 1957 e os de Nélson Werneck Sodré: **Formação histórica do Brasil.**São Paulo: Brasiliense, 1962 e, ainda, **História militar do Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. Em outro registro teórico, também merece destaque, dentre a produção historiográfica do período, a obra clássica de Raymundo Faoro, **Os donos do poder:** formação do patronato político brasileiro, de 1957, que inaugura o estudo da Primeira República sob a perspectiva weberiana. A ruptura com esta longa historiografia, constituída sobre análises estruturais, deu-se apenas a partir da década de 1980, coincidindo com o período de abertura política, pós ditadura militar, com a disseminação da nova historiografia francesa e, com ela, da crítica às macro análises de cunho marxista. O olhar historiográfico atentou-se para objetos mais pontuais e, dentro do período relativo à "República Velha", elegeu, dentre outros: o saber, os costumes, o cotidiano, as relações de gênero, a cidade, a literatura, os excluídos sociais, etc. Tal qual a gama de objetos, a produção é muito ampla, embora sejam referências obrigatórias os trabalhos de Nicolau Sevcenko. **Literatura como missão***:* tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983 e os de José Murilo de Carvalho: **Os bestializados:** o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; **A formação das almas:** o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Dentro da produção contemporânea, é importante ressaltar os trabalhos inspirados na análise dos conceitos proposta por Reinhart Koselleck em **Futuro Passado:**contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2006. Nessa perspectiva, sugere-se a leitura de: AZEVEDO, André Nunes de. **Da Monarquia à República**: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro, entre 1868 e 1906. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica/ Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em História Social da Cultura, 2003 e, ainda, de: MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana.***Tempo.** Niterói: Vol. 13, n.26, 2009. Finalmente, a título de exemplo de uma produção atualizada acerca do tema, indica-se a coletânea: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo do liberalismo excludente:** da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

[16]KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da PUC Rio, 2006.

estabelecer estratégias que a ligassem às novidades da época[17], nas últimas décadas do Império, "república e monarquia" eram dois léxicos que formavam um poderoso par "antitético assimétrico". De acordo com Koselleck, "o que caracteriza os conceitos antitéticos desiguais é que eles determinam uma posição seguindo critérios tais que a posição adversária, deles resultante, só pode ser recusada. Nisto reside sua eficácia política." [18]

Desde o *Manifesto Republicano de 1870*, a propaganda republicana foi se construindo sobre a antítese conceitual. Ligavam-se à República as idéias de verdade, liberdade, progresso, iluminação e democracia, deixando-se à Monarquia as mazelas do atraso, dentre as quais se amalgamavam o erro, a tirania, a teologia, o obscurantismo, o privilégio...

A construção conceitual antitética que opunha República e Monarquia, teve sua origem no terreno aberto por uma nova cultura letrada, difundida no Brasil a partir da "Geração de 70"[19]. Coube ao movimento intelectual da década de 1870, a difusão de idéias esposadas de correntes intelectuais européias, em especial o positivismo de August Comte e o evolucionismo de Herbert Spencer. Segundo Maria Tereza Chaves de Mello[20], essas novas idéias se espraiaram pela sociedade brasileira cultivada, e talvez não só ela, renovando a mentalidade vigente:

---

[17]Face ao enfraquecimento do poder político da Coroa, mediante suas dificuldades em modificar instituições basilares, _ notadamente a Escravidão, o Conselho de Estado e o Poder Moderador _ fez- se necessária uma incisiva estratégia de reafirmação simbólica da Monarquia, articulando-a ao que era moderno sem, contudo, comprometer a sua legitimidade tradicional. Em conformidade com essa estratégia de reafirmação, a Monarquia agenciou ações que tinham em vista a produção científica do país, alinhada com *o modelo francês* de progresso científico. De acordo com este modelo, a promoção científica do Brasil foi estimulada em lugares *que não a universidade,* destacando-se: a modernização do Observatório Nacional, a criação da Escola de Minas de Ouro Preto (1874), a Comissão Geológica do Brasil (1875), o Laboratório de Fisiologia do Museu Nacional (1880); e a transformação da Escola Central em *Escola Polytéchina*, em 1874. Sobre a questão, consultar: AZEVEDO, André Nunes de. **Da Monarquia à República**: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro, entre 1868 e 1906. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica/ Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em História Social da Cultura, 2003, 327 p.

[18]KOSELLECK, Reinhart. Ibid., p. 195.

[19]Referência ao movimento intelectual da autonomeada "nova geração" de intelectuais, constituída em fins do Império. Os intérpretes das produções ligadas ao grupo denominaram-no de "movimento intelectual da geração de 1870" sem que, de fato, possa ser imputado ao grupo algum critério unificador, a não ser o geracional, considerando-se a juventude de seus membros. Comumente acusados de "imitadores das modas européias e solenes ignorantes da realidade nacional", são revisitados na importante reflexão de Angela Alonso que, adotando a dinânica política como critério de análise do movimento, consegue demonstrar que estes intelectuais, dentre estes Joaquim Nabuco e Silva Jardim, nem eram alheios a realidade nacional como, também, não adotavam aleatoriamente teorias estrangeiras. Segundo a autora, o sentido principal do movimento de 70 foi a *intervenção política.* Expressavam seu descontentamento com a ordem imperial vigente, recorrendo ao repertório estrangeiro e à própria tradição nacional, auxiliando, de forma inusitada, a composição da crítica ao *status quo* imperial. ALONSO, Angela. **Idéias em movimento:** a geração 70 na crise do Brasil - Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

[20] Essa discussão está presente no artigo: MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana.* **Tempo.** Niterói: Vol. 13, n.26, 2009.

mexeram com a concepção de *tempo* e abriram caminho para o *culto à ciência,* agora o selo de legitimidade explicativa de qualquer fenômeno social ou natural. Assim, a partir dos intelectuais engajados na "nova geração", disseminou-se uma percepção evolutiva e etapista da história humana, cujo ápice correspondia ao patamar alcançado pela Europa "civilizada".

Embarcar no "trem da história" e alavancar o Brasil rumo a um futuro que já era "presente" na Europa, significava partilhar da série de inovações tecnológicas e científicas que faziam da experiência cultural de fins dos oitocentos, praticamente uma pirotecnia. O progresso e a civilização, filhos diletos da *"sciencia"*, expressavam-se no sem fim de invenções que alteravam drasticamente a vida dos sujeitos, indo do espaço público ao privado numa rapidez alucinante. Seus símbolos mais proeminentes, a luz elétrica, o telégrafo, o navio a vapor, a pilha e a *locomotiva*, não apenas diminuíam as distâncias entre os grupos humanos, lançando "luz" nas trevas do obscurantismo, como, acima de tudo, "desmanchava no ar" uma experiência cultural solidificada há séculos...

Deste modo, no Brasil da última década do Império, o léxico *república* viu expandir seu campo semântico de modo a abarcar, como sinônimo, as transformações materiais que se davam na Europa, notadamente na Paris da *Belle Époque.* A palavra *república* tanto dizia respeito ao progresso material da sociedade capitalista, quanto indicava o modelo político de sociedade moderna, inaugurado pela *Revolução Francesa.* Desta feita, à palavra "monarquia" os articulistas da renovação lingüística equivaliam o *atraso* e o *passado.* E à "república" identificavam o *progresso* e o *futuro*. Assim, ainda que o processo de modernização do Brasil tenha se iniciado sob o Império[21], a "locomotiva" que aparentemente conduziria o país à *Belle Époque* e às transformações da História, era... a *República*! Por isso, conforme "proclamou" Maria Tereza Chaves de Mello: "Em um contexto de desejo de futuro, como sinônimo simultâneo de democracia e ciência, *república* foi o nome brasileiro da modernidade." [22]

Por outro lado, pensar o macro problema da construção da cidade republicana no interior do Brasil, *em Patos de Minas,* decorre de uma série de fatores que tornam a antiga *Cidade de Patos* um lócus privilegiado para se refletir acerca do tema.

Um passeio atento sobre seu núcleo urbano original, já revela que na sua urdidura estiveram presentes uma série de elementos que dialogaram com os signos civilizatórios em voga em Paris e no Rio de Janeiro, durante o segundo quartel do século XIX. Porém, esse

[21] No Brasil, as "novidades do tempo" estarão presentes desde a década de 1860. Antes mesmo da Abolição, empecilho real para a modernização das relações de trabalho, exigida pelo mundo contemporâneo, aqui aportaram a fotografia, o telefone, o telégrafo e o fonógrafo. Também foi sob os auspícios do Império que se expandiu a rede de ferrovias, levando aos portos de escoamento para o mercado internacional a produção cafeeira do Oeste paulista.
[22]MELLO, Maria Tereza Chaves de. Ibid, p. 31.

mesmo passeio ecoa os conflitos dados no interior da elite local, entre as famílias "Borges e Maciel", os quais foram impressos, como palimpsestos, na própria configuração do tecido urbano. Mesmo assim, a despeito do que a memória urbana revela, a *representação* da cidade de Patos de Minas é a de uma cidade *tranqüila, festiva e lugar de bem viver.*

Essa representação, veiculada institucionalmente desde os primeiros anos da educação básica, foi tecida por um dos memorialistas locais, o Professor Antônio de Oliveira Mello, na década de 1970. Embora Patos de Minas possua outros memorialistas, foi através de Oliveira Mello, a partir da obra *Patos de Minas: Capital do Milho*, de 1971, que se forjou a memória histórica[23] e, também, a representação de cidade que se veicula até a atualidade.

Patos de Minas: capital do Milho é um manual didático, produzido no período de maior recrudescência da ditadura militar. Sua escrita é contemporânea ao projeto de expansão da fronteira agrícola do cerrado[24] e, atrelado a ele, da constituição da idéia da cidade como "capital nacional do milho", através da *Festa Nacional do Milho,* a Fenamilho. Alinhado com o espírito de uma época e com os ideais políticos de um grupo que, historicamente conservador, apoiava a ditadura, Mello compôs uma história de Patos de Minas que jogou para o esquecimento qualquer "dissonância" social. Sua narrativa elegeu como fio condutor as ações dos sujeitos liderados pela família Dias Maciel, transformando, assim, a "memória" dos "Maciéis" na "história" de Patos de Minas.

Por estes motivos, dentre a miríade de possibilidades reflexivas que a temática da cidade permite, a historiadora deste trabalho se propôs a compreender a cidade de Patos como um *constructo social*. Afinal, para além da argamassa e do cimento, dos projetos arquitetônicos e da engenharia urbana, os quais, aliás, também são constructos históricos, é possível pensar a cidade como resultado das *experiências sociais*. Neste trabalho, a historiadora assume que a "cidade" é fruto, seja como representação ou como memória, dos conflitos muito concretos que se dão entre os sujeitos sociais localizados, historicamente, no tempo e no espaço.

Face à reflexão proposta, foi necessário o contato com diferentes linguagens e autores, bem como o manuseio de um robusto corpo documental.

---

[23] A memória histórica é a memória do grupo dominante, alçada, hegemonicamente, à história da coletividade. Por suposto, a memória histórica elide todas as memórias que lhe são concorrentes, como, também, os conflitos inerentes ao processo histórico. Trata-se da "memória do vencedor", conforme definido por Carlos Alberto Vesentini, ao discutir a construção da memória histórica acerca da "Revolução" de 1930. Ver: VESENTINI, Carlos Alberto. **A Teia do Fato.** Uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: HUCITEC/História Social, USP 1997.

[24] Sobre o tema consultar: PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paractu e Alto Paranaíba - MG.** Rio Claro: Universidade do Estado de São Paulo, Tese de Doutorado em Geografia, com concentração em Organização do Espaço, 1988.

Ora, por constituição, a cidade é um tema complexo. Sua compreensão exige do historiador um tratamento reflexivo *dialógico,* capaz de estabelecer interfaces com registros diferentes do conhecimento e, ainda, com diferentes abordagens históricas. Desta feita, optou-se por um tratamento teórico articulado à analítica documental, pontuado ao longo dos capítulos.Tratamento similar foi dado à documentação utilizada. Os registros são amplos e sua escolha correspondeu à necessidade da *analítica* e não o contrário. Desta forma, conforme os momentos e os tópicos tratados, a pesquisa transitou pelo ciberespaço, através de sítios eletrônicos e suas quase infinitas possibilidades de informação *online*; mas, também, entre jornais, cartas, atas, crônicas, livros de memorialistas, fotografias, mapas, gráficos, inventários, legislação, dicionários, genealogias, relatórios, memórias. Dentro deste corpo documental, pelo menos duas fontes de informação foram fundamentais: os jornais e as fotografias.

No que diz respeito aos jornais, importa lembrar que na primeira metade do século XX, a imprensa de Patos foi extremamente profícua. Longe de ser incipiente, transformou-se na principal tribuna através da qual os sujeitos pertencentes aos setores beligerantes da elite, se digladiaram. Portanto, a documentação oriunda da imprensa, sobretudo os jornais, foi tratada em conformidade com a perspectiva apontada por Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, ao analisarem o jornal "O Estado de São Paulo":

> [...] [entende-se] a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero "veículo de informações", transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere[25].

Logo, tanto os jornais permitiram à historiadora reconhecer os termos nos quais se davam os conflitos entre as facções políticas rivais quanto, através das suas entrelinhas, foi possível alumiar aspectos da experiência social dos diferentes sujeitos, que transitavam pela cidade: no centro e nos subúrbios.

O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao tratamento das fotografias. A historiadora deste trabalho compreende que nenhuma imagem é neutra. Sendo assim, no que diz respeito à fotografia, existe nela uma carga de intencionalidade que dialoga com as pessoas envolvidas na

[25] CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **O bravo matutino.** Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p. XIX. Apud: LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2006, p. 118.

sua produção e, ainda, com o contexto no qual ela foi foi produzida[26]. Nesse sentido, na maioria das vezes em que se inseriram imagens fotográficas no texto, estas serviram ao propósito de fazer parte da composição textual. Mais do que ilustração, procurou-se tratar a fotografia em articulação ao texto, de modo a conduzir o leitor na trama narrativa, também através da imagem. Houve momentos, porém, em que a fotografia também permitiu relampejos de um passado que, oculto pela intencionalidade da memória histórica, de outro modo não poderia ser vislumbrado. Foi através do registro fotográfico que os sujeitos excluídos do "centro" e da memória de Maciéis e Borges, se fizeram presentes diante do olhar da historiadora, exigindo seu reconhecimento no processo histórico que produziu a cidade de Patos.

Também é importante registrar, que no mundo contemporâneo as fronteiras territoriais praticamente se diluíram. Ao pesquisador já não é mais necessário o deslocamento físico aos Arquivos materialmente constituídos. As facilidades, sobejamente fascinantes, produzidas pela revolução digital, permitem através de um simples *download* o acesso a documentos que, há pouco, exigiam tempo e recursos nem sempre disponíveis. Porém, a oferta sem precedentes de informação no ciberespaço, igualmente colocam ao pesquisador o dilema da escolha. Se, por um lado, o desconhecimento é impossível, por outro, o pleno conhecimento também o é.

Obviamente, a visita a Arquivos ainda se faz necessária. Para o presente trabalho, boa parte da pesquisa foi realizada no acervo de jornais, fotografias e documentos de fundo público preservados no Arquivo Documental da Cidade de Patos de Minas, anexo ao Museu da Cidade. Toda a documentação utilizada, que ainda se encontrava em suporte de papel, notadamente jornais e atas da Câmara Municipal, foi copiada através de fotografia e, ao término do trabalho, será disponibilizada, ao próprio arquivo, no suporte digital.

Os resultados das reflexões, permitidas pela pesquisa, estão expostos na presente Tese de Doutoramento, organizados em três capítulos articulados entre si.

O primeiro capítulo, *Entre a representação e a memória, o lugar do problema,* cumpre a dupla função de apresentar ao leitor o objeto e o percurso da sua problematização. O "lugar" a que se refere o título é tanto a localização espacial da cidade de Patos de Minas, quanto a

[26] Sobre o tema, ver: LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias. Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassabezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009, p.29-60; BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008; MAUAD, Ana Maria. Imagens contemporâneas: experiência fotográfica e memória no século XX. In: PARANHOS, Kátia; LEHMKUHL, Luciene; PARANHOS, Adalberto (orgs). **História e imagens:** Textos visuais e práticas de leituras. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 145 - 163; MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem.** São Paulo: Contexto, 2011.

localização da problemática da pesquisa: *entre* a representação e a memória. Para execução da proposta, a historiadora optou por um recurso narrativo no qual conduz o leitor a Patos de Minas através de um "viajante", em princípio um "turista incidental". Seduzido pela *representação* de cidade *"bonita, tranqüila e festiva",* o turista *apresenta* a cidade ao leitor. Contudo, no contato concreto com a cidade, a verve de pesquisador se revela. O turista, então, cede espaço para o olhar do historiador que, enfim, problematiza a paisagem urbana que está observando. O historiador percebe que, sendo a cidade produto de uma construção social, para que se compreenda o processo desse constructo é necessário compreender, em primeiro lugar, os sujeitos que ocuparam a cena histórica na qual se deu a sua construção.

Por isso, a função do segundo capítulo, *Sujeitos em conflito,* é justamente apresentar as facções beligerantes que se embateram na cena urbana constituída entre 1889 e 1933: os "Borges e os Maciéis". Por fim, cabe ao terceiro capítulo, *Contenda: a configuração do espaço urbano,* retomar o processo que articulou o conflito à divisão do espaço urbano em duas partes: a cidade "dos coronéis" e a "cidade da oposição". Porém, na medida em que as "duas cidades" foram se delineando, também foram alijados do trânsito entre os dois espaços, os "outros": os pobres, negros e prostitutas, confinados numa "terceira cidade", a "cidade dos aflitos", localizada fora dos limites do urbano, nos subúrbios dos bairros da Várzea e da Beira da Lagoa.

A historiadora procura apresentar suas conclusões nas *Considerações Finais* ao término do trabalho.

Por fim, cabe informar ao leitor que a documentação pesquisada também gerou outro produto cultural: uma ficção histórica intitulada *"Janelas para 30"*.

A história da produção de *Janelas para 30* remonta a uma palestra que a autora apresentou na cidade de Patos de Minas, em janeiro de 2014, a convite do "Balaio de Arte e Cultura". Da palestra, o contato com os organizadores do Balaio, em especial a Curadora responsável pelo evento, a Srª Regina Carvalho, evoluiu para outro convite: a produção de um roteiro para documentário histórico, com base na palestra apresentada. O segundo convite partiu da Curadoria de História e Cultura Popular, sob a responsabilidade de Geenes Valentim, também historiador do MuP, o Museu da Cidade de Patos de Minas.

Face à experiência literária da autora e, ainda, do seu contato com a produção de documentários através do DOCPOP_ Laboratório de Cultura Popular e Vídeo Documentário_, órgão do Instituto de História da UFU, o desafio foi aceito. Para o enfrentamento da proposta, uniram-se os esforços da autora, do Diretor Flávio Citton e do Diretor de Fotografia, Leandro

Texera, ambos ligados à Cinematográfica Noturna, produtora de cinema localizada em Uberlândia.

O que, em princípio, seria um documentário histórico padrão, evoluiu para uma vídeo instalação, concebida no formato de cinco janelas, correspondentes à sala azul do Museu de Patos de Minas, a antiga residência de Olegário Maciel. Além disso, a narrativa fílmica transformou-se numa ficção histórica, pensada em três planos seqüência, ou seja, sem cortes para edição. O primeiro plano corresponde ao olhar da família Maciel, postada na sala azul, interagindo entre si e observando *através das janelas,* o desenrolar de duas outras tramas, as quais ocorrem em segundo e em terceiro planos, correspondentes, respectivamente, aos "Borges" e ao povo humilde da Várzea e da Beira da Lagoa.

Coube à autora do presente trabalho a elaboração de seis roteiros articulados e devidamente sincronizados, de modo a produzir um único filme, passível de ser visto em cinco diferentes monitores de televisão, dispostos numa reprodução das cinco janelas da sala azul de Olegário Maciel.

Enquanto narrativa, o filme foi ambientado na cidade de Patos da década de 1930 e dialoga com a realidade nacional do período, expressa na ascensão política de Getúlio Vargas. Ao mesmo tempo, inclui a relação pessoal de Vargas com os embates travados no espaço urbano de Patos, encabeçados pelas famílias Borges e Maciel e destes com a "arraia miúda", as camadas populares relegadas aos subúrbios. O enredo teve como fio condutor uma procissão religiosa, representativa do ponto de vista dos Borges e, simbolicamente, do desenrolar do tempo, entre 1930 e 1937. Em sentido oposto ao da procissão, os pobres e negros atravessam a paisagem urbana rumo ao festejo de Nossa Senhora do Rosário, que encerra o filme.

A realização de *Janelas para 30* ficou a cargo do "Balaio de Arte e Cultura" de Patos de Minas e, como tal, foi exibido na sua edição de 2014. Contudo, é importante salientar que diante da envergadura proposta para o filme, sua produção só foi possível mediante a somatória impressionante de esforços, públicos e privados, despendidos pelos mais diferentes sujeitos da cidade de Patos de Minas.

Considerando-se o ponto de vista da autora, e dos produtores do filme, as expectativas com relação ao produto final caminham no sentido de que *Janelas para 30* possa proporcionar à população de Patos de Minas o contato com outra dimensão da sua história. Espera-se que esse objetivo seja alcançado, sobretudo, através das atividades de Educação Patrimonial desenvolvidas pelo Museu, junto aos alunos e professores da Educação Básica.

No que diz respeito, especificamente, à relação estabelecida entre *Janelas para 30* e a presente Tese de Doutorado, pelo menos duas considerações merecem ser feitas. A primeira, diz respeito à rara oportunidade, conferida à autora, de participar de uma produção cinematográfica oriunda de sua pesquisa acadêmica.

Embora o cinema, há muito, faça parte das reflexões históricas, inspirando uma série de trabalhos acadêmicos dentro e fora do Brasil, o que ocorre, via de regra, é a submissão do filme ao olhar do historiador, na qualidade de objeto de estudo. São raros os episódios nos quais os historiadores são chamados a participar da sua produção. Exemplo paradigmático é o de Natalie Zemon Davis, autora de *O retorno de Martin Guerre,* que atuou como consultora de roteiro do filme homônimo estrelado por Gerard Depardieu, em 1982[27].

No caso de *Janelas para 30*, a experiência foi bem mais visceral. A historiadora do presente trabalho pode "dar vida" à narrativa histórica que ela mesma teceu, transformando o conhecimento histórico, pautado pelas regras acadêmicas, em uma ficção margeada pelo próprio conhecimento que a autora produziu. Ela não apenas escreveu o roteiro como, ainda, esteve presente em todos os sets de filmagem, trabalhando diretamente com os atores e demais sujeitos envolvidos na produção e direção.

Na rua de mão de dupla que uma experiência desse tipo constitui, uma segunda consideração diz respeito ao impacto do filme no produto acadêmico, ou seja, na presente Tese de Doutorado. A relação da historiadora com os mais diferentes sujeitos permitiu o contato com registros, transmitidos através da memória, a respeito dos personagens tratados na pesquisa. Às vezes um detalhe pequeno, um comentário, um indicativo. Mas, uma vez cotejados com a documentação arrolada, permitiram esclarecimentos e *insights* que, de outra forma, não seriam possíveis. Por exemplo, o comentário do Prof. Altamir Fernandes de que Adélio Maciel "apostava o dinheiro dos impostos em mesas de jogo", se constituiu numa pertinente ferramenta para compreender trechos de propaganda do partido político dos Borges, publicada no "Jornal de Patos". Ou, instrumentalizar uma suposição a respeito do desaparecimento de boa parte das atas, relativas ao período em que Adélio esteve à frente do Executivo municipal. É claro que se trata de *suposições pertinentes* e, quando utilizadas, foram referenciadas enquanto tal.

Para conhecimento do leitor, o roteiro de *Janelas para 30* se encontra nos Anexos, ao final desta Tese bem como uma versão compactada do filme: em CD para versão impressa e disponível no Youtube no endereço < https://www.youtube.com/watch?v=Nx9B8mwbUE4>.

---

[27] LE RETOURN de Martin Guerre. Direção: Daniel Vigne. França: Daniel Vigne, 1982. (122 min), color., francês; DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Cabe agora, nas páginas que se seguem, uma viagem a Patos de Minas. A historiadora espera que o leitor aceite o convite. E, é claro... que aprecie o percurso![28]

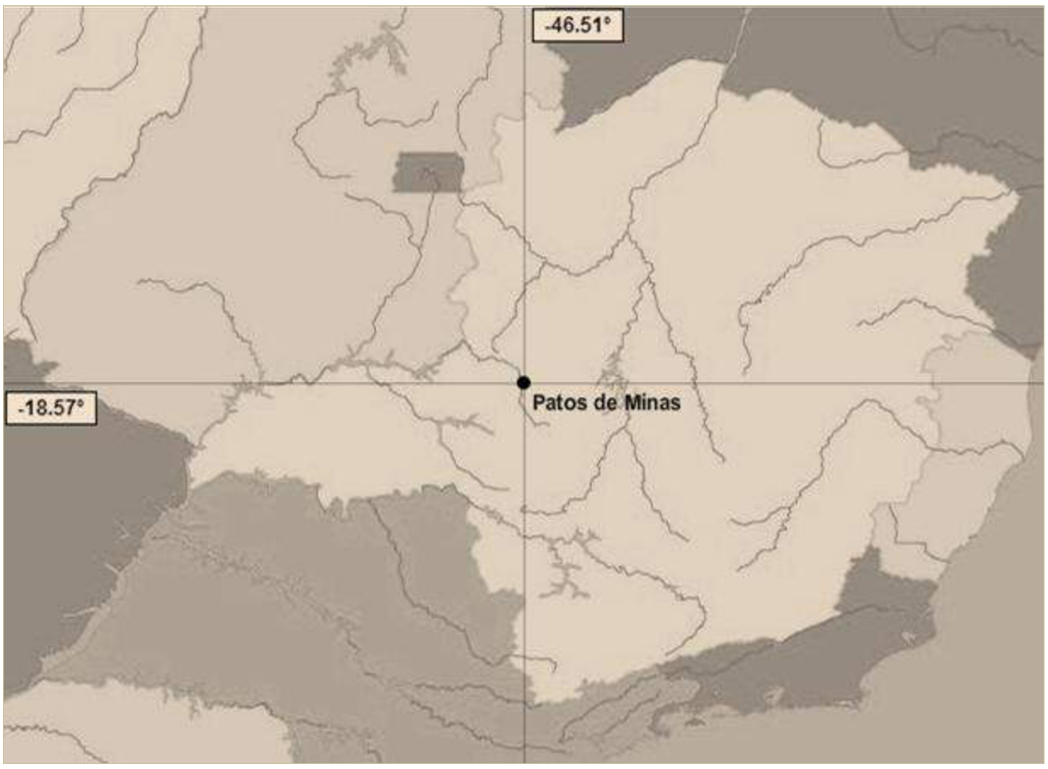
[28] Como o decreto presidencial n. 7875/2012 adia para 1 de janeiro de 2016 a obrigatoriedade de utilização das novas normas ortográfica para a língua portuguesa, permitindo a coexistência da norma em vigor no chamado "período de transição", o texto apresentado está em conformidade com a norma atual. No que diz respeito às normas técnicas, utilizou-se as indicações da ABNT NBR 14724/2011, compiladas em: PINTO, Alice Regina et al. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos**. Viçosa, MG, 2011. 70 p. Disponível em:<http://www.bbt.ufv.br/>. Acesso em: 20 dez. 2014.

I. entre a representação e a memória, o lugar do problema

I. 1.Patos de Minas:
a cidade bonita, tranqüila e festiva

Se nos servirmos da figura de um "viajante" disposto a conhecer o "outro" nas suas peculiaridades e idiossincrasias, ele o faz, primeiro, no conforto de uma incursão na *Web*. Afinal, neste mundo contemporâneo, repleto de "não lugares" e de "fluxos virtuais",[29] inclusive as viagens a localidades concretas são precedidas, necessariamente, por uma pesquisa na *Internet*...

Destino: Patos de Minas. Primeira parada: a navegação obrigatória no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística[30]:



Mapa 1 - Localização de Patos de Minas em Minas Gerais. FONTE: IBGE, 2013.

[29] Sobre a experiência digital na sociedade contemporânea, ver: CASTELLS, Manuel. A geografia da internet: lugares em rede. In:**A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

[30] Ver:<www.ibge.gov.br>Em especial a página destinada às cidades:<http://cidades.ibge.gov.br>.

Segundo o IBGE, Patos de Minas está localizada na região do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba.[31]É composta por sete microrregiões, sendo sede de uma delas[32], conforme se depreende do mapa abaixo, disponível em outro *site,* o Portal de Minas Gerais:

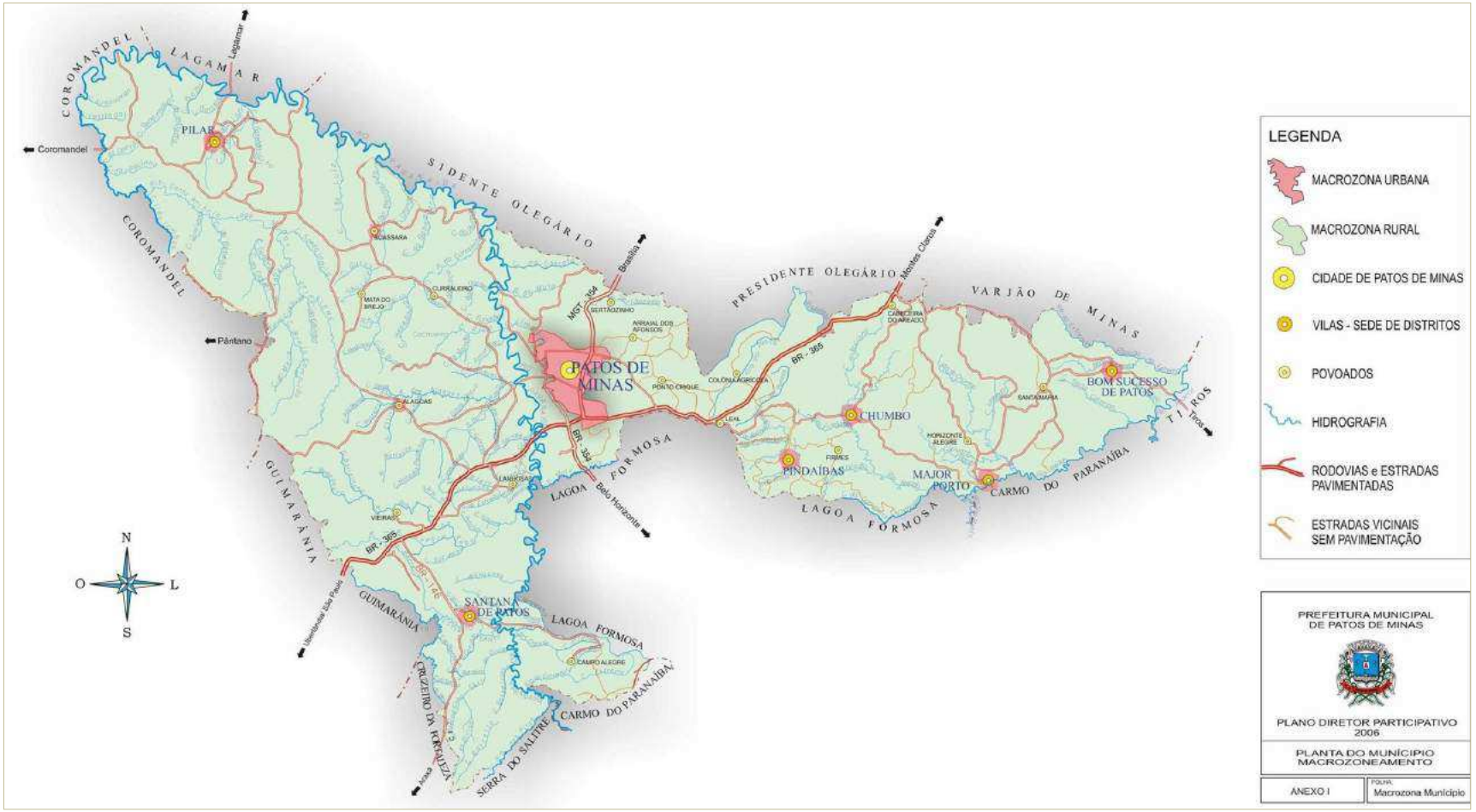


Mapa 2: Região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba em Minas Gerais. FONTE: Portal de Minas Gerais, 2013.

O município possui oito distritos. Além do distrito sede, representado pela área urbana, contam-se : Pilar, Santana de Patos, Pindaíbas, Chumbo (Areado), Major Porto, Bom Sucesso de Patos e Alagoas. Eles podem ser visualizados no Mapa 3, referente ao *Macrozoneamento do Município de Patos de Minas*, disponibilizado no *site* da Prefeitura.

[31] Para fins estatísticos, em 1988 a Divisão territorial do DEGEO, Departamento de Geografia do IBGE, produziu documento que dividia o Brasil em Meso e Micro Regiões geográficas, em substituição a "Divisão Regional em Microrregiões Homogêneas" editada pelo IBGE em 1968. No documento final, publicado em 1990, o Estado de Minas Gerais foi seccionado em 12 Mesorregiões às quais foram agrupadas microrregiões de entorno, constituídas por conjuntos de municípios. Pela ordem, as 12 Mesorregiões de Minas Gerais são: Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Rio Doce, Oeste de Minas, Sudoeste de Minas, Campo das Vertentes, Zona da Mata. **Contudo,** no período eleito para esta pesquisa, qual seja, entre 1889 e 1933, a documentação se refere a Patos como parte do *sertão* e, em se tratando da região, a referência à pertença é ao *Triângulo Mineiro.* A respeito da história das diversas regionalizações efetuadas no Estado de Minas Gerais, consultar: DINIZ, Alexandre Magno Alves; BATELLA, Wagner Barbosa. O Estado de Minas Gerais e suas regiões: um resgate histórico das principais propostas oficiais de regionalização. **Sociedade & Natureza.** Uberlândia, 17(33): 59-77, dez.2005; IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões geográficas.** V.1, Rio de Janeiro, 1990.

[32]Fazem parte da microrregião de Patos de Minas, além do município sede, os municípios de Arapuá, Carmo do Paranaíba, Guimarânia, Lagoa Formosa, Matutina, Rio Paranaíba, Santa Rosa da Serra, São Gotardo e Tiros.

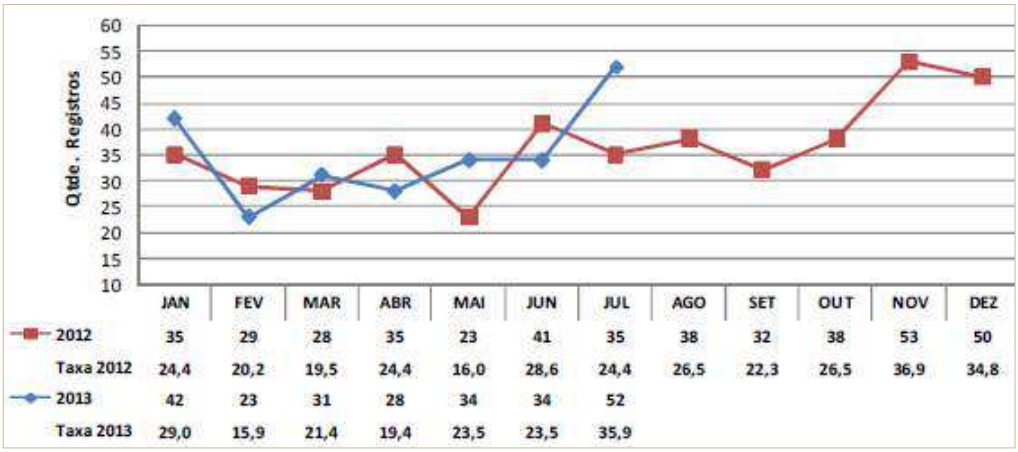


Mapa 3: Macrozoneamento do Município de Patos de Minas. FONTE: Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 2013.

De volta ao IBGE, o argonauta moderno se informa a respeito dos dados estatísticos que categorizam Patos de Minas. Descobre que de acordo com o Censo de 2010, a população total do município era de 138. 710 habitantes, sendo 10.986 residentes na zona rural e 127. 754 na zona urbana, com uma estimativa populacional de 146.716 habitantes para 2013. Logo, considerando-se o quantitativo populacional, Patos de Minas se encontra entre as cidades de *porte médio* do Brasil:

> [...] De forma geral, a cidade média tem como principal critério para sua definição o quantitativo populacional. Pelos critérios da ONU (Organização das Nações Unidas), as cidades médias estão agrupadas em aglomerações urbanas com população de 100 mil a um milhão de habitantes. Com relação ao Brasil, segundo os critérios oficiais formulados pelo IBGE, são consideradas cidades médias as unidades urbanas com população entre 100 e 500 mil habitantes[33].

Como cidade de porte médio apresenta problemas comuns às outras, especialmente no que diz respeito aos índices de criminalidade violenta[34].



	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
2012	35	29	28	35	23	41	35	38	32	38	53	50
Taxa 2012	24,4	20,2	19,5	24,4	16,0	28,6	24,4	26,5	22,3	26,5	36,9	34,8
2013	42	23	31	28	34	34	52					
Taxa 2013	29,0	15,9	21,4	19,4	23,5	23,5	35,9					

Gráfico 1: Evolução Mensal do Quantitativo de Registros de Crimes Violentos. Patos de Minas, 2012 e 2013.
FONTE: Governo de Minas Gerais, 2013.

Segundo dados coletados pelo Governo de Minas Gerais, através da Secretaria de Estado de Defesa Social, entre 2012 e 2013 Patos de Minas apresentou, *para cada 100 mil habitantes,* um crescendo de crimes violentos que evoluíram de 24,4% em janeiro para 34% em dezembro de 2012 e de 29% para 35,9% entre janeiro e julho de 2013[35].

---

[33] DEUS, João Batista de. As cidades médias na nova configuração territorial brasileira. **Boletim Goiano de Geografia.** Goiânia: v. 24, n.1-2, p.83, jan/dez 2004.

[34] A metodologia adotada pela Secretaria de Estado de Defesa Social, SEDS, define por *crimes violentos* um grupo de sete naturezas criminais: Homicídio Consumado, Homicídio Tentado, Sequestro e Cárcere Privado, Roubo Consumado, Extorsão Mediante Sequestro, Estupro Consumado e Estupro Tentado.

[35] GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Informativo dos Índices de Criminalidade Violenta em Minas Gerais, Ano 2013.** Belo Horizonte, Agosto de 2013. Arquivo em PDF, disponível em:

Todavia, na apresentação virtual de Patos de Minas, seja pela página oficial da Prefeitura ou em *sites* de pesquisa criados por usuários comuns, a imagem que se veicula é a de um lugar tranqüilo, pacato, no qual *se vive bem.* Sem deixar de ser moderna ou articulada com os signos da contemporaneidade, sobretudo com a rede mundial de computadores, a cidade, em si, mantém o charme e a tranqüilidade do "interior": lugar de qualidade de vida.

Especificamente na página da Enciclopédia virtual aberta,[36]Patos de Minas possui dois *slogans*[37], ou seja, duas frases que, de maneira sintética, resumem as características que se pretende propagandear: *Capital do Milho* e *Cidade Limpa, Moderna e Organizada.*

Capital do Milho é o primeiro *slogan.* A frase parece ter por objetivo correlacionar o município à produção de grãos, no caso, obviamente, o milho. Entretanto, nenhuma referência, seja na Wikipedia ou em outras páginas da *web*, justifica com suficiência o epíteto. Pelo contrário. No que diz respeito à produção agropecuária, o milho figura *entre* os grãos cultivados do município. O destaque é dado à produção leiteira e ao fato de que Patos de Minas é o segundo maior produtor de leite do país[38]. Por outro lado, a página da Prefeitura dá conta de que a cidade é tida como referência na *prestação de serviços* e aponta, inclusive, que o setor cresceu mais de 130% entre os anos de 1980 e 1990[39].

A importância dos serviços, em detrimento da produção industrial e agrícola, é confirmada pelos dados apresentados pelo IBGE. Conforme se depreende do gráfico 2, o volume referente à agropecuária é até mesmo *menor* do que o volume ocupado pela indústria na composição do Produto Interno Bruto do município:

<www.seds.mg.gov.br>.As taxas apresentadas na publicação referem-se aos grupamentos de cada 100 mil habitantes, referenciando-se, portanto, a apenas 29 dos 853 municípios de Minas Gerais.

[36] A Enciclopédia virtual aberta, conhecida popularmente como "Wikipedia" é um projeto de enciclopédia coletiva universal e multilíngüe estabelecido na Internet sob o princípio "wiki". O "princípio wiki" sobre o qual a Enciclopédia se estabelece, permite que **a página seja editada pelos usuários.** Isso significa que *qualquer pessoa* pode inserir dados nas páginas da Wikipedia. Desta forma, as informações da Enciclopédia não podem ser tomados em sentido "estrito" pois, evidentemente, não provém de fontes "confiáveis". Entretanto, as páginas são interessantes *enquanto documento* passível de análise. E é desta forma que foram utilizadas *neste trabalho,* com o exclusivo intuito de engrossar os exemplos de *apresentação virtual da cidade de Patos de Minas.*

[37]*Slogan* é uma frase curta, de efeito, e rápida memorização. Deve resumir a qualidade de uma marca, ou empresa, em anúncios comerciais, políticos ou religiosos. O slogan é uma conclusão e resume em si o posicionamento de um produto, serviço ou marca. Cf. CARRASCOZA, João Luís Anzanello. **Redação publicitária** - Estudos sobre a retórica do consumo. 4 ed. São Paulo: Futura, 2003.

[38]A referência apresentada para corroborar a informação é um artigo apresentado pela revista online "Revista da Terra", a qual, por sua vez, referencia-se em dados do IBGE: *Patos de Minas (MG) é o maior produtor de leite do Brasil*. In: **Revista da Terra <**http://www.revistadaterra.com.br> Acesso em 1 out. 2013.

[39] Informação disponível na página da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, em:<http://www.patosdeminas.mg.gov.br> Acesso em 15 nov. 2013.

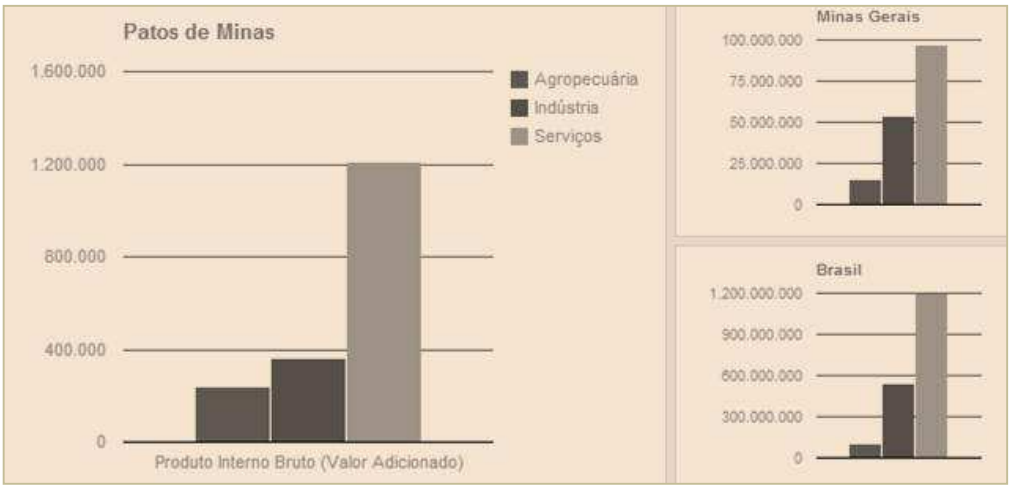


Gráfico 2: Produto Interno Bruto de Patos de Minas. Fonte: IBGE, 2013.

Assim, o *slogan* "Capital do Milho" termina, pois, por se referenciar a outro elemento, a *"Festa Nacional do Milho",* descrita na Wikipedia através do verbete "Patos de Minas" como:"[...] Tradicional exposição agropecuária, com diversas atrações de shows musicais, mostras culturais e artesanato, eleição da rainha, rodeios, infra-estrutura completa com parque urbanizado em área de 13 ha. Show, bailes e *boite* no paiolão com capacidade para 4500 pessoas"[40].

Embora a *Fenamilho* não seja sua única festividade[41], a importância dada a ela é superlativa. Além de possuir uma página própria na Enciclopédia virtual aberta, a Festa Nacional do Milho possui página oficial[42], perfis nas redes sociais, _ Facebook, Youtube,

[40]Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Patos_de_Minas> Acesso em 17out. 2013. Última atualização por usuários, antes do acesso: 02h37min de 17. out. 2013.

[41]A página da Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Cultura, também informa o internauta acerca dos seguintes eventos: Festival de Dança e Música na Praça (maio); Festa em Louvor a Santo Antônio (de 13 a 30 de junho); Projeto Raízes (Congadas, Moçambiques, Artesanato, Folias: de 01 a 22 de Agosto); Encontro Folclórico (Festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada no Distrito de Santana de Patos, no último domingo de Novembro); Cultura e Arte em Toda Parte (Espetáculos de música, teatro e dança; Projeto Domingo no Parque, Palco Móvel, Projeto Cine Grátis – Itinerante em vários bairros da cidade, ao longo do ano); Festa do Pijama (18 de novembro); Patos Folia (Carnaval Temporão, de 20 a 22 de abril); Setember Fest (de 07 a 10 de setembro); Campanha de Popularização do Teatro (Julho); Beats Patos (sábado de Aleluia); Axé Patos (Carnaval Temporão, de 13 a 15 de Outubro). Disponível em:<http://www.patosdeminas.mg.gov>. Ver, também: o ciclo deambulatório dos Grupos de Folias de Reis, iniciado em 25 de dezembro e culminando em janeiro, no Festival de Folias de Reis da Rádio Clube de Patos. E, ainda, o Festival Nacional de Teatro Universitário, evento que em 2013 completou cinco anos de execução consecutiva, com uma mostra internacional. Disponível em: <https://www.facebook.com/festivalteatropatosdeminas>O acesso às páginas foi feito em: 16 nov. 2013.

[42]A página oficial da Festa Nacional do Milho é <http:// www.fenamilho.com.br>.

Twiter e Instagram_ e, ainda, um *museu.* O "Memorial Casa da Cultura do Milho", um dos três museus[43] da cidade, justifica a sua existência e missão, da seguinte forma:

> [...] Patos de Minas ficou conhecida em todo o país, pela Festa Nacional do Milho, que acontece desde 1959, no mês de maio. De lá para cá, muitos registros foram feitos por profissionais da época e pelas famílias. Com isso, viu-se a necessidade de criar o Memorial "Romero Queiroz Pereira" – Casa da Cultura do Milho, com intuito de reunir todo o material histórico que, até então, se encontrava espalhado em Patos de Minas e na região. [...] O prédio, com área de aproximadamente 1000 metros quadrados foi inaugurado em 11 de maio de 2002 e tornou-se referência turística e de pesquisas para patenses e visitantes. Em pouco tempo, o Memorial recebeu documentos para a composição do acervo de forma a preservá-lo e disponibilizá-lo ao público. [...] Já possui mais de 10 mil peças, incluindo-se documentos; fotografias; vídeos; impressos; réplicas de carros alegóricos em miniaturas; livros; trajes utilizados pelas rainhas, princesas, recepcionistas e musas do rodeio; objetos de uso no meio rural; troféus; comenda; obras de arte e souvenires. [...] Todo material é catalogado e fica à disposição da comunidade. Durante o ano, são agendadas visitas orientadas para escolas e turistas nacionais e internacionais. Parte da exposição é permanente resgatando a história do homem do campo, ferramentas utilizadas e ainda, a trajetória do milho. [...] É montada também, uma exposição itinerante a cada ano, para apresentação do acervo da Fenamilho[44].

No entanto... Patos de Minas não é apenas "festa". Seu segundo *slogan, Cidade Limpa, Moderna e Organizada,* foi transformado em idéia síntese a partir do texto oficial, apresentado pela Prefeitura. No contexto original, lê-se:

> [...] Em Patos de Minas, desenvolvimento e qualidade de vida andam juntos. *A cidade é moderna, limpa, bem organizada*, de topografia plana e clima agradável. A infra-estrutura é adequada para receber pessoas e investimentos. Cerca de 99% das ruas da cidade são asfaltadas e possuem iluminação pública. Quase a totalidade dos habitantes (97%) são beneficiados com água tratada de excelente qualidade. O sistema de abastecimento de água da Copasa em Patos foi premiado por duas vezes pela Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes), recebendo o Prêmio Nacional de Qualidade em Saneamento, em 1999 e em 2002. O sistema de esgotamento sanitário atinge cerca de 98% da população (Grifos nossos)[45].

---

[43]Patos de Minas conta com os seguintes museus: o Memorial "Romero Queiroz Pereira" – Casa da Cultura do Milho, ligado ao Sindicato Rural; o Museu da Cidade de Patos de Minas, Mup, órgão da Prefeitura Municipal; e o Centro de Memória da Medicina "Doutor Adélio Maciel", órgão da Associação Médica Regional de Patos de Minas.

[44] Disponível em:<http://www.fenamilho.com.br/2011/memorial>. Acesso em: 16 nov. 2013.

[45] Disponível em: <http://www.patosdeminas.mg.gov.br/acidade/infraestrutura>. Acesso em: 18 nov. 2013.

As informações apresentadas pela Prefeitura corroboram a idéia, sintetizada no *slogan "Cidade Moderna, Limpa e Organizada",* de uma cidade na qual *se vive bem.* Como mensagem, violência e criminalidade, expressões correntes de *conflitos sociais,* parecem "inexistir" em Patos de Minas. O que "coexiste" com a perenidade da celebração, são os elementos que garantem o *bem estar* dos habitantes numa "*cidade civilizada"*: infra-estrutura e beleza urbana, segurança, saneamento, saúde e educação.

É esta a imagem que o viajante da *web* depreende de Patos de Minas, através de uma incursão nos sítios eletrônicos que se dispõem a *apresentar* a cidade:

> [...] O cuidado com as praças, jardins e espaços públicos em geral é uma particularidade, demonstrada através de sucessivas administrações comprometidas com o interesse público. A arborização enche a cidade de verde, de vida e de cheiro agradável, além de amenizar as elevadas temperaturas do verão tropical. [...] Um dos aspectos que chamam atenção é a hospitalidade do povo patense, gente acolhedora sempre disposta a ajudar e atender bem a quem chega. [...] A exigência, o comprometimento com o crescimento e a vida social efervescente são algumas características marcantes das pessoas deste lugar. Patos conta com mais de 10 clubes que oferecem diversas opções sociais, esportivas e de lazer e conta com eficientes serviços de infra-estrutura urbana. [...] Já a área da saúde é destaque no Estado de Minas Gerais e no Brasil, devido, entre outros fatores, aos programas desenvolvidos, aos postos de assistência localizados em áreas estratégicas e aos baixos níveis de mortalidade infantil registrados. Os hospitais particulares e públicos têm capacidade de 300 leitos. [...] A rede escolar possui boa infra-estrutura, entre escolas estaduais, municipais e particulares, do ensino infantil ao 2º grau e do profissionalizante ao universitário. Em 2000 a rede municipal atendia mais de 10 mil alunos e a evasão escolar era quase nula. Considerada pólo educacional, a cidade é sede da 28ª Superintendência Regional de Ensino que abrange 14 municípios[46].

> [...] Segundo o Censo 2010 do IBGE, Patos de Minas tem 28.121 alunos matriculados nos três níveis da Educação Básica. A cidade conta com 132 estabelecimentos de ensino, entre públicos e privados, nos três níveis da Educação Básica. [...] A cidade mantém um alto índice de rendimento nas avaliações da Educação Básica, como o índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o IDEB, calculado pelo Ministério da Educação, tendo atingido as metas em todos os níveis da educação avaliados. [...] Segundo a última edição do IDEB, medido pelo Ministério da Educação a cidade tem a terceira melhor educação pública do país nas séries iniciais do ensino fundamental, entre os municípios com mais de 100 mil habitantes, atrás de Sobral e Foz do Iguaçu.

[46] Disponível em<http://www.patosdeminas.mg.gov.br/acidade/infraestrutura>. Acesso em 18nov. 2013.

> [...] A educação profissional de Patos de Minas oferece cursos de nível básico e nível técnico através de diversos centros de ensino, especialmente o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). O município dispõe de um campus do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM). [...] O ensino superior em Patos de Minas vem vivenciando um florescimento, nos últimos anos. Quatro instituições de ensino superior estão presentes na cidade: Universidade Federal de Uberlândia (Campus Patos de Minas), Cursos: 3, Índice Geral de Cursos: 4; [...] Centro Universitário de Patos de Minas – (UNIPAM), o mais antigo, pertencente à FEPAM – Fundação Educacional de Patos de Minas, é a instituição de ensino mais antiga da cidade, em funcionamento desde 1970, Cursos: 27, índice Geral de Cursos: 3; Faculdade Patos de Minas- (FPM, privada, foi instalada na cidade em 2004, Cursos:15, Índice Geral de Cursos: 3; Faculdade do Noroeste de Minas – (Campus Patos de Minas), foi instalada na cidade em 2011, Cursos:3, Índice Geral de Cursos, não avaliada[47].

Não obstante, a "idéia" de Patos de Minas como uma cidade *festiva, bonita e tranqüila* não é encontrada, apenas, nas mídias eletrônicas. É desta maneira que ela é traduzida aos próprios habitantes, desde a educação básica, através dos livros dedicados à pesquisa escolar, consultados por estudantes e professores.

Notadamente, dois memorialistas locais se dedicaram à produção de obras com essa finalidade: Antônio de Oliveira Mello e Geraldo Fonseca. O primeiro, com trabalhos que datam desde 1971 e o segundo, com uma única obra datada de 1974[48].

Sem exceção, os livros de ambos os autores, voltados à história do município, ligam-se ao poder público municipal. A obra inaugural, de 1971, *Patos de Minas: capital do milho,* de Antônio de Oliveira Mello*,* não traz nenhuma referência ao patrocínio público. Entretanto, é dedicada ao prefeito da época, o advogado Sebastião Silvério de Faria.

Curiosamente, porém, a posterior publicação de *Domínios de Pecuários e Enxadachins*, de Geraldo Fonseca, exigiu a exibição de uma extensa justificativa por sua edição ter sido custeada e adquirida pelo município, em 1974:

---

[47] Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Patos_de_Minas> Acesso em 17out. 2013. Última atualização por usuários, antes do acesso: 02h37min de 17. out. 2013.

[48] FONSECA, Geraldo. **Domínios de pecuários e enxadachins**: história de Patos de Minas. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974; MELLO, Antônio de Oliveira. **Patos de Minas:** capital do milho. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971; Id. **Patos de Minas:** Minha Cidade. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1978;Id. et al. **Uma história de exercício da democracia:** 140 anos do legislativo patense. Patos de Minas: Câmara Municipal de Patos de Minas, 2006; Id. **Patos de Minas, meu bem querer.** Patos de Minas: Prefeitura Municipal de Patos de Minas/Secretaria Municipal de Educação, 3 ed., 2008.

> [...] Esta 1ª edição de DOMÍNIOS DE PECUÁRIOS E ENXADACHINS, antes intitulado HISTÓRIA DE PATOS DE MINAS, representa uma parcela de sacrifício da atual administração municipal, para não deixar no olvido o passado da nossa terra. Tudo quanto Patos de Minas pôde realizar até agora, tem sua quota de sacrifícios, e no particular da edição do presente trabalho, o autor o reconhece e compreende. O autor julgou necessária a explicação que dá a seguir. Ao mesmo tempo esclarece que, em tempo algum, de 1945 a 1973, solicitou ajuda municipal para sua pesquisa. [...] Em setembro de 1973, em contato com o Dr. Dácio Pereira da Fonseca, o mesmo buscou saber a situação da pesquisa, afirmando que o prefeito Waldemar Rocha Filho apoiaria sua edição_ depois de analisá-la_ caso a mesma fosse de interesse para o ensino em Patos de Minas. Após uma explanação ampla no gabinete do executivo municipal, presentes vários legisladores, os originais ainda na redação parcial de 1968 foram examinados. De setembro de 1973 a maio de 1974 dedicamo-nos à sua atualização. A 8 de fevereiro de 1974 o prefeito Waldemar Rocha Filho enviou à Câmara Municipal a mensagem n.º 6/74, pedindo abertura de crédito especial para cobrir as despesas da edição e sua aquisição pela municipalidade, num total de 2 mil exemplares. O projeto foi aprovado, respectivamente, em 1ª, 2ª e 3ª discussões[49].

Quatro anos depois da publicação do trabalho de Geraldo Fonseca, vem a público o livro *Patos de Minas: minha cidade,* de Antônio de Oliveira Mello. Confeccionado com intenção expressa de manual didático, voltado ao ensino primário, é assim apresentado pelo então prefeito, Dácio Pereira da Fonseca, na edição de 1978:

> [...] em conversa com o professor Oliveira Mello sugeri que fosse escrito um livro didático sobre a história de Patos de Minas, forma ideal de nosso estudante conhecer nossa terra, costumes, gentes, conseqüentemente amá-la mais ainda. O professor Oliveira Mello topou a parada, com a autoridade de autor de um livro sobre a história de Patos de Minas. Atualizou e didatizou aquela idéia antiga e aí está um livro que poderá ser adotado no curso de 1º grau, dentro do currículo que lhe é próprio, propiciando aos nossos jovens estudantes conhecer melhor para amar mais ainda a nossa terra, e nunca esquecê-la.[50]

Na atualidade, a obra que responde à função de apresentar aos estudantes a história do município, é *Patos de Minas, meu bem querer,*[51] também de Oliveira Mello. Trata-se de outro manual didático, com três edições, editado e distribuído gratuitamente pela Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Educação, desde 1991. O livro é destinado ao Ensino Fundamental

---

[49] FONSECA, Geraldo. Ibid., p. 8.
[50] FONSECA, Dácio Pereira. Uma antiga idéia atualizada. In: MELLO, Antônio de Oliveira. Ibid, 1978, p. 13.
[51] MELLO, Antônio de Oliveira. Op. cit, 2008.

o qual, como se sabe, é de responsabilidade dos municípios, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB 9394/96.[52]

Na primeira edição, de 1991, o Prefeito do período, Antônio do Valle Ramos, tece as seguintes considerações sobre a obra[53]:

> [...] Há um aforismo bem antigo e muito verdadeiro: *É conhecendo que se ama.* Patos de Minas, para ser amada, faz-se mister que seja mais conhecida. A experiência pedagógica adotou, obrigatoriamente, o estudo sobre o município e a cidade onde vive o aluno da 2ª série do 1º grau. [...] Há precisamente 12 anos preocupava-se a então Administração Municipal com a homogeneidade do ensino/aprendizagem. Agora, quando nos preparamos para comemorar o centenário de elevação da Vila de Santo Antônio dos Patos à categoria de Cidade de Patos, quis a Municipalidade, através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura- SEMEC- proporcionar meios mais condizentes de preparar nossas crianças/estudantes para tão grata efeméride. E foi assim que, de comum acordo com o nosso historiador e também professor Oliveira Mello, foi proposta a elaboração de um livro didático, à altura do nível intelectual da criança estudante da 2ª série do 1º grau, atendendo as últimas exigências programáticas exaradas em 1987. O livro-texto é acompanhado de um *Caderno de Exercícios,* para maior fixação da aprendizagem. E ambos são bastante flexíveis, proporcionando liberdade e condições do professor utilizar recursos mais eficazes de pesquisa, aprendizagem e fixação sobre a vida municipal com o aluno. [...] O livro-texto, *Patos de Minas, meu bem querer,* não é descartável e deverá pertencer ao Banco do Livro da Escola. [...] distribuindo este livro para os alunos da 2ª série do 1º grau de todas as escolas (estadual, municipal, particular) de Patos de Minas. A Municipalidade, através da SEMEC, põe à disposição dos estudantes patenses um valioso instrumento no binômio ensino/aprendizagem[54].

Embora em sua página de rosto o livro já venha definido como sendo de "Estudos Sociais" é, contraditoriamente, oferecido "em conformidade" com os Parâmetros Curriculares

---

[52]Conforme o Artigo 11º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.9394 de 20 de dezembro de 1996, cabe aos Municípios: "oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino". Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>Acesso em: 02 jan. 2014.

[53] O livro *Patos de Minas meu bem querer* teve sua primeira edição em 1991, na gestão do Prefeito Antônio do Valle Ramos. Foi editado, posteriormente, em 1999, na gestão de Elmiro Alves do Nascimento e, em 2008, em nova gestão de Antônio do Valle Ramos.

[54] RAMOS, Antônio do Valle. Patos de Minas – mais amada. In: MELLO, Ibid, 2008, p. 19-20.

Nacionais[55]. E, finalmente, quando se analisa a Proposta Curricular do Ensino Fundamental elaborada pela Secretaria Municipal de Educação de Patos de Minas, entre 2005 e 2008[56], observa-se que as habilidades e competências relativas às áreas de Geografia (Anos II e III do 1º Ciclo) e História (Ano III do 1º ciclo)[57] correspondem *pontual e integralmente* ao conteúdo pertinente, apresentado por Oliveira Mello, no livro didático *Patos de Minas, meu bem querer*[58].

Do ponto de vista do conteúdo histórico, a obra reedita a leitura apresentada por Mello nos manuais anteriores. O mesmo ocorre no que diz respeito à "idéia" de Patos de Minas enquanto uma cidade *festiva, bonita e tranqüila...*

Entre um tema e outro, o estudante do terceiro ano do ensino fundamental vai "aprendendo" que Patos de Minas é:

> [...] uma cidade festiva e festeira, onde há beleza, encanto, prazer de se viver. Uma cidade aconchegante para o homem, em cujo largo horizonte resplendem fé e esperança. As lagoas grandes, cheias de patos, calmas; os parques, o verde, estão por toda a cidade para alegrar as vistas, para descansar o espírito, para fazer o homem vibrar. O Rio Paranaíba lambe a cidade à sua direita. A água que corre debaixo da ponte, carregada pelos arcos, não pára nunca de matar a sede dos homens e de encharcá-los de confiança na fertilidade de Patos de Minas.
>
> [...] Em Patos de Minas florescem os ipês e as flores festeiras lançam seus beijos coloridos ao céu, projetando sempre o futuro tranqüilo do amanhã. É uma cidade muito bonita. Está localizada à beira do Rio Paranaíba e possui duas lindas lagoas: a Lagoa Grande e a Lagoinha. Ambas são urbanizadas. Além de serem uns dos pontos turísticos da cidade, são também áreas de lazer e atletismo. Além dessas lagoas temos o Parque Municipal do Mocambo, que possui pequena reserva natural da Mata do Tonheco. É um lugar muito agradável. As árvores estão classificadas pelas denominações populares e científicas. Nele há nascentes e muita água corrente. As praças, avenidas e ruas são amplas. Todas calçadas, a maioria com massa asfáltica, e outras com briquete[59].

---

[55] PARÂMETROS Curriculares Nacionais. **História e Geografia.** V. 05, n. 1 e 2. Disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf> e <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf>

[56] PREFEITURA Municipal de Patos de Minas/SECRETARIA Municipal de Educação. **Proposta Curricular.** Volume 3, Ensino Fundamental. Arquivo em PDF, disponível em: <http://www.patosdeminas.mg.gov.br/downloads> Acesso em 18 set. 2012.

[57] Consultar: PREFEITURA Municipal de Patos de Minas/SECRETARIA Municipal de Educação. **Proposta Curricular.** Volume 3, Ensino Fundamental. Arquivo em PDF, disponível em: <http://www.patosdeminas.mg.gov.br/downloads> Acesso: 18 set. 2012.

[58] Ver MELLO, Antônio de Oliveira. Op. cit., 2008, p. 7-10.

[59]MELLO, Antônio de Oliveira.**Patos de Minas, meu bem querer.** Patos de Minas: Prefeitura Municipal de Patos de Minas/Secretaria Municipal de Educação, 2008, p.98-99.

> [...] Entre as atrações que se destacam, no município, estão as Folias de Reis, durante todo o mês de janeiro, que se caracterizam pelos objetivos filantrópicos, ajudando os pobres através do Dispensário São Vicente de Paulo. A Festa Nacional do Milho - FENAMILHO - já perto de contemplar meio século de existência e nacionalmente conhecida. Nela existem eventos variados, tanto de negócio como de lazer, que se realizam durante o mês de maio, com atrações maiores na última semana. Dela participam as autoridades, o povo, estudantes, tanto no Parque de Exposições "Sebastião Alves do Nascimento" _ um dos mais bem equipados do Estado de Minas Gerais_ como no centro da cidade, e grande número de visitantes, principalmente de Brasília, de Belo Horizonte e da região. No Parque, além da Casa do Milho – memorial da Festa do Milho e de costumes rurais da região_ há exposição de gado e estandes industriais, comerciais e bancários, onde são realizadas transações comerciais, ligadas, sobretudo, ao agronegócio, diversões com shows de renomados artistas, rodeio de boiadeiros, etc. No centro da cidade há distrações como feira de artesanatos, Feira da pechincha, exposições de artes plásticas, apresentações teatrais, os corais. No Dia da Cidade_ 24 de maio_ durante a manhã, após o momento cívico, diante da Prefeitura, com pronunciamentos alusivos à data, realiza-se o grande desfile cívico-militar[60].

No que diz respeito às atividades econômicas e assistenciais, o tom utilizado para apresentá-las é, rigorosamente, o mesmo. Não importa se agricultura, pecuária ou assistência social. Em Patos de Minas, tudo é bonito, festivo e *sem conflitos*:

> [...] Como é bonito ver um terreno preparado para o plantio. Mais bonito ainda ele se torna quando é todo coberto de verde surgindo nas entranhas da terra. É o trabalho de preparar a terra, plantar e colher os cereais, os frutos e as verduras úteis para o homem. Quem prepara a terra, planta, cuida da plantação e faz a colheita é o agricultor. [...] O município de Patos de Minas não possui grandes latifúndios. Caracteriza-se pela expressiva quantidade de pequenas propriedades. A Feira do Produtor Rural [...] tem incentivado os pequenos produtores à cultura hortifrutigranjeira. Semanalmente, aos sábados, pela manhã, eles vendem diretamente ao consumidor os seus produtos. Há muita aceitação e já estão produzindo até para exportação, através do CEASA[61].
>
> [...] Ao lado da agricultura, a pecuária é uma atividade econômica muito importante para o município. Pelo desenvolvimento da pecuária, os fazendeiros criaram o seu Sindicato Rural (o principal responsável pela promoção da Festa Nacional do Milho)

[60] Id., Ibid, p. 302.
[61] Id., Ibid., p.286-287.

> e a Cooperativa Mista de Agropecuária de Patos de Minas que industrializa, comercializa e fornece assistência técnica aos cooperados[62].
>
> [...] O patense sempre ajuda quem precisa. É muito importante um auxiliar ao outro. Isso faz parte da nossa formação humana e cristã. [...] Patos de Minas possui várias obras de assistência social. Entre elas, a mais antiga é a Sociedade São Vicente de Paulo, que mantém o Dispensário e várias vilas Vicentinas, onde os velhos e desamparados são abrigados. Ela mantém o Dispensário São Vicente de Paulo, onde são fornecidos alimentos aos assistidos que residem fora das Vilas Vicentinas. Ainda contamos com a *Casa das Meninas*, fundada em 12 de Outubro de 1965 pela Associação de Proteção à Maternidade, Infância e Velhice de Patos de Minas; com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais _ APAE _ instituição de caráter filantrópico, desde 1972; com creches, como o Centro Social Urbano_ CSU; Programa Municipal de Apoio ao Menor_ PROMAM; Centro CRISTAVO, Centros Comunitários, Associações de Moradores de Bairros, Amparo Maternal, etc. [...][63]

Sem dúvida, trata-se de uma *representação*. Não como verbete, cujos sinônimos podem incluir "idéia, apresentação, figura, retrato, exposição, simulacro"; mas, como *conceito* capaz de indicar um recurso discursivo que, embora pertencente ao campo dos ideários, é tão parte da cidade quanto a argamassa e o concreto.

Se entendermos Patos de Minas como uma realidade social específica, constituída historicamente, portanto no tempo e no espaço, a maneira como ela é "construída, pensada, dada a ler", corresponde ao que Roger Chartier definiu por *representação*, conceito pertinente ao universo analítico da História Cultural:

> A história cultural, tal qual a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes as classes ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. [...] As *representações* do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de

[62] Id., Ibid, p. 291.
[63] Id., Ibid, p.332.

> grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (sic)[64].

Quando se adota o ponto de vista de Chartier, compreende-se que Patos de Minas é *representada* através da adjetivação de três substantivos: festa, beleza e tranqüilidade. Tomados como vocábulos isolados e apartados da realidade, pouco dizem. No entanto, se concebidos como "categorias de percepção e apreciação do real", embora aspirem à *universalidade* tanto social quanto histórica, são categorias de percepção de um *grupo ou classe.* São constituídas no *tempo* e inteligíveis, apenas, se articuladas ao embate travado entre os sujeitos que, enquanto tal, *constroem* a realidade social de Patos de Minas.

Desta feita, a maneira como a cidade é "dada a ler", logo, *representada,* tanto é objeto de disputa quanto, justamente por isso, cambia ao longo do tempo. Assim, embora a representação atualmente hegemônica, ofereça à fruição uma cidade sem conflitos, obviamente outras leituras lhe são concorrentes[65].

Por outro lado, essa representação só permanece hegemônica na medida em que encontra eco na realidade concreta. Por isso, ainda que os termos adjetivos de cidade *bonita, tranqüila e festiva* não estejam à disposição de todos os sujeitos sociais, algo dessa construção discursiva pode ser apreendido no real. Desta forma, também o discurso "imagético" de Patos de Minas é, igualmente, construído de modo a corresponder a imagem da cidade à sua representação:

---

[64] CHARTIER, Roger. **Cultura:** entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro. Difel/Bertrand Brasil, 198, p. 17.

[65]Dentre os veículos de informação disponíveis, quais sejam: o Jornal impresso de circulação diária, a Folha Patense; o canal local de televisão, cessionário da TV Cultura, a NTV- Nossa TV; e os portais eletrônicos de notícias, Patos Hoje <www.patoshoje.com.br>, Patos em Destaque <www.patosemdestaque.com.br> e Patos Notícias <www.patosnotícias.com.br>, apenas o portal "Patos Notícias" não veicula notícias de crime e violência optando por *diluí-las entre outras informações.* No "Patos Notícias" o destaque é dado às páginas policiais, oferecendo ao leitor a imagem de uma *cidade extremamente violenta.* Em pesquisa realizada no Portal, no dia 10 de janeiro de 2014, as chamadas sucessivamente exibidas, foram: "[...] Preso terceiro autor do assalto a motel - Após denúncia anônima, Romarinho foi capturado na casa de sua prima, no bairro Alto Colina.; [...] Polícia Militar aborda casa que seria usada por traficantes no Bairro Nova Floresta - Os militares encontraram três quilos de crack e material usado na embalagem da droga. Dois rapazes foram presos; [...] Jovem de 27 anos é morto a enxadadas no primeiro homicídio do ano em Patos de Minas - O motivo do crime foi a invasão do gado da vítima na propriedade que o suspeito trabalha; (...) Rapaz é preso por roubo em viveiro de mudas às margens da estrada do Sumaré - O outro suspeito e o dinheiro do crime não foram recuperados. Carro usado no crime, roupas e o preso foram reconhecidos pela vítima" (sic). Notícias disponíveis em: <www.patosnoticias.com.br>Acesso em: 10jan. 2014.



Figura 1: Vista panorâmica de Patos de Minas, 2008. Autor: Saulo Alves.FONTE: Panorâmio- Photos of the Word, 2014.



Figura 2: Catedral de Santo Antônio. s/d. FONTE: Prefeitura de Patos de Minas, 2014.



Figura 3: Av. Getúlio Vargas. s/d. FONTE: Prefeitura de Patos de Minas, 2014.



Figura 4:V Festival Nacional de Teatro Universitário, 2013.
FONTE: Patos em Destaque, 2013.



Figura 5: Parque de Exposições/*Fenamilho* 2013.
FONTE: Facebook/Fenamilho, 2014.



Figura 6: Publicidade em Outdoor/ Fenamilho, 2011. FONTE: Sopro Solar, 2014.



Figura 7: Esculturas de Patos, 2013. FONTE: Virtual Tourist, 2013.

Certamente, a idéia de uma cidade que, embora de porte médio, mantém o "charme do interior", fascina a imaginação e as expectativas do "outro" que pretende conhecer Patos de Minas. Afinal, a *representação* da cidade a corresponde a um lugar mítico, pois "intocado" pelas auguras do mundo moderno, praticamente uma presentificação do "tempo perdido" de Marcel Proust[66]. Assim, é com esta expectativa que retomamos a figura do viajante e o conduzimos, agora, à fruição concreta de Patos de Minas.

[66]PROUST, Marcel. N**o caminho de Swann.** (Tradução de Mário Quintana). São Paulo, Abril Cultural, 1982.

I.2. a memória urbana e suas contradições

Enfim... a cidade[67].

O ônibus cruza a extensão da Avenida Juscelino Kubistcheck, vence os primeiros quarteirões da Rua Major Gote e, virando à esquerda, chega à rodoviária de Patos de Minas, pontualmente, às quinze para as dez da manhã.

Durante a semana, longe dos feriados e datas festivas, o Terminal Rodoviário José Rangel não é muito movimentado. Nem mesmo o ônibus tem todos os lugares ocupados. Ao viajante, o personagem que elegemos para nos conduzir, é possível descer do veículo com fleuma, esticar as pernas e observar a paisagem no entorno. Ainda sonolento, delineia comércios, uma via pública, veículos pequenos, ciclistas, meninos. Contudo, do seu ponto de observação, percebe que o único elemento que se aproxima da sua expectativa de cidade é, apenas, a palmeira imperial que se projeta na via perpendiucular, logo à sua direita...

O viajante segue. Vencendo o espaço que o separa da palmeira, prenúncio da cidade bucólica que o conquistara pela *internet*, chega à plataforma de embarque. Ali, ele pára, satisfeito. Outro elemento o captura na trama da representação: o enorme afresco, composto por artista maduro, claramente inspirado no mestre Di Cavalcanti.[68]

Com as expectativas renovadas, o viajante segue.

Fora do terminal rodoviário, para além das palmeiras perfiladas na Avenida Piauí, o aguarda a "Lagoa Grande". Vencidas as duas pistas da avenida, a lagoa se oferece à vista de forma quase singela. Não lembra nem remotamente a Lagoa da Pampulha, ícone da paisagem de Belo Horizonte, a capital de Minas. Entretanto, brisa suave toca suas águas e refresca a pele. Patos madorrentos sulcam sua extensão. Uma profusão impressionante de peixes disputa os alimentos que as crianças insistem em atirar na água.

---

[67] A narrativa que se segue foi composta a partir de observação participante, realizada ao longo do período em que a autora deste trabalho viveu e trabalhou na cidade, como professora do Centro Universitário de Patos de Minas e como historiadora do MuP – O museu da Cidade de Patos de Minas, entre 1999 e 2010.

[68] Ver figura 8. O Terminal Rodoviário José Rangel conta com três afrescos que reportam à representação de terra do milho e, ainda, à constituição do núcleo urbano original, em torno de uma lagoa de patos. Os painéis foram encomendados pelo município à UNART - União dos Artistas Patenses -, organismo que agrega artistas plásticos com formação superior em Belas Artes. Além dos painéis, o terminal também é adornado com uma imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem, de autoria da artista Arminda A.Gomes de Carvalho.

O convite é irrecusável. Por isso, o viajante se senta. Respira o ar tranqüilo da manhã e se diverte observando os caminhantes que percorrem a pista em torno da lagoa... "Gentes" que a paisagem das metrópoles não comporta mais: o compulsivo de passadas largas, que cumpre o circuito tocando em todas as árvores e todas as lixeiras; a mulher de passos miúdos, que busca objetos brilhantes no chão; a velha de vestido curto que equilibra uma vara na mão; o velho de chinelos e meias que, arrastando os passos e baforando um cigarro de palha, justifica a caminhada para o amigo: *"o doutor disse que é bão pros pulmão!"*

Porém, por mais reconfortante que seja observar a fauna humana que caminha em torno da lagoa, ela não comporta a cidade que o viageiro busca. Assim, ele segue.

Da lagoa em diante, vai de táxi. Avisa que é turista, que pretende *conhecer* Patos de Minas. E não é preciso mais! Roteiro em mente, o motorista se transmuta em guia e conduz seu passageiro pelos caminhos e lugares que dizem da cidade o que se veicula dela: a avenida Piauí com seu canteiro central de palmeiras imperiais; a rua Major Gote, larga, ordenada, com espaços para carros e ciclistas; a praça Antônio Dias com sua escultura das "Três Graças", obra do "Seu Vicente Nepomuceno", centenário ativíssimo que compôz com Dona Maria de Lourdes, nonegenária também ativíssima, uma numerosa família de artistas...[69]

O táxi segue pela Rua Padre Caldeira que, embora estreita e de trânsito difícil, é caminho obrigatório para o Mercado Municipal e seus produtos do campo; os raizeiros e os velhos envolvidos nos jogos de truco. Continua pela Major Jerônimo, rumo à segunda metade da Avenida Major Gote, depois do "balão da volks", para passar de frente aos portões do suntuoso Colégio Marista e, mais adiante, do campus ajardinado do UNIPAM – o Centro Universitário de Patos de Minas, a "Faculdade", como dizem os locais.

[69] O Sr Vicente Nepomuceno nasceu em 1914 e é figura notória no cenário artístico da cidade. Desenhista, cenógrafo, ator e diretor de teatro, foi o artífice da larga maioria das esculturas alegóricas dos desfiles da Festa do Milho, entre 1961 e 2002; esteve à frente da fundação de grupos de teatro amador (dentre estes o primeiro Grupo de Teatro Amador de Patos, o TAPA, e o CET – Centro de Estudos Teatrais); protagonizou, ao lado dos filhos, o movimento de popularização do teatro e a fundação de um espaço destinado à disseminação das artes, a FUCAP-Fundação Cultural do Alto Paranaíba. Dentre seus oito filhos e vários netos e bisnetos, muitos são artistas dedicados às mais diferentes expressões de arte: teatro, literatura, pintura, escultura. Seu nome enfeixa uma das três salas de teatro de Patos de Minas, a sala de Espetáculo Vicente Nepomuceno, do Teatro Municipal Leão de Formosa. Cf. COURY, Marialda. Vicente Nepomuceno, 99 anos! **Folha Patense.** Patos de Minas, p. 13-13. 28 set. 2013. Disponível em: <http://www.folhapatense.com.br/FP 1066 (280913).pdf>. Acesso em: 10fev. 2014.



Figura 8: Painel n.2: Terminal Rodoviário José Rangel, 2014.
Autora: Arminda Carvalho
FONTE: Carvalho, 2014.



Figura 9: Lagoa Grande, 2012. Autora: Selma Cruz.
FONTE: Prefeitura de Patos de Minas.



Figura 10: Avenida Piauí, s/d.
FONTE: Skyscrapercity, 2014.



Figura 11: Rua Major Gote, s/d
FONTE: Prefeitura de Patos de Minas, 2014



Figura 12:Monumento das Três Graças, s/d
FONTE: Patos Hoje, 2013.



Figura 13: Mercado Municipal de Patos de Minas, 2013.
FONTE: Patos Hoje, 2014.



Figura 14: Colégio Marista de Patos de Minas, 2012.
Fonte: Notícia das Gerais, 2014.



Figura 15: Entrada principal do UNIPAM, 2013.
Fonte: Patos em Destaque, 2013.



Figura 16: Memorial do Milho, s/d.
FONTE: Fenamilho, 2013.



Figura 17: Artesanato em Palha, Marias Artesãs. 2011.
FONTE: Patos Urgente, 2011.

No alto da Major Gote, depois do Caiçaras Country Club, o taxista apresenta ao visitante o "Parque de Exposições", onde está abrigado o "Memorial do Milho" com seu acervo diversificado, o artesanato das "Marias Artesãs" e o registro histórico da festa maior, a Festa Nacional do Milho. É também no parque que se concentram as atividades da *Fenamilho*, incluindo a sua mais nova atração, o *Balaio de Arte e Cultura,* mostra cultural que reúne exposições de fotografia, música, dança, teatro, artesanato, gastronomia, cinema, arquitetura, literatura, história e tradições culturais[70].

Apresentado o parque, o táxi retorna. Volta pela outra pista da Major Gote e lá no "balão da volks" vira à direita, para pegar a Avenida Paracatu. Vai no sentido do centro, no intuito de mostar ao turista a Catedral e o Museu. Entretanto, quando o táxi chega na minúscula Praça Juquinha Caixeta, "onde a cidade nasceu", o viajante decide que dali em diante o passeio requer

[70] Sobre o Balaio de Arte e Cultura, ver: <www.balaioartecultura.com.br>; Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Balaio-de-Arte-e-Cultura-de-Patos-de-Minas>.

outro tipo de movimento. Algo mais brando, cadenciado, capaz de permitir não apenas a fruição das construções, das pessoas e dos espaços, mas, também, a sua *problematização*.

A escolha tem motivo: decorre do seu ofício. Por profissão, ele sabe que para um turista incidental, disposto exclusivamente a "contemplar" Patos de Minas, "reconhecendo na sua paisagem os elementos que reafirmam a sua representação", não é necessário muito compromisso. Ele se satisfaz com um passeio guiado e o registro fotográfico dos monumentos.

Porém, o viajante *não é mero turista*. Trata-se de *historiador*. Como tal, aprendeu com Marc Bloch que, diferente do "antiquário", o erudito que não cultiva o gosto de olhar em torno de si mesmo, o historiador possui a faculdade de apreender o que é vivo. Deste contato inelutável, tenso e apaixonado com a experiência do vivido, é que nascem as indagações ao passado:

> [...] Em boa verdade, conscientemente ou não, é sempre às nossas experiências quotidianas que, em última análise, vamos buscar, dando-lhes, onde for necessário, os matizes de novas tintas, os elementos que nos servem para a reconstituição do passado: as próprias palavras de que nos servimos para caracterizar os estados de alma desaparecidos, as formas sociais estioladas, que sentido teriam para nós se não tivéssemos visto primeiro viver os homens?

O viageiro se assume historiador. Paga a corrida, agradece ao taxista, despede-se. Então, com os olhos de historiador, ergue a vista para o prédio da cadeia, o primeiro edifício institucional da cidade e marco arquitetônico do *núcleo urbano original do município*.

O imponente sobrado vermelho, parte do patrimônio de cultura material[71] de Patos de Minas é, dentro da perspectiva aberta por Pierre Nora, um "lugar de memória". Submetido ao registro, ao inventário, nomeado e identificado dentro da paisagem urbana, cumpre o papel de evocar o passado numa sociedade que, aceleradamente, se desvincula dele. Porque nos afastamos da tradição menemônica, porque não nos "lembramos" mais, abrimo-nos à

[71] O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, divide o patrimônio cultural de uma sociedade em dois grandes universos: o patrimônio material e o patrimônio imaterial. O patrimônio material protegido pelo IPHAN, com base em legislações específicas, é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em *bens imóveis como os núcleos urbanos, estruturas arquitetônicas e urbanísticas*, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Segundo esta definição, portanto, o prédio da cadeia, bem como os demais edifícios e equipamentos que compõe o núcleo urbano original de Patos de Minas, foram definidos, pela Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural do Município, como parte do Patrimônio de Cultura Material, incluídos na categoria "estruturas arquitetônicas e urbanísticas". A respeito do tema "Patrimônio Cultural", o IPHAN possui uma vasta bibliografia disponível para download no site: <www.iphan.gov.br>.

necessidade histórica de criação de lugares, sejam eles arquivos ou monumentos, nos quais a memória se encerra:

> [...] A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória[72].

O prédio da cadeia de Patos de Minas é, também, um dos suportes da memória social da cidade: uma *memória urbana,* evocativa de um passado que só pode ser acessado através do seu questioanamento no presente. Mais: através do questionamento feito à essa arquitetura, *no presente.* Nesse sentido, ao refletir acerca das "imagens urbanas" que são oferecidas à fruição através da arquitetura, Sandra Jatahy Pesavento observa:

> [...] As imagens urbanas trazidas pela arquitetura _ ou pelo traçado da cidade [...] tem, pois, o potencial de remeter também [...] a um outro tempo. É o caso de um monumento que se edifica no passado, mas que é pensado e sentido a partir do presente. [73].

Evidentemente, o espaço de uma cidade não existe de forma cristalizada. Não é uma forma imutável sobre a qual as relações humanas se dão, sem que as mesmas interfiram na constituição desse espaço. A cidade é *criação humana* e, como tal, fruto de urdidura social e, consequentemente, *cultural.* Sua arquitetura e, igualmente, seu traçado e toda a sorte de equipamentos urbanos que a compõe, são uma "realidade material"que trazem as marcas de uma *ação social*. Sua construção, modificação, qualificação e requalificação são, por isso mesmo, resultantes de um "projeto político de gerenciamento do urbano", proposto ou "imposto" por sujeitos sociais localizados no *espaço* e no *tempo.*

Considerados sob esse prisma, o prédio da cadeia e todo o seu entorno, são resultantes de um processo histórico, humano, fruto de forja em argamassa e, também, em significâncias. Ele faz parte do processo que constituiu, *historicamente,* a cidade de Patos de Minas, na sua globalidade e, também, na sua *especificidade.* Como parte de uma paisagem específica, qual seja, do núcleo no qual a cidade se originou, pode *contar* ao historiador do *processo social* do

---

[72]NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História.** São Paulo, n.10, Dez/1993, p. 7.

[73]PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 2002, p. 16.

qual derivou a *sua construção.* Porque, afinal, a cidade não é o mero sucedâneo de uma paisagem arquitetônica que pode ser mais ou menos conformada a categorias pré estabelecidas. A cidade é mais. Ela é bem mais do que uma caracterização morfológica, construída a partir de elementos singulares. Como bem o lembra Ulpiano Bezerra Menezes,

> [...] Por certo, há elementos morfológicos que parecem dotados de tal densidade que os habilita, sozinhos, remeterem a todo um conjunto de significações e, mesmo, à cidade inteira. Assim, por metonímia, tomando a parte pelo todo, as muralhas já foram convocadas como referência plena a certas cidades antigas; ou, em nossa cidade colonial, a Casa de Câmara e Cadeia, o pelourinho, o traçado das ruas e o desenho das praças e largos, além de chafarizes e outros equipamentos urbanos e assim por diante [...] Mas, imaginar que os atributos formais são imanentes às coisas, enraízam-se nelas, é um processo ilusório de *naturalização*, que confere a essas coisas propriedades específicas das relações sociais[74].

Destarte, esse "nucleamento urbano original", sobre o qual o historiador deita os olhos, é mais do que seu casario, suas ruas e monumentos. Como *toda a* cidade, ele é um ser social. Construído por sujeitos sociais é, como tal, dotado de uma historicidade. Porém, ao mesmo tempo, na operação filosófica que equaciona a sua existência, dialeticamente, seu casario, suas ruas e monumentos o *contém.* Pois, como toda cidade, Patos de Minas é uma manifestação material da poética de Zaíra, uma das cidades invisíveis de Calvino, que *contém* seu próprio passado, "[...] como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras"[75].

É com *esta perspectiva,* que o historiador se senta sob a árvore solitária da minúscula praça Juquinha Caixeta e reflete *a partir* do Prédio da Cadeia.

O burburinho de pessoas na porta, os carros de polícia estacionados, mais a chegada abrupta de uma viatura, dão conta de que o prédio, cujo entorno é tombado pelo Decreto Municipal n.2049 de 14/04/1998, ainda guarda a função original de lugar de carceragem[76].

---

[74]MENEZES, Ulpiano T.Bezerra de. **Morfologia das cidades brasileiras**: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP,** São Paulo, n.30, jun./ago. 1996, p. 148.

[75] CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15.

[76] A função de carceragem foi desabilitada no final de 2012, pouco tempo depois em que esta observação foi feita. Entretanto, para preservar a cadência do texto e a condução do leitor acerca da função simbólica da carceragem naquele espaço urbano, optou-se por manter a referência, com esclarecimento em nota de rodapé.



Figura 18: Prédio da Cadeia, antiga Casa de Câmara e Cadeia. Praça. Juquinha Caixeta,s/n. FONTE: Skycraper, 2012.

Segundo o Inventário de Proteção de Acervo Cultural, elaborado pela Prefeitura em 1999 e revisto em 2009, este não é o prédio original, destinado à "Casa de Câmara e Cadeia"[77]. Ele teria sido erguido em 1912, com a tripla função de abrigar a cadeia, a câmara e o fórum da antiga "Cidade de Patos":

> [...] o edifício da Cadeia Pública de Patos de Minas tem a estrutura formal das antigas Casas de Câmara e Cadeia, sendo concebido para abrigar a estrutura funcional e administrativa do Município. Contudo, o prédio, objeto deste histórico, não é a primeira sede da Câmara e da Cadeia de Patos de Minas. A iniciativa de sua construção partiu da Câmara Municipal e do Governo Estadual em 1909. Trata-se do mais antigo edifício público de Patos de Minas e foi inaugurado em 1912 para abrigar a Cadeia, a Câmara e o Fórum[78].

As Casas de Câmara e Cadeia eram, ao lado das igrejas, os edifícios mais importantes dos núcleos urbanos nascentes no Brasil da Colônia e do Império. Junto com a praça ou "largo"

---

[77] O informe histórico do imóvel, apresentado pela Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, baseia-se na argumentação presente nas páginas 132 e 133 do livro **Uma História de Exercício da Democracia**, de 2006, organizado por Oliveira Mello. Entretanto, a historiadora deste trabalho não encontrou nenhuma referência documental que corrobore a hipótese de que este prédio teria sido erguido em substituição ao anterior, erigido na segunda metade do século XIX, em 1869. O que se depreende das representações, feitas pelos vereadores junto ao Governo Provincial, é a solicitação de verbas para *conserto* da estrutura, conforme consta nas Atas da Câmara, nas sessões de 5 de julho de 1879 e 29 de janeiro de 1886.

[78] PREFEITURA Municipal de Patos de Minas. **Cadeia Pública de Patos de Minas.** Pasta: Inventário de Proteção de Acervo Cultural- Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas. Patos de Minas: 1999, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

constituíam a conformação básica das vilas e cidades que foram erigidas no Brasil a partir do século XVIII. De acordo com Teixeira e Trigueiro,

> [...] A praça central do núcleo urbano nascente era, em sua forma e uso, a expressão máxima das relações simbólicas de poder que se estabeleciam na sociedade colonial. Era nela e em seu entorno imediato que ficavam localizados os edifícios mais importantes da urbe, notadamente a igreja e a casa de câmara e cadeia[79].

No entanto, é importante lembrar que os nucleamentos urbanos nascidos no Brasil colonial possuíam fortes raízes rurais. Sérgio Buarque de Holanda atentou para esta peculiaridade ao lembrar que,

> "[...] é efetivamente nas propriedades rústicas que toda a vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação européia: as cidades são virtualmente, se não de fato, simples dependências delas. Com pouco exagero pode dizer-se que tal situação não se modificou essencialmente até a Abolição."[80]

Mesmo assim, ainda que as cidades do Brasil tenham nascido *dependentes* do campo e, nos rincões dos sertões, *dentro* das extensões das fazendas, até a República a língua graduava os aglomerados humanos, diferenciando *arraiais* de *vilas* e *cidades*:

> [...] Em conformidade com o modelo português, a povoação chamada de *arraial* ou *freguesia,* podia ser elevada à categoria de *vila* e desta à categoria de *cidade.* Como vila adquiria autonomia político-administrativa, constituindo sua câmara de vereadores, com direito a cobrar impostos e baixar posturas normatizando a vida da povoação. O título de cidade acrescentava muito pouco à vila, nos termos de organização política e administrativa. Mesmo assim, do ponto de vista ideológico a primeira era superior à segunda. Por isso, em 1832, Luiz Maria da Silva Pinto, indicava em seu dicionário que "cidade" era, na *graduação*, uma povoação *superior* à Vila[81].

Do ponto de vista administrativo, o processo de constituição dos arraiais, vilas e cidades na região oeste das Minas Gerais foi, rigorosamente, o *mesmo.* Nascidos, em todos os casos, a partir da iniciativa das oligarquias rurais, através da formação de *patrimônios religiosos,* os

---

[79]TEIXEIRA, Rubenilson; TRIGUEIRO, Edja. A Praça, a Igreja e a Casa de Câmara e Cadeia. Símbolos, usos e relações de poder. **Mneme: Revista de Humanidades,** UFRN -Natal, v. 5, n. 24, p.1-19, set/out 2008. Semestral. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/>. Acesso em: 24 fev. 2014.

[80]HOLANDA, Sérgio Buarque.**Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 73.

[81] SILVA, Rosa Maria Ferreira da. Cidade e Urbanização, Progresso e Civilização: reflexões sobre a cidade oitocentista no sertão das Gerais (Patos de Minas, 1868 -1933). **Historia & Perspectivas** (UFU), v. 49, 2013, p.413.

povoados eram erigidos à condição de *arraiais* através da construção de uma capela; e de arraial alçavam o estatuto de *vila* e, posteriormente, de *cidade,* através da constituição da sua casa de câmara e cadeia.

Nesse sentido, as origens da história administrativa de Patos de Minas terminam por exemplificar o processo de ocupação do "sertão das Gerais", quando das descobertas das minas de ouro e diamantes em fins do século XVIII, a oeste da Província.

O povoado que originou o futuro município, se constituiu dentro da Fazenda "Os Patos", sob a jurisdição de Paracatu. Nasceu como ponto de paragem de tropeiros que se deslocavam da Capitania de Goiás rumo a Paracatu do Príncipe e desta, ao litoral. Sua existência pode ser observada em registro escrito, datado de 1800, como observou o memorialista Geraldo Fonseca, reportando-se ao *Auto de Vereação* de 15 de outubro de 1800, que demarca o termo da Vila de Paracatu:

> [...] O documento assinala a jurisdição paracatuense sobre "todas as fazendas da "Picada de Goiás" saindo da Vila de Paracatu pela estrada que vai ao Bambuí, até os Ferreiros. Estas fazendas vem a ser Vazantes, Andréquicé, Almas, Onça, Patos, Babilônia, Aragoens, Curtume, Riacho de São João e Ferreiros. Os redatores do auto não falam de estradas e sim da picada de Goiás, que foi o primeiro caminho oficial aberto das Minas Gerais ao território goiano. O auto de demarcação deixa bem claro que existia, em 1800, a povoação "Os Patos", à beira de um caminho, estrada ou picada[82].

Contudo, a "Picada de Goiás", trilha a que o Termo de Vereação de 1800 se refere, era um dos muitos caminhos que confluíam a Paracatu e que, de maneira genérica, definia uma série de outros caminhos:

> [...] Em 1736, diferentes caminhos para Goiás faziam junção na região de Paracatu: a chamada *Picada de Goiás*, que atravessava a fronteira de Minas com essa capitania em Arrependidos; a de Pitangui; a que passava por São Romão, vindo dos sertões da Bahia e de Pernambuco, e o caminho que transpunha o São Francisco na Passagem do Espírito Santo. Certamente havia ainda outros caminhos e descaminhos, a ponto do mestre-de-campo Ignácio Pamplona mencionar, em correspondência ao

[82] FONSECA, Geraldo. **Domínios de pecuários e enxadachins**: história de Patos de Minas. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974, p.32.

> governador de Minas, que "tantas eram as picadas e a tudo iam chamando de picada de Goiás", o que indicava a importância dada à articulação dessas regiões[83].

Em 1826, os proprietários da fazenda "Os Patos", Antônio Joaquim da Silva Guerra e Luzia Corrêa de Andrade, doaram uma sorte de terra ao *"glorioso Santo Antônio a fim de se lhe edificar um templo, e também para cômodo dos povos"*[84]. Erguida a capela, o pequeno arraial ficou ligado judicial e "espiritualmente" ao distrito de Sant'Anna da Barra do Espírito Santo, atual distrito de Santana de Patos. Entretanto, pouco tempo depois, em 17 de janeiro 1832, foi elevado à categoria de *distrito*, através de edital baixado pela Câmara de Paracatu, com a denominação de *"Santo Antônio dos Patos da Beira do Paranahyba".* Como distrito, foi assim descrito, em 1836, pelo juiz de paz Antônio Netto Carneiro Leão:

> [...] apenas quatro engenhos movidos a boi, pertencentes a Francisco José Magalhães, Francisco Fernandes Lopes, Felix Francisco Machado e José Alves de Araújo. As casas que uzão de vender águas-ardentes simples são de Felipe Alves de Carvalho, Ana Gomes, Maria José, Luzia Corrêa de Andrade, Felisberto José Fonseca, Tomaz de Aquino Nunes, José Nicolau Alves Diniz, João Ferreira do Prado e Adão Nepomuceno. [...] no prezente não se conta loja algua de fazenda seca, e vendem espíritos [bebidas] importadas da Província: Felipe Alves de Carvalho, Tomaz de Aquino Nunes, Luzia Corrêa de Andrade e Felisberto José da Fonseca (sic)[85].

Observe-se que entre os taberneiros contava-se D. Luzia Corrêa de Andrade, uma das doadoras do patrimônio à Santo Antônio.

Em 1856, quando o distrito possuía quase quatro mil almas e mais de 190 casas habitadas[86], encaminhou-se à Câmara de Nossa Senhora do Patrocínio, comarca à qual estava ligado, pedido para elevação à categoria de *vila.* Entre a solicitação e a Lei n.1291 de 30 de outubro de 1866, que elevou a "Freguesia de Santo Antônio dos Patos da Beira do Paranahyba", à condição de *vila,* foram dez anos:

> [...] Joaquim de Saldanha Marinho, Presidente da Província de Minas Gerais: Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou, e eu sancionei a lei seguinte: Art. 1º _ Fica elevada à categoria de Vila a Freguesia de Santo Antônio dos Patos, com a mesma denominação. Art.2º. O novo município se

---

[83] MORAES, Fernando Borges. De arraiais, vilas e caminhos: a rede urbana das Minas coloniais. In: RESENDE, Maria Efigênia; VILLALTA, Luiz Carlos (org). **História de Minas Gerais -** As Minas Setecentistas. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007, p. 74.

[84] ESCRITURA DE DOAÇÃO feita por Silva Guerra. Apud. FONSECA, Geraldo. Ibid., 1974, p.40.

[85] SITUAÇÃO da Indústria e Comércio em Santo Antônio da Beira do Paranahyba. Apud. FONSECA, Ibid. p. 34.

[86] Cf. FONSECA, Ibid., p.61.

> comporá da Freguesia dos Patos, dos Distritos de Santa Ana da Barra do Espírito Santo, dos Alegres e Areado, desmembrados estes dos Termos do Patrocínio, Paracatu e S. Francisco das Chagas do Campo Grande. *Art. 3º Instalar-se-á a Vila, logo que os habitantes prontifiquem a cadeia e casa de câmara.* Art. 4º_ Esta Vila pertencerá à Comarca de Paracatu. Art. 5º._Revogam-se as disposições em contrário. Mando portanto as Autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir tão inteiramente, como nela se contém. O Secretário d'esta Província a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio da Presidência da província de Minas Gerais, aos 30 dias do mês de outubro do Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e sessenta e seis, quadragésimo quinto da Independência e do Império. Joaquim Saldanha Marinho. Carlos Benedito Monteiro a fez. Selada na Secretaria da Presidência da Província aos 30 de outubro de 1866. Dr. Henrique Cezae Muzzio (Grifos nossos)[87].

O edifício que abrigasse a câmara e a cadeia era, assim, condição necessária para a *instalação da vila.* Na ausência de uma construção erguida exclusivamente para este fim, o Presidente da Província, em relatório datado de 30 de junho de 1867, acatou o pedido de funcionamento da Casa de Câmara e Cadeia em imóvel particular, desde que os signatários que assinavam a petição se comprometessem em entregar, no prazo de dois anos, o prédio definitivo:

> [...] Patos _ Uma comissão nomeada pelo povo para promover subscripções afim de construir-se a casa da camara e cadêa, offereceu para isso um edifício particular que, segundo o juiz de direito informou, tem as necessarias accomodações para servir provisoriamente, compromettêndo-se a dar prompto, dentro de dous annos, um novo e apropriado edifício. Ordenei ao inspector da thesouraria que por intermédio do collector fizesse lavrar uma escriptura publica pela qual, todos e cada um de per si, dos signatários da representação que me foi dirigida, ratificassem o compromisso a que se sujeitavam, e mandei assegurar-lhes que, logo que me fosse apresentada a escriptura, expediria ordem para a eleição de vereadores e conseqüente installação da Villa (sic)[88].

Dois anos depois o edifício estaria pronto. Possuía uma importância vital para a comunidade, tanto do ponto de vista prático quanto do ponto de vista simbólico. Dentro da paisagem urbana que se constituía no Brasil, as casas de câmara e cadeia "representavam, mais

---

[87] Id., Ibid., p.80.

[88]MARINHO, Joaquim Saldanha. **Relatorio que apresentou ao Exm. Sr. Vice-Presidente da Província de Minas Geraes, Dr Elias Pinto de Carvalho, por occasião de lhe passar a Administração.** Rio de Janeiro, Typographia Perseverança, 30 de junho de 1867, p.59. Arquivo 300 - dpi, TIFF Imagem. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/provincial/minas_gerais>. Acesso em: 27 fev. 2014.

do que qualquer outra coisa, a concretização do status especial que uma aglomeração qualquer poderia adquirir no período colonial e no Império: o de ser vila ou cidade, sede de município"[89].

Em 1892, a Villa foi elevada à categoria de *cidade,* finalmente com o nome "Patos", sendo referenciada na documentação oficial como "Cidade de Patos". No que diz respeito aos *patos,* que sempre identificaram os topônimos da localidade, a despeito de a documentação indicar que a povoação nascera dentro da Fazenda que, por inferência, teria lhe repassado o nome, o memorialista Antônio de Oliveira Mello também imputa ao processo de povoamento do Centro-Oeste, o nome do futuro município. Segundo Mello, o local de pouso das tropas que cruzavam a Picada de Goiás, na direção de Paracatu do Príncipe, responde a questão:

> [...] Se vistoriássemos o sítio, verificaríamos pelos sinais, o seguinte: a mata que bordeja o rio subia pelo seu afluente hoje denominado Córrego da Cadeia até o lajeado, que barrava a Lagoa dos Patos. Esta, por sua vez, invadeável, tinha na sua extremidade contrária espessa mata a refletir-se em suas águas. Há, ainda jorrando água potável e límpida, um olho d'água, posteriormente denominado de "Biquinha". Perto deste olho d'água foi construído o primeiro pouso que deu origem à Cidade de Patos de Minas. A lagoa, mui vizinha, era habitada de bandos de palmípedes, como soíam ser todos os alagadiços, lagoas e cursos d'água da região. E assim se chamou Lagoa dos Patos o belo recôncavo onde foram assentados os primeiros ranchos. O nome se estendeu ao sítio, e do sítio à cidade[90].

Entretanto, mais do que as origens do topônimo, é o sobrado vermelho, erguido no núcleo urbano original de Patos de Minas, a título de *Casa de Câmara e Cadeia*, que representa para o historiador uma incógnita instigante...

Ora, em 1912, quando se supõe que teria sido construído,[91] abrigando a tripla função de cadeia, câmara e fórum, *há muito tempo* as casas de câmara e cadeia já haviam entrado na sua "fase terminal". Abolidas oficialmente em 1890, um ano depois da República, cederiam seu lugar no *espaço urbano* para o Paço Municipal ou a Câmara dos Vereadores[92]. O edifício destinado à carceragem foi, paulatinamente, afastado da visibilidade e da "sensibilidade burguesa" do século XIX, confinado ao arrabalde, a periferia das cidades, nas quais havia pouco

---

[89]TEIXEIRA, Rubenilson; TRIGUEIRO, Edja. Op., cit., 2008, p. 17.

[90] MELLO, Antônio de Oliveira. **Patos de Minas:** capital do milho. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971, p.30. Também nesta obra Oliveira Mello observa que em 1943, por força do Decreto n.1058, o topônimo foi alterado para Guaratinga. Finalmente, em 1945, a cidade tornou-se "Patos de Minas", diferenciando-se de "Patos", na Paraíba.

[91] Ver nota 77.

[92]TEIXEIRA, Rubenilson; TRIGUEIRO, Edja. Ibid., p. 14. Ver também: BARRETO, Paulo Thedim. Casas de câmara e cadeia. In: **Arquitetura Oficial I.** São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1978.

adensamento populacional. É, por exemplo, o caso modelar de São Paulo: na última década dos oitocentos, quando a proximidade de endereço da elite paulistana com a cadeia pública foi se tornando cada vez mais inadequado,

> [...]a cidade, através de seus representantes políticos e da influência da sua elite econômica, passou a adotar medidas que viabilizassem a transferência do seu espaço de cárcere do centro da cidade para a região do bairro de Santana, para além do rio Tamanduateí"[93].

Por outro lado, o Livro de Atas de Inaugurações da Cidade de Patos, de 1913 a 1946, dá conta de que em 17 de setembro de 1914 foi inaugurado o Paço Municipal[94], edifício localizado no *outro extremo da cidade*, muito além do seu nucleamento original. Se o historiador considera que em 1914 o Paço congregava, também, a câmara dos vereadores, lógico está que, *independendo* do sobrado vermelho ter sido erguido em 1912, ou antes, é fato que o espaço destinado à cadeia foi *deixado* na parte em que a cidade se originou. Desta forma, um primeiro problema se coloca: por que os "gestores do espaço", ao invés de transferirem o local de carceragem para o arrabalde, preferiram *descolar dele* o Paço Municipal, deixando à área urbana na qual a cadeia se encontrava, o fardo de abrigar um edifício que, em 1914, não simbolizava mais a posse do poder...?

A resposta não é simples. Requer pesquisa.

Com uma primeira pergunta, o historiador continua sua incursão...

Dentre as ruas estreitas que entrecruzam a Praça Juquinha Caixeta, ele escolhe seguir pela Teófilo Otoni e acaba por se emaranhar num sucedâneo labiríntico de ladeiras, becos e travessas... Andando pela Teófilo Otoni, dois quarteirões à frente vira à esquerda, na Travessa do Sumbem. Quando chega à Cesário Alvim, decide virar, de novo, à esquerda. Mas, a rua Cesário Alvim se transforma na Maestro Randolfo. E é por esta que, meio quarteirão depois, o historiador chega em outra rua nascente: a 24 de maio. Decide seguir por ela, virando à direita e depois de um quarteirão, atravessa a Rua Doutor José Olimpio Borges. Porém, na próxima quadra, a 24 de maio "morre", deixando de existir na Rua João da Rocha Filgueira.

---

[93]Cf:GOUNELLA, Pedro Henrique. **Arquitetura dos Estabelecimentos Prisionais da cidade de São Paulo (1852 – 1956).** São Paulo: Universidade São Judas Tadeu. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, 2013, p.105-108. Gounella também lembra que raciocínio idêntico pode ser aplicado para a remoção do "Hospital dos Alienados", ocorrida no mesmo período, em São Paulo.

[94] Cf. MELLO, Antônio de Oliveira. et alli. **Uma história de exercício da democracia:** 140 anos do legislativo patense. Patos de Minas: Câmara Municipal de Patos de Minas, 2006, p. 197.

O historiador está confuso. Mesmo assim, segue pela João da Rocha Filgueira, atravessa a Rua Alfredo Borges e, no intuito de retornar ao início da sua incursão, vira na próxima rua à direita: a Rua Augusto da Silva Barão. A ruela termina num beco, em outra ruazinha estreita e curta, a José Albino. O historiador vira na próxima, à esquerda: a Itaporanga. E chega, de novo... à Rua João da Rocha Filgueira!

O historiador se reconhece perdido. Decide voltar pela João da Rocha Filgueira e antes de chegar à 24 de maio, vira à esquerda, tomando a Rua Doutor Alfredo Borges.Segue por ela. Mas, decide-se virar à direita, na Rua Professor José Secundino. E então, um quarteirão depois está, novamente, na Rua 24 de maio.

Desta vez, ele segue a Cesário Alvim. Passa pelo final da Travessa do Sumbem, atravessa a Alfredo Borges e vira à direita, na Rua Major Carlos Soares, outra ruela de pouco menos de um quarteirão, que o conduzirá à "Praça da Genoveva". Da praça, ele desce pela Rua Deiró Borges até a "Professora Zélia", outra ruela, de passeios rentes ao casario antigo, que desemboca na Praça Juquinha Caixeta, de frente a cadeia, de onde saiu...!

O historiador, finalmente, se livra da sensação claustrofóbica. Volta pela Rua Professora Zélia, atravessa a Deiró Borges e senta-se num dos bancos da Praça Dom Eduardo, de frente ao casarão do Doutor João Borges.

Não lhe passa despercebida a repetição dos nomes de família. E nem é preciso pesquisa histórica para lhe indicar que o núcleo urbano original de Patos de Minas acolheu uma família de nome "Borges". Prova disso são não apenas os nomes das ruas. Ao lado delas, o casario de inspiração colonial e remanescentes dos anos de 1920, são outros "lugares de memória", devidamente identificados com placas de bronze, nas quais estão aludidos os nomes de seus antigos moradores: João Borges, Deiró Borges, Zenóbia Borges...



Figura 19: Rua Teófilo Otoni, Patos de Minas, 2014.
Autor: Leandro Teixeira. FONTE: Texera, 2014.



Figura 20: Travessa do Sumbem, Patos de Minas, 2014.
Autor: Leandro Teixeira. FONTE: Texera, 2014.



Figura 21: Rua Major Carlos Soares, Patos de Minas, 2014. Autor: Leandro Teixeira. FONTE: Texera, 2014.



Figura 22: Praça da Genoveva, Patos de Minas, 2014. Autor: Leandro Teixeira. FONTE: Texera, 2014.



Figura 23: Antiga Casa de Deiró Borges. Esquina da Rua Deiró Borges, Patos de Minas, 2014. Autor: Leandro Teixeira. FONTE: Texera, 2014.



Figura 24: Rua Tenente Bino, Patos de Minas, 2014. Autor: Leandro Teixeira. FONTE: Texera, 2014.



Figura 25: Antiga residência do Dr. João Borges. Esquina do "Beco da Zélia" com a Rua Deiró Borges, 2013. Autora: Antoniette C. Oliveira. FONTE: Oliveira, 2013.



Figura 26: Antiga residência de Antônio Cândido Borges. Travessa dos Queiroz, 2013. Autora: Antoniette C. Oliveira. FONTE: Oliveira, 2013.

O historiador observa que, diferente do que é veiculado na obra de Oliveira Mello, de que Patos de Minas *já teria nascido com ruas largas e um traçado urbanístico regular*[95], a

[95] Comentando a demarcação de ruas de 1874, constante na Ata da Sessão de 3 de fevereiro daquele ano, Antônio de Oliveira Mello afirma: *"Patos de Minas é uma cidade que encanta a todos que a visitam, não só pela beleza de sua ondulada paisagem, mas também pelo seu traçado urbanístico. Ruas largas. Muitas praças, tudo graças ao trabalho das primeiras administrações."* In: MELLO, et alli. **Uma história de exercício da democracia:** 140 anos do legislativo patense. Patos de Minas: Câmara Municipal de Patos de Minas, 2006, p. 128. É importante

memória urbana presente no núcleo original de Patos de Minas indica uma cidade sem nenhum planejamento... O desalinho com que as ruas do centro urbano original foram traçadas, lembra, e muito, a forma lusitana de "semear" os nucleamentos, conforme o descreveu Sérgio Buarque de Holanda:

> [...] A fantasia com que nossas cidades, comparadas às da América espanhola, se dispunham muitas vezes as ruas ou habitações é, sem dúvida, um reflexo de tais circunstâncias. Na própria Bahia, o maior centro urbano da colônia, um viajante do princípio do século XVIII notava que as casas se achavam dispostas segundo o capricho dos moradores. Tudo ali era irregular, de modo que a praça principal, onde se erguia o Palácio dos Vice-Reis, parecia estar só por acaso no seu lugar. [...] A cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem[96].

Ao mesmo tempo, em se tratando do "enlaçamento" com a natureza, a presença de córregos, ribeirões e várias lagoas, inclusive no perímetro urbano, como a "Lagoa dos Patos", não apenas derivaram o nome da Fazenda de Silva Guerra e desta ao povoado que originaria a cidade, mas também influenciaram o traçado das ruas que se foram constituindo ao redor do antigo Largo da Matriz.

No que diz respeito ao crescimento do casario ao redor do largo, também aqui a configuração original é típica. O Largo da Matriz de Santo Antônio, do qual a atual Praça Dom Eduardo é o remanescente, dominava a nascente vida urbana, conforme o modelo de origem portuguesa que se decalcou para o Brasil. Se entendemos que o termo "praça", dentro da terminologia urbana colonial, possuía várias significações, dentre eles *"espaço livre de construções, terreiro, largo, não necessariamente dotado de mobiliário urbano, que era mínimo ou inexistente"*[97] podemos compreender que:

> [...] A maior parte das vilas e cidades brasileiras do século XVIII têm por base uma quadrícula ortogonal regular e organizam-se em torno de uma praça, quadrada ou retangular, localizada centralmente [...] Contrariamente ao que se passava na maior parte das cidades fundadas em períodos anteriores, a praça deixa de se situar marginalmente no traçado urbano ou no encontro de diferentes malhas da cidade, correspondentes a sucessivas unidades de crescimento. A estrutura formal da praça já

---

lembrar, porém, que na terceira edição do livro didático *Patos de Minas, meu bem querer,* de 2008, em sua página 101, Mello afirma: *"(...) é bom lembrar que, no tempo da Vila, havia pouquíssimas ruas e praças. Eram poeirentas e abertas ao acaso. Por isso mesmo existiam muitos becos.* In: Id., **Patos de Minas, meu bem querer.** Patos de Minas: Prefeitura Municipal de Patos de Minas/Secretaria Municipal de Educação, 3 ed., 2008, p.101.

[96] HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 26 ed., 1995, p.109-110.

[97]TEIXEIRA, Rubenilson; TRIGUEIRO, Edja. Op., cit., 2008, p. 1.

> não vai resultar da progressiva regularização, realizada ao longo dos séculos, do espaço que havia sido eleito para a implantação dos principais edifícios institucionais da cidade. Pelo contrário, nos traçados urbanos setecentistas, a praça é pensada de início como o centro da cidade, em termos simbólicos, funcionais e também espaciais[98].



Figura 27: Vista lateral da Praça Dom Eduardo, 2013. Autora: Antoniette Camargo. FONTE: Camargo, 2013.



Figura 28: Vista frontal do Cruzeiro, referência à antiga Matriz de Santo Antônio, 2013. Autora: Antoniette Camargo. FONTE: Camargo, 2013.

O labirinto de ruas, becos e travessas que compõem o espaço urbano original de Patos de Minas, fazem parte de um modelo de ocupação herdado do colonizador português. Pouco interessado em permancer na colônia, saudoso da pátria à qual pretende retornar, o povoador não se incomodou em erguer cidades ordenadas, rigorosamente planeadas pelo engenho humano, como o fizeram os espanhóis na América. Enquanto as cidades destes nasceram em conformidade com um traçado rigoroso, assentadas milimetricamente como "ladrilhos", suas irmãs portuguesas nasceram como frutos de sementes deitadas aleatoriamente ao chão[99].

O perímetro percorrido pelo historiador em Patos de Minas, reporta-o àquela herança lusitana, decalcada para a Villa de Patos, e que permanceu impressa na sua memória urbana, tal qual um palimpsesto: " [...] o largo do Antonio Dias [que] comprehende todo o largo existente donde saen as ruas sete d'Abril e primeiro de Março, beco do fogo ate a esquina de Rita Maria e desta em linha recta ao lado opposto [...] O largo do Caixeta [que]comprehende a casa do vigario, Benedicta, Capitão Pinto, Jacintha e Caixeta [...] (sic)"[100]Mas, também, uma Patos cujos contornos, a lanterna mágica da fotografia teve o dom de preservar:

---

[98]TEIXEIRA, Manuel C., VALLA, Margarida. **O Urbanismo português.** Séculos XIII-XVIII. Portugal-Brasil. Lisboa: Livros Horizontes, 1999, p.256.

[99] Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque. O semeador e o ladrilhador**.** In: Op. cit., p.93-138.

[100] CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 03 de fevereiro de 1874**. Livro de Atas n. 01, Caixa 232, Arquivo Documental de Patos de Minas.



Figura 29: Largo da Matriz de Santo Antônio. Cidade de Patos, final do século XIX. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

Atento ao presente, o historiador segue. Está diante a Rua Tenente Bino. Mais do que transformar-se na desajeitada e enviezada "Travessa dos Queiróz", remanescente do "Beco do Queirós", ela anuncia ao historiador novos problemas: aqueles impressos a partir da magnífica Catedral de Santo Antônio de Pádua.

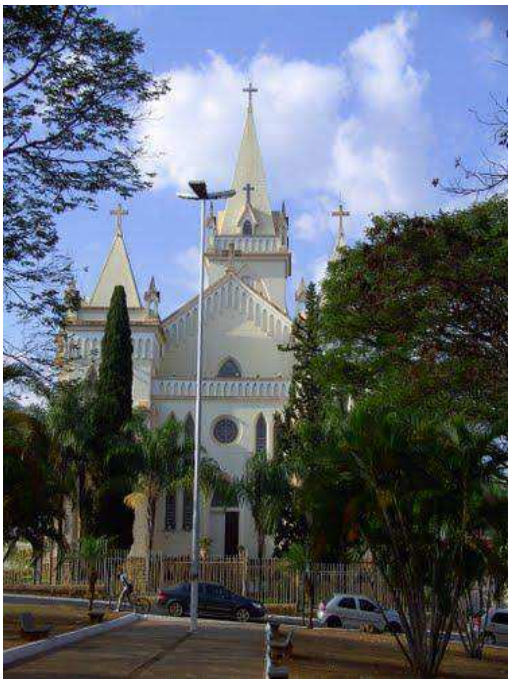


Figura 30: Catedral de Santo Antônio, parte de trás. Em primeiro plano, Praça Dom Eduardo; em segundo plano, Rua Tenente Bino. s/d. FONTE: Panoramio, 2014.



Figura 31: Catedral de Santo Antônio de Pádua, frente. 2013. Autora: Antoniette C. Oliveira. FONTE: Oliveira, 2013.

De acordo com o Inventário de Proteção de Acervo Cultural, embora a *proposta* de construção de uma catedral, que substituísse a acanhada igreja matriz, remonte ao século XIX, mais precisamente a 1892, sua construção, de fato, só ocorreu entre 1934 e 1954[101].

O lapso de tempo é surpreeedente. Sobretudo, porque se trata de um edifício cuja carga simbólica é tão forte quanto a Casa de Câmara e Cadeia. Entretanto, a *posição* em que o prédio foi, finalmente, erguido, causa igual estranhamento. Afinal, foi construído *de costas para a igreja original.* Ora, se quando do começo da sua construção, o Largo da Matriz de Santo Antônio ainda existia, aliás, como a própria capela e posterior matriz, então... "por que" a Catedral fora erguida "ao contrário", de frente para a Rua General Osório e *apenas* em 1934[102]?!

[101]PREFEITURA Municipal de Patos de Minas. **Catedral de Santo Antônio de Pádua.** Pasta: Inventário de Proteção de Acervo Cultural- Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas. Patos de Minas: 2004, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[102] Segundo o informativo da Diocese de Patos de Minas, a primitiva capela foi erguida entre 1831 e 1839. Passou por diversas reformas, até ceder o espaço de culto para a Catedral de Santo Antônio, provisoriamente aberta em

Mais uma vez, a resposta impõe pesquisa. Contudo, é bastante costear a lateral do templo e se posicionar à sua frente, para o historiador compreender que, *necessariamente*, a resposta se articula à nova paisagem urbana que se "desamancha" diante da Catedral.

A área é nobre. Ainda pontilham as duas pistas da Avenida Getúlio Vargas, luxuosas residências erguidas nos princípios do século XX, dentro do mais burguês dos estilos: o eclético.

João Henrique Bonametti[103], considera que a arquiteura eclética teve por "função política" expressar simbolicamente o poderio de uma burguesia que se consolidava no poder, na Europa do século XIX. Em sentido estrito, éclética é a arquitetura que não se furta em associar, em um mesmo edifício, referências estilísticas de diferentes origens. As tendências históricas da tradição ocidental, como a grega, romana, gótica, renascentista e barroca, serviram como "tipos" ou "modelos", livremente associados às "arquiteturas exóticas" como a chinesa, japonesa, indiana ou mourisca, nos projetos dos edifícios ou, ainda, fornencendo figuras para a composição mural destes[104].

Sílvio Colin, porém, esclarece que o ecletismo na arquitetura possui uma historicidade que deve ser compreendida em períodos, aos quais correspondem características específicas[105]. O final do século XIX e início do XX seria, assim, palco do chamado "Ecletismo Tardio" quando a arquitetura eclética conviveu com outras tendências dissidentes, como o *Art Nouveau*, o Expressionismo, e mesmo o Movimento Moderno[106]Foi, pois, esta tendência do eclético que aportou no Brasil em fins do século XIX:

> [...] O Ecletismo chegou ao Brasil da mesma maneira que o Neoclassicismo, como influência cultural direta das poéticas européias. A diferença, é que aqui não havia ainda um processo autóctone de industrialização, sendo os materiais e técnicas, em sua grande maioria, importados, assim como também eram importados os processos culturais. Podemos ainda dizer que a passagem do Neoclassicismo para o Ecletismo é um processo gradual, gerado no interior da "Academia". Até os anos 1870, ainda podemos ver edifícios rigorosamente neoclássicos. A partir daí, o ecletismo vai

1942. A capela foi demolida, finalmente, em 1965. Cf: Diocese de Patos de Minas: <www.diocesedepatosdeminas.org.br>. Acesso em: 13/mar/2014.

[103]BONAMETTI, João Henrique. A Arquitetura Eclética e a modernização da paisagem urbana brasileira. **Revista Científica Fap,** Curitiba, v. 1, p.1-11, jan./dez. 2006.

[104]PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annatereza (org.)**Ecletismo na Arquitetura Brasileira.**São Paulo: Nobel & EDUSP, 1987.

[105] Colin reconhece a existência de um desenvolvimento histórico do ecletismo na Arquitetura, o qual se iniciaria com o "Protoeclético", correspondente às últimas décadas do século XVIII e início do século XIX; um "Alto Ecletismo" correspondente à segunda metade do século XIX e início do XX; e, por último, o "Ecletismo Tardio", de final do século XIX e início do XX. COLIN, Silvio. **Ecletismo na Arquitetura I.** 2010. Disponível em: <http://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/09/28/ecletismo-na-arquitetura-i/>. Acesso em: 07 mar. 2014.

[106] Id., Ibid.

> aparecer, de maneira quase absoluta, até os anos 1930, deixando pouco espaço para outras manifestações como o *Art Nouveau*, o Neocolonial e as poéticas pré-modernas do Classicismo Tardio e do *Art Déco*[107].

Os edifícios de Patos de Minas, que foram erguidos em princípios do século XX, *depois* da Rua Tenente Bino, incluindo aí o edifício da própria Catedral de Santo Antônio de Pádua, possuem as marcas desse "Ecletismo Tardio" citado por Colin. Ainda exibem-se, altaneiros e cheios de orgulho, luxuosas residências e suntuosos prédios públicos, inspirando a reflexão acerca do processo histórico que os originaram:



Figura 32: Antiga residência do Dr. Itagyba Ferreira da Silva. Esquina da R. General Osório c/Av.Getúlio Vargas, 2013. Autora: Antoniette C. Oliveira. FONTE: Oliveira, 2013.



Figura 33: EE. Antônio Dias Maciel, "Escola Normal". Av. Getúlio Vargas, 2013. Autora: Antoniette C. Oliveira. FONTE: Oliveira, 2013.



Figura 34: Casa de Olegário Maciel - Museu da Cidade de Patos de Minas, Av. Getúlio Vargas, 2013. Autora: Antoniette C. Oliveira. FONTE: Oliveira, 2013.



Figura 35: Antiga residência do Cel. Arthur Thomaz de Magalhães, Av. Getúlio Vargas, 2013. Autora: Antoniette C. Oliveira. FONTE: Oliveira, 2013.

[107] Id.**Ecletismo IV.** 2010. Disponível em: <http://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/11/18/ecletismo-iv/>. Acesso em: 07 mar. 2014.



Figura 36: Antiga residência de Adélio Maciel, Rua Olegário Maciel, 2013. Autora: Antoniette C. Oliveira. FONTE: Oliveira, 2013.



Figura 37: EE Marcolino de Barros, Av. Getúlio Vargas, 2013. Autora: Antoniette C. Oliveira. FONTE: Oliveira, 2013.



Figura 38: Palacete de Amadeu e Jorgeta Maciel. Avenida Getúlio Vargas, s/d. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

O propósito de exibição de poder é explícito. Porém, dentre todas as construções, a que leva o papel ao extremo é, sem dúvida, o Palacete de Amadeu e Jorgeta Maciel. Segundo o histórico do imóvel, apresentado no Inventário de Proteção de Acervo Cultural, a memória local dá conta de que Amadeu Maciel ergueu o palacete, em fins da década de 1920, no intuito de satisfazer os caprichos da esposa, Jorgeta:

> [...] Construtor afamado e de hábitos europeizados, Amadeu primeiramente ergueu para sua família um charmoso palacete, localizado perpendicularmente à rua que viria a ser a rua principal de Patos de Minas [o chamado "Palacete Mariana"]. A memória popular, porém, registrou a história de que Jorgeta, apesar da suntuosidade do palacete, via incomodada a cidade crescer e "acontecer" nos limites da Avenida Municipal, de modo que se encontrava impedida, pela localização do Palacete, de "ver" e de ser "vista" pelas

> gentes que percorriam o passeio público. Teria sido por este motivo que exigira do marido e tio uma nova casa, desta vez localizada no coração da vida social de Patos de Minas. No atendimento ao desejo, Amadeu Maciel mandou construir o palacete localizado na avenida que viria a ser a Getúlio Vargas. Por fora, a suntuosa escada já prepara o espírito do visitante: o interior exibe cômodos ricamente ornados e construídos geometricamente em formato de diamantes.[108]

A memória popular conferiu à Jorgeta Maciel preocupações que, do ponto de vista da vivência urbana, tinham "razões de ser". Quando o palacete foi construído, já se encaminhava para o termo o processo de alteração do vetor de crescimento de Patos, iniciado, por força de *indicação legislativa,* no final do século XIX.

Em 1883, o vereador e Agente do Executivo, Olegário Dias Maciel, enviou à Comissão de Obras da Câmara Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos, a seguinte indicação:

> A Commissão de obras. nº 4. Indico que a Camara Municipal pela Commissão de Obras organise um plano para augmento da povoação desta villa pelos lados da chapada, e proponha com urgência as medidas que julgar necessarias tomar para a execução do referido plano. S. das sessões, 18 de Abril de 1883. Olegário (sic). [109]

Embora exíguo, "curto e grosso", o texto é claro. Olegário Maciel indica, explicitamente, que a vila cresça em sentido diametralmente *oposto* ao qual nascera. A "chapada", ou "chapadão", consistia nos terrenos ao sul, depois do Largo do Rosário. Aqueles terrenos eram públicos e faziam parte do *patrimônio de Santo Antônio,* doado pelo casal Silva Guerra. Não raro eram utilizados para "roças, pastos e vallos (sic)" quase dentro da povoação, conforme indicação de providencias, solicitadas pelo Vereador José Dias da Silva, na sessão de 12 de dezembro de 1883, da Câmara Municipal:"O Senhor Dias da Silva obtendo a palavra indicou a Camara que é necessário que se prohiba expressamente afaserem roças nos terrenos pertencentes ao Patrimonio de Santo Antonio, bem como vallos e pastos nos mesmos terrenos (sic)"[110].

Por outro lado, e ao mesmo tempo, a indicação número quatro, feita por Olegário Maciel, também orienta que o crescimento da vila na direção da chapada, se dê de forma

---

[108] PREFEITURA Municipal de Patos de Minas. **Palacete Amadeu Maciel.** Pasta: Inventário de Proteção de Acervo Cultural- Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas. Patos de Minas: 1999, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[109] MACIEL, Olegário Dias. **Indicação à Commissão de Obras Públicas.** Villa de Santo Antônio dos Patos, 18 de abril de 1883. Série: Correspondência Interna. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[110]CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 12 de dezembro de 1883.** Livro de Atas n. 02, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

ordenada, para a qual solicita da Comissão de Obras que elabore um *plano.* Não é exagero deduzir-se que o "plano" a que ele se refere, fosse um *protoplanejamento urbano* capaz de *orientar* a ocupação do vetor sul da vila, de forma racional, técnica e cartesiana.

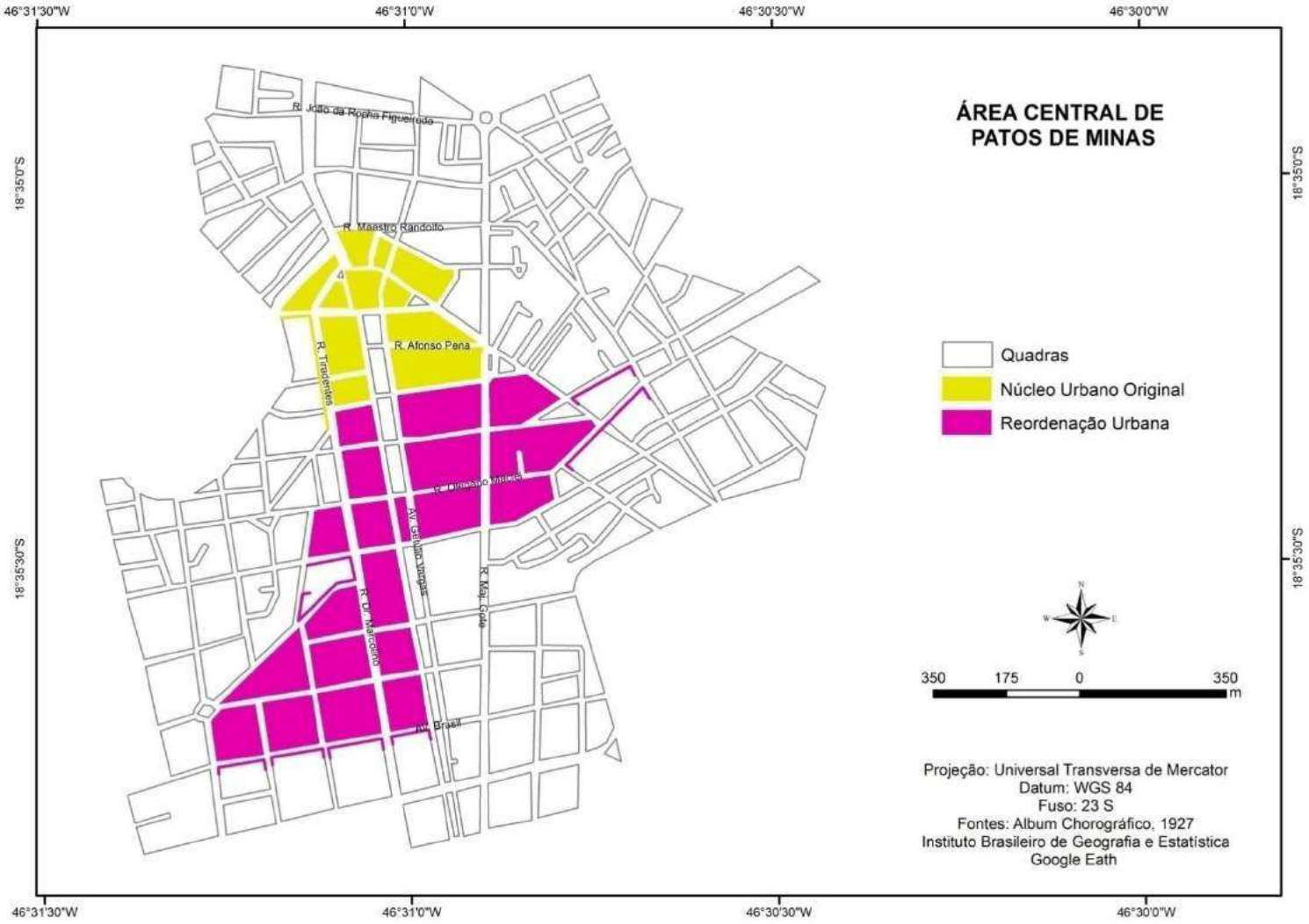
Feita a indicação no dia 18 de abril, *um dia depois* a Comissão acata o pedido de Olegário, apresentando, inclusive, uma proposta urbanística de intervenção. Assim, a documentação permite concluir que o próprio Olegário Maciel já possuía, antecipadamente, o norteamento da configuração urbanística que sua indicação propunha, conforme se depreende do parecer apresentado pela Comissão de Obras na sessão do dia 19 de abril de 1883:

> [...] Parecer da Commissão de Obras sobre a indicação numero quatro: 1º - Que se abra uma rua com largura de desenove metros e quarenta e cinco centímetros, que partindo do largo de Antonio Dias, dirija-se para os lados da chapada, seguindo o alinhamento da casa de Manoel Francisco dos Santos e do Rancho. 2º- Que essa rua se denomine Rua Direita. 3º - Que a Camara mande de cento e cincoenta em cento cincoenta metros abrir ruas transversaes, de quinze metros de largura, perpendiculares a rua Direita. Posto em discussão (...) foi unanimimente approvado [...] (sic)[111].

O olhar do historiador por sobre a malha construída *após* a Travessa do Queirós, observa que o "planejamento urbano" ideado por Olegário Maciel foi seguida *à risca.* Como se pode observar no mapa de número 4, ao contrário da configuração desordenada, que se constituiu ao *norte,* ao redor da capela de Santo Antônio, no *sul* ruas e avenidas largas se entrecruzaram no formato, hoje clássico, de tabuleiro. Se, ao norte, a demarcação surge *depois* da cidade, ao sul, a cidade nasce, primeiro, como "projeto", tal qual o *modelo ideal* renascentista transladado para a América pelos espanhóis:

> [...] Desde a remodelação de Tenochtitlan, [...] a cidade latino-americana veio sendo basicamente um parto de inteligência, pois ficou inscrita em um ciclo da cultura universal em que a cidade passava a ser um sonho de uma ordem e encontrou, nas terras do Novo Continente, o único lugar propício para encarnar. [...] Apesar dos adjetivos que acompanharam os velhos nomes com que designaram as regiões dominadas (Nova Espanha, Nova Galícia, Nova Granada), os conquistadores não reproduziram o modelo das cidades da metrópole [...], mas modelos ideais concebidos

[111] CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 19 de abril de 1883.** Livro de Atas n. 02, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.



Mapa 4: Área Central de Patos de Minas, com destaque para o Núcleo Urbano Original. Autor: João Guilherme Machado. Pesquisa: Rosa Maria F. Silva, 2015.

> pela inteligência, que terminaram impondo-se regular e rotineiramente. O resultado na América Latina foi o desenho tipo tabuleiro de damas, que reproduziram (com ou sem plano estruturado) as cidades barrocas e que se prolongou praticamente até os nossos dias[112].

Olegário Dias Maciel era engenheiro civil. Formou-se em 1878, na "Escola Polytechnica do Rio de Janeiro", a mesma escola que produziu os engenheiros que estiveram à frente de intervenções urbanas emblemáticas no Brasil. Dentre outros: Francisco Pereira Passos, graduado em 1856, responsável pela reformulação do centro do Rio de Janeiro (1903 a 1906); Aarão Reis, graduado em 1874, responsável pelo planejamento e construção de Belo Horizonte (1894 a 1897); Saturnino de Brito, o engenheiro sanitarista, formado em 1886 e responsável, por exemplo, pelo saneamento de Santos (1907)[113].

Como "politécnico", Olegário Maciel dialogava tanto com o ideário positivista e suas relações com o projeto de modernização do país, que viriam a ser caros à República, quanto com os códigos de uma tradição civilizatória, muito próprias do Império. No que diz respeito à tradução urbanística dessas referências, ele foi capaz de criar uma paisagem *ex- nihilo* como faria Aarão Reis com Belo Horizonte. Mas, também, aplicou nela uma referência simbólica da recriação urbana do século XIX: a avenida *Champs Elysées*, projetada por Eugéne Haussman, em Paris[114].

O historiador só "compreende" que a Avenida Getúlio Vargas, outrora Avenida Municipal, é uma espécie de *Champs Élysées* "ao contrário", quando a vê do alto, através do recurso imagético da fotografia:

---

[112] RAMA, Angel. **A cidade das Letras.** Tradução: Mario Vargas Llosa. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 23-28.

[113] Cf. TELLES, Pedro Carlos da Silva. **História da Engenharia no Brasil**. 2 Vols. Rio de Janeiro: LTC, 1984. Especificamente sobre a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, ver também: FERREIRA, Luiz Otávio. **Os politécnicos:** ciência e reorganização social segundo o pensamento positivista da Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1862-1922). Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado em Sociologia.

[114] Sobre as reformas urbanas de Paris, ver: RONCAYOLO, Marcel. Mutações do espaço urbano: a nova estrutura da Paris haussmanniana. **Projeto História: S**ão Paulo, n.18, 1999, p. 91-96; BENEVOLO, L. História da arquitetura moderna. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998; e, ainda, a obra já citada de Sandra Jatahy Pesavento, de 2002.



Figura 39: Av. Getúlio Vargas. Vista aérea, 2008. Autor: Saulo Alves. FONTE: Panorâmio, 2008.

Tanto a *Champs Élysées* quanto a Getúlio Vargas, são grandes avenidas, concebidas em linha "reta", com largos passeios que permitem aos pedestres usufruírem da experiência urbana. Entretanto, se a avenida parisiense possui suas duas pistas *entre* os passeios, a sua versão patense foi concebida tendo *os passeios* no interior das duas pistas:



Figura 40: Avenida Champs Élysées, Paris, s/d. FONTE: Rejseguide365DK, 2014.



Figura 41: Avenida Getúlio Vargas, 2008. FONTE: Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 2014.

Obviamente, a Avenida Getúlio Vargas de Patos de Minas é menor e mais estreita que a sua inspiração francesa. Enquanto a Champs Élysées possui quase dois quilômetros de extensão e setenta e um metros de largura, a patense possui um quilômetro e vinte e cinco. Seus canteiros centrais, tomados longitudinalmente, possuem um formato total de trapézio, estreitando-se na medida em que a avenida adentra o que, um dia, foi a "Chapada". Em seu final, de frente ao "Patos Tênis Clube", somando-se ao canteiro central a Getúlio Vargas possui, apenas, vinte e sete metros. Entretanto, próxima à Catedral e ao Palacete de Amadeu Maciel exibe orgulhosos sessenta metros, apenas onze a menos do que a "congênere" de Paris.[115]

Embora aparentemente "inusitada", a paisagem urbana à frente da Catedral de Santo Antônio de Pádua não provoca no historiador o estranhamento necessàrio à problematização. É certo que poucas reflexões acadêmicas se dedicaram às intervenções urbanas no interior do Brasil republicano, notadamente na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, o sertão inóspito das "Geraes". E, no que diz respeito, especificamente, a Patos de Minas, até o momento, o trabalho inaugural de Roberto Carlos dos Santos, *Urbanização, moral e bons costumes: vertigens da modernidade em Patos de Minas (1900 –1960)* continua sendo o único

[115] Sobre a Avenida Getúlio Vargas, ver: BORGES, Cristina Caixeta. **Análise da paisagem urbana:** o caso da Avenida Getúlio Vargas em Patos de Minas. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. Dissertação de Mestrado em Ciência Florestal, 2008. Sobre as reformas de Paris e a *Champs Élysées* ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 2002.

que iluminou o tema, cabendo à ele o mérito de colocar Patos no mapa das discussões historiográficas que se dispõe a pensar a "cidade" em Minas Gerais[116].

No entanto, esta paisagem não é, por si só, uma novidade. Do ponto de vista, exclusivamente, de uma história do urbanismo brasileiro, ela faz parte de um processo que se iniciou em todo o território nacional, a partir das últimas décadas do século XIX. É o que Murilo Marx chamou de "laicização do espaço urbano", quando o domínio religioso e pessoal da paisagem citadina foi substituído por uma nova racionalidade, tanto política quanto econômica[117].

A inspiração *magistra* das intervenções urbanísticas no Brasil dos oitocentos e início dos novecentos, realmente veio de Paris. Apesar de o termo "urbanismo" ser um léxico relativamente recente, datando de 1910[118], como prática remonta à reformulação da capital francesa no século XIX, entre 1853 e 1870. Sobre o nascimento do urbanismo como intervenção prática, Silva nos conta que,

> [...] O precursor das intervenções na urbe e, conseqüentemente, do que passou a se entender por "urbanismo", foi Georges-Eugène Haussmann, o engenheiro que transformou Paris na cidade mais imponente da Europa, arquétipo do urbanismo oitocentista. [...] As reformas de Paris tiveram lugar entre 1853 e 1870. Foram reformas estratégicas. A cidade havia chegado ao século XIX com um crescimento urbano desordenado, agravado pelo desenvolvimento industrial francês. O aumento da população somava-se a um tráfico urbano caótico, epidemias constantes e uma conturbada situação política, sobretudo devido às revoluções de 1848. [...] Naquele ano, levantes populares conduzidos pela liderança socialista de Louis Blanc, tomaram a cidade. Os becos e ruas tortuosas da Paris medieval facilitavam a constituição de barricadas atrás das quais a massa insurgente se defendia das investidas policiais. Vencida a Revolução, coube ao governo de Napoleão III transformar a face de Paris. A idéia era tornar a cidade um modelo de cidade ordeira, limpa, "livre" dos miasmas insurretos da classe trabalhadora. A tarefa foi deixada a cargo do Barão de Haussmann, o prefeito da capital francesa. [...] Ao longo de doze anos, o Barão expropriou e demoliu ruelas estreitas com antigas e apertadas casas medievais,

---

[116]SANTOS, R. C. **Urbanização, moral e bons costumes:** vertigens da modernidade em Patos de Minas (1900 – 1960). Dissertação. Mestrado em História. UFU: 2002.

[117]MARX, Murilo. **Cidade no Brasil**: terra de quem? São Paulo: Edusp/Nobel, 1991.

[118] Segundo François Choay, o léxico aparece pela primeira vez em 1910, no Boletim da Sociedade Geográfica de Neufchatel. Cf. CHOAY, François. **O urbanismo.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1979, p.2. Já o termo *urbanização,* referenciando-se a uma intervenção *sobre a urbe,* é um neologismo criado pelo "Engenheiro de Caminhos" Ildefonse Cerdá, responsável pelo plano de expansão e reforma de Barcelona, levado a termo em 1867. Cf. BENEVOLO, L. História da arquitetura moderna. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

> criando uma capital ordenada sobre a geometria de grandes avenidas e bulevares com novos espaços de lazer e saneamento[119].

É claro que a força das "representações" construídas em torno de Paris como "ícone da cidade civilizada", impulsionaram a exportação do seu projeto urbanístico. Contudo, mesmo que transformações dos espaços estivessem ocorrendo em várias cidades da Europa, foi Paris e não outra, a cidade que se tornou o arquétipo do urbanismo do século XIX. No caso brasileiro, ainda que Aarão Reis tenha se inspirado na argentina "La Plata", quando projetou as ruas em plano ortogonal, atravessadas pelas grandes avenidas de Belo Horizonte, foi uma referência a Paris que marcou o seu projeto da "Praça da Liberdade". Raciocínio idêntico se aplica às reformas do Rio de Janeiro, conduzidas por Pereira Passos e Paulo de Frontim.[120]

No que diz respeito à região oeste de Minas Gerais, notadamente o Triângulo, Luiz Augusto Bustamante Lourenço dá conta de que o fenômeno é praticamente o mesmo. Se até o início de 1870, as aglomerações urbanas exibiam-se dentro do formato colonial típico, qual seja: *um adro retangular no centro da localidade, dominado por uma igreja ou capela, ladeado por edificações de taipa ou adobe, com arruamento perpendicular dos lados*[121], entre 1888 e o final do século XIX, pelo menos três delas também viram seus espaços transformados:

> [...] Os núcleos urbanos do Triângulo Mineiro não escaparam dessas mudanças, notadamente após a chegada dos trilhos da Mogiana. Uberaba, Uberabinha e Araguari tiveram suas plantas urbanas ampliadas e modificadas com a ferrovia, entre 1888 e o final do século XIX. Estas cidades, nascidas nas vertentes de córregos e rios, estenderam seus traçados até as estações ferroviárias e trilhos, que normalmente atravessavam o alto das chapadas. Esses prolongamentos se fizeram por avenidas largas e ajardinadas, em linha reta, interrompidas por praças ladeadas por edifícios públicos.[122]

---

[119] SILVA, Rosa Maria Ferreira. Cidade e Urbanização, Progresso e Civilização. Reflexões sobre a cidade oitocentista no sertão das Gerais, (Patos de Minas, 1868 -1933). **História e Perspectivas**, Uberlândia (49): 407-438, jul./dez. 2013, p.415-416.

[120]Sobre as reformas urbanas consultar a obra já citada de: PESAVENTO, Sandra Jatahy, de 2002.Quanto a Belo Horizonte, a cidade foi "criada e arquitetada" para ser a capital de Minas Gerais. A decisão foi tomada em 17 de dezembro de 1893 pelo Congresso Mineiro, reunido em Barbacena, MG. Pouco depois, em 14 de fevereiro de 1894, o governo mineiro promulgou regulamento de criação da Comissão Construtora, no qual nomeou o Engenheiro Aarão Reis responsável pelo planejamento e chefia do projeto. Foi a primeira vez, no Brasil, que se planejou a construção de uma cidade "em moldes modernos e civilizados". Cf: COSTA Ângela; SCHWARCZ, Lília Moritz. **1890 – 1914**: nos tempos da certeza**.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.39.

[121] LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **Das fronteiras do Império ao coração da República:** o território do Triângulo Mineiro na transição para a formação sócio-espacial capitalista na segunda metade do século XIX. Tese de Doutorado em Geografia Humana. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007, p. 257.

[122] Id., Ibid., p.264.

Tanto no oeste de Minas Gerais quanto no interior de São Paulo, a chegada da estrada de ferro foi o diferencial para a alteração de paisagens urbanas. Sobre as cidades do interior paulista, Paula Landim observou que a paisagem estruturada a partir das ferrovias, de um modo geral consistiam na praça principal, fronteiriça à Igreja Matriz, por sua vez rodeada pelos palacetes dos cafeicultores. A praça principal ligava-se à estação ferroviária através de larga avenida, na qual fervilhava o comércio. Ao final da avenida, a linha férrea, na maior parte dos casos, terminou por representar um obstáculo ao crescimento urbano, ensejando sua posterior retirada. Em se tratando das ruas, traçadas do "velho centro" à estação, foram concebidas em quadrículas, cruzadas perpendicularmente umas às outras. [123].

Estudando as transformações de Uberaba, Araguari e Uberlândia, a então "Uberabinha", Lourenço reconheceu o mesmo padrão de evolução urbanística: com a chegada da Estrada de ferro Mogyana, a paisagem foi alterada de forma similar às cidades do interior paulista descritas por Landim.[124]

Em se tratando de Patos de Minas, porém, a construção da paisagem urbana no vetor sul, *não decorreu da chegada dos trilhos de uma estrada de ferro.* Pelo contrário. A estrada de ferro... jamais chegou ali[125].

Também não passa despercebido ao historiador os nomes de família presentes nos "dois lados" do núcleo original de Patos. Se, ao norte, casas e ruas falam de "Borges, Caixeta e Queiróz", ao sul, palacetes, avenidas e prédios públicos reverberam outros nomes: Ferreira da Silva, Pacheco, Barros, Magalhães e... *Maciel.*

Ligados às patentes da Guarda nacional, um dos mais importantes esteios da monarquia, os "Dias Maciel" espalharam seus nomes em toda a paisagem urbana que se construiu à frente do antigo Largo da Matriz: Coronel Antônio Dias Maciel, Coronel Farnese Dias Maciel, Major Jerônimo Dias Maciel, Major Sesóstris Dias Maciel (Major Gotte), Adélio Dias Maciel, Amadeu Dias Maciel, Olegário... Dias Maciel. O mesmo Olegário Maciel que nomeia não

---

[123] Cf. LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana:** as cidades do interior paulista. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

[124]Cf. LOURENÇO, Op.cit. Em se tratando do fenômeno em Uberlândia, consultar: LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. **Uberlândia:** histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos: memórias, construção e apropriações dos espaços. Uberlândia, EDUFU, 2010.

[125] O transporte ferroviário servia a cidade de Patos através da Estrada de Ferro Goiaz, cujos trilhos chegavam até a Estação da Catiara, distante cerca de 90 quilômetros. Embora a defesa de que os trilhos chegassem à Patos tenha tomado boa parte do início do século XX, sobretudo através dos jornais, o projeto só "sairia do papel" em 1947. Porém, em 1954, logo após o suicídio de Getúlio Vargas, as obras foram abruptamente abandonadas. Finalmente, o projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, que optou pelo investimento no sistema de transporte rodoviário, em detrimento do ferroviário, terminou levando ao abandono definitivo das obras iniciais.

apenas o museu e uma das ruas de Patos de Minas, mas uma cidade inteira, Presidente Olegário, e uma rua ou avenida *na maior parte das cidades brasileiras*.

Cabe ao historiador perguntar-se *por que.*

A memória urbana, inscrita nas pedras, funciona, aqui, como indicativo. Aponta para um descompasso entre o "que se diz" da cidade e o que "se lembra" dela. É sobre esse espaço urbano seccionado em dois, que as "gentes" se movimentam, mostrando ao historiador atento à experiência do presente, que diferente da representação de uma cidade "tranqüila, festiva e hospitaleira", a memória reporta-se à *violência*, dando conta de um lugar marcado por disputas.

Os rastros de conflitos, estes sim bem mais identificadores da pertença cultural dos indivíduos, se encontram em todos os lugares, até nos mais insuspeitos. Nos gentílicos: são *patenses* os que nascem em Patos; *paturebas* os que se mudam para lá; *patifes* os que a abandonam. No futebol, são inimigos juramentados os torcedores da URT - União Recreativa dos Trabalhadores e os do Mamoré. Nos clubes noturnos, os que são freqüentadores da "Recreativa", não vão ao "Social". Nos canais de comunicação, cerram fileiras nas violentas disputas políticas locais, de um lado os partidários de Elmiro Alves do Nascimento, sobrinho bisneto de Olegário Maciel, através do "Sistema Clube de Rádio" e, de outro, os partidários de Arlindo Porto Neto, através da "Nossa TV", a NTV, e da Super Rádio Patos. Aparecem, ainda, na memória "bilontra" dos "causos", como um dos vários, narrados por Donaldo e Pompéia:

> [...] A década de 50 foi muito rica, de uma criatividade invejável. Não sabemos o porquê. Aqui em Patos, então, nem se fala! Esta história, por exemplo, ocorreu naquela época. E ficou nos anais da Capelinha do Chumbo. Foi programado, na eleição para Prefeito e Vereadores, um comício no centro daquele lugarejo. Montaram o palanque, que era um velho caminhão, com alguns apetrechos em volta. Som mesmo, não havia, parece que não existia na época. A UDN despontava como um partido de intelectuais. E a grande representante daquela região e candidata a vereadora era a já famosa Elvira Porto. A família Porto, não sabemos por que, ficou dividida: uma parte com a UDN e a outra com o PSD. Iniciou-se uma fofoca, no lugarejo, de que não iria acontecer o tal comício da UDN naquele dia. Que precisava existir "homem" para aquele fato se realizar. E para quem não conheceu Capelinha do Chumbo, fica o esclarecimento: era, de fato, um local onde acontecia crime quase diariamente. Então, não seria surpresa mais um ou dois crimezinhos naquele dia. Credo! Dona Elvira Porto ficou sabendo da conversa. E, como nós conhecemos a dama, podemos afirmar que ela virou um bicho. Alguns familiares eram contra o comício, por causa do clima de tensão que reinava na localidade. Medo de algum tiroteio e, até mesmo, de a Elvira ser atingida por algum maluco. Mesmo assim, lá pelas 16 horas, é dado início ao histórico comício. E sabe quem inicia o falatório? Ela,

> Elvira Porto. E depois de deitar e rolar, falando mal dos pessedistas, num momento de grande entusiasmo, arranca os botões da blusa, ficando apenas de sutiã (daqueles de armação de metal e muita borracha). E diz, aos berros: _ Se existe algum homem aqui, capaz de matar uma udenista, atire! Até nós da UDN, que estávamos lá, saímos de fininho...[126]

Igualmente, os conflitos ecoam através do tempo, mostrando que o passado, não raro, era bem menos risível do que a memória bilontra faz supor. O historiador observa seus rastilhos, bastando deitar os olhos, aleatoriamente, no noticiário do Jornal "O Trabalho", entre 1905 e 1906:

> 30.nov.1905. "Assassinato do Sr. Eduardo Conrado".
> 18. mar. 1906. "Efetuada a prisão de Pedro Rodrigues Barbosa suspeito de haver assassinado seu companheiro José de Tal".
> 18. mar. 1906. "Presos dois criminosos que haviam barbaramente assassinado a Conrado de Tal".
> 25. mar. 1906. "Criminosos em Patos – Os motivos da existência do grande número de criminosos sem repressão nos diversos distritos do município'
> 01. abr. 1906. "Assassinado Sr. José Flávio"
> 13. mai. 1906. "Polícia preventiva e repressiva - a polícia preventiva e repressiva na cidade"
> 16. dez. 1906. "Os sucessos do dia 11: grande conflito, morte e ferimentos - No dia 11/12 a cidade de Patos foi surpreendida por tiros, violência e mortes. O desfecho desta saga foi a constatação de 4 mortos, 2 feridos, além de viúvos e órfãos"(sic).

As vozes que assopram do passado ao historiador, também dão conta de conflitos que reverberam, até a atualidade, nas relações sociais e políticas de Patos de Minas. Elas são trazidas do passado através das *memórias dos sujeitos*, registradas nas falas, nos documentos privados, nas cartas, nos diários e destes em documentos públicos:

> A rivalidade entre Borges e Maciéis, deita raízes profundas, pois há mais de oitenta anos essas tradicionais famílias patenses vêm digladiando-se no terreno político. [...] Ambas as famílias produziram varões ilustres que as dignificaram e elevaram bem alto o nome da cidade. [...] A rivalidade entre Borges e Maciéis teve o mérito de proporcionar à cidade múltiplos benefícios, pois estimulou a uns e a outros a realizarem grandes empreendimentos[127]

---

[126] TEIXEIRA, Donaldo Amaro; NASCIMENTO, Manoel Mendes. **Patos de Minas:** histórias que até parecem estórias...Belo Horizonte, 1993.

[127]Suplemento Patos de Minas, do Jornal Diário de Minas, de 24 de maio de 1958, extraído do Convite de Exposição de Fotografias, "Famílias Tradicionais Patenses, promovida em 1995 pela Prefeitura de Patos de Minas,

> [...] Nísio Batista de Oliveira, Presidente do Tribunal de Justiça, em consonância com o pensamento do Vilas: "A política em Patos é extremada, Maciéis e Borges não se entendem. Mandar para lá um Juiz de família de uma das facções vai exacerbar mais aquela luta".
>
> [...] E, olhe lá, Custódio, o que você vai me aprontar. Os Maciéis não me perdoarão _ observou o par do Presidente, como a se eximir do grave erro que cometia: os Maciéis, "os amigos" a quem o doutor Vilas intimamente se vinculava, conforme testemunho, também, de Paulo Pinheiro Chagas [...][128]

Essa memória, é claro, se encontra nas ruas: na sua nominação, na sua disposição, mas, também, nas significâncias inerentes aos seus monumentos. Não é sem surpresa que o historiador se dá conta de que o busto de Olegário Maciel foi plantado na quadra central da "Avenida Municipal", justamente... de *costas* para a parte da cidade em que viviam os "Borges":



Figura 42: Busto de Olegário Maciel, 2013. Autora: Antoniette C. de Oliveira. FONTE: Oliveira, 2013.

Perguntar-se, pois, acerca da construção da cidade de Patos de Minas implica, necessariamente, indagar a respeito dos sujeitos que a ergueram. Seus nomes e suas memórias

através de seu "Centro Histórico Cultural". Ref.: CONVITE PARA EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS: "Famílias Tradicionais Patenses: Borges e Maciel". Patos de Minas, 1995. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas, Pasta: Famílias Tradicionais.

[128] Id. Ibid., p. 31.

encontram-se impressos nas pedras, nos vãos, nas escadas e corrimãos que ainda guardam as marcas do seu conflito, refletindo-o não como eco fugidio de um passado morto. E sim, como a lembrança perene, insidiosa, que provoca no historiador de ofício a necessidade de enfrentá-la. Quando ele, finalmente, se pergunta a respeito da construção da cidade de Patos de Minas, sabe que sua problematização não se encerra na sua morfologia. Ao contrário, *decorre* dela. Desta forma, entende que a compreensão do processo histórico que levou à *configuração do núcleo urbano original de Patos*, impõe lançar luzes sobre o conflito travado entre "Borges e Maciéis[129]" durante a Primeira República.

É o que a historiadora deste trabalho, se propõe, nas páginas do próximo capítulo.

[129]A referência à família Maciel por "Maciéis" é usual em Patos de Minas, até a atualidade. A utilização do plural foi, inclusive, objeto de justificativa no Jornal *Cidade de Patos* de 9 de abril de 1916, em artigo intitulado "Aula de Língua Nacional". O autor de pseudônimo *Ajacarandesca Ferula* adverte: "Os nomes proprios em via de regra não admitem plural, mas redusidos a substantivos cummuns, isto é empregados para designar classes ou especies tomam o signal de plural. [...] E exemplifica: Quando familias diversas ou membros de uma mesma familia. v.g. *os MACIÉIS em PATOS* têm influência politica incontestável [...]". In: Aula de Lingua Nacional. **Cidade de Patos**. Patos, Anno II, n.64, 9 abr. 1916, p.2. (Grifos nossos). Assim, considerando-se o usual na cidade, também optou-se, neste trabalho, pela referência à família como os "Maciéis".

II. borges e maciéis: as elites em conflito

II.1. a título de contexto: o pacto político da Primeira República

A relação entre famílias, poder local e mandonismo, é algo recorrente na história política brasileira. Trata-se de um dos frutos mais evidentes do modelo de colonização, imposto ao Brasil pela metrópole portuguesa. A predominância do latifúndio agroexportador, baseado em mão de obra escrava, somado à descentralização política, favoreceu a constituição de núcleos familiares compostos por vasta parentada e agregados. Ensimesmados, e não tolerando nenhuma pressão de fora, ergueram seus próprios códigos de autoridade por sua vez emanados da vontade pétrea do *pater famílias*. Este modelo se imiscuiu na vida política do país, impondo ao *público* os cânones de convivência e fidelidade trazidos do universo *privado*.

> [...] O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. A nostalgia dessa organização compacta, única e intransferível, onde prevalecem necessariamente as preferências fundadas em laços afetivos, não podia deixar de marcar nossa sociedade, nossa vida pública, todas as nossas atividades. Representando, como já se notou acima, o único setor onde o princípio da autoridade é indisputado, a família colonial fornecia a idéia mais normal do poder, da respeitabilidade, da obediência e da coesão entre os homens. O resultado era predominarem, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família[130].

É sobre esta herança colonial que se constituíram os clãs[131] políticos familiares, especialmente em Minas Gerais. Em artigo hoje clássico, Cid Rabelo Horta afirma que a história

---

[130] HOLANDA, Sérgio Buarque. Op. cit., 1995, p. 82.

[131] O clã é uma organização social na qual se agrupam indivíduos que mantém entre si laços de parentesco e ou linhagem, admitindo, ainda, uma origem ancestral comum, seja ela mítica, totêmica ou humana. Ao mesmo tempo, além dos laços consangüíneos, o clã admite indivíduos por adoção e casamento, ampliando-se para além dos laços genealógicos. No caso do Brasil, a própria estrutura colonial descrita acima favoreceu o nascimento de grupos políticos familiares organizados de forma clânica, ou seja, estruturados a partir de um fundador comum, pelo parentesco sanguíneo e pelas relações de compadrio. Sobre as relações de parentesco e o conceito de clã, dentro

política mineira é a história de suas grandes famílias. Dentre estas, Horta reconhece o núcleo Maciel de Patos de Minas e sua rixa com os Borges:

> [...] O chamado clã de Joaquina do Pompéu é ainda hoje dono de um vasto domínio político. Tem como seus grandes núcleos Pitangui, onde trava acesa luta; Pompéu, onde a situação nunca deixou de ser inteiramente sua, Dores do Indaiá, onde domina desde 1860, Abaeté, onde os chefes das duas facções pertencem à família, e Pará de Minas, estendendo a sua influência ainda pelos municípios de Curvelo, onde tem elementos chefiando as duas facções antagônicas; São Gonçalo do Pará, Mateus Leme. *Em Patos de Minas, os seus parentes Maciel sustentam uma luta quase secular com os Borges*, que se destacam entre os primeiros povoadores do Oeste (Grifos nossos)[132].

Embora a documentação pesquisada permita situar a origem dos conflitos entre Borges e Maciéis no alvorecer da República, a disputa só se explicitaria na República Velha, quando se tornaram comuns as lutas políticas entre clãs familiares. Estes conflitos são, em geral, compreendidos como resultantes do Coronelismo, subproduto mais evidente da Política dos Governadores, inaugurada por Campos Salles em 1898.

É importante ressaltar, porém, que o fenômeno do Coronelismo no Brasil é extremamente complexo; aliás, como já adiantava o estudo pioneiro de Victor Nunes Leal, *Coronelismo, enxada e voto,* de 1948[133]. Contudo, para o autor, "há tanta semelhança nos aspectos essenciais que podemos antecipar um exame de conjunto com os elementos disponíveis"[134]. Sendo assim, estas semelhanças tipificariam o Coronelismo como um fenômeno datado, entre 1889 e 1930. Situado numa conjuntura econômica específica, qual seja, a decadência econômica dos fazendeiros, teria acarretado o enfraquecimento político dos

---

da Antropologia Estruturalista, ver: LEVI-STRAUSS, Claude. **El futuro de los estúdios de parentesco.** Barcelona: Anagrama, 1982.

[132] HORTA, Cid Rebelo. Famílias governamentais de Minas Gerais. ln: **Seminário de Estudos Mineiros 2.** Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1956, p. 72. Sobre a matriarca Joaquina do Pompéu e o clã constituído a partir dela, ver: NORONHA, Gilberto Cezar. **Joaquina do Pompéu.** Tramas de memórias e histórias nos sertões do São Francisco. Uberlândia: EDUFU, 2007.

[133]LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto:** o município e o regime representativo no Brasil. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Do ponto de vista conceitual, quem melhor empreende um esforço em diferenciar "mandonismos, clientelismo e coronelismo", é José Murilo de Carvalho, em artigo referência, publicado em 1997. Ver: CARVALHO, José Murilo. Mandonismo, coronelismo e clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados,** Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v.40, n.2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200003>. Acesso em 10 nov. 2014.

[134]Id. Ibid., p.43.

coronéis face a seus rivais, exigindo a presença do Estado para a manutenção de seu poder. Decorre, pois, desta leitura, uma definição do Coronelismo como:

> [...]um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao presidente da República em troca do reconhecimento deste de seu domínio no estado. O coronelismo é fase de um processo mais longo de relacionamento entre os fazendeiros e o governo. O coronelismo não existiu antes dessa fase e não existe depois dela. Ele morreu simbolicamente quando se deu a prisão dos grandes coronéis baianos, em 1930. Foi definitivamente enterrado em 1937, em seguida à implantação do Estado Novo e à derrubada de Flores da Cunha, o último dos grandes caudilhos gaúchos[135].

Todavia, conforme lembra José Murilo de Carvalho, esta interpretação acabou gerando uma tipificação simplista do fenômeno e, ainda, do próprio "Coronel". Desenhado pela historiografia inspirada em Leal, como o "grande latifundiário isolado em sua fazenda, senhor absoluto das gentes e das coisas"[136], este personagem "tardo e solene", desprovido de teorias e não raro de letras, não resistiria às pesquisas que colocariam a temática dentro do quadro de complexidade da história política brasileira[137].

Igualmente, a documentação que embasa esta pesquisa, levou a historiadora do presente trabalho a rejeitar a interpretação do Coronelismo inspirada em Victor Leal e assumir, em outra direção, a leitura apresentada por Raymundo Faoro, na obra clássica *Os donos do poder*: longe de ser um fenômeno circunscrito ao período que vai da Proclamação da República ao Movimento de 1930, o Coronelismo não foi nenhuma novidade no teatro das relações políticas do Brasil republicano. Pelo contrário, fazia parte da configuração política do país desde o Império:

---

[135] CARVALHO, José Murilo, Op. cit., 1997.
[136] Id. Ibid.
[137]Dentre outros, ver: CARONE, Edgard. Coronelismo. Definição Histórica e Bibliografia. **Revista de Administração de Empresas.** v. 11, n. 3, p. 85-89, 1971; VILAÇA, M.V; ALBUQUERQUE, R.C. **Coronel, coronéis.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: UnB, 1978; PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e Oligarquias, 1889-1943.** A Bahia na Primeira República. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. t. III, v. 1; GUALBERTO, João. **A invenção do coronel:** ensaios sobre as raízes do imaginário político brasileiro. Vitória: UFES, 1995; JANOTTI, Maria de Lourdes. **O coronelismo: uma política de compromissos.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

> [...] O sistema imperial, como largamente se discorreu, parte do centro, com os nomeados e não eleitos presidentes de província, em regra ativos apenas na fase eleitoral, com o apoio do instrumento manipulado verticalmente, a partir da corte, _a Guarda Nacional, ajudado no domínio dos meios locais de compressão e fraude. Nos primeiros arrancos republicanos, com o Exército na chefia do governo e nomeados os governadores _nomeação que ainda será regra com Floriano, a estrutura não sofre alterações. A dinâmica do regime, eletivos os cargos, sobretudo o de Governador, leva a deslocar o eixo decisório para os Estados, incólumes os grandes, cada dia mais, à interferência do centro, garantindo-se e fortalecendo-se este com o aliciamento dos pequenos, num movimento que culmina com a política dos governadores. Dentro de tal seqüência é que se afirma o *coronelismo*, num casamento, cujo regime de bens e relações pessoais será necessário determinar, com as oligarquias estaduais. [...] O fenômeno coronelista não é novo. Nova será sua coloração estadualista e sua emancipação no agrarismo republicano, mais liberto das peias e das dependências econômicas do patrimonialismo central do Império[138].

O entendimento da nova coloração que o Coronelismo sofrerá com a República, impõe que se compreenda a tessitura do arranjo político que levou à configuração da Política dos Governadores, esta sim, o "pano de fundo" sobre o qual se assentaram as disputas familiares do primeiro período republicano.

A despeito da clássica expressão de Aristides Lobo, de que o povo assistira ao episódio de 15 de novembro "bestializado", para além das questões relativas à participação popular, a historiografia compreende que a República não nasceu de "chofre". O novo regime se constituiu no bojo de um longo processo de esgarçamento da Monarquia, dentro do qual a publicação do Manifesto do Partido Republicano em 1870, pode ser considerada um marco[139].

Ainda que a primeira Constituição republicana tenha celebrado como forma de governo uma República Liberal e Federativa, garantindo a autonomia dos Estados e instituindo, formalmente, um regime democrático representativo, a Carta não conseguiu equacionar, dentre outros, o problema da interação entre o poder central e os poderes regionais. Deste modo, quando Campos Salles chegou à Presidência da República, em 15 de novembro de 1898, além das conseqüências do *Encilhamento,* a desastrosa política econômicade Rui Barbosa[140],

---

[138] FAORO, Raymundo. **Os donos do poder.** Formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 1993. 2v, p. 621.

[139] Cf. RESENDE, Maria Efigênia. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo do liberalismo excludente:** da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 93.

[140] Sobre a política econômica de Rui Barbosa, José Murilo de Carvalho oferece os seguintes esclarecimentos: "[...] devido à necessidade de aplacar os cafeicultores, especialmente do estado do Rio, e de atender a uma demanda

também precisou enfrentar uma forte crise política. Dentro desta, destaca-se a relação conflituosa entre municípios e Estados:

> [...] Uma síntese do quadro de relações entre municípios e estados, no período compreendido entre 1889 e 1898, quando Campos Salles assume a Presidência, aponta para uma série infindável de conflitos e confrontos, muitos deles violentos, nos estados, desde os primeiros momentos de vida republicana. Nos municípios travam-se lutas entre facções rivais, visando a obter o controle da política local e, via de regra, posicionar-se na condição de aliado da oligarquia que obtém o poder no estado, seja ela uma pessoa, uma família ou um grupo de famílias, entrelaçadas por casamentos, alianças políticas, interesses econômicos ou o controle de funções públicas. No nível do estado, a disputa entre as facções oligárquicas é quase uma constante[141].

Coube a Campos Salles a execução de um arranjo político denominado por ele mesmo de "política dos estados". Neste arranjo se estabeleceram relações de compromisso entre os executivos federal e os estaduais, permitindo um legislativo coeso no plano federal. A costura do acordo deu-se com base em três grandes colégios eleitorais: Minas Gerais, com 37 deputados; São Paulo com 22 e Rio Grande do Sul, com 16[142]. O objetivo era garantir "o apoio das representações estaduais no legislativo federal para a execução de uma rígida política financeira destinada ao pagamento de uma vultosa dívida externa e a recuperação do equilíbrio das finanças do país"[143]. Face ao imperativo de sanear as finanças seriamente agravadas pela política do Encilhamento, em troca de uma bancada que votasse, *incondicionalmente*, nas propostas do Executivo federal, este se comprometia em não interferir nos assuntos relativos à política estadual.

O arranjo requereu dos governadores uma articulação positiva com os chefes políticos locais, de modo que garantissem a vitória dos candidatos dos partidos republicanos estaduais,

---

real de moeda para o pagamento de salários, o governo imperial começou a emitir dinheiro, no que foi seguido com entusiasmo pelo governo provisório, este preocupado também em conquistar simpatias para o novo regime. Concedido o direito de emitir a vários bancos, a praça do Rio de Janeiro foi inundada de dinheiro sem nenhum lastro, seguindo-se a febre especulativa, bem descrita no romance de Taunay, O Encilhamento".CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados:** o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 20.

[141]RESENDE, Maria Efigênia Lage. Op. cit., 2006, p. 113.

[142] A Bahia representava um colégio eleitoral maior do que o Rio Grande do Sul contando, como São Paulo, com 22 cadeiras de deputados. Entretanto, Campos Salles não conseguiu um acordo conclusivo com o Estado, uma vez que este vivia uma situação crônica de instabilidade política. Os turbulentos coronéis baianos enfrentavam o governador inclusive militarmente. Assim, o apoio à Política dos Governadores veio do Rio Grande do Sul, através de Pinheiro Machado, *"um hábil articulador dos interesses de várias oligarquias estaduais com menor representação na Câmara Federal".* Cf.: RESENDE, Maria Efigênia Lage.Id. Ibid., p. 117.

[143] Ibid., p.115.

por sua vez responsáveis pela votação nas propostas do governo federal. Desta forma, o epicentro do jogo político e a pedra angular da Política dos Governadores deslocaram-se para os municípios e seus "Coronéis". Competiu a estes últimos *ganhar* as eleições, a qualquer custo e a qualquer preço, garantindo, assim, a satisfação dos interesses e necessidades dos seus municípios dentro da máquina estadual.

Por outro lado, embora possa parecer, a relação entre o Governador e os Coronéis não tornava os primeiros reféns dos segundos. Quem "permitia" ao Coronel o poder de governar um município era... o Governador. Conforme observa Raymundo Faoro, para "calçar a palavra autoritária dos governadores",

> [...] havia, em primeiro lugar, o sólido comando do governo estadual, reconhecido pelo presidente da República, de acordo com a fórmula da política dos governadores. Sobre essa base, erigia-se o credo partidário, com o poder do governador de cancelar, orientar e dominar as eleições municipais, bem como de controlar a comuna por meios financeiros, no comando dos assuntos partidários por via dos coronéis a eles leais, no aliciamento do voto, por parte dos chefes locais, com o emprego dos recursos suasórios e, se necessário, da fraude ou da violência. Para a garantia do sistema, junto ao governador, atuava a milícia estadual, miolo da força policial, capaz de chamar à ordem os coronéis esquecidos da hierarquia[144].

Finalmente, nos casos em que fossem eleitos candidatos contrários aos interesses do Governador e, por suposto, da administração federal, a legislação eleitoral permitia, ainda, um último recurso: a "*degola".* Como os candidatos eleitos estavam sujeitos à reconfirmação de seus mandatos junto ao Congresso e à Presidência da República, as Comissões Verificadoras simplesmente não reconheciam a eleição de membros infensos ao grupo dominante.

É sobre este pano de fundo que se compreendem as disputas entre facções familiares, no nível municipal, durante a Primeira República. Inserem-se dentro desta perspectiva a maior parte dos conflitos travados em diversas localidades do Brasil. Afinal,

> [...] sempre que um chefe se desprestigiava, prejudicando as eleições ou 'desgostando' o governador, perdia o lugar, para outro, em geral ávido de elevar-se, em impiedosa concorrência, muitas vezes estimulada pelas rivalidades familiares."[145]

Entretanto... mesmo que a disputa entre Borges e Maciéis seja contemporânea da dominação coronelista e dos seus vínculos com o governo estadual, a rixa daquelas famílias

[144]FAORO, Raymundo. Op. cit., 1993, v.2, p. 630.
[145] Id., Ibid., p.630-631.

possuía uma "gradação de cores" que não permite conformá-la, *exclusivamente*, à disputa por favores junto ao governo do Estado. Por mais que a rivalidade entre Borges e Maciéis desaguasse, via de regra, nos pleitos eleitorais, ela possuía elementos de conflito cujas explicações não se encerram na dinâmica de compromissos estabelecida pela Política dos Governadores. Por isso, é mister que a historiadora retrace o perfil e a trajetória de Maciéis e Borges, de modo a recolocá-los, enquanto sujeitos, no processo através do qual se embateram.

II.2. coronéis de diploma: os Maciéis

A família Dias Maciel e seus correligionários políticos, estiveram à frente do Executivo de Patos, por quase um século: entre 1868 e 1954.

Contudo, conquanto o recorte eleito para a pesquisa seja o período de 1889 a 1933, é importante compreender que a noção de pertença familiar dos Maciéis, bem como os traços gerais que os identificava à sua classe social, relacionava-se, intimamente, à herança cultural que traziam do *Império*.

Sua organização familiar, dentro da qual é possível observar, inclusive, certa "divisão de tarefas" políticas, correspondia às feições clânicas, típicas das famílias extensas que povoaram as Minas Gerais: pais fundadores, relações de parentesco, orgulho da linhagem, solidariedade baseada nos interesses familiares sobrepostos aos interesses comuns[146]. Ao mesmo tempo, tratava-se de um grupo amplamente cultivado, para quem a educação à francesa era tão marca discricionária quanto títulos nobiliárquicos e patentes da Guarda Nacional. Por fim, um acento diferencial concorria para compor o perfil do que viria a ser o grupo situacionista de Patos até a década de 1950: a simpatia pelo protestantismo. Cabe observar mais de perto, cada um desses elementos.

A constituição da família Maciel na cidade de Patos remonta a 1858, quando os irmãos Antônio e Jerônimo Dias Maciel chegaram ao povoado, migrando de Bom Despacho do Picão, distrito de Pitanguy, em Minas Gerais[147].

---

[146] Cf. HORTA, Cid Rabelo. Op., cit., 1956. Sobre a participação familiar das elites mineiras na trama política, além de Horta, consultar os trabalhos clássicos de: CARVALHO, José Murilo. Barbacena: a família, a política e uma hipótese. **Revista Brasileira de Estudos. Políticos.** Rio de Janeiro, n. 20, 1966; REZENDE, Oswaldo. **Genealogia das tradicionais famílias de Minas Gerais.** São Paulo: Empresa gráfica da Revista dos Tribunais, 1969. Além destes, consultar, também, os trabalhos mais recentes de: BRÜGGER, Silvia Maria Jardim.**Minas patriarcal:** família e sociedade, São João del Rei, séculos XVIII e XIX. Annablume, 2007; DE ANDRADE, Marcos Ferreira.**Elites regionais e a formação do Estado imperial brasileiro**: Minas Gerais - Campanha da Princesa (1799-1850). Presidência da República, Arquivo Nacional, 2008.

[147]Segundo Geraldo Fonseca, Antônio chegou no Arraial em 1858, sendo seguido por Jerônimo em 1859. Os irmãos eram dois dos oito filhos que o Capitão Antônio Dias Maciel teve com Maria Rosa da Silva Capanema. No "Livro de Testamentos" da Matriz de Bom Despacho do Picão, o testamento do Capitão Antônio dá conta de que ele era bisneto de Manoel Picão Camacho, o fundador de Bom Despacho. Sua esposa, Maria Rosa, por sua vez, era tia de Gustavo Capanema Filho, nascido em Pitanguy no ano de 1900. Na carreira política de Gustavo

Tanto Oliveira Mello[148] quanto Geraldo Fonseca[149] admitem que os irmãos saíram de Bom Despacho devido às disputas políticas no interior da família. Sabe-se que Antônio e Jerônimo eram liberais, sendo o primeiro presidente do diretório do Partido Liberal de Bom Despacho, enquanto dois outros irmãos, Miguel e Alexandre, encabeçavam o diretório local do Partido Conservador.

Embora a tipificação social e ideológica de ambos os partidos permaneça uma tarefa "custosa"[150], a historiografia reconhece que um e outro abrigavam amplos setores da elite imperial. Refletiram, na sua trajetória histórica, os conflitos de interesses dados no interior da classe, inclusive no que diz respeito ao nascedouro do Partido Republicano, por meio da radicalização do Partido Liberal. Desta feita, a rotura da família Dias Maciel, de Bom Despacho, é melhor compreendida através da conclusão de José Murilo de Carvalho acerca das diferenças entre os partidos constituídos à época do Império: "[...] longe de não se distinguirem em termos de composição e ideologia, os partidos se revelam instrumentos úteis para entender as fissuras da elite, mesmo que essas fissuras fossem de natureza a provocar apenas reajustes no sistema."[151] Considerando-se que a "elite" não se tratava de grupo monolítico, guardando interesses internos das mais diferentes ordens, é possível que a divergência entre os irmãos Maciel não se reduzisse ao credo partidário. É o que se deduz da afirmação de Geraldo Fonseca ao se reportar à documentação que pesquisou no Arquivo Público Mineiro:

> [Miguel Dias Maciel] era um homem rancoroso e perseguidor persistente. [...] por mais de uma vez, vimos documentos nos quais o Governo faz referências às arbitrariedades por ele praticadas. [...] próximos a Bom Despacho, Jerônimo e

---

Capanema, além da reforma educacional de 1942, pela qual viria a ser mais conhecido, em 1930 foi oficial de gabinete do primo Olegário Dias Maciel, quando este fora eleito Presidente de Minas Gerais. Ver: LIVRO DE TESTAMENTOS, Matriz de Bom Despacho do Picão, 18 de março de 1840. Folhas 4 e 5. Apud: FONSECA, Geraldo. **Domínios de pecuários e enxadachins**: história de Patos de Minas. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974, p. 211; SCHWARTZMAN, Simon et al.**Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra/ Fundação Getúlio Vargas, 2000. Arquivo em HTML, disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/> Acesso em: 12 jun 2014.

[148] MELLO, Antônio de Oliveira. **Governadores de Minas:** Olegário Maciel – a vida pela política. Minas Gerais/abril/2002 – n.17.

[149]Cf. FONSECA, Geraldo. Ibid.

[150]Vários autores se dedicaram à tipificação dos Partidos Liberal e Conservador. José Murilo de Carvalho reúne essa produção intelectual em quatro grandes grupos: os autores que negam qualquer diferença substancial entre os partidos imperiais, dentro os quais se destaca Caio Prado Jr.; os autores que admitem uma diferença social entre os membros dos partidos, dentro os quais se encontra Raymundo Faoro; os autores que, embora admitam distinção social, admitem certa distinção ideológica, como Oliveira Vianna e, finalmente, aqueles que diferenciam os partidos imperiais nos termos de rural/urbano, como João Camilo de Oliveira Torres. Cf: CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem e Teatro de Sombras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 202 - 208.

[151] Id., Ibid, p. 226.

> Antônio não tiveram sossego. O primeiro nem chega a abrir a aula de latim e francês, indo localizar-se na Fazenda da Confusão (São Gotardo), como um de seus vinte e um dos proprietários. Antônio agüentou um pouco mais, transferindo-se definitivamente para Santo Antônio dos Patos.[152]

De qualquer forma, longe de Bom Despacho, ao se estabelecerem no Arraial que viria a ser o município de Patos de Minas, Antônio e Jerônimo tornaram-se os líderes não apenas do Partido Liberal local, mas, também, da célula municipal do Partido Republicano. Em 1898, nove anos depois de instaurada a República, o agora Coronel Antônio é citado como seu Presidente:

> Acta da segunda sessão do Directorio Republicano do Município de Patos [...] Aos dez dias do mez de Agosto de mil oito centos e noventa e oito, nesta Cidade de Patos, Estado de Minas Geraes, em casa do *Cidadão Coronel Antônio Dias Maciel*, Presidente do Directorio Republicano deste município, presentes os membros do mesmo Directorio (sic, Grifos nossos) [...][153]

O "Major Jerônimo", patenteado aos 50 anos, em 9 de julho de 1881[154], teve uma participação ativa na vida pública de Patos até às vésperas de sua morte, em 1906. Dentro da documentação pesquisada, seu nome aparece em diversas funções, exercidas, não raro, ao mesmo tempo. No que diz respeito às funções públicas, ocupou várias vezes o cargo de Presidente da Câmara, no Império e na República; Agente do Executivo do município, cargo equivalente ao de Prefeito; Juiz de órfãos, Vereador, Juiz de Paz, Coletor de impostos, Delegado de polícia, Inspetor escolar e, antes da emancipação, foi o representante do Arraial na Câmara de Patrocínio. Após a emancipação, saiu de suas mãos e engenho, o primeiro Código de Posturas da Villa de Santo Antônio dos Patos, datado de 1870, e escrito em substituição ao Código de Posturas do município de Patrocínio, adotado provisoriamente em 1868.

Finalmente, Jerônimo Dias Maciel, também professor de latim e francês, era, ainda, *boticário*. Em 1871, abriu uma farmácia e, por muito tempo, foi o único "médico" com que a população podia contar. A prática era, e ainda é comum.Segundo Ribeiro, "[...]é importante lembrar que, especialmente onde não havia médico (e até mesmo na sua existência), os farmacêuticos antigos sempre auxiliaram a comunidade"[155].

---

[152] FONSECA, Geraldo. Ibid., p.212.

[153] DIRETÓRIO Republicano do Município de Patos. **Acta da Segunda Sessão de 10 de Agosto de 1898.** Documentos de Fundo Público. Caixa 145, Pasta 30. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[154] FONSECA, Geraldo. Ibid., p. 241.

[155] RIBEIRO, Giovanni Roncalli Caixeta. Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950. **Revista Alpha,** v.9, p. 68. A esse respeito, consultar, também, o trabalho de:CASTRO, Dorian Erich. **Relicário das práticas médicas no interior das Minas Gerais:** transformações, astúcias e persistências

Apesar de seu nome constar entre os proprietários da Fazenda da Confusão, futura cidade de São Gotardo, a documentação não permite supor que o Major Jerônimo tenha sido, também, um fazendeiro. O que se depreende é que possuía uma chácara nos arredores do núcleo urbano original, em direção ao entorno da Lagoa que dera origem ao município. Quanto à casa sede, na qual viveu com a esposa "Nhá" e seus treze filhos, refletia um gosto europeizado, fruto do ideal "civilizatório" que grassava à época do Império em 1881:

> [...] A história daquela casa remonta ao ano do senhor de 1881. As obras da chácara do Major Jerônimo finalmente haviam terminado. Na verdade não demorara muito para se erguer o casarão colonial feito de madeira e tijolos de adobe, com a senzala nos fundos. Acontece, porém, que o Major, homem culto e refinado, estudado no famoso Colégio Zacharias de Pitanguy nas Minas Gerais de 1840, fizera questão de transladar para dentro de sua casa pedaços da Europa civilizada. Ao contrário da maioria das casas da vila, na casa do Major não se fervia água para os banhos. Através de um moderno sistema de serpentina, instalado acima do fogão de lenha da cozinha, as negras já levavam a água quente e generosa para a banheira. Além da antessala, decorada com papel-parede rosa, ele fizera questão de construir um salão de baile. Neste, as paredes eram recobertas por delicado papel português: de perto, linhas rosadas sobre um fundo um pouco azulado, produzindo um efeito impressionista. De longe, a sensação de um rendilhado fino, obra de um artista caprichoso, pincel e tinta em mãos. Do teto tabuado azul, pendia um belo lustre vienense, de louça, capaz de sustentar uma miríade de velas, erguido por grossa e ostentosa corrente. Espalhadas pelo salão, joviais marquesas aguardavam o descanso das senhoritas em noites de *soirée.* Ao canto, ao lado de uma das janelas postadas de frente à Lagoa dos Patos, também aguardava o piano [...][156]

No que diz respeito a Antônio[157], embora tenha ocupado a Presidência do Diretório Republicano em 1898, esteve uma única vez à frente do Executivo de Patos: entre 1873 e 1878. Depois de um período como comerciante, em sociedade com o irmão na firma "Maciel, Irmãos & Cia", retirou-se do Arraial para viver na "Fazenda da Cascata", uma propriedade de 1500

(Uberabinha/MG. 1903-1945). Uberlândia: Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia, 2004.

[156] SILVA, Rosa Maria Ferreira. A Casa do Major Jerônimo Dias Maciel. **Revista Alpha**, v. 14, 2013, p. 200.

[157] O nome e sobrenome de Antônio foram diversas vezes replicados dentro da família. Houve, pelo menos, quatro Antônio Dias Maciel: O Coronel, tratado usualmente por Coronel Antônio Dias; seu nono filho, que faleceu quando criança; seu décimo filho, apelidado de "Tonho" e seu neto, apelidado de "Tonico". Os três Antônios adultos aparecem na documentação e serão diferenciados, no presente trabalho, através da patente e dos apelidos.

alqueires na qual se dedicou ao cultivo de videiras e à produção de vinhos[158]. Um ano antes da Proclamação da República, em resposta à solicitação da Câmara, responde:

> Ilmo. Snr. Presidente e mais vereadores desta câmara. [...] Em resposta ao pedido verbal que de ordem do Sr. Presidente dessa câmara me foi feito acerca do cultivo da videira e fabrico de vinho em minha fazenda, tenho a informar o seguinte, na mesma ordem em que se acha o questionário: [...] 1º A única espécie de videira cultivada em minha propriedade é a americana _ Izabel; [...] 2º O estado das videiras é excellente, apresentando extraordinária robustez, tendo o abaixo assignado feito duas colheitas annuaes abundantes, uma em fins de dezembro e a outra em maio; [...] 3º A propriedade do abaixo assiganado possue em plena producção 400 videiras, occupando 35,5 acres de terrenos, e cerca da metade desta plantação, que póde começar a produzir no próximo futuro anno; [...] 6º A produção do vinho annualmente regula na média em cerca de seis mil litros, de força alcoólica média, conservando-se perfeitamente por espaço de tempo superior a 12 annos, adquirindo então qualidades que o tornam comparável aos vinhos finos europeus, pois perde o cheiro característico da uva americana e adquire um aroma fino e agradável; [...] 7º O processo empregado consiste em deixar fermentar o mosto da uva até que a fermentação se complete, addcionando-se nos vinhos que se quer tornar doces algum assucar branco refinado, e naquelles a que se quer dar uma força alcoólica comparável a dos vinhos do Porto ou Madeira, addciona-se 5% no maximo do álcool de 33 gráos, Réaumur. Não se vende, porém, vinho senão depois de um anno de idade. [...] O vinho é todo vendido na fabrica ou nesta Villa, à rasão de 1$000 o litro de vinho de um anno, augmentando-se este preço até 1$500 o litro para o vinho de quatro annos. [...] 9º Nenhuma marca tem adoptado para o vinho de sua producção, sendo elle geralmente conhecido pelo nome de _Vinho da Cascata_ do nome da fazenda em que é fabricado. Quase todo o vinho é consumido no município; recebendo, porém, a fabrica algumas encomendas dos municípios vizinhos, como Patrocínio, Bagagem, Araxá, Sacramento, Brejo-Alegre,

[158] O Coronel Antônio Dias não era o único viticultor de Patos. Em resposta ao ofício de 27 de fevereiro de 1888, enviado pelo Ministério da Agricultura, solicitando informações sobre o cultivo da uva, a Câmara responde: "[...] Em cumprimento ao ofício de 27 de fevereiro último [...] remetemos a V. Excia. Cópias das que foram a esta Câmara apresentadas por dois dos maiores plantadores, aqui existentes. Além destes há mais dois plantadores em escala quase igual e muitos outros têm plantações menores, podendo dizer que, nesta vila e arredores, quase não há casas em que não se vejam parreiras." (sic). O outro produtor que envia resposta à Câmara é Antônio Augusto Tormim, sobrinho de Antônio Dias e casado com sua filha Zenóbia. Cf. FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p.279. Sobre as dimensões da Fazenda da Cascata, na mesma obra em que se retirou a citação anterior, lê-se: "[...] Fazendeiro dos mais importantes da região que hoje chamamos o Alto Paranaíba, sua fazenda da Cascata tinha uma área de 1500 alqueires de matas, pastagens e culturas, chegando a produzir vinhos que rivalizavam com os melhores de Portugal e França.". Id. Ibid., p. 213.

> Paracatu, Abaeté, Pitanguy. [...] Deus guarde V.S. _ Antônio Dias Maciel _ Patos, 2 de abril de 1888 (sic).[159]

A retirada "física" do Coronel Antônio do núcleo urbano e do jogo político, não significou, em absoluto, seu ostracismo. Sua ascendência sobre os rumos da localidade, bem como a ingerência nos assuntos públicos, o que, aliás, viria a ser uma marca dos Maciéis, permaneceria até a sua morte em 1910.

A título de exemplo, em 19 de janeiro de 1899 o Coronel, *que não era vereador,* encaminhou à Câmara Municipal, presidida pelo Major Jerônimo, um *parecer.* Após registrar que produz, anualmente, 8 pipas de vinho e que "vende a 6$000 a garrafa de seis anos para cima, para o mercado de Uberaba e Paracatu, *é de parecer* que a Câmara oficie à Secretaria da Agricultura no mesmo sentido (Grifos nossos)"[160]. Na sessão de 26 de janeiro de 1900, na qual, através de correspondência, a Secretaria de Agricultura informa à Câmara da conveniência do fabrico de queijos e da plantação de videiras no município, um projeto "concede ao Presidente da Câmara dois contos de réis para *comprar mudas de videiras* e sementes de trigo (Grifos nossos)"[161].

Todavia, se foi a sua condição de "abastado fazendeiro e adeantado agricultor (sic)"[162] o fator que lhe garantiu a mais alta patente da Guarda Nacional[163], aos 54 anos, em 08 de maio de 1880, por outro lado foi a sua *proeminência política* que lhe trouxe o título de *Barão de Araguary*. Compreende-se sua relevância no cenário político do período, quando se atenta para a peculiaridade do *momento* em que a Princesa Isabel o agraciou com o título: em 10 de agosto de 1889. Na tentativa desesperada de barrar a "maré democrática" que se espraiava pelo Império, a Monarquia foi pródiga em tentar cooptar os liberais extremados, defensores da

---

[159] Id., Ibid., p. 280.

[160]A informação referenciada no texto, consta do Livro de Atas n.4, um dos livros que a historiadora deste trabalho não encontrou no Arquivo Documental de Patos de Minas ou na Câmara Municipal. Por isso, sempre que necessário, utilizou a compilação feita por Antônio de Oliveira Mello, com atualização da grafia. Ver: MELLO, Antônio de Oliveira, et al. **Uma história de exercício da democracia:** 140 anos do legislativo patense. Patos de Minas: Câmara Municipal de Patos de Minas, 2006, p. 172.

[161] Id. Ibid., p. 173.

[162] Sociaes. **O Trabalho.** Cidade de Patos, 29 de Maio de 1906. Minas – Brasil. Anno 1 n. 24, p. 1.

[163] A Guarda Nacional foi criada em 1831, durante o período da Regência. Seus membros eram recrutados entre os *eleitores*, os quais se definiam, conforme a carta constitucional de 1824, da seguinte forma: para o cargo de vereador, *eleitor e candidato* deveriam ter mais de 25 anos e comprovar uma renda anual superior a 100 mil réis. Já a eleição para deputado e senador era feita de maneira indireta elegendo-se, primeiro, os eleitores aptos a votarem. Estes deveriam comprovar uma renda anual de 200 mil réis, ao passo que *a candidatura* aos cargos de deputado e senador exigia-se uma renda anual de 400 e 800 mil réis respectivamente. Isto posto, o ingresso na Guarda Nacional exigia a idade mínima de 25 anos e uma renda anual de 100 mil réis. Logo, quanto maior a patente, mais elevada a renda.

República, com as armas que possuía. Dentre elas, as patentes da Guarda Nacional e os *títulos nobiliárquicos*:

> A "maré democrática", que começa a subir, encontrará, dentro de pouco, o plano inclinado do Império, desde 1870 aberto. Antes disso e antes da hora fatal, a monarquia usará seu remédio favorito, com a sua eficiência secular: a absorção de elementos desvairados e a transação retardadora. Os títulos nobiliárquicos, as patentes da Guarda Nacional, as nomeações para o Senado e o Conselho de Estado, os empregos_ todos os trunfos eram da Coroa[164].

Não obstante, o Coronel Antônio Dias Maciel se diferenciava do "coronel tradicional" que, embora abastado e também chefe político, era nomeado "coronel" pela linguagem corrente. Antônio pertencia à categoria de "coronéis" que Raymundo Faoro chamou de "legitimamente sagrados". Ou seja, o Coronel que a despeito da "nova coloração" que lhe daria a República,

> [...] recebe seu nome da Guarda Nacional, cujo chefe, do regimento municipal, investia-se daquele posto, devendo a nomeação recair sobre pessoa socialmente qualificada, em regra detentora de riqueza, à medida que se acentua o teor de classe da sociedade."[165]

A mesma lógica se aplica ao quinto filho do Coronel Antônio[166]: Farnese Dias Maciel. Pertencente à segunda geração de Maciéis que ocuparia a cena política de Patos, Farnese exerceu, por excelência, as funções que cabiam a um Coronel dentro do pacto de compromissos da Política dos Governadores. Sua ascendência pública, sua intimidade com as esferas estaduais e, sobretudo, sua truculência durante os pleitos eleitorais, ficariam registrados na documentação, mas, também, nas memórias dos sujeitos[167].

Além de abastado proprietário de terras, dono da "Fazenda da Gameleira", Farnese também fora "legitimamente sagrado" *Coronel* pela Guarda Nacional. Ainda que a patente tivesse sido conquistada em *plena República*, em 1898, quando a importância da Guarda há muito declinara, sua valência simbólica permanecia. Tanto para Farnese quanto para os outros

---

[164] FAORO, Raymundo. Op. cit., 1993, p. 444.

[165] Id., Ibid., p. 621.

[166] Em 1858, Antônio chegou à Patos já casado com Flaviana Maciel, com quem teve 15 filhos. Já seu irmão Jerônimo casou-se treze anos depois, com a sobrinha Etelvina, a "Nhá", filha de Antônio. Dessa união nasceram 13 filhos. A pesquisa demonstrou que os casamentos dos "Maciéis" ocorriam, muitas vezes, de forma endógena e com graus de parentesco muito próximos. Exemplos desta prática, além da união de Jerônimo e Etelvina, são os de Amadeu, irmão de Etelvina, que se casou com Jorgeta, filha de Etelvina com Jerônimo; Antônio, o "Tonho", filho do Coronel Antônio que se casou com Amália, também filha de sua irmã Etelvina.

[167] Durante o processo *casting* do filme "Janelas para 30", foi perguntado aos atores as razões pelas quais desejavam interpretar determinado personagem e o que sabiam a respeito da figura histórica que o inspirara. Em se tratando do personagem "Farnese" os candidatos foram unânimes em registrar sua importância política aliada à sua fama de violento.

Maciéis: nenhum deles envergou patentes auto conferidas ou alcunhadas pelo vulgo. Sem exceção, todos os Maciéis patenteados derivaram seus postos da Guarda Nacional[168]. Desta forma, compreende-se porque, em 1927, das páginas do Inventário de D. Flaviana Maciel, viúva do Coronel Antônio, dentre os herdeiros de um espólio avaliado em mais de Cento e onze contos de réis, aparecem: "Cel. Farnese Dias Maciel [...] Major Sesóstris Dias Maciel [...] Major Antônio Dias Maciel [...] Tenente Amadeu Dias Maciel [...] Major Edmundo Dias Maciel [...]".[169]

O reconhecimento do Coronel Farnese como sucessor do pai na hierarquia política do município, não derivava, exclusivamente, do seu sobrenome. Há que se considerar a sua personalidade. Além dele, outros personagens ligados aos Maciéis por laços de parentesco e compadrio, ostentaram a patente "legitimamente sagrada" pela Guarda Nacional e pela propriedade fundiária. Porém, nem seu cunhado, o Coronel Arthur Thomaz de Magalhães, pecuarista; ou o Coronel Augusto Ferreira da Silva, sogro de sua sobrinha Affonsina, proprietário de quantidade absurda de terras no Noroeste de Minas e no atual Alto Paranaíba[170], possuíram a ascendência política de Farnese Dias Maciel. Esta peculiaridade é melhor explicada, também, por Raymundo Faoro:

> [...] O coronel, antes de ser um líder político, é um líder econômico, não necessariamente, como se diz sempre, o fazendeiro que manda nos seus agregados,

---

[168] Ver: COLEÇÃO GUARDA NACIONAL - Referência: PP- SS16. Arquivo Público de Minas Gerais. Inventário disponível através do Sistema de Acesso Integrado do APM, em: <www. siaapm.cultura.mg.gov.br>.

[169] CARTÓRIO DE 1º Ofício. **Inventário.** Inventariante: Dr. Olegário Dias Maciel. Inventariado: Dª. Flaviana Maciel. Patos, 7 de novembro de 1927. Documentos de Fundo Público, Caixa n. 55. Arquivo Documental de Patos de Minas. Observe-se que o espólio de D. Flaviana corresponde à metade dos bens deixados por seu marido, o finado Coronel Antônio Dias. Considerando-se as mudanças de moeda, oscilações de câmbio e ausência de um índice de cálculo inflacionário antes de 1942, é muito arriscado dimensionar em valores atuais os valores da moeda brasileira na década de 1920. No máximo, é possível um "*educated guess".* Ora, de 1833 a 1942, a unidade monetária do Brasil era o "Mil réis", na verdade um múltiplo do "real", a unidade monetária colonial portuguesa. Assim, 1 conto de réis era 1.000 (mil) multiplicado por 1 mil réis, o que equivaleria a 1 milhão de réis. Considerando-se que a saca de feijão em 1925 era comercializada por 24 mil réis e que, em 2012, foi comercializada por R$ 146, 67 (cento e quarenta e seis reais e sessenta e sete centavos), é possível *aproximar* o valor do "Mil réis" em cerca de R$ 10,00 (dez reais) atuais. Isto posto, o espólio de D. Flaviana Maciel que, afora aos centavos, foi avaliado em 111:410, 0 (cento onze contos, quatrocentos e dez mil réis/ou: "cento e onze milhões de réis e quatrocentos e dez mil réis"), se submetido a uma regra de três com a *aproximação* de um valor atualizado do "mil réis", *poderia ser dimensionado,* em *1 milhão e meio de reais* hoje. Isto posto, em 1927, o poder de compra do patrimônio deixado pela viúva do Coronel Antônio Dias Maciel, seria bem vultoso. Ver os dados de conversão em: <http://www.ocaixa.com.br/bancodedados/dolaranualmedio.htm> e os valores de sacas de feijão na publicação da Folha de São Paulo de 28 de outubro de 1925, disponível em: <http://acervo.folha.com.br/> Acessos em 08 dez. 2014.

[170] Fazia parte da fazenda do Coronel Augusto o atual município de Presidente Olegário. Ver: MACIEL, Newton Ferreira da Silva. **Tempos idos e vividos.** Patos de Minas: 2011.

> empregados ou dependentes. O vínculo não obedece a linhas tão simples, que se traduziriam no mero prolongamento do poder privado na ordem pública. [...] Ocorre que o coronel não manda porque tem riqueza, mas manda porque se lhe reconhece este poder, num pacto não escrito[171].

Na ausência do pai coube a Farnese Maciel o posto de chefe político local, o *Coronel* que durante a República Velha possuía a incumbência de garantir a vitória nas eleições. Porém, dentro da hierarquia política dos Maciéis, coube a seu irmão mais velho, o engenheiro Olegário Dias Maciel, a função de representar, junto às esferas estadual e federal, os interesses da família, sinonimizados, ideologicamente, com os "interesses de Patos"[172].

Encimados em nível municipal pela liderança, primeiro do Coronel Antônio e, depois, do Coronel Farnese; e nos demais níveis de poder pela liderança do "Doutor Olegário", os Maciéis constituíram um sólido clã político, interligado a outras famílias por uma extensa e intrincada rede de relações de parentesco e compadrio. Assim, na medida em que se embrenhou na documentação, a historiadora foi deslindando uma trama de nomes que, como fios, conectavam os sujeitos ao clã "macielista", acimentado politicamente por um sucedâneo cíclico de relações privadas.

Muitos fios poderiam ser seguidos. Porém, dentre os fios possíveis, a historiadora deste trabalho optou pelos sujeitos que cerravam fileiras junto aos Maciéis, *também por relações de parentesco*[173]. Ao eleger este recorte, observou que o clã situacionista, liderado pela família Maciel, era composto, majoritariamente, por *fazendeiros*[174].

---

[171]FAORO, Raymundo. Op. cit., 1993, p.622.

[172] A formação e trajetória política de Olegário Maciel serão examinadas adiante, ainda neste capítulo.

[173]São estes: Arthur Thomaz de Magalhães, Marcolino de Barros, Augusto Ferreira da Silva e seus filhos, Noé e Itagyba, e José de Santana. Assim, ao tomar, por exemplo, o "fio" que possui o nome do Coronel Arthur Thomaz de Magalhães, a historiadora observou que, embora Arthur tenha nascido em Patos, no ano de 1860, seus pais migraram de Bom Despacho para o Arraial, na poeira dos irmãos Antônio e Jerônimo Dias Maciel. Herdeiro das relações que trouxeram seus pais à Patos, Arthur Thomaz de Magalhães consolidou-as através do casamento com Olintha, a sétima filha do Coronel Antônio Dias Maciel. Através do matrimônio, ele se tornou, ao mesmo tempo, genro, cunhado, "sobrinho" e "concunhado" dos homens mais poderosos da cidade em fins do século XIX: genro do Coronel Antônio Dias Maciel; sobrinho do Major Jerônimo; cunhado de Olegário, Amadeu, Farnese e Sesóstris Dias Maciel (o Major Gotte) e concunhado de Marcolino de Barros. Este último, o advogado baiano, casado com Julieta, outra filha do Cel. Antônio Dias Maciel. Além dos laços de parentesco, Arthur também estabeleceu suas relações de compadrio. Dentre outros, apadrinhou o casamento da sobrinha Walda Magalhães (Yayá) com Adélio, filho de seu cunhado Farnese Maciel. Apadrinhou, também, o casamento da sobrinha Iracema com seu cunhado Edmundo. E, por fim, levou à pia batismal Maria Aparecida de Santana, a segunda filha do Capitão José de Santana com Mariana Augusta, filha do Coronel Augusto Ferreira da Silva e irmã Noé, casado com Affonsina, neta, ao mesmo tempo, do Major Jerônimo e do Coronel Antônio Dias Maciel...

[174] Marcolino de Barros, Arthur Thomaz de Magalhães, Augusto Ferreira da Silva e seus filhos, Noé e Itagyba, eram possuidores de grandes extensões de terras, as quais são referenciadas em diversos registros documentais. Fazem referência às suas propriedades rurais, indicações nos Inventários *pós mortem* de D. Flaviana Maciel e

Em se tratando, especificamente, da família Maciel, tanto as notas sociais quanto as sessões de anúncios dos jornais, dão indicativos de que a fortuna da família repousava na propriedade fundiária:

> Afim de assistir ao casamento de seu estimado filho Edmundo Maciel, acha-se ha dias entre nós, o venerando Cel. Antonio Dias Maciel, abastado fazendeiro e adeantado agricultor neste districto. Visitamol-o (sic).[175]

> Em visita a seu digno pai, Sr. Coronel Farnese Dias Maciel partio no dia 30 de Janeiro para a fazenda da Gamelleira, acompanhado de sua Exma. Sra. o Dr. Adelio Dias Maciel nosso presado redactor (sic).[176]

> Nestes trez últimos mezes foram vendidos e sahiram do municipio de Patos, cerca de 10.000 bois pertencentes aos boiadeiros Amadeu Maciel, Arthur Magalhães e outros. Encontra-se magnífico gado de meia gordura e magro, boiada pesada, novilhada mestiça [...] (sic). [177]

As informações constantes nos Inventários *post mortem* de D. Flaviana Maciel, de 1927, e de seu filho, Olegário Dias Maciel, de 1934, ampliam as referências quanto às propriedades rurais que faziam parte do patrimônio da família. Os dois corpos documentais mencionam a Fazenda da Cascata, propriedade de 1 500 hectares, pertencente ao Coronel Antônio Dias Maciel e que seria dividida entre seus filhos e sua esposa Flaviana, em 1910[178]. Já, especificamente, entre os bens da viúva, além de parte da Fazenda da Cascata constam a Fazenda Salitre, localizada no distrito de Santa Rita; e a Fazenda Gado Bravo, no distrito de São Romão, Comarca de Paracatu. Quando indica os limites das propriedades em Patos, o Inventário cita, dentre os confrontantes, as terras de Arthur Thomaz de Magalhães e Edmundo Dias Maciel, um dos treze filhos citados no Inventário da mãe. Já no Inventário de Olegário

---

Olegário Maciel, citados adiante e, ainda, as Atas da Câmara, pesquisadas entre 1889 e 1930. Também são abundantes os indícios nas notas sociais e nos anúncios publicados nos jornais "O Trabalho" (1905 a 1909; 1921-22) e "Cidade de Patos": 1915 a 1917. No caso particular de Augusto Ferreira da Silva, a referência aparece nas memórias de seu neto, Newton Ferreira da Silva Maciel. Em obra já citada, informa que seu avô "(...) foi possuidor de imensas fazendas existentes nas atuais regiões do Noroeste e Alto Paranaíba (MG)." In: MACIEL, Newton Ferreira da Silva. Op. cit., 2011, p. 7.

[175] Noticiário. **O Trabalho.** Cidade de Patos, 29 de Abril de 1906. Minas – Brasil. Anno 1, n. 21, p. 3.

[176] Sociaes. **Cidade de Patos.** Patos, 4 de fevereiro de 1917. Anno 3, n.101, p. 2.

[177] O Boi. **Cidade de Patos.** Patos, 4 de fevereiro de 1917. Anno 3, n.101, p. 2.

[178] Eram filhos do Coronel Antônio e D. Flaviana: Olegário, Etelvina, Edmundo, Flaviano, Zenóbia, Farnese, Ozório, Sesostris (Gotte), Antônio (falecido em criança), Antônio, ("Tonho"), Amadeu, Edmundo, Olintha, Albertina e Julieta. Em 1927, no inventário de D. Flaviana, Zenóbia, é representada pela filha Orvilla Tormim Caixeta, casada com Joaquim Pedro Caixeta; já Flaviano é representado pelo filho Djalma Maciel. Cf. CARTÓRIO DE 1º Ofício. **Inventário.** Inventariante: Dr. Olegário Dias Maciel. Inventariado: Dª. Flaviana Maciel. Patos, 7 de novembro de 1927, fl 06. Documentos de Fundo Público, Caixa n. 55. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Maciel, executado por seu irmão Farnese, em 1934, consta a seguinte listagem de propriedades rurais:

> [...] Centro e trinta alqueires de terras de cultura e cerrado alto em a Fazenda da "Cascata", distrito de Patos, confrontando com Joaquim Pedro Caixeta, Edmundo Dias Maciel, Amadeu Dias Maciel, D. Albertina Maciel, proprietários da Fazenda da "Onça" e outros; [...]Dois alqueires de terras na mesma fazenda e distrito, logar denominado "Diamante", em comum com os irmãos do finado. (...) Um alqueire de terras de cultura e cerrado, na fazenda do "Ribeirão da Mata", distrito de Patos, confrontando com Aristides Vaz e outros (sic)[...].[179]

Por fim, as memórias de Newton Ferreira da Silva Maciel[180], revelam que Amadeu Dias Maciel também era proprietário da Fazenda do Limoeiro, *comprada de seu cunhado*, Jacques Dias Maciel, filho do Major Jerônimo.

Ora, a transação é reveladora. Demonstra que havia, entre os Maciéis, a tendência em manter o patrimônio da família dentro da própria família. Além dos casamentos endogâmicos[181], os Maciéis compravam e vendiam suas propriedades entre si. O mesmo Amadeu Maciel compraria o empório do irmão, Sesóstris, quando este decidiu viver no Rio de Janeiro; e em 1927, comprou também seus direitos de herança da mãe Flaviana[182]. Quanto à permanência do patrimônio através da endogamia, os exemplos são recorrentes. Mas, talvez, o que melhor explica essa tendência, por se constituir também "no tempo", é o exemplo de Orvilla, neta do Coronel Antônio Dias Maciel.

Orvilla era uma das duas filhas do viticultor Antônio Augusto Tormim, sobrinho do Coronel Antônio Dias Maciel, e Zenóbia, filha do Coronel. Zenóbia morreu jovem, em 1880, deixando para a filha o que viria a ser sua parte na herança do Coronel Antônio e de sua mãe, Flaviana. Com a morte do pai, Orvilla herdou seu patrimônio. Casada com Joaquim Pedro

---

[179] CARTÓRIO DE 1º Ofício. **Inventário.** Inventariante: Cel. Farnese Dias Maciel. Inventariado: Dr. Olegário Dias Maciel. Patos, 6 de dezembro de 1933, fl. 21. Documentos de Fundo Público, Caixa n. 55. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[180] MACIEL, Newton Ferreira da Silva. Op. cit, 2011.

[181] Ver nota 165.

[182] Cf. folhas 19, 20 e 21 do Inventário de D. Flaviana Maciel. Vale lembrar que, além das propriedades rurais, constam entre as propriedades da família Maciel, empórios varejistas de bens diversos. Dentre estes, os Jornais *O Trabalho* e *Cidade de Patos* publicaram anúncios desde 1906 da "Casa Tonho - de Maciel, Sobrinho e Cia", um dos filhos do Coronel Antônio Dias Maciel e seu homônimo; e da "Casa do Gotte", de propriedade de Sesóstris Dias Maciel, o Major Gotte, especializada, em artigos de luxo trazidos do Rio de Janeiro. A "Casa do Gotte" seria comprada por Amadeu Maciel, no início da década de 1920, quando o Major Sesóstris passou a viver na capital da República, onde possuía residência à Visconde de Inhauma, nºs 10 e 12. No Rio, o Major Gotte tornou-se "Comissionário", intermediando vendas na praça do Rio para os interessados, em Patos.

Caixeta, um dos confrontantes da Fazenda da Cascata, citado no Inventário de Olegário Maciel, Orvilla teria uma única filha, também chamada Zenóbia em homenagem à avó. Finalmente, a jovem Zenóbia, já herdeira de um patrimônio razoável, casou-se com Leopoldo, seu primo, e um dos filhos do Coronel Farnese Dias Maciel, seu tio-avô.

O acento do clã Maciel na manutenção de seu patrimônio fundiário, liga-se não apenas ao cultivo da riqueza, mas, acima de tudo, à manutenção de seu patrimônio político. Se no Império, candidatos e eleitores eram definidos pela renda, regra acrescida em 1881 pela obrigatoriedade de saber ler e escrever, a situação pouco ou nada mudará na República[183]. Ainda que, em tese, a Constituição de 1891 ampliasse os direitos políticos dos brasileiros ao suspender a exigência da renda, na prática reafirmou a exclusão celebrada desde o Império, pois proibiu o voto dos analfabetos, a larga maioria da população.

Desta feita, se a propriedade fundiária foi para os Maciéis e seus correligionários, a porta de entrada para a gerência política de Patos, com o advento da República suas fazendas reconfirmaram a sua posição, uma vez que saía delas o capital que definia a vitória nas eleições: na forma de *voto de cabresto* ou em *bico de pena.*

Hordas de agregados e peões irrompiam das fazendas em dias de pleito, tangidos ordenadamente, em carros de bois, até a casa do Coronel Farnese. Ali, eram regiamente alimentados com tachadas de "pelota com mandioca"[184], instruídos à votação, conduzidos às mesas e, por fim, levados de volta "pra roça". No contexto da Política dos Governadores, tratava-se, portanto, de um patrimônio político imensurável[185].

Por outro lado, no que diz respeito à participação na arena política, Raymundo Faoro lembra que, tanto no Império quanto na República, a atividade permaneceu restrita aos sujeitos pertencentes às elites *esclarecidas*:

> [...] A participação política dependia, no Império, do regime censitário e do regime capacitário. Em 1872, votantes e eleitores, excluída a exigência de alfabetização só imposta pela Lei Saraiva (1881), atingiram 1 milhão e 100 mil, 11% da população. Na primeira eleição direta (1881), compareceram 96.411 eleitores, para um eleitorado de 150.000, menos 1,5% da população e menos de 1%, se considerados os eleitores comparecentes. O regime republicano extingue o sistema censitário, mas mantém o

[183] Sobre as regras para a eleição de eleitor e candidato, conforme a Constituição de 1824, ver a nota 163 deste trabalho.

[184] Essa referência consta das memórias de D. Ione Maciel, entrevistada em 12 de agosto de 2008. Fonte: Registros Orais do Arquivo Documental de Patos de Minas.

[185] Faoro demonstra, em números, que na República os destinos do Brasil permaneceram ligados aos interesses agrários, logo, politicamente reféns do universo rural em *torno do qual* as cidades orbitavam. Cf. FAORO, Raymundo. Op. cit., 1993, p. 620.

> capacitário, com a exclusão, agora definitiva, dos analfabetos. [...] A República Velha continua, sem quebra, o movimento restritivo da participação popular, paradoxalmente consangüíneo do liberalismo federal interrompido no fim do Império. A política será ocupação de poucos, poucos e esclarecidos, para o comando das maiorias analfabetas, sem voz nas urnas (sic)[...][186].

Por igual motivo, os Maciéis eram *cultivados*. Diferentes do perfil do "coronel" tipificado como o fazendeiro sem letras e sem modos, o clã Maciel trouxe do Império à República especial apreço pela educação de seus membros, especialmente a educação em nível superior. Não apenas por conta da Lei Saraiva, de 1881. Mas, anteriormente, porque no Império a educação superior funcionava como um poderoso elemento de unificação ideológica *das elites*. Por maiores e variadas que fossem as fissuras no interior da classe, "[..] quase toda a elite possuía estudos superiores, o que acontecia com pouca gente fora dela: a elite era uma ilha de letrados num mar de analfabetos." [187]

Dentre os filhos e netos do Coronel Antônio e do Major Jerônimo, *treze* possuíam curso superior, inclusive fora do Brasil: Leopoldo Dias Maciel, filho do Coronel Farnese, era graduado em Economia, pela Sorbonne.

Todos os Maciéis, e correligionários, que estiveram à frente do Executivo de Patos entre 1889 e 1933, eram diplomados. O menos graduado, o Major Jerônimo Dias Maciel, formado no Colégio Zacharias, de Pitangui, Minas Gerais, era boticário, legalmente habilitado, além de médico prático; Já Antônio Zacharias Álvares da Silva era médico, formado pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com especialização em obstetrícia em Paris[188]; Agenor Dias Maciel era farmacêutico, formado pela Escola de Farmácia de Ouro Preto; Marcolino de Barros era advogado, formado na Faculdade de Direito do Recife; Adélio Dias Maciel era médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Olegário Dias Maciel era Engenheiro Civil, graduado pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Engrossando a "bancada macielista" no legislativo local, encontramos o médico Euphrásio José Rodrigues formado em Salvador; Noé Ferreira da Silva, formado em Odontologia em São Paulo. E, fora do legislativo, dentre outros, encontramos os advogados:

---

[186] Id. Ibid., p. 620.
[187] CARVALHO, José Murilo. Op. cit., 2010, p. 65.
[188] Cf. RIBEIRO, Giovanni Roncalli Caixeta. Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950. **Revista Alpha,** v.9, p. 67-81, 2008.

João Maurício Pottier Monteiro; Antônio Nogueira de Almeida Coelho; Jacques Dias Maciel e Antônio Dias Maciel, "o Tonico", filho do Coronel Farnese[189].

Embora se encontre dentro do clã um número expressivo de advogados, sobretudo a formação de Olegário Maciel em Engenharia Civil pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, em 1878; e a de Adélio Maciel, em 1913, pela Faculdade de Medicina também do Rio de Janeiro, alertam para uma identidade de grupo que em muito se alinhava com a tradição positivista francesa, da qual a República brasileira também derivaria.

> A tradição francesa reserva um lugar para os intelectuais na vida política que na outra tradição quase não existe. Talvez seja por isso que essa versão do iluminismo se tenha disseminado com muito mais facilidade do que a versão inglesa, que requer um Estado muito menos visível. E, a despeito de Comte, não foi a Sociologia, mas as primeiras profissões modernas _ a engenharia e a medicina de base experimental_ que primeiro personificaram os projetos de reforma social científica em muitas sociedades. Foi esse o caso, sem dúvida, do Brasil [...].[190]

Distantes de uma "pequena nobreza provinciana", ciosa de ingressar na burocracia pública e ali se "estabelecer", os Maciéis constituíam um grupo que *se entendia* dono da "missão histórica" de conduzir politicamente os destinos de Patos. O privilégio lhes fora dado por nascimento, é certo. Mas, também por *formação*. Ainda que fazendeiros, ligados atavicamente à terra e às suas significâncias, os Maciéis faziam parte de uma elite cultivada à francesa, orgulhosa de seu cosmopolitismo e de ser "cidadã do mundo".

A esse respeito, a documentação pesquisada oferece vários exemplos.

Dos livros de memorialistas, a historiadora surpreende a imagem do Major Gotte e sua família, em fins do século XIX, posando às vésperas de embarcar... para Paris. A imagem consta na obra de Geraldo Fonseca, *Domínios de Pecuários e Enxadachins,* na Parte XI, intitulada "Iconografia". A título de apresentação, na página 307, o autor agradece às famílias patenses que lhe emprestaram "fotos e documentos antigos" como colaboração para as "páginas seguintes". Na legenda, o autor reproduz a inscrição presente no verso da fotografia: "Foto batida pouco antes do embarque do Major Sesóstris Dias Maciel e família, com destino a Paris,

---

[189] Outro acento importante é a presença de professores dentro do clã macielista, ligados por parentesco ou, por afinidade política. Foram professores: Antônio Augusto da Silva Tormim; Jacques Dias Maciel; Orieta Dias Maciel; Maria Madalena de Ulhoa Maciel (primeira esposa de Adélio Maciel); Walda Magalhães (segunda esposa de Adélio Maciel), Antônio Dias Maciel, o "Tonico", Zama Maciel, Valeriano Rodrigues Souto e Modesto Mello Ribeiro.

[190] SCHWARTZMAN, Simon. **A redescoberta da cultura.** São Paulo: EDUSP, 1997, p. 97.

no final do século passado. Da esquerda para direita: Nenem Maciel (filha), Dona Bita (esposa), Sesostris Maciel Filho, Orieta e Pelina Maciel (filhas). ”[191]



FIGURA 43: Major Sesóstris Dias Maciel e família. Fotografia tirada no Rio de Janeiro, antes do embarqueda família para Paris, 1909. FONTE:FONSECA, 1974, p.403.

Também dos álbuns familiares, em imagens preservadas no Arquivo Documental de Patos de Minas, a historiadora encontra o Palacete de Amadeu Maciel, no auge do seu esplendor, em 1916.

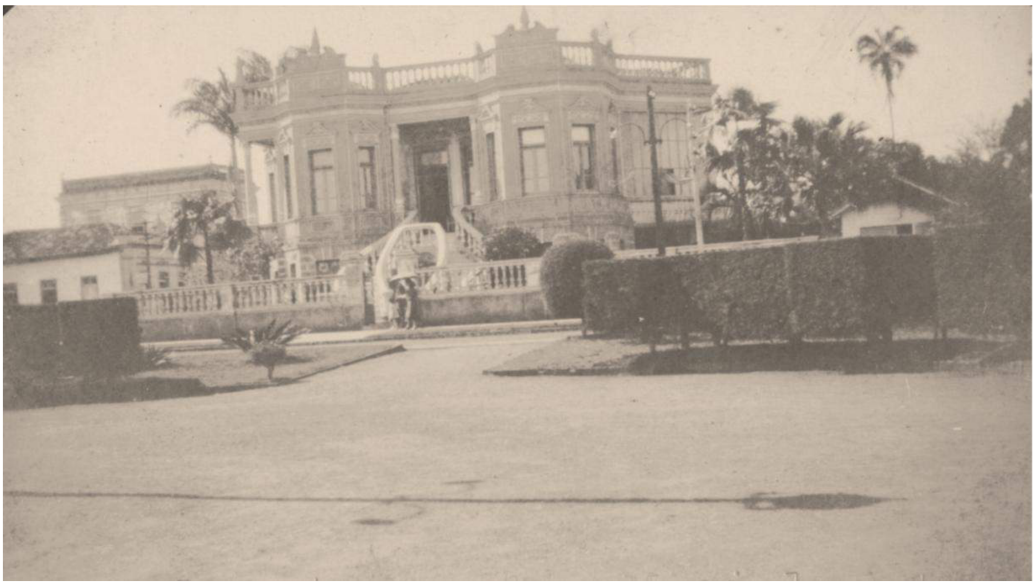


FIGURA 44: Palacete Amadeu Maciel. Em segundo plano, à esquerda, o Palacete Mariana. 1916. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

[191] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p. 403.

Das páginas dos jornais, em 1915, nas colunas sociais, observa registros de chegadas e partidas, dos filhos e dos homens fortes do clã Maciel, a passeios, a estudos, a trabalho... e, cotidianamente, importando das capitais os signos do novo tempo:

> A "Cidade" noticiando, há pouco, o seu regresso, teve occasião de dizer do Dr. Itagyba Ferreira da Silva, que o ilustre moço representa um poderoso elemento com que Patos pode e deve contar para o seu desenvolvimento. Effectivamente, o nosso illustre conterraneo, homem do trabalho, espirito emprehendedor e progressista, como fazendeiro e industrial tem dado um grande impulso á empreza que superintende, transformando em um estabelecimento de primeira ordem a rica fasenda de creação de sua propriedade situada nas visinhanças desta cidade. Ainda agora acaba de ligal-a a casa em que reside nesta cidade por uma linha telephonica solidamente construida (sic)[192].
>
> O Sr. Major Sezostris Dias Maciel, proprietario da linha de Automoveis que liga esta Cidade á Estação de Lavrinhas, acaba de adquirir, por preço elevado no Rio de Janeiro, um possante e lindo automovel com lugares para seis passageiros (sic)[193].

E, em 1922, se depara com a narrativa de uma vida social que não se furtava em externar, entre os pares, o seu refinamento francófono:

> Sabado, 11 do corrente, aquiescendo a um convite da cidade de Carmo do Paranahyba, seguiu daqui, em automóvel, o Dr. Olegario Maciel, vice presidente eleito do Estado, acompanhado de selecta comitiva que era assim composta: Cel. Farnese Maciel, Senhora e gentilíssimas filhas senhoritas Iracema e Zaíra; Dr. Adelio Maciel, Deputado estadoal; Dr. Eufrasio Rodrigues; Cap. Americo José de Sant'Anna; Dr. Virgilio Gomes, Delegado da Comarca; Cap. Amadeu Dias Maciel e Senhora; Senhoritas Yayá e Alda Magalhães; Zama Maciel e Agoncilio de Barros, alumnos do Collegio Militar de Barbacena; Huascar Corrêa da Costa, Secretario da Camara; Olintho Maciel; José Reis da Cunha; Zama Alves Pereira, além de muitas outras pessoas gradas de Patos.(...) O banquete, no Palacete Horacio Araujo, iniciou-se às 7 horas. A mesa em forma de U ostentava rico serviço. Durante o mesmo maviosa orchestra executou varios trechos sendo servido o seguinte *menu: PREMIER SERVIÇE: Potage à la purée de pois. Mayonnaise ou saumon à "Olegario Maciel". Paté a lá crevette. Filet de porc á la jardinière. Purée de pommes de terre. HORS D'OEUVRES: Jambon, olives, piekles, chou-fleur avec de beurre. DEUXIÊME SERVIÇE: Croquettes au poulet avec de riz. Cochon de lait. Purée de pommes de terre. Dindon troufé. Jambon d' Yorhc. DESSERT: Créme á la "Chantilly", pâtes*

[192] O Dr. Itagyba inaugura uma linha telephonica. **Cidade de Patos**. Patos, Anno I, n.20, 23 de maio de 1916, p.2.
[193] Nota. **Cidade de Patos**. Patos, Anno I, n.20, 23de maio de 1916, p.2.

> *feuilletées, puddings, etc. Fromage, fruits. VINS: Port, Serradayres teint, Serradayres Blanc, Bordeaux, Champagne. Eau minerale. Liqueurs "Pére Kerman", Annisette e Cacau. Cigarres. MUSICA: Diversas peças executadas pela Orchestra "Carlos Gomes" do Collegio S. Geraldo*(sic).[194].

Fazendeiros. Republicanos. Letrados. Cosmopolitas. Francófonos. Elementos basilares na identificação dos Maciéis enquanto grupo. Não apenas entre si, mas, ainda, dentro da pequena cidade de Patos. Todavia, um historiador atento observa que essas características são similares senão a todos, pelo menos à maior parte dos grupos familiares que atuavam na cena política da Primeira República. Aproxima-se, por exemplo, das famílias que conduziram, com mão de ferro, o processo de modernização e urbanização do interior de São Paulo, protagonizando o que José Evaldo de Melo Doin chamou de "*belle époque* caipira"[195].

Há, contudo, mais um elemento. Certamente, o diferenciador dos Maciéis na arena de conflito com os Borges, mas, também, no cenário da velha República. O clã macielista era composto, principalmente... de *protestantes.*

É claro que a documentação não permite à historiadora deste trabalho afirmar que "todos os Maciéis eram protestantes". Concorre para tanto, o fato de que até 1947 não havia histórico ou atas relativas à Igreja Presbiteriana de Patos de Minas[196]. Na ausência dos nomes que compunham a congregação, resta seguir "os fios e os rastros", adotando como metódica o paradigma indiciário ensinado por Carlo Ginzburg[197].

Seguramente, Antônio Dias Maciel, o "Tonico", filho do Coronel Farnese Maciel; e Noé Ferreira da Silva, filho do Coronel Augusto Ferreira, eram presbiterianos. Quanto a Noé não

---

[194] O Dr. Olegario Maciel acompanhado de lusida commitiva, fez uma visita a Carmo do Paranahyba. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 19 de março de 1922, Anno I, n.29, p.1.

[195]DOIN, José Evaldo de Mello, et. al., A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) — a proposta do Cemumc. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: v. 27, n. 53 (junho de 2007).

[196]Até 1947, o núcleo presbiteriano de Patos de Minas se organizava na forma de Congregação e não de Igreja. A solicitação para a mudança de status partiu do Reverendo Augusto da Silva Dourado à Missão Oeste, à qual a Congregação se ligava. Na ausência de atas ou de um histórico pronto, coube ao Rev. Dourado o primeiro trabalho de compilação de informações sobre a história do protestantismo em Patos, através de relatos mnemônicos e documentos emprestados das famílias presbiterianas locais. O trabalho foi reunido no "Histórico da Primeira Igreja Presbiteriana de Patos de Minas", impresso em 1983.

[197] GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais:** Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

foi possível determinar a época de sua conversão[198]. Mas, Antônio Dias Maciel fez a sua profissão de fé pública em 10 de outubro de 1915, aos dezessete anos.

Antes da República, porém, o clã macielista era católico. É indicativo disso a postura do então vereador e presidente da câmara, o Major Jerônimo Dias Maciel, no discurso de instalação da Villa de Santo Antônio dos Patos, em 29 de fevereiro de 1868. Embora o juramento "sobre os Santos Evangelhos" fosse parte constitutiva do rito, o Major termina sua preleção convidando os *"Senhoris Veriadoris e Sidadons"* presentes, para se dirigirem à igreja matriz e, ali, assistirem a um *"Te de uum Laudamuz"* em ação de graças ao ato de instalação da vila[199].

Depois de 1889, o panorama muda de figura. As informações recolhidas de jornais, memórias, livros de memorialistas e, ainda, de uma produção acadêmica inicial que se dá, sobretudo, no campo da história da educação[200], oferecem *fortes indícios* de que um número expressivo de sujeitos pertencentes ao clã macielista, se tornaram presbiterianos.

Um primeiro indício vem do acolhimento de pregadores na Villa de Santo Antônio dos Patos, em 1889.

Naquele ano chegaram à vila, vindos do Rio de Janeiro, três casais protestantes: os ingleses metodistas John Thomas e Eliza Jane Smith; Jorge e Maria Cramer; Saint-Clair Justiniano e Francisca Beatriz Ribeiro. A documentação pesquisada não oferece informações de como a comunidade da vila dos Patos, ou o clero católico, reagiu à pregação do pastor John Thomas entre os patenses. Entretanto, essa mesma documentação revela que a Sra. Smith não apenas obteve licença junto à Câmara como, *durante nove anos*, esteve à frente de uma *escola municipal para moças*, entre 1889 e 1898:

> Eliza Jane Smith chegou a Patos em 1889, em companhia de seu esposo, o pastor protestante John Thomas Smith, de nacionalidade inglesa. Foi a primeira orientadora da Escola Municipal do Sexo Feminino. O inspetor Josias Leopoldo, em visita à escola em 1896, constata 4 classes em funcionamento, com 41 alunas, ouvindo as classes

---

[198] Noé Ferreira da Silva, 1887-1933, era formado em Odontologia e também fazendeiro. Foi professor da escola presbiteriana, o "Instituto Sul Americano", e redator- proprietário do Jornal Presbiteriano "A Reforma", fundado em 1932, com o Dr. Antônio Dias Maciel.

[199] Cf. CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 29 de fevereiro de 1868.** Livro de Atas n. 01, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[200]Ver: RIBEIRO, Viviane. **Do ideário protestante à finalidade do trabalho**: os presbiterianos no contexto educacional do Alto Paranaíba, MG (1946-1966). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado em História da Educação, 2005; LEITE, Sergio Celani. Predestinação e Escolaridade: a comunidade presbiteriana e a educação no município de Lagamar. In: GATTI Jr., Décio (org.). **História da Educação em perspectiva:** ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas, SP: Autores Associados, Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. p. 193 - 225.

> mais adiantadas "em leitura, elementos de gramática, análise etimológica, aritmética, geografia geral e especialmente do Brasil; em história do Brasil e especialmente de Minas, elementos de cosmografia, de história natural, silabário, lições de cousas, etc." O inspetor elogia a professora e agradece a recepção que lhe foi prestada. Foram cantados, na ocasião de sua visita, diversos hinos escolares, acompanhados de harmonium por algumas meninas. Dá notícia, também, de magníficos trabalhos com agulhas. O asseio, educação e boas maneiras das alunas impressionam o visitante, sempre rigoroso em suas inspeções.[201]

O que impressionou a historiadora nesse registro foi que, uma vez articulada ao fato de que a educação era pedra basilar na estratégia de disseminação do protestantismo, a escola para moças de Jane Smith era, sim, *instrumento de propagação da fé*. Historicamente, ao lado das residências nas quais ocorriam os cultos dominicais protestantes, erguia-se uma escola a partir da qual se esperava a conversão de novos crentes. Estes, num segundo momento, seriam multiplicadores da Palavra. Isto se aplicava, particularmente, à Missão Oeste[202], à qual se ligava a vila dos Patos, conforme observam Michelle Rossi e Viviane Ribeiro:

> [...] Embora a Missão Oeste do Brasil privilegiasse o trabalho de evangelização direta, baseado na construção de igrejas e na conversão da população, não deixou de utilizar as instituições educacionais (característica da evangelização indireta, ou seja, aquela que utiliza instituições que vão mediar a propagação do protestantismo), pois, sem a instrução não era possível cristianizar o povo[203].

No início do século XX, os documentos registram a conversão de dez membros da comunidade patense: João Camilo da Cruz, João de Barros e Silva, Francisco Tolentino, Francisco Amâncio, e Maria Carioca Amâncio, Antônio Dias Maciel, João Pacheco Filho, Américo Coelho, Oscar Gomes e João Evangelista Gonçalves. Apesar de apenas Antônio pertencer à família Maciel, em suas próprias memórias, registradas em carta à Igreja

---

[201] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p. 137-138.

[202] A presença protestante na região Triângulo Mineiro teve início em 1884, com a chegada do pastor norte americano John Boyle à Bagagem, atual Estrela do Sul. Boyle fazia parte do grupo de igrejas presbiterianas do sul dos Estados Unidos, reunidas na siga PCUS - Presbyterian Churches United States, responsável pela evangelização de São Paulo, Triângulo Mineiro e sul de Goiás. Em 1906, a missão ligada à PCUS iria se dividir em dois campos missionários: a East Brazilian Mission, ou "Missão Leste", com sede em Lavras; e a West Brazilian Mission, com sede em Campinas. Coube à Missão Oeste a evangelização do Triângulo Mineiro, composto pelas seguintes localidades: Patrocínio, Serra do Salitre, Douradoquara, Rio Paranaíba, Carmo do Paranaíba, Arapuá, Lagamar e Patos de Minas. Cf. RIBEIRO, Viviane, Ibid. e LEITE, Sérgio Celani, Ibid.

[203] ROSSI, Michelle Pereira da Silva; RIBEIRO, V. Trabalho religioso e educação: a disseminação do presbiterianismo na região do Alto Paranaíba - MG 1884-1947. In: VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas - história, sociedade e Educação no Brasil, 2006, Campinas. **Anais do VII Seminário Nacional do HISTEDBR**. Campinas: Graf. FE, 2006. p. 1-17.

Presbiteriana de Patos, ele afirma que seu avô, o Coronel Antônio Dias Maciel, "ordenara a seus filhos *Farnese e Amadeu Dias Maciel* assistirem à pregação para garantir a ordem e a liberdade da palavra ao pregador (Grifos nossos)."[204]

A imaginação histórica permite, sem muito esforço, visualizar a figura do Coronel Farnese, devidamente armado, como era costume, assistindo ao culto e desafiando, com a sua simples presença, qualquer manifestação em contrário...

A ordem do Coronel Antônio Dias foi dada antes de 1910, ano de sua morte. Para que seu neto, o jovem Antônio Dias Maciel, nascido em 1898, se lembre do episódio no qual seu pai e seu tio foram mandados à casa do pregador, é necessário que sua lembrança se localize entre 1903 e 1910. Porém, tradicionalmente, a biografia de "Tonico Maciel" afirma que ele era o único Maciel presbiteriano e que teria "ouvido e acolhido a Palavra" em Lavras, no Instituto Gammon, onde fez o curso ginasial, em regime de internato, entre 1912 e 1914. A pergunta que fica é: por que o poderoso Coronel Farnese mandaria o próprio filho fazer o curso ginasial numa *escola presbiteriana* se ele mesmo, também não fosse, *pelo menos,* simpatizante da nova fé[205]? Afinal, conhecer, ele já conhecia...

Em 1929, quando a Congregação passou a se reunir em imóvel próprio, a localização da "Casa de Oração" era exatamente em frente... à casa do *Coronel Farnese.*

Também foi em 1929 que Olegário Dias Maciel, candidato pelo Partido Republicano Mineiro, disputou a presidência de Minas Gerais com Mello Vianna, candidato da "Concentração Conservadora". Embora Olegário tenha se saído vencedor, foi notório o apoio das Legiões Católicas a Mello Vianna, as quais divulgaram, a título de *denúncia,* a orientação protestante de Olegário... Evidentemente, os comitês de campanha negaram a acusação. Entretanto, ela existiu[206].

Por outro lado, em 1924 já funcionava, na casa de João de Barros e Silva, uma Escola Dominical com número suficiente de alunos para duas turmas: uma conduzida por Antônio Dias Maciel, já bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte; e outra sob a responsabilidade de Antônio Martins Vilas Boas, Delegado de Polícia e Promotor de Justiça,

---

[204] IGREJA Presbiteriana de Patos de Minas. **Atos Pastoraes e Rois da Igreja de Patos.** Patos de Minas, 1947, Livro II, fl. 13.

[205] Sobre o Instituto Gammon e a educação presbiteriana em Lavras, consultar: ROSSI, Michelle Pereira da Silva. **Dedicado à Glória de Deus e ao Progresso Humano**: A Gênese protestante da Universidade Federal de Lavras. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Tese de Doutorado em História da Educação, 2010.

[206] Cf. OLIVEIRA, Ione de Fátima. **Governo Olegário Maciel:** Minas Gerais (1930-33). Brasília: Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado em História Política do Brasil, 1998, p. 26.

nomeado por Olegário Maciel. Além de advogado, formado na mesma instituição que diplomara Antônio Dias Maciel, Vilas Boas era *Diácono da Igreja Batista*...[207]

A Escola Dominical cresceu e evoluiu para o "Instituto Sul Americano", uma *"escola evangélica com internato e externato para a educação dos jovens da igreja"*[208] Foi fundada em 1929 por Antônio Dias Maciel e funcionava *ao lado* da Casa de Oração, de frente à residência do seu pai, o Coronel Farnese...

Para auxiliar na direção do Instituto e no trabalho religioso da Igreja Presbiteriana, Antônio convocou Maria de Melo Chaves e seu esposo, o seminarista Carlos Chaves, velhos conhecidos do Instituto Gammon. Foi do registro mnemônico de Maria de Melo, datado de 1947, que a historiadora obteve um perfil geral da Congregação Presbiteriana de Patos em 1929:

> Após o primeiro culto, celebrado depois de nossa chegada, ao encerrar-se a reunião, dr. Antônio começou a apresentar-nos aos crentes. Fiquei assustada, pois a igreja era composta, na maior parte, de homens formados e de destaque na sociedade local [...] exclamei para o meu companheiro: Estamos bem arranjados. *Você está agora dirigindo uma igreja de doutores* (Grifos nossos)![209]

Além de homens grados, essa Congregação também era composta por homens ricos.

Enquanto o velho Cônego Getúlio reclamava ao Bispo, em 1909, das dificuldades financeiras de sua paróquia: "estou esperando a festa de Nossa Senhora da Abadia para ver se sobra algum dinheiro para vos enviar";[210]ou, externava seu amor a Patos afirmando, em 1910, que "jamais deixaria este povo, não obstante lhe terem sido oferecidas freguesias mais rendosas, nos pontos de estradas de ferro" [211], em 1930 o Reverendo Hardie informava à West Brazilian Mission que, embora a Congregação de Patos fosse a menor no campo da WBM, era *a que arrecadava os maiores valores de dízimo*...![212]

---

[207] Em 1924 Olegário Maciel era Presidente interino do Estado de Minas Gerais. Observe-se que a nomeação de Antônio Vilas Boas para o Cargo de Delegado de Polícia e Promotor de Justiça em Patos coincide com o período em que o conflito entre Maciéis e Borges atinge seu ápice. A biografia de Vilas Boas está disponível na página do Supremo Tribunal Federal, no seguinte endereço eletrônico: <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=207>. Acesso em 18 jun 2014.

[208] ROSSI, Michelle Pereira da Silva; RIBEIRO V. Op. cit., 2006, p. 13.

[209] CHAVES, Maria de Melo. **Bandeirantes da fé.** Belo Horizonte: Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais, 1947, p. 137.

[210] MELO, Pe. Getúlio Alves de. **Correspondência ao Bispo de Uberaba.** Cidade de Patos, 13 de julho de 1905. Série: Correspondências Diversas. Pasta n.04, 6. Arquivo da Cúria Diocesana de Patos de Minas. Apud. FERNANDES, Nilson André Pe. **A história da Diocese de Patos de Minas:** antecedentes históricos, preparação, criação e primeiro episcopado (1866 - 1968). Patos de Minas: Edição do autor, 2012, p. 270.

[211] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p. 107.

[212] Cf. ROSSI, Michelle Pereira da Silva; RIBEIRO V. Ibid., p. 13.

Pouco depois, em 1932, essa mesma Congregação viu seu Instituto Sul Americano transformar-se na Escola Normal, dirigida por Antônio Dias Maciel[213]. A Escola, voltada para a formação de professores, funcionou por um curto período na residência de seu tio Olegário, o agora eleito Presidente de Minas Gerais, e a quem se devia a intervenção e destinação de verba pública para a construção do prédio... O monumental edifício, construído em estilo europeu, ficaria pronto apenas em 1934, depois da morte de Olegário. Não obstante, foi erguido em frente ao seu palacete, o mesmo lugar em que a Comissão Construtora da nova Igreja Matriz solicitara à Câmara macielista, em 1919, autorização para erguer a Catedral de Santo Antônio de Pádua[214]. O pedido fora negado.

Diante do exposto, compreende-se o tom alarmista com que o Monsenhor Fleury Curado reportou ao Bispo de Uberaba, em 1936, suas impressões sobre a Escola Normal:

> [...] A tal escola "anormal", Snr. Bispo, é uma lástima lastimável e digna de toda lástima. O seu diretor, servindo-se de seu cargo, num prédio majestoso do governo, pago pelo governo, num estado e numa cidade catholica como Minas e Patos, auxiliado por alguns elementos, que só visam o ganho, vai distilando perfidamente o veneno da heresia nos corações das mocinhas que elle tem conseguido arrebatar. Já são diversas as moças que elle maldosamente, tem arrastado para o "seu" protestantismo. Isto, que eu acho um absurdo e uma injustiça clamorosa, num meio catholico como o de Patos, o governo manter na directoria de uma escola normal um fanático adversário das nossas crenças, que se serve do cargo para propaganda anticatholica e até política[215].

Destarte, entre 1889 e 1933, a Congregação Presbiteriana de Patos dificilmente seria composta por sujeitos "de fora" do clã político macielista. Apesar de Maria de Melo ou do Reverendo Hardie não citarem nomes, os indícios são fortes o suficiente para a historiadora deduzir que havia um número expressivo de famílias presbiterianas, ligadas ao clã macielista.

---

[213]A escola hoje denominada "Escola Estadual Professor Antônio Dias Maciel", permanece referenciada pela população de Patos de Minas como a "Escola Normal".

[214] O pedido à Câmara foi enviado pelo vice presidente da Comissão Construtora, e consta do expediente da sessão ordinária de 30 de setembro de 1919. O pedido foi apreciado, juntamente com o regimento da Comissão, tendo por relator o médico Dr. Euphrásio José Rodrigues, de quem Olegário Maciel fora padrinho de casamento em 1906. O relator apresenta parecer favorável à construção no local solicitado, por considerar de interesse público a construção não apenas de igrejas, mas também de hospitais e estabelecimentos de beneficência, o que redunda em um projeto apresentado à casa em 04 de outubro de 1919. Na sessão do dia 10 de outubro, porém, o próprio Dr. Euphrásio requer a retirada do projeto e seu encaminhamento à Comissão de Legislação para "maiores estudos". Cf. MELLO, Antônio de Oliveira, et. al. (2006), p. 212 - 213.

[215] CURADO, Cônego Manuel Fleury. **Correspondência ao Bispo de Uberaba.** Cidade de Patos, 12 de fevereiro de 1936. Correspondências Diversas. Pasta n.05, 33-38. Arquivo da Cúria Diocesana de Patos de Minas. Apud. FERNANDES, Nilson André Pe. Op. cit., 2012, p. 302.

Quanto, especificamente, à *família Maciel*, a documentação permite deduzir que os chefes políticos poderiam até mesmo não ter feito uma profissão de fé presbiteriana... Porém, com certeza, Olegário e Farnese Dias Maciel... não eram católicos![216]

[216]Maria de Melo Chaves não oferece indicativos de que, além de Antônio Dias Maciel outros Maciéis também fossem presbiterianos. Entretanto, há que se lembrar que a memória é, acima de tudo, um campo de luta. Na medida em que Maria de Melo insere suas memórias na narrativa que pretende registrar a saga da ação missionária, ela *seleciona e interpreta* suas lembranças em conformidade com as exigências do seu presente. Desta forma, ligar a truculência macielista à fé presbiteriana comprometeria, e muito, a imagem de povo bom, e eleito, oferecida pela autora em *Os bandeirantes da fé* de 1947.

II. 3. O Doutor Olegário Maciel

Conforme visto no início deste capítulo, a Política dos Governadores, inaugurada por Campos Sales, erguia-se sobre uma via de mão dupla, representada pela relação de compromissos entre os chefes políticos locais, os Coronéis, e o Governador. Se em Patos, o chefe político que melhor representou este papel foi o Coronel Farnese Dias Maciel, na outra ponta da política de compromissos o papel coube a outro Maciel, o Doutor Olegário. Diferente de boa parte dos Coronéis que, durante a República Velha, peregrinavam à capital para negociar benefícios à sua localidade, o Coronel Farnese pôde assentar a relação com o governo de Minas através, especialmente, dos laços de sangue.

Filho primogênito do Coronel Antônio Dias Maciel, Olegário foi "destinado" a atuar na arena política desde a infância[217]. Consoante com a tradição que sua família constituiu durante o Império, Olegário teve uma educação primorosa, forjada nos moldes franceses.

Depois de cursar as primeiras letras em Santo Antônio dos Patos, sob orientação de seu tio, o Major Jerônimo Dias Maciel, Olegário seguiu para o Colégio do Caraça, a escola que nascera com a incumbência de formar a elite política mineira, no Império e na República:

> [...] No século XIX, Minas gestava sua elite dirigente, e a criação de um colégio já era uma necessidade para a sua formação. Seria um colégio exemplar, a sementeira viva do poder: uma instituição nos moldes franceses, que recruta alunos em determinados segmentos sociais; proporciona um tipo particular de ensino centrado nas humanidades clássicas, preparando-os eventualmente para a academia; com hierarquia, grade curricular e arquitetura definidas para esse fim e, sobretudo, com notável dimensão preparatória para a vida pública, a carreira eclesiástica ou a magistratura[218].

---

[217] Olegário Dias Maciel nasceu em Bom Despacho do Picão, Distrito de Pitanguy, Minas Gerais, em 1855. Faleceu em Belo Horizonte, em 1933, quando era Presidente de Minas Gerais.

[218] ANDRADE, Mariza Guerra. À porta do céu. **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro: Ano 2, n.14, Nov.2006, p.43.

Isolado na Serra do Espinhaço, o Colégio do Caraça oferecia um curso preparatório para o nível superior, conforme esclarece, ainda, Mariza Guerra Andrade:

> [...] A passagem do aluno pelo Colégio do Caraça não significava a preparação para uma especialização profissional futura. O curso era voltado para os exames de acesso às academias. Contudo, o seu valor deve ser entendido pela dimensão preparatória para a vida pública_ tratava-se de educar aqueles que não eram como todos, mas como poucos, daí seu caráter socialmente classificador[219].

Sem dúvida, Olegário Dias Maciel pertencia à categoria dos "poucos" que, nascidos no interior da elite imperial tinham acesso ao universo das letras e, ainda, estavam aptos financeiramente ao exercício da política[220]. Em 1874, o jovem Olegário escolheu como profissão não o bacharelado em Direito, o que lhe garantiria um "bom emprego" dentro da burocracia do Império;[221] e, sim, a Engenharia Civil oferecida pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Foi dentro da Polytechnica que Olegário Maciel tomou contato com a renovação intelectual da década de 1870, a chamada "Geração de 70", à qual se ligavam a difusão do positivismo e o próprio movimento republicano. Conforme lembra Simon Schwartzman,

> O que deu sentido à Escola Politécnica do Rio de Janeiro [...] foi o papel que desempenhou na criação de uma nova linhagem de intelectuais de elite, capazes de pôr em cheque a cultura estabelecida dos bacharéis, da Igreja, em nome da ciência moderna. A doutrina positivista deu aos engenheiros a certeza de que tinham o direito e a competência de gerir a sociedade, que se tornaria melhor e mais civilizada se o poder estivesse em suas mãos. Os positivistas se mobilizaram contra a monarquia, defenderam a educação para todos [...], fizeram oposição à Igreja e a todas as formas de organização corporativa da sociedade [...] e, antes de mais nada, organizaram-se em sociedades secretas e conspiraram para a tomada do poder. A marca de sua vitória, Ordem e Progresso, está até hoje registrada na bandeira do país[222].

---

[219] Id., Ibid., p.44.

[220]A carreira política só pôde ir ao encontro de Olegário Maciel em 1880, dois anos depois de sua formatura. Foi neste ano que completou seus 25 anos de idade, uma exigência formalizada pela Constituição de 1824 que, em substituição às Ordenações Filipinas, introduziu novas regras para o jogo eleitoral. A Constituição de 1824, outorgada pelo Imperador Pedro I substituiu as Ordenações Filipinas que, oriundas do período da União Ibérica sob a regência de Felipe II, regulavam a vida pública de Portugal e suas colônias. De acordo com a Constituição de 1824 as eleições permaneceriam sendo restritas aos antigos "homens bons" (homens aptos a fazerem parte da administração pública), mas agora escolhidos entre estes através de renda em espécie e não por fidalguia.

[221]SCHWARTZMAN, Simon. Op. cit, 1997, p. 100.

[222]SCHWARTZMAN, Simon. Id., Ibid., p. 102.

A carreira política de Olegário Maciel teve início em 1880. Ainda sob o Império, Olegário foi Deputado Provincial, entre 1880 e 1883; dirigiu o município de Patos na qualidade de Agente do Executivo de 1883 a 1886; foi, por um ano, Juiz de Paz do Distrito da Villa de Santo Antônio dos Patos, de 1887 a 1888; e Engenheiro Superintendente da Companhia Belga da Estrada de Ferro Pitanguy - Patos em 1888. Sob a República, e como membro do Partido Republicano Mineiro, em 1890 foi eleito Deputado à Constituinte Mineira:

> O Congresso Constituinte Mineiro_ sob a presidência do senador Bias Fortes_ foi instalado no dia 7 de abril de 1891. Ressalte-se que entre os 54 ilustres constituintes mineiros e signatários da Ata de Instalação do Congresso estava o deputado patense Olegário Dias Maciel. [...] "em 15 de junho de 1891, véspera da saída de Augusto de Lima do governo, o Congresso, de pé, declarou promulgada a Constituição do Estado... (sic)" [223]

Após a promulgação da Constituição de Minas Gerais, dirigiu o município de Patos entre 1892 e 1894. Foi eleito Deputado Federal, engrossando a bancada mineira no período da política dos Governadores, sucessivamente, de 1894 a 1908, nos seguintes mandatos: 1894 - 1896; 1897-1899; 1900-1902; 1903-1905; 1906-1908. Olegário Maciel passou rapidamente pela direção de Patos em 1907, aparecendo nas atas como Agente do Executivo. Depois, mais uma vez, foi eleito Deputado Federal para o biênio de 1909 - 1911.

O ano de 1910, porém, foi marcante. Após perder o tio, o Major Jerônimo, em 1906, quatro anos depois, em janeiro, veio a falecer seu pai, o Cel. Antônio Dias Maciel. Alegando problemas de saúde, Olegário optou pelo recolhimento privado e retirou - se para a cidade de Patos. Ali ficou pelos próximos três anos, vendo ser erguida a residência que mandou construir na Avenida Municipal, a avenida inspirada na *ChampsElysées*.

Passado o período de recolhimento, foi nomeado, no governo de Wenceslau Brás, Inspetor Geral do Serviço de Vias Férreas do Ministério da Viação e Obras Públicas, cargo que ocupou entre 1914 e 1918, durante a Primeira Grande Guerra.

O retorno de Olegário à arena política deu-se em 1922, quando foi escolhido, pelo Partido Republicano Mineiro, candidato a vice-presidente do Estado de Minas Gerais, na chapa encabeçada por Raul Soares. Com a eleição, Olegário assumiu a presidência do Estado, interinamente, por duas vezes: em setembro de 1923 e em março de 1924, quando Raul Soares se encontrava doente. Com a morte de Soares, em agosto de 1924, Olegário Maciel, mais uma

[223] MELLO, Antônio de Oliveira, et. al. Op. cit., 2006, p.160.

vez, assumiu a presidência interina até dezembro daquele ano, quando foi empossado Fernando de Mello Vianna.

Em 1925, Olegário retornou à vice-presidência do Estado e, ao mesmo tempo, ingressou no Senado Estadual, ocupando a vaga deixada pela renúncia de Basílio de Magalhães. Com o afastamento de Mello Vianna_ para concorrer à vice-presidência da República, na chapa de Washington Luís_ volta Olegário à presidência interina de Minas Gerais, de 20 de fevereiro a 31 de março de 1926.

Em 1927, Olegário Dias Maciel foi reeleito para o Senado Estadual e, após dois anos de legislatura, foi, finalmente, indicado pelo Partido Republicano Mineiro candidato à Presidência de Minas, para suceder o Presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.

Como se sabe, terminado o mandato do paulista Washington Luís, era de se esperar que ele apoiasse um mineiro para sucedê-lo na Presidência. As fichas, obviamente, recaíam sobre o Presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos. Contudo, Washington Luís rompeu o pacto da "política do café com leite" e apoiou outro paulista, Júlio Prestes. Preterido na sucessão presidencial, o próprio Antônio Carlos, apoiado pela Oligarquia Mineira e seus representantes políticos, dentre eles Olegário Maciel, iniciou articulações para a formação de uma aliança entre os Estados, que fechasse apoio em torno de uma candidatura alternativa à de Júlio Prestes[224].

A pretensão de Antônio Carlos era a de ser o "fiel da balança", no acordo firmado entre os representantes de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. No entanto, mais uma vez, Antônio Carlos foi preterido. A "Aliança Liberal" fechou posição em torno do gaúcho Getúlio Vargas, para a Presidência, e o paraibano João Pessoa, para Vice. Restou ao mineiro garantir, no próprio Estado, um presidente que fosse capaz de manter o apoio à candidatura de Vargas, à qual, como se davam os acordos na época, ele havia empenhado a própria palavra[225].

Entretanto, conforme esclareceu Ione de Fátima Oliveira, "durante a Primeira República, Minas Gerais apresenta um único partido que cataliza a totalidade das forças políticas. O PRM é comandado por uma Comissão Central Executiva e as lutas são canalizadas

---

[224] Sobre o papel de Minas no Movimento de 1930, ver: WIRTH, John. **O fiel da balança:** Minas Gerais na federação brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. Para uma leitura mais atualizada da chamada "Política do Café com Leite", consultar: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **O teatro das oligarquias:** uma revisão da política do café com leite. Belo Horizonte: C/Arte, 2001. Especificamente sobre o governo de Olegário Maciel e sua ação dentro do PRM, continua sendo trabalho de referência: OLIVEIRA, Ione de Fátima. **Governo Olegário Maciel:** Minas Gerais (1930-33). Brasília: Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado em História Política do Brasil, 1998.

[225] Id. Ibid., p.15.

para o nível intrapartidário."[226] Logo, diante da disputa interna entre Arthur Bernardes, Wenceslau Braz e Mello Vianna pela Presidência do Estado, o que cindia os votos da Comissão Executiva do PRM, Antônio Carlos tentou uma "jogada de xadrez" no tabuleiro político de Minas Gerais: com vistas a manter o pacto que havia firmado com o Rio Grande do Sul e, ao mesmo tempo, procurando garantir a sua ingerência na administração do Estado, ofereceu uma alternativa conciliatória, indicando *Olegário Dias Maciel para a Presidência* e seu genro, Pedro Marques de Almeida, para Vice.

A estratégia de Antônio Carlos era simples. Olegário já era um dos líderes da campanha oposicionista a Júlio Prestes, o que garantia o apoio a Vargas. Além disso, em 18 de outubro de 1929, data da Convenção do PRM, Olegário Maciel já contava com setenta e quatro anos de idade e uma saúde frágil. Tudo indicava que não conseguiria terminar o mandato de quatro anos, o que abriria o caminho para a ascenção de Pedro Marques à Presidência de Minas, com a sua óbvia tutela.

Antônio Carlos estava certo. De fato, Olegário não chegou a terminar seu mandato, pois veio a falecer em 1933. Mas quando morreu, já havia enterrado, em 1930, o jovem Pedro Marques de Almeida, morto aos 47 anos de Endocardite maligna[227].

Com a indicação de Olegário Maciel, Mello Vianna deixou o Partido levando consigo o então vice-presidente do Estado, Alfredo de Sá; 05 deputados federais, 08 deputados estaduais e boa parte das Câmaras Municipais. Saiu jurando vingança, prometendo ganhar pelas urnas o cargo que não havia conseguido ganhar dentro da Convenção.

Vianna passou a liderar uma facção oposicionista chamada "Concentração Conservadora" que, além de lançar sua candidatura à Presidência de Minas, apoiava a eleição de Júlio Prestes à Presidência do Brasil e, por isso mesmo, contava com o apoio do Presidente da República, Washington Luís. Deste modo, Mello Vianna pode utilizar, de maneira irrestrita, a máquina pública federal, canalizando-a para sua campanha e para a desestabilização do governo de Antônio Carlos: "[...] as repartições fazendárias, correios, Banco do Brasil, ferrovias, justiça Federal e tropas do Exército transformaram-se em meros instrumentos para a

---

[226] Id. Ibid., p. 22-23. Sobre o Partido Republicano Mineiro consultar, ainda: RESENDE, Maria Efigênia Lage de. **Formação da estrutura de dominação em Minas Gerais:** o novo PRM (1889 - 1906). Belo Horizonte: PROED/UFMG, 1982.

[227]Endocardite é uma infecção que atinge parte da membrana que encobre as válvulas cardíacas. Pode atingir também várias partes do coração. Infecções de origem dentária estão entre as principais causas da endocardite infecciosa.

desestabilização do governo estadual (sic).”[228] Por fim, Mello Vianna conseguiu o apoio das legiões católicas, que vieram à público *denunciar a orientação protestante de Olegário Maciel.*

Em 1930, a vitória na disputa travada entre Olegário e Mello Viana dependia, exclusivamente, de um elemento: a força política para agregar os Coronéis mais poderosos de Minas Gerais. Ou seja, aqueles capazes de “cabrestear” o maior número de votos e, se não possível, aqueles que tivessem força suficiente para preencherem, à *bico de pena,* as atas eleitorais. Neste ponto, se houve um “fiel da balança” este foi, sem dúvida, o Coronel Farnese Dias Maciel, da cidade de Patos. Cacique político local, liderou a ação mobilizadora do clã Maciel junto aos demais coronéis de Minas, na escalada de seu irmão Olegário rumo à Presidência do Estado.

A campanha, evidentemente, não foi pacífica. Porém, embora tenha havido agressões de parte a parte, a imprensa oposicionista de Patos, registrou, apenas, o atentado sofrido por Mello Vianna em Montes Claros, em 8 de fevereiro de 1930:

> [...] Patos vivia, no dia 8, aquella quietude costumeira, aquella monotonia de cidade sertaneja, quando á tarde, correu pela cidade, vagarosamente, o boato de que, em Montes Claros, após um comicio, houve forte tiroteio, resultando muitas mortes e muitos feridos, dentre estes o Dr. Mello Vianna e Dr. Carvalho Brito [candidato a Vice]. [...] ficamos a indagar de nós mesmos: será possível que homens de responsabilidades, num Brasil que se diz civilisado, cheguem a estes extremos, levados pela ambição, carcomidos de despeitos, cegos pela paixão e pela ancia do mandonismo e, sobretudo cegos pela falta de crença e de amor ao próximo, cometam sem trepidar [...] um dos mais revoltantes massacres, que registra a historia deste pobre Brasil?[...] No norte de Minas, nesta Minas de tradições liberaes, na terra de Tiradentes, foi preparado e levado a termo o innominavel atentado á vida do segundo magistrado da Nação, ao ídolo político do povo mineiro, ao candidato deste mesmo povo á Presidencia do Glorioso Estado de Minas Geraes, que neste momento é arrastado ao lamaçal do crime, da traição e da corrupção política[229].

Os Maciéis provaram seu poder de fogo: a vitória de Olegário foi, como se dizia na época, de “lavada” :

> [...] Num total de 7 circunscrições eleitorais a Comissão mista encontra o seguinte resultado: para presidente do Estado: Olegário – 329. 223 votos; Melo Vianna: 882

[228] OLIVEIRA, Ione de Fátima. Op., cit., 1998, p. 26.
[229] Attentado doloroso. **Gazeta de Patos.** Cidade de Patos (Minas), 16 de fevereiro de 1930. Anno I, n. 28, p.1.

> [...] Para vice-presidente: Pedro Marques: 328. 735; Mário Lima: 130 votos. [...]. 3ª Sessão Ordinária do Congresso Mineiro – 08.08.1930.[230]

Garantida a vitória de Olegário em Minas, restava a vitória de Vargas, permitindo à Aliança Liberal derrotar a situação através da via eleitoral[231].

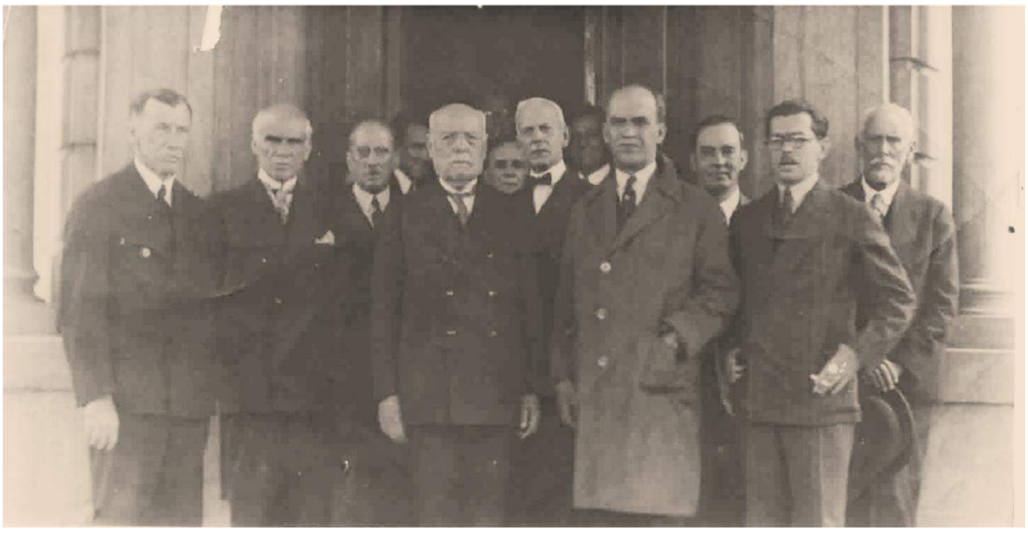


FIGURA 45: Na primeira fileira, da esquerda para a direita: Olegário Maciel, Carneiro Resende, Levindo Coelho, Luiz Pena, Alaor Prata, Francisco Campos, Arthur Bernardes. Na segunda fileira, da direita para a esquerda: Farnese Dias Maciel. Belo Horizonte, 1930.FONTE: Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

A "situação" mostrou-se, porém, mais eficiente. Dentro do quadro de fraude característico da República Velha, os partidários de Júlio Prestes manejaram melhor a falsificação de livros e documentos eleitorais, derrotando "nas urnas", os candidatos aliancistas[232]. Além disso, a Comissão verificadora de Poderes, ligada ao Congresso Nacional

---

[230] ARQUIVO Público Mineiro. Fundo Olegário Maciel. Série Documentos Políticos- 08-08-1930.

[231] A historiografia acerca da ascensão e permanência de Vargas no poder, é riquíssima. Sobretudo a partir dos Movimentos Sociais de fins da década de 1970, quando vários temas foram revisitados, a "Revolução de 30", a "Revolução de 32" e o próprio Estado Novo foram discutidos sobre as mais diferentes perspectivas, inclusive através dos diálogos com a historiografia marxista inglesa e com as possibilidades abertas pela renovação historiográfica francesa. Dentre obras clássicas e mais atuais, ver: FAUSTO, Boris. **A Revolução de 30:** história e historiografia. São Paulo: Brasiliense, 1970. Do mesmo autor: **O Brasil Republicano**: economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL, 1984; DE DECCA, Edgar Salvadori. **1930: o silêncio dos vencidos**. Ed. Brasiliense, 1981; CAPELATO, Maria Helena. **O movimento de 1932:** a causa paulista. Brasiliense, 1981; TRONCA, Ítalo.**Revolução de 30:** a dominação oculta. Brasiliense, 1982; LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986; PANDOLFI, Dulce Chaves. **Da Revolução de 30 ao golpe de 37**: a depuração das elites. 1987; BEZERRA, Holien Gonçalves.**O jogo do poder:** Revolução Paulista de 32. Editora Moderna, 1989; BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues. **Nos tempos de Getúlio:** da Revolução de 30 ao fim do Estado Novo. Atual Editora, 1990; BORGES, Vavy Pacheco.**Tenentismo e revolução brasileira**. Editora Brasiliense, 1992; FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil republicano:** o tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 387- 416.

[232] Cf. TELAROLLI, Rodolpho. **Eleições e fraudes eleitorais na República Velha.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

situacionista, preferiu reconhecer a vitória dos candidatos da Concentração Conservadora, "degolando" 14 deputados federais ligados à Aliança Liberal.

Neste contexto, que toma forma em âmbito nacional, destaca-se a conspiração para levar a Aliança Liberal ao poder, através da luta armada. Esta opção, porém, encontrou uma série de obstáculos.

Em primeiro lugar, foi rejeitada pelo candidato a Vice, o Presidente da Paraíba, João Pessoa, mais preocupado em combater a revolta que ocorria no município de Princesa, liderada por um desafeto político, o Coronel José Pereira[233]. Além disso, a preparação do movimento esbarrava na precariedade dos armamentos e na falta quase absoluta de munição. Na tentativa de resolver o problema, os aliancistas decidiram comprar os armamentos no exterior, na Argentina e na Tchecoslováquia. Para tanto, *só o Estado de Minas Gerais* deveria contribuir com seis contos de réis[234]. Do ponto de vista logístico, o movimento deveria ser deflagrado no mesmo dia em todo o Brasil, sob a chefia do Coronel Góis Monteiro.

Apesar de já ter concordado com a estrutura do movimento e se comprometido com a compra das armas, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada recua. A estratégia era manter-se "neutro" e transferir, definitivamente, a responsabilidade pela adesão de Minas a seu sucessor, Olegário Dias Maciel. Desta forma, o reinício das negociações com Minas Gerais só pode se dar depois da posse de Olegário. Quando, finalmente, os chefes políticos se encontraram,

---

[233] Para combater os rebeldes, João Pessoa ordenou à polícia paraibana que invadisse escritórios e residências de pessoas suspeitas de receptar armamentos destinados aos rebeldes. Ao ser invadida a residência de João Dantas, partidário do Cel. José Pereira, foram encontradas cartas íntimas trocadas entre João Dantas e sua amante (e noiva) Anayde Beiriz. As cartas foram publicadas com grande estardalhaço nos jornais oficiais, a mando de João Pessoa, levando João Dantas e seu cunhado Moreira Caldas a assassinarem a tiros o Presidente da Paraíba na Confeitaria Glória, em Olinda. Dantas e Caldas foram presos, torturados e degolados a golpes de navalha, interpretados como suicídio pelos legistas. A jovem professora de 25 anos, também morreu, suicidando-se com veneno de cobra. A quinta vítima da tragédia foi o deputado federal, amigo de Dantas, João Suassuna, assassinado no Rio de Janeiro por Miguel Laves de Souza. Mais tarde, falando sobre o evento que ceifou a vida do pai, o escritor Ariano Suassuna, falecido em 2014, comentou à Folha de São Paulo, em 11 de setembro de 1980: "Por ocasião dos acontecimentos de 30, nos quais, entre outras coisas, meu pai foi assassinado, a mando de pessoas que apoiavam Getúlio, éramos todos, da nossa família, antigetulistas." Cf. MELO FILHO, Murilo. Textos Escolhidos. **Academia Brasileira de Letras.** Disponível em:<http://www.academia.org.br/> Acesso em: 21 set. 2014.

[234] De acordo com Ione de Fátima Oliveira, em obra já citada de 1988, para honrar o compromisso, o Governo de Minas vendeu a Companhia de Bondes de Belo Horizonte por seis contos de réis, ao Grupo *Bond and share.* Porém, apesar dos esforços do comandante gaúcho Oswaldo Aranha, os armamentos só chegaram a Minas bem depois do movimento, forçando o governo mineiro a providenciar a organização de batalhões e a fabricação de material bélico. Por outro lado, a memória popular de Patos de Minas refere-se ao porão da casa de Olegário Maciel como sendo "um depósito de armas". Além disso, a memória de Deiró Eunápio Borges Jr. recorda-se de que, na contenda com os Borges, os Maciéis se utilizavam de armamento pesado*, inclusive de dinamites*. Cf. BORGES Jr., Deiró Eunápio. Op. cit., 1994.

Olegário garantiu a Lindolpho Collor e Maurício Cardoso, o seu apoio à causa e a Getúlio Vargas:

> Em Minas, o Sr Collor teve sua primeira entrevista com o sr. Olegário Maciel. Descreveu, pormenorizadamente, todo o plano organizado para o Sul. Falou da ligação com o Norte, onde estava Juarez Távora, e concluiu sua exposição entusiástica sem que o presidente nada falasse, apenas acompanhando as indicações que o Sr. Collor fazia sobre um mapa. O silêncio do velho mineiro causou espécie ao emissário dos pampas, que terminou por lhe perguntar se faltava alguma medida a ser tomada, ou se as que haviam sido consideradas eram suficientes. - Falta algo mais, senhor Presidente? Indagou Collor. [...] - Falta sim – respondeu o Presidente. Marcar dia e hora[235].

Minas Gerais foi o Estado que enfrentou mais dificuldades no movimento de 1930. Se nos demais Estados os efetivos militares simplesmente se uniram aos aliancistas, em Minas Olegário Maciel precisou enfrentar a resistência do 10 º Regimento de Infantaria em Juiz de Fora; do 11º Regimento de Infantaria em São João Del Rei; do 12º Regimento de Infantaria em Belo Horizonte e do 4º Regimento de Cavalaria em Três Corações. O mesmo não ocorreu, obviamente, em Patos. Segundo Geraldo Fonseca,[...] "estourada a revolução no dia 3 de outubro, de imediato o Coronel Quintino Vargas aparecia em Patos, fazendo várias requisições de caminhões e automóveis. Como seu representante, deixou na cidade o capitão Alfredo Moreira da Silva" [236].

O desfecho da luta armada pouco tardou. Em 24 de outubro de 1930, os generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e Isaías de Noronha depuseram o Presidente Washington Luís e formaram uma junta de governo, sem a pretensão inicial de conduzir Getúlio ao poder. Mais uma vez, Olegário Maciel demonstrou, publicamente, uma fidelidade canina ao próprio Getúlio, recusando-se a apoiar um governo federal encabeçado pela "digna junta militar". O governo foi, finalmente, entregue aVargas, em 3 de novembro de 1930. Concluída a chegada dos "revolucionários" ao Catete cabia, agora, a derrubada das oligarquias estaduais, base da Política dos Governadores e da "velha" República em relação à qual a "Revolução de 30" se anunciava ruptora.

---

[235] MORAES, Aurino. **Minas na Aliança Liberal e na Revolução.** Belo Horizonte: Pindorama, 1933, p.411. Quanto à expressão "causar espécie", a mesma significa "causar estranheza ou incômodo". Cf. Dicionário Online Priberam: <http://www.priberam.pt/dlpo/esp%C3%A9cie>. Acesso em 14 dez. 2014.

[236] FONSECA, Geraldo. Participação Patense na Revolução de 1930. **A Debulha, n.78.** Patos de Minas: 15 de outubro de 1983, p. 11.

Estava dado o impasse. Olegário Maciel, o "revolucionário" Presidente de Minas, era um representante legítimo da oligarquia mineira e de tudo o que o movimento de 30 alardeava suplantar. Porém, num mundo em que os sujeitos que atuavam na arena pública se entendiam *pessoalmente,* até mesmo a "Revolução" fora alinhavada com "fios de barba". A questão que agora ficava, para Vargas, era *também* de origem pessoal: Olegário Maciel, que se declarara originalmente favorável a ser nomeado "interventor", no caso de vitória do movimento de 30, agora cobrava o favor de ter apoiado, sobretudo financeiramente, a ascensão de Getúlio.

Este assunto também seria resolvido mediante as relações pessoais. Das cartas de Gustavo Capanema, Secretário de Governo, e primo de Olegário Maciel, Simon Schwartzman destaca uma das correspondências destinadas a Francisco Campos:

> [...] O Dr. Olegário entende que não deve ser considerado mero interventor do governo federal, sujeito a exoneração, como no projeto (de reorganização política do país) se declara. É fora de dúvida que a reorganização dos Estados tem que ser feita é mesmo por meio de interventores ou delegados do Governo Provisório, livremente demissíveis. Entende, porém, o Dr. Olegário, que tal providência não deve ser tomada em relação a Minas e ao Rio Grande, cujos governos, tendo promovido oficialmente a revolução, subsistem depois dela, com a mesma legítima autoridade de que foram investidos pelo povo, que os elegeu. [...] Não se diga que a situação do país está inteiramente transformada e que a medida deve ser de caráter geral. Em Minas e Rio Grande a situação não se modificou, pois ali os chefes de governo foram os próprios chefes revolucionários, tendo procedido como representantes legítimos do povo, o que tudo lhes dá um caráter sem dúvida nenhuma excepcional. Por tudo isto, quer o Dr. Olegário que a sua situação não se modifique, permanecendo com as mesmas prerrogativas e direitos de presidente de Minas, seu chefe revolucionário[237].

Getúlio... "engoliu". A despeito das desconfianças de Capanema a Getúlio, não lhe sendo em nada simpático, pois o considerava "[...] homem impróprio para aquele momento criador; uma figura incapaz de seduzir, de incitar ao trabalho, de convocar ao sacrifício, de organizar uma nação apenas saída da fornalha revolucionária" [238], ainda que num equilíbrio frágil, as pedras se assentaram.

Com Olegário mantido no governo do Estado, na condição de Presidente eleito, os Maciéis se tornaram, se não os donos de "Minas", ao menos os "donos do poder" na parte leste do Triângulo, posteriormente o "Alto Paranaíba". Em radiograma enviado a Gustavo

[237] SCHWARTZMAN, Simon et. al. Op. cit, 2000.
[238]APONTAMENTOS de Gustavo Capanema, s.d. GC/Capanema, G. 00.00.00/2, série pi. Apud: Id, Ibid.

Capanema, em dezembro de 1930, Adélio Maciel chegou a sugerir que Gustavo discutisse com o primo, o Presidente Olegário, a junção de dois municípios da região: Rio Paranaíba e Carmo:

> [...] Município Rio Paranaíba, instalado há 8 anos, pobre, pouco povoado, sede decadente, até agora não poude se organizar convenientemente devido a insignificante renda e falta de gente habilitada para se governar. [...] Os poucos cidadãos intellectual (sic), estão divididos em dois grupos inconciliáveis, menos por motivo da ordem política do que por questão religiosa. Os catholicos, em grande maioria, não têm um chefe capaz de dirigi-los e a quem o governo possa entregar a direção política e administrativa do município. O outro grupo é dirigido pelo Sr. Hilarino Rocha, com algumas qualidades de administrador, mas fortemente guerreado, sem nenhuma probabilidade de vir a conquistar as sympathias do povo, porque é chefe também da Igreja Protestante. [...] A renda da Câmara, que suppõe não ter ainda ultrapassado de vinte contos annuaes, é consumida em subsidio, ordenados e expediente, não existindo nem uma meza de propriedade da municipalidade. [...] A cadeia, construída pela população por ocasião da creação da Villa e sede da Câmara, por empréstimo, está em ruínas. [...] Nestas condições, attendendo-se a tudo isto e a que mesmo bem administrado falta ao logar elementos para se manter, devido à falta de renda, que não poderá ultrapassar de 25 contos, não seria conveniente, no momento, a fuzão deste com o município de Carmo do Paranaíba, também pequenino e de poucos recursos? [...] Peço ao prezado amigo examinar com o Sr. Presidente esta questão e responder-me alguma cousa urgente. Abraços, Adélio[239].

A documentação não permite inferir se os motivos que levaram Adélio Maciel a sugerir a junção dos municípios se devessem, *também,* à disputa entre católicos e protestantes. Sem dúvida, cabe pesquisa...[240] Porém, o que a historiadora deste trabalho pode afirmar é que o

---

[239] MACIEL, Adélio. **Radiograma a Gustavo Capanema.** Cidade de Patos, 8 de dezembro de 1930. Fundo Olegário Maciel. Série: Correspondência Política. Arquivo Público Mineiro.

[240]Na medida em que a Igreja Presbiteriana consolidou terreno, através da Missão Oeste, a disputa entre católicos e protestantes foi recorrente na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Nos trabalhos produzidos no âmbito da História da Educação, a historiadora encontrou referências ao embate não apenas em Patos de Minas, o que será tratado ainda neste trabalho, mas também em Patrocínio, Serra do Salitre e Rio Paranaíba. Nesta última cidade, o memorialista José Resende Vargas, ao referir-se ao Padre Miguel Kerdole Dias Maciel que, além de advogado, era proprietário da Fazenda Valladares e deputado provincial, diz que: "[...] iniciou o acirramento entre protestantes e católicos [...] Certa vez, incitou os católicos a incendiar e destruir o Templo protestante, que estava em construção, cujo resultado não chegou a um trágico desfecho, não fora a reação dos protestantes que alertados, defenderam-se fortemente armados."Já em 1927, o memorialista registra a morte do Padre Francisco Goulart de Souza que, a despeito de "morar com uma moça que dizia ser sua sobrinha", a morte em emboscada decorreu do embate político entre católicos e protestantes: *"*Dizia que ia colocar uma 'mordaça' nos protestantes, que estavam desenvolvendo uma campanha política muito aguerrida. [...] utilizando-se do púlpito para as pregações, [...] alertava os fiéis do perigo de *votar em protestantes*." Cf. VARGAS, José Resende. **Rio Paranaíba.** História e Estórias da Terra de São Francisco das Chagas do Campo Grande. Uberlândia: Gráfica e Editora Impresso, 1995, p. 83-85. Grifos nossos.

reconhecimento de Vargas da eleição de Olegário, e a sua permanência na Presidência de Minas, consolidaram o poderio político dos Maciéis. Mesmo que a "intuição" de Capanema acerca do "caráter" de Getúlio, tenha se confirmado um ano depois, em Agosto[241]: na tentativa de subordinar a oligarquia mineira ao Governo Federal, Getúlio apoiou oficialmente o governo de Olegário e, ao mesmo tempo, estimulou as fissuras no interior do PRM, instigando a tentativa de golpe orquestrada por Arthur Bernardes, em 18 de agosto de 1931:

> Em meio ao clima de tensão gerado pela Convenção do PRM, realizada em agosto de 1931, o coronel Júlio Pacheco de Assis, comandante do 12º RI, intima Olegário a renunciar, alegando ter ele recebido ordens, pelo telefone, do Rio de Janeiro, para assumir provisoriamente o governo do Estado. [...] Olegário, entretanto, repele a tentativa de golpe com facilidade devido ao apoio recebido da Força Pública Mineira, dirigida por Gustavo Capanema, Secretário do Interior e seu aliado político[242].

Fracassado o golpe, a necessidade política colocou à Vargas o imperativo de se desculpar pelo "indesculpável". Em radiograma, enviado a Olegário Maciel na própria noite de 18 de agosto de 1931, "esclarece": "Minha intenção é manter governo de V. Excia. E nesse sentido são instruções transmitidas ao Ministro da Guerra. Contudo, confusão reinante e notícias contraditórias levaram-me enviar ai emissário para observar acontecimento".[243]E Olegário responde:

---

[241] Nos seus apontamentos pessoais, Gustavo Capanema tece as seguintes considerações acerca da personalidade e do caráter de Vargas: "A primeira vez que vi Getúlio: em companhia do Campos e do Lanari, no Catete, à noite. Não me lembro o dia. Mas foi em dezembro de 1930. Lanari falou de finanças. Eu não tinha assunto. Visita a Minas. Impressão penosa. Homem frio, inexpressivo; não achei nenhuma flama, nenhuma simpatia; sem ardor, sem luz; não inspirando confiança; homem impróprio para aquele momento criador; cheio de reticências, de silêncios, de ausência; olhando para cima, não olhando para a gente; um riso difícil, riso sem alegria, sem malícia, mas com maldade; um físico redondo, com pequena estatura, com um ventre dilatado, as pernas apertadas numas calças brancas curtas; sapatos de fantasia; sem gravidade, sem emoção; uma pronunciação estranha de gaúcho; enfim uma figura incapaz de seduzir, de incitar ao trabalho, de convocar ao sacrifício, de organizar uma nação apenas saída da fornalha revolucionária". Também em fevereiro de 1931, menos de seis meses antes da tentativa de golpe conduzida por Arthur Bernardes, com o apoio de Getúlio, Gustavo Capanema mantém-se desconfiado de Vargas: "O Getúlio falou ao Olegário sobre a fundação da Legião, deve ter pedido que a fundasse. Não ouvi, mas soube depois. Diz-se que foi pedido de Campos. Teria ele querido a Legião? A divisão de Minas? Em seu discurso falou da união de Minas. Duplicidade? Hipocrisia?" Como hipocrisia terá sido, certamente, a aproximação de Vargas com a Igreja: "No dia 23, às 11 horas, *Te Deum* na São José. Fiquei perto do Getúlio. Getúlio, Olegário, Afrânio, Capanema. D. Cabral oficiou, João Rodrigues falou:*apostet illum regnare*. 1, Cr., XV, 25. Getúlio não ajoelhou. Protestante? Dizem que tem um filho chamado Lutero. Positivista, talvez. Talvez nada."In: APONTAMENTOS de Gustavo Capanema, s.d. GC/Capanema, G. 00.00.00/2, série pi. Apud: SCHWARTZMAN, Simon et. al., Op. cit, 2000.

[242] OLIVEIRA, Ione de Fátima. Op. cit., 1998, p. 100.

[243] VARGAS, Getúlio. **Radiograma a Olegário Maciel.** Palácio do Catete, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1930. Fundo Olegário Maciel. Série: Correspondência Política. Arquivo Público Mineiro.

> Seria excusado reafirmar a nossa absoluta confiança na perfeita lealdade do eminente chefe do Governo Provisório, do que nunca poderia duvidar não só pela segura impressão pessoal que guardo de sua Excia, mas ainda porque dele só tem meu governo recebido atento e cuidadoso interesse pelos altos problemas mineiros [...].[244]

Olegário Maciel só sairia da Presidência de Minas, morto. Talvez Getúlio o soubesse. E, talvez por isso, tenha se conformado. Passada a "Revolução Constitucionalista de 1932" quando, mais uma vez, Olegário externou seu apoio a Vargas, o velho Presidente de "Minas Geraes" titubeia. E cai.

Olegário morreu na manhã de cinco de setembro de 1933, com quase oitenta anos. A notícia chegou a Patos, pouco depois: "Precisamente ás 10 horas do dia 05 do corrente, um dos principais membros da família Maciel, recebia um radiograma comunicando a morte do Presidente Olegário Maciel, ocorrida na capital mineira" [245].

O destinatário do radiograma era o Coronel Farnese.

A notícia correu célere. A despeito das rivalidades entre os Maciéis e os Borges, inclusive as casas de comércio borgistas, cerraram as portas. O Coronel se recolheu. Preferiu a privacidade. Não foi, nem mesmo, a Belo Horizonte para o funeral do irmão e para onde se dirigiram, na tarde do mesmo dia,

> [...] o deputado dr. Adelio Maciel, Sr. Clarimundo Fonseca, prefeito municipal, dr. Sebastião de Sousa, juiz de direito, drs. Ernani de Morais Lemos e Antônio Maciel, advogados, este diretor da 'A Reforma', dr. Eufrasio Rodrigues, medico do Hospital Regional, srs. Zama Alves Pereira, Abner Afonso de Castro, Olavo Maciel, José Bernardes, Huascar Corrêa, major Edmundo Maciel, Cel Artur Tomaz de Magalhães, Olegario Tiburcio e d.Julieta Maciel (sic).[246]

Um dia depois, logo no dia 06 de setembro, Getúlio Vargas decretou luto oficial de três dias e que fossem prestadas a Olegário Maciel, honras de chefe de Estado:

> Decreto n. 23.130, de 5 de setembro de 1933 — Manda prestar ao Chefe do Governo do Estado de Minas Gerais, Dr. Olegario Maciel, as honras de Chefe de Estado. O Chefe do Govêrno Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, usando das atribuições contidas no art. 1º do decreto n. 19.398, de 11 de novembro de 1930, e atendendo aos inestimáveis serviços prestados ao país e ao novo regimen, instituído

---

[244] MACIEL, Olegário. **Radiograma a Getúlio Vargas.** Palácio da Liberdade. Belo Horizonte, 18 de agosto de 1931. Fundo Olegário Maciel. Série: Correspondência Política. Arquivo Público Mineiro.

[245] O falecimento do Presidente Olegario Maciel. **A Reforma.** Patos (Minas), 9 de setembro de 1933. Ano II, n.61, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[246] Id., Ibid.

> pela Revolução de 1930, pelo venerando Chefe do Govêrno do Estado de Minas Gerais, Dr. Olegario Maciel, hoje falecido, resolve: Artigo unico. Serão prestadas, em todoo país, ao Chefe do Govêrno do Estado de Minas Gerais, Dr. Olegario Maciel, honras de Chefe de Estado (sic).[247]

Em Patos, o Coronel Farnese Maciel cuidou de tudo. Das providências para a viagem ao Inventário de bens. Neste e em outros documentos, fez questão de se referir ao finado, não como o "saudoso irmão", mas, ainda que saudoso, e ainda que irmão, seria sempre... o Presidente:

> [...] Por este instrumento particular de procuração, por um de nós feito e por todos assinado, nomeamos e constituímos nossos bastantes advogados, Doutores Antônio Dias Maciel e Ernani de Morais Lemos [...] para requerer e acompanhar em todos os seus termos e incidentes o inventário dos bens deixados pelo finado Presidente Olegario Dias Maciel... [248]

Com a morte de Olegário, a dominação política dos Maciéis parecia ter chegado ao fim. Porém, isto se mostraria um ledo engano...

Na *década de 1940*, o Cônego Manuel Fleury Curado, ainda continuava reclamando ao Bispo:

> [...] As eleições correram em paz, mas os eternos inimigos do catholicismo em Patos não deixaram de usar as armas de sempre, que é a perfídia e a thraição. Organizaram (os Maciéis) a chapa para vereadores, à última hora, e os candidatos, na sua maioria, embora maçons, atheos e indiferentes, contudo não são, ao menos abertamente, infensos ao catholicismo. Ficamos aqui todos satisfeitos, porque apesar de tudo não eram candidatos o Dr. Antônio Maciel e seu irmão Zama, verdadeiros cretinos, sendo aquele o que V. Ex. bem sabe, um inimigo diabólico da Igreja e dos catholicos (sic)[...].[249]

A permanência dos Maciéis no poder, mesmo depois da morte de Olegário, decorreu das relações de compadrio e parentesco que marcaram a atuação política do clã desde o século século XIX.

---

[247] NOTICIARIO. Dr. Olegario Maciel. **Diário Oficial da União.** 06 de setembro de 1933. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/> Acessoem 11 jan 2014.

[248]CARTÓRIO DE 1º Ofício. **Inventário.** Inventariante: Cel. Farnese Dias Maciel. Inventariado: Dr. Olegário Dias Maciel. Op. cit., fl. 3.

[249] CURADO, Cônego Manuel Fleury. **Correspondência ao Bispo de Uberaba.** Cidade de Patos, s/d. Arquivo da Cúria Diocesana. Correspondências Diversas, pasta n.5, 40-41. Apud. FERNANDES, Nilson André Pe. Op. cit., 2012, p. 302.

Ora, em 1930, o próprio Olegário Maciel havia nomeado Prefeito um antigo correligionário dos Maciéis: Clarimundo José da Fonseca Sobrinho, o "Camundinho". O "Prefeito Camundinho" seria, inclusive, um dos braços armados dos Maciéis na luta contra os Borges. Não surpreende a presença de seu nome, compondo a comitiva para as exéquias do Presidente Olegário, em 1933; ou, ao lado de Ataualpa Maciel, contribuindo financeiramente com as *obras da Igreja Presbiteriana de Patos de Minas*, em 1939...

Quando nomeado, em 1930, Camundinho não tardou em escolher para membros do Conselho Consultivo de Patos[250], Amadeu Dias Maciel, José Rangel, Pedro Francisco Guimarães, Huáscar Corrêa da Costa e Augusto Barbosa Porto. Mais tarde, dentre os vereadores eleitos em 1936, a Câmara escolheu, mais uma vez, Clarimundo José da Fonseca Sobrinho como Prefeito. Instaurado o Estado Novo, Vargas nada mais fez do que confirmá-lo no cargo. O Prefeito Camundinho continuou a ocupar o Executivo de Patos e, junto com ele... os Maciéis:

> Ás treze horas do dia vinte e dois de dezembro de mil novecentos e trinta e oito, no edifício da Prefeitura Municipal de Patos, reunidos os Srs. Clarimundo José da Fonseca Sobrinho, Prefeito do Município, Cel. Farnese Dias Maciel, proprietário e agricultor, Dr. Adelio Dias Maciel, médico, Moacir de Almeida Machado, banqueiro, Abner Afonso de Castro, fazendeiro e criador, Dr. Ernani de Morais Lemes, advogado, Diniz de Medeiros Morais, comerciante, João Cirino Neto, industrial, João Rocha, agente de Estatística do Município, e o secretario da Prefeitura, Ataualpa Dias Maciel [...][251]

Dentre os sujeitos que estiveram presentes na reunião, vários possuíam com o Coronel Farnese, não apenas relações de compadrio, mas, também, relações de parentesco: Adélio é seu filho, Abner Afonso é seu genro, Ernani de Morais é seu advogado, e sócio de seu filho Antônio, Ataualpa é seu primo...

Como seu irmão Olegário, o velho Coronel Farnese só deixaria de exercer o poder, morto. A morte o encontrou em 1949, com quase noventa anos. Mas antes disso já "havia enterrado", aos sessenta e dois anos, o líder da oposição local, Deiró Eunápio Borges.

---

[250] Após o movimento de 1930 e a asceção de Vargas ao poder, as Câmaras Municipais foram extintas. Conforme Mello, "[...] Os Presidentes das Câmaras que acumulavam a função de Agente Executivo foram substituídos pelo Conselho Consultivo, neste período, presidido pelo Prefeito Municipal. Em Patos de Minas o prefeito nomeado pelo interventor do Estado e que exercerá seu mandato de 1930 a 1945 foi Clarimundo José da Fonseca Sobrinho, popularmente conhecido como Prefeito Camaundinho". MELLO, Antônio de Oliveira, et. al., 2006. Op. cit., p.229.

[251] Id. Ibid., p. 239. A reunião foi convocada para responder as questões enviadas pela "Secretaria do Conselho Técnico da Economia e Finanças do Ministério da Fazenda", para o que Camundinho conta com "a colaboração esclarecida dos membros".

II. 4. iconografia Maciel

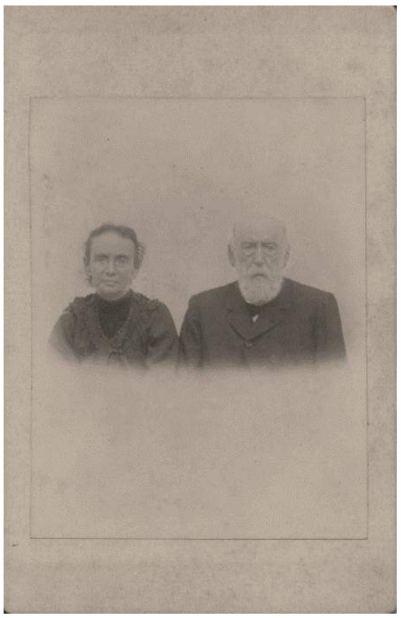


FIGURA 46: D. Flaviana Rosa e Cel. Antônio Dias Maciel
Autor: Porphirio Alves. Carmo do Paranahyba. s/d.
FONTE: Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.



FIGURA 47: Major Jerônimo Dias Maciel. s/d.
FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 48: Dr. Olegário Maciel. Assembléia Legislativa Provincial de Minas Gerais, 1882.
FONTE: Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.



FIGURA 49: Cel. Farnese Dias Maciel. s/d.
FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 50: Amadeu Dias Maciel. Autor: Bastos Dias. Rio de Janeiro. s/d. FONTE: Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.



FIGURA 51: Jorgeta Dias Maciel. Autor: Bastos Dias. Rio de Janeiro. s/d. FONTE: Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.



FIGURA 52: Dr. Marcolino de Barros. Autor: Aggeo Pio e Cia. 1895. FONTE: Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.



FIGURA 53: Jacques Dias Maciel. Belo Horizonte, s/d. FONTE: FONTE: Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.



FIGURA 54: Dr. Adélio Dias Maciel. 1900.
FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 55: Ordália Maciel e seu esposo, Dr. Antônio Dias Maciel (Tonico)s/d.FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 56: Cel. Farnese Dias Maciel e Família. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Risoleta Maciel, Adelaide Maciel (sentada), Coronel Farnese (sentado) e Zaíra Maciel. Em segundo plano, da esquerda para a direita: Dalcy Andrade Maciel (esposa de Aguinaldo), Aguinaldo Dias Maciel, Maria Rosa Maciel Guimarães, Iracema Maciel, Walda Magalhães Maciel (Yayá, segunda esposa de Adélio) e Zama Maciel. Em terceiro plano, da esquerda para a direita: Leopoldo Dias Maciel, Antônio Dias Maciel, Octávio Dias Maciel e Adélio Dias Maciel. s/d.FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 57: Getúlio Vargas e Olegário Maciel. (Primeiro plano). Fazenda da Floresta,Belo Horizonte, 02/abr/1933.FONTE: Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.



FIGURA 58: Em primeiro plano, sentados, da esquerda para a direita: Zama Maciel, filho do Cel. Farnese; Olegário Maciel, Gustavo Capanema. Palácio da Liberdade, Belo Horizonte, 1932.FONTE: Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

II. 5. fervorosos católicos: os Borges

Na outra ponta do conflito, que marcou a história de Patos, encontrava-se a família Borges, os representantes da oposição ao bloco situacionista, liderado pelos Maciéis desde 1868. Embora a disputa entre os grupos se desenhe a partir de 1889, a oposição oficial, dada na arena política do município, deu-se apenas na década de 1920, com a criação do "Partido Político Popular de Patos", o PPPP, em 1924.

A despeito de a explosão do conflito se enquadrar no contexto das lutas políticas clânicas, dadas ao longo da Primeira República, a documentação revela que do ponto de vista da composição do grupo, Borges e Maciéis eram extremamente *dessemelhantes*. Na tipificação das facções, a historiadora observa que, em comum, as famílias Borges e Maciel possuíam, apenas, a situação de migrantes e uma vasta parentela. No caso, especificamente, das relações de parentesco, os Borges também não se organizavam mediante uma feição clânica, ou seja: como um grupo fundado por ancestrais comuns e liderado por um chefe, em torno do qual gira a família, os correligionários e demais agregados. E, muito menos, demonstravam o orgulho da linhagem ou uma solidariedade política baseada no parentesco. O que definia a pertença dos Borges ao grupo, antes do seu sobrenome, era... *a sua fé.*

Fervorosamente católicos, os Borges se identificavam, e eram identificados na comunidade, através da sua relação visceral com a Igreja Católica Romana. Da sua chegada a Patos ao ápice do conflito com os Maciéis, os Borges se autonomeavam defensores do catolicismo e não por acaso, quando finalmente conseguiram eleger quatro vereadores oposicionistas, em 1936, o fizeram sob o estandarte da União dos Moços Católicos: *Por Deus e pela Pátria.*

Compreendê-los, entender o que os caracterizava e, a partir disso, perceber sua movimentação dentro do processo no qual se embateram com os Maciéis, requer, também, que se remonte à segunda metade do século XIX. Mais precisamente a 1866 quando, paulatinamente, os filhos de Antônio Felisberto Borges e Clara Maria de Oliveira começaram

a aportar no Arraial de Santo Antônio dos Patos, migrando de Formiga, na região centro - sul das Minas Geraes.

Segundo informação constante no trabalho de reconstituição da genealogia de Borges e Maciéis, a idéia de sair de Formiga para o Arraial dos Patos teria partido de José Antônio, o mais velho dos doze irmãos[252]. Logo, uma primeira pergunta se impõe: por que os Borges saíram de Formiga e foram para Patos?

Infelizmente, os documentos consultados não trazem nenhuma informação nesse sentido. O mesmo ocorre com os memorialistas de Patos de Minas[253]. Praticamente *não há* nenhuma linha escrita a respeito dos Borges, sua saída de Formiga e, *muito menos,* sobre o embate, aliás, sangrento, travado com os Maciéis. Quando muito, o Prof. Antônio de Oliveira Mello, escreve em 2006: "[...]Joaquim José de Santana foi chefe político de Patos de Minas até a data da sua morte [...]. Depois, o comando foi disputado pelas famílias Maciéis _ vinda de Bom Despacho em 1858_ e Borges, chegando de Formiga, antes de 1868 (sic)"[254].

Resta à historiadora, conjecturar.

A explicação mais palatável é a de que em 1866, o Arraial de Santo Antônio dos Patos oferecia mais possibilidades de enriquecimento para os jovens filhos de um comerciante de madeiras, e marceneiro, do que o Arraial de Formiga.

Quando Saint-Hilaire passou por Formiga, em 1819, observou que, apesar da "indigência" com que se apresentava a povoação, havia "gente muito rica nos seus arredores e na própria vila". Formiga era uma importante zona de mercadores, beneficiários de sua localização *entre* Goiás e o sertão, e destes com o Rio de Janeiro:

> Apesar da indigência que anuncia o aspecto de Formiga, parece que há gente bastante rica nos seus arredores e na própria vila. Localizada às portas do Sertão, Formiga faz um comércio considerável com essa zona. Os marchantes entretêm relações diretas com o Rio de Janeiro; enviam para o interior do Sertão o sal, o ferro e outras mercadorias que recebem da capital, e recebem, em troca, couros, peles de veado, algodão e gado. Os próprios arredores de Formiga produzem muito algodão; mas são os porcos que, como já disse, constituem a principal riqueza do distrito.

---

[252]Os irmãos Borges eram: José Antônio (1841 - 1882); João Antônio (1845 - 1909); Joaquim (1874 - 1932); Bernardino (1855 - 1889); Antônio Cândido (1858 - 1941); Francisco Irineu (1861 - 1927); Luiz Antônio (s/ d); Maria Esméria (s/d); Maria Clara (s/d), Maria Eugênia (s/d); Maria Francisca (s/d) e Maria Rita (s/d). Ver: PREFEITURA Municipal de Patos de Minas/Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural. **Árvore Genealógica - Família Borges.** Pasta: Genealogias de Famílias Ilustres. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[253]Além da memória popular, as referências aos Borges e ao conflito com os Maciéis aparecem em livros de *memórias*, particularmente nos citados livros de Maria de Melo Chaves, de 1947, e de Deiró Eunápio Borges Júnior, de 1994.

[254] MELLO, Antônio de Oliveira. Op. cit., 2006, p.90.

> Cria-se em quantidade até mesmo nas menores fazendas; os mercadores os compram e enviam em varas à capital do Brasil. [...] Como a região é muito comercial e aí passam continuamente caravanas provenientes de Goiás ou do Sertão, todas as mercadorias se vendem facilmente e são muito caras[255].

Por volta de 1866, porém, o sertão das Geraes já não correspondia a um "não lugar", à "vastidão de solidões" definidos pelo imaginário do conquistador branco até princípios do século XIX. "Desinfestados" os índios, combatidos os negros quilombolas, constituiu-se uma nova fronteira, praticamente *dentro* do sertão. Assim, o pequeno povoado de Santo Antônio dos Patos, que já aparecia sinalizado em cartografia referente ao período final da colônia[256], floresceu em 1866 como o intermédio de pouso mais próximo ao sertão da Farinha Podre e Paracatu do Príncipe, e "caminho" para Ouro Preto e o Rio de Janeiro.

Por meio do documento de normatização de condutas, o Código de Posturas escrito em 1870, a historiadora percebeu que não apenas a vila possuía uma vida social movimentada, como também atraía para lá um número expressivo de comerciantes. O mercado de bens e serviços, representado pelos comerciantes locais e, ainda, pelos itinerantes, era expressivo o suficiente para a câmara sobretaxar os sazonais, garantindo o monopólio local:

> [...] As licenças, pagas anualmente, eram dadas pela Câmara. Cobrava-se de cada negociante de fazenda de fora do município 100 mil réis; se morador do município 10 mil réis; de cada mascate de fora do município, 100 mil réis; se morador no município, 10 mil réis pela primeira vez; de cada negociante de ouro, prata ou jóias 100 mil réis; de cada dentista 30 mil réis; de cada retratista por qualquer sistema 30 mil réis; de cada funileiro, caldeireiro ou folheiro não domiciliado no município, mas que exerce a sua indústria transitoriamente 15 mil réis; de cada barraca ou botequim temporário 6 mil réis; de cada casa de jogo de bilhar 10 mil réis; de cada casa de jogos lícitos 50 mil réis; de cada engenho em que se fabricasse aguardente 10 mil réis; de cada engenho de serra que vendesse tábuas ou madeiras 10 mil réis. [...] igualmente sujeitas a taxas que variavam de 15 a 40 mil réis: [...] espetáculos de cavalinhos, teatros, espetáculos de pelotiqueiros, presépios, volantins, touradas, caixas de música, realejos e macacos[257].

---

[255] SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem às nascentes do Rio S. Francisco e pela província de Goyaz.** Tomo Primeiro. Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937, p.150.
[256] Ver Mapa 5.
[257] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p.71.


CAPITANIA DE
MINAS GERAIS
NOS FINS DA ERA
COLONIAL
Trabalho
elaborado por
JOSÉ FERREIRA CARRATO
COMARCA DO SERRO FRIO
COMARCA DO RIO DAS MORTES
COMARCA DE PARACATU
COMARCA DE PARACATU
COMARCA DE PARACATU

Mascates, caldeireiros, funileiros, folheiros, ourives, taberneiros, artistas... Um sortimento variado o suficiente para atrair os irmãos Borges rumo ao oeste das minas, deixando para trás a congestionada praça comercial de Formiga.

A despeito do que se infere através das informações presentes nas árvores genealógicas, a saída dos Borges de Formiga não correspondeu a um "êxodo". Pelo contrário, os irmãos foram chegando à Vila de Santo Antônio dos Patos, paulatinamente, na medida em que os mais velhos foram construindo riqueza. Quando chegou a década de 1880, os Borges já haviam se entranhado no cotidiano de Patos e se "estabelecido na vida", seja na prestação de serviços, seja na atividade comercial.

José Antônio, que era ourives por profissão, foi designado Primeiro Tabelião, cessionário do Cartório de Primeiro Ofício da vila. João Antônio tornou-se proprietário de uma pensão e de uma venda. Joaquim tornou-se empreiteiro de construções, proprietário de açougue e mercado, e avaliador do Juízo da Comarca de Primeira Entrância, com sede em Patos. Bernardino dedicou-se à comercialização do café, no distrito de Santa Rita de Patos, atual Presidente Olegário. Antônio Cândido, o "Tonico Borges", esteve à frente de um comércio de secos e molhados, a "Casa da Sinceridade e da Barateza". Francisco Irineu dedicou-se ao comércio de artigos para selaria, vendendo, no Largo da Matriz, arreios e ferragens. Porém, depois de muitos anos, voltou para Formiga com mulher e filhos. Finalmente, o mais jovem dos irmãos homens, Luiz Antônio, tornou-se fazendeiro. Mas, mesmo assim, manteve um comércio de secos e molhados.

Quanto às irmãs, com exceção de Maria Esméria, que permaneceu solteira, todas foram "bem encaminhadas". Casaram-se em Patos e, tal qual os irmãos homens, forneceram à família Borges uma profícua descendência. Numa época em que o número de filhos, por casal, girava em torno de dez, no final do século XIX entre pais e filhos, os Borges contavam *trezentas e trinta e quatro* pessoas!

Comerciantes abastados, os irmãos Borges não tardaram em participar do restrito círculo de homens bons da vila. A historiadora os encontrou a partir de 1870, atuando na arena política e estabelecendo as necessárias relações de compadrio com os potentados locais. Na sessão de 30 de maio de 1870, o nome de João Antônio Borges figura na ata da Câmara como *Procurador,* eleito em substituição a Antonio José dos Santos e Formiguinha:

> [...] A Commissão de fasenda composta dos abaixo assignados examinando o balancete de sete de Janeiro a sete de Abril do Corrente anno apresentado pelo procurador João Antonio Borges vem dar o seu parecer de cento e cinco mil nove centos e dês reis e as despesas feitas de seis secenta e um mil quinhentos e secenta

> reis fica um saldo a favor da Camara de secenta e treis mil e quarenta reis e julga as contas regulares e no caso de serem aceitas. Declarando o mesmo procurador que o ex procurador Antonio José dos Santos e Formiguinha ainda não entrou com o saldo que ficou em seu poder o qual é de cento e vinte um mil cento e trinta reis é a commissão de parecer que a Camara marque um praso de quinse dias improrrogáveis para o ex procurador entrar com a quelle déficit e quando o não faça ser compelido judicialmente pelo atual procurador a quem se fará essas participações na ordem que lhe for expedido. Salla das Sessões trinta de Maio de mil oito centos e setenta (sic)[...].[258]

Três anos depois, o cargo de Procurador viria a ser ocupado por Bernardino Antônio Borges.

Em 1880 os documentos revelaram José Antônio levando à pia batismal o seu oitavo filho, Deiró Eunápio... Apadrinhado por, ninguém menos, do que o *Coronel Antônio Dias Maciel e sua esposa, D. Flaviana*:

> Aos nove dias de maio de mil oitocentos e oitenta, baptizei solennemente a Deiró, filho legítimo de José Antônio Borges e de D. Seraphina Correia Borges, nascido a vinte de abril do mesmo anno. Foram Padrinhos, Antônio Dias Maciel e Flavianna Maciel. E para constar mandei fazer este que firmo. O Vigario Padre Getulio de Mello[259].

E, em 1883, devidamente engalanados com as patentes da Guarda Nacional, os irmãos Borges encontravam-se entre os convidados do casamento de Farnese Dias Maciel com Adelaide Caixeta. O casamento, oficiado pelo Padre Acúrcio João Ferreira, descrito como o "preto e virtuoso Vigário do Areado", faz parte da narrativa de D. Risoleta Maciel, a filha caçula do Coronel Farnese:

> Certamente nesses termos ocorreu o pregão de casamento de meus pais realizado há 90 anos, na Igreja-Matriz da Paróquia de Santo Antônio da Vila de Patos, então pertencente ao Bispado de Goiás. [...] E a 9/6/1883, em volta das 4 da tarde, em peso os moradores da comunidade, em suas vestimentas de gala, abalavam-se a caminho da festa. [...] O Major Caixeta e D. Sinhá [...] prazerosos, contaram com a boa vontade dos filhos e familiares na delicada missão de agradar os convivas. Entre estes destacavam-se [...] Tabelião Cap. José Antônio Borges, Cap. João Antônio Borges, Te. Joaquim Borges, Antônio Cândido Borges [...] O enxoval de Adelaide [...] fina

[258] CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 30 de maio de 1870.** Livro de Atas n. 01, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[259] SANTANA, L.J. Figuras de Patos de Minas: Deiró Eunápio Borges. **Jornal dos Municípios.** 24 de maio de 1969, p.11. Apud: FERNANDES, Nilson André Pe. Op. cit., 2012, p. 175.

> indumentária trazida da corte pelo Cap. João Borges, negociante na terra: os sapatos de cetim, meias e luvas de renda, véu, grinalda e buquesinho [...] e fazenda do vestido, alvo nanzuque [...].[260]

Diferente dos Maciéis, cuja riqueza emanava fortemente da propriedade fundiária, os irmãos Borges construíram um patrimônio com base na atividade comercial e na prestação de serviços. Essa relação com o comércio haveria de subsistir na segunda geração da família, até por volta de 1930. Por isso, nas páginas de reclames publicitários dos jornais borgistas[261], publicados nas décadas de 1910 e 1920, a historiadora encontrou, com facilidade, referências às casas comerciais "tocadas" pelos Borges. Além da "Casa da Sinceridade e Barateza", de Antônio Cândido Borges que, fundada em 1883, subsiste no princípio do século XX, as páginas publicitárias publicaram os anúncios da "Casa da Economia", de Virgílio Borges & Deiró; da "Pharmacia Borges, de Eunápio Correia Borges; da Alfaiataria Patense, de Octavio Borges; da Papelaria São José e da Officina de Obras Typographicas de Alfredo Borges; da Ourivesaria Borges de Augusto Borges; da Pharmacia Santa Therezinha de Theodorico Borges; da Typographia Borges, de Laurindo Borges; do Hotel da Luz de Olívio Borges[262].

Todavia, é importante lembrar que, por sua própria natureza, a ampliação da riqueza gerada pelo comércio tem por condição necessária a ampliação do mercado. E isto não ocorreu em Patos, quando alvoreceu o século XX e a segunda geração dos Borges ocupou a cena política da cidade.

Conforme se depreende do Quadro I, até 1890 o município de Santo Antônio Patos estava entre as localidades mais povoadas do Triângulo, com uma população inclusive maior do que a de Uberaba, que viria a ser sede de Bispado em 1907[263].

---

[260] BRANDÃO, Risoleta Maciel. Enlace matrimonial. **Folha Diocesana.** Patos de Minas, 14 de junho de 1973. Exemplar avulso. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[261] Eram jornais publicados pelos Borges: "O Commercio" (1910 a 1930), "O Riso" (1915 a 1917), "A Carapuça" (1915 a 1916), o "Jornal de Patos' (1924 a 1928) e "A Gazeta de Patos" (1929 a 1930).

[262]A título de exceção, Ildefonso (1884 -1972), filho de Antônio Cândido Borges tornou-se "um grande fazendeiro e criador de gado na região, dono da Fazenda Serra da Palmeira". Cf. RESENDE, Julio Cesar. **Logradouros públicos de Patos de Minas.** Patos de Minas: Edição do autor, 1993, p.62.

[263] No princípio do século XX, em 1909, um dos cronistas do Jornal "O Trabalho" afirma que a cidade de Patos possuía *50 mil habitantes*. Em nota, reclamando aos poderes públicos, um novo delegado, escreve: "[...] Urge que os competentes obtenham do governo estadoal um delegado militar (mas que não seja atrabiliario e déspota como alguns que se tornaram celebres nestes sertões) que se ponha a testa do serviço policial deste vasto municipio cuja população de *50 mil habitantes* não pode ficar sem o auxilio directo das auctoridades que ponham cobro ao estado bárbaro para que vamos caminhando sem a menor garantia possivel [...] (sic, Grifos nossos). In: DELEGACIA de Polícia de Patos. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de fevereiro de 1909. Anno IV, n.73, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

QUADRO I - População do Triângulo Mineiro - Censo de 1890

Município	População
Araguary	10 080
Araxá	29 213
Bagagem *Posteriormente Estrela do Sul	15 297
Carmo do Paranahyba	16 331
Coromandel	9 020
Fructal	10 816
Monte Alegre	15 671
Santo Antônio dos Patos	**29 477**
Patrocínio	34 893
Sacramento	15 101
Uberaba	26 715
São Pedro do Uberabinha, Distrito de Uberaba *Posteriormente Uberlândia	7. 541

FONTE: Brasil, Diretoria Geral de Estatística, 1898, p.47 -71.

No entanto, quando se anuncia o século XX, uma somatória de fatores contribuiu para que a cidade de Patos saísse da "rota" de trocas comerciais à época da vila, cedendo sua antiga posição de entreposto, e lugar de paragem, para a jovem São Pedro do Uberabinha, a futura Uberlândia, localizada no sudoeste do Triângulo. Dentre aqueles fatores somam-se tanto a introdução da criação extensiva de gado zebu no entorno de Patos[264], quanto a expansão da produção cafeeira no oeste paulista.

No primeiro caso, pelo fato de, naquele período, o campo ainda ter a capacidade de suprir as necessidades de subsistência, é pertinente deduzir que tanto o contingente populacional que morava nas fazendas pouco se deslocava à cidade quanto, também, as fazendas funcionavam como atrativos para a mão de obra que a cidade não conseguia absorver. Desta forma, no princípio do século XX não se havia estabelecido o grande êxodo de trabalhadores rurais que se observaria, também em Patos, a partir da década de 1950. Entretanto,

[264] O gado Zebu é de origem indiana e foi introduzido no Triângulo Mineiro, em fins do século XIX. Sua criação extensiva para o corte, exigindo grandes áreas de pastagens, amplia-se a partir da década de 1910, tornando-se uma atividade econômica extremamente importante da região. O primeiro ciclo de criação do zebu foi dominado pela criação do mestiço de Guzerá com Nelore. Já o segundo ciclo, marcado pela introdução da raça Gir, gerou um mestiço de grande porte, levando ao produto final de cruzamento entre Guzerá, Nelore e Gir, que se impôs na região. Entre 1935 e 1945, o Zebu chegou a alcançar o máximo de sua valorização: com a venda de um boi de qualidade, podia-se, na época, comprar uma fazenda. Segundo Júlio César Resende, coube ao Coronel Farnese Dias Maciel a introdução do Gado indiano no "sertão do Prata". Além do zebuíno, a região de Patos também produzia o gado Caracu, de origem européia, introduzido, dentre outros, por Noé Ferreira da Silva. Cf. RESENDE, Julio Cesar. Op. cit., 1993, p. 53 e p.47.

mesmo demonstrando um elevado índice de êxodo rural, na década de 1960 o percentual de habitantes no meio urbano em Patos de Minas continuava *menor* do que no meio rural[265]. Isto posto, conclui-se que nas primeiras décadas do século XX, a maior parte da população do município de Patos vivia na zona rural e, no que diz respeito ao consumo de mercadorias que as fazendas não produziam, os empórios dos distritos rurais eram capazes de suprir, dispensando o deslocamento à cidade, salvo em dias de festa.

Quanto aos consumidores sazonais, que até a década de 1880 passavam pela vila dos Patos indo a Paracatu; ou seguiam viagem na direção centro sul de Minas Gerais, rumo a Ouro Preto e ao Rio de Janeiro, também é pertinente deduzir que foram desaparecendo entre a última década do século XIX e a primeira metade do século XX. A dedução decorre da oscilação do pêndulo econômico na direção da produção cafeeira do oeste paulista, deslocando o trajeto do "dinheiro", antes contemplado pelos caminhos da "Picada do Goiás"[266]. Quando chega a década de 1890, o retraimento do mercado de Patos e, por conseqüência, a diluição do patrimônio dos Borges já era, praticamente, a "crônica de uma morte anunciada". A reversão do problema que se avizinhava, dependia, porém, de uma solução quase simples: fazer alcançar à cidade um ramal de estrada de ferro, devolvendo a Patos a sua posição de entreposto. A solução legal foi dada. Em vinte e oito de julho de 1893, a Lei Estadual número 74,

> [...] Autoriza o Presidente do Estado a conceder, a quem maiores vantagens oferecer, privilégio por 50 anos para a construção, uso e gozo de uma estrada de ferro que partindo da cidade de Santo Antônio dos Patos e passando por um ponto em que toque a navegação do Rio Paracatu, e pela cidade deste nome, vá terminar na divisa de Goiás, em direção à vila de Formosa[267].

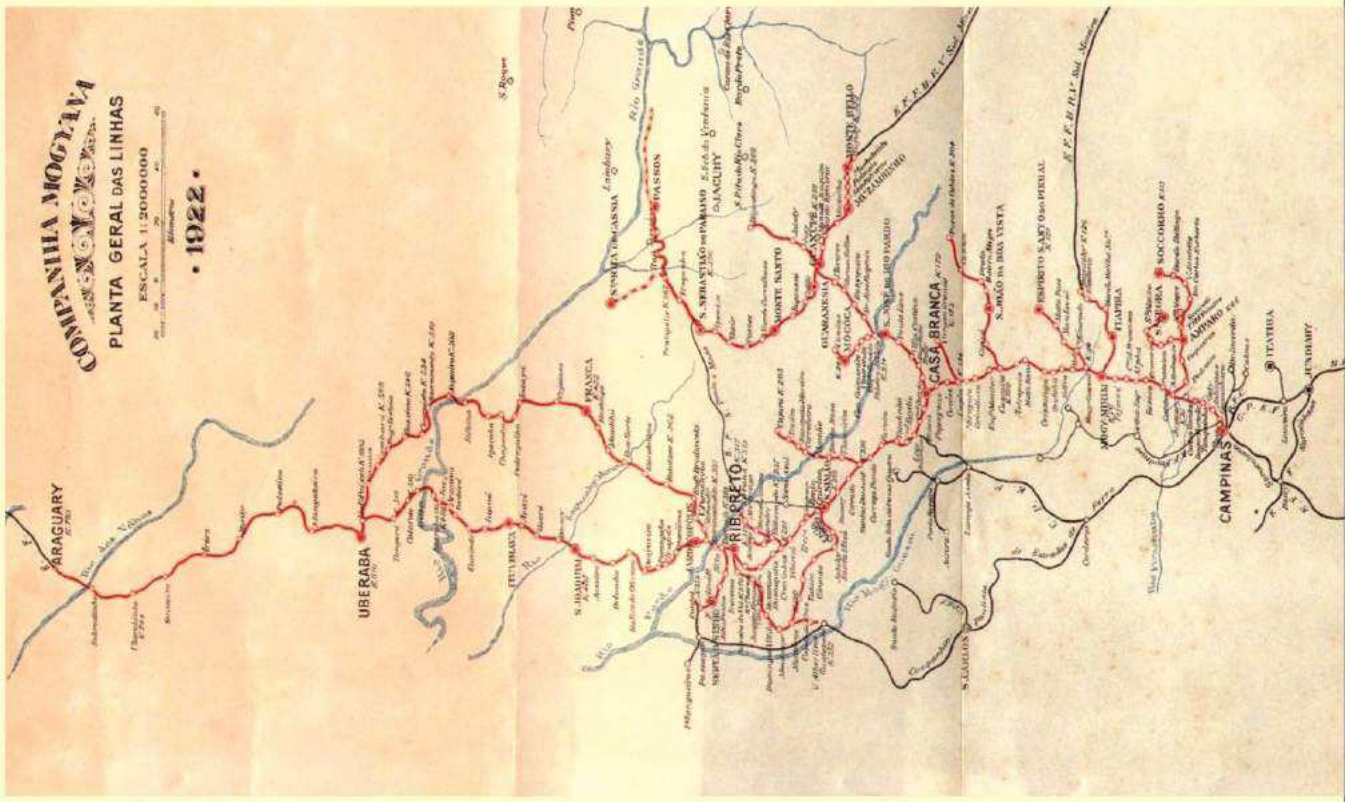
Entretanto, a estrada de ferro não chegaria a Patos. Chegaria, outrossim, à São Pedro de Uberabinha, através do prolongamento da Estrada de Ferro da Mogyana até Araguari, em 1895.

---

[265] Cf. SILVA, Geenes Alves da. **A união dos estudantes secundaristas de Patos de Minas (UEP/MG):** militância e formação cidadã e político-partidária (1958 -1971). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado em História da Educação, 2009.

[266]Sobre a "Picada de Goiás", ver a obra já citada de VILLALTA, Luiz Carlos (org.). **História das Minas Gerais -** As Minas setecentistas, 2007.

[267] MAMBRO, Galba Ribeiro di. **Levantamento das leis e decretos estaduais referentes a Patos de Minas.** Período: 1893 - 1930. Patos de Minas: Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Fundação Universitária de Patos de Minas, 1971, p.2.



MAPA 6: Planta Geral das Linhas da Companhia Mogyanna de Estradas de Ferro e Navegações. 1922 FONTE: Campinas de Outrora, 2014.

De acordo com a leitura que as elites uberlandenses fizeram de si, e da sua própria história, a chegada dos trilhos da Mogyana a Uberabinha foi o primeiro passo para a transformação da futura Uberlândia em importante entreposto comercial, passagem obrigatória de mercadorias e mercadores entre São Paulo e Goiás:

> [...] O prolongamento da Estrada de Ferro Mogyana até Araguari, passando por Uberlândia (1895), a construção da Ponte Afonso Pena (1909) e das rodovias pioneiras de Fernando Vilela e Paes Leme (1912) ligando as cidades do Triângulo Mineiro às de Goiás e por extensão, através da Mogyana, à Campinas e São Paulo estabeleceram as bases de comunicação necessárias para efetivar o desenvolvimento econômico da cidade[268].

Destarte, o patrimônio dos primeiros irmãos Borges não conseguiria resistir à estagnação do mercado interno, ao desaparecimento dos consumidores sazonais e à ampliação da praça comercial de Uberabinha. Por fim, a riqueza amealhada na segunda metade do século XIX, não apenas se diluiria entre seus muitos herdeiros como, também, não resistiria ao impacto da crise estrutural da economia brasileira, que explodiu no final da década de 1920[269]. Logo, numa época em que a política *permanecia* uma atividade restrita a poucos, quando chegou a segunda década do século XX, o patrimônio da nova geração de Borges estava longe de permitir a eles uma posição expressiva na arena política de Patos.

Assim, compreende-se a situação financeira de Olympio e Deiró Borges em 1924, ano de fundação do partido de oposição aos Maciéis. Naquele ano, o Major Olympio Borges, filho primogênito do Capitão José Antônio,veio a falecer. Para a família de dez filhos, deixou um espólio irrisório. Em discurso que viria a ser publicado no Jornal de Patos, um ano depois, Sandoval Babo disse dele: "Não amontuou riquezas para os seus, porque fizera como profissão

---

[268] OLIVEIRA, Jandira Lopes; WAKAHARA, Julio Abe. **Uberlândia - Minas Gerais.** Folheto Informativo. Banco Safra, Projeto Pró-Documento. Uberlândia: 1984. Sobre a mítica de que Uberlândia já teria, por "natureza", uma localização geográfica privilegiada, permanece sendo referência o trabalho pioneiro de: LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. **Uberlândia:** histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos: memórias, construção e apropriações dos espaços. Uberlândia, EDUFU, 2010.

[269] A economia brasileira chegou ao início do século XX completamente dependente da exportação do café. Conforme salientou Celso Furtado, as primeiras décadas do novo século celebraram o "apogeu" da cafeicultura brasileira, amparada pela política de valorização do café, acordada no Convênio de Taubaté de 1906. Basicamente, esta política de valorização consistia na intervenção do governo no mercado, para comprar o excedente da produção, mediante empréstimos estrangeiros. O pagamento dos empréstimos se daria através da arrecadação de novo imposto, cobrado em ouro, sobre cada saca de café exportada e, por fim, no desencorajamento, por parte dos Estados produtores, da expansão das plantações. Quando chega o final da década, o *crash* de 1929 provoca a implosão da economia nacional. Cf. FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, p.179.

de fé de que, no seu espólio, só se arrolaria este gigantesco monumento moral que contemplamos neste instante, de exemplos das mais belas virtudes (sic)[...].” [270]

No caso de Deiró Borges, o indicativo de sua situação financeira vem das memórias de Nair Eunápio Borges de Amorim, uma de seus oito filhos:

> [...] Quantas vezes eu já atrás dele a pedir-lhe que fosse para a cama e ele só dizia: “Vá, minha filha, é tarde, eu estou bem e já vou”. Eram muitos e muitos os motivos de sua tristeza, de suas preocupações e uma delas (depois é que a gente acorda) era que suas últimas filhas precisavam estudar e ele não estava em condições: trabalhava muito, mas a política não lhe dava trégua. Suzana e eu, a querida Suzaninha sempre caladinha, fizemos o 4º e o 5º ano por diversas vezes, mas um dia nos chega à nossa casa a Madre Maria de Jesus e Irmã do Rosário, pedindo a papai que nos mandasse com elas para Itabira; ficaria barato, etc. etc. Tanto insistiram que ele concordou (imagino hoje com que sacrifício) e foi aquela correria para preparar o enxoval[271].

Enquanto o patrimônio se manteve, os Borges estiveram presentes na vida pública de Patos. No Império, sua renda não lhes permitiu conquistar a patente de Coronel ou fazer deputados e senadores. Mas, foi suficiente para chegar às patentes de Capitão, Tenente e Major, e garantir representantes na câmara municipal entre 1870 e 1906[272].

Não seria por “dificuldade financeira” que a primeira geração dos Borges não investiria na educação superior de seus filhos. Todavia, pelo o que se pode observar na documentação pesquisada, apenas os filhos do Capitão João Antônio Borges, João e Affonso, tiveram formação em nível superior. O primeiro se formaria em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e o segundo em Odontologia pela Universidade de Minas Gerais. A historiadora encontrou seus anúncios publicitários nos jornais borgistas a partir de 1915. A formação superior seria mais recorrente na terceira geração, dentro da qual havia, sobretudo, advogados.

---

[270] Major Olympio Borges. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 12 de Abril de 1925. Ano I, n. 29, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[271]BORGES JÚNIOR, Deiró Eunápio. **De Deiró a Deiró:** memórias de um menino de recados. Belo Horizonte: Cuatiara, 1994, p.115.

[272] A pesquisa nas atas da Câmara revelou que estiveram presentes no Legislativo patense: Capitão João Antônio Borges, em 1870, na qualidade de Procurador e em 1889 como vereador; Bernardino Borges, em 1873, como Procurador e entre 1881 e 1883 como vereador, ocupando, inclusive, o cargo de Presidente da Câmara; Major Olympio Borges, em 1887, como vereador; e vice presidente da Câmara, entre 1892 e 1893 e em 1900; Virgílio Borges foi eleito em 1894, mas teve sua eleição anulada, por “possuir contato com a Prefeitura”; Augusto Borges foi vereador de 1894 a 1895 e entre 1895 e 1900; Alfredo Borges foi vereador entre 1901 e 1904. Finalmente, Augusto Borges aparece nas atas em 1906, mas apenas como suplente convocado a uma reunião extraordinária na Câmara.

É claro que, comparativamente, a formação em nível superior por "geração" é semelhante ao que ocorreu com os Maciéis. Nesse ponto os grupos não eram tão diferentes. O que ocorre, porém, é que, como o grupamento Borges é substancialmente maior do que o Maciel, em termos percentuais havia menos Borges diplomados em nível superior do que os próprios Maciéis. Especialmente, ao se considerar aqueles que entraram na vida pública: Olympio, Virgílio, Augusto e Deiró, filhos do Capitão José Antônio Borges; e Alfredo, filho de Bernardino Borges. Nenhum deles possuía formação em nível superior. E, no caso de Olympio e Deiró Borges, que freqüentaram a vida forense, o fizeram na qualidade de "advogados provisionados" e não por serem bacharéis em Direito[273].

Do ponto de vista político, também ao longo do Império os Borges estiveram alinhados com os Maciéis, mantendo com eles uma proximidade igualmente acimentada pelas relações de compadrio. O alinhamento se susteve mesmo com o advento da República, quando o Major Olympio Borges (1864 - 1924), insistiu em se posicionar a favor da Monarquia: em 9 de dezembro de 1889, na segunda parte da primeira sessão ordinária da Câmara dos Vereadores da Villa de Santo Antônio dos Patos, o secretário João Gualberto Amorim registrou a seguinte indicação do Presidente da Câmara, o vereador Sesóstris Dias Maciel, o Major "Gotte":"[...] Pelo Senhor Presidente foi apresentada a seguinte indicação: Indico que esta Camara faça sua adhesão ao Governo hogi estabelecido conforme redacção que officiace. Posto em discussão e votos foi approvada contra o voto do vereador O. Borges (sic)[274].

O vereador Olympio Borges, o único que se manifestou contrário à indicação de se aderir à República, na sessão de 12 de dezembro de 1889 apresentou seu pedido de exoneração da Comissão de Redação evocando, justamente, seu posicionamento *contrário* ao novo

[273]De acordo com Paulo Lôbo, "As Ordenações Filipinas (Primeiro Livro, Título XLVIII) determinavam que 'todos os Letrados, que houverem de advogar e procurar em nossos Reinos, tenham oito anos de estudo cursados na Universidade de Coimbra em Direito Canonico, ou Civil, ou em ambos', sob penas severas de prisão ou degredo para os infratores. Todavia, o Alvará régio de 24 de julho de 1713 declarou que, fora da Corte, poderia ser advogado 'qualquer pessoa idônea, ainda que não seja formado, tirando Provisão'. Desse termo, resultou a figura do "Provisionado" que perdurou no Brasil até o advento do mais recente Estatuto da Advocacia (Lei nº 8.906/94). Assim, pelas evidentes dificuldades de deslocamento para Coimbra, o título de bacharel em direito era quase nobiliárquico, servindo muito mais para a conquista de postos de comando da alta burocracia ou de efeito simbólico dos estamentos do poder na Colônia e no Império". A figura do Provisionado, ou Rábula, foi recepcionada pela OAB quando da sua criação, em 1930, e só foi extinta na década de 1970, quando a advocacia tornou-se, definitivamente, prerrogativa dos bacharéis em Direito. Cf. LÔBO, Paulo. Educação e Advocacia no terceiro milênio. In: **Jus navengadi.** Disponível em<http://jus.com.br/artigos/297/educacao-e-advocacia-no-terceiro-milenio>. Acesso em 05 out 2014.

[274] CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 09 de desembro de 1889.** Livro de Atas n. 03, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

governo. O mesmo secretário, agora se referindo ao Presidente da Câmara, como *Cidadão* Presidente*,* fez o registro:

> [...] 4ª Sessão ordinaria do dia 12 de desembro de 1889 [...] Presidencia do *Cidadão* S.D. Maciel [...] O Secretario João G. Amorim [...] Pelo vereador O. Borges foi dito que não tendo adherido ao novo regime de Governo pedia sua exoneração como membro da Comissão de redacção o que aceitara como favor (sic, Grifos nossos)[275].

Posto em discussão e votos, o pedido foi negado. De nada adiantou a intervenção do vereador Eduardo Ferreira de Noronha que, indicando à Câmara a aceitação da demissão de Olympio, nomeasse, como substituto, o tio deste, o *Cidadão* Capitão João Antônio Borges que, como se depreende da ata, também apoiou a proposta do Major Gotte.

A documentação demonstra que os Maciéis e seus correligionários cerraram fileiras, ostensivamente, em defesa da República. Sua tradição liberal e a formação positivista dos jovens que se diplomavam, iriam influenciar em grande parte sua filiação ao Partido Republicano. Sobretudo mais tarde, quando diversos setores militantes compreenderam que a República *não representava a ampliação da participação política*, os Maciéis não se furtaram a dar vivas ao novo regime.

Contudo, preso à caudalosa correnteza que parecia arrastar o mundo a um "novo tempo" ou, como diria Euclides da Cunha, em 1902[276], tão "condenado à civilização" quanto o restante dos brasileiros, Olympio Borges não teve como fugir da República. Em 10 de agosto de 1898, quando o Diretório Republicano do Município de Patos se reuniu na residência do "Cidadão Coronel Antônio Dias Maciel", o nome de Olympio foi apresentado pelo *próprio Coronel Antônio* como representante do 5º distrito, a ser indicado, pelos delegados de Patos, na Convenção Mineira do Partido Republicano:

> Acta da segunda sessão do Directorio Republicano do Município de Patos [...] Aos dez dias do mez de Agosto de mil oito centos e noventa e oito, nesta Cidade de Patos, Estado de Minas Geraes, em casa do Cidadão Coronel Antônio Dias Maciel, Presidente do Directorio Republicano deste município, presentes os membros do mesmo Directorio - *Coronel Antônio Dias Maciel, Coronel Farnese Dias Maciel, Tenente Coronel Daniel Alves Beluco, Tenente Coronel Augusto Ferreira da Silva,*

---

[275]CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 12 de desembro de 1889.** Livro de Atas n. 03, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[276] CUNHA, Euclides. **Os Sertões:** campanha de Canudos. 39ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora: Publifolha, 2000- Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro.

> *Capitão Antônio Vieira Machado, e Jose Pereira Caixeta, Alferes Valeriano Rodrigues Souto e Modesto Mello Ribeir*o, o Senhor Presidente declarou que convocara a presente reunião a fim de nomear-se dous Delegados á Convenção Mineira na capital deste Estado, para estes, como representantes deste Município, indicarem á referida Convenção os nomes dos Cidadãos que devem ser incluídos na chapa para representantes deste 5º Districto Estadoal ao Congresso Mineiro no próximo triennio. [...] Para este fim o Senhor Presidente propoz os nomes dos Cidadãos Doutores Olegario Dias Maciel e (...) Sabino Barrozo Junior, que foram unanimemente acceitos. *Em seguida, o Senhor Presidente pondo em discussão a necessidade de indicar-se representantes a este districto que bem possam advogar nossos interesses, apresentou o nome do Cidadão _ Olympio Borges, residente nesta Cidade, deixando a discreção dos Delegados a escolha dos outros Candidatos, sendo esta indicação aprovada sem opposição.* [...] Em nada mais havendo a tratar-se o Senhor Presidente mandou lavrar esta acta que vai assignada por todos os membros presentes. Eu, Modesto de Mello Ribeiro, primeiro secretario a escrevi e assigno [...] (sic, Grifos nossos) [277].

Olympio terminou por ser eleito Deputado Estadual, para a Terceira Legislatura, no período de 1899 a 1902. Porém, segundo afirma o Dicionário Biográfico de Minas Gerais, publicado pela Assembléia Legislativa do Estado, Olympio Borges [era]: "[...] Adepto do regime republicano desde a juventude, participou de sua propaganda e [...] pertenceu ao PRM"[278].

A documentação não consegue explicar os motivos que levaram Olympio Borges a se declarar contrário à República. Mas, oferece uma explicação bem razoável para o abandono da arena eleitoral, em 1900 e, de resto, por boa parte dos Borges pelos próximos vinte e quatro anos[279].

---

[277]CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 12 de desembro de 1889.** Livro de Atas n. 03, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[278] MONTEIRO, Norma de Góis. (coord.). **Dicionário biográfico de Minas Gerais** - período republicano - I 889-1991. 2 v. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994, p.69.

[279] A documentação não permite confirmar as memórias de Deiró Eunápio Borges Jr, de que "todos os Borges" se retiraram da política. O grupo era muito grande e, em muitos casos, dispersos em núcleos familiares que viviam fora do distrito da cidade. Das memórias de Nair Eunápio Borges de Amorim, registradas no livro do irmão, a historiadora observou, por exemplo, que o chefe oposicionista, Deiró Borges, encontrava resistências entre os familiares e até entre seus correligionários: "E papai?! Aquele querido pai que tanto sofreu e nós sofremos com ele. Assumiu a chefia do PPPP (Partido Político Popular de Patos) e que decepção; sempre perseguido pelos adversários, muitas vezes sofrendo incompreensão dos próprios correligionários e parentes. Quantas vezes o vimos numa tristeza imensa!" In: BORGES JÚNIOR, Deiró Eunápio. **De Deiró a Deiró:** memórias de um menino de recados. Belo Horizonte: Cuatiara, 1994, p.114.

Apesar de Olympio ter sido eleito vereador em 1900, juntamente com seu primo Alfredo, o primeiro abriu mão de seu mandato, alegando incompatibilidade com o cargo de Tabelião do Cartório de Primeiro Ofício, assumido em 1894, em substituição a seu pai, o Capitão José Antônio Borges. Assim, entre 1900 e 1924, ano da morte de Olympio e, igualmente, da fundação do Partido Político Popular de Patos, os Borges simplesmente se afastaram da política. Não ofereceram candidatos e também não votaram.

Quis a memória de Deiró Eunápio Borges Júnior, o "Deirózinho", que o afastamento dos Borges da vida política se dera em protesto ao banditismo eleitoral dos Maciéis, dado em um pleito "renhido" por volta de 1904:

> [...] Referia meu pai que, ante iminente derrota eleitoral de Olegário Maciel num pleito renhido, parece-me que em 1904, em Patos os mesários não compareceram às respectivas seções. Acorreram, então, os eleitores, à mais próxima, no arraial de Lagoa Formosa. Ali se encontrava o doutor Marcolino de Barros, na condição de fiscal dos Maciéis. Sob pretexto de defendê-lo, um bando de jagunços desfechou uma descarga de fuzilaria na casa de Randolfo Borges, local da seção. Desgostoso com tais cenas de banditismo, Olympio Borges, que era líder natural dos Borges, como Olegário Maciel o era dos Maciéis, não mais se envolveu com política. E cresceu a influência dos Maciéis até 1927, pois os Borges, que não compareciam às eleições, consultados por seus amigos a respeito, não se opunham a que estes o fizessem[280].

Cabe observar, porém, que o registro de memórias não é "neutro". Trata-se de reconstrução da própria identidade dos sujeitos. Conforme Pollak, "[...] através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros"[281]. Da mesma forma, no momento em que as memórias estão sendo tecidas, os sujeitos selecionam do passado o seu *legado para o futuro.* Dito de outra forma, esta memória é tanto um esforço de recuperação da lembrança do "vivido" quanto uma ferramenta política, na medida em que o sujeito seleciona do passado o que deseja ser lembrado de si e do grupo do qual faz parte. Neste sentido, o esforço mnemônico se *movimenta* em temporalidades diferentes, indo do presente ao passado e deste ao futuro, conforme percebeu Ferreira, em 1996:

> Inelutavelmente ligada ao presente em que é forjada, a memória reelabora e, portanto "trabalha" no presente no qual os indivíduos - seres sociais - estão inscritos. É este tempo que vai influenciar a "seleção" das lembranças, o caráter e o conteúdo delas. Os entornos do presente, a emoção, as privações ou abundâncias, e claro, o lugar social

[280]BORGES JÚNIOR, Deiró Eunápio, 1994, p.62.
[281]POLLAK, Michel "Memória, esquecimento, silêncio". **Estudos Históricos: Memória.** Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.13.

> dos indivíduos vão "apontar" para "o quê" deve ser lembrado. Sem dúvida, o presente age como um "filtro", determinando quais "pedaços" do passado serão recuperados. Mas, por quê? Por que justamente "estas" lembranças e não "outras" são trazidas à luz? Se o caráter seletivo é perfeitamente compreensível - dado as implicações do presente - por que ele acontece? [...] acredito que a seleção das lembranças se dá porque a memória aponta, sempre, para o futuro. Ela é tecida no presente - por isso é essencial compreende-lo -, vai ao passado - impulsionada por aquele - e projeta-se para um tempo ainda não vivido e no qual, talvez, os indivíduos não "viverão". [...] Lembra-se do que não se deseja que "morra"[282].

As memórias de Deiró Júnior, tecidas aos oitenta e quatro anos, são urdidas face ao um *desejo de memória* que coloca seu pai, o líder do Partido Político Popular de Patos como, segundo suas próprias palavras, o *condottiere* que conduziu os Borges na luta contra a tirania política dos Maciéis.

É este o tom que perpassa seu livro de memórias, que justifica a criação do partido, que justifica as ações de Deiró, que justifica a retirada de Olympio e dos demais Borges da arena pública. É esta, afinal, a memória que Deirózinho deseja que fique para o futuro: de que seu tio e seu pai foram duas grandes lideranças *políticas* na cidade de Patos, e mais: que os Maciéis só dominaram este cenário porque os Borges se retiraram, em atitude proba, do combate. Para o filho, advogado formado, que viria a ser Juiz de Direito na conturbada Patos de Minas, Deiró -

---

[282] FERREIRA (da SILVA), Rosa Maria. **As águas e o tempo: memórias de Nova Ponte.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado em História. 1996, p.188. Para ver outras perspectivas de reflexão acerca da memória, consultar o trabalho inaugural de HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** (1950). Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo. Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990. Uma interessante reflexão sobre o conceito de memória em Halbwachs pode ser lida em: SEIXAS, Jacy Alves de. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história. **História** (UNESP. Impresso). São Paulo, v. 20, p. 93-108, 2001. Da mesma autora, seguem-se: Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória história. **História. Questões e Debates.** Curitiba, v. 32, n.32, p. 75-95, 2000; e Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? **Projeto História** (PUCSP), São Paulo, v. 24, p. 43-63, 2002.Além destes, seguem-se: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: TA Queiroz Editor 1979 e **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003; NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares (1984). Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História.** São Paulo, n.10, p. 7-28, dez.1993; THOMPSON, Paul. **História oral:** a voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 388, 1992; LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996; LOWENTHAL, David et al. Como conhecemos o passado. **Projeto História.** São Paulo, n. 17, nov., p. 63-201, nov.1998; PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente.**Projeto História.** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História.v. 14, p. 25-39, 1997; RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento** (2003). Campinas, Editora da Unicamp, 2007; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola.**História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2007; AZEVEDO, Cecília et. al. **Cultura política, memória e historiografia.** São Paulo: FGV Editora, 2009; ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento:** seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

pai deveria ser lembrado, ainda, como *exemplo de justiça,* pleiteada não para si, mas para o *povo*: "Nas cartas aos próceres políticos [...] meu pai mendiga é bem o termo justiça para o povo de Patos." [283]

Entretanto, a despeito das memórias de Deirózinho, uma biografia de Olympio Borges, arquivada no Arquivo Documental de Patos de Minas, justifica sua saída do embate político não por desgosto ao banditismo macielista. E, sim... por conta *da disputa religiosa* imanente aos grupos:

> Republicano histórico, também o fora na Província, pois, desde os dias da sua juventude, esposara as idéias do Manifesto de 1879 e ainda estivera presente às primeiras reuniões do partido. [...] Contudo, houve tais dissensões entre Borges e Macieis na região, isto é, *entre protestantes e católicos,* que lhe tiraram o entusiasmo pela liderança. Chegou a relutar em freqüentar as sessões do Congresso Mineiro e recusou candidatar-se a quaisquer postos de importância política (sic)[284].

Olympio Borges era fervorosamente católico. Como a maioria dos Borges que tiveram acesso à educação, estudou em um educandário católico, o Seminário de Mariana, em Minas Gerais[285]. Vicentino convicto, batizou um dos filhos com o nome do santo, "Vicente de Paula Borges". Em 1906, a historiadora o encontrou dando as boas vindas ao Frei Angelo Benito, em seu nome e em nome da Conferência São Vicente de Paula da cidade de Patos, através de registro no jornal "O Trabalho", de 21 de abril daquele ano:

> No dia 17 deste chegou ao visinho districto de Sant'Anna de Patos o Ver. Frei Angelo Benito, recentemente provisionado Vigario d'aquella importante freguezia. O mesmo foi festivamente recebido, tendo-se feito diversos arcos, enfeitados de flores e laços pelas ruas que o mesmo tinha de atravessar. Diversos cavalleiros foram esperal-o distante do Arraial, e, a' entrada do mesmo, postaram-se duas bandas de musica, que executaram escolhidas e lindas peças. Deu-lhe as boas vindas em nome da população daquelle districto e no da Conferencia de S. Vicente de Paula desta cidade *o Major Olympio Borges,* que ali se achava na occasião para demostrar-lhe o seu affecto. O recem vindo, commovido por aquellas provas de affecto e carinho que lhe testemunhavam, falou brilhantemente, agradecendo-as. Houve ainda diversas

[283]BORGES JÚNIOR, Deiró Eunápio, 1994, p.82.

[284]OLYMPIO BORGES. Fotocópia de Biografia. Obra sem referência. 1974, p.419. Arquivo Documental de Patos de Minas, Pasta: Famílias Tradicionais.

[285] A documentação pesquisada permite afirmar que os irmãos de Olympio, Deiró e Virgílio Borges, fizeram cursos de Humanidades, respectivamente, no Colégio de Diamantina e no Colégio do Caraça. Também o primo, Alfredo Borges, estudou no Seminário de Diamantina. Já os filhos homens de Deiró, estudaram no Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte (Deiró Jr) e no Colégio Diocesano de Uberaba (José e João Eunápio). João Eunápio Borges foi, ainda, Presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica. Ver: Id. Ibid.

> saudações ao novo Vigario, destacando-se entre estas a de Frei Angelo Sagastume, agradecendo ao povo e as bandas de musica o concurso efficaz prestado para melhor brilhantismo da recepção. Veio em companhia de Frei Angelo Benito o Ver. Frei Pio, estimado vigario de Abbadia dos Dourados. Damos parabens ao povo de Sant'Anna pela excellente aquisição (sic, Grifos nossos)[286].

Poucos meses depois, em 15 de julho, o mesmo jornal também deu notícias de Olympio, José Antônio e Augusto Borges que, segurando a capa do Bispo Dom Eduardo Duarte Silva, o acompanharam na visita pastoral que fazia em Patos:

> [...] Ao chegar e ao dirigir pela primeira vez a palavra ao povo, disse s. ex. que nesse mesmo dia, ás 5 horas da tarde, daria começo a sua visita pastoral. Ás 5 horas, de facto seguiu S. ex., da casa de sua residencia para a matriz, segurando então no pallio os exmos. Srs. Drs. Sabino Lustosa, A. N.de Almeida Coelho, *Major Olympio Borges, José Antonio Borges, Augusto Borges* e Almerio G. de Amorim. Chegando alli, s. ex. deu começo á sua visita pastoral, dirigindo uma eloquente e substanciosa oração ao povo, na qual deixou transparecer não só altos conceitos, como tambem a sua alta cultura scientifico – canônico – litteraria (sic, Grifos nossos)[287].

Ao longo das páginas dos jornais borgistas[288], publicados entre 1915 e 1930, a historiadora encontrou diuturnas referências à fé católica. Esses periódicos eram espaços privilegiados para a proclamação do catolicismo e do cotidiano da Paróquia, fosse pelos redatores ou pelos párocos, que ali publicavam seus textos. Dentre vários exemplos possíveis, leia-se a nota publicada pelo Jornal "O Riso", de 10 de abril de 1915:

> Semana Santa. Ignorando nós si devido á crise ou a falta de união dos catholicos desta cidade por quanto achamos que a tragica scena do Golgtha devia ser rememorada todos os annos, não se promoveram aqui os festejos da Semana Santa. Mas, mesmo assim, graças aos esforços e boa vontade de nosso incançavel Conego Getulio, aquelles santos dias não passaram de todos despercebidos: Segunda e terça-feiras e bem assim quarta feira Santa houve missa as 7 ½ horas da manhã. Quinta feira Santa a missa foi celebrada as 9 ½. Sexta feira Santa, veneração de N. Senhor Morto, acto

[286]Noticiario. **O Trabalho**. Cidade de Patos, Minas, 21 de Abril de 1906, Anno 1, n.20, p. 3. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[287]Noticiario. **O Trabalho**. Cidade de Patos, Minas, 15 de Julho de 1906, Anno 1, n.32, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[288] Os jornais borgistas e seu período de circulação serão detalhados no próximo capítulo.

> este que accompanhado de escolhidos cânticos se prolongou das 7 ás 10 horas da noite (sic)[...][289]

Não é de se espantar que os Borges se afastassem dos Maciéis. Na medida em que o protestantismo foi criando raízes na cidade de Patos, e ganhando terreno entre os próprios Maciéis, a situação dos católicos Borges foi ficando insustentável. Se permanecessem alinhados com os compadres, voltariam as costas para a Igreja Católica e para a sua fé. Se, ao contrário, voltassem as costas para os compadres e saíssem em defesa da fé, a retração do comércio não lhes dava poder de fogo suficiente para o custoso enfrentamento político, nos moldes em que se davam os embates de famílias coronelistas, em outros rincões do Brasil.

Como era de se esperar, os Borges optaram pela Igreja Católica e por se escudar nela. Portanto, também não é de se estranhar o seu alistamento nas hostes da União dos Moços Católicos, uma das muitas "associações de fiéis surgidas na Igreja depois do Concílio de Trento, com a finalidade de exercer alguma obra de piedade ou caridade"[290].

A UMC foi fundada na Paróquia de Santo Antônio, em Patos, por Dom Lustosa, no ano de 1925. Conforme esclarece o Pe. Nilson André Fernandes, a União dos Moços Católicos nasceu em 1915, no Estado de Minas Gerais, sob a liderança católica de um médico, o Dr. Olinto Orsini de Castro, professor da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

O movimento se espraiou a partir de 1922 e, em dezembro de 1928, já contava com mais de quinze mil associados, em doze Estados do Brasil. Além dos objetivos mais amplos de formação espiritual à juventude, a UMC se constituiu em poderoso bastião de *combate ao protestantismo*[291]. Inclusive na cidade de Patos. Em 1929, na primeira página da Gazeta de Patos, a historiadora leu:

> [...] Como todos devem saber, há nesta cidade uma associação benemerita que deve ser acatada por todos e auxiliada por quantos desejam ver a sociedade regenerada, por quantos aspiram o progresso moral, intellectual e mesmo material da mocidade; associação que deve ser melhormente conhecida e amada _ a União de Moços Catholicos. Tendo Ella por fim "reunir a mocidade catholica para oriental-a nos sãos princípios christãos e sociais, e ecaminhal-a na estrada do verdadeiro civismo; propagar a Religião Catholica e defendel-a em qualquer oportunidade (...) Todos

---

[289] Semana Santa. **O Riso.** Cidade de Patos, Minas, 10 de Abril de 1915. Trim. I, n.2, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[290] FERNANDES, Nilson André Pe. Op. cit., p. 298.

[291] Sobre a União dos Moços Católicos e seu combate ao protestantismo, ver: AZZI, Riolando.**Sob o báculo Episcopal: a Igreja Católica em Juiz de Fora 1850-1950**. Centro de Memória da Igreja em Juiz de Fora, 2000; Do mesmo autor: O início da restauração católica no Brasil (1920-1930). **Revista Síntese.** Nova Fase, v. VI, mai.-ago., 1977.

> admiram essa pleiade de moços destemidos e bons, irmanados num só pensamento - bem servir a Deus e á sua Patria; arregimentados e felizes, promptos para a lucta contra o respeito humano, contra maus costumes, contra "o diabo, o mundo, e a carne" (sic) [...].[292]

A pregação moral é clara. A condenação do prazer, e das sexualidades "desviantes" do padrão patriarcal de família, é decalcada para o embate religioso e deste para o confronto político. Numa única construção discursiva, a Igreja credita aos "moços" o dever de lutar pelo catolicismo e pela *pátria* em nome da "moral e dos bons costumes". Assim, quando, finalmente, os Borges voltaram à arena política, através do Partido Político Popular de Patos, o fizeram como "soldados de Cristo": sob o lema da União dos Moços Católicos. Não por acaso, na eleição de 17 de abril de 1927, o Jornal de Patos, órgão do partido, publicou em letras garrafais: "Eleitores! Por Deus e pela Pátria! Hoje - 17 de abril não deveis ficar em casa! Votar é exercer um direito, é exercer o magno dever cívico do cidadão. Deveis votar nos candidatos do Partido Popular"[293].



FIGURA 59. Sede do Partido Político Popular de Patos. 1927.FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

[292] U.M.C. **Gazeta de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 1 de Dezembro de 1929. Anno I, n.17, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[293] Eleitores. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 17 de Abril de 1927. Ano III, n. 127, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O P.P.P.P. foi fundando em 05 de Outubro de 1924, ajuntando representantes das famílias Queiroz, Caixeta e Amorim, que possuíam com os Borges relações de parentesco de longa data, através de casamentos e batizados[294]. Na reunião de fundação do Partido, conforme se lembra o Deirózinho, seu pai foi aclamado Presidente. E, no discurso de posse, Deiró Borges concluiu, com a célebre frase de Demoulins: "Camaradas, segui-me; se avançar, avante comigo; se cair, erguei-me; se recuar, matai-me; se morrer, vingai-me."[295]

Deiró Eunápio Borges morreu em 24 de dezembro de 1942. Contava com sessenta e dois anos. Destes, pelo menos quarenta foram dedicados à disputa com os Maciéis pela cidade de Patos.

[294]Na ata de fundação do Partido assinam: Abílio Caixeta de Queiroz, Virgílio Caixeta de Queiroz, Manuel Caixeta de Queiroz, Afonso Queiroz, Almério Gonçalves de Amorim, João Gualberto de Amorim Júnior, Ilídio Caixeta de Melo, Altino Fernandes Caixeta, Joaquim Borges de Oliveira, Antônio Cândido Borges, Augusto Borges, Virgílio Borges, Deiró Eunápio Borges, João Borges, Dolor Borges, José Olympio Borges. Cf. BORGES JÚNIOR, Deiró Eunápio, 1994, p.60.

[295] Id., Ibid.

II.6. iconografia

Borges



FIGURA 60: Capitão João Antônio Borges, séc. XIX.FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 61: D. Serafina Corrêa Borges, s/d. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 62: Deiró Eunápio Borges e família. Cidade de Patos, s/d.FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 63: Clérigo e meninos. Arquivo da Família Borges. Cidade de Patos, s/d. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 64: Bernardino Antônio Borges e família. s /d. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 65: Apresentação teatral: “São Venâncio”. Cidade de Patos, 1918. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 66: Família. Arquivo da Família Borges. Cidade de Patos, s/d. Autor: Fortunato Pinto. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

III. contenda:

a configuração do núcleo urbano original de Patos

III.1. do norte para o sul: o processo de divisão do centro

Depois de 1900, quando Olympio e os demais Borges saíram dramaticamente da arena eleitoral, o conflito entre Borges e Maciéis se acirrou.

Despidas as máscaras civilizatórias, assumidas as posições, entrincheiraram-se os contentores em lados opostos da região central da cidade: acima da Rua General Osório, os fazendeiros e protestantes Maciéis. Abaixo, no entorno do Largo da Matriz, os comerciantes e católicos Borges.

Evidentemente, a divisão que ocorreu no núcleo urbano original da cidade de Patos, decorreu de um processo. Até os Borges serem genericamente denominados de "o povo lá de baixo" ou o povo do "joelho vermelho" [296], foi preciso que a cidade completasse o giro em torno do seu próprio eixo, voltando o seu crescimento para o vetor sul, direção oposta à qual nascera. Este giro foi sendo paulatinamente executado a partir de 1883, quando o jovem Olegário Maciel, recém formado engenheiro civil na republicana e positivista Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, enviou à Câmara um memorando, solicitando que Patos crescesse na direção das terras da "Chapada"[297].

Ora, na direção da Chapada encontrava-se uma parte do patrimônio de Santo Antônio, doado pelo casal Silva Guerra em 1826, e que ainda não havia sido ocupado pela povoação[298]. Como não se tratava de doação à Igreja e sim ao santo, embora as terras estivessem, em princípio, sob a autoridade da Igreja Católica, compunham o patrimônio público da agora Vila de Santo Antônio dos Patos.

Como visto anteriormente, quando Olegário Maciel indicou a inversão do crescimento da cidade rumo à Chapada, essas terras eram comumente utilizadas para pastos

---

[296] Até a atualidade a expressão "joelho vermelho" é utilizada em Patos de Minas para se referir aos Borges, aludindo aos momentos da ritualística católica, nas quais os fiéis se ajoelham. Quanto à expressão "povo lá de baixo", a mesma é referenciada por Geraldo Fonseca, em artigo sobre Patos e o movimento de 1930. Ver: FONSECA, Geraldo. Participação Patense na Revolução de 1930. **A Debulha, n.78.** Patos de Minas: 15 de outubro de 1983, p. 11 - 13.

[297]MACIEL, Olegário Dias. **Indicação à Commissão de Obras Públicas.** Op. cit.,1883.

[298] A escritura de doação feita pelo casal Silva Guerra à Santo Antônio, pode ser lida, integralmente em: FONSECA, Geraldo. Op.cit., 1974, p. 40-41.

e roças. A prática era tão comum que o vereador José Dias da Silva solicitou à Câmara, em 1883, que fosse veementemente coibida[299]. Logo, o processo de inversão do crescimento de Patos na direção sul *não colidiu com os bairros populares* ou, sequer, "expulsou os pobres do centro", como ocorreu, por exemplo, com a remodelação urbana de Paris ou do Rio de Janeiro[300]. Em Patos, historicamente, os pobres foram confinados aos subúrbios, nas *laterais* do nucleamento urbano original, desde o princípio: no bairro da Várzea, a oeste, descendo em direção ao Rio Paranaíba e na "Roda, ou, Beira da Lagoa", a nordeste, no agrupamento de casebres no entorno da Lagoa dos Patos. Isto posto, o processo que seccionaria o núcleo original em dois, dividiu a paisagem urbana na qual habitavam *os setores da elite*, passando ao largo do espaço suburbano da cidade, no qual viviam as camadas populares.

Esse processo foi, por sua vez, reflexo do embate político que, paulatinamente, acirrou as diferenças religiosas entre dois grupos. Estes grupos, que se embateram *no e pelo espaço urbano de Patos* eram, por sua vez, *frações* da classe dominante local dividida, como dito acima, entre "fazendeiros protestantes" e "comerciantes católicos".

Também é importante compreender que, se a ruptura entre Borges e Maciéis foi resultado da adoção do protestantismo pelos segundos, o enfrentamento se constituiu na medida em que os Borges, antes prósperos comerciantes, viram degenerar sua situação sócio-econômica. Contribuiu para isso, o deslocamento da posição de entreposto comercial, antes ocupada por Patos, para Uberabinha, agraciada com um ramal da Estrada de Ferro Mogyana, em 1895. Desta forma, os Borges protagonizaram uma oposição política que se alimentava tanto das divergências religiosas, quanto das questões de ordem econômica.

Finalmente, a oposição dos Borges deu-se num crescendo, atingindo seu ápice na década de 1920. Destarte, o acirramento da sua oposição foi proporcional à degeneração do seu patrimônio econômico e, ao mesmo tempo, concomitante ao crescimento da Igreja Presbiteriana e à inversão do vetor de crescimento da cidade, na direção sul, rumo às terras de "Santo Antônio".

A historiadora observou que, nos primeiros trinta anos do século XX, o embate entre Borges e Maciéis foi se pautando através do posicionamento assumido pelos Borges, no confronto com a situação. Ao longo do processo, foi importante para um e outro grupo, mas

---

[299]CAMARA Municial da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 12 de dezembro.** Op. cit., 1883.
[300]Além da obra já citada de PESAVENTO, Sandra J., de 2002, ver: BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann Tropical.** A Renovação Urbana na Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

fundamental para os Borges, a utilização da imprensa escrita como veículo de expressão. Longe de ser incipiente, a imprensa de Patos foi espaço privilegiado na guerra travada entre as facções, pois foi por meio dos jornais que os Borges, proprietários de *duas tipografias*[301], demarcaram a sua oposição.

No universo dos jornais publicados entre 1905 e 1933, a historiadora encontrou os lances do conflito a partir do primeiro jornal publicado na cidade: o periódico "O Trabalho", que circulou, numa primeira fase, de 1905 a 1909 e, depois, de 1920 a 1922. Fundado pelo fotógrafo Fortunato Pinto da Cunha e pelo Promotor designado para a cidade, o advogado socialista, Antônio Nogueira de Almeida Coelho, "O Trabalho" oferecia espaço para a publicação de *ambos os grupos*. Entretanto, como se verá adiante, o jornal assumiu um cunho nitidamente católico, o que persistiu até 1907, quando o Dr. Antônio Nogueira Coelho foi assassinado.

Em 1910, os Borges passaram a publicar o jornal católico "O Commercio", que circularia, mesmo com falhas, até 1933, quando foi transferido para a cidade vizinha, Patrocínio. Seguem-se: em 1911, "O Juvenil", de Laurindo Borges; "A Carapuça" e "O Riso", de 1915, ambos de Alfredo Borges e igualmente marcados pela defesa do catolicismo, e pela crítica pretensamente humorística à administração macielista. Finalmente, na década de 1920, os Borges publicariam "A Bala"; o "Jornal de Patos", de José Olympio Borges e órgão oficial do Partido Político Popular de Patos; e, em 1929, a "Gazeta de Patos", de Laurindo Borges, periódico semanal que circulou sem interrupções até 1930.

Na outra ponta, os situacionistas publicariam poucos periódicos. Nestes, raramente responderiam às críticas da oposição. As ações dos Maciéis e seu posicionamento diante do conflito, são percebidos, mormente, *através* dos registros borgistas. Mesmo assim, seus periódicos também oferecem informações preciosas, ainda que dispostas, "aleatoriamente", no alto da aparente indiferença dos Maciéis. Dos jornais macielistas, publicados no período, a historiadora encontrou "A Cidade de Patos", de propriedade do Dr. Marcolino de Barros, no qual eram redatores os médicos Adélio Dias Maciel e Euphrasio José Rodrigues, e o advogado Maurício Pottier Monteiro. "A Cidade de Patos" circulou entre 1915 e 1917, sem interrupções. Ainda, o jornal "O Grito", de 1915, publicado por Antônio Dias Maciel, o "Tonico", e Alboíno Fachetti, motorista italiano contratado pelo Major Gotte. "O Grito"

[301] Anexo à Papelaria São José funcionava a "Officina de Obras Typográphicas" de Alfredo Borges, na Travessa do Comércio, depois na Rua Tiradentes; e, no Largo da Matriz, funcionava a "Typographia Borges", de Laurindo Borges. Reclames publicitários das tipografias foram amplamente publicados nos jornais borgistas.

seria o embrião do jornal luterano “A Reforma”, de propriedade de Antônio Dias Maciel e Noé Ferreira da Silva, publicado entre 1932 e 1934.

Além dos periódicos, das atas da Câmara e de fotografias, a historiadora também encontrou referências ao processo que seccionou a paisagem urbana, imprimindo nela o conflito entre Borges e Maciéis, nos documentos de memória e em cartas dos párocos enviadas à Diocese, primeiro de Goyaz, depois de Uberaba.

A partir desse volume de documentação foi possível perceber que, no alvorecer do século XX, a cidade “dos Patos”, como o vulgo tinha por hábito denominá-la, ainda concentrava boa parte da sua vida em derredor do Largo da Matriz de Santo Antônio, ao norte.



FIGURA 67: Largo da Matriz. Igreja Matriz de Santo Antônio. Cidade de Patos, 1905. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

Em seu entorno, e imediações, erguiam-se comércios, como a “Casa do Gotte”, de Sesóstris Dias Maciel; a “Casa do Tonho Maciel”, a “Pharmacia de Agenor Maciel”, a “Sinceridade e Barateza” de Antônio Cândido Borges; a “Casa Popular”, de “Borges e Corrêa”; e prestadores de serviços, como os do advogado Antônio Nogueira A. Coelho e a “Photographia Guarany”. Da mesma forma, ainda era no entorno do Largo da Matriz que se desenrolava a vida administrativa do município, concentrada na Casa de Câmara e Cadeia, localizada no “Beco Municipal”[302].

[302] O edifício da Casa de Câmara e Cadeia foi erguido em 1870, mas no princípio do século XX estava em péssimas condições. Embora as discussões para a construção de um novo prédio se iniciem em 1905, o Paço Municipal seria erguido, apenas, em 1914, no lado macielista da cidade. A inauguração se daria em 17 de setembro de 1914. Porém, até fevereiro deste ano, as sessões da Câmara se dariam no prédio antigo, próximo ao Largo da Matriz. Entre abril

Em 1905, a cidade já "apontava" para o lado oposto. Pouco a pouco, o Largo do Rosário ia deixando de ser limite do arrabalde, confrontante dos terrenos públicos, lugar do cemitério e das almas penadas, e onde se erguia a minúscula "capela dos pretos". Vivendo nos subúrbios, a "arraia miúda" chegava aos dois Largos por caminhos laterais ao núcleo urbano original. No cotidiano sufocante da discriminação, os negros alcançavam a "Capella do Rosário" por trieiros encavados pelas solas dos pés descalços, mantendo-se longe das vistas, e das sociabilidades, dos brancos residentes no Largo da Matriz.

Contudo, em 1905, a configuração urbana de Patos já se havia alterado. A Capela do Rosário deixara de ser espaço de negros e recebia melhoramentos, apresentando "[...] um aspecto mais attrahente e belo", esperando-se que "com os donnativos da população desta cidade, se consiga dentro em breve terminal-a, ficando assim a nossa cidade dotada de um pequeno, porém bello templo (sic)"[303]. Não era para menos. No alvorecer do século XX, a preocupação com a recuperação e a beleza da Capela do Rosário, agora tinha "razão de ser". O Largo já era endereço do Coronel Arthur Thomaz de Magalhães[304]. E, não bastasse, perpendicular a ele, erigia-se a casa do Coronel Farnese, em frente à qual se abriria, em breve, a Rua Olegário Maciel.

É sobre esta cidade, que está resolutamente girando sobre o próprio eixo, que eclode o conflito entre Borges e Maciéis.

Em 1905, o embate, com todas as suas cores, já estava dado. Inconformado com os reflexos que a disputa produzia na condução de sua paróquia, o Padre Getúlio escreve ao Bispo de Goyaz: "[...] o conselho de fábrica aqui estrangulou-se a tempos e não há concerto. É melhor mesmo ficar como dantes. A maldita política invadiu tudo, de maneiras que é difícil conciliar as couzas (sic)"[305].

Também os recém chegados fundadores do jornal "O Trabalho" perceberam que a cidade era "local perigoso", palco de renhida disputa entre facções rivais . No editorial do

---

e maio de 1914 as sessões se realizaram na residência do Dr. Marcolino de Barros, sem nenhuma justificativa para tal. Após a transferência definitiva para o novo Paço, o edifício antigo continuou funcionando até o século XXI como cadeia.

[303] Melhoramentos da Capella do Rosario. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 14 de agosto de 1906, Anno 1, n.1, p. 2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[304] Em 11 de março de 1906, o Coronel Arthur publica anúncio no Jornal "O Trabalho", *Aos senhores boiadeiros*, informando que possui para vender mais de 2000 bois de meia gordura. Para tratar do negócio, o endereço de referência é "Cidade de Patos - Largo do Rosário". É importante lembrar que a numeração das residências, em Patos, só ocorrerá em 1947.

[305]MELO, Pe. Getúlio Alves de. **Correspondência ao Bispo de Uberaba.** Cidade de Patos, 13 de julho de 1905. Série: Correspondências Diversas. Pasta n.04, 6. Arquivo da Cúria Diocesana de Patos de Minas. Apud. FERNANDES, Nilson André Pe. Op. cit., 2012, p. 270.

primeiro número, em 14 de agosto de 1905, Fortunato Pinto da Cunha e Antônio Nogueira de Almeida Coelho, escrevem:

> [...] Apparece hoje o 1º numero do nosso jornalsinho, lançado à publicidade numa cidade sertaneja, não podendo contar com um meio em que a sua circulação se torne grande, bem poderá avaliar o público a que grande somma de trabalho nos impuzermos. [...] E, como programma de imprensa, bastava-nos isto, si não fora ainda a necessidade de *deixarmos bem patente que alheios por motivos diversos a todas e quaesquer luctas que não sejam aquellas em que se empenhem e propugnem o progresso material e intellectual deste vasto e rico município e dos seus circumvisinhos, jamais nos immiscuiremos em toda outra qualquer peleja* (sic, Grifos nossos)[306].

Coerentes com a idéia de não se envolverem nas lutas locais, Fortunato e Antônio Nogueira abriram espaço no jornal para as publicações de qualquer viés. Desde que pagassem. Inclusive publicações da Câmara Municipal, que recebeu de ambos, e aprovou em 19 de setembro de 1905, a proposta de divulgar matérias de seu interesse pelo valor de 600 mil réis[307]. Por isso, em 1905, na fileira de assinantes do "álbum de ouro" do jornal, figuravam, indistintos, o Coronel Antônio Dias Maciel e seu filho, o também Coronel Farnese, e os Borges: O Major Olympio, o Major João Antônio e Alfredo Borges. Porém, já em 21 de novembro do mesmo ano, apenas Deiró Eunápio Borges e Virgílio Queiroz haviam pagado as suas assinaturas.

Embora aberto a ambas as facções, o jornal foi assumindo um indisfarçável contorno católico, expresso em notas e matérias sobre o tema. No ano de sua fundação, aliás, no mesmo número em que figuravam como assinantes apenas os Borges, na primeira página de "O Trabalho" se publica a nota "*O Estandarte Catholico".* O texto saúda os sete anos de existência do jornal homônimo, publicado no Rio de Janeiro sob a direção dos *"illustrados monges beneditinos"*[308][sic].

Igualmente, também não tardaram os ataques ao protestantismo, fossem de forma sutil ou direta. Em 13 de maio de 1906, após uma admoestação contra os valores mundanos, sobre os quais se incidiam os castigos de Deus, se lê:

---

306 O Trabalho. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 15 de Agosto de 1905, Anno 1, n.1, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

307 Cf. MELLO, Antônio de Oliveira, et al., 2006, p. 177.

308 O Estandarte Catholico. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 21 de novembro de 1905, Anno 1, n.10, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

> [...] Parece que a mão de Deus pesa sobre a humanidade, hoje só occupada com as cousas mundanas. Os homens só pensam actualmente em accumular thesouros, só aspiram glorias e grandezas terrenas e esquecem completamente seus deveres religiosos e que há um Deus Senhor Soberano do Universo a quem devem a vida e a quem devem amar e respeitar seguindo as suas doutrinas que são a base fundamental da paz e engrandecimento das Nações (sic)[...].[309]

E, adiante, na terceira página, na sessão "Noticiário", "O Trabalho" publica:

> [...] No Rio, um jurado recusou servir no conselho de sentença, dizendo que era presbyteriano e discordava da reposição da imagem de Christo na sala d'aquelle Tribunal. O dr. Juiz de direito multou o jurado, o qual vae recorrer desse acto para a Côrte de Appellação. E depois dizem elles (protestantes) que os catholicos é que são intolerantes (sic).[310]

A patrulha dos Borges é compreensível. Vale lembrar que a ampliação do campo missionário presbiteriano conduzira a Patos, em 1889, os casais John Thomas e Eliza Jane Smith; Jorge e Maria Cramer; Saint-Clair Justiniano e Francisca Beatriz Ribeiro. No início do século XX, os missionários já haviam levado à conversão pelo menos *dez* membros da comunidade patense, o que deve ser contabilizado em termos de *famílias* e não, exclusivamente, de indivíduos.Afora isso, em 1905, a Congregação se reunia *sob a proteção* do Coronel Farnese Dias Maciel, a mando do Coronel Antônio Dias, na casa de João de Barros, à Rua General Osório, perpendicular ao Largo da Matriz![311]

Logo, defronte os olhos católicos dos Borges, os presbiterianos engrossavam suas fileiras, atraindo para si novos fiéis.

A disputa em torno da fé atravessaria todo o primeiro quartel do século XX, e pode ser acompanhada em todos os periódicos publicados pelos Borges[312]. Em se tratando da pregação católica, a historiadora extraiu a contenda de matérias que, tratando de temas laterais, inevitavelmente chegavam à crítica aos protestantes, seja de forma explícita como

---

[309]1906. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 13 de maio de 1906, Anno 1, n.23, p. 2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[310] Id. Ibid, p.3.

[311] Cf. IGREJA Presbiteriana de Patos de Minas. **Histórico da Primeira Igreja Presbiteriana de Patos de Minas**. Patos de Minas, 1983. Arquivo da Igreja Presbiteriana Central.

[312] Em defesa do catolicismo também foram amplos os ataques ao "Curandeirismo", à Maçonaria, e ao Espiritismo, este último denunciado como seita diabólica, condenada pela "Egreja" e pela legislação. As referências podem ser observadas em todos os jornais borgistas, incluindo a fase inicial de "O Trabalho".

no caso do *"Jury"*; ou, de forma velada, como em *"Fructo da irreligião"*, matéria publicada no jornal "O Riso" de 06 de maio de 1915, na qual o redator, ao tratar de assassinatos que ocorreram na cidade, aponta como causa a existência de uma sociedade que, "com raras e honrosas exceções", se mostra sem temor a Deus e sem moral.

Do mesmo periódico, em 20 de maio de 1915, a matéria intitulada *"A Rir"*, reportando-se à simplicidade do povo sertanejo, critica "os doutores arrogantes" que dizem não acreditar no inferno e chamam os católicos de hipócritas. Esse recurso retórico foi amplamente utilizado no "Trabalho", no "Riso", no "Commercio", no "Jornal de Patos" e na "Gazeta de Patos". Mas, tanto a pregação velada quanto a crítica explícita, tinham por objetivo defender a fé católica face à ameaça protestante.

Ressalte-se, porém, uma característica peculiar, observada, sobretudo, nas matérias de cunho irônico. Embora publicadas em jornais borgistas, de propriedade dos Borges e impressos nas suas tipografias, quando se referiam aos contentores macielistas não se referiam a eles pelos nomes próprios e, sim, por características, como em "doutores arrogantes"; ou por rima, como "Doutor Zeferino", querendo indicar "Doutor Marcolino". Da mesma forma, as matérias, quando assinadas, o eram por pseudônimos como *Juca, Eu, Sigma, V. Lhote;* ou monogramas aleatórios como *C, F e H*. A prática só seria parcialmente abandonada em 1924, no periódico "Jornal de Patos", órgão do Partido borgista.

Diferente dos Maciéis. Fosse no terreno da administração pública ou no terreno da religião, não se davam ao trabalho de responder, na imprensa, às censuras dos Borges. Poucas vezes o fizeram. Mas quando o faziam, indicavam a origem da crítica e assinavam ostensivamente as matérias:

> Ao ler o ultimo numero do "O Commercio" deparou-se-me um artigo contra o dr. Marthinho Luthero, o mais erudito professor da Universidade de Wittemberg, o grande reformador allemão. Cumpre-me, ao encetar as refutações ao Snr. *Um Secular* agradecer a gentileza com que me acolheu o dr. Pottier, brilhante articulista e redactor da "Cidade de Patos". [...] Continuarei com a Biblia em punho, refutando as innovações do Romanismo, e as sacrilegas pretenções da Igreja de Roma. Si Roma é importante porque nella morreu o Grande Apostolo Pedro, Jerusalem é mil vezes mais, porque nella morreu crucificado o Christo, a pedra angular da Igreja, o verdadeiro e unico Redemptor da humanidade [...] Patos, 26-4-917. Antônio Maciel (sic)[313].

[313] O Evangelho contra o Romanismo. **Cidade de Patos.** Patos, 29 de abril de 1917. Anno 3, n. 113, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Obviamente, a opção macielista pelo combate às claras não decorria de bravata. No campo "lodoso" da disputa política, os Maciéis eram a situação. Logo, não apenas detinham o controle da máquina administrativa, mas, também, os meios legais de coerção. Apesar disso, a *leitura macielista* do conflito religioso não os coloca em posição de privilégio. Pelo contrário. Ela se alinha à leitura que os *próprios presbiterianos* tiveram de si, no embate histórico com os católicos.

A perspectiva presbiteriana pode ser apreendida através de Maria de Melo Chaves, autora de "Bandeirantes da Fé", obra publicada em 1947. Observe-se que, por ser uma narrativa assentada em relatos de memórias, também se movimenta no sentido de resguardar para o futuro uma versão específica do passado. Trata-se de um *desejo de memória,* no qual os presbiterianos são o *povo bom,* submetidos a fortes perseguições. Além disso, na impossibilidade de descolar a trajetória presbiteriana patense do clã macielista, a autora "resolve" a questão atribuindo aos Maciéis a virtude da *tolerância*, o que "simbolizaria" a sua atuação política:

> [...] A cidade foi sempre considerada reduto forte do catolicismo, do qual uma das famílias tradicionais do município, os Borges, representavam a principal coluna. Os Borges eram, e são até os dias de hoje, irreconciliáveis inimigos políticos dos Maciéis, a facção que sempre dominou. Dada a influência dos Borges no município e na sociedade local, com o seu apego ao catolicismo, o ambiente sempre foi desfavorável à implantação do protestantismo, embora do lado da política dominante, a dos Maciéis, houvesse mais liberdade e tolerância [...].[314]

Em se tratando do futuro, a narrativa de Maria de Melo Chaves e a de Deiró Borges Júnior[315] se movimentam da mesma forma. Quando os sujeitos, alinhados a Borges ou a Maciéis, se recordam do conflito, colocam-se em um ou outro campo, alimentando, com as próprias lembranças, a memória coletiva do *grupo*: seja o grupo *dos* Borges ou o grupo *dos* Maciéis. Por este motivo, estas narrativas devem ser tomadas como "pontos de vista" da memória coletiva, conforme observou Maurice Halbwachs acerca da impossível dicotomia entre a memória individual e a memória social[316]. Portanto, essas memórias não são nem verdadeiras nem falsas. Como todos os documentos, as memórias são oriundas de um determinado lugar social sendo, portanto, eivadas de intenções.

---

[314] CHAVES, Maria de Melo. Op. cit., 1947, p. 178.
[315] BORGES Jr., Deiró. Op. cit., 1994.
[316] HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo. Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de *La mémoire collective,* 1950.

Ora, em se tratando da pesquisa histórica, os documentos configuram-se como meios através dos quais os sujeitos "falam"do passado ao presente do pesquisador. A audição de suas vozes, requer que se atente para os sons que fluem pelos documentos e, conseqüentemente, pelas intenções da memória. Do ponto de vista metodológico, trata-se, mais uma vez, de *perseguir indícios*[317]. Assim, ao ler "transversalmente"as matérias publicadas no período, a historiadora deste trabalho percebeu que os Maciéis foram tão atores do confronto quanto os Borges. Igualmente, descolam-se da imagem construída para o futuro, seja pela narrativa mnemônica de Maria de Melo Chaves, ou pela de Deiró Júnior. Ainda que fosse, e o era, um confronto entre "desiguais", uns e outros foram *tão vítimas quanto algozes* na contenda que os imortalizou. Se não, vejamos:

Na vitória de Olegário Maciel, para Deputado Federal, em 1906, os Maciéis promoveram um estardalhaço tal na cidade, que a algazarra claramente servia de provocação aos Borges. Gritos, foguetório, banda de música, discursos e passeata pela cidade, foram descritos em tom portentoso pelo redator de "O Trabalho", na edição de 20 de maio:

> Segundo telegrama recebido aqui no dia 16 do corrente e transmitido do Rio no dia 9, fomos informados de que foi reconhecido deputado federal por este 6º districto, o nosso amigo dr. Olegario Dias Maciel. [...] Ao ser reconhecida essa nova na cidade, manifestaram-se signaes de contentamento d*e entre seus amigos*, e por esta ocasião innumeros foguetes atroaram os ares. [...] Á noite foi promovida uma manifestação *por parte de seus admiradores*, percorrendo as ruas de nossa cidade a banda de musica "Fraternidade" e grande numero de pessoas fazendo-se ouvir *muitos vivas ao dr. Olegario, á Republica, etc.* [...] Á' porta do Cel. Farnese Dias Maciel, fez-se ouvir o distincto e ilustrado dr. Marcolino de Barros, que em brilhante improviso e com a eloquencia que lhe é peculiar, congratulou-se com o municipio de Patos por ter um representante seu no parlamento nacional ouvindo-se muitos e prolongados vivas. [...] *Depois de terem percorrido todas as nossas principaes ruas, em cujo percurso fizeram-se ouvir muitos e calorosos vivas ao dr. Olegario, Cel. Antonio Dias, Cel Farnese, a' Republica, ao Congresso, etc.,* dispersaram-se os manifestantes, tendo-se observado durante toda a manifestação *a maior harmonia e bôa ordem* (sic, Grifos nossos)[318].

---

[317] Cf. GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais:** Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

[318] Noticiário. Dr. Olegário Maciel. **O Trabalho.** Cidade de Patos, 20 de Maio de 1906. Minas – Brasil. Anno 2 n. 24, p. 3-4.

Considerando-se que na paisagem urbana da época, as "principais ruas" necessariamente abrigavam se não todos, pelo menos boa parte dos Borges, a passeata foi, para se dizer o mínimo, uma afronta.

Em 1906, a cidade ainda não havia completado seu giro na direção sul, levando para lá os Maciéis. Desta forma, o roteiro escolhido pelos manifestantes saiu de frente à casa do Coronel Farnese, no Largo do Rosário, e *desceu* em direção ao Largo da Matriz, com gritos de viva a eles mesmos e à sua vitória. Acobertados pela configuração urbana, que ainda não se havia dividido, os Maciéis puderam afrontar os Borges sem que pudessem ser acusados disso. Faz sentido, portanto, o redator encerrar a nota afirmando, polidamente, que não houve nenhuma confusão...

Confusão viria seis meses depois, no pleito para Senador da República, em dezembro de 1906. O Edital publicado em 22 de novembro, no jornal "O Trabalho", vem assinado pelo *"Bacharel Agenor Dias Maciel, 1º Suplente do Substituto do Juiz Seccional no municipio de Patos*" e faz saber das eleições para a vaga deixada por João Pinheiro. O Edital convida os cidadãos votantes a *"darem seus votos na referida eleição"*, esclarecendo, ainda, acerca dos locais nos quais funcionariam as mesas:

> 1ª Secção – edificio onde funciona o Tribunal do Jury e a Camara Municipal nesta cidade; 2ª Secção – edificio da escola publica do sexo masculino desta cidade; 3ª Secção – *em a casa do Sr. Major Olympio Borges, largo da Matriz nesta cidade;* 4ª Secção – Em a casa do Sr. Cap. Francisco José da Motta, no arraial do Areado; 5ª Secção – *em a casa do Sr. Te. Randolpho Borges no arraial da Lagoa Formosa*; 6ª Secção em a casa do Sr. José Limirio Fernandes, onde funciona a escola mixta no Arraial da Lagoa Formosa; 7ª Secção – no edificio do extincto Conselho distrital no arraial de S. Rita; 8ª Secção – em a casa do Sr. Florencio Martins dos Santos no Arraial de S. Rita; 9ª Secção – onde funccciona a escola primaria do Professor Leonidas de Mello Ribeiro no Arraial de Sant'Anna (sic, Grifos nossos)[319].

O Edital também faz saber que "funcionariam" os mesmos mesários que haviam servido na eleição federal de 30 de janeiro de 1906.

A existência de duas sessões, especificamente nas residências dos Borges, corrobora a memória de "oitiva" de Deiró Borges Jr., da separação política dos grupos, inclusive por seções destinadas a uns e outros. Embora confunda as datas, creditando a 1904 os acontecimentos de 1906, o que é perfeitamente normal no movimento mnemônico, é a

[319] Edital. **O Trabalho.** Cidade de Patos, 25 de novembro de 1906. Minas – Brasil. Anno 2 n.3, p. 3.

memória de Deirózinho que evoca o confronto dado nas eleições para o Senado. Dá conta de que os mesários não compareceram à seção dos Borges na casa de Olympio, levando os borgistas a se deslocaram ao Distrito de Lagoa Formosa, para votarem na casa de Randolpho. Lá, na seção presidida pelo Dr. Marcolino de Barros, instalou-se o tumulto, ocorrendo o esperado: as eleições em Lagoa Formosa terminaram em tiroteio.

Consoante com o papel de "vítimas da bandidagem macielista", que Deiró Jr. confere aos Borges, sua memória interpreta o tiroteio como sendo uma "descarga de fuzilaria na casa de Randolpho Borges", pelos jagunços de Marcolino de Barros[320]. Entretanto, como se viu, trata-se de um ponto de vista da memória individual, dentro da memória coletiva. Certamente, a interpretação macielista acerca do tiroteio, também colocaria os Maciéis como vítimas e não o contrário.

Se, no início do século XX, os confrontos diretos eram recorrentes nos pleitos eleitorais, o mesmo se dava, anualmente, durante... o *Carnaval.* Apesar de o Código de Posturas do município proibir o *Entrudo* desde 1870, chegados os festejos de Momo a pequena cidade se convertia, mais uma vez, em arena de combate. Por mais que os Borges, ao longo de décadas, criticassem duramente o Carnaval, acusando os foliões de, dentre outras, entenderem que o "Deus-Momo lhes faculta todas as liberalidades e obstinam-se em revellar os espurcicios de suas almas syphiliticas (sic)[...][321]", chegados os festejos, Patos se convertia numa praça de guerra, travada com água e limões:

> [...] Correram bastante animados, nesta cidade, os três dias em que o povo em delírio entrega-se aos folguedos do deus Momo. Verdade é que não tivemos Carnaval, que é um divertimento mais adequado ao grau de civilisação em que nos achamos; houve apenas muita agua e um verdadeiro dilúvio de limões. Passaram-se felizmente os três dias de susto, em que o collarinho alto e lustoso como o mimoso vestido branco não são respeitados; em que o lar não tem as garantias e prerrogativas constitucionaes, sendo a qualquer hora invadido por numerosos grupos, armados de baldes, bacias, jarros, etc. cheios d'agua e centenas de limões, que são atirados n'um combate medonho, formidável, tudo alagando, moveis, camas, escriptorios, etc. (sic) [...][322].

[320]BORGES Júnior, Deiró. Op. cit., 1994, p. 62.

[321] Chispas. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 22 de fevereiro de 1925. Anno I, n. 22, p.1-2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[322] Carnaval. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 01 de março de 1908. Anno 3, n.53, , p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Desnecessário dizer que as disputas políticas e religiosas disfarçavam-se nos assaltos com as bacias e os baldes d'água e que, conforme descreve o cronista *"F"*, saíam do espaço público e adentravam o espaço privado.

A pendenga entre os Borges e os Maciéis, alimentada no início do século pelo crescimento da congregação presbiteriana, terminou por incluir a cidade de Patos no roteiro de visitação do Bispo de Goyaz[323]. Eufóricos, os Borges fizeram publicar nas páginas do "Trabalho", a notícia da visita, a biografia do bispo, o resumo dos seus sermões e até uma entrevista, *"sem que sua excelência o desconfiasse",* sobre a criação da Diocese de Uberaba[324]. Sobre a chegada breve de Dom Eduardo, em 13 de maio de 1906, publicaram:

> No dia 1º de julho deve chegar a esta cidade o queridissimo Bispo desta Diocese Exmº e Revmº Sr. D. Eduardo Duarte Silva. O povo de Patos, catholico como é, rejubila-se por ter a felicidade de em breve hospedar o inclito prelado e de seus labios ouvir a Palavra de Deus, balsamo vivificante e consolador das almas christãs. Abramos os nossos braços para receber aquelle que vem em nome do Senhor porque *a sua missão é de paz.* Corramos a seus pés e, genuflexos, peçamos-lhe a sua benção paternal. Preparemos-nos afim de podermos gozar dos salutares e beneficos effeitos das Santas Missões. Limpemos as nossas consciencias da mancha negra do peccado, purifiquemol-as, pelo Sacramento da Penitencia para termos o inefavel prazer de recebermos o Pão da Graça. *Benedictus qui venis in nomine Domini*(sic, Grifos nossos) [325].

O Bispo ficou uma semana em Patos: de 02 a 07 de julho de 1906. Com a exceção de Agenor Maciel e do Dr. Marcolino de Barros, *nenhum Maciel* teve seu nome registrado no jornal, seja na recepção a Dom Eduardo ou nas visitas pastorais. Quem lhe deu as boas vindas em nome da população foi o médico baiano, o Dr. Euphrasio Rodrigues. Quanto a Marcolino de Barros e Agenor Maciel, receberam o Bispo no Colégio Atheneu, do qual dividiam sociedade com o Dr. Euphrasio e com o Dr. Antônio Nogueira de Almeida Coelho.

A ausência de qualquer dos Coronéis, é reveladora. Em torno do Bispo agruparam-se, exclusivamente, os homens grados ligados *aos Borges*. Escoltando-o de sua residência à

---

[323] Até chegar em Patos, em 2 de julho de 1906, o Bispo percorreu as freguesias de Sacramento, Capim Branco, Pratinha do Araxá, Araxá, S. Pedro de Alcantara, S. Francisco, Carmo do Paranahyba, Lagôa Formosa, ministrando o Sacramento de Confirmação da fé Católica, a Crisma. Ao todo, segundo informação do Jornal "O Trabalho", de 15 de julho de 1906, o Bispo crismou 2. 348 pessoas.

[324] O Bispado de Uberaba. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 15 de julho de 1906. Anno 1, n. 32, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[325] Visita Pastoral. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 13 de maio de 1906. Anno 1, n. 23, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Matriz, respeitosamente "segurando então no pallio [estavam] os exmos. Srs. Drs. Sabino Lustosa, A. N.de Almeida Coelho, Major Olympio Borges, José Antonio Borges, Augusto Borges e Almerio G. de Amorim"[326].

De imediato, a visita de Dom Eduardo rendeu seus frutos. Só em Patos, o Bispo ministrou 654 crismas, o sacramento católico de confirmação da fé. Parecia uma vitória substancial sobre o protestantismo. Contudo, a peleja persistiu. Quando, em dezembro de 1906, o cronista que assina com o pseudônimo *"C"*, repreende os católicos da cidade por não participarem de uma procissão à casa de um doente, o faz reafirmando a fé católica, o catolicismo de Patos e condenando o protestantismo:

> Haverá quem ignore a extraordinaria grandeza do Sacramento da Eucharistia? [...] Alli, no S.S. do Altar está N.S. Jesus Christo tão real e perfeitamente como está no Céo. É a maior das verdades que ninguem jamais poude negar com provas irrefutaveis. É o mais estupendo milagre do Martyr do Golgotha! *O proprio Luthero quiz negar essa verdade, mas não poude e, por mais que pedisse inspiração ao diabo para esse fim, sentiu-se fraco* e terminou por confessar que o Sacramento da Eucharistia era Verdadeiro, irrefutavel. Por isso todo bom christão deve amar, adorar e respeitar a J. Christo no S. Sacramento e, desgraçadamente, muitos hoje que se dizem catholicos, esquecem-se disso e não prestam o devido amor e respeito ao Pae Amantissimo, ao Cordeiro immaculado, que por amor de nós e para nos livrar da perdição eterna deixou-se immolar n'uma cruz (sic, Grifos nossos)[327].

Vitória "derradeira" aparentemente viria em fevereiro de 1907, quando o então convertido Francisco Tolentino *abjura do protestantismo* e autoriza o Padre Getúlio a dar a devida publicidade ao fato. Em letras garrafais, com o título "O bom filho à casa torna"em 17 de fevereiro de 1907, "O Trabalho" publica:

> **[...]** Abjurou o protestantismo, voltando ao seio da Egreja Catholica Romana, o sr. Francisco Tolentino, residente no districto desta cidade, que por alguns annos andou transviado da verdadeira fé. No dia 15 do corrente casou-se religiosamente e baptisou um seu neto. Eis a carta que o mesmo dirigiu ao nosso digno Vigario: "Ilmº e Rvmº Snr. Pe. Vigario Getulio Alves de Mello: Tomei a resolução, sob juramento de minha alma, a abjurar a religião protestante, promettendo seguir de

[326] Dom Eduardo Duarte Silva. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 15 de julho de 1906. Anno 1, n. 32, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[327] O Santissimo Sacramento. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de dezembro de 1906. Anno 2, n. 4, p.1-2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

> hoje em diante a religião catholica Apostolica de Roma; podendo auctorisar-se desta em favor da nossa Santa religião (sic)[328].

A patrulha católica aumenta. O dedo inquisitorial, erguido através do jornal, insta os católicos a considerarem os pregadores presbiterianos falsários e de má fé. Como a expansão da Igreja Presbiteriana tinha por premissa a Educação, os missionários, sempre que visitavam as Congregações, distribuíam folhetos, evangelhos e bíblias, os quais eram belicosamente condenados pelo clero católico. Inclusive na cidade de Patos, por meio da redação dos Borges:

> [...] Por aqui passou o Sr. José Coelho da Costa, que exerce a profissão de mascate de biblias falsificadas e outros livros condemnados pela Egreja Catholica. Felizmente, pouco ou nada fez nesta cidade o Sr. Costa; apenas andou distribuindo grátis ás creanças alguns pequenos evangelhos. Convem que os catholicos se ponham de sobre aviso, não se deixem enlevar pelo canto da sereia e repilam com energia esses cavalheiros que insultando a sua crença, illudindo-lhes a bôa fé ainda levan-lhes dinheiro em troca de livros condemnados (sic)[329].

A relação entre a difusão do protestantismo e o hábito de leitura é intrínseca. Remonta à Reforma. Igualmente, também remonta aos tribunais de inquisição o estímulo à delação dos hereges, identificados pela posse de livros e o ato de ler[330]. Considerando-se o avançado no tempo, não deixa de surpreender à historiadora a narrativa de Maria de Melo Chaves quando, reportando-se ao início do século XX, na região do Triângulo Mineiro, afirma: "naquela época, naquele meio, qualquer pessoa que dissesse estar lendo um livro, era olhada com desconfiança: estava virando protestante. Só os protestantes liam e tinham livros".[331]

Pelo o que se percebe na documentação, os Maciéis não se intimidaram com a pregação dos Borges. É certo que, com a morte do Major Jerônimo, em agosto de 1906, eles pareceram evitar confrontos e guardaram solenemente seu luto. Sem alarde, Olegário Maciel foi eleito para uma das vagas de Vereador Geral, em novembro, vindo a ocupar a presidência

---

[328] O Bom filho à casa torna. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 17 de fevereiro de 1907. Anno 2, n.14, , p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[329] Por aqui passou...**O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 3 de março de 1907. Anno 2, n. 16, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[330] Sobre a perseguição às heresias e as delações relacionando os hereges a posse e leitura de livros, ver o trabalho de Ladurie, sobre a vila de Montaillou, no sul da França, devastada pelo tribunal da inquisição no século XIII. LADURIE, Emanuel Le Roy. **Montaillou, povoado occitanico**. De 1294 a 1324. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

[331] CHAVES, Maria de Melo, 1947, Op. cit., p. 44.

da Câmara em 1907[332]. No entanto, nem mesmo a morte do Major impediria que o Dr. Marcolino de Barros inaugurasse um hipódromo, em agosto do mesmo ano. Ou, que os Maciéis coibissem os tiros dados em altas horas na cidade, denunciados pelos Borges como "selvageria sem nome, que de todo não se coaduna com o nosso estado de civilisação e muito incommoda a população pacata desta cidade (sic)"[333].

O ano de 1907, porém, seria um divisor de águas para a cidade de Patos. Ele marcaria tanto o refluxo das publicações borgistas no jornal "O Trabalho"[334]como, também, demarcaria a guinada definitiva do vetor de crescimento rumo ao sul.

Embora o ano tenha começado "quente", com a coluna "Implicâncias" denunciando a força policial, a reforma educacional, os animais que continuavam a vagar deteriorando as ruas e o Largo da Matriz, e destacando a abjuração ao protestantismo por Francisco Tolentino, quando advém o mês de maio os Borges se calam.

Um drama político e familiar colocara em xeque o papel que os Borges atribuíam para si, no teatro dos valores morais: em 29 de abril de 1907, Alfredo Borges assassinou o Promotor da cidade, seu concunhado, o advogado Antônio Nogueira de Almeida Coelho, redator de "O Trabalho".

Quem assinou a nota, informando da tragédia, foi o Dr. Euphrasio Rodrigues que, um ano depois, em artigo lembrando a memória do finado, revelaria ter sido seu amigo de infância:

> [...] Devido a causas que só à justiça publica compete elucidar, com razão ou sem ella, foi morto por um tiro de garrucha, na manhã de 29 de Abril, o talentoso advogado dr. Antonio Nogueira de Almeida Coelho. A população consternada

---

[332] Notícias. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 18 de novembro de 1906. Anno 2, n. 1, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[333] Noticiário. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de dezembro de 1906. Anno 2, n. 4, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[334]A partir de 1908 a redação do jornal "O Trabalho" ficou sob a responsabilidade do Dr. Laudelino Gomes, médico goiano que clinicou por oito meses em Paracatu indo, depois, para Patos. Embora tenha se casado com uma das filhas do Coronel Arthur Thomaz de Magalhães, alinhando-se, por casamento, ao bloco macielista, o Dr. Laudelino utilizou as páginas do "Trabalho" como veemente ferramenta de crítica à Câmara Municipal. Ainda que muitas de suas críticas se dirigissem a aspectos pontuais da administração pública, boa parte delas se dirigiam ao Dr. Euphrasio Rodrigues, remunerado pelo o atendimento à população pobre. Conquanto o Dr. Laudelino também tratasse os pobres, em troca do que solicitara à Câmara, em 1907, a isenção do pagamento de licença para o exercício de sua profissão, a Câmara lhe repassava valores menores do que os repassados ao Dr. Euphrasio. Após longas imprecações travadas entre os dois médicos através do jornal e, ainda, das críticas à administração, em 1909 a Câmara susta a publicação de matérias do legislativo no "Trabalho", pelas quais pagava 600 mil réis desde 1905. Sem o recurso, o jornal deixou de circular a partir de março de 1909. Voltaria apenas em 1921, em formato impresso, tendo entre seus redatores, o Major Olympio Borges. Teria, porém, pouco tempo de vida, pois deixaria de ser publicado, em definitivo, no ano de 1922.

> compareceu toda em casa do Sr. Alfredo Borges, local onde se dera o desastre, lamentando todos ao fim desastroso do inditoso moço que fazia parte da elite Patense e que teve a suprema infellicidade de ser morto por seu concunhado. Incontinente compareceu ao logar do conflicto, narrado de diversos modos, com muitas versões, o Snr. Daniel Belluco, Delegado de Policia em exercicio, juntamente com o Dr. Laudelino Gomes, Cap. Aurelio Mendonça, que fizeram o auto de exame cadavérico tomando o mesmo Sr. as providencias que o caso requeria; os seus amigos commentavam em todas as rodas mais esta scena de sangue que veio perturbar as lides diarias dos pacíficos habitantes desta terra (sic) [...][335].

Embora a historiadora deste trabalho não tenha conseguido localizar o processo no qual Alfredo Borges figurou como réu, as entrelinhas do jornal demonstram que a morte do Dr. Antônio Nogueira não foi acidental. Em matérias que seriam publicadas posteriormente, os redatores sempre se referiram ao episódio como *assassinato*.

Por outro lado, ainda que a morte do Promotor tenha causado consternação, é fato que não causou surpresa. Foi contabilizada entre as "cenas de sangue" que recorriam na paisagem urbana de Patos. Longe de ser uma cidade pacata e tranqüila, lugar de "bem viver", como um século depois seria consagrada, a pequena cidade "dos Patos" era lugar de extrema violência. Envolviam-se em contendas tanto a elite beligerante, representada por Borges e Maciéis, quanto a "arraia miúda", os pobres que viviam nos subúrbios, nos bairros da Várzea e da Roda da Lagoa.

O próprio Promotor, o Dr. Antônio Nogueira de Almeida Coelho, havia reconhecido, em 1906, as críticas publicadas por duas vezes no jornal "O Município", de Uberaba, acerca do alto índice de criminalidade em Patos. Na condição de representante do Ministério público, o Promotor escreveu: "[...] Não escondendo que realmente existe grande numero de criminosos sem repressão, alguns pronunciados, libellados e até condemnados, á revelia, comtudo não podem as autoridades aqui existentes fazer prevaleçer a acção da lei (sic)[...]"[336]. Só no dia 11 de dezembro de 1906, a cidade havia assistido a um tiroteio que redundara em quatro mortos e dois feridos, sendo uma das vítimas cunhado do delegado em exercício, o Dr. Daniel Alves Belluco[337].

---

[335] Dr. Antônio Nogueira de Almeida Coelho. **O Trabalho.** (Edição especial). Cidade de Patos, Minas, 5 de maio de 1907. Anno 2, n.24, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[336] Criminosos em Patos. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 25 de março de 1906. Anno 1, n. 6, p.2-3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[337] Os Successos do dia 11. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 16 de dezembro de 1906. Anno 2, n. 5, p.1-2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Incrustada no cenário violento da cidade, a morte do Dr. Antônio Nogueira era, porém, fruto da contenda travada no interior da elite local. A documentação pesquisada não permitiu à historiadora definir o "estopim" que levara Alfredo Borges a assassinar o concunhado. A julgar pelas primeiras palavras do Dr. Euphrasio, na nota publicada no "Trabalho", a imaginação histórica permite lucubrar, inclusive, um crime passional. É possível. Afinal, as palavras *"com razão ou sem ella"*, remetem à descrição do Promotor como um homem de grande beleza e presença social: "Sua inteligência e simpatia, aliadas a uma beleza física de se fazer notar, virtuoso ao piano, violinista e flautista, cuja destreza o tornava capaz de tocar qualquer instrumento, alegrava as festas (...)"[338].



FIGURA 68: Dr. Antônio Nogueira Coelho s/d. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

Entretanto, o mesmo biógrafo que descreve Antônio Nogueira como um belo homem, sugere que a morte do Promotor se inseria no capítulo das *disputas políticas* que cindiam a elite de Patos:

> [...] Morreu tragicamente, nesta cidade, [...] quando já se preparava para voltar, definitivamente, à sua terra, Queluz de Minas [Conselheiro Lafaiete]. A este espírito tempestuoso e boêmio, de convivência cosmopolita e sentimentos singelos, não foi fácil harmonizar sua maneira de sentir a vida, com o ambiente provinciano que bem sabia agradável, mas demasiadamente turvado por competições políticas apaixonadas que levavam, a muitos, ao radicalismo das idéias[339].

[338] ANTÔNIO NOGUEIRA DE ALMEIDA COELHO. Fotocópia de Biografia. Obra sem referência. 1974,p.85-87. Arquivo Documental de Patos de Minas, Pasta: Famílias Tradicionais.
[339] Id., Ibid., p.86.

Antônio Nogueira de Almeida Coelho era socialista. Reconhece-o o memorialista Geraldo Fonseca, na obra Domínios de Pecuários e Enxadachins, de 1974. Ao traçar o perfil dos fundadores do jornal "O Trabalho", Fonseca afirma que o Dr. Antônio era adepto das idéias de Owen, Saint-Simon e Blanqui, autor da máxima *"Nem Deus nem Senhor"*[340]. O biógrafo que lhe recuperou a trajetória, afirma, inclusive, que lia em francês as obras dos pensadores socialistas, as quais eram parte integrante da sua biblioteca em Patos[341]. Na trajetória como jornalista, Antônio Nogueira pregava reformas sociais e, decorrente disso, "fundou o primeiro jornal socialista de Minas Gerais_ "O Socialista" _ órgão do Centro Socialista Mineiro, de 1893 a 1894, em Ouro Preto."[342]

Filho de família extremamente abastada de Queluz de Minas, Antônio Nogueira viajou o Brasil e o mundo para, finalmente, se formar Bacharel na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na São Paulo de 1902. Por força da influência do pai, o Coronel João Antônio Almeida Coelho, foi nomeado juiz substituto da Comarca de Patos, para onde se transferiu em 1905. Suprimido o cargo de juiz, tornou-se Promotor de Justiça da Comarca.

Em sociedade com o fotógrafo Fortunato Pinto da Cunha, vindo de Tiros, fundou o jornal "O Trabalho", definido desde o primeiro número como um órgão de notícias que não tomava partido nas disputas locais. Consoante com o papel atribuído ao jornal, e por extensão a si mesmo, o Dr. Antônio Nogueira não se furtou em transitar pelos "dois mundos", convivendo, igualmente, com Borges... e Maciéis.

Recém chegado à cidade, casou-se com Lenita, filha de José Antônio Borges e com quem viria a ter uma única filha, Lina. Na condição de Promotor e genro de José Antônio, a historiadora o encontrou "segurando a capa" do Bispo de Goyaz , quando da visita de Dom Eduardo a Patos, em 1906. Mas, igualmente, também o encontrou ao lado de Olegário Maciel

---

[340]Robert Owen, o Conde de Saint-Simon (Claude-Henri de Rouvroy) e Louis Auguste Blanqui são comumente associados ao "Socialismo Utópico". A expressão, aliás negativa, foi cunhada por Marx e Engels com o intuito de demarcar uma diferença com o que defendiam por "Socialismo Científico". Dentro da diferenciação, caberia aos primeiros a bandeira de expansão dos valores apregoados pela Revolução Francesa, condensados no lema "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", evoluindo de maneira gradual e pacífica à uma sociedade solidária. Para os segundos, a chegada à uma sociedade sem classes passava, necessariamente, pela Revolução do Proletariado a quem cabia a missão histórica de conduzir a sociedade capitalista à sua inelutável dissolução. Todavia, a associação de Blanqui aos utópicos é forçosa. Ele foi um ativo revolucionário, aliás, reincidentemente preso por conta de suas atividades, nas quais incluíam conspirações, sociedades secretas e a fabricação de explosivos. Diferente dos chamados "utópicos", defendia uma insurreição como meio de substituir o capitalismo por uma ditadura revolucionária. Sobre o tema, consultar: ENGELS, Friedrich.**Del socialismo utópico al socialismo científico**. Francisco Etchelecu, 1979.

[341] Id. Ibid, p. 85.

[342] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p. 201.

e do Dr. Euphrasio, fazendo parte da Comissão responsável por designar o local no qual deveria ser construído o Matadouro[343]. Da mesma forma, o Dr. Antônio privou da amizade de Agenor Maciel e Marcolino de Barros, seus sócios no Colégio Atheneu.

É certo que no corpo docente do Colégio, também figurava um sacerdote católico, o Padre Manoel de Macedo. Entretanto, este último pouco somava à causa dos Borges, uma vez que se tratava de jogador contumaz, sendo, ainda, sócio de Marcolino de Barros no "Hypodromo Patense", inaugurado em novembro de 1906, e que promovia concorridíssimas corridas de cavalos![344]

Considerando-se a filiação socialista de Antônio Nogueira, é possível que não comungasse das crenças dos Borges e que, talvez, tenha enfrentado fortes atritos dentro do núcleo familiar. Porém, os indícios revelam que sua aproximação com os Maciéis, já inimigos "figadais" dos Borges, selou seu destino. Ainda que preferisse o "trânsito", sem afirmar-se em nenhum dos lados, a sociedade com Agenor Maciel e Marcolino de Barros era atestado público de sua pendência para o lado macielista. Isto somado a adoção da bandeira de Blanqui, *"Nem Deus nem Senhor",*certamente representava para os Borges... uma catástrofe de dimensões bíblicas!

O Colégio Atheneu foi sistematicamente boicotado pelos Borges e seus correligionários. Na solenidade de instalação da escola, que funcionaria na residência do Dr. Euphrasio Rodrigues, a ata transcrita no "Trabalho", diz:

> Em seguida o dr. Almeida pediu a palavra pela ordem, e justificou a ausência dos Srs. Capm. Modesto de Mello Ribeiro, que pedia excusas [...] da corporação musical "Santa Cecília" dizendo ser intuito da mesma comparecer para abrilhantar o acto, e que o não faz por ter compromisso de a essa mesma hora tocar em diversos actos dos festejos de S. Sebastião, que nesse dia se realizavam. [...] tambem apresenta excusas do não comparecimento do sr. Major Olympio Borges, por incommodos em pessoa de sua família. [...] Apresentaram ainda excusas de não comparecimento os srs. Revmº Pe. Getúlio Alves de Mello e Deiró Eunapio Borges. [...] Em seguida o Sr. Presidente deu a palavra ao dr. Euphrasio Rodrigues,

[343] CAMARA Municipal da Cidade de Patos. **Acta da Sessão de 21 de setembro de 1906.** Livro de Atas n. 05, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[344] Em matéria publicada em 16 de agosto de 1906, "O Trabalho" reporta: "[...] Devido a iniciativa de nossos amigos dr. Marcolino de Barros e Pe. Manoel de Macedo, foi fundado aqui um hypodromo, o qual virá concorrer, não só para offerecer mais uma diversão ao publico, como tambem para a melhoria de nossa raça cavallar [...] Já se realizaram duas corridas, sendo que na 1ª effectuada correram 3 pareos e na ultima 4 pareos [...]". Ver: Hypodromo Patense. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 16 de agosto de 1906. Anno 1, n. 36, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

> para, em nome do corpo docente agradecer o comparecimento de todas as pessoas que se dignaram acceitar o convite da Congregação (sic)[345].

De nada adiantaria a visita do Bispo, sua benção e sua preleção nas dependências da escola. É até mesmo possível, que o anúncio de o Padre Manoel de Macedo ser o responsável pela cadeira de *"Instrucção Civica, Moral e Religiosa"* tenha piorado a situação... Fato é que os seis alunos que iniciaram o período letivo não foram suficientes para manter a escola secundária. Sem alunos, o Colégio Atheneu cerrou as portas.

Reconhecendo a derrota, o Dr. Antônio pediu sua exoneração do cargo de Promotor, em dezembro de 1906. Como esclareceu seu biógrafo, planejava voltar para Queluz quando foi assassinado, pouco tempo depois, em abril de 1907.

Alfredo Borges sentou-se no banco dos réus em 10 de outubro do mesmo ano. Em sua defesa estava, ninguém menos, do que o futuro Cônego Getúlio, responsável pela Paróquia de Santo Antônio, de Patos:

> [...] Dia 10. Foi submettido a julgamento o réo Alfredo Borges, autor do assassinato do inolvidável e saudosissimo Dr. Antonio Nogueira de Almeida Coelho. Teve como defensores o illustrado clinico Dr. Antonio Alves da Silva, que produzia brilhante defeza e o Revmº Vigario Getulio Alves de Mello, sendo absolvido (sic)[346].

A documentação demonstra que, embora absolvido, Alfredo Borges não voltou para a redação do "Trabalho". Ainda que, após a morte do Dr. Antônio, o periódico tenha publicado, em 12 de maio de 1907, duas matérias de cunho religioso, ambas criticando as artes do "Curandeirismo", o tema desaparece de suas páginas. Assim como os próprios Borges. A historiadora os encontrará na imprensa local, três anos depois, através da iniciativa do próprio Alfredo. Profundamente devoto de São José, o protetor da família, Alfredo se tornou proprietário de uma papelaria, cujo nome homenageava o santo, anexa à qual viria a funcionar sua *"Officina de Obras Typographicas"*. Ali ele imprimiria, a partir de 1910, o jornal "O Commercio", reiniciando a defesa da fé católica através da imprensa.

É claro que a ausência dos Borges nas páginas do único jornal da cidade, não significou a supressão do conflito com a situação. O Dr. Euphrasio, ainda abalado com a morte de Antônio Nogueira, tentou, uma última vez, chamar os contentores à razão. Na

---

[345] O Atheneu. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 10 de junho de 1906. Anno 1, n. 27, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[346] Jury. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 13 de outubro de 1907. Anno 2, n. 43, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

virada do ano, em janeiro de 1908, ele convidou todos, indistintamente, a empreenderem esforços para o bem comum:

> Acaba de surgir das brumas do Levante, o anno de 1908 e com elle a nova phase do "Trabalho"; desejando a todos innumeras felicidades, lamentando aquelles, que dizimados pela epidemia, se foram sumir na mudez da morte, a redacção do "Trabalho" continuando no seu programma imparcial, sem orientação politica, pugnando pelos interesses do povo, desse povo, amante dos que produzem a luz, só deseja que mais auspiciosos augúrios, accompanhem nesta terra a industria, o commercio e a lavoura, essa tríade que é o sustentáculo, *desta pequena sociedade, tão dilacerada pelas lutas intestinas.*[...] Avante e sempre, seja sempre a divisa deste povo, concitamos a todo cidadão, a todo pae de familia, para concorrer na medida de suas forças, para o engrandecimento desta terra; é preciso lembrarmo-nos das festas sociaes do mundo civilisado; ao lado das festas eclesiásticas, que dão tranqüilidade ao espirito, precisamos das festas populares que são banquetes da civilisação; o carnaval que é a festa do commercio, em substituição ao brinquedo de entrudo agreste de nossos avoengos [...] que importa, que alguns carrancas tenham as suas idéas vetustas petrificadas na tradicção, si temos em deredor de nós a bella e feliz mocidade, que tem a faculdade de nos repôr no passado. [...] Vemos todos os dias uma porção de filhos de familias sahirem desta terra constantemente, e nos collegios, nos gymnasios, nas faculdades, abrilhantando o nome de Patos [...] hoje o pae de familia cuida da educação dos filhos, mandando dar-lhe instrucção conforme os seus meios, e não faz delle como antigamente um camarada para a roça, por isso dizemos, que para o futuro nesta terra o professor ha de eliminar o carcereiro (sic, Grifos nossos) [...][347].

A despeito do discurso conciliatório, nem a sociedade se viu livre das "lutas intestinas", nem os filhos que foram "estudar fora" sepultaram, com seus diplomas, as disputas entre as as facções rivais. Nem mesmo o próprio Dr. Euphrasio...! Apesar das palavras conciliatórias, até ele já havia escolhido um lado: fosse na política ou na configuração urbana de Patos, ele preferira o lado macielista.

[347] Ao Povo Patense. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 20 de janeiro de 1908. Anno 3, n. 49, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.



FIGURA 69: Residência do Dr. Euphrasio José Rodrigues, na Rua Olegário Maciel. O médico aparece na varanda. s/d
FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

Sua opção se explica. Afinal, o único que esforçara uma neutralidade, tentando transitar entre Borges e Maciéis, encontrara uma morte prematura, aos trinta e um anos. Por isso, quando o Dr. Euphrasio ergue sua casa e consultório na Rua Olegário Maciel, ou aparece nas atas, desde 1906, remunerado como "o médico do partido da Câmara", há de se compreender que no contexto da época tratava-se... de uma questão de sobrevivência.

Findo o ano de 1907, os Maciéis investiram resolutamente na inversão do vetor de crescimento de Patos. À disputa com os Borges se somavam os surtos de varíola que ceifavam vidas, tanto no Largo da Matriz quanto nos bairros da Várzea e da Roda da Lagoa, onde se adensava a população pobre.

Os surtos seriam recorrentes. Chegado o verão e a estação das chuvas, o novo ano traria uma epidemia ainda mais recrudescida. Em 1909, a epidemia alastrou-se de tal maneira, que exigiu a intervenção do legislativo. Na sessão extraordinária de 19 de abril de 1909, presidida pelo Sr. Pedro Modesto[348], a Câmara se reuniu em atendimento à representação do Dr. Euphrasio que solicitara medidas pontuais para o enfrentamento da varíola:

> [...] O Senhor Presidente declarou que, attendendo á representação do Snr. Dr. Euphrasio José Rodrigues, medico do partido da Camara, havia convocado a presente Sessão extraordinária, afim de que a Camara deliberasse sobre as providencias convenientes para debelação da epidemia de varíola que desde mezes

[348] Pedro Modesto era sócio do Major Sesóstris Dias Maciel, na "Casa Gotte". Seu nome aparece referenciado nos jornais em diversas ocasiões, inclusive como responsável por buscar as filhas do Major Gotte para passarem as férias escolares em Patos. Logo, tratava-se de um correligionário macielista.

> vem assolando este Municipio. Lida a representação acima referida a Camara, por proposta do mesmo Presidente deliberou unanemente o seguinte: 1º. Solicitar do Governo do Estado, pela verba de socorros públicos, os auxilios necessarios para o serviço de extinção da epidemia. 2º. Estabelecer postos vaccinicos nas sedes de todos os districtos do Municipio. 3º. Promover, quanto possivel, para o isolamento dos variolosos, a domicilio, ou em hospitaes isolados. 4º. Estabelecer, desde já, o serviço de desinfecção nos predios em que se deram casos de varíola. 5º. Socorrer com medicação e dieta aos indigentes variolosos. 6º. Abrir ao Agente Executivo, o credito de dois contos de reis para iniciar o serviço até que venham os socorros pedidos ao Governo. Ficaci mais o Agente Executivo auctorizado a tomar quaesquer outras providencias que julgar convenientes para evitar a propagação da epidemia e o tratamento dos doentes pobres (sic) [...][349].

Ainda que as ações empreendidas em Patos fossem, aparentemente, mais brandas do que aquelas impostas no Rio de Janeiro, através do sanitarista Oswaldo Cruz,[350]é importante ressaltar que elas possuíam a mesma matriz. Situadas em contextos históricos idênticos, ambas se caracterizaram pela intervenção do Estado na dimensão pública e no recesso privado dos indivíduos, sobretudo dos pobres.

Tal qual Oswaldo Cruz, o Dr. Euphrásio conduziu brigadas sanitárias que foram desinfetando casas, isolando doentes e "obrigando" a uma vacinação cuja obrigatoriedade datava de 1837[351]. Não se pode esquecer que o Dr. Euphrasio, e o grupo político ao qual se filiou, era *habitué* o suficiente do Rio de Janeiro, para importar de lá o modelo de combate

---

[349] CAMARA Municipal da Cidade de Patos. **Acta da Sessão extraordinaria de 19 de abril de 1909.** Livro de Atas n. 05, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[350] A respeito das ações de Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro e as manifestações populares que ficaram conhecidas como "A revolta da vacina", consultar: SEVCENKO, Nicolau.**A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 1993; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; KAREPOVS, Dainis.**As barricadas da saúde: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

[351]A vacina Jenner, contra a varíola, foi introduzida no Brasil em 1801. Era obrigatória no Rio de Janeiro desde 1837, mas como muitas leis, sua obrigatoriedade "não pegava". Em se tratando da Vila de Santo Antônio dos Patos e seus distritos, em 19 de abril de 1869 são indicados os seguintes vacinadores: Zeferino Americano de Faria (professor), Antônio Vaz de Melo, Francisco Rodrigues de Azevedo, Inocêncio Rodrigues de Araújo e Manuel Araújo Leite. Cf. CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 19 de abril de 1869.** Livro de Atas n. 03, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas. Não obstante, circular datada de 19 de setembro de 1871, emitida pela "Commissão de Vaccinação", em Ouro Preto, dá conta de que os trabalhos de vacinação na Província de Minas Gerais se encontravam "muito em atraso". Para que a situação fosse revertida, o documento reproduz alguns dos "capítulos e artigos do Regulamento, mandado executar pelo Decreto n. 464 de 17 de Agosto de 1846 a cerca da vaccinação no Imperio, onde foi creado um Instituto vaccinico tendo seu principal Chefe na Corte, e empregados até nas pequenas Povoações." Cf. COMMISSÃO de Vaccinação. **Correspondência à Câmara Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos.** Ouro Preto, 19 de setembro de 1871. Sobre a Revolta da Vacina ver a obra, citada acima, de Nicolau Sevcenko, de 1933.

à varíola e à febre amarela. Nunca é demais lembrar que, em 1909, Adélio Maciel *já era* estudante na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, tal qual o restante dos Maciéis, inclusive seus aliados, acompanharam de perto as reformas urbanas que mudaram a face da capital da República.

Em se tratando, especificamente, do Rio de Janeiro, desde os anos de 1870, quando a "questão urbana" fora colocada em pauta,[352]a elite branca aspirava a uma capital que correspondesse, ao termo e ao cabo, aos cânones civilizatórios dos quais compartilhava. Fosse através da literatura estrangeira, na qual figuravam autores como Balzac, Baudelaire e Hugo; fosse através da conversação fluente em francês, nas *soireés* e saraus da corte; fossem nas temporadas em Paris, sonhadas por muitos e restritas a poucos... a elite do Rio de Janeiro, *tal qual os Maciéis da cidade de Patos*, havia sido cultivada *à francesa*, dentro de uma "alta cultura" aspergida pela capital da França ao resto do mundo. Por tudo isso, aspirava, igualmente, a uma capital que, tal qual Paris, tivesse ampla circulação do ar, fosse higiênica, livre dos odores miasmáticos dos trópicos e da arraia-miúda; arborizada, ordenada, segura, e esteticamente linda...

No entanto, a capital da República continuava a espelhar a mesma realidade condenável dos anos finais do Império. No verão, os surtos de febre amarela obrigavam os ricos a "subirem para Petrópolis". No centro, na "Cidade Velha", o casario antigo reduzia-se a um amontoado de pardieiros, abrigos de gatunos, ratos, pulgas e pestes. As ruas tortuosas, estreitas e mal cheirosas, abrigavam tanto cães vadios, cavalos, perus e vacas ordenhadas "na hora", quanto a fauna humana que, *por nascimento*, "ameaçava a civilização dos brancos", conforme, do seu pedestal eugenista, postulara Nina Rodrigues em 1894: "[...] a civilização ariana está representada no Brasil por uma fraca minoria da raça branca a quem ficou o encargo de defendê-la, não só contra os atos anti-sociais_os crimes_ dos seus

[352] O padrão colonial de ocupação do Rio de Janeiro, somado às graves epidemias que assolavam a cidade, sobretudo no verão, estiveram na base da primeira proposta de reformulação urbana da cidade, ainda no período imperial, em 1874. O engenheiro Francisco Pereira Passos fez parte da Comissão de Melhoramentos da Cidade que propôs um "Plano Global de Reformas", francamente inspirado no projeto urbanístico de Paris, levado a termo por George Eugéne Haussmann. O plano não conseguiu atrair capital privado suficiente para a sua execução. Por este motivo não foi aprovado, embora duramente criticado por sua "haussmannização". A este respeito, consultar: NEDEEL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical.** Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1993 e AZEVEDO, André Nunes de. **Da Monarquia à República**: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro, entre 1868 e 1906. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica/ Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em História Social da Cultura, 2003.

próprios representantes, como ainda contra os atos anti-sociais das raças inferiores... (sic) [...].”[353]

No labirinto de ruelas e becos, transitavam os bárbaros, cuspindo nas calçadas e nos quiosques: capoeiras, ex-escravos, biscateiros, carroceiros, mendigos, trapeiros, rezadeiras, tatuadores, mulheres de vida fácil... E, qual uma cicatriz impressa no rosto juvenil da República proclamada em 1889, erguia-se, desdenhoso, o *Cortiço*:

> [...] No Rio *fin-de siècle,* um elemento da cidade erguia-se como a síntese de tudo aquilo que evocava o atraso e denegria a imagem da capital da jovem República: o famigerado cortiço “Cabeça de Porco”. Situado próximo à Estrada de ferro D. Pedro II, nele habitava um enorme contingente de pessoas em situação de grande promiscuidade. Quatro mil e seiscentas pessoas, segundo alguns, cerca de duas mil, segundo outros, mas, de toda forma, viviam em um núcleo habitacional que contrariava todas as normas de higiene, numa anarquia arquitetônica de quartos, vielas, sobrados, casebres, e pátios, tudo subdividido, num incrível labirinto que reunia homens e animais[354].

Para as elites que ocupavam o poder político, aliás desde o Império, os pobres maculavam a República que se constituía. As “manchas” da negritude e da barbárie urgiam por ações sanitárias e eugênicas, de modo a recolocar nos trilhos um novo Brasil: *limpo* e *branco*[355].

Quando o ex-monarquista Rodrigues Alves subiu à Presidência, pôde entregar a “cidade doente” aos cuidados dos médicos: para tratar o “corpo urbano”, a Engenharia Civil, representada pelos engenheiros Francisco Bicalho, Paulo de Frontin e Francisco Pereira

---

[353] RODRIGUES, Raimundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.** 2 ed. Salvador: Progresso, 1957, p. 162. A inspiração de Nina Rodrigues, para a composição do tratado sobre a inclinação de negros e mestiços ao crime, vem dos argumentos apresentados por Cesare Lombroso na obra *Uomo deliquente,* de 1876, disponível em português: LOMBROSO, Cesare. **O homem delinqüente.** Tradução de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2013. (Coleção Fundamentos de Direito). Sobre o pensamento de Nina Rodrigues, ver: CORRÊA, Mariza. **As ilusões da liberdade.** A escola de Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

[354] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit., 2002, p. 170.

[355] Acerca do tema, consultar: COSTA, Nilson do Rosário. **Lutas urbanas e controle sanitário.** Origens das políticas de saúde no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985; ROMERO, Mariza.**Medicalização da saúde e exclusão social**. Editora da Universidade do Sagrado Coração - EDUSC, 2002; MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. Também de Mota: **Tropeços da medicina bandeirante:** medicina paulista entre 1892-1920. Edusp, 2005. Especificamente sobre as intervenções de médicos e engenheiros nos espaços urbanos, ver: SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados - Revista de Ciências Sociais.** V. 28. N.2, p. 193 - 210, 1987; HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento.** As bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998; LIRA, José Tavares Correia de. O urbanismo e seu outro. Raça, cultura e cidade no Brasil (1920 - 1945). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais.** São Paulo, n.1, p. 47 - 78, 1999.

Passos. Para tratar o "corpo social", a Medicina Sanitária representada pelo médico Oswaldo Cruz.

Aos engenheiros cabia não apenas transformar o Rio de Janeiro em "cartão postal" do Brasil. Mais do que isso, era sua responsabilidade empreender projetos de urbanização que modernizassem a cidade, viabilizando seu *progresso* e, ao mesmo tempo, imprimindo nela as marcas da *civilização*. Dois imperativos. Dois princípios diferentes, embora nitidamente complementares, conforme observou Rosa Maria Ferreira da Silva:

> O acento diferencial nos princípios informadores das reformas [do Rio de Janeiro] refletia perspectivas diferentes de *progresso* que conviviam, *tensionadamente,* no Brasil da segunda metade do século XIX. Observe-se que no período não havia uma, mas pelo menos *duas noções de progresso*: cada uma laudatória de um regime político diferente. Se a Monarquia entendia que o progresso material decorria do investimento na *civilização,* a elite republicana, ao contrário, compreendia que a civilização era conseqüência "natural" do progresso econômico, portanto, *material.* Essas gradações de sentido, praticamente uma inversão, se forjaram ao longo do processo histórico. Outrossim, decorreram de ações muito concretas que visavam reformular o campo simbólico que legitimava um e outro regime.[356]

Para responder às necessidades do momento, um conjunto de obras, norteado pelo princípio do *progresso,* foi conduzido pelo Governo Federal, sob a coordenação política do Ministro de Viação e Obras Públicas, o ex-governador de Santa Catarina, Lauro Müller. Para a ampliação e modernização do porto, Müller confiou a tarefa ao engenheiro Francisco Bicalho. Para a abertura das três avenidas que constituiriam o sistema viário capaz de absorver as atividades de distribuição das mercadorias do porto, o Ministro contratou o então Presidente do Clube de Engenharia, André Gustavo Paulo de Frontin. Quanto ao projeto de *civilização* do Rio de Janeiro, a empreitada coube ao município, através de Francisco Pereira Passos, o engenheiro civil nomeado prefeito em 1902, justamente para este fim[357].

---

[356] SILVA, Rosa Maria Ferreira da. Cidade e Urbanização, Progresso e Civilização: reflexões sobre a cidade oitocentista no sertão das Gerais (Patos de Minas, 1868 -1933). **Historia & Perspectivas** (UFU), v. 49, p. 418-419, jul/dez 2013. As reflexões de Silva partiram do diálogo estabelecido com a Tese de Doutoramento de AZEVEDO, André Nunes. Op. Cit., 2003.

[357] A biografia de Francisco Pereira Passos revela que ele se formou engenheiro em 1856, pela Escola Central de Engenharia do Exército, chamada posteriormente, de Escola Polytechnica. Logo após a sua formatura, viajou à Paris na qualidade de funcionário público (adido de 2ª classe da delegação brasileira), permanecendo na cidade por quatro anos. Durante sua estadia, não apenas acompanhou a primeira etapa das reformas conduzidas pelo Barão de Haussmann, como trabalhou em obras importantes no desenvolvimento da infra-estrutura francesa, como a modernização do porto de Marselha e a Estrada de Ferro *Paris-Lyon-Mediterranée.* Sobre Passos, ver:

Investido de poderes quase ditatoriais, como o seria o médico Oswaldo Cruz, Passos alterou completamente a fisionomia do Rio de Janeiro. Cortiços, sobrados, vielas, becos, ruas estreitas, foram ao chão. No lugar da Cidade Velha e sua incômoda lembrança do passado colonial, um arrojado complexo de vias urbanas conectou bairros entre si. Ruas foram alargadas, rios foram canalizados. No centro, onde se perfilavam as principais referências à cultura européia, a Faculdade de Medicina, a Escola Polytechnica, a Escola de Música e a Escola de Belas Artes, Pereira Passos mandou erguer o Teatro Municipal, o Aquário Público e a maioria dos jardins e praças do Rio de Janeiro. Foi sobre esta área central, *"o principal órgão emanador da civilização no corpo urbano"* que se incidiu, com maior força, a fiscalização sobre as *posturas* decretadas pelo Prefeito:

> Na tentativa de impor civilidade ao habitante da urbe, Pereira Passos vai emitindo, ao longo de sua gestão, uma série de proibições relativas a práticas urbanas comuns na cidade: proíbe que se cuspa na rua e nos bondes, proíbe a vadiagem de caninos, proíbe que se faça fogueiras nas ruas da cidade, que se solte balões, proíbe a venda ambulante de loterias, de exposição de carnes à venda nas ruas, também proíbe o trânsito de vacas leiteiras na cidade e andar descalço e sem camisa. Em uma ação conjunta com tais restrições, Pereira Passos busca substituir antigas práticas urbanas por novos hábitos tidos como "civilizados". Desta forma, o Prefeito proíbe o entrudo, substituindo-o pela batalha de flores e derruba os quiosques do centro da cidade, estimulando com a sua reforma a abertura de lojas para o chá da tarde[358].

Pari passu, as ações de Oswaldo Cruz, nomeado Diretor do Serviço de Saúde Pública, também se concretizavam. O médico estabeleceu um plano de ação que enfrentou primeiro, a febre amarela. Em duas frentes de combate, isolou doentes nos hospitais e espalhou pelas ruas da capital batalhões de "mata-mosquitos". Na seqüência, voltou-se à peste bubônica, o que exigia a exterminação de pulgas e de ratos, e a limpeza e desinfecção de ruas e casas. Do ponto de vista prático, as "brigadas sanitárias", acompanhadas de soldados da polícia, "percorriam ruas e visitavam casas, desinfetando, limpando, exigindo reformas, interditando prédios, removendo doentes" [359]Finalmente, utilizou medidas rígidas para fazer cumprir a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann Tropical.** A Renovação Urbana na Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

[358] AZEVEDO, André Nunes de. Op. cit., 2003, p.276.

[359] CARVALHO, José Murilo. Op. cit., p. 94.

Importa observar que o projeto urbanístico empreendido por Pereira Passos no Rio de Janeiro, não decorria de uma visão romântica ou, exclusivamente, do perfil profissiográfico de um engenheiro formado na tradição intelectual da monarquia brasileira. Tratava-se, sobretudo, de um projeto que refletia a concepção de mundo e de administração pública de *uma classe,* qual seja: a elite branca, nobiliárquica, latifundiária e escravagista do Brasil Imperial. A mesma elite que partejara os Maciéis da cidade de Patos e que se auto-reconhecia através do que consideravam "signos de civilidade*".* Não é mera coincidência o fato de Francisco Pereira Passos ser filho do *Barão de Mangaratiba*, cafeicultor escravocrata de São João do Príncipe, na região sul fluminense...Ou, Olegário Maciel, igualmente engenheiro civil e também formado pela Polytechnica do Rio de Janeiro, ser filho do *Barão de Araguary*, viticultor escravocrata no sertão das Minas Geraes...!

Quando os Maciéis voltaram seus esforços para a região sul da cidade de Patos e, sob a orientação de Olegário, lá ergueram, *ex nihilo,* uma nova cidade, estavam dialogando com os conceitos urbanísticos, sanitários e civilizatórios do seu tempo e *da sua classe*. Nas terras doadas a Santo Antônio e naquelas adquiridas na Chapada, plantariam os signos do que consideravam *Civilização* e não do que, na época, se entendia por *Progresso Material.*

Por progresso material, relacionava-se o enriquecimento e o acesso aos bens de consumo produzidos durante a *Belle Époque.* E não por acaso, desde o final do século XIX, sua representação, por excelência, era a estrada de ferro. Ao longo de décadas a imprensa borgista verberaria contra o "marasmo" e a "estagnação" de Patos, cobrando a extensão dos trilhos do trem à cidade. Considerando-se a posição política de Olegário Maciel e sua nomeação para o cargo de Engenheiro Superintendente da Companhia Belga da Estrada de Ferro Pitanguy - Patos, em 1888; ou de Inspetor geral do Serviço de Vias férreas, entre 1914 e 1918, no governo de Wenceslau Brás, era de se esperar que o cacife político dos Maciéis levasse a Patos uma estrada de ferro. Entretanto, isso não ocorreu.

Ainda que os memorialistas, sobretudo Oliveira Mello, afirmem que Olegário Maciel teria sido "vencido" nos seus esforços de "levar o progresso à Patos"[360], a documentação produzida pelos Maciéis, sobretudo a de imprensa, permite outra conclusão: a estrada de ferro *não fazia parte* do projeto macielista de cidade. Quem expressa essa visão de mundo e de *urbe,* de forma categórica, é Adélio Maciel. Referindo-se à inauguração do Grupo Escolar, em matéria publicada em 1917 no jornal "A Cidade de Patos", o médico afirma que a *educação* era

[360] Ver MELLO, Antônio de Oliveira. Patos de Minas: capital do milho. Op. cit., 1971, p. 108-110.

um veículo bem mais elevado de "adiantamento" do que aquele representado pelos apitos do trem:

> [...] *Não são somente affirmações do progresso, as acquisições que se traduzem em apitos de locomotivas* e estabelecimentos industriais, na caprichosa estructura das elegantes edificações, que consultam ao luxo e á ostentação, no surgimento, enfim das bellas avenidas com todo o seu caudal de lojas, *bars*, casas de diversões, etc. em que se dá expansão á vaidade, aos gostos frívolos, ao desejo de exhibição[...] Um Grupo Escolar, rigorosamente constituído, preenchendo cabalmente os seus fins, não é uma acquisição secundaria e vulgar. *Tem alguma cousa de mais significativamente elevado, do que os marcos de adeantamento que apenas satisfazem o goso e a commodidade.* E' um núcleo de trabalho, de aperfeiçoamento, em que as intelligencias se dilatam, a vontade e o caracter se educam, as faculdades se manifestam e aperfeiçoam, abrindo á infancia um futuro até então desconhecido, e campos mais vastos e accessíveis para a applicação da actividade (sic, Grifos nossos) [...].[361]

É por este viés que a historiadora deste trabalho compreende o investimento dos Maciéis em medidas sanitárias. Em conformidade com o projeto de cidade civilizada, em 20 de abril de 1912 o Dr. Euphrasio José Rodrigues, a autoridade médica que coordenava desde 1909 os esforços na luta contra a varíola, apresentou à Câmara um projeto radical. Tendo por objetivo erradicar *as causas* das epidemias, o médico propôs uma seqüência de intervenções *urbanísticas* e de *tributação*, que seriam amplamente adotadas, pois absorvidas pelo projeto "civilizador" dos coronéis:

> [...] A causa determinante de uma moléstia infecciosa é o bacillo ou o parasita que o produz; forçoso é portanto que a higyenie publica en frente o bacillo e lucte com ele ate destruí-lo. [...] Os meios são estes: (A). Canalização d'água potável; (B). Extinção das lagoas em de redor da zona urbana; (C). Extinção completa dos arrosaes no de redor da zona urbana; (D). Arborização das praças; (E). Partida rápida dos dejectos para longe da propriedade [...] As causas predisponentes são a má alimentação e o pouco aceio. Si as vistas da municipalidade se voltarem para esse lado em pouco tempo teremos uma população de resistentes capases de entrar na lucta com os bacillos pois que um povo resistente é um povo imune. As medidas que julgo necessárias são: (A). Fiscalização absoluta do leite exposto ao consumo publico. [...] É necessário quanto antes tributar os vendedores de leite, forçal-os a construção de estabulos próprios onde o aceio e a hygienie sejam notas dominantes

[361] Uma bella acquisição. **Cidade de Patos**. Anno 3, n.119, Patos, 10 de junho de 1917, p.1. Sobre a concepção macielista de cidade e sua recusa em abraçar o projeto de extensão dos ramais de estrada de ferro a Patos, consultar: SILVA, Rosa Maria Ferreira da. Cidade e Urbanização, Progresso e Civilização: reflexões sobre a cidade oitocentista no sertão das Gerais (Patos de Minas, 1868 -1933). Op. cit., 2013.

> [...] (B). Fiscalisações sobre a cachaça (Alcool). Tributar pesadamente a cachaça que acaba com a saúde do povo; banir para sempre do commercio toda cachaça que contiver uma sombra de alcool amylico que ataca o cérebro e produz a loucura, ataca o fígado e produz a cirrhose; sem contar os crimes que se praticam aos nossos olhos pois só ella é a causadora. (C). Tributar pesadamente o fumo de rolo que ataca o coração, todas as vísceras intestinaes, produz [...] cancros, etc. (D). Diminuir até quase a extinção o imposto sobre cereaes, pois que é alimentação mais favorável a saúde do pôvo. (E). Crear uma lei mandando incinerar a carne proveniente de porcos com trichnise [...] (F). Crear uma verba pequena para a Pharmacia que fornecer remédios as prostitutas indigentes, verba esta que pode ser posta de accordo com o receituário; mandar collocar placas de interdicção nas portas de prostitutas doentes para salvaguardar a mocidade, depois de visita sanitária. (G). Fazer acquisição do material necessário para a desinfecção (sic) [...][362]

Entre 1907 e 1933, os Maciéis investiram em ações de saneamento básico, na construção de obras e de equipamentos urbanos, em pesada tributação dos alimentos vendidos na cidade e, ainda, na fiscalização sanitária. Através das atas da Câmara Municipal e dos jornais publicados no período, a historiadora observou que as medidas propostas pelo Dr. Euphrasio foram sendo, paulatinamente colocadas em prática. Dentre outras, percebeu que em setembro de 1912, uma *"Inspetoria de Hygiene"* foi acionada para coibir o abuso na venda de drogas e medicamentos. Posteriormente, em 14 de janeiro de 1917, o jornal borgista "O Riso" criticou a lentidão do "Delegado de Hygiene" quanto às muriçocas que invadiam a cidade e, ainda, o imposto sobre a venda de hortaliças e biscoitos por *"senhoras paupérrimas".* Na sessão de 26 de setembro de 1912, a Ata dá conta da proibição do plantio de arroz nas áreas urbanas; em 23 de setembro de 1916, da compra de uma carroça para a limpeza das ruas. E, na sessão de 8 de maio de 1919, a ata não apenas oferece informações sobre a arborização urbana como, ainda, dá indicativos sobre a tributação e fiscalização dos açougues.

Naquela sessão, Marco Tredezini requereu, por vinte e cinco anos e com isenção de impostos, o privilégio de cultivar árvores frutíferas e hortaliças em dois alqueires de áreas públicas próximas à Lagoa Grande. Em retorno, comprometeu-se a "plantar, às suas custas, nas ruas e praças, 200 árvores para arborização pública, obrigando-se a Câmara a fornecer-lhe formicida para extinção dos formigueiros e respectivo material para o tapume."[363]Quanto

---

[362] RODRIGUES, Euphrasio José. **Relatório de atividades, 1912.** Cidade de Patos, 20 de abril de 1912. Manuscrito. Série Documentos Avulsos. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[363] MELLO, Antônio de Oliveira, et. al. Op. cit., 2006, p.211.

à fiscalização e tributação dos açougues, a informação deriva da proposta apresentada pelo próprio Dr. Euphrasio e pelo parecer, a respeito, do vereador Nuno Maciel, na sessão subseqüente:

> [...] O vereador Eufrásio José Rodrigues, nessa mesma sessão, apresentou projeto decretando ficar isento de imposto de sangue, durante o exercício corrente e o ano de 1920, aquele que se propuser a montar um açougue modelo, de acordo com as leis municipais. A partir de 1920 não mais será concedida licença para talhos a quem não construir segundo as normas do açougue modelo. O vereador Nuno Maciel, no dia 10, apresentou parecer dizendo que ficará isento de imposto quem montar o açougue, no prazo de 40 dias, de acordo com as leis municipais, a contar da data da publicação da lei e que, de janeiro em diante, fica cassada a licença para açougues que não obedecerem. Devem proceder os reparos 90 dias antes para requererem as licenças. Proibida também ficava a venda de carne pelas ruas, a não ser em carrinhos autorizados pela Câmara, contendo balanças e pesos devidamente aferidos.[364]

A documentação pesquisada não ofereceu à historiadora pistas quanto à "disciplinarização" dos corpos, em particular os corpos das "putas", ou da ordenação das sexualidades, conforme sugerido pelo Dr. Euphrasio no projeto de 1912. No entanto, oferece indícios suficientes para permitir afirmar que, do ponto de vista das intervenções urbanas, os bairros que abrigavam os pobres, negros e prostitutas, a Várzea e a Beira da Lagoa, continuaram da mesma forma que sempre foram: sem saneamento básico, trespassados pela doença, a miséria e a morte.

[364] Id., Ibid, p. 211.

III.2. a "cidade" dos Coronéis

O lado macielista de Patos foi efetivamente construído entre 1907 e 1933.

Através das referências nos jornais, nas atas do período e nas informações levantadas por memorialistas, a historiadora conseguiu ter uma perspectiva cronológica do processo de construção da parte sul da cidade. Este processo, *não raro*, foi marcado pelas relações de compadrio, que caracterizavam o clã Maciel, imprimindo na configuração do espaço urbano os seus interesses econômicos e privados.

Em 1907, Antônio Dias Maciel Jr, o "Tonho", se transferiu do Largo da Matriz para o Largo do Rosário, onde já viviam o Coronel Arthur, e seu irmão, o Coronel Farnese. No Rosário, Tonho ergueu uma residência, anexa à qual passou a funcionar seu comércio, a "Casa do Tonho Maciel".

Em 1908, foi inaugurado o Matadouro Municipal, cujas obras tiveram início no ano anterior. Construído em terreno doado pelo Capitão José de Santana, foi a primeira obra pública erguida na Chapada. Posteriormente, quando suas dependências precisaram ser ampliadas, José de Santana vendeu os terrenos necessários à Câmara. Isto viria a ser recorrente. Afinal, uma de suas fazendas confrontava com os terrenos do Patrimônio Público, de modo que o crescimento de Patos na direção sul, *necessariamente* colidiria com suas terras.

Não foi possível saber se o Capitão adquiriu as terras por compra ou por herança. Até porque, em 1883, quando a Câmara acatou a indicação de Olegário Maciel para que a cidade crescesse na direção da Chapada, José de Santana contava, apenas, com nove anos de idade. Porém, por "sorte ou palpite", aos trinta e três anos as terras que limitavam com o Patrimônio Público, ao sul, já lhe pertenciam.

Quando, em 13 de janeiro de 1912, a Câmara concedeu ao Agente do Executivo a quantia de cinco contos de réis para a aquisição de terras necessárias ao aumento do patrimônio, o próprio José de Santana já havia encaminhado, em 8 de janeiro de 1912, um requerimento

propondo a compra das terras que lhe pertenciam no Chapadão da Lagoa, justamente, por cinco contos de réis... [365]

Contudo, quando adveio 1919 e a ampliação das dependências do Matadouro já eram urgentes, Adélio Maciel, então Agente do Executivo, na sessão de 6 de fevereiro comunicou à Câmara que não poderia "dar execução à lei 118, de 13 de setembro de 1916, para aquisição do terreno necessário para a construção de novas dependências do Matadouro, em virtude de não ter conseguido entrar em acordo com o proprietário José de Santana."[366]

O vereador José Sandoval Babo, borgista declarado, propõe a desapropriação, em nome da utilidade pública. Certamente antevendo os "ventos e as tempestades", o agora vereador, Dr. Euphrasio José Rodrigues, argumenta em favor da inconveniência da desapropriação e, no lugar, propõe uma "Comissão Conciliatória" para entrar em acordo com José de Santana. A Comissão consegue um acordo de venda por 500$000 (quinhentos mil réis), ao que é contestado por Babo que, ainda, propõe uma segunda Comissão e um novo valor por "palmo de frente do terreno": 2$000 (dois mil réis). A diferença entre os valores é tal que, em resposta, José de Santana escreve à Câmara: "[que] se conformaria com qualquer decisão da Câmara a esse respeito, esperando assim por termo definitivo nesta questão"[367].

O resultado da pendenga, não surpreende: José Sandoval Babo renuncia ao cargo de vereador... E, na sessão de 10 de maio, uma Câmara exultante empossa seu substituto e faz constar em ata: "[...] A Câmara Municipal da Cidade de Patos congratula-se e sente-se jubilosa para receber em seu seio, como membro da mesma, o velho companheiro de lides políticas, Capitão Osório Dias Maciel."[368]Não é mera coincidência o fato de Osório ser irmão de Olegário que, por sua vez, era compadre de José de Santana...[369]

Voltando a 1909, a historiadora percebeu que já crescia resoluta, a Avenida Municipal que seria denominada, em 1930, de "Getúlio Vargas". Sua referência, em 1909, pode ser pinçada na crítica publicada pelo Dr. Laudelino Gomes, à permanência do Cemitério no Largo do Rosário:

> [...] Que idéa assaltará ao espirito do viajor, que ao entrar nesta cidade pela *grande e linda avenida que se forma dos Largos da Matriz e do Rosario*, ao abeirar-se dos muros do cemiterio, esburacados e denegridos pela acção devastadora do tempo

[365] MELLO, Antônio de Oliveira, et. al. Op. cit., 2006, p.210.
[366] Id., Ibid., p.210.
[367] Id., Ibid., p. 211.
[368] Id. Ibid., p. 212.
[369] Olegário Maciel era padrinho de uma das filhas de José de Santana. Cf. BARBOSA, José Eduardo. **200 anos dos Santana e Almeida Barbosa**. Belo Horizonte: SEGRAC, 1990.

> completamente abandonado, como si alli não repousassem os restos mortaes de nossos avoengos, verdadeiras relíquias para a historia deste município (sic, Grifos nossos)?[370]

O Cemitério seria retirado do novo centro em 1911, quando já se apresentavam espetáculos no "Teatro 14 de Julho", nomeado em clara referência à Revolução Francesa[371]. Também data de 1911 a construção de um Coreto, em frente à casa do Coronel Arthur Thomaz de Magalhães.

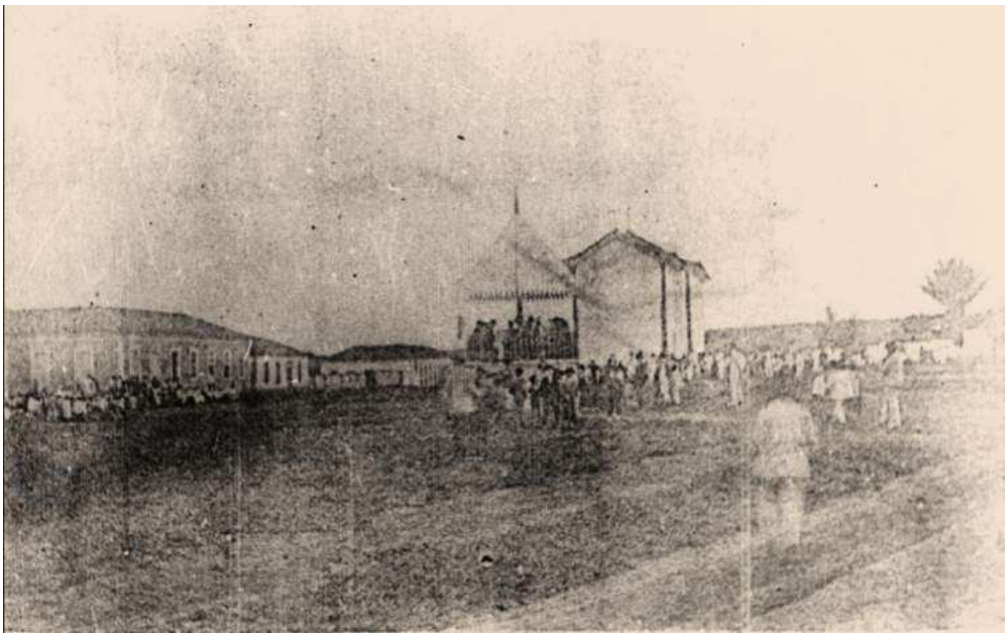


FIGURA 70: Largo do Rosário. Em primeiro plano, o Coreto e, em segundo plano, as costas da Capela do Rosário. 1912.
FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

Um ano depois, em 1912, iniciaram-se os trabalhos para a canalização e captação de água potável, bem como, em torno do Coreto, as obras do Jardim Público com vistosas palmeiras imperiais.

Tanto o Coreto quanto o Jardim, foram construídos através da iniciativa do Coronel Arthur. No caso do Jardim, ele liderou uma "Comissão de Construção" na qual figuravam, além dele, seu cunhado, Tonho Maciel. A posição do Jardim era estratégica. Para o comércio e para a vida cultural de Patos. Apaixonado pelo Cinema, que viria a conhecer em suas

[370] Locaes. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 31 de janeiro de 1909. Anno 4, n. 72, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[371] A referência ao "Teatro 14 de Julho" encontra-se no jornal "O Commercio", de 07 de janeiro de 1912, noticiando a apresentação de um espetáculo em 30 e 31 de dezembro de 1911. A informação foi pinçada de FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p.267.

viagens ao Rio de Janeiro, o Coronel Arthur construiu o "Cinema Magalhães", ao lado da própria residência. O cinema do Coronel, inaugurado em 1913, era uma obra arrojada para a época: além dos 105 assentos avulsos, contava com cadeiras destinadas a assinantes e um animado "*bistrô"* que, na falta de chocolate quente e *croissants,* servia nos intervalos dos filmes, leite com café engrossado com farinha e biscoitos de polvilho. Além do "bar da matraca", como ficaria conhecido o *bistrô* do Coronel, ele adequaria à realidade sertaneja a publicidade do seu cinema. Ao longo de anos mandou publicar, religiosamente, reclames nos jornais. Mas, também, não se furtou em explodir pelos ares magnífico foguetório, sempre que chegavam filmes novos, ou anunciar o início das sessões com três rajadas de foguetes...



FIGURA 71: Cinema Magalhães (em primeiro plano, as duas primeiras casas) e Residência do Coronel Arthur Thomaz de Magalhães (em segundo plano, onde figura uma palmeira). Cidade de Patos, 1926. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas.

Também é certo que o Coronel Arthur cobrou da Câmara Municipal os melhoramentos urbanos que empreendeu. A ata da Sessão ordinária de 05 de junho de 1912, dá conta de um pedido de auxílio de setecentos mil réis, que nada mais era do que um pedido de ressarcimento das despesas gastas na construção do Coreto. Documentos posteriores a 5 de junho de 1912, informam que o pedido de auxílio foi indeferido pela Comissão de Obras Públicas, presidida por Agenor Maciel. Não obstante, iniciou-se naquela data a luta empreendida pelo Coronel Arthur para a construção do que viria a ser o Jardim Público de Patos. Em um primeiro momento, o pedido de auxílio de um conto e oitocentos mil réis

(1:800$000) "para construir em torno do coreto, no referido largo, um jardim destinado ao goso da população da Cidade (sic)"[372], também foi indeferido pela Comissão de Obras Publicas. O requerimento vinha assinado por uma série de cidadãos, encabeçados pelo Coronel Arthur. No entanto, no espaço de trinta e seis dias, o indeferimento foi *revogado* e o agora vereador e vice-presidente da Câmara, Arthur Thomaz de Magalhães, abriu mão do ressarcimento pela construção do coreto (e pavilhão), para emplacar um projeto de lei que lhe garantia auxílio de dois contos e quinhentos mil réis, para a construção do Jardim. Uma vez concluída a obra, na sessão de 17 de novembro de 1915, "(...) o vereador Arthur Thomaz de Magalhães apresentou indicação que autoriza o Agente do Executivo a despender, mensalmente, até a quantia de quarenta mil réis com o custeio do jardim público".[373]

Em 1914, foi inaugurado o imponente prédio do Paço Municipal, embora só viesse a abrigar as sessões da Câmara a partir de 1915, ano pródigo em inaugurações. Neste ano foram inaugurados a Caixa d'Água, para distribuição de água potável através de uma rede de canalização e esgoto; e linhas de telefone, capazes de suprir os setenta aparelhos telefônicos instalados. Também naquele ano, foram inaugurados o sobrado de Olegário Maciel e, ainda, a "luz elétrica", distribuída através da "Companhia de Força e Luz de Patos", empresa de capital aberto, cujas ações pertenciam, majoritariamente, ao clã Maciel.

> [...] A assembléia constitutiva da companhia teve lugar a 15 de maio de 1914, na coletoria federal, reunidos todos os membros subscritores de ações. Por proposta aceita de Amadeu Maciel, presidiu os trabalhos, da assembléia, o dr. Olegário Dias Maciel. Constituída a mesa, com os Srs. José de Sant'Ana, como secretário, e dito pelo presidente que a finalidade da assembléia era a constituição legal de sociedade anônima, determinou-se ao secretário José de Sant'Ana a leitura dos estatutos. A seguir , o coletor federal, Antônio Dias Maciel Júnior [o "Tonho"], leu o certificado de depósito...[374]

Todavia, o brilhantismo das inaugurações quase sucumbiu aos hábitos "bárbaros" dos sertanejos. Em defesa do verniz civilizatório que os Maciéis iam imprimindo na parte sul da cidade, foi preciso que o Dr. Marcolino enviasse à Câmara um projeto, logo

---

[372] CAMARA Municipal da Cidade de Patos. **Acta da quarta (4ª) sessão ordinaria de 7 de junho de 1912.** Livro de Atas n. 5. Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[373] MELLO, Antônio de Oliveira, et.al., 2002, p. 201-202.
[374] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p.254.

transformado em lei, "proibindo amarrar os animais nos postes de luz elétrica e telefones, com multa ao infrator de 5 a 10 mil réis [...]."[375]

A Companhia de Força e Luz se manteve até 1917. Apesar da campanha publicada no jornal "A Cidade de Patos", instando os patenses a instalarem luz elétrica em suas residências, a Companhia paulatinamente degenerou. Em 25 de setembro daquele ano foi, finalmente, encampada pelo Município, conforme projeto apresentado à Câmara pelo vereador Euphrasio José Rodrigues[376].

Conquanto Patos já possuísse automóveis desde 1913, o empenho para a construção de estradas de rodagem só viria a partir de 1916, ano também pródigo em construções. Nele, se iniciaram as obras do Grupo Escolar; Amadeu Maciel ergueu seu suntuoso Palacete de frente a grandiosa Avenida Municipal; e, ainda, Adélio Maciel, já formado em Medicina, na condição de vice presidente da Câmara apresentou à casa um projeto, acompanhado de "planta anexa", demarcando e nomeando as ruas de Patos.

O projeto, que seria aprovado e transformado na Lei. n. 184 de 15 de maio de 1916, "re-planejava" os limites dos logradouros públicos e lhes conferia as denominações que perdurariam, muitas delas, até a atualidade[377].

A historiadora deste trabalho não conseguiu localizar a "planta anexa", citada no documento da Câmara. Contudo, é plausível supor que a planta ilustrativa do mapa do Município de Patos, publicada no *"Album Chorografico"* de 1927, *corresponda à planta* apresentada por Adélio à Câmara, em 1916. Conforme mostram os mapas 7 e 8, a ilustração é intitulada *"Planta da Cidade de Patos"* e, considerando-se que a Lei n.184 pode ser compreendida como o *primeiro plano diretor* da cidade, é pertinente corresponder a ilustração à projeção urbana de 1916.

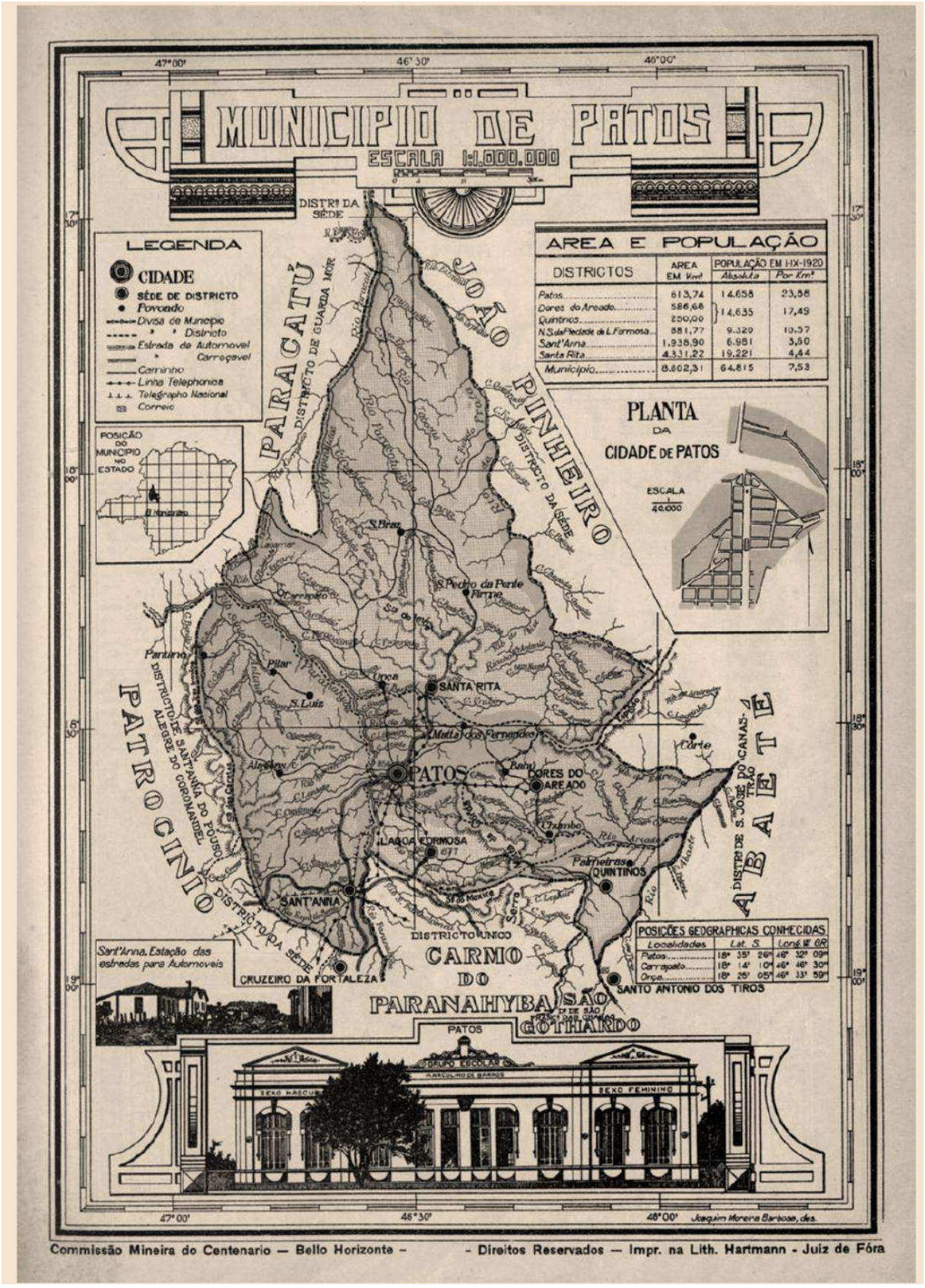
Além de seguir ao "pé da letra", o proto - planejamento indicado por Olegário Maciel em 1883, a Lei n. 184 denomina e localiza logradouros que ainda *seriam construídos,* como a Rua da Cruz, a Rua Paranayba, a Rua D. Luzia e a Travessa da Paz. Embora fossem referências para a delimitação de outros logradouros, aparecem no texto como estando "*em projecto*":

---

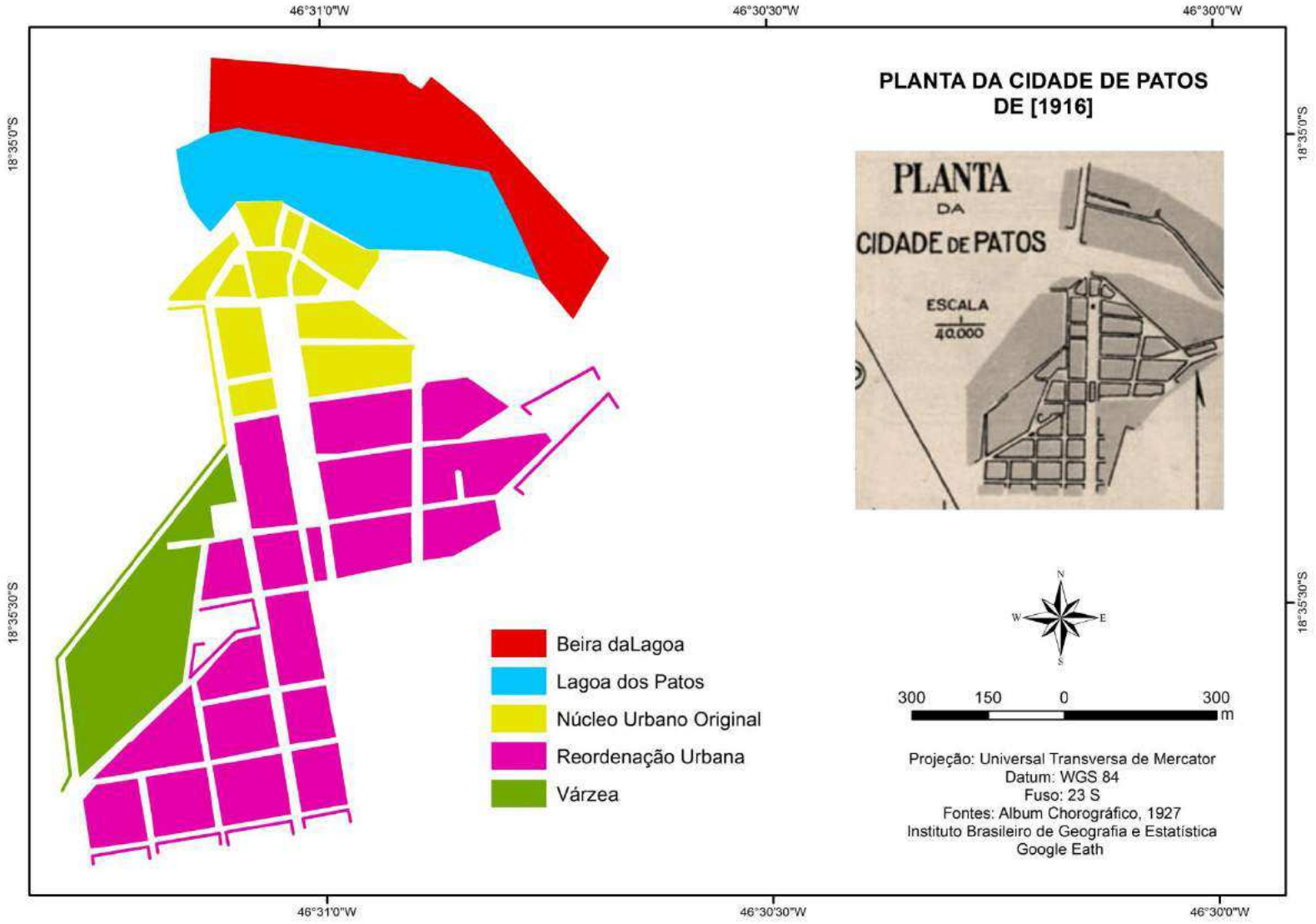
[375] O projeto foi aprovado na sessão de 12 de julho de 1915. Cf. MELLO, Antônio de Oliveira, et.al. Op. cit., 2002, p. 200.

[376] Id. Ibid, p. 205.

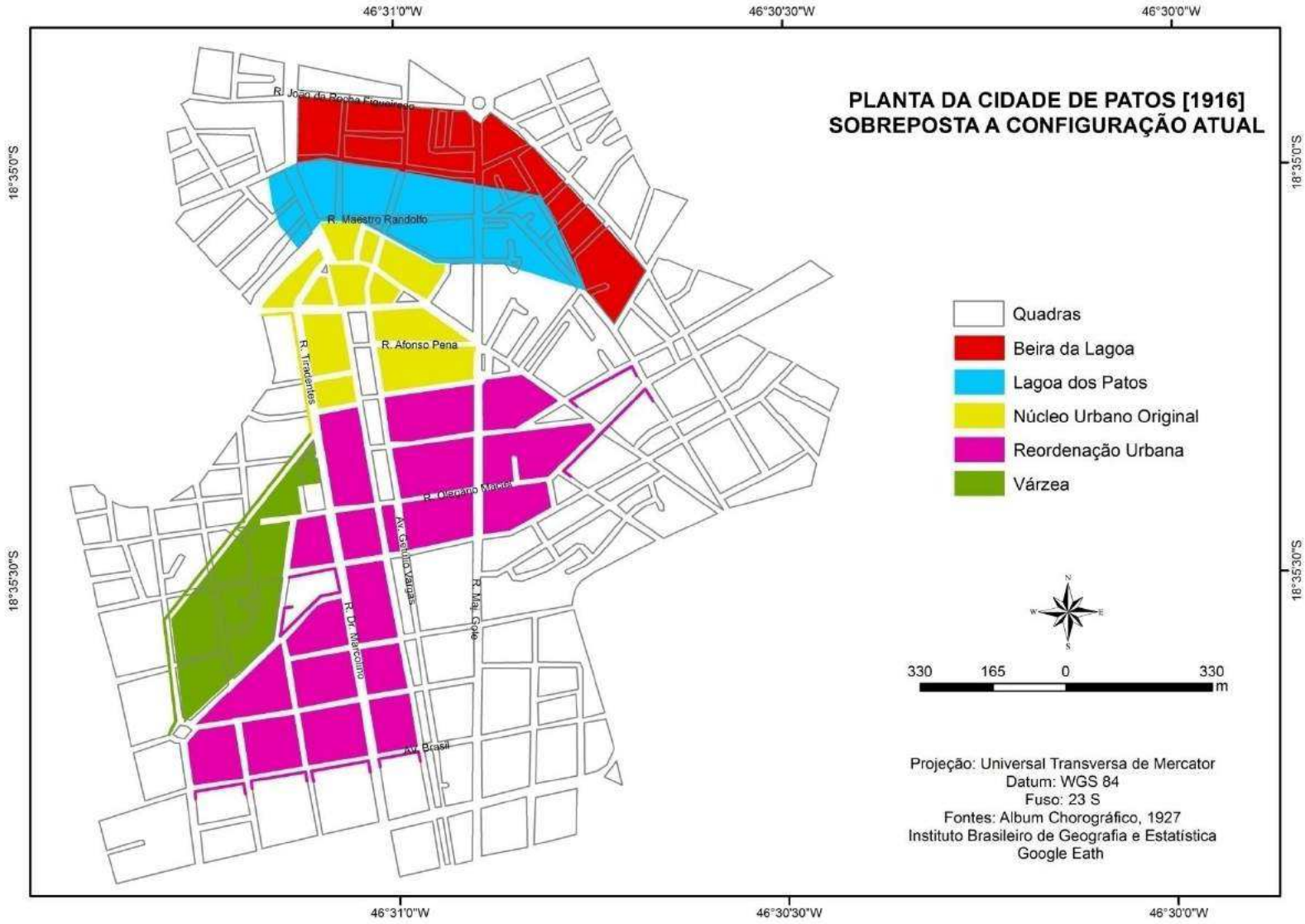
[377] A Lei foi integralmente publicada nas páginas 2 e 3 do Jornal "Cidade de Patos" de 21 de maio de 1916.



Mapa 7: Município de Patos, 1927. FONTE: Album Chorográfico - Comissão Mineira do Centenário de Belo Horizonte, 2002.



Mapa 8: Planta da Cidade de Patos, [1916]. Autor: João Guilherme Machado. Pesquisa: Rosa Maria F. Silva, 2015.



Mapa 9: Área central - Planta da Cidade de Patos, [1916], sobreposta a configuração atual. Autor: João Guilherme Machado. Pesquisa: Rosa Maria F. Silva, 2015.

> Perimetro da Cidade. Major Jerominho (Rua). Principia na praça do Sant'Anna, atravessando a rua da Cruz e finaliza no encontro das ruas do Serrado e da Lagoa. [...] Cruz (Rua da...) (Em projecto). Principia na rua Major Jerominho em direcção à Cruz do Monte. [...] Paranayba (Rua) (Em projecto). Principia na Avenida Municipal, atravessa as ruas Dr. Marcolino, D. Luzia e travessa da Paz e finaliza na rua da Várzea. [...] D. Luzia (Rua). (Em projecto). Principia na rua Silva Guerra, atravessa as ruas da Chapada e Industrial e finaliza na rua Paranayba. Paz "Travessa". "Em projecto". Principia na rua Industrial e finaliza na rua Paranayba (sic)[378].

Em se tratando da *Rua da Chapada,* a futura "Farnese Maciel", mesmo não sendo referenciada na Lei como estando em "projecto", seu traçado estava dado sobre terreno de particular, *sequer adquirido pela Câmara quando da aprovação da Lei 184, em maio.* É o que revela a ata de 23 de setembro de 1916, da Câmara Municipal:

> [...] autoriza o Agente do Executivo [...] a entrar em acordo com José Amâncio da Silva, mediante permuta ou simples caução, como melhor convier, sobre a entrega à Câmara Municipal de área de terreno necessário à *abertura da Rua da Chapada, de acordo com a planta da cidade*, aprovada pela Lei 184, de 15 de maio [de 1916][379].

Por fim, a Avenida Municipal teve seu traçado regulamentado, corroborando, ainda mais, a tese de que a Lei n. 184 corresponde ao primeiro plano diretor da cidade de Patos: "Municipal. (Avenida). Principia onde tem inicio as ruas Olegario Maciel e João Pinheiro, atravessa as ruas Municipal, da Chapada, Industrial e do Paranahyba, dirigindo-se para o sul (sic)[380]."

No que dizia respeito aos signos, *quatro* elementos ainda *separavam* "os Patos" do ideal de civilização que a elite republicana local herdara do Império: a Igreja dos pretos, o Hospital, o Grupo Escolar e a Escola Normal.

Com a consolidação do centro nevrálgico da cidade de Patos no *sul,* a pequena Capela do Rosário tornou-se uma presença incômoda. E isto, muito mais pela quantidade de negros que assomavam a ela para suas rezas e celebrações, do que pelo indisfarçável núcleo protestante da região. Conquanto a nota abaixo tenha sido publicada pelo jornal borgista, "O Riso", filtrada a pertença política e religiosa, o texto mostrou à historiadora o grande

---

[378] LEI n. 184 de 15 de maio de 1916. **Cidade de Patos**. Patos, 21 de maio de 1916. Anno II, n. 69, p.2-3. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[379] MELLO, Antônio de Oliveira, et. al. Op. cit., 2006, p. 204.
[380] LEI n. 184 de 15 de maio de 1916. Ibid.

contingente de grupos de Moçambique e de Congado, que ocupavam o núcleo urbano original nos festejos de Nossa Senhora do Rosário. Em época de festa, os negros transmutados em reis, rainhas e princesas, abandonavam os trieiros laterais que os conduziam, invisíveis, às casas dos patrões, e seguiam *através da cidade* até a Igreja. Em plena luz do dia, ao som dos tambores e dos cantos, o desfile quase infindável de "pretos nobres" desafiava a imposição do silêncio e da invisibilidade, dando novos significados ao próprio espaço urbano:

> FESTA DO ROSARIO. Realizou-se domingo passado, 8 de Outubro, nesta Cidade a tradicional festa de N.S. do Rosário. Os actos religiosos, muitíssimo concorridos, foram celebrados nas Igrejas Matriz e Rosario pelo Rvmo. Conego Getulio. A União Fraternidade [banda de música] compareceu á Missa executando lindas peças. *Os Pretos promotores das antiquadas danças do Congo e Moçambique não deixaram de dar aos festejos uma nota alegre,comportando-se todos muito bem, apezar do grande numero e differentes grupos*(sic, Grifos nossos)[381].

Também em Patos a "onda negra" provocava medo nos brancos[382]. Por este motivo, enquanto os festejos puderam ser mantidos a uma distância segura dos espaços das sociabilidades brancas, não se tomou nenhuma providência para a retirada da Igreja do Rosário do seu local de origem. A travessia dos grupos de Congos e Moçambiques, vindos da Várzea e da Beira da Lagoa, foi tolerada por décadas. Os negros apenas *cruzavam* o Largo da Matriz, *sem se aglomerarem,* oferecendo aos expectadores "destemidos", no máximo, a visão de um desfile exótico. Quando muito, os brancos miravam a reunião dos negros "ao longe", *lá na Igreja do Rosário,* perto do Cemitério e das almas dos aflitos.

Todavia... na caminhada rumo ao sul, o Largo do Rosário tornara-se a parte *chic* da cidade. Em 1917, aos domingos, a "melhor sociedade local" se reunia para passear no Jardim Público, apreciar as peças tocadas pelas Bandas Fraternidade e Santa Cecília, ir ao Cinema do Coronel Arthur, ver e ser vista e, no melhor estilo de uma *belle époque* sertaneja, ser citada nas colunas sociais:

> O movimento em nosso jardim aos Domingos cresce animadoramente. Está tornando-se mesmo uma necessidade ir-se ao aprazivel recanto pois é [...] ponto de convergência da nossa melhor sociedade, o "Riso" sente-se satisfeito com esse resultado porque, se não nos falha a memória, foi a primeira voz que se levantou

---

[381] Festa do Rosario. **O Riso.** Cidade de Patos, Minas, 12 de outubro de 1916. Trim. II, n.13, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[382] Ver: AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

> reclamando musica e pedindo o comparecimento das famílias, ao jardim. Em o ultimo Domingo vimos: Mlle. Dalka Magalhães em toilette branco e azul marinho; mlle. Olga Barros em elegante toilette de *tulle blanche*; mlle. Pellina em toilette branco com salpiquinhos pretos; mlle. Octavina em toilette *toute rouge;* mlle. Orieta em branco e *bleu foncé*; mlle. Lezita em toilette azul e verde; mlle. Alza *toute em rose;*mlle. Maria Leão Corrêa, Maria Bueno, Zelma Maciel, mme. Dr. Adelio em toilette kaki; mme. Dr. Potier *em rose;* mme. Dr. Marcolino em toilette de luto; mme. Amadeu em toilette *bleu marine;* mme. Clarindo em branco e mme. Ubaldo *em rose.* Notamos grande numero de cavalheiros (sic) [...].[383]

A sensibilidade das "mademoiselles, madames e cavalheiros" não admitia, porém, dividir o mesmo espaço com os negros e suas "toilettes" inadequadas. A Igreja do Rosário, postada de frente ao Cinema Magalhães, forçava uma convivência que, aos brancos, era obviamente, impossível de suportar.

Assim, ocorreu com a Capela do Rosário de Patos um processo semelhante à maioria dos templos destinados aos negros: erguida na periferia da cidade, na medida em que o desenvolvimento urbano absorveu o arrabalde, a capela "colidiu" com as sociabilidades dos brancos. Logo, em nome da "civilização", terminou por ser demolida.

A Capela do Rosário foi ao chão em 1920. Segundo Geraldo Fonseca, a Diocese de Uberaba condicionara a demolição da capela à construção de outra, no *Cemitério Municipal*...! Entretanto, "como era de grande importância a construção da Santa Casa de Misericórdia, o material foi desviado para aquela obra"[384]. Os pretos ficaram sem templo. A primeira pedra da nova Igreja do Rosário só seria assentada em 14 de agosto de 1926, justamente na Roda, ou "Beira" da Lagoa. Onde se agrupavam os casebres miseráveis, feitos de adobe e palha, e infestados de barbeiros. Onde moravam os pretos, os pobres e as putas. De onde não precisavam mais sair para louvar a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário. Onde podiam permanecer sem incomodar nenhuma das facções da elite branca, longe da sua "sensibilidade auditiva e do seu olhar refinado".

No mesmo ano em que a "Capella do Rosário" foi demolida, iniciaram-se as obras de construção da Santa Casa de Misericórdia. Enquanto aspiração, a idéia de construção de um hospital, ainda que modesto, pode ser remontada às crônicas publicadas pelo Dr. Euphrasio Rodrigues no periódico "O Trabalho". No entanto, para deixar de ser aspiração e

---

[383] No Jardim. **O Riso.** Cidade de Patos, Minas. 12 de março de 1917. Trimestre III, n. 27, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[384] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p.97.

se transformar em projeto, esperaria a formatura, em Medicina, de dois contentores: Adélio Maciel e João Borges, respectivamente em 1913 e 1914.

O "movimento para dotar Patos de um Hospital", foi noticiado com grandiloqüência na imprensa local. Tanto "O Riso", o periódico da oposição, quanto "A Cidade de Patos", o periódico da situação, noticiaram em 1915 os esforços dos "moços" com vistas à construção de uma "Santa Casa".

Os esforços tiveram início aos 21 de fevereiro de 1915, quando o Coronel Arthur cedera as cadeiras do Cinema Magalhães para acomodar os convidados de uma concorrida reunião. Convocada a todos os bem nascidos, independendo do sobrenome, tinha por objetivo somar forças em prol da construção de um Hospital. Dois meses depois, mal saído "do papel" e das aspirações, o Hospital de "Santo Antônio", conforme a ele se referiram os Borges, entrou para o campo das disputas com os Maciéis.

Na edição de 10 de abril daquele ano, com o título "Casa de Caridade", o jornal "O Riso" publicou uma crítica descrente à concretização do projeto, embora "ao lado daquelles que vêm pugnando para levar á realidade a fundação do Hospital [...]"[385]. A justificava da descrença, de acordo com o cronista, devia-se às [...] "diminutas quantias com as quaes os nossos capitalistas, commerciantes, boiadeiros, etc., abriram as subscripções". Seriam tão irrisórios os donativos que, para o cronista, "podemos afirmar, ainda que sentidos, tão cedo não teremos Casa de Caridade, tão cedo essa nossa justa aspiração não será satisfeita"[386].

Um ano depois, o poder público, representado pela situação macielista, assume o empreendimento. Vale ressaltar, entretanto, que esta foi uma das poucas vezes em que os Maciéis se deram ao trabalho de responder, na imprensa, às críticas da oposição feita pelos Borges. Com o título de "Hospital de Misericórdia", o jornal "A Cidade de Patos", no qual figurava como "Redactor -chefe", o Dr. Euphrasio Rodrigues, publica:

> [...] Há mais ou menos um ano um grupo de moços, cheios de aspirações, com a alma repleta de sentimentos santos, lançou em Patos a idéa da fundação de um Hospital de Caridade. Esta idéa correu celere por toda a cidade; fiseram-se reuniões, a eloqüência abriu as suas comportas, os oradores fallaram sobre a caridade, os Padres trovejaram nos púlpitos acerca da caridade, as damas correram pressurosas a angariar donativos, mas como tudo passa neste mundo, passou também o espasmo caritativo do povo de Patos. As palavras dos oradores, levou-

[385] Casa de Caridade. **O Riso.** Cidade de Patos, Minas. 10 de abril de 1915. Trimestre I, n. 2, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[386] Id. Ibid.

> as a brisa da tarde e os echos se foram perder nas quebradas longínquas dos nossos sertões; os jornaes que se escreveram naquela epocha, tiveram o destino commum de todos os jornaes, desde o *Times* até o mais humilde *pica-pau,* que é o balcão do taverneiro. A eloqüência dos Padres evolou-se nas abobadas do sanctuario, como a nuvem de insenço que habitualmente o accompanha; e por ultimo as proprias damas despiram os seus ricos vestidos domingueiros feitos expressamente para as festas de caridade e a fundação do Hospital, junto com sua irmã de leite a Cruz Vermelha das Damas, passou para o rol das cousas esquecidas (sic). [...].[387]

Em setembro de 1916, a Câmara Municipal aprovou uma verba de 5 contos de réis para auxiliar na construção da Santa Casa de Misericórdia. As obras, porém, sofreriam atrasos recorrentes, até serem interrompidas. Só retornaram em 1924. A conclusão definitiva se daria apenas em 1930, depois da intervenção direta do então Senador Olegário Maciel, junto ao governador Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.

Como visto no item II.3, no tabuleiro da sucessão presidencial mineira, Antônio Carlos indicaria Olegário, preterindo a candidatura de Melo Viana. Não é possível saber se uma das condições de Olegário Maciel, para assumir a empreitada que levaria, inevitavelmente, ao confronto armado de 1930, tenha sido a *liberação de verbas para a conclusão do hospital de Pato*s. Porém, trata-se de hipótese pertinente. Afinal, ainda ocupando o cargo de Presidente de Minas, Antônio Carlos liberou a verba necessária para a conclusão do edifício, que estava sendo construído nas terras da Chapada.



FIGURA 72: Hospital Regional Antônio Dias, 1930.FONTE: RIBEIRO, 2008, p. 74.

[387] O Hospital de Misericordia. **Cidade de Patos.** Patos, 21 de maio de 1916. Anno II, n.69, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

A aspiração modesta que o Dr. Euphrasio Rodrigues externara no início do século XX, de um pequeno hospital para lenitivo dos aflitos, chegaria à sua inauguração, em 18 de julho de 1930, como um *Hospital Regional*, com 153 leitos. Fora nomeado "Antônio". Mas não em homenagem ao santo, como pretenderam os Borges ao longo do processo de sua construção. O Hospital Regional que responde, até a atualidade, como centro de saúde pública da região do Alto Paranaíba, recebeu o nome de "Hospital Regional Antônio Dias" em clara homenagem ao Coronel, fundador do clã Maciel de Patos de Minas[388].

Todavia, as intervenções urbanas que coroariam o projeto civilizacional dos Maciéis, dar-se-iamno apagar das luzes da própria vida de Olegário: o Grupo Escolar e a Escola Normal, inaugurados em 1933.

Embora o acento na educação como ferramenta civilizacional seja oriunda do Império, a República abraçaria o projeto como seu. Porém, o ideário republicano estenderia a educação "a todos", tomando a *educação pública* como instrumento de civilização disponível aos *cidadãos.* Conforme lembra Rosicléia A. Lopes de Faria,

> [...] *a instrução pública* foi concebida como a necessidade de se construir um "templo" para civilizar a sociedade, cuja essência consistia em atuar na formação humana. Em outras palavras, moldar o cidadão da República. À escola caberia contribuir para a construção e consolidação de uma cultura urbana, nos moldes dos países civilizados. Mas, para isso, era preciso inventar a escola, construir a cidade e, acima de tudo, construir seus cidadãos (Grifos nossos)[389].

Deste ponto de vista, os edifícios escolares erigidos sob a República também deveriam cumprir o objetivo simbólico de refletir o novo ideário educacional, erguendo-se como "palácios da instrução" dentro das paisagens citadinas[390]. É o que se esperaria do "Grupo Escolar Marcolino de Barros", inaugurado em 1917 na cidade de Patos.

---

[388] Interessante síntese histórica e análise política a respeito das obras do Hospital Regional podem ser acompanhadas em: SOUSA, Altamir Fernandes de. Hospital Regional de Patos - 1925 a 1999. **Folha Patense.** 29 de maio de 1999. Patos de Minas, n. 324, p. 2. Arquivo do Autor.

[389]FARIA, Rosicléia Ap. Lopes de. **Da educação moderna à formação do cidadão republicano:** implantação da escola pública em Patos de Minas, MG (Grupo Escolar Marcolino de Barros, 1913 – 1928). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado em História da Educação, 2007, p. 150.

[390] Sobre o tema, ver: SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890 - 1910). São Paulo: UNESP, 1998; FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Dos pardieiros aos palácios:** formas e culturas escolares em Belo Horizonte da Primeira República. Passo Fundo: UPF, 2000; ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (orgs). **Novos temas em história da educação brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: Edufu, 2002; MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. **O ideário republicano e a educação:** uma contribuição à história das instituições. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

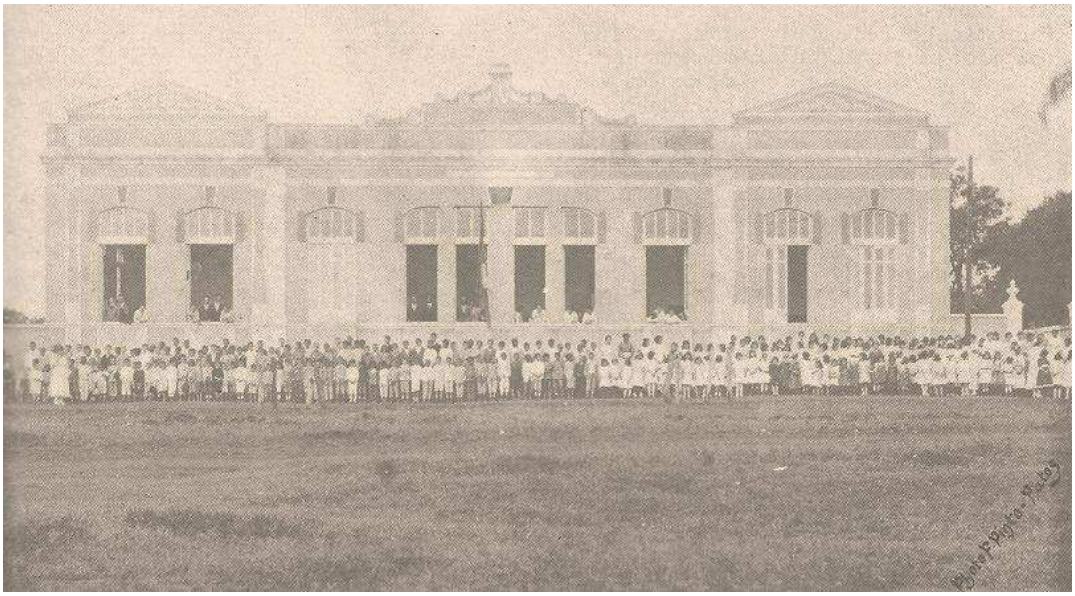


FIGURA 73: Inauguração do Grupo Escolar Marcolino de Barros. Cidade de Patos, 1917. Autor: Fortunato Pinto.
FONTE: EFECADEPATOS, 2014.

O primeiro "templo civilizacional" da cidade, pleiteado há tempos pela elite local, inclusive pelos Borges, foi construído *no Largo da Matriz.* Ou seja: em pleno "território" borgista[391].

O Grupo cumpria as exigências a que se propunha, pois era composto por um salão central, seis salas de aula, banheiro para os professores, seis banheiros para os alunos, biblioteca, alpendres, janelas altas, dois pátios amplos para o recreio e atividades físicas[392]... E, é claro, como prevenção às "tentações da carne", entradas e espaços de instrução separados para o "sexo masculino e o sexo feminino".[393]

Porém, o prédio do Grupo Escolar, malgrado a homenagem ao macielista "Marcolino de Barros", pouco se assemelharia a um "palácio da instrução", conforme o seriam outras escolas públicas erigidas em Belo Horizonte e em São Paulo[394].

Menos de quatro anos depois, a estrutura do prédio já exigia reparos urgentes. Os pátios de recreio urgiam por capina e a reserva de água era insuficiente para o bom funcionamento dos sanitários.

---

[391] O Grupo Escolar foi instalado em 4 de junho de 1917. Chamado, em princípio, de "Grupo Escolar de Patos" foi denominado de Grupo Escolar Marcolino de Barros em 1919, como homenagem aos esforços do patrono para consecução da obra. [391]

[392] FARIA, Rosicléia Ap. Lopes de. Ibid., p. 151.

[393] A historiadora não encontrou fotografia do Grupo com a separação grafada em sua fachada. Porém, ela pode ser visualizada na ilustração em pé de página do "Mapa 7".

[394]FARIA, Rosicléia Ap. Lopes de. Ibid., p. 151.

As ressalvas feitas por Honório Guimarães, o inspetor regional de ensino que visitou o Grupo Escolar em 1921, só piorariam com o passar do tempo. Em 1926, a próxima inspeção afirma:

> Não esta bem conservado. Paredes exteriores denegridas pela acção do tempo e as interiores necessitadas de limpeza, assim como o soalho tem alguns defeitos. Os alpendres também precisam de reparo. [...] Há dois pateos amplos para exercícios physicos e recreio dos alumnos, sendo lastimavel o estado dos muros, que estão ainda em alvenaria de tijolos, sem reboco e caiação (sic)[395].

A explicação pelo descaso das autoridades competentes com o Grupo Escolar erguido no Largo da Matriz era óbvia: em 1933 o prédio *definitivo* que cumpria com requintes o ideal republicano de "templo civilizacional" seria inaugurado na *parte sul* do centro de Patos, no coração do "território" macielista:



FIGURA 74: Atual Escola Estadual Marcolino de Barros. Prédio original. s/d. Autor: Sérgio Mourão.
FONTE: Patos de Minas, MG, Cartões Postais, 2014.

O mesmo papel cumpriria a Escola Normal Oficial de Patos.

Do ponto de vista da "origem", as Escolas Normais eram oriundas do Império e, por isso mesmo, enraizavam-se fortemente na tradição civilizacional monárquica[396]. Porém, com

[395] TERMO DE VISITA. Inspeção Técnica no Grupo Escolar Marcolino de Barros. Abril de 1926. Apud. Id. Ibid., p. 153.

[396] Sobre as escolas normais no Brasil, ver: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho; ARAÚJO, José Carlos Souza.**As Escolas Normais no Brasil***:* do império à república. Campinas: Alínea, 2008.

o advento da República, também as Escolas Normais absorveriam o ideário republicano de universalização da educação, sob responsabilidade do Estado.

Como direito do cidadão e, por suposto, condição para o exercício da cidadania, a educação também respondia à ampliação dos direitos políticos através do voto que, agora, deixava de ser condicionado pela renda. Assim, sob o regime republicano, as Escolas Normais acabaram se conformando "[...] aos projetos políticos das oligarquias locais, cada vez mais imbuídos da necessidade de uma educação primária para as classes populares"[397].

Também aqui os edifícios das Escolas Normais respondiam à simbologia de "palácios do saber", incrustados na paisagem urbana com arquitetura portentosa e grandiloqüente.

Em Patos, o prédio construído de frente ao palacete de Olegário Maciel foi erguido em estilo europeu, com salão nobre, escadaria de ferro batido inglês, vitrais vienenses e mobiliário refinado. Dentre estes, um piano, destinado às aulas de "canto orpheônico".

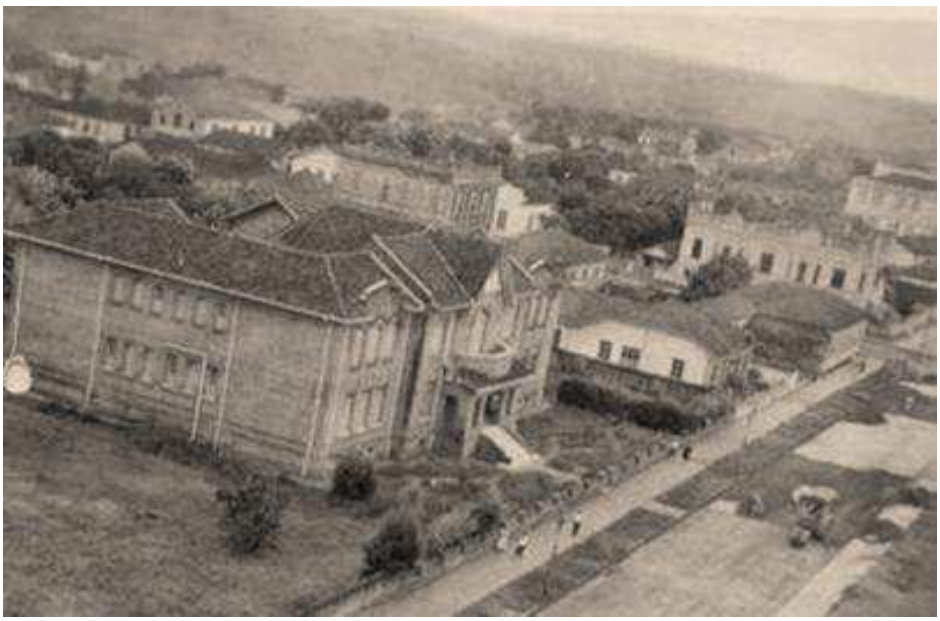


FIGURA 75: Vista aérea da Escola Normal. s/d. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

É importante lembrar, porém, que o pragmatismo político das oligarquias nunca foi além do voto de cabresto. Sendo assim, a cidadania exercida nos pleitos não exigia mais do que um analfabeto funcional. Logo, o magistério primário que, embora basicamente masculino, já era "profissão menor" desde o Império, adentrou os primeiros anos da República como uma profissão de segunda classe. *Pari passu,* desde a década de 1870 foi sendo feminizada, chegando às primeiras décadas do século XX como extensão "afetiva de

[397] KULEZA, Wojciech Andrzej. A institucionalização da Escola Normal no Brasil (1870 - 1910). **Revista Brasileira de Estudos pedagógicos.** Brasília, v. 79, n.193, set./dez. 1998, p. 69.

uma maternidade inerente". Destarte, foi transferida para a mulher a responsabilidade de alfabetizar as crianças "cidadãs", recebendo por pagamento uma remuneração tão ínfima que o valor só poderia ser justificado ideologicamente. É o que fez o Governador do Piauí, em 1910:

> Duas razões principais atuaram no meu espírito para semelhante preferência. A primeira e a mais poderosa foi a *natural aptidão para desempenhar melhor esta função que a mulher possui;* mais afetiva que o homem, ela está, por isso, muito mais apta a ensinar crianças e acompanhar-lhes os primeiros albores da inteligência. A segunda razão foi a exigüidade dos vencimentos que o Estado oferece aos professores. *Com a carestia atual de vida, é absurdo pensar em obter preceptores dedicados ao magistério, pagando os minguados ordenados do orçamento.* A mulher, porém, mais fácil de contentar e mais resignada, e quase sempre assistida pelo marido, pelo pai ou irmão, poder á aceitar o professorado e desempenhá- lo com assiduidade e dedicação, não obstante a parcimônia da retribuição dos serviços (sic. Grifos nossos).[398]

A despeito da construção ideológica infeliz, as Escolas Normais percorreriam todo o século XX como escolas de formação para o magistério primário, destinadas a um público feminino. Menos... na cidade de Patos. A Escola Normal Oficial de Patos nasceu como uma escola *mista*:

> [...] A Escola Normal oficial, hoje "Colégio Estadual Prof. Antônio Dias Maciel", por fôrça de Lei Estadual de 1968, foi criada pelo Decreto nº 10. 310, de 2 de abril de 1932, pelo Presidente Olegário Maciel, sendo nomeado seu primeiro diretor o Dr. Antônio Dias Maciel e sua primeira secretária Maria Madalena Prieto da Silva, e foi solenemente instalada em 5 de maio de 1932, na *residência do Presidente Olegário Maciel.* Funcionou durante algum tempo na Praça Antônio Dias, em casarão hoje demolido, próximo ao Hospital São Lucas. De lá se transferiu para sua sede própria, construída ainda pelo Govêrno Olegário Maciel, em 1933. *Da data de sua fundação até 1962, funcionou com classes mistas, passando, daquela data em diante, apenas para o sexo feminino* (sic, Grifos nossos)[399].

Duas filiações explicam as classes mistas. A primeira, diz respeito à filiação religiosa da Escola. Como visto anteriormente, a Escola Normal se originou do Instituto Sul Americano e este da Escola Dominical, todos de orientação presbiteriana e conduzidos por Antônio Dias Maciel.

---

[398] Id. Ibid., p. 70.

[399] MELLO, Antônio de Oliveira. Op. cit., 1971, p. 194. Sobre o currículo e a trajetória da Escola Normal Oficial de Patos, consultar: BRITO, Maria Terezinha. **A Escola Normal de Patos de Minas:** 1932 – 1972. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Dissertação de Mestrado em História da Educação, 1999.

Considerando-se a historicidade da Escola Normal, compreende-se que ela se articulava ao projeto de expansão do protestantismo, dentro do qual a educação se constituía como pedra angular. Em conformidade com esse projeto, caberia à educação protestante o papel de quebrar o monopólio do ensino católico, inaugurando outra concepção de ensinar, inclusive superando a dicotomia entre os sexos. Para Manfredo Berger, foram as escolas metodistas e presbiterianas que, além de quebrarem o monopólio do ensino católico, "[...] pela primeira vez na história do Brasil reuniram sob o mesmo teto alunos de ambos os sexos."[400]

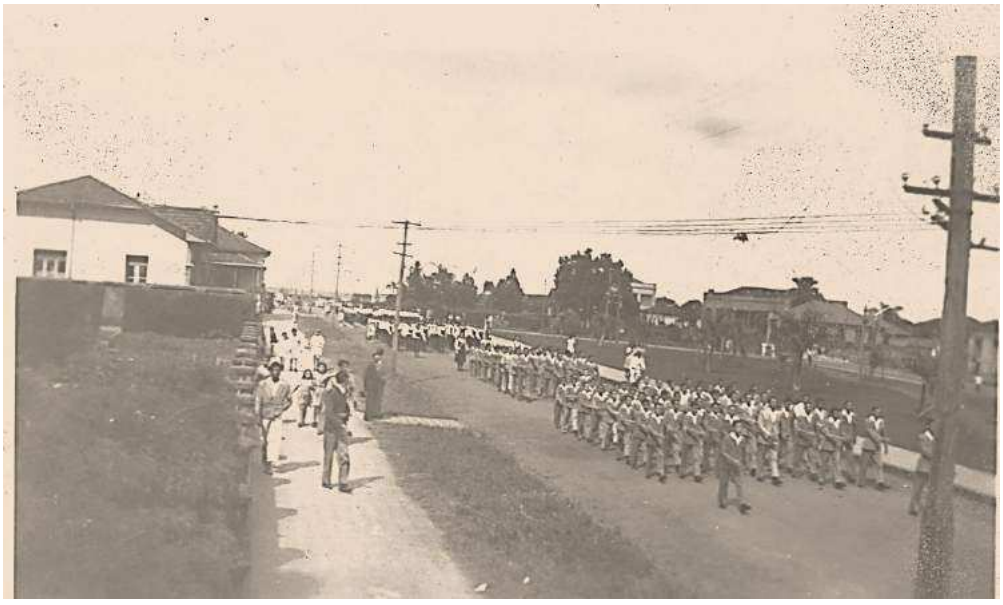


Figura 76: Desfile dos alunos da Escola Normal. Em primeiro plano, os rapazes. Em segundo plano, as moças. Década de 1930. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

A segunda filiação dizia respeito à orientação pedagógica. A Escola Normal Oficial de Patos assumia os princípios pedagógicos da *Escola Nova*: movimento pedagógico que se alastrara pela Europa e Estados Unidos, no início do século XX, tendo por objetivo romper com "[...] os princípios, com a organização, com os conteúdos e com as finalidades da Escola e dos sistemas educativos que tinham marcado o período oitocentista"[401].

[400] BERGER, Manfredo. **Educação e Dependência**. 4º Ed. São Paulo: Difel, 1984, p.168.

[401] ALVES, Luís Alberto Marques. República e Educação: dos princípios da Escola Nova ao Manifesto dos Pioneiros…**Revista da Faculdade de Letras - HISTÓRIA**. Cidade do Porto, PT, III Série, vol. 11, 2010, p. 167. No Brasil, o movimento da "Escola Nova" tomou impulso na década de 1930, com a publicação do "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", em 1932. O movimento brasileiro defendia a universalização da educação, entendida como *pública e laica.* Pautou o debate acerca da educação na década de 1930 e teve, dentre seus expoentes, a figura de Gustavo Capanema. Como Ministro da Educação e da Saúde, designado por Vargas, conduziu o programa de reformas educacionais que, dentre outras, nacionalizou mais de 2000 escolas em todo território nacional. Também coube a Capanema a criação do SPHAN, o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, origem do atual IPHAN. Nunca é demais lembrar que Gustavo Capanema era primo de Olegário Maciel

Nesse sentido, a *autonomia* dos educandos, encontrava-se na base de toda a pedagogia escolanovista:

> […] Onde a escola tradicional viu esforço, atenção forçada, pressão externa, disciplina imposta, a educação Nova encontrava agora interesse. Direcção e controle seriam as palavras mágicas da primeira; liberdade e iniciativa as da outra. É absurdo supor que uma criança conquiste mais disciplina mental ou intelectual ao fazer, sem querer, qualquer coisa, do que fazê-la, desejando-a de todo o coração (sic) [...].[402]

Desta feita, em conformidade com o projeto de uma educação autônoma, crítica e libertadora, nada mais compreensível do que a Escola Nova propugnar por uma educação *laica e,* por isso mesmo, desamarrada dos princípios sexistas da educação católica. Assim, ainda de acordo com Alves, "[...] a escola nova pratica o *sistema de coeducação dos sexos,* estimulando as relações sociais e a cooperação entre rapazes e raparigas"[403].



Figura 77: Alunos da Escola Normal Oficial de Patos. Década de 1930. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

A reação do clero católico e, obviamente, das lideranças borgistas à Escola Normal, não tardaram. Já em 1936, o Cônego Manuel Fleury Curado reclamava ao Bispo, acusando

e foi seu chefe de gabinete, quando Olegário se tornou Presidente de Minas Gerais. Ver: BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

[402]Ó, Jorge Ramos. **O Governo de si mesmo:** Modernidade pedagógica e encenações disciplinares do alunoliceal – ultimo quartel do século XIX, meados do século XX. Lisboa: Educa, 2003, p. 144.

[403] ALVES, Luís Alberto Marques. Ibid., p. 169.

a escola de ser "anormal", uma "lástima lastimável e digna de toda lástima"[404]. A disputa se estenderia por quase uma década, ganhando, até mesmo, as páginas do jornal católico o "Correio de Uberaba", impresso, justamente, na cidade sede do Bispado.

Em artigo de 1943, intitulado *"A Escola Normal de Patos, Foco de Maçonaria e Laicismo?",* o Padre José Armênio Cruz, afirma:

> [...] continuam de pé as graves acusações populares sobre a orientação religiosa da Escola Normal, sendo que essas acusações e queixas chegaram até nós os ecos das suspeitas e reservas da população católica de Patos [...] criada sob o bafejo morno do protestantismo fanático, a Escola Normal não conseguira ainda desvencilhar-se das amarras que a prendiam rigidamente ao liberalismo religioso e ao naturalismo pedagógico e o povo dizia que a escola livrou-se do chuço do protestantismo para cair na ardência das brasas da maçonaria e da Escola Nova (sic)[405].

Por óbvio, os Borges seguiram as orientações da Igreja e nunca matricularam lá seus filhos e filhas[406]. No entanto, também por óbvio, o boicote jamais abalou as estruturas da

---

[404] CURADO, Cônego Manuel Fleury. **Correspondência ao Bispo de Uberaba.** Cidade de Patos, 12 de fevereiro de 1936. Correspondências Diversas. Pasta n.05, 33-38. Arquivo da Cúria Diocesana de Patos de Minas. Apud. FERNANDES, Nilson André Pe. Op. cit., 2012, p. 302.

[405] A Escola Normal de Patos, foco de laicismo e Maçonaria? **Correio Católico.** Uberaba, Minas Gerais, 16 de dezembro de 1944, n.1056, p.1. Arquivo Público de Uberaba.

[406] O Bispo de Uberaba, D. Alexandre, publicou nota sobre a Escola Normal de Patos, em 21 de dezembro de 1944, ameaçando de excomunhão os pais que "entregarem conscientemente seus filhos para serem educados em uma escola acatólica". (In: A escola normal de Patos é anticatólica. Correio Católico, Uberaba, Minas Gerais, 21 de dezembro de 1944, p.1, Arquivo Público de Uberaba). Os católicos, porém, teriam sua "Escola Normal" em 1945. A história dessa escola remonta a 1939, quando por iniciativa do ex seminarista, Anair José de Santana e do Monsenhor Manuel Fleury Curado, foi aberto o "Ginásio Municipal de Patos". O Ginásio foi montado nas dependências do antigo Grupo Escolar, fundado no Largo da Matriz em 1917. Tratava-se de instituição particular, em regime de internato e externato e, conforme livreto do estabelecimento, tinha por objeto "proporcionar à juventude brasileira sólida instrução literária, moral e cívica, paralelamente à esmerada educação religiosa com orientação católica..." Embora o livreto ostente na capa o nome de Adélio Dias Maciel como "Inspetor Federal" e, no corpo do texto informativo, teça rasgados elogios à figura do Prefeito Camundinho, o próprio Professor Anair afirma que não conseguiu, *em Patos,* o visto de funcionamento do Inspetor Regional de Ensino. A autorização só viria diretamente do Governador Benedito Valadares, com quem se entendeu pessoalmente e, "amistosamente", homenageou com o novo nome do Ginásio. Porém, "atritando-se" com "autoridades da época", o Professor Anair voltou para Belo Horizonte, deixando à frente da direção da escola o Padre João Batista Balke. Em 1945, as dependências do Ginásio cederiam lugar para a "*Escola Normal e Ginásio Nossa Senhora das Graças"*, instituição particular que perdura na mesma localização até a atualidade. Ver: DANNEMAN, Eitel. **Ginásio Municipal de Patos.** 26 abr. 2013, arquivo HTML online. Disponível na página EFECADEPATOS, em: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=2610> Acesso em 20 dez. 2015; e, ainda, a obra já citada de Geraldo Fonseca, **Domínios de Pecuários e Enxadachins,** 1974, p. 152.

Escola Normal. Nem com relação à quantidade de alunos, posto que já nascera uma *escola pública,* nem com relação à sua imponência simbólica.

Encravada exatamente onde o tecido urbano se dividia, opondo geograficamente Maciéis e Borges, a Escola Normal engendrava uma pesada simbologia. Não apenas conotava o início do "território" macielista, como indicava que nascia ali um "mundo novo". Um mundo que, acessado através da bandeira civilizatória da educação, tal qual o busto de Olegário Maciel dava as costas ao passado católico, constituído em torno do Largo da Matriz.



FIGURA 78: Avenida Getúlio Vargas, 1936.A esquerda, em primeiro plano, prédio da Escola Normal. A direita, parte da fachada da Casa de Olegário Maciel. No centro, da primeira quadra, em segundo plano, busto de Olegário, cercado por postes com iluminação. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

III.3. a "cidade" da oposição

Qual inimigo ferido em batalha, os Borges foram deixados no Largo da Matriz... "para morrer".

É certo que suas diferenças religiosas com os Maciéis os impedia de abandonar as proximidades da Igreja de Santo Antônio e seguir com eles para o sul. Desta forma, por definição quase "ontológica", Borges e Maciéis ficariam, mesmo, em lados opostos da cidade. Contudo, o que nem os Borges esperariam é que a parte do tecido urbano na qual mantiveram suas residências e comércios fosse, literalmente, abandonada à própria sorte.

Ainda que a água encanada e a iluminação elétrica tenham chegado à parte norte, o descaso da administração macielista com o "lado de baixo" foi patente. Conforme revela a figura 79, até pelo menos a década de 1950, a antiga Praça da Matriz permaneceu sem nenhum melhoramento urbano, exibindo o mesmo largo de terra e sem paisagismo, com que nascera:



FIGURA 79: Praça da Matriz. Em primeiro plano, o cruzeiro da Catedral, inaugurada em 1954. Em segundo plano, a Igreja de Santo Antônio. Década de 1950. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

Levaria uma parcela significativa de tempo, para os Borges se aperceberem de que haviam sido alijados do projeto de cidade implementado pelos Maciéis. Até sua re-estréia na cena política, com a fundação do "Partido Popular", a oposição entenderia que a parte norte era integrante do projeto que se ia constituindo ao sul e não, *deliberadamente,*uma porção apartada do projeto macielista de cidade.

No que diz respeito à administração pública, até 1924 a oposição borgista pode ser definida mediante duas características: primeiro, como uma oposição basicamente *reivindicatória.* Esta oposição marcaria o período que se estendeu do começo do século XX, quando da ruptura com os Maciéis, a 1915.

Um segundo período, inaugurado em 1915, com a publicação do jornal "O Riso", seria marcado pela crítica sarcástica à administração macielista e por uma oposição de cunho *denunciatório.* Esta oposição se estenderia até 1924, com a criação do Partido Político Popular de Patos, o "PPPP". Porém, de 1924 até 1936, a oposição seria, eminentemente, de *enfrentamento.*

Os três momentos foram amplamente documentados nos jornais e podem ser perseguidos nos periódicos borgistas. Todavia, independendo do caráter da oposição empreendida, foi observando *nas entrelinhas* das matérias publicadas, que a historiadora deste trabalho teve o relampejo da "cidade da oposição". Tal qual os Maciéis, os Borges "falam" de um lugar específico, definido não apenas ideológica, mas, também, *espacialmente.* A cidade à qual se reportam em tom de reivindicação, denúncia ou enfrentamento, *corresponde ao seu próprio entorno espacial,* qual seja, o Largo da Matriz e suas imediações. É, portanto, observando "através"dos discursos da oposição, que a historiadora conseguiu vislumbrar a parte norte do núcleo urbano original, na qual a oposição vivia e à qual havia sido relegada.

Cabe lembrar, ainda, que em todo o período pesquisado a questão religiosa esteve presente, pautando o debate da oposição. Contudo, a partir de 1924, o alinhamento religioso passou a *conduzir* o enfrentamento *político*, através da adoção da bandeira da União dos Moços Católicos, pelo Partido Popular. A guinada ultraconservadora dos Borges terminaria por conduzi-los à simpatia pelo fascismo italiano e à liderança carismática de Benito Mussolini[407].

[407] Observe-se que não foi prerrogativa dos Borges o "flerte" com o fascismo. Tanto Olegário Maciel participou da Legião de Outubro, a organização política de cunho fascista que tinha por objetivo apoiar o movimento de 30, quanto seu sobrinho Zama Maciel, filho do Coronel Farnese, adotaria estrofes do hino da juventude fascista, *La Giovinezza*, na composição do Hino de Patos, em 1967. Por outro lado, a composição melódica, assinada pelo

No alvorecer do século XX, a oposição liderada pelos Borges *reivindicou.* Observando a cidade com um olhar fiscalizatório, a oposição anotava o que considerava péssimo e necessitando de intervenção da administração pública, e reivindicava nos jornais, ações da edilidade. O tom com que essas matérias foram redigidas variou conforme a gravidade conferida ao fato, mas, especialmente, conforme a *proximidade espacial* do evento noticiado.

Quando os Borges noticiam, por exemplo, as condições de passagem no córrego do Distrito de Santana de Patos, em 1906, o fazem em tom de notícia fria, exigindo com igual frieza, ações para a solução do impasse:

> [...] Pessimo está o transito no corrego proximo a este arraial, no caminho de Patos. Pedimos providencias ao nosso digno representante na Camara Municipal afim de que, quanto antes, se trate da reconstrucção da ponte no referido córrego[408].[sic]

No entanto, quando as questões se aproximam do entorno urbano borgista, o tom da redação se agrava. Da denúncia fria, passa-se à abundância de superlativos. É o caso dos cães sem dono, que circulavam nas ruas, em 1907: "Voltamos a chamar a attenção do Sr. fiscal da Camara para a grande malta de cães vadios que infestam as nossas ruas, constituindo um verdadeiro perigo para quem tem necessidade de sahir de casa á noite".[409][sic]

Pouco tempo depois, a historiadora observou que não apenas cães vadios circulavam "à vontade" na região borgista. Também não era incomum a circulação de boiadas no Largo da Matriz e nas suas imediações. A título de introito, à denúncia de ter encontrado uma vaca solta no Largo do Rosário, na noite do dia 06 de agosto de 1907, Modesto Lacerda de Araújo mostra que o trânsito de rezes no Largo da Matriz não apenas era constante como, também, "justificava" o porte de armas, proibido pelo Código de Posturas desde 1870. O autor também justifica, pela abundância das rezes, os crimes contra a vida, corriqueiros na época, perpetrados pelos "pacatos cidadãos" que viviam próximos à Igreja de Santo Antônio:

---

primeiro Bispo da Diocese de Patos, D. José André Coimbra, também assemelha o estribilho à parte da melodia de *La Giovinezza*. Sobre a Legião de Outubro e a participação de Olegário, ver: SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra/ Fundação Getúlio Vargas, 2000. Para comparar os Hinos, ver: *La Giovinezza* em: <https://www.youtube.com/watch?v=PtS1G0F7wT4>; e o Hino de Patos de Minas em: <https://www.youtube.com/watch?v=oUh97Pe04QI>. Acessos em 13 nov. 2014.

[408] Correspondência. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 02 de dezembro de 1906. Ano II, n. 3, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[409] Sem título. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 14 de abril de 1907. Ano II, n. 21, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

> Apesar de leis especiais, criteriosamente elaboradas de modo a salvaguardar a segurança dos cidadãos, apesar das multas comminadas nessas leis aos seus infractores, e que seriam insultos em outro logar que não fosse a nossa cidade, há com tudo individuos completamente faltos de senso, ou excessivamente brutaes e bárbaros que, transformando as nossas ruas em invernadas ou circos de touros onde possam patentear á sociedade sua pericia como toureadores, e a sua brutalidade como homens, põem em serio risco a vida de pacificos cidadãos tocando gado bravio pelas nossas ruas mais commerciaes, sem precauções nem previo aviso. [...] A disposição legal é lettra morta para esses, e contra a sua brutalidade se impõe outra infração á lei: o uso de armas de fogo, promptas a abater a rez perigosa, e em caso de precisão o proprio conductor (sic)[410].

O ano de 1907 inauguraria outro tom na tessitura do discurso oposicionista: o sarcasmo. Este seria recorrente nas críticas à administração pública, sendo absorvido como característica do periódico "O Riso", a partir de 1915. É através da ironia, presente na coluna "Implicâncias", estreada em 20 de janeiro de 1907, que a historiadora soma à lista de animais que perambulavam pelo Largo da Matriz, porcos, cavalos, burros e éguas. Além da quantidade de animais que transitavam no lado norte, a matéria também permite entrever uma região sem nenhuma infra estrutura urbana: péssimas ruas, sem iluminação, cheias de buracos e enlameadas à época das chuvas:

> [...] O que mais me pesa é o triste pensamento que me envolve quando vejo as cousas tão negras. Si escrevo me criticam, si faço a minha critica logo dizem que não devo fallar da nossa santa terra. Vêde, caros leitores, em que embrulhada me vejo? Mas nesses rabiscos não pretendo fazer dessas criticas caprichosas e sem fundamento, viso tão somente os interesses do povo e ao mesmo tempo auxiliar a nossa edilidade, aos nossos bem intencionados Camaristas nessa tarefa que tanto lhes acabrunha. [...] Quanto é triste governar! Só quem governa é quem sabe. [...] Em todo o caso, como fiscal ad hoc, irei fazendo de vez em quando as minhas queixas. [...] É verdade que de todos os Municipios Mineiros é o nosso o que menos imposto recebe do povo, é o mais generoso! [...] Muito bem – vamos trabalhar nas novas leis, no melhoramento das nossas ruas, no concerto das pontes e estradas, no encanamento d'agua, nem mesmo que nos custe augmento de novos e devidos impostos. (...) Pobres de nós, quando viajamos da sede do municipio para qualquer dos arraeaes visinhos! Quantas difficuldades, quantos perigos nesses córregos. Que fazem os senhores fiscaes que não dão aviso aos senhores camaristas? Reconheço que são elles os únicos culpados. (...) E as nossas ruas?

[410] Sem título. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 15 de agosto de 1907. Ano II, n. 38, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

> Que perigo! Porcos as varas, vacas em bandão, cavallos e burros em penca, egoas as manadas, que horror! Buracos, lammas, um mattagal nas ruas e nas praças, cercas de madeira nas casas do centro da cidade... que implicâncias, quantos desarranjos!! (...) Os jogadores, os noctivagos e que pena... até mesmo as senhoritas vêem-se obrigados – elles e ellas – a percorrer as ruas, a praça principal com sapatos de cachorro com a única vantagem da escuridão da noite que nos proteje, pois nem siquer uma vela, mesmo de sebo, é gasto na illuminação (sic) [...].[411]

A situação não se alteraria nos sete anos seguintes. Porém, em 1915, a profissão de fé presbiteriana feita publicamente por Antônio Dias Maciel, o "Tonico"; e o fim definitivo das sessões da Câmara no prédio localizado no "Beco Municipal", dariam um novo tom à oposição.

A admissão pública de conversão à Igreja Presbiteriana, feita pelo filho do Coronel Farnese, retirava, em definitivo, o véu que ainda encobrisse a orientação protestante do clã macielista. Sendo assim, na contabilidade geral, a oposição católica concentrada no entorno da Matriz, foi obrigada a contabilizar perdas que se anunciavam desde 1907, com a paulatina inversão do vetor de crescimento.

A partir de 1915, a antiga Casa de Câmara e Cadeia passou a ser utilizada, exclusivamente, como edifício prisional, transferindo para a outra extremidade do núcleo urbano, o status conferido ao "Paço". Desta forma, a região norte, na qual se erigia o templo católico, ao invés de concentrar a elite citadina, em 1915 foi transformada em periferia. Sobrou-lhe a alcunha de "lá de baixo", espaço no qual se abrigavam cães, porcos, cavalos, criminosos... e os Borges. Ou, a "cosinha" e a "despensa", como se lhe denunciaram os próprios Borges, em 1916:

> [...] Comparando a nossa cidade com uma bôa casa, com todos os seus compartimentos, temos: *O Largo do Rosario*, com o Jardim, a sala de espera; *A rua Dr. Olegario*, a sala de visitas; *A Rua General Osorio*, o commodo de negocio; *A Praça da Distribuidora*, o armazém; *A Praça da Matriz*, a sala de jantar; *A Rua Dr. Marcolino*, a alcova; *A Praça Antônio Dias*, a sala de costura; *A Rua Theophillo Ottoni*, o corredor; *A Praça do Sant'Anna*, o banheiro; *A Rua da Vargem*, o quarto para dormir; *A Rua Tiradentes*, a cosinha; *A Praça do Forum*, a despensa; *A Rua da Lagôa*, o alpendre; *O Becco do José Alves*, a latrina. As outras ruas, são os quartos para roupa suja, para arreios, para despejos. [...] Notem que a

[411] Implicancias. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 20 de janeiro de 1907. Anno 2, n. 10, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

> *cosinha* anda sempre na *carestia,* sempre desprovida: não se falando na necessidade em que sempre anda de ser *aterrada* (sic)[412].

Muito embora o redator da *"Comparação"* tenha grafado, propositalmente, a "rua Dr. Olegário" com "r" minúsculo, e omitido o sobrenome com claro intuito provocativo, não havia como negar a perda de status da região norte para a região sul.

Ao mesmo tempo, o abandono da parte norte também significava o abandono de uma região *católica,* em favor de uma região eminentemente *protestante.* A situação da oposição, portanto, não era simples. Enquanto os Maciéis apenas "protegiam" os cultos presbiterianos, granjeando admiradores e levando para o seu lado as ovelhas desgarradas de Roma, a crítica borgista ao protestantismo podia ser dura. O dedo inquisitorial da Igreja Católica podia ser brandido à vontade nas páginas dos periódicos da oposição. Inclusive por Alfredo Borges, assassino confesso do Promotor Antônio Nogueira...

Entretanto... em 1915, o "Tonico Maciel" não apenas professara publicamente sua fé, como subira no púlpito e se tornara um pregador[413]. E, com a proteção que lhe conferia o sobrenome, brandia a bíblia e a defesa de Lutero, às claras, "chamando nos brios", o mesmo Alfredo Borges que atacava o protestantismo sob o pseudônimo de *"Um secular"*, nas páginas de "O Commercio". Encurralados, os Borges ficariam quase sem opção. "Quase", pois encontrariam no *"riso"* a forma de manter a oposição, *denunciando,* já que a reivindicação se mostrara causa inócua.

A inspiração para o jornal "O Riso", publicado a partir de 1915, veio da comédia clássica. O provérbio latino *"Ridendo Castigat Mores",* conferido à comédia durante o barroco italiano, sintetiza uma das grandes características do gênero: o fim moralizante. Ao pretender castigar os costumes pelo ridículo, ou pelo riso, a comédia apontava as falhas sociais e, decorrentes delas, os absurdos com que os homens eram obrigados a conviver, pois compreendia que a ridicularização dos costumes estimulava a sua correção[414].

---

[412] Comparação. **A Carapuça.** Patos, 25 de junho de 1916. Anno I, n. 18, p. 6. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[413] A documentação presente na Igreja Presbiteriana Central de Patos de Minas indica que Antônio Dias Maciel pregou não apenas no púlpito de Patos, mas também em várias cidades dos Estados de Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Da mesma forma, era assíduo freqüentador de congressos evangélicos realizados dentro e fora do Brasil.

[414] Dentre os vários autores europeus que adotaram a máxima do provérbio latino, é célebre a obra do português Gil Vicente, sobretudo em o "Auto da Barca do Inferno" ou o "Auto da Moralidade". Vicente foi uma das grandes influências de Ariano Suassuna nos seus "O Auto da Compadecida" e "O Santo e a Porca". Sobre o tema, ver: REBELLO, Luís Francisco. **História do Teatro Português.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1989; CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira, origens e unidade.** São Paulo: EDUSP, 2004, 2v.

O mesmo ocorria com o periódico dos Borges. Ostentando portentosamente o provérbio latino no cabeçalho do jornal, e assinando todas as suas matérias com espalhafatosos pseudônimos, a oposição prometia *denunciar através da ridicularização,* os problemas de Patos. Empunhando o adágio de que "rindo se castigava os costumes", da tribuna do "Riso" os Borges passaram a satirizar a administração macielista, procurando "por a nu" os próprios Maciéis:

> [...] Patos, este ninho abençoado, sito em zona de uma fertilidade exuberante, a pouco e pouco evolue [...] E desde que essa evolução já se faz sentir [...] forçoso é convir que a cidade se resente de alguns senões, defeitos que devem desaparecer à bem da sua civilisação. Ouve-se diariamente nas ruas e praças da cidade um infrene ladrar de cães, quando não o seu uivar tetrico e pavoroso, produzindo em nossos nervos choques pavorosos, dolorosa electricidade. Se o bondoso e respeitável ancião que exerce o espinhoso cargo de fiscal da cidade procurasse ouvir [...] especialmente á noite esse eritante concerto de dezenas de cães, talvez se abalançasse a dahi por diante, prender e exportar para outras plagas esses molestantes músicos (sic) [...]
>
> [...] Saberá o Sr. Chefe de Policia do Estado, que, em Minas, existe uma cidade com o nome de Patos? Eis uma duvida que nutrimos, desde muito, dado o desleixo e pouco caso por que é tratada, aqui, a séria questão do policiamento. O destacamento encarregado de manter a ordem no vasto município, como é o de Patos, é composto apenas de *um cabo,* apezar da nossa cadeia conter nada menos de 10 presos, sendo 7 em cumprimento de penna, e 3 aguardando julgamento (sic) [...].[415]
>
> Consta que os moradores do Largo da Matriz, attendendo ao estado deplorável em que se acham as finanças municipaes, pretendem fazer o custeio da illuminação publica desse Largo, cujo orçamento atingiu a avultada quantia de 30$ mensaes. O "Riso" bate palmas á essa ideia, e subscreve com a quantia de 1$, apezar de habitar a esburacada e abandonada Rua Tiradentes (sic)[416].

Por anos, os "*redactores" Juca & Comp.*, e seus *"collaboradores diversos"*, *V.Lhote, Matuto, Pigmeu, Aerolitho, Pafúncio, Ré- Porter, Sigma, Zic-Zac, Antenório,* pseudônimos de Alfredo e Deiró Borges, publicariam críticas mordazes às condições urbanas do lado norte e à desconsideração dos seus interesses, mimetizados na cidade de Patos e nos seus cidadãos:

---

[415] Pela cidade. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 17 de abril de 1915. Trimestre I, n. 3, p.2. Acervo Documental de Patos de Minas.

[416] Uma original subscripção. Id. Ibid., p.3.

o fechamento das terras do patrimônio para pasto; o aumento recorrente do "Buracão do Formiguinha", na Rua Tiradentes; a falta de capina das ruas; a ausência de passeios; o entupimento das cisternas; as condições do Largo da Matriz, em 1916 definido como "invernada para os bois" e um "jardim vasto e natural, ainda perfumado pela decomposição de um gato"[417]. A título de exemplo, em janeiro de 1917, na coluna *"Cousas que me afligem",* se declaram aflitos com:

> [...] O Dr. Marcolino, para ir á casa do Totó necessitar de um cavallo emprestado, devido á grande quantidade de lama que ha nas circumvinanças da Matriz; [...] O desleixo e o relaxamento da Camara pela nossa principal via publica _ o Largo da Matriz; o povo pattense suportar servilmente alguns impostos absurdos; muitas outras cousas de que vos fallará no próximo número, o – *Peralva* (sic)[418].

Em fevereiro, também de 1917, na coluna *"Consta...",* ridicularizam a iluminação e a limpeza pública:

> [consta] que durante os dias de Carnaval as grandes lâmpadas do Largo da Matriz funccionarão; [...] que a Camara não satisfeita com os amassos das vassouras, mandarà brevemente capinar totalmente todas as ruas e retirar o capim na carroça que para limpeza publica foi adquerida. Muito bem! Porque... deixa estar, a gente ser obrigado a passeiar em trilhos feitos nos meios das ruas e atraz um do outro, como... não é lá muito bonito não! [...] que um passeiosinho assim á beira das casas, sobre o asfalto, digo, cimento, è tão mais chique!...[419]

A única indicação, que a historiadora deste trabalho encontrou, de uma "resposta macielista" às críticas da oposição, foi no intermédio de um editorial, escrito pelo Dr. Euphrasio José Rodrigues, saudando o retorno de Marcolino de Barros, vindo da Bahia, publicado no jornal Cidade de Patos, de 23 de maio de 1915:

> [...] Parece-me que quando o silencio da noite desce sobre o Largo da Matriz, nesta cidade uma outra mãi, trasendo nos braços o filho muribundo, se posta deante de uma casa grande como se nella estivesse seu anjo tutellar; e se o transeunte retardatario, por acaso surprehenda esta scena, terá o pressentimento do poeta e fugirá discreto e manso, para não impedir que a Municipalidade, pobre mãi dolorida, alcance o milagre do crescimento do progresso, que, rachitico e enfesado,

---

[417] Em torno de um *flirt.***O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 18 de novembro de 1916. Trimestre II, n. 17, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[418] Cousas que me afligem. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 14 de janeiro de 1917. Trimestre III, n. 22, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[419] Consta... **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 11 de fevereiro de 1917. Trimestre III, n. 25, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

> lhe chora nos braços. (...) A cidade de Patos, mais que nunca, precisa delle [Marcolino de Barros], ainda mesmo que se veja collocado, na posição do touro comndenado a morte, que vê lusir na praça as capas vermelhas que o chamam e a ponta da espada em que vae morrer; é preciso que venha, que acabe a obra que começou, a da remodelação da Cidade de Patos (sic)[420].

A aparente indiferença dos Maciéis à oposição, cede à análise das atas da câmara. É esclarecedora a postura assumida pela Municipalidade, em 14 de janeiro de 1914, quando negou ao Cônego Getúlio isenção de taxa sobre pasto fechado nas terras do Patrimônio Público. A justificativa se deu no sentido de que não era mais possível permitir a continuação de um "esbulho por parte de 5 ou 6 felizes que [...] se apoderam de grande área do logradouro público em seu gozo próprio, com prejuízo da coletividade." E prossegue, alegando que se tratava de pessoas abastadas, que sem precisar de favores, procediam em prejuízo da população pobre[421]. O "excesso" também se fará presente no tratamento dado à solicitação de Virgílio e Deiró Borges, por uma torneira d'água *sem registro,* a ser instalada em seu estabelecimento comercial, com o intuito de irrigar a área, durante a estação das secas. A Câmara até concede a torneira, para que os Borges possam molhar a rua. Mas, com as ressalvas:

> [...] para utilidade pública, devendo a mesma ser construída as expensas dos requerentes, em caixa fechada à chave e sujeita à fiscalização da Câmara, ficando os mesmos isentos de pagamentos pela pena d´água, reservando à Câmara o direito de impedir que a mesma funcione, no caso de seca ou absoluta falta d'água para a necessidade dos munícipes[422].

A oposição denunciatória não redundou em qualquer melhoria para o lado borgista da cidade de Patos. Embora o jornal "O Riso" tenha circulado até 1917, foi apenas em 1924 que a oposição dos Borges se dispôs ao enfrentamento "às claras" com os Maciéis, retornando à disputa eleitoral com o Partido Político Popular de Patos. É certo que os Borges demoraram quase vinte anos para se lançarem a um enfrentamento direto com a situação. Mas, o ano de 1924 lhes ofereceu razões mais do que suficientes para isso.

Do ponto de vista religioso, os católicos perderam terreno a olhos vistos. Se em 1906, a visita do Bispo tinha lhes permitido um avanço aparente, três anos depois, em

---

[420] O Progresso de Patos e o Dr. Marcolino de Barros. **Cidade de Patos.** Patos, 23 de maio de 1915. Anno I, n. 20, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[421] Cf. MELLO, Antônio de Oliveira, et.al. Op. cit., 2006, p. 195.
[422] Id. Ibid., p. 208.

correspondência interna à Diocese, o Cônego Getúlio já desmentia os ganhos. Em Relatório, reporta ao Bispo que naquele ano ocorreram:

> [...] mais ou menos 60 confissões de enfermos; [e] cento e tantas comunhões; não houve primeiras comunhões. Raros são os que procuram o parocho e ocorreram muito poucas encomendações. [...] Cathechismo: não tem havido; [...] pregação nenhuma, a não ser pequenas aos domingos, havendo quase todos os domingos recitação de terço [...] Foram realizados 238 batizados, 39 casamentos e 79 enterramentos (sic)[423].

Há de se convir que, para um município que em 1909 alcançava a casa de 50.000 habitantes, os números católicos são extremamente modestos[424]. Em contrapartida, quando chega 1924, a quantidade de filhos de convertidos ao protestantismo era suficiente para que a Escola Dominical Presbiteriana, conduzida por Antônio Dias Maciel, funcionasse com duas turmas.

Também é em 1924, que o governo do Estado nomeia um novo delegado para a cidade, em substituição a José Sandoval Babo, ex vereador borgista. Em seu lugar, através de nomeação assinada por Olegário Maciel, substituindo Raul Soares na Presidência de Minas, foi designado a Patos, para os cargos de Delegado e Promotor de Justiça, o *Diácono da Igreja Batista*, Antônio Martins Vilas Boas.

Aos avanços religiosos dos Maciéis, soma-se uma vitória política, particular, de Adélio Maciel. "Encravado" na condução de Patos como Agente do Executivo, *desde 1918,* Adélio se tornara alvo das mais duras e variadas críticas da oposição, dentre as quais a suspeição de desvio de verba pública[425].

---

[423] Cf. FERNANDES, Nilson André. Op. cit., 2012, p.270 -271.

[424]O número é publicado em nota no Jornal "O Trabalho" de 09 de fevereiro de 1909, sob o título "Delegacia de Polícia de Patos". Considerando-se a população de 29 477 indicada pelo Censo de 1890, é pertinente aceitar a população de 50 mil habitantes afirmada pelo cronista em 1909.

[425] A memória popular conferiu a Adélio traços peculiares de personalidade. Em conversas informais, a historiadora deste trabalho registrou, de oitiva, seu gosto por belas mulheres, incluindo as "marafonas", e pela jogatina. No que diz respeito ao carteado, aquela memória afirma que lhe era de hábito "apostar", inclusive, o dinheiro recolhido dos impostos. Não foi possível corroborar essa informação através dos documentos pesquisados, sobretudo porque, conforme observou Oliveira Mello, "lastimavelmente não se sabe o destino dos Livros de Atas da Câmara Municipal de Patos de Minas do período de 1921, 1922 a 1929". MELLO, Antônio de Oliveira, et. al., Op. cit., 2006, p.216. Quanto às belas mulheres, é fato que Adélio se casou duas vezes, e em ambas, com mulheres cuja beleza foi digna de nota pelos cronistas da época: Maria Madalena de Ulhôa Melo Maciel, falecida precocemente, aos 27 anos; e Walda Magalhães, a "Yayá". Quanto às mulheres "de vida fácil", igualmente os documentos pesquisados não podem corroborar a afirmativa, embora à época fosse extremamente comum. Contudo, a memória urbana, ironicamente, o homenageou com a nominação de uma rua. Justamente no Bairro da Várzea, numa zona de baixo meretrício, figura, impoluta, a Rua Dr. Adélio Maciel...!

Porém, em 1924, por seu intermédio, a cidade de Patos recebeu um Posto de Profilaxia Rural. A visita do sanitarista Carlos Chagas à cidade, em 1923, atendendo ao convite de Adélio, rendera seus frutos.

Embora o cacife político de seu tio Olegário tenha, obviamente, contribuído para a abertura de uma série de portas, não se podia negar que o laureado Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, formado em Medicina na mesma instituição em que o próprio Adélio se formara, em 1913, se deslocara do Rio de Janeiro à Patos e, ainda, ficara hospedado na sua casa.

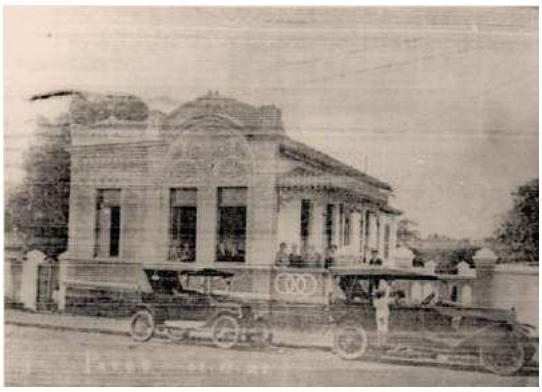


FIGURA 80: Casa de Adélio Maciel. Visita de Carlos de Chagas a Patos. 23 nov. 1923.FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.



FIGURA 81: Posto de Prophylaxia Rural. 19 mar. 1924. FONTE: RIBEIRO, 2008, p.78.

Através do contato pessoal com Carlos Chagas, Adélio Maciel conseguira colocar a cidade de Patos no mapa das ações de descentralização, e posterior interiorização do DNSP, com vistas à erradicação das principais epidemias rurais que grassavam à época: a malária, a ancilostomose e a tripanossomíase americana, ou, apenas, "Doença de Chagas". Um ano depois da visita, o Posto de Prophylaxia Rural de Patos foi inaugurado. E, não por acaso, o prédio foi construído ao lado da casa de Adélio...

Além das vitórias macielistas, os Borges também contabilizaram perdas dolorosas naquele ano de 1924. Em 9 de abril, Olympio Borges falecera. Sem muitas posses, convicto de que o reino de Deus não era deste mundo, deixava viúva e sete filhos em péssima situação financeira. Seus rendimentos advinham, basicamente, dos serviços prestados no Cartório do Primeiro Ofício, cujo Tabelionato exercia em cessão substituta à de seu pai.

Para a memória popular, que se constituiu em torno do conflito entre Borges e Maciéis, a disputa entre os grupos derivaria do "episódio do cartório", no qual os Maciéis teriam "tomado" o cartório dos Borges.[426]

Ainda que a origem da disputa entre os grupos seja muito anterior, a "questão do cartório" levantada pela memória, é pertinente. Afinal, a documentação pesquisada indica que o Cartório do Primeiro Ofício, na ausência do Primeiro Tabelião cessionário, o Capitão José Antônio Borges, foi repassado ao seu filho, Olympio. Como se sabe, a cessão cartorária, embora vitalícia, *não é* hereditária. Ela é, outrossim, *designativa.* Desta forma, quando da morte de Olympio Borges, seu filho, o advogado José Olympio, não foi designado cessionário em sua substituição. Como a indicação dependia das "boas graças" do pretendente junto ao governo estadual, a designação recaiu sobre *Huascar Corrêa da Costa*, um dos correligionários do então Vice Presidente do Estado de Minas Gerais... o Dr. Olegário Maciel[427].

Desta forma, não é surpresa encontrar, entre os fundadores do "Partido Político Popular de Patos", o nome de José Olympio Borges, filho mais velho de Olympio. Além de membro fundador do Partido Popular, José Olympio também seria Diretor e Redator chefe do "Jornal de Patos", órgão oficial do partido.

Além das memórias de Deiró Eunápio Borges Jr., é, pois, através das páginas do "Jornal de Patos", que a historiadora conseguiu acompanhar os lances da terceira fase da oposição dos Borges aos Maciéis: o enfrentamento eleitoral. Como dito anteriormente, um enfrentamento às claras, na arena política e também no jornal.

Diferente do "Riso", no "Jornal de Patos" os "nomes são dados aos bois": tanto os Maciéis são referenciados, textualmente, por seus nomes e sobrenomes, quanto a maioria das matérias, quando não assumidas pelo Jornal, através do redator chefe, são assinadas sem pseudônimos. Em 1927, quando a matéria *"Apello ao PRM"* se refere à possível indicação

---

[426] O "episódio do cartório" foi, por diversas vezes, indicado à historiadora deste trabalho em conversas informais. Textualmente, aparece referenciado pelo Pe. Nilson André Fernandes, em nota, remetendo à memória de D. Zenóbia Borges, por sua vez citada por Gaspar Pereira, em Monografia de final de curso. Essa memória dá conta de que em 1924, Olegário Maciel teria "mandado" o Coronel Farnese *"tomar de qualquer forma o Cartório dos Borges, quando o acervo do mesmo foi transportado pela rua afora de carroça".* Cf. PEREIRA, Gaspar. **Nem tudo foram flores entre os Maciel e os Borges.** (1893- 1930)**.** Patos de Minas: Centro Universitário de Patos de Minas. Monografia de final de Curso, em História. 2003. Apud. FERNANDES, Nilson André. Op. cit., 2012, p. 178.

[427] O nome de Huáscar Corrêa da Costa aparece ligado aos Maciéis em várias situações. Dentre estas, na condição d*e Secretário da Câmara,* faz parte da comitiva de Olegário Maciel recepcionada em banquete na cidade de Carmo do Paranahyba em 1922; e, como titular do Cartório, membro da comitiva que se deslocou de Patos a Belo Horizonte, para os funerais do Presidente Olegário, em 1933.

de Adélio Maciel a Deputado pelo Partido Republicano Mineiro, é o jornal e, conseqüentemente o Partido, que se posicionam através da pena de José Olympio Borges: "[...] o Sr. Adelio Dias Maciel tem sido de uma imprestabilidade absoluta para os interesses da zona a que se dizem representantes. [...] Desse grupo é figura saliente [...] deputado exclusivamente por ser o conspicuo sobrinho de seu tio Olegario Maciel (sic)"[428].

Não obstante, como todo partido, o Partido Popular se autoproclamava nascido em nome do povo e legítimo defensor de seus interesses. É o que defende Dolor Borges, na matéria intitulada *"Espírito de Luta":*

> [...] Há tempos, um amigo_ caracter sem jaça e alma nobre_ dizia-me com tristeza, mas com esperança de um melhor porvir em nossa Terra: Não sei por que motivo os nossos Paes, que nos ensinam a pratica do Bem e da Religião, não nos ensinam também a amar a Justiça e a lutar pelo Direito. Felizmente, não pensará mais assim quem foi sempre um homem de independencia e altivez, quem foi o mais enthusiasta batalhador pela nossa reacção, e que é hoje um dos grandes baluartes do P. Popular. [...] Não mais pensará, porque o povo se convenceu de que sem combatividade, sem a luta pelo nosso ideal e sem o treino para a refrega, são ridiculas nossas reclamações, pueris as nossas queixas (sic)[429].

Entretanto, os interesses e os contornos do povo em nome do qual falavam os Borges, são o espelho invertido dos interesses e do povo em nome do qual falavam os Maciéis. Em pauta está a disputa pela gerência da cidade. Mas, a cidade a que uns e outros se reportam e da qual partem, diz exclusivo respeito à parte que lhes cabe na paisagem urbana, constituída pelo núcleo central. Quem dimensiona a questão, ainda que não fosse seu objetivo, é o Professor Oscar Rodarte. Em 1925, ao louvar a iniciativa da oposição, em sua *"Visita a Patos"*, escreve:

> Da minha visita, depois de quase trez anos, a Patos, pude me convencer de que o ambiente actual, politicamente falando, já é respiravel, oxygenado de uma opposição sadia que, além de tudo, quer de facto, o progresso desta Terra, em substituição a uma política, que nunca visou o bem estar da collectividade, tendo em vista resguardar os interesses próprios e dos seus *amigos* [...] Qualquer individuo que venha a Patos, de espírito o mais desprevinido possível, se convence, desde logo, *do pouco caso ao povo por parte da actual politica*

[428] Apello ao PRM. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 27 de fevereiro de 1927. Anno III, n.121. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[429] Espirito de Luta. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 22 de fevereiro de 1925. Anno I, n.22, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

> *dominante que embelleza as ruas onde moram os seus, deixando ás urtigas o resto, que é a parte melhor da Cidade* (sic, Grifos nossos)[430].

Os Borges disputariam com os Maciéis, as eleições de 17 de abril de 1927. Perderiam. Disputariam, novamente, em 11 de março de 1928. E perderiam, mais uma vez.

Influenciada pelos resultados das eleições, a memória borgista oferece um panorama bélico sem precedentes, na história da pouco pacata cidade de Patos. Consoante com o desejo de memória, que seria retomado por seu filho Deirózinho, Deiró Eunápio Borges rememora, um mês depois da apuração de 17 de abril de 1927, as ações macielistas em resposta à oposição do Partido Popular[431].

Numa memória amarga, fortemente demarcada por um presente de derrota, Deiró acusa os Maciéis de terem, pela força das armas e do jagunçado, procurado calar a oposição. Porém, seu ato de rememorar é, sobretudo, um ato de "revanche", pois seleciona das lembranças os enfrentamentos nos quais os Borges se saíram *vencedores* nos conflitos com os Maciéis.

Em Lagoa Formosa, no dia 23 de novembro de 1924, Adélio Maciel e seus homens teriam se deslocado até o distrito para impedir a fundação do Diretório do Partido Popular. Cercados nas entradas pelos jagunços de Adélio, os adesistas do Popular teriam sido ameaçados e intimados a retornarem às suas casas, pois *"haveria tiroteio"*. Porém, em corajosa desobediência, o "povo independente da Lagoa Formosa", contabilizado pela memória de Deiró Borges em mais de quatrocentos, participou da reunião. Destes, duzentos assinariam a ata de fundação do Diretório. Em resposta, os Maciéis teriam propagado no distrito da cidade, que "só haviam comparecido uns 40 analphabetos descalços, adeptos, de derrotar nas urnas os 500 LETRADOS da situação (sic)."[432]

Referindo-se à fundação do Distrito de Ponte Firme, *"domínios do Coronel Farnese",* a memória recupera um efetivo de quarenta *"carabineiros",* aquartelados a meia légua da capela, "mandando aos do Popular que alli se achavam [...] o ultimatum para se retirarem (sic)."*[433]*O desfecho foi pouco honroso, se visto de um ponto de vista bélico. Contudo, considerando-se o crivo católico da memória de Deiró, a "retirada da Capella" em 23 de junho de 1925, confere aos Borges a virtuosa condição... de mártires:

---

[430] Visita a Patos. Ibid., p. 3.
[431] Como se escreve a história do Partido cujas tradições "ennobrecem Minas". **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 15 de maio de 1927. Ano III, n.134, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[432] Id. Ibid.
[433] Id. Ibid.

> É sabido do município e do Estado como tiveram de sahir a pé, pela meia noite, os 14 homens do Popular que alli se encontravam armados apenas de instrumentos de musica, incapazes, portanto, de enfrentar a onda de vandalos municipaes que ia, de carabyna e dynamite, atacal-os (sic)[434].

Também de 1925, a memória de Deiró Borges recupera a presença de um sem número de jagunços armados, comandados pelo Dr. Marcolino de Barros, e que teriam desaguado na cidade sob o pretexto de que "[...] os chefes do Partido Popular, que estavam daqui a 15 legoas, iam mandar atacar a camara e a collectoria da cidade (sic)"[435]. Conforme esta memória,

> [...] a cidade de Patos viu-se repleta de homens armados até os dentes, entre os quaes figuravam diversos assassinos do Municipio que passeavam ao lado das autoridades policiaes de então, mais garbosos do que seus próprios superiores. O Dr. Marcolino de Barros chefiava, em pleno dia, pelas ruas da cidade, bandos de homens, em attitude provocante e acintosamente de armas á vista ou propositalmente exihibidas ao passarem pela frente dos Populares (sic)[436].

A memória segue, reportando-se a uma série de "notícias" de que a situação se utilizara dos mais diferentes expedientes para levar armas à cidade de Patos: de carregamentos de armamento pesado, interceptado em caminhão pelas autoridades paulistas, à "colchões" recheados de balas e revólveres. A insistência em conferir aos Maciéis, e *não aos Borges,* a prerrogativa da violência armada, decorre, é claro, dos resultados da eleição de 17 de abril de 1927.

O "clima" pré-eleitoral, publicado nas páginas do "Jornal de Patos", de 11 e de 17 de abril, é de vitória antecipada. Solicitando aos eleitores que pensassem no dinheiro "dos impostos e dos empréstimos", o jornal pede o voto para os candidatos a vereador e juiz de paz[437]. Como "salvo conduto" aos eleitores temerosos da represália macielista, os Borges ofereciam a *palavra* do Presidente de Minas, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. Com o título *"Palavras do Presidente Dr. Antônio Carlos",* na primeira página do "Jornal de

---

[434] Id. Ibid.

[435] Id. Ibid.

[436] Id. Ibid.

[437] Dentre os candidatos a vereadores destacamos: Deiró Eunápio Borges e João Borges; para juiz de Paz de Patos: Augusto Borges; e para Lagoa Formosa: Hazenclever Sebastião Borges. A relação completa dos candidatos foi publicada na página 4 do Jornal de Patos de 17 de abril de 1927.

Patos", que circulou em 11 de abril de 1927, os Borges publicaram, em negrito: "[...] não estenderei as minhas mãos a quem não trouxer as suas limpas [...]"[438].

O "Jornal de Patos" circularia, inclusive, no dia do pleito. Dividindo a primeira página com uma matéria sobre a páscoa, na qual se relembrava a *"maior Victória de Jesus Christo"*, a chamada *"Á Victória, marchemos firmes e resolutos",* estabelecia uma forçosa relação entre a Páscoa e a "ressurreição" do povo de Patos, "redivivo" naquelas eleições. Prossegue na página 3, reafirmando nas duas colunas laterais, a garantia da "palavra" do *"Ilustre Andrada"*, o *"Eminente Presidente Antônio Carlos"* para, enfim, no meio da página, advertir:

> Chegou o mommento opportuno de se conhecer quem deseja bem e quem não deseja o triumpho da Justiça no municipio de Patos. Há muita gente por ahi que diz ter consciência, que diz ter amor á Justiça *e que diz ter religião*. Pois bem. Agora é occasião de se saber si estes que assim se manifestam teem ou não teem os sentimentos que dizem possuir. Muitos dizem que são religiosos, que como catholicos sabem cumprir seus deveres e como protestantes leem diariamente a Biblia. Uns e outros, catholicos e protestantes, irão mostrar hoje o que são: se catholicos ou protestantes de verdade, ou se catholicos e protestantes de mentira. Ninguem se iluda. Um homem de fé, um homem que tem religião, não pode dar seu voto a uma política que tem pisado os direitos do povo, a uma política que só tem feito injustiças em todo o municipio de Patos. E Jesus disse: "Bem aventurados os que teem sede de Justiça." Eleitores! Refleti um momento! Consultae vossa consciencia antes de dardes vosso voto a este ou aquelle candidato. Vede bem. Acima da amizade, acima do parentesco, e acima de qualquer ameaça de adversario esta a consciencia. Pensai bem. *A consciencia é a voz de Deus e o voto é a voz da consciencia.* Eleitores! Votai com o Partido Popular (sic, Grifos nossos)![439]

O movimento discursivo é, no mínimo, surpreendente.

Para um observador deslocado do contexto, a exortação para que "os homens de fé" votem no Partido Popular, pode sugerir que o redator coloca a consciência cívica acima das diferenças religiosas. E, em função disso, pede a uns e outros, seguidores do Cristo que bem

---

[438] Palavras do Presidente Dr. Antônio Carlos. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 11 de abril de 1927. Ano III, n.126. p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[439] As Urnas. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 17 de abril de 1927. Ano III, n.127. p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

aventura aos que tem sede de justiça, que a façam nas urnas. Desta forma, enquanto propaganda política, coloca o Partido Popular como representante de todos, independendo de serem católicos ou protestantes.

Essa leitura é um equívoco. A exortação deve ser considerada no contexto e na filiação explícita do Partido Popular à União dos Moços Católicos, cujo lema "Por Deus e pela Pátria", está ostensivamente impresso na página anterior. É importante relembrar que a União dos Moços Católicos se caracterizava por um anti protestantismo *feroz* e, em 1927, já completava dois anos de existência em Patos[440]. O próprio Jornal, em 10 outubro daquele ano, sob o título *"A U.M.C. de Patos"*, dá noticias sobre a *"animada sessão"* ocorrida no dia 09, na qual os unionistas locais elegeram a nova diretoria que *"deverá encaminhar os destinos da U.M.C. de Patos durante o exercício 1927-1928."* Entre os reeleitos se encontravam, como Presidente, o Dr. João Gualberto Amorim Júnior, um dos membros fundadores do Partido Popular.

A exortação aos eleitores, publicada pelo Jornal de Patos em 17 de abril de 1927, é um silogismo capcioso. Ora, "acima de tudo está a consciência". Sendo a consciência a voz de Deus e o voto, a voz da consciência, conseqüentemente, *o voto é a voz de Deus, que está acima de tudo.*

É esta voz que conclama os eleitores à justiça, não oferecendo seu voto aos candidatos da "injusta política local", representados que são, naquele pleito, pelo *pastor protestante Antônio Dias Maciel*! Assim, na entrelinha da construção discursiva, o que se encontra é uma referência implícita, porém extremamente poderosa, a uma das máximas dos Manuais de Inquisição: *Deus reconhecerá os seus.* Logo, o exercício da cidadania, o voto "conscientemente livre" é, no discurso dos Borges, também *uma prova de fé.* Verdadeiros crentes em Deus, *não são protestantes*. E, como tal, só podem votar... no *católico Partido Popular.*

A correlação sequer é subliminar. Na mesma página, abaixo da admoestação aos eleitores e à garantia de "salvo conduto" pelo Presidente Antônio Carlos, entre as visitas da *"personalidade sympática"* do Revmo. Padre Dr. Olympio de Mello e do Padre André Aguirre, o Jornal de Patos publica uma nota intitulada *"Espiritos Malignos",* fazendo referência à "indivíduos que pelo papel que representam na sociedade e pelas funcções que

[440] Sobre a União dos Moços católicos e o protestantismo, consultar as obras já citadas de Riolando Azzi, de 2000 e de 1977. Quanto às relações entre a Igreja Católica e o Estado, vera obra clássica de ROMANO, Roberto. **Igreja contra Estado**. São Paulo: Kairós, 1974.

desempenham, parecem estar munidos de procuração de Satanaz"[441]. E, logo adiante, com o título de *"Gesto de Desespero",* faz referência à reação do Coronel Farnese, quando de uma *"amistosa palestra"* que José Olympio Borges mantinha na porta da *"Collectoria Estadual",* inclusive com Osório Dias Maciel: "[...] o Sr. Farnesi Maciel, enfurecido, a dizer: Já não suporto mais! Ajunta, ajunta, pode ajuntar! e o Sr. Adelio Maciel que o acompanhava dizia visivelmente emocionado: Deixa pra depois, meu Pai, deixa pra depois (sic)!"[442]

As eleições do dia 17 de Abril de 1927 seguiram a "crônica da morte anunciada" pelos Borges, desde o início da campanha. Era óbvio. Considerando-se a época, considerando-se os contentores e o histórico de seus enfrentamentos, era inevitável que as primeiras eleições nas quais concorreu, abertamente, *um partido de oposição,* fossem marcadas por pancadarias, sumiços de urnas, intimidações, bate bocas, tiroteios. No distrito de Quintinos *"*[...] queimaram foguetes e mais foguetes, insultaram os adversários, e com requintada ousadia, atiraram dynamites contra a casa do chefe Popular [...] o Cap. Henrique Lucio da Fonseca (sic)."[443]Mas, o que talvez nem os Borges esperassem, é que a confusão terminasse em mortes de gente *com sobrenome.*

O distrito de Lagoa Formosa, o tradicional reduto macielista representado pela família Fonseca, era liderado, à época, por Clarimundo José da Fonseca Sobrinho, o "Camundinho", também candidato à Vereador geral. O confronto armado, no distrito, já era comum pelo menos desde as eleições de 1906, quando Borges e Maciéis se enfrentaram em um tiroteio. Nas eleições de 1927, ocorre a mesma coisa, mas em proporções "épicas". Conforme a memória de Deiró Eunápio Borges Jr., o Deirózinho,

> [...] A 17 de abril daquele ano [1927] realizou-se a primeira eleição municipal, após a fundação do PPPP. [...] Reeditou-se então em Lagoa Formosa (edição melhorada), a fuzilaria em casa de Randolfo Borges, agora tendo por alvo a casa de João Corrêa Borges, chefe oposicionista local e com sacrifício de vidas: Hasenclever Sebastião Borges foi atingido mortalmente, dentro da residência e Joaquim Furtado Araújo foi atingido na cabeça ao tentar saltar um muro. Feriram-se ainda dois membros do diretório local e uma criança. Doutor João Borges, fiscal da seção, alvejado no recinto por Cristiano Fonseca Filho, escapou por milagre,

---

[441] Espiritos malignos. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 17 de abril de 1927. Ano III, n.127. p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[442] Gesto de desespero. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 17 de abril de 1927. Ano III, n.127. p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[443] A Victoria do situacionismo patense pela "Lógica do absurdo". **Jornal de Patos.** Patos, Minas, 15 de maio de 1927. Ano III, n.131, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

> indo refugiar-se em uma fazenda a dois quilômetros do arraial. Também Leão Teotônio de Castro foi ferido na seção que fiscalizava (sic). [444].

A confusão dada em Lagoa Formosa se replicou em várias seções do município. Porém, os eventos particulares daquele distrito levariam não apenas a acusações legais, mas a um novo pleito.

Com relação ao tiroteio, era fato que nem Borges nem Maciéis estavam dispostos a somar em suas próprias contas, a responsabilidade pelas mortes, ocorridas no distrito. Da mesma forma, também era fato que nenhum dos grupos assistira, estoicamente, sem reagir, às ações do outro. Assim, no terreno das acusações, Borges e Maciéis se apontavam, mutuamente, como carabineiros, chefes de jagunços, e responsáveis pelo *início do tiroteio* que degenerara nos assassinatos de Hazenclever e de Joaquim Furtado.

Também, por óbvio, o fato extrapolou as fronteiras de Patos. Afinal, as mortes ocorreram no município de origem do Vice presidente do Estado e homem forte do Partido Republicano Mineiro. Como de praxe, Olegário Maciel preferiu preservar a própria imagem. Por isso coube a seu sobrinho, Antônio Dias Maciel, dar a versão macielista dos fatos à imprensa de Belo Horizonte.

A resposta dos Borges à entrevista do *"Tonico Maciel"*, também não tardou. Mas, ainda que tenham insistido na versão de que foram as vítimas martirizadas pelo "tradicional" banditismo da situação, e desafiassem o *"Toniquinho Maciel"* a provar que haviam sido costeados por jagunços, em um parágrafo, talvez "mal corrigido", pelo redator *"João de Patos"*, acabaram dividindo a responsabilidade do tiroteio com os Maciéis:

> [...] O situacionismo local tinha realmente a intenção de burlar a Justiça, fazendo recahir sobre as próprias victmas de Lagoa Formosa, a responsabilidade de sua desdita, mas o Sr. Antônio Maciel veio frustrar-lhe a esperança de conseguir o seu intento: a sua entrevista provou, á sociedade, que *a culpa que o Popular tem nos acontecimentos de Lagoa, não é maior do que a que lhe cabe* pela vergonhosa fuga dos "honrados velhos"que constituem as mesas eleitorais da sede do município (sic, Grifos nossos)[445].

Encabeçados pelo Dr. João Borges, muito provavelmente o *"João de Patos"* que assinara o ato falho da matéria acima, os Borges protocolaram uma Petição, em 27 de abril

---

[444] BORGES JÚNIOR, Deiró Eunápio. **De Deiró a Deiró:** memórias de um menino de recados. Belo Horizonte: Cuatiara, 1994, p.62.

[445] Cynismo?!... Pilheria?!...Preciosa entrevista. **Jornal de Patos.** Patos, Minas, 15 de maio de 1927. Ano III, n.131, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

de 1927, reportando em detalhes as ações que tiveram lugar nas seções eleitorais. E, representados pelos advogados José Augusto de Carvalho Mello e José Sandoval Babo, exigiram às instâncias competentes as medidas legais cabíveis no caso, qual seja: a anulação das eleições.

A julgar pelos processos eleitorais anteriores, o consentimento dos mesários situacionistas às "manifestações positivamente hostis que, por sua vez, também assumiram contra os fiscaes seus adversários políticos e na invasão de elementos extranhos acintosamente armados de carabinas winchester no recinto das respectivas secções (sic)";[446]e a vitória da situação, conferida pelos mesários *que abandonaram as seções*, nas urnas que *haviam sido roubadas*, não teriam "dado em nada", não fosse um novo contexto que começava a se desenhar em fins da década de 1920.

As críticas ao sistema político da República Velha se avolumavam. A Coluna Prestes, que cruzou o Brasil entre 1924 e 1927, não apenas exteriorizava o descontentamento militar com a República, como também catalisava a insatisfação da sociedade civil. A fraude constante e a corrupção eram objetos de denúncia nos palanques eleitorais, até dos candidatos apoiados pelas máquinas eleitorais das oligarquias. Havia sido este o mote da campanha de Rui Barbosa, em 1910, por São Paulo. E, da mesma forma, de Antônio Carlos, Presidente de Minas Gerais, candidato natural à Presidência da República, para o pleito de 1930, dentro do acordo firmado pela Política dos Governadores. Coerentes com o novo contexto, e prezando a futura eleição do governador à Presidência, as instâncias jurídicas de Minas Gerais terminaram por acatar a petição dos Borges, em 24 de janeiro de 1928.

Pouco depois chegou a Patos a notícia de que as eleições de 17 de abril de 1927 haviam sido anuladas.

Foguetório, banda de música, faixas e discursos, antecederam a publicação do "Jornal de Patos" de 8 de fevereiro de 1928. Na primeira página, como era de se esperar, a manchete em letras garrafais resumia o espírito do momento: *"Commemorando a Victoria da Justiça - O Partido Politico Popular de Patos faz estrondosa e expressiva manifestação aos seus dois ilustres e esforçados patronos Drs. José Augusto de Carvalho Mello e José Sandoval Babo".* A matéria que se segue reporta as comemorações e resume os discursos, dentre os quais o de João Gualberto Amorim Junior, Presidente da União dos Moços Católicos. João Gualberto conclui seu discurso assinalando com letras maiúsculas,

[446] Edital de protesto. Id. Ibid., p.3.

> [...] a grandiosa vitória do Partido Popular, com o accordam do Tribunal de Relação apontando á porta da rua aos que se intitulavam vereadores da Camara Municipal: Dr. MARCOLINO DE BARROS, Dr. ANTONIO DIAS MACIEL, CLARIMUNDO JOSÉ DA FONSECA SOBRINHO (CAMUNDINHO), PEDRO FRANCISCO GUIMARÃES e DINIZ DE MEDEIROS MUNIZ (sic)"[447].

As novas eleições foram marcadas para o dia 11 de março de 1928.

Comparado ao pleito anterior, o de 1928 foi de calmaria. Mesmo com a presença dos jagunços armados e da ostensiva força policial, deslocada de Belo Horizonte sob o comando do Delegado de Capturas Álvaro Batista de Oliveira. Tanto para Borges quanto para Maciéis, as eleições de 1928 eram uma "questão de honra". Para os primeiros, a honra exigia que se mostrassem uma oposição mansa, que enfrentava com estoicismo cristão, a bandidagem macielista. Para os segundos, a honra exigia que, não importasse o preço, era vital *manter os resultados* das eleições anteriores.

Embora os Borges tenham, mais uma vez, cantado a vitória antes da hora, elogiado com grandiloqüência a *"lisura e o caracter"* do Presidente Antônio Carlos e estampado em letras garrafais negritadas, *"Si Deus pro nobis, quis contra nós",* as urnas conferiram a vitória aos Maciéis.

O resumo dos eventos ocorrido em 11 de março de 1928, e amplamente reportados no "Jornal de Patos", é oferecido pela memória de Deiró Eunápio Borges Júnior que, afastada no tempo, também funciona mediante correlações com outros tempos:

> [...] Os situacionistas, que até 1936, foram donos absolutos das urnas municipais, fizeram com que se instalasse, no edifício da Câmara Municipal, apenas uma das quatro seções eleitorais da cidade. Então o presidente da seção única instalada, Diniz de Medeiros Muniz, cercado e apoiado por indivíduos mal-encarados, jagunços, quatro dos célebres maranhenses, inclusive o de nome Florentino Araújo, que no momento do tumulto sacou de uma arma e foi desarmado por um investigador, não se lembrando o autor se encontrava no recinto o Francisco Araújo, Chico Maranhão, Chico Piauí, Sebastião Pereira ou Sinhô Pereira, que comandara Lampião e seu bando e por muito tempo "teve fama de ser o terror do Nordeste" e informa que, após andarem por seca-e-meca, vieram para Minas _para Patos_ "sempre procurando paz" [...] sob a proteção do Cel. Farnese Dias Maciel (Ver. Manchete de 13/08/77)[448].

---

[447]Commemorando a Victoria da Justiça. **Jornal de Patos.** Patos, Minas, 8 de fevereiro de 1928. Ano IV, n.160, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[448]BORGES JÚNIOR, Deiró Eunápio. Op. cit., 1994, p.63.

As eleições de 1928 apenas repetiram os resultados das eleições anteriores. Mesmo com a vitória de Aleixo Araújo, por Santa Rita, no cômputo geral, mais uma vez, a oposição havia perdido.

Os Borges jamais aceitaram a derrota. Em conformidade com a matemática moral que viriam a publicar, insistentemente, no "Jornal de Patos", o *"verdadeiro resultado"* das eleições seria 1. 145 votos para a situação e 1. 707 para o Partido Popular.

Até agosto de 1929, Deiró Borges tentaria reverter o resultado. Em carta enviada ao Presidente do Partido Republicano Mineiro, Afonso Pena Jr, depois de reportar a omissão do Delegado de Capturas, Álvaro Batista, afirma: "[...] o meu partido, mais uma vez, com maioria superior a 600 votos, acabou vencido por uma minoria que se vem mantendo pela fraude e pela força."[449]

Apesar da contabilidade ética feita pelos Borges, fato era que a matemática política, inevitavelmente, conferiria a vitória aos Maciéis. Tanto a postura altaneira de Antônio Carlos, que insistia em pairar "acima dos conflitos", nada mais era do que uma estudada imagem eleitoreira, com vistas às eleições presidenciais de 1930, quanto, igualmente, era falaciosa a missão de Álvaro Baptista de "garantir" as eleições em Patos. Através de Olegário Maciel, *pertencia ao clã Maciel* o domínio do aparato repressor do Estado de Minas Gerais. Assim, quando Álvaro Batista desembarcou em Patos no comando de 12 investigadores e 40 praças da Força Pública Mineira, sua missão era a de garantir não o "pleito de 1928", mas *a manutenção da vitória dos Maciéis*. Deiró e os demais Borges compreenderiam isso só algum tempo depois. O próprio Deirózinho, já avançado na idade, observaria em suas memórias que, entre as forças que se mantiveram fiéis a Olegário Maciel, na tentativa de golpe em 18 de agosto de 1931, estava a Força Pública de Minas Gerais que, embora sob a direção de Gustavo Capanema, tinha por Comandante o Delegado Álvaro Baptista de Oliveira...

A esperada vitória da oposição só viria em 1936, no pleito de 07 de junho. Liderados por Deiró Borges, a oposição concorreria com a legenda unionista "Por Deus e Pela Pátria", demonstrando, porém, forte inclinação integralista[450].

---

[449] Id. Ibid., p. 64.

[450] Em 2005, quando ainda era professora no Centro Universitário de Patos de Minas, a historiadora deste trabalho recebeu das mãos de familiar dos Borges, para arquivo, documentação preciosa acerca do núcleo integralista da cidade e ata de fundação de uma escola integralista. Contudo, com sua saída da instituição, não teve mais acesso ao material.

Fundada em 1932, por Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira se definia como organização paramilitar, nacionalista, composta por "soldados de Deus e da Pátria". Sua defesa de valores morais cristãos, bem como da família patriarcal, constituída sob a autoridade do chefe, aproximava-os, é claro, do catolicismo militante do qual a União dos Moços Católicos era um exemplo acabado. Recolocada no seu contexto, a AIB reverberava, porém, a tendência autoritária da época, uma vez que, do ponto de vista político, conferia ao "chefe supremo", a missão de conduzir a nação[451].

Em nível local, o velho Deirózinho definiria seu pai, literalmente, como um *Condotiere.* A evidente comparação à figura de Benito Mussolini, não é mero fruto da inclinação pessoal de Deiró Jr. A simpatia e a admiração dos Borges pelo *Duce* era pública, expressa, inclusive, nas páginas do "Jornal de Patos". Em 1927, com o título *"Que differença!"*o jornal tece rasgados elogios a Mussolini. Além de conduzir *"habilmente"* um *"país europeu"* no qual são sérias as *"questões sociais",* o Primeiro Ministro de Itália ainda encontraria tempo para lavrar a terra, sendo exemplo aos seus compatriotas. O autor, J. Gonçalves de Amorim, encerra a matéria "suspirando" em italiano: "Pobre Brazil! Quem te dera, ao menos, um píccolo Mussolini..."[452]

Na mesma página, em nota do próprio Jornal, foi reproduzido um trecho de entrevista na qual Benito Mussolini se posiciona como católico e, como tal, inimigo da Maçonaria:

> Palavras proferidas por Mussolini numa entrevista concedida ao representante da agencia telegraphica tedesca "Telunion" no "Correio d'Italia": O grande Oriente foi sempre internacional, anti-religioso e immoral. As lojas italianas têm de um modo mais astuto e sem o mínimo escrupulo causado todo o descontentamento de cada uma das classes lavradoras e de outras profissões, têm desfructado toda aspiração das correntes da opinião publica para lacerar a ordem no Estado e a gerarchia no Exercito e nos empregados. Nós somos um povo são e de sentimentos

[451] Cf. SILVA, Leandro Ratton Pires da. **Deus, Pátria e Família**: Integralismo e Catolicismo em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação em Ciências Sociais, 2010.

[452] Que differença! **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 4 de dezembro de 1927. Anno IV, n. 153, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas. Observe-se, porém, que a admiração à Mussolini era recorrente no seio da Igreja Católica e, portanto, os Borges não se configuravam como exceção. Contra uma educação laica e defendendo a obrigatoriedade do ensino da religião católica nas escolas, o Jornal Correio Católico publicou, em 13 de junho de 1931, uma matéria na qual enaltece a figura do *Duce* por seu "braço firme": "O mesmo braço de ferro com que Mussolini quando governo, foi mandar collocar nas escholas de toda a Itália a imagem do Christo e ordenar o ensino do cathecismo catholico, com esclusão de outras crenças". Ver: O senhor Francisco Campos e Mussolini. **Correio Católico.** Uberaba, Minas Gerais, 13 de junho de 1931. n.371, p.1. Arquivo Público de Uberaba.

> catholicos, não podemos tolerar nenhum factor desmoralizador, nenhum inimigo do Estado, nenhum inimigo da Egreja (sic)[453].

Embora seja plausível, a documentação pesquisada não permite à historiadora deste trabalho afirmar que os Maciéis eram maçons. Contudo, no que diz respeito aos Borges, os indícios demonstram, seguramente, que... não o eram!

Finalmente, quando a legenda "Por Deus e pela Pátria"conseguiu alçar Deiró Borges à vereança, a oposição elegeu, além dele, mais quatro vereadores. Todavia, o discurso que proferiu, por ocasião da posse, na Câmara dos Vereadores, ainda que tenha arrancado elogios dos contemporâneos, e genuína admiração da memória de Deirózinho, está longe de ser um discurso programático e de oposição. "Com os olhos voltados para Deus", Deiró Borges afirma a seus eleitores que seus "propositos (...) se consubstanciam só e exclusivamente no programa de colaboração inteligente e patriótica, programa que se traçou, pela maior grandeza do município (sic)[...].[454]

Tendo por programa, exclusivamente, "nem uma oposição systematica e nem apoio incondicional", em nome de uma colaboração acima dos interesses partidários, Deiró e os quatro oposicionistas, já na primeira votação da Câmara, preferiram o silêncio. Para a composição da mesa e para Prefeito, optaram... pela abstenção.

Os mandatos, porém, sequer seriam exercidos. O golpe de Getúlio Vargas, instaurando o Estado Novo em 1937, colocaria um fim em todas as liberdades políticas. Em Patos, isso significou, na prática, o silenciamento da oposição e a manutenção dos Maciéis no poder, representados pelo velho correligionário, o Prefeito Camundinho.

Evidentemente, três anos antes do fechamento democrático, Deiró Borges não tinha como saber que venceria nas urnas, em um pleito secreto, mas seria impedido de exercer a vereança. Mesmo assim, as palavras com que encerrou o discurso de dez anos de fundação do Partido Popular, terminam por soar ao futuro como uma trágica profecia:

> [...] do alto desta montanha de tempo, olhando para trás, eu vejo vencidas muitas etapas gloriosas. Não faltaram, mesmo, nesta paisagem que recordo, um emblemático Mar Vermelho, transposto pelos pés do povo de Patos. Desta altura, olhando para a planície, que descansa perto e pouco em baixo, eu vejo a terra da Promissão, onde não impera Pharaó.[...] Lutei.

---

[453] Mussolini e a Maçonaria. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 4 de dezembro de 1927. Anno IV, n. 153, p. 1.

[454] BORGES, Deiró Eunápio. Discurso de Deiró Eunápio Borges por ocasião de sua posse na Câmara dos Vereadores. Apud. BORGES JÚNIOR, Deiró Eunápio. Op. cit., 1994, p.183-188.

> Cheguei ao alto, mas só me é dado ver de longe a terra prometida, porque não posso atingi-la...! (sic) [455]

O nome de Deiró Borges foi conferido a uma das ruas que delimitam a Praça Dom Eduardo, o antigo Largo da Matriz. Entretanto, até a sua morte, em 1942, a paisagem urbana do centro de Patos permaneceria ecoando o conflito histórico de Borges e Maciéis...!

[455] BORGES, Deiró Eunápio. Proclamação de Deiró Eunápio Borges ao ensejo do transcurso do 10º aniversario de fundação do Partido Político Popular de Patos. Id. Ibid., p. 189.



FIGURA 82: “Avenida Municipal”, centro de Patos de Minas, [Década de 1940]. Em primeiro e segundo planos, a área borgista. Em primeiro plano, cruz de madeira da antiga Igreja Matriz de Santo Antônio. Em segundo plano, o Largo da Matriz. Em terceiro plano a porção sul do centro, o lado “macielista”. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

III.4. a "cidade" dos aflitos

Na segunda tese sobre o conceito de história, Walter Benjamin recorda ao historiador que,

> [...] a imagem da felicidade está indissociavelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente [...].[456]

As camadas populares, que foram tão sujeitos do processo de construção da cidade de Patos, quanto Maciéis e Borges, são, como na tese de Benjamim, as vozes que apelam por sua redenção.

No tecido urbano no qual as elites beligerantes se digladiaram, sua presença foi apagada. Da mesma forma, na narrativa que produziu uma história ausente de conflitos, sua presença foi, igualmente, elidida[457]. Para a historiadora do presente trabalho, forjada numa geração que se afastou do historicismo, não é possível rejeitar o apelo que a corvéia lhe dirige. Como o anjo de Klee, prefere encarar fixamente o passado e se propor, neste último esforço reflexivo, a juntar os fragmentos de um passado que se acumula, trágico e disperso, sob os monumentos de Patos de Minas.

---

[456] BENJAMIM, Walter. Sobre o conceito da história. In: **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 223.

[457] Ainda que o memorialista Geraldo Fonseca reconheça nas primeiras páginas de Domínios de Pecuários e Enxadachins, 1974, que o território de Patos foi originalmente ocupado por negros fugidos de Paracatu e Goiás, sua leitura da história de Patos de Minas vai ao encontro da leitura oferecida por Oliveira Mello, na qual as camadas populares não aparecem como sujeitos. Dos dois autores, consultar as obras já citadas: MELLO, Antônio de Oliveira, Op. cit., 1971; FONSECA, Geraldo, Op. cit., 1974.

Pela pesquisa que desenvolveu até aqui, a historiadora sabe, porém, que os estilhaços deste passado se espalham por um sem número de trilhas. Além disso, também compreende que os limites da pesquisa acadêmica impõe recortes. No entanto, reconhece que se não é possível aprofundar a reflexão que o tema merece, ao menos poderá alumiar os indícios que encontrou pelo caminho. Em algum momento, no futuro, outros historiadores comparecerão ao encontro marcado entre o presente da historiadora e o passado pesquisado. Este encontro haverá de redimir os sujeitos esquecidos, através de uma história *escrita* a contrapelo. [458]

Basta deslocar o olhar. Quando a vista se derrama por sobre as ruínas do tempo, voltando-se para o extremo norte, na região de brejos e da Lagoa dos Patos... ou quando se dirige para sudoeste, descendo pelas encostas da Várzea, até desbarrancar "lá embaixo", no Rio Paranaíba, a pesquisa os ilumina: pretos... pobres... putas. A legião dos aflitos que vivia sob condições miseráveis.

A Várzea, o único bairro da Villa de Santo Antônio dos Patos, recebeu o nome por derivativo da sua própria definição: terrenos baixos, planos, que margeiam rios e ribeirões. Já era lugar de habitação dos pobres quando a Câmara Municipal, em 1874, registrou seus limites: "A vila se compõe de cinco largos ou praças, nove ruas, nove becos e um bairro [...] o bairro denomina-se Varzea [...] o bairro da Varzea comprehende todas as vertentes que ahi se reunem ate o assude do Tolentino no lado esquerdo do corregosinho (sic)." [459].

Pelo menos até 1917, a única rua que chegava à Várzea era a Rua dos Ferreiros. Dentro do bairro não havia ruas. Havia "caminhos", dentre os quais aquele que, a partir de 1911, levaria ao Cemitério. Na Várzea corriam trieiros: trilhas que sulcavam os matos, permitindo o trânsito dos habitantes. O bairro também não receberia os melhoramentos de água encanada e energia elétrica, disponíveis para Maciéis e Borges no começo da década de 1910. Em sua defesa, os Borges ocupariam a tribuna do "Riso" para pedir justiça ao povo "daquele bairro". Em 2 de setembro de 1917, o redator publica:

> [...] as queixas que pessoas residentes na Varzêa, subúrbio desta Cidade, tem nos feito, a respeito de agua e luz, vimos, certos de que a nossa illustre Edilidade levará em conta e a serio, as nossas palavras, perdir-lhes que faça justiça ao povo daquelle bairro, prolongando até lá á Rua dos Ferreiros a canalisação d'Agua e a Luz Electrica (sic)[460].

[458] Cf. BENJAMIM, Walter. Op. cit., p. 222 - 232.
[459] CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 03 de fevereiro de 1874**. Livro de Atas n. 01, Caixa 232, Arquivo Documental de Patos de Minas, ADOC-PM.
[460] Sem título. **O Riso.** Cidade de Patos, Minas, 2 de setembro de 1917. Trim. IV, n.38, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Mas... o brado de justiça terminaria por ser mais pessoal do que benemérito. O redator justifica o pedido considerando que o melhoramento seria de "grande utilidade não só para os moradores da Varzêa, como para nós outros, quando temos necessidade de passar por lá, à noite (sic)" [461]. A despeito do clamor, em março daquele ano os mesmos Borges publicaram uma nota, solicitando dos poderes competentes que o esgoto fosse desaguar... na Várzea: [...] cabendo a Exma. Camara mandar fazer là na Varzêa, que é o ponto mais baixo, o esgoto para escuamento da tal água (sic) [...][462].

A Várzea compunha o "subúrbio": lugar de gente humilde. Para onde se encaminhavam os que mourejavam, sacos às costas, eternizados pelo instantâneo da fotografia:



FIGURA 83: Avenida Municipal. Em segundo plano, trabalhadores indo em direção à Várzea. s/d. Pasta Logradouros Antigos. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

Também integravam o "subúrbio", os terrenos em "roda da lagoa": a Lagoa dos Patos, margeada pela Rua da Lagoa, posteriormente Rua "Major Jerominho"; e, ainda, a "Lagoinha", na saída para Paracatu. Tratava-se de zona de brejos e alagadiços, densamente povoada. Como na Várzea, também ficaria sem água encanada e às escuras. Conforme parecer do vereador Agenor Maciel, a respeito da colocação de lâmpadas na "antiga rua da Lagoa", o pedido era um

[461] Id. Ibid.

[462] BONITO! ... **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 12 de março de 1917. Trimestre III, n. 27, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

"despropósito". Afinal, "há ruas centrais na cidade [...] que não gozam deste benefício, por falta absoluta de verba..."[463]

Na década de 1920, a documentação se refere à região como o "Bairro da Lagoa", em substituição ao genérico "subúrbio", "beira" ou "roda" da Lagoa[464]. Pouco depois, em fins da década, receberia, por fim, a denominação que enverga até a atualidade: "Bairro do Rosário".

É em sua direção que a negrinha saltita.

Ela vem correndo, pulando para o alto, provavelmente convencida de que tem asas nos pés. A historiadora a "batizou" de Berenice, representação de todos os pretos, pobres e demais excluídos, fosse do tecido urbano ou da narrativa histórica, tecida sob o ponto de vista de Borges ou de Maciéis. De onde menos se espera, ela irrompe: inusitadamente no instantâneo de uma foto de família[465].



FIGURA 84: Primeiro plano, passeio familiar. Em segundo plano, a menina negra. Em terceiro plano, Praça e casario. s/d. Pasta Famílias Tradicionais: Os Borges. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

[463] MELLO, Antônio de Oliveira, et. al. Op. cit., 2006, p. 203.

[464] A referência se encontra na edição de 4 de dezembro de 1921, do Jornal "O Trabalho". Na primeira página o periódico faz alusão à drenagem de parte da Rua Desembargador Frederico, construída "sobre brejo", tornando "transitável" o trecho que ligava o centro da cidade de Patos ao "populoso Bairro da Lagoa". Ver: ESTÁ EM CONSTRUÇÃO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 4 de dezembro de 1921. Ano I, n. 12, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[465] Após a defesa do presente trabalho, em conversa informal com Alex de Castro Borges, Diretor do Arquivo Documental de Patos de Minas, verificou-se que, a despeito de a ficha catalográfica da imagem reportar-se à Praça Antônio Dias, é possível que a fotografia não tenha sido feita na cidade de Patos. Não obstante, devido a importância metodológica e simbólica da imagem, a historiadora julgou por bem manter o texto original, porém informando o leitor, em nota de pé de página, e modificando a legenda.

É o "sorriso de Berenice", trazido pelos ecos do tempo, que convoca a historiadora a desvelar o cotidiano dos seus, imiscuir-se nele, perceber seus cheiros, tentar ouvir os seus sons. Sabemos que o dia a dia está "lá", na tessitura diária do "outro". Deixou-se registrar pelos documentos e, como tal, é passível de leitura. Mas, não se mostra na grandiloqüência das manchetes dos jornais ou das memórias escritas. Como a própria "Berenice", deixa seus rastros para o reconhecimento do futuro... nos "vãos".

A historiadora encontrou as moradas, na normatização das condutas e nas memórias de velhos. Através destes compreendeu que os pobres da Várzea e da roda da Lagoa, viviam em casebres miseráveis, sem "eira nem beira". Não chegavam aos "dezoito palmos de pé direito, da soleira à linha do telhado"[466]. Eram simples "meias-águas", erguidas com pau a pique e paredes barreadas[467].

Pela permanência de certos hábitos, é certo que os dias começavam antes do nascer do sol. Mal os galos cantavam, espalhados pelo arrabalde e pelos quintais das grandes casas do centro, os corpos escorregavam dos colchões de capim e pisavam os pés rachados no chão de terra batida. Começava a lida.

Nos tempos do Império, antes do fim da escravidão, mulheres livres e negras forras corriam a ascender o lume. Chegada a República, nada muda. As mulheres acodem ao braseiro, fogão de lenha simples, pouco mais que um fogareiro, e se põe a soprar os gravetos. Aceso o fogo, ali se esquentava água adoçada com rapadura. Café era luxo. Não tinha. Era a água doce que ajudava a "descer" os bocados de broa de milho sem fermento, assada de véspera[468].

"Forrado o estômago", os pés sulcavam os trieiros, para a busca diária do sustento.

Com relação às profissões exercidas pelos homens, a documentação fornece registro. A historiadora encontrou referências desde 1870, dispersas no Código de Postura, em capítulos que abordam as ações previstas em casos de incêndio e o porte de armas: carpinteiros, ferreiros, pedreiros, lenhadores, porqueiros, sapateiros, vaqueiros, empregados em roças. Mas, surpreendentemente, também as encontrou referenciadas num *mapa de freqüência escolar de 1886.* Trata-se da *"Escola Nocturna da Villa de Santo Antônio dos Patos"*, que funcionou na Várzea sob a regência do Professor Valeriano Rodrigues Souto:

---

[466]A exceção das casas construídas na Várzea e na Beira da Lagoa, o Código de Posturas de 1870 proibia a construção de casas na Vila, com menos de 18 palmos de pé direito. Cf. FONSECA, Geraldo. **Domínios de Pecuários e Enxadachins.** História de Patos de Minas. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974, p. 69.

[467] A referência se encontra nas memórias de D. Risoleta Maciel Brandão sobre a visita de Carlos Chagas a Patos: *"Entretanto o sentido de Carlos Chagas estava nas meias-águas dos bairros pobres, Várzea e beira da Lagoa: moradias de paredes barreadas, propícias ao esconderijo de barbeiros".* BRANDÃO, Risoleta Maciel. Op. cit., 1981.

[468] Informação fornecida à autora por João Otávio Coêlho, museólogo do Memorial Casa da Cultura do Milho e consultor de época do filme "Janelas para 30".

QUADRO II - Mapa de Freqüência. Escola Nocturna da Villa de Patos, 1º Bim. 1886

Nome	Idade	Estado	Profissão	Condição
1. Manoel Vicente Pereira	40	Solteiro	Carpinteiro	Livre
2. Silvestre Jose de Sousa	17	"	Seleiro	"
3. Narciso de Lellis Ferreira	18	"	Agencia	"
4. José Christino Maia	18	"	Pedreiro	"
5. Antônio José Fernandes	28	Viúvo	Agencia	"
6. Moyséz Pereira de Noronha	18	Solteiro	Carpinteiro	"
7. Oliverio de Lellis Ferreira	19	"	Agencia	"
8. Jose Francisco dos Santos	26	"	"	"
9. Martinho Jose da Silva	33	Casado	Carpinteiro	"
10. João Pereira Dias	18	Solteiro	Agencia	"
11. Jose Amancio da Silva	28	Casado	Carpinteiro	"
12. Manoel Amancio da Silva	24	"	"	"
13. Jose Bernardes de Alvis	22	Solteiro	Sapateiro	"
14. Adão Pereira	44	Solteiro	Agencia	Cativo
15. Orosimbo Jose dos Santos	16	"	"	Livre
16. Januario Fernandes de Castro	30	Casado	"	"
17. Frederico Amancio da Silva	17	Solteiro	Carpinteiro	"
18. Honorio Soares Rodrigues	17	"	"	Cativo
19. João Jose Rodrigues	23	Casado	Agencia	Livre
20. Henrique Braga	26	"	"	"
21. Christhiano J. da Fonseca	18	Solteiro	"	"
22. João Pereira Evangelista	24	Casado	"	"
23. João Visente Ferreira	22	Solteiro	"	"
24. Jose Benedito Correa	21	"	"	"
25. Valeriano Gonçalves de Castro	17	"	"	"
26. Manoel Benedito Correa	16	"	"	"
27. Antonio Benedito	14	"	"	"
28. Lucas Dias da Silva	18	"	"	Cativo
29. Francisco Pereira da Fonseca	18	"	Sapateiro	Livre
30. Christiano Alves Pereira	16	"	Agencia	"

FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

Além das profissões já referenciadas pelo Código de Posturas, o quadro de freqüência revela um seleiro e uma profusão de incompreensíveis "agencias". Consultado insistentemente o documento, a historiadora não tem dúvidas de que o Professor Valeriano de fato grafou a palavra *agencia.* Em se tratando da grafia das profissões correntes no século XIX, em pesquisa realizada no Rio Grande do Sul, Cláudia Mauch percebeu que,

> [...] muitas profissões iguais ou semelhantes podem ter sido escritas e transcritas de formas diferentes no registro (exemplo: comieiro, cumeeiro, cumiero, camiero), ou, inversamente, ocupações diferentes grafadas de forma parecida (exemplo: carreiro,

> corrieiro, correeiro). Outras, por sua vez, são difíceis de classificar, como *agência,* agenciador, aparelhador, corredor [...]..[469]

Assim, ainda que não seja possível definir com exatidão o que fazia um "agencia", é possível, porém, deduzir.

De acordo com o "Diccionario da Lingua Brasileira", de Luiz Maria da Silva Pinto, publicado em 1832, o verbete "Agencia" é um substantivo feminino. Porém, referia-se a um "[...] *estado do que està em acção*". Do ponto de vista figurativo era um *"modo de ganhar a vida. Emprego do que trata de negócios."* Da mesma forma, o verbo "agenciar" é definido por: *"Trabalhar por adquirir. Tratar de algum negocio. Fig. Adquirir. Fazer que succeda. Fazer por conseguir"*[470].(sic). É pertinente supor, portanto, que "agencia" era um jargão corrente, uma espécie de gíria que, atualizada, corresponderia ao indivíduo que "está correndo atrás" ou aquele que "se vira". Pode ser tanto um "faz tudo" quanto um "catireiro", expressão usual na região do Triângulo Mineiro, e que se refere à pessoa que "troca coisas", recebendo ou não dinheiro no negócio. Aliás, "catira" e "catireiro" não aparecem no Dicionário Luiz Pinto...

De acordo com esse raciocínio, é possível inferir que o "agencia" abraçava qualquer tipo de atividade, tornando-se mestre nas "artes do fazer" e nas "astúcias sutis" que Michel de Certeau observou como inerentes ao processo de "invenção do cotidiano"[471]. Distantes da celebração dos cânones do mundo do trabalho, os "agencias" não tinham emprego fixo e certamente resistiam à normatização que se ia impondo através do Código de Posturas de 1870. Tanto poderiam capinar lotes, limpar quintais, trocar telhas e "jagunçar", quanto buscar a sobrevivência através de atividades condenadas pelo Código, como o jogo, a esmola e a venda de objetos roubados:

> [...] O jogo era proibido aos escravos, aos menores de 21 anos e aos caixeiros, mesmo nas casas licenciadas. O banqueiro infrator sofria a pena de prisão por oito dias e multa de 5 a 15 mil réis. O homem livre que fosse encontrado jogando com as pessoas mencionadas, era preso por oito dias e pagava multa, que variava de 20 a 30 mil réis. [...] Aos escravos era proibido venderem objetos de qualquer valor, a não ser que para isso tivessem ordem escrita de seus senhores ou administradores. [...] Era proibido pedir esmolas, para qualquer invocação, dentro da vila ou distritos, excetuando-se: os festejos do Espírito Santo, São Sebastião e Santo Antônio, os que estivessem

---

[469] MAUCH, Cláudia. Contando policiais: os registros de pessoal como fonte. **História Unisinos.** 16 (3): 413-421, Set. /Dez. 2012.Disponível em<http://revistas.unisinos.br> Acesso em 06 dez. 2015.

[470] PINTO, Luiz Maria da Silva. Cidade. **Diccionario da Lingua Brasileira.** Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

[471] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

> autorizados por promessas, os irmãos do Santíssimo Sacramento, das Almas ou do padroeiro do lugar". [472]

Chegada a República, os "agencias" continuariam resistindo à normatização das condutas e à ideologia do trabalho, esmolando, roubando e jogando. As referências são recorrentes nos jornais. Na primeira fase do "Trabalho" aparecem no noticiário seco de roubos":

> [...] Roubo. Na noite de 26 do corrente, os amigos do alheio arrombaram duas portas da casa do sr. Pedro Severino Ribeiro, estabelecido a' rua General Osorio. Depois do arrombamento, conduziram uma mesa que se achava no interior da venda para a rua e arrombaram a gaveta da mesma, subtrahindo della a quantia de 50$000. Roubaram mais um relógio de Prada e uma gôndola, alem de vários gêneros que o proprietário não poude precizar. A autoridade policial tomou conhecimento do facto, para providenciar como fôr de direito (sic)[473].

No mesmo ano, o jornal os denuncia por exploração da fé alheia, através da falsa mendicância:

> [...] MENDIGOS. O numero de indigentes que actualmente andam pelo municipio, valendo-se da caridade publica, já vae merecendo que se diga algo a respeito delles.Ha indigentes e indigentes!Os que devidamente merecem este nome estão excluidos do assumpto de que vamos tratar, occupando-nos somente com os "pseudo-indigentes" que se acobertam, para seu viver mais commodo, sob o manto da pobreza.A propria população desta cidade tem tido occasião de presenciar alguns destes individuos que, aptos a iludir a boa fé do publico vão explorando a nossa sociedade.O povo sertanejo ao contrario do que pensam os forasteiros, é em geral um povo de boa indole e por demais hospitaleiro e muito se distingue por sua bondade e caracter. Nelle encontram os exploradores um verdadeiro meio adequado a sua covivencia e exploram-n'o sem dó e sem piedade. A estes pobres fingidos que dia a dia vão minando os cofres das familias, deve ser applicado a pena do trabalho como factor do nivelamento moral e como meio digno do seu viver. É necessario que se reaja contra os parasitas, que se expurgue de nosso centro social este elemento de degradação moral.Sem o trabalho que dá saude e bem estar, sem o menor esforço na lucta pela existencia, a mór parte das vezes, concorrem para fomentar as orgias, o alcoolismo com suas fataes consequencias, o jogo, devorador como as chammas de um incendio e toda a especie de vicios que são a ruina das sociedades. A auctoridade que digna de seu nobre encargo tem se sabido correctamente portar-se no comprimento de seus multiplos

---

[472] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p. 69 e 71.

[473] ROUBO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 29 de abril de 1906. Anno 1, n.21, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas. Sobre o tema, ver: MACHADO, Maria Clara. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês:** assistência social institucionalizada. (Uberlândia 1965-1985). São Paulo: Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em História, 1990.

> deveres, deverá agir sem perda de tempo submettendo os taes a uma rigorosa investigação de onde poderá distribuir a justiça obrigando-os ao trabalho tão util e tão necessario. Ahi fica o nosso justo appello (sic)[474].

Quase dez anos depois, continuariam a ser alvo do policiamento moral, agora através dos jornais publicados pelos Borges. No jornal a "Carapuça", de 16 de setembro de 1915, o redator afirma que o jogo é a "maior das enfermidades sociais". Tendo lugar nos palácios ou nas pocilgas, onde se jogavam "vinténs", o jogo era vício: *"Loterias, sortes, rifas, a jogatina disfarçada ou francamente, campeia impune desde os antros no vozear dos miseraveis aos clubes dourados, no gargalhar hysterico de creaturas degeneradas".*[475] (sic). Em 13 de julho de 1917, o "Riso" cobraria uma "atitude" do Delegado, face a reabertura dos "Clubs de Jogatina", em flagrante desrespeito à proibição do jogo pelo Código de Posturas:

> [...] De facto qual a attitude que deve tomar agora o Sr. Dr. Delegado, que officialmente prohibiu o jogo?... Deve fazer vigorar o art. 369 do nosso Codigo ou encruzar os braços perante esta affronta que, nesta cidade que se diz civilizada, acaba de ser atirada não só á sua pessoa, como autoridade que é, como também á sociedade patense e á nossa lei penal (sic)?...[476]

Em 20 de maio de 1915, insistiria na condenação dos "falsos mendigos", aptos ao trabalho, mas que preferiam esmolar:

> [...] A verdadeira caridade, porém, ou antes, Deus, não manda que soccorramos, que demos esmolas aos falsos mendigos, áquelles que, válidos para o trabalho, vivem, de porta em porta, explorando a caridade publica; não! A estes devemos negar o nosso auxilio material, chamando-os, porém, ao caminho do trabalho, aconselhando-os a ganharem o pão com o suor de seu rosto fazendo-lhes ver o quanto é nobilitante o trabalho, e o quanto è deprimente a vida de exploração que levam. Façamos como Jesus que, todo mansidão e bondade, comtudo, exasperou-se um dia expulsando a azorrage os vendilhões do templo. Expulsemos também, portanto, esses preguiçosos e vagabundos que vagueiam por ahi além apontando-lhes o caminho do trabalho, da

[474] MENDIGOS. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de dezembo de 1906. Ano II, n. 4, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[475] O JOGO. **A Carapuça.** Patos, 16 de setembro de 1915. Anno I, n. 6, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[476] OS ENCAPOTADOS. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 13 de julho de 1917. Trimestre IV, n.31, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

> honra e do dever, e assim praticaremos tambem um acto de caridade, e assim tambem cumpriremos o preceito de Deus (sic)[477].

A despeito da campanha em prol das virtudes do trabalho, a mendicância perduraria pelas décadas seguintes, dialeticamente se "conformando e resistindo" à normatização. Em 1930, quando o esmoler era permitido somente aos sábados, Lourenço Gato "agenciava" coisa de cinco "pedideiras", colocadas em pontos estratégicos da cidade:

> [...] Dizem que, quando chegou a notícia da revolução estourada, o Lourenço Gato, pedidor de esmola bem organizado – tanto que controlava, em média, cinco "pedideiras" que saíam aos sábados – único dia permitido para o esmoler nas ruas da Patos antiga – saiu anunciando esquina aqui, quebra acolá: "Estourou a guerra entre os de baixo e os de cima". Com isto, o Gatinho (como também era chamado) queria dizer, na sua ignorância, que a luta entre Borges, os de baixo, e Maciéis, os de cima, havia estourado (sic)[478].

A resistência ao mundo do trabalho refletia, sobretudo, a resistência a uma perspectiva de vida estranha ao mundo dos pretos e pobres. Tanto o trabalho "lícito" quanto o esforço extra para a educação formal, não redundariam em melhora significativa de vida. A realidade cotidiana demonstrava, ao contrário, que os atores sociais ocupavam suas posições em conformidade com o seu nascimento, ou seja, com a sua pertença familiar. Assim, os valores do "outro", o branco bem nascido, que se tornava doutor e ocupava os postos de mando, pouco ou nada diziam à legião de pobres que lutava diuturnamente pela sobrevivência, condenados de "nascença" a habitarem a beirada do rio e da lagoa. Não por acaso, a escola da Várzea, regida pelo Professor Valeriano, contabilizou índices altíssimos de evasão.

A "aula noturna" ocorria entre 19 h e 21 h, às segundas, quartas e sábados. Recebia matrículas de maiores de 14 anos, inclusive de escravos, com a permissão de seus senhores. As matérias correspondiam às mesmas vistas pelos meninos abastados do centro: leitura e caligrafia, noções de gramática portuguesa, noções de geografia e história do Brasil; as quatro operações decimais, exercícios práticos de reduções de pesos e medidas. O documento registra que, dentre os trinta alunos da classe, apenas Christiano Alves Pereira havia sido matriculado no ano anterior, em 31 de agosto de 1885. Os demais freqüentavam a escola desde setembro e novembro de 1884.

---

[477] CUMPRINDO UM PRECEITO. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 20 de maio de 1915. Trimestre I, n.7, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[478] FONSECA, Geraldo. Participação Patense na Revolução de 1930. **A Debulha, n.78.** Patos de Minas: 15 de outubro de 1983, p. 12. Arquivo Documental de Patos de Minas.

No entanto, o índice de evasão no primeiro bimestre de 1886 é de quase oitenta por cento. Apenas sete alunos freqüentavam e, ainda, com substancial margem de faltas. Para os "desaparecidos" as observações do Professor Valeriano explicam que:"Não quer freqüentar; por occupado não tem freqüentado; mudou-se por isso não freqüenta; não sei o motivo das faltas; por estar viajando não tem freqüentado; por in cômodo não tem freqüentado; suponho ter-se retirado (sic)"; e, ainda, referindo-se às ausências do escravo Honorio Soares Rodrigues, registra um esclarecedor: "Está com seu Senhor na Cascata"[479]. Tratava-se, pois, de um dos escravos do Coronel Antônio Dias Maciel, proprietário da Fazenda da Cascata. O mesmo que assinara a autorização para que Honorio freqüentasse a escola...

A "aula nocturna" funcionaria sob a regência de Valeriano Souto Rodrigues até 1887. O professor se aposentaria em 1889, e em 1895 sua filha, Francisca Augusta da Rocha, assumiria a cadeira na Várzea, agora uma escola mista. A historiadora encontrou referências à "aula" de Francisca através do memorialista Geraldo Fonseca que, dentre outras coisas, observou que em relatório de 1896, o inspetor Josias Leopoldo considerou a escola, "em péssimas condições, aula em sala acanhada, de terra batida, sem mobiliário algum."[480]

Com relação ao trabalho feminino, a documentação pouco diz. A historiadora encontrou uma exceção: vendedoras de hortaliças e biscoitos, citadas pelo jornal "O Riso" de 14 de janeiro de 1917. Ao criticar a carga de impostos, baixada em dezembro de 1916, o jornal informa que a tributação recaía "na quase totalidade [sobre] senhoras pauperrimas"[481].

Afora isso, a documentação pesquisada oferece indícios. A partir desses é possível concluir que as mulheres pobres sobreviviam como domésticas, lavadeiras, parteiras, "mães de leite", pajens. Mesmo sob a República, desde a infância permaneceriam ligadas às famílias brancas do centro. "Negrinhas pegas para criar", eram trazidas das fazendas para ajudarem as moças recém casadas, ou paridas de "pouco". Ficariam em suas casas, "como se fossem da família", lavando, passando, cozinhando e olhando os "meninos", até se casarem ou "se perderem". Então, se mudavam para um dos muitos casebres erguidos na Várzea ou na Beira da Lagoa.

Se "perdidas", prostituíam os corpos, vendendo serviços a pobres e a ricos, a pretos e a brancos. Na linguagem comum, entre os iguais, eram "mulheres da vida". Porém, para a

---

[479] SOUTO, Professor Valeriano Rodrigues. **Mapa de Freqüência.** Escola Nocturna da Villa de Santo Antônio dos Patos. 1º Bimestre de 1886. Arquivo Documental de Patos de Minas.
[480] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p. 138.
[481]CONSTA. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 14 de janeiro de 1917. Trimestre III, n.22, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

linguagem untuosa que marcava as publicações dos letrados, tratava-se de "marafonas", em cujas casas a virtude era consumida pelo vício e pelo crime:

> ASSASSINATO. Na manhã de 3 foi assassinado numa meia agua do outro lado da Lagôa, nesta cidade, residencia de duas marafonas, sem que se saiba, alem da cachaça, o outro móvel do crime, o individuo filho desta cidade Antonio Simão. O assassino, Albino de Aquino Nunes, é homem dado á embriaguez e, quando passa dias bebendo, fica em estado de vigília, fóra de todo o raciocinio, e foi preso desse delírio que cometteu o crime. O assassino velou junto ao cadáver por muito tempo sem que a policia o incommodasse e ainda se acha dentro da cidade e fóra da cadeia!!! (sic) [...][482]

Grassava a sífilis. As "febres syphiliticas" são citadas pelo Dr. Euphrasio Rodrigues como uma das moléstias que mais matavam os pobres. Para as prostitutas infectadas e "indigentes", o médico do "partido da câmara" previa o fornecimento de remédios. Mas, também, a interdição de seus corpos, proibindo seu "uso" de modo a "salvaguardar a mocidade"[483]. Para os homens que podiam pagar, aqueles que freqüentavam assiduamente a zona, indo do centro à Várzea, descendo pela *escura Rua dos Ferreiros*, o tratamento estava disponível nos consultórios médicos. Inclusive no consultório do Dr. Adélio Maciel. Em letras negritadas, seu anúncio publicitário no Jornal "A Cidade de Patos", dizia:

> Clínica médico-cirúrgica do Dr. Adelio Dias Maciel (médico pela Faculdade do Rio). **Especialidade:** Doenças internas, molestia do systhema nervoso. Cura radical da **Syphilis** pelas injecções Neosalvarsan (914) e Oleo Cinzento. Diagnostico desta molestia pelos mais recentes processos de Laboratorio (Reacção de Landau). Tratamentos modernos da tuberculose, lepra, infecção puerperal, etc. Aceita chamados para fora (sic)[484].

Para os pobres, além da sífilis, a vida próxima a áreas ribeirinhas multiplicava os males. A historiadora encontrou as verminoses, sobretudo a esquistossomose, nas barrigas grandes das

---

[482] ASSASSINATO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de fevereiro de 1909. Anno 4, n.73, p.1 e 2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[483] Cf. RODRIGUES, Euphrasio José. **Relatório de atividades, 1912.** Cidade de Patos, 20 de abril de 1912. Manuscrito. Série Documentos Avulsos. Arquivo Documental da Cidade de Patos.

[484] CLÍNICA MÉDICO - CIRURGICA. **Cidade de Patos.** Patos, 23 de maio de 1915. Anno I, n. 20, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

crianças amareladas e "pansudas" que Adélio Maciel identificou nas ruas, quando escreveu sobre a "Hygiene em Patos":

> [...] Temos notado o desaparecimento das febres de mao caracter, que todos os annos na epocha da estiagem, era reimardia (?) em Patos, talvez com o desaparecimento do lendário rego ou com a canalização dagua; devemos porém observar ao povo que isto não basta, é preciso cuidar das moléstias intestinaes que assolam as crianças na segunda infância e mesmo os adultos, sendo a principal a heminthiose, também chamada vulgarmente de vermes intestinaes; em medicina hoje antes previnir que curar; uma medicina que curasse somente, seria como se construissem pontes sem parapeitos como um serviço de barcos de salvamento para os que fossem cahindo; torna-se necessário o uso de filtro, que retém o parazita, o filtro deve ser vulgarizado, há filtros caros para os ricos e os há para os pobres. Os negociantes deviam mandar vir em procissão os pobres e velhos, pois assim prestavam um grande serviço a população de sua terra, sobre tudo a estas creanças pansudas que vemos ahi de um amarello sujo perambulando pelas ruas (sic)[485].

Ainda que as verminoses não fossem diretamente responsáveis pelo "enterramento" dos pobres, as muriçocas que invadiam Patos, provocando a crítica dos Borges ao Delegado de Hygiene em 1917[486], eram os principais transmissores de protozoários causadores da malária, da febre amarela e do tifo. Estas doenças foram elencadas pelo Dr. Euphasio Rodrigues, no Relatório de 1912, como as moléstias que mais figuravam na mortalidade geral dos pobres, identificadas como: "febres paludosas com mao caracter, paratiphycas e tiphicas"[487].

Na década de 1920, a malária, ou impaludismo, se somaria ao recém descoberto transmissor da doença de Chagas, o barbeiro. Ambos seriam reconhecidos pelo Coronel Farnese Dias Maciel como doença crônica dos pobres, que viviam próximos aos leitos dos rios, em Patos. A referência aparece nas memórias de sua filha, Risoleta Maciel Brandão, ao se recordar da visita de Carlos Chagas e da conversa que presenciou entre o médico e seu pai:

---

[485] A HYGIENE EM PATOS. **Cidade de Patos.** Patos, 7 de maio de 1916. Anno II, n. 67, p.1. Laboratório de Ensino e Pesquisa em História do Centro Universitário de Patos de Minas (LEPEH).

[486] CONSTA. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 14 de janeiro de 1927. Trimestre III, n.22, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[487] Cf. RODRIGUES, Euphrasio José. Op. cit., 1912. As febres "paludosas" ou "impaludismo" eram denominações comuns para a Malária e demais doenças que, se acreditava, derivavam das emanações perniciosas dos pântanos. A este respeito ver: CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996; BENCHIMOL, Jaime Larry (coord.). Febre Amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2001; NASCIMENTO, Dilene Raimundo; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (org.). **Uma história brasileira das doenças.** v.2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

> [...] Falaram de assuntos variados e entraram no campo de interesse: barbeiro, o prato do dia. Seguro de seus conhecimentos sobre o então vasto município de Patos e vizinhanças, atendendo o Dr. Carlos Chagas, meu pai enumerou os sítios infestados do inseto. Citou, outrossim, os mais castigados pelo impaludismo: terrenos maleitosos às margens do Rio Paracatu e seus afluentes ribeirões do Manabuiu e Taboca (Zona Paracatu), onde a Sezão campeava impiedosa, minando organismos, aniquilando existências[488].

Muitos pobres iam aos médicos. Quando chega a década de 1950 e, com ela, o pleno funcionamento do Hospital Regional Antônio Dias[489], a documentação oferece registros consistentes da clientela pobre que se descolava até o "Regional" em busca de lenitivo para seus males.

Dos registros de fotografia, a historiadora destaca a imagem abaixo, na qual negras de pés descalços aguardam o atendimento para si, ou para a criança igualmente descalça, que a primeira traz nos braços.



FIGURA 85: Sala de espera do Hospital Regional Antônio Dias. Década de 1950. FONTE: EFECADE, Patos, 2014.

Ou, em busca de "conforto", de acordo com a memória popular registrada por Giovanni Roncalli Caixeta Ribeiro:

> Era comum encontrar pessoas que "forjavam" suas doenças para obter, no Regional, serviços caritativos, como hotelaria. [...] os mendigos eram lavados, penteados,

[488] BRANDÃO, Risoleta Maciel. O Carlos Chagas que eu vi (Crônica sentimental sobre o grande cientista). **Estado de Minas,** 28 de janeiro de 1981. Suplemento Literário.

[489] O Hospital Regional Antônio Dias já nasceu como um "hospital público". Até a atualidade é o maior hospital público da região.

> ganhavam roupas limpas e recebiam alimentação. Ao hospital chegava também um grande número de doentes mentais, ali atendidos por falta de uma instituição mais adequada na região[490].

Todavia, no que diz respeito ao período eleito para pesquisa, qual seja, entre 1889 e 1933, os registros são esparsos. A historiadora observou que no período em questão, dois médicos, em seus próprios consultórios, prestavam assistência aos aflitos. Conforme a grafia onomatopaica do Jornal "O Riso", os matutos recorriam, nos "causos de precisão", ao "Dotô Ofrazo" e ao "Dotô João Borge".

Houve um tempo, no começo dos anos de 1910, que o Doutor Laudelino também atendeu aos necessitados, com consultas gratuitas. Mas, com a recusa da Câmara em lhe ressarcir pelo serviço, abandonou a função e pouco depois saiu de Patos, desentendido com os Maciéis[491]. O encargo recaiu sobre Euphrasio Rodrigues e João Borges. O primeiro, por ser médico da municipalidade, pago pela Câmara para o tratamento dos pobres, conforme contrato firmado em 11 de fevereiro de 1907 e publicado no Jornal "O Trabalho" de 24 de fevereiro do mesmo ano:

> A Camara Municipal da cidade de S. Antonio dos Patos, representada por Pedro Modesto da Silva, em Vice-Presidencia e Agente Executivo, em exercicio, e o Dr. Euphrasio José Rodrigues, medico residente nesta cidade, tem justo entre si o serviço medico aos pobres residentes no município, auctorisado pelo § 9º do Art. 2º da Lei de orçamento, sob as clausulas seguintes: 1ª: O Dr. Euphrasio José Rodrigues obriga-se, a prestar, em seu consultório, os serviços médicos e cirúrgicos de que precisarem os doentes indigentes que tiverem residencia no município, mediante guia dada pelo Agente Executivo ou por pessoa por este encarregada para esse fim; 2ª: No caso de verificar o Agente Executivo que há impossibilidade do doente transportar-se ao consultório, poderá requisitar, por escripto, que a visita medica seja feita em casa do doente, desde que esta esteja situada na cidade e em seus subúrbios dentro do raio de 1500 metros a contar da Casa da Camara Municipal; 3ª: O contractante obriga-se mais a determinar de combinação com o Agente Executivo uma hora, em todos os dias úteis, dentro da qual attenderá, com toda a promptidão e solicitude, os doentes pobres, que munidos da competente guia o procurarem no escriptorio. A hora será annunciada pela folha local, e não poderá ser mudada sem previo annuncio; 4ª: A Camara Municipal obriga-se a pagar ao Dr. Euphrasio José Rodrigues, por seus serviços médicos, a prestação de cincoenta mil reis (50$000) por cada mez que se vencer, até o dia 31 de Dezembro do corrente anno; 5ª: A infracção de qualquer das clausulas

[490] RIBEIRO, Giovanni Roncalli Caixeta. Contribuição à história da medicina em Patos de Minas: das origens até 1950. Op. cit., p. 67.
[491] Ver nota 334.

> deste contracto será punida com a multa de 10 a 20% da prestação mensal; que será descontado do pagamento desta; e com a de recisão do contracto, a juízo do Agente Executivo, no caso de reincidência (sic); [...][492]

Cinco anos depois de firmado o contrato, o Dr. Euphrasio informa à Câmara que: "Com obediencia ao preceito legal passo as mãos de V.V. SSª o resumo dos trabalhos que foram feitos no corrente anno de 1912; tractei 56 pobres até agora, fiz cinco operações de paracentese abdominal [...]"[493].

Quanto ao Doutor João Borges, seu empenho junto aos necessitados decorria, sem dúvida, de sua afiliação católica, o que lhe autorizava a caridade como preceito cristão. Contudo, não é exagero supor que o atendimento aos desvalidos também decorresse do seu "sobrenome" e, consequentemente, da oposição política que sua família empreendia contra os Maciéis. Não deixa de ser sintomático observar que, nos reclames pagos pelo Doutor João Borges ao jornal macielista "A Cidade de Patos", entre a propaganda do Dr. Euphrasio e a do Dr. Laudelino, consta:

> Dr. João Borges. Medico e pharmaceutico pela Faculdade de Medicina do Rio, ex auxiliar do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia (Instituto Moncorvo), com 5 annos de pratica de Hospitaes da Capital Federal. Clinica Medica, Cirurgia de urgência e Partos. Especialista em molestias de creanças. **Consultas gratis aos pobres**(sic)[494].

Mais "habilitado" por ser "pharmaceutico" e "atender gratuitamente" aos pobres, o Doutor João Borges entraria para a memória popular como um médico muito caridoso, que sempre prescrevia uma dieta à base de ovos. O que, aliás, considerando-se o perfil da clientela, era uma pertinente opção protéica. Embora não apareça nos registros pesquisados pela historiadora, é razoável supor que entre a população pobre de Patos a anemia fosse uma doença crônica...

Porém, nem mesmo a somatória dos esforços do Dr. Euphrasio e do Dr. João Borges, deslocaria da experiência cultural dos sujeitos, o socorro às benzedeiras e curandeiros. Disponíveis "a tempo e à hora", nos momentos de infortúnio tratavam com as rezas os males corriqueiros das crianças, como sapinho, vento virado, cobreiro; ou a "espinhela caída" dos

---

[492] CAMARA MUNICIPAL. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 24 de fevereiro de 1907. Ano II, n. 15, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[493] RODRIGUES, Euphrasio. Op. cit., 1912.

[494] DR. JOÃO BORGES. **Cidade de Patos.** Patos, 23 de maio de 1915. Anno I, n. 20, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas. Observe-se que a chamada de "Consulta grátis aos pobres" não aparece nos anúncios do Dr. João Borges, publicados no jornal borgista "O Riso", que circulou no mesmo período.

adultos. Os casos mais graves, às rezas se somavam todo um universo de saberes curativos, adquiridos do contato com as ervas, do repasse mnemônico e também da "precisão". Chás de mentrasto e marcela para dores de barriga; broto de mamão escaldado, com duas pitadas de sal, para estômago embrulhado; banhos de asseio com rosas brancas fervidas, para corrimento; chá de algodãozinho para limpar o útero; chá quente de artemísia, arruda, pinga e açúcar de rapadura queimado, para fazer descer a menstruação; garrafada de romã e semente de santa maria para garganta inflamada[495]. Conhecedores das artes da cura, estes homens e mulheres ofereceram lenitivo aos necessitados, através de saberes não reconhecidos pela ciência. Por isso mesmo, foram perseguidos em Patos desde o Código de Posturas de 1870:

> [...] Era proibido fingir-se inspirado por potências invisíveis ou predizer casos tristes ou alegres, com exageração a que resultasse dano ou prejuízo a terceiro. E bem assim, inculcar-se curador de moléstias por meio de feitiços, orações, tomadas por espíritos ou gestos. O infrator tomava oito dias de cadeia e pagava multa, variável de 20 a 30 mil réis[496].

Em 1907, foram definidos por nota, no Jornal "O Trabalho", como "doutores de aldeia, do campo e das matas". Em que pese a crítica do redator à cobrança pelos serviços prestados e à morte de muitos pacientes, é importante observar que o autor faz referência a uma quantidade muito razoável de curandeiros, que atendiam aos doentes na falta quase absoluta de médicos e de "boas farmácias" nos rincões do sertão:

> Distincto collaborador implicando-se com os taes douctores de aldeia, do campo e das mattas, disse muito bem: é mesmo uma peste que infelizmente grassa com intensidade nos nossos sertões, mattando tanta gente como a febre amarella antigamente na Capital Federal. Melhor será que os doentes, longe das bôas pharmacias e do medico legal, recorram á Divina Providencia, e não procurem os taes curandeiros e feiticeiros que, illudindo os incautos, querem paga pelas tisanas que administram, sem peso e sem medida. Justo, muito justo, que os poderes competentes velem contra os taes impostores da sciencia (sic)[497].

---

[495] Informações colhidas de oitiva pela autora, junto a D. Luzia Ferreira da Silva, benzedeira já falecida.
[496] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p. 69.
[497] DISTINCTO COLLABORADOR. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 12 de maio de 1907. Ano II, n. 25, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas. Muitos são os trabalhos acadêmicos que tratam do conflito entre o saber científico e o saber popular. Dentre estes, consultar: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar:** cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vicio de Leitura, 2002; CHALHOUB, Sidney et. ali. (org.). **Artes e ofícios de curas no Brasil.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003; a obra já citada de NASCIMENTO, Dilene Raimundo et ali (org.). **Uma história brasileira das doenças**, de 2004 e MACHADO, Maria Clara Tomaz. Benzeções: a gramática e os gestos transcendentes da fé. In:

A nota, publicada em 12 de maio de 1907, tinha uma razão de ser. Um curandeiro famoso, de nome "Fausto", estivera "clinicando" em Patos. A julgar pela referência que recebeu no jornal, acabara por conquistar muitos clientes, numa cidade que celebrara, em fevereiro daquele mesmo ano, um convênio de atendimento aos pobres com o Dr. Euphrasio Rodrigues. Aliás, redator de "O Trabalho" e da nota: *"Receiando que a casa cahisse, desappareceu finalmente , o celebre Fausto, para allivio dos nossos simplórios, entre os quaes havia elle descoberto uma rica mina de ouro, no exercicio da profissão de curandeiro".*[498](sic)

É importante lembrar que em 1907 estava em vigor o Código de Posturas de 1873, o que fazia de Fausto um contraventor. Em outros tempos, é certo que a mão pesada da Lei não o incomodaria. Entretanto, naquele fatídico mês de maio, o médico que publicara a nota, afirmando que o curandeiro explorava a fé dos simplórios, além de ser médico do "partido da câmara", havia sido "Delegado de Hygiene" em Araxá e, para infelicidade de Fausto, também ocupava a cadeira de Promotor de Justiça da Comarca de Patos, em substituição ao já falecido Dr. Antônio Nogueira de Almeida Coelho...

Fausto "desaparecera". Ou, pelo menos, sumira das vistas do Dr. Euphrasio.

Claro está, porém, que o episódio do sumiço de Fausto foi uma vitória apenas aparente da "sciencia" contra a sabedoria popular. Obviamente, os sujeitos resistiriam à normatização e encontrariam formas e fórmulas de driblar o olho da lei e do saber médico que ia se institucionalizando em Patos. Abraçados e protegidos pelos iguais, seriam celebrados pela memória popular justamente por seu poder. O movimento mnemônico que traz do passado os poderes de "Pai Caxengue", o feiticeiro negro "mais poderoso de Patos", tanto se articula à batalha étnica pelo reconhecimento à ancestralidade negra, quanto à batalha pelo "poder saber". Quando o "respeitado Zeca Piau" narra as peripécias de Pai Caxengue, a pergunta que se imortaliza através da pena de Geraldo Fonseca, é: quem pode mais? A ciência do branco ou a magia do preto?

> O mais famoso mandingueiro de Santo Antônio dos Patos [...] foi pai Caxengue. Desentendendo-se com outro feiticeiro, afirmou numa roda que se formara para apartar a briga, que o faria desaparecer. A ameaça foi feita à meia-noite. No dia seguinte, às seis da manhã, seu desafeto foi encontrado arquejante, em estado de coma, na entrada dos Alegres. O único meio de viagem para Alegres, naquele tempo, era a

[498] IMPLICANDO. Id. Ibid., p. 2.

> cavalo. O percurso era coberto em alguns dias de viagem. Este caso era contado pelo respeitável Zeca Piau[499].

Para a memória popular, Pai Caxengue podia tudo. Afinal, trazia no sangue africano todas as artes do fazer: "negro macumbeiro"... podia fazer moça branca se apaixonar, livrar fazenda de cobra, fechar o corpo, trazer amante de volta, aparecer, desaparecer, fazer curar e fazer morrer.

Havia que se ter medo. Para os brancos, fossem os "coronéis diplomados" ou os "soldados católicos", Pai Caxengue era um "outro", diferente de si, inapreensível. Compunha aquela parte escorregadia do tecido social, submersa em camadas imperscrutáveis de senões. Acatavam ordens e escorregavam nas leis. Amigavam com o "alheio" e se diziam solidários. Recusavam o casamento e batizavam os filhos. Esmolavam em nome de Deus e se empregavam como jagunços. Se benziam com sinal da cruz e agradeciam a proteção dos espíritos. Reclamavam da miséria e dançavam até o raiar do dia.

Os pretos, os pobres e as putas, representavam para o rico que vivia no centro a singularidade plural do "outro". Mas, não exclusivamente o outro exótico, indecifrável, resistente às normas de conduta pertinentes ao mundo do "lado de cá". Tratava-se, ainda, de um outro *assustador*.

O terror ao diferente, materializou-se numa série de referências que a historiadora encontrou ao longo da pesquisa. Desenhou-se na proibição de os escravos transitarem pelas ruas, ao cair da noite; nos tiroteios na "Rua da Barriguda"; nas fugas dos presos da cadeia; nos meninos que saíam dos subúrbios e transitavam no centro, tirando o sossego dos "bem nascidos"[500]. A molecada descalça, "pansuda" e encardida, atirava pedras nas lâmpadas, importunava as sessões de cinema, jogava bola no jardim do Coronel Arthur, armava-se de "cacetes" e ia para a porta da "Egreja", escandalizar com palavrões os ouvidos dos católicos de sobrenome:

> [...] este grande numero de creanças, verdadeiros filhos sem paes, que entre nós estão crescendo sem receber o menor vislumbre de instrucção e educação [...] É nas ruas, é nas praças publicas, é no cinema, ahi estão elles a dar a prova cabal de que vêm

[499] Id. Ibid., p. 25.

[500]O Código de Posturas de 1870 proibia o passeio de escravos na Vila de Patos, e em seus distritos, depois das 9 horas da noite, salvo a mando de seus senhores e portando autorização por escrito. Cf. FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p. 71. Sobre os tiros, o jornal "O Riso" de 10 de novembro de 1916, na coluna "Cousas Engraçadas", faz referência aos "freqüentes tiros, à noite, na Rua da Barriguda". A historiadora não encontrou nenhum indicativo de um logradouro por "Rua da Barriguda". A dedução mais pertinente é a de se tratar de um prostíbulo no bairro da Várzea. As fugas de presos foram noticiadas com recorrência, tanto no Jornal "O Trabalho" quanto no Jornal "O Riso".

> crescendo a esmo, creados á lei da natureza. A esmo é a expressão própria, em vista do péssimo, do selvagem comportamento que têm mostrado em todos esses logares e mui principalmente agora nos últimos leilões á porta da Egreja, aonde um bando de meninos armados de cacete compareceram para insultar seus collegas, faltando assim o respeito que a boa educação manda que se guarde para com as pessôas de maior idade, mais velhas (sic).[501]

Os meninos desatinados, filhos de puta porque "sem paes", se deixariam registrar pelo olho inconveniente de um fotógrafo. Em data que a historiadora não conseguiu precisar, posaram, em trio, no jardim do Coronel Arthur. À frente, o negrinho garboso, vestido com terno de algodão grosso, meteu-se atrevido, roupa e tudo, dentro da fonte do Coronel, se imortalizando através da imagem:



FIGURA 86: Crianças no Jardim. Cidade de Patos, s/d. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

O "outro" também ameaçaria a ordem, como sujeito social que se reconhece trabalhador e sai em defesa de seus direitos. A historiadora encontrou ecos de um movimento operário, contemporâneo à demolição da Capela do Rosário, em fins da década de 1920. Na primeira página da "Gazeta de Patos", publicada em 10 de novembro de 1929, os Borges registraram as ações dos trabalhadores, considerados justos no seu direito de reivindicação e pertinentes aos novos tempos. Porém, sem guia e sem "ordem", os pobres que litigavam desafiando o "princípio

[501] UM APELLO. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 20 de janeiro de 1917. Trimestre III, n.23, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas. Diante das constantes incursões dos meninos, o cronista apela ao Agente do Executivo, à época Adélio Maciel, para que se inaugure com urgência o "Grupo Escolar". O entendimento era o de que, na ausência dos pais, cabia ao Grupo oferecer educação e bons modos aos meninos.

da autoridade", bem poderiam colocar em risco a ordem "das classes", se capturados por doutrinas "anti-catholicas". O fantasma do comunismo, alardeado por "reclamos espalhafatosos", emerge no discurso dos Borges como as "doutrinas que materializavam os homens e degeneravam as mulheres".

Pelo tom das entrelinhas, a ameaça ronda. É urgente neutralizar o germe, que poderia se espalhar através dos operários patenses, desqualificando qualquer manifestação que não fosse enquadrada pelos princípios da *Rerum Novarum,* a resposta católica às reivindicações operárias[502]:

> [...] É bastante animador o movimento que se observa, por ahi além, por parte do operariado, que se arregimenta, fundando *Uniões Operárias,* para melhor defender seus legitimos interesses, e interesses de classe. A *União Operária* congrega os trabalhadores de todos os officios, para juntos tratarem do bem estar de cada um, promovendo a sua defesa, a sua instrucção, a sua educação moral, intellectual e cívica visando sempre fazer proteger e prosperar os interesses dos associados. Como "toda acção operaria deve seguir os princípios traçados na Encyclica *Rerum Novarum* e em outros documentos pontificios", para que se desenvolva em harmonia com todas as classes sociaes, e dentro do respeito ao principio de auctoridade, todos devem se guiar, na organização de *Uniões,* pelos estatutos da *Confederação Catholica do Trabalho,* de Bello Horizonte, associação modelar à qual todas ellas devem ser federadas. O operario, em seu próprio interesse, deve se congregar, para melhor vencer na vida, tendo, no emtanto, muita cautela para não se filiar a associações anti-catholicas que, com bonitos rótulos e reclamos espalhafotosos, fazem promessas retumbantes, visando antes de tudo materialisar o homem e denegerar a mulher. Patos conta jà um grande numero de operarios que, espalhados por ahi, sem organização e sem guia, luctam muita vez (quem sabe?),explorados por uns e mal - tratados por outros que ainda não se esqueceram das praticas usadas antes de 1888. Para que o operariado patense se levante, como um bloco sadio e forte, para o bem commum, é preciso que se funde, entre nós, também, a *União Operaria* de Patos, modelada mesmo pela nossa

[502]A Encíclica *Rerum Novarum- sobre a condição operária,* foi publicada em 1891, pelo Papa Leão X. O documento respondia às exigências da época, pois contextualizado no bojo do Movimento Operário que se constituia na Europa em fins do século XIX. Assentada sobre a defesa dos pobres aos quais "pertencia o reino de Deus", através da *Rerum Novarum* a Igreja Católica reafirma seus pilares, ao mesmo tempo em que permanece defendendo o direito a propriedade, os princípios de obediência e submissão, a permanência dos laços da família e as obrigações do Estado para com Deus. Sobre a *Rerum Novarum* e a doutrina social da Igreja Católica, ver: MANOEL, Ivan A. No centenário da Rerum Novarum: a doutrina católica sobre o capitalismo. **Revista da SBPH**, Curitiba, n. 7, p.23-32, 1992; e, ainda, do mesmo autor: **O Pêndulo da História**: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960). Maringá: UEM, 2004.

> visinha de Patrocinio com o seu Assistente Ecclesiastico, e federada á *Confederação* da capital do Estado (sic)[503].

Vale lembrar que as Uniões Operárias da época, não se configuravam como movimentos politicamente organizados em defesa dos direitos dos trabalhadores. Primavam, muito mais, por uma política assistencialista, com caráter protetivo para épocas de crise econômica. Tratavam da fome, da doença e da morte, amenizando os problemas das famílias trabalhadoras. Ao mesmo tempo, por esvaziarem as reivindicações políticas, mascaravam o conflito entre capital e trabalho, também "amenizando" as relações entre patrões e empregados.

Os operários de Patos marchariam sobre as ruas da cidade. Igualmente seriam registrados pela lente de um fotógrafo. A historiadora do presente trabalho também não conseguiu precisar a data da imagem registrada. Por isso, a "Passeata dos Operários Patenses" tanto pode ter inspirado a crônica dos Borges, quanto ter sido inspirada por ela. Fato é, porém, que os operários existiram. Se organizaram. Reivindicaram. E resistiram:



FIGURA 87: Passeata dos Operários Patenses. Cidade de Patos, s/d. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

Como coletividade, quando o "outro" aparece nos jornais, era objeto de conformação. Matéria genérica, era passível de ser moldada *no discurso,* dentro das normas aceitas: fossem

[503] UNIÃO OPERARIA. **Gazeta de Patos.** Cidade de Patos (Minas), 10 de novembro de 1929. Anno I, n. 14, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

as regras da encíclica papal para os operários insurgentes; fosse o Grupo Escolar para os meninos desatinados.

Contudo, há momentos em que o "outro" é individualizado, nomeado, reconhecido entre o anonimato do coletivo. E quando isso acontece, invariavelmente, trata-se de crime.

Foi através das notas de julgamentos e notícias de assassinatos que a historiadora encontrou, em 1907, José Viana Filho, vulgo Chedéu, acusado de assassinato, condenado a sete anos de prisão e Antônio José da Fonseca, o "Calango', acusado de assassinato, e absolvido[504]. Um ano depois, o mesmo José Viana Filho, agora grafado como "Xedeu", engrossaria um grupo de fugitivos da cadeia pública: *"Fugiram quatro criminosos, sendo: João Eleuterio e Paulino de tal, condemnados a 19 annos de prisão, por crime de morte; José Vianna, vulgo Xedeu, autor de um bárbaro assassinato, condemnado a 7 annos de prisão e Miguel de Tal, vulgo Miguel Barba, que aguardava julgamento."* [505]Menos de um mês depois, Paulino Garrixa, *"indivíduo atirado a valentão"*, seria morto com três tiros de carabina, desferidos por Pompilio,

> [...] que não gosta de correr, ou por que não o pudesse fazer por achar-se bastante alcoolisado, pensou que seria mais acertado eliminar o inimigo que mais tarde poderia lhe ser funesto, e assim o fez: desfechou em Paulino um tiro de carabina; este cambaleou, cahiu, e Pompilio desfechou segundo, terceiro tiros, matando-o instantaneamente (sic)[...][506].

Conforme consta na nota, embora a autoridade tenha tomado conhecimento do caso, "o assassino não foi preso".

No dia 15 de outubro seriam julgados e absolvidos, "Ladislau de tal" "pronunciado por crime de homicídio; e os irmãos Benjamim e Moysés Americano de Faria, por "tentativa de morte". A mesma sorte não teria Manoel Cascata, condenado a três meses e quinze dias de prisão por "offensas physicas"[507]. Também ficaria fora da cadeia, Albino de Aquino Nunes, que assassinou Antônio Simão na manhã do dia 3 de fevereiro de 1909, *"numa meia agua do outro*

---

[504] JURY. **O Trabalho.** Cidade de Patos, 13 de Outubro de 1907. Anno II, nº43, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[505] EVASÃO DE PRESOS. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 01 de março de 1908. Anno III, n.53, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[506]A PAZ HABITUAL. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 29 de março de 1908. Anno III, n.55, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[507] JURY. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 25 de outubro de 1908. Anno IV, n.67, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

lado da Lagôa, nesta cidade, residencia de duas marafonas, sem que se saiba, alem da cachaça, o outro móvel do crime[...] [508]

A "cachaça" justificaria boa parte dos crimes de morte cometidos pelos pobres e noticiados no jornal. Seria responsável pela "suspensão dos sentidos", a ausência de raciocínio e pelo delírio. Estes seriam, aliás, parte dos motivos apresentados pelo Dr. Euphrasio Rodrigues, para sugerir à Câmara a pesada tributação da cachaça com "álcool amylico", pois"ataca o cérebro, e produz a loucura, ataca o fígado e produz a cirrhose; sem contar os crimes que se praticam aos nossos olhos pois só ella é a causadora (sic)"[...] [509].

Entretanto, os jornais também noticiariam crimes de assassinato derivados da própria disposição do indivíduo. Como o crime perpetrado por Rodolpho, um "tarado lombrosiano" que assassinou João Landim:

> No dia 12 do corrente, às 10 horas da noite, a nossa cidade foi theatro de uma dessas scenas que por sua brutalidade e estupidez causam profunda impressão e indignação. Logo após a terminação da sessão de um dos Cinemas locaes, João Landim rapaz trabalhador e de bons costumes, por isso muito estimado, dirigiu-se para a Confeitaria do Sr. Itagyba Magalhães. Ahí chegando acercou-se de Rodolpho de tal, tambem rapaz, e com quem tinha costume de brincar e por simples brincadeira quis pegar-lhe na gravata. Rodolpho que se revelou um tarado lombrosiano de coração sinistro, de sentimentos perversos e sanguinários, calma e friamente sacou de uma pistola, sua companheira inseparável, e disparou-a contra João ferindo-o mortalmente. Ao estampido do tiro as pessoas presentes, que antes nada haviam presenciado, porque não houve sequer troca de palavras ou insultos viram a victma ferida e o assassino ainda com a arma em punho. O criminoso foi preso em flagrante e lá, na prisão onde está, parece não ter remorsos da perversidade em nome que commettera contra um rapaz que mal algum lhe havia feito. Parece incrível que num coração humano se aninhe tanta maldade, mas é possível porque o facto relatado linhas acima é a expressão da verdade. O offendido veio a falecer no dia seguinte às 10 horas da noite[510].

"Rodolpho de tal" era, muito provavelmente, negro. Dificilmente o cronista adjetivaria o assassino de João como "lombrosiano", se as suas características físicas não correspondessem ao perfil do "Homem Delinqüente" traçado por Cesare Lombroso em 1876 e atualizado no

---

[508] ASSASSINATO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de fevereiro de 1909. Anno IV, n.73, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

[509]RODRIGUES, Euphrasio José. Op. cit., 1912.

[510] ASSASSINATO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 20 de novembro de 1921. Ano I, n. 10, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

panorama étnico do Brasil, por Nina Rodrigues em 1894[511]. Negro, mulato, de "maus costumes", sinistro, de sentimentos perversos, sanguinário, Rodolpho, o assassino, era a antítese da vítima. Ao contrário de Rodolpho, João possuía bons costumes. Era muito estimado e, pelo o que se infere da narrativa, João também não possuía vícios. Ele saiu do cinema e ao invés de se deslocar até um botequim, foi ao encontro da morte... em uma confeitaria. João, o moço bom, morto pela perversidade de Rodolpho, certamente também era negro. Entretanto, diferente do seu algoz, não se permitiu seguir o caminho "natural" que a genética lombrosiana lhe imputava. João, ao contrário de Rodolpho, fizera opção *pelo trabalho.*

Seria, portanto, no *trabalho* e na condição de *trabalhador,* que os cronistas de Patos gradariam os crimes de morte cometidos pelos pobres. É provável que os jurados que absolveram muitos dos réus acusados de homicídio, também tenham sido convencidos pelo argumento do "trabalho". A historiadora, infelizmente, não acessou os processos crimes alocados no Fórum Olympio Borges de Patos de Minas. Como já disse, a pesquisa acadêmica impõe recortes, pois, caso contrário, não se finda. Entretanto, os processos lá estão: vozes sussurrantes de um passado, que convidam os historiadores do futuro a irem a seu encontro. Por aqui, a historiadora recuperou de suas incursões uma esclarecedora nota de assassinato. Publicada no Jornal "Cidade de Patos", em 8 de outubro de 1916, a nota informa sobre um assassinato cujos autores *não têm nome.* São, outrossim... *trabalhadores.* Nomeada foi a "vítima", José Gabriel Rochael da Silva, ou o *algoz,* dependendo do lado que se observa a cena:

> No dia 4 do corrente a turma de trabalhadores da linha de automóvel assassinou a tiros de carabina José Gabriel Rochael da Silva, quando este por questões de mulheres que tinha com um dos trabalhadores, vinha em aggressão da mesma que se achava no serviço. Aguardamos pormenores (sic)" [512].

O autor da nota não esconde a leitura que faz do episódio. O crime não foi perpetrado por criminosos "lombrosianos" que calculadamente fuzilaram José Gabriel. Ao contrário. Todos eles, ao desfecharem no agressor "tiros de carabina" *fizeram justiça* à mulher que estava sendo agredida. E, mais: *que se achava no serviço.* Não era, assim, nenhuma "marafona", mulher perdida que estaria "se dando ao desfrute", causando arrelia entre os homens. Vista a

[511]RODRIGUES, Raimundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.** 2 ed. Salvador: Progresso, 1957; LOMBROSO, Cesare. **O homem delinqüente.** Tradução de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2013. (Coleção Fundamentos de Direito).

[512] ASSASSINATO. **Cidade de Patos.** Patos, 8 de outubro de 1916. Anno II, n. 88, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

cena pelo prisma do cronista, José Gabriel, portanto, não foi vítima. Foi, isto sim, um verdugo, justamente eliminado.

O lugar ocupado pelo pobre dentro do universo de normatização dos ricos, seria fator determinante para definir o seu trânsito *fora* do subúrbio, fosse a Várzea ou a Beira da Lagoa. Se *trabalhador*, formalmente empregado, tratar-se ia de "gente de bem", de bons costumes. Neste caso, pretos e pardos poderiam freqüentar, sem incômodos, o cinema, a confeitaria e até os jardins, desde que civilizadamente vestidos. O sinal discricionário seria, obviamente, a "gravata". Tal qual usava o famigerado Rodolpho, quando, infelizmente, "se revelara" um *tarado lombrosiano*.

Todavia, há que se considerar que dentro da intrincada rede que articulava lugar social e pertença étnica, o indivíduo bem poderia deixar de ser preto. Ou mulato. O cronista que publicou a nota sobre o "justiçamento" efetuado pelos trabalhadores da companhia de automóveis, bem sabia disso. Afinal, o Dr. Euphrasio Rodrigues, médico, redator, vereador, delegado de hygiene e promotor... era negro.



FIGURA 88: À esquerda, sentado, Dr. Euphrasio Rodrigues. À direita, sentado, Zama Alves e suas respectivas famílias. Cidade de Patos, s/d. FONTE: Mello, Antônio de Oliveira, 1992.

Em nenhum dos registros documentais escritos ou mesmo na crônica memorialística de Patos de Minas, a historiadora encontrou *qualquer referência* ao fato de que

o Dr. Euphrasio fosse negro. Ou mulato, caso se prefira[513]. Da mesma forma, também não eram "exatamente brancos", o baiano Marcolino de Barros e o Coronel Augusto Ferreira da Silva. Mas, tal qual o Doutor Euphrasio, passariam por um processo de "branqueamento ideológico" estritamente relacionado à sua condição sócio – econômica.[514] Conforme esclarece Andreas Hofbauer, o princípio de "branqueamento da raça", dentro da história do Brasil, pode ser compreendido como:

> [...] um ideário historicamente construído (uma "ideologia", um "mito") que funde *status* social elevado com "cor branca e/ou raça branca" e projeta ainda a possibilidade de transformação da cor da pele, de "metamorfose" da cor (raça). Ao atuar como interpretação do mundo (das relações sociais), esta construção ideológica foi fundamental para a manutenção da ordem social. Chamar a atenção para a cor de pele escura (ou "traços raciais negróides") era uma grave ofensa, sobretudo para aqueles que buscavam ascender socialmente. Enquanto as palavras "negro" e "preto" estavam intrinsecamente associadas à vida escrava, a cor branca estava ligada ao *status* de "livre" [515].

Como ocorreria em diversas localidades do Brasil escravagista, uma série de condições, dentre elas o patrimônio, seria responsável por "minimizar" o negrume da pele, conferindo a certos negros e pardos um lugar social historicamente restrito aos brancos. Assim, muitos ascenderiam, dentro da hierarquizada sociedade brasileira, "branqueados" pela riqueza e pelas relações pessoais. É o que observou o alemão Johann Moritiz Rugendas, em 1835, nas suas *Viagens através do Brasil*: "Quando circunstâncias favoráveis, riqueza, relações de família, ou talentos pessoais tornam um homem recomendável, qualquer degradação da cor o faz passar por branco, tanto mais facilmente quanto os brancos são muitas vezes bastante morenos [...]"[516].

Na cidade de Patos, a metamorfose étnica de homens como o Dr. Euphrásio, Marcolino de Barros e o Coronel Augusto, decorreu diretamente da sua fortuna. Se não "inteiramente brancos", a riqueza fez deles homens "morenos". E, como tal, aptos a se casarem com moças

---

[513] Zama Alves Pereira, que aparece na imagem com o Dr. Euphrasio, também mulato, foi um dos fundadores da União Recreativa dos Trabalhadores, a "URT". Este time de futebol rivalizaria com o "Mamoré", agremiação "apadrinhada" pelos Borges.

[514] Também era negro o Padre Manuel de Brito Freire, que esteve à frente da Paróquia de Patos entre 1867 e 1875. A pertença étnica do Padre Brito é destacada por Geraldo Fonseca, na obra já citada de 1974 e, da mesma forma, pelo Pe. Nilson André Fernandes, em trabalho de 2012. Contudo, é interessante observar que o nome do Padre nomeia um dos logradouros do atual centro de Patos de Minas: a "Rua Padre Brito", localizada no interregno do bairro da Várzea e do centro foi, na década de 1950, referência... das casas de meretrício.

[515] HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão.** São Paulo: Editora da UNESP, 2003, p. 176.

[516] RUGENDAS, João Maurício. **Viagens através do Brasil.** (1835). São Paulo, Belo Horizonte: Edusp, Itatiaia, 1979, p. 276.

brancas, herdeiras de abastados fazendeiros. No caso do Dr. Euphrasio, ele se casaria com Maria Alves Beluco, filha do Coronel Daniel Beluco, de Lagoa Formosa. Marcolino de Barros se casaria com Julieta Maciel, filha do Coronel Antônio Dias Maciel. Já o Coronel Augusto Ferreira da Silva, preferiu se casar com uma moça cuja pele era tão "trigueira" quanto a dele. Ao que tudo indica, a propriedade de uma extensão quase absurda de terras, parte das quais se converteria no município de Presidente Olegário, "prescindiu" o Coronel de branquear sua prole, através do casamento. Afinal, pelos cânones ideológicos da época, ele "já era branco". A julgar pelo tamanho do seu patrimônio, o Coronel Augusto era praticamente... um "nórdico"!



FIGURA 89: Marcolino Ferreira de Barros e Família. s/d.
FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas

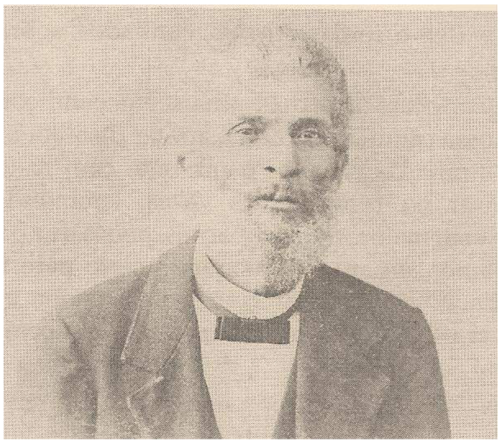


FIGURA 90: Cel. Augusto Ferreira da Silva, s/d. FONTE:



FIGURA 83: D. Anna Gonçalves da Motta, esposa

MACIEL, Newton Ferreira da Silva, 2011.

Do Cel. Augusto Ferreira da Silva, s/d. FONTE: MACIEL, Newton Ferreira da Silva, 2011.

Ainda que os universos culturais se imbricassem, permitindo uma ampla circulação de valores, através de relações tão ambíguas quanto conflitantes, é lógico que a cultura produziria pertenças, pertinentes à especificidade dos grupos. Distantes do mundo dos ricos, brancos ou "morenos", uma legião de negros e outros pobres compartilhariam, na Várzea e na Beira da Lagoa, outros signos discricionários.

Nesse outro mundo, emergiriam outros senhores. No cotidiano, no dia a dia do sol a sol, são os senhores das sabedorias, das artes da cura, dos partos, dos causos, das histórias de outros, de "outros tempos", que transmitidas pela memória, presentificam a ancestralidade. Através das narrativas, os senhores do tempo reconfiguram a dimensão do "eu": são os velhos e velhas que, "proseando" na beirada dos fogões, e reascendendo os pitos nos gravetos em brasa, acimentam... as *identidades*.

Nesse mundo cortado pela fome e pela morte, paradoxalmente, sempre teve festa. Festas de louvor e de comemoração, festas sagradas, festas profanas. Por mais que as posturas tentassem normatizá-las, colocando na ilegalidade a "algazarra" dos batuques e cateretês, seus sons nunca deixaram de ecoar.

Era festa quando se matava porco. Era festa quando chegava a "caridade". E, até a atualidade, é festa, dias a fio, para se louvar os santos reis. Na virada de 24 para 25 de dezembro, estão nas ruas da cidade, reinventando uma tradição que nasce, originariamente, no campo[517].

O fenômeno da urbanização das Folias no município, decorreu do êxodo rural, que marcou a história demográfica do Brasil, durante a ditadura militar inaugurada em 1964. Seduzidas pela propaganda desenvolvimentista de um "país que ia para frente", as populações rurais migraram, quase em massa, do campo para a cidade, em busca de melhores condições de vida. Com elas, sem dúvida, vieram suas tradições. Desse ponto de vista, as Folias de Reis de Patos de Minas, além de significarem a louvação aos reis magos e a anunciação do nascimento de Jesus Cristo, passaram a agregar uma significação sócio-cultural: a ligação com a identidade rural. Logo, a interpretação anual das Folias no novo espaço da dramaturgia é, também, na

[517] Sobre a religiosidade popular e suas manifestações, dentre elas as Folias de Reis, consultar: MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais:** caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985). Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 1998; da mesma autora: Religiosidade no cotidiano popular mineiro: crenças e festas como lugares subversivos. **História & Perspectivas,** Uberlândia: EDUFU, n.22, p. 215-225, 2000 e Folias de Reis: Liturgia do povo recriando o mistério da vida. In: Rosangela Patriota; Maria Clara Tomaz Machado. (Org.). **Histórias e Historiografia:** perspectivas contemporâneas de investigação. Uberlândia: Edufu, 2003, v. 1, p. 35-58. Ver também: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Deuses do Povo**, Uberlândia: Edufu, 2007.

grande maioria dos casos, uma re-ligação com a identidade rural deixada para trás. Conforme lembra Maria Clara Tomaz Machado,

> Antes de tudo a Folia de Reis é uma festa coletiva que comemora uma crença popular. A festa é nesse sentido, o outro momento da realidade ordinária na existência de homens comuns. Como parte integrante da vida cotidiana, marcada pela exaustiva jornada de trabalho, a festa, como uma síncope, quebra esse ritmo, proporcionando o lúdico, mágico aflorar das sensibilidades e emoções contidas. Como revela Bakhtin, as práticas culturais populares não pertencem ao domínio da arte. Elas se situam entre arte e a vida. É a própria vida muitas vezes representada. Nas festas populares os espectadores não assistem, eles a vivem, elas existem para o povo e todos delas participam intensamente. Daí a festa ser o meio pelo qual podemos intervir no cotidiano popular[518].

A fé nos Santos Reis_ muitas vezes interpretados como "*um* santo muito poderoso e milagreiro" _ impulsiona as visitas e os pedidos de esmolas pelos foliões às residências dos devotos. Este caráter deambulatório associa-se, simbolicamente, à peregrinação dos Santos Reis ao local de nascimento de Jesus. São os "giros", que acontecem a partir da passagem do dia 24 para 25 de dezembro, e que se encerram, geralmente, no dia 06 de janeiro.

A memória popular registra, porém, que "antigamente" a festa e o festar, a assinatura profana de manifestação da religiosidade popular, é o que marcavam a devoção aos santos reis.

> [...] Quando eles falavam "folia" é de gente à toa, só para andar para comer, isso naquela época [...] Inclusive os padre não apoiava por causa da bebedeira. Pra sair com a Folia tinha que tirar licença, vim aqui no delegado. Senão, se saísse com a folia e alguém viesse dedar para autoridade, ia lá a Polícia, se teimasse, prendia. Acabô a folia, tinha que parar (sic)![519]

A Igreja não lhes reconhecia a existência. A polícia lhes exigia autorização. Mas, nas fímbrias escorregadias dos interditos, as Folias de Reis sempre saíram. Capitães, palhaços, saqueiros, violeiros, sanfoneiros, tocadores de tambor... iam de casa em casa: louvando os três reis magos, abençoando os casebres dos pobres, esmolando nas casas dos ricos. As esmolas produziam a festa, se convertendo em banqueteria: arroz, frango, pelota, mandioca, tutu, farofa, doce de leite, doce de mamão, queijo... cachaça. Cachaça para abrir o apetite, para limpar a voz,

---

[518] MACHADO, Maria Clara Tomaz. Op. cit.,1998, p. 210.

[519] JOSÉ Davi Sobrinho. Capitão da "Folia do Aragão". Entrevista gravada em 10 dez. 2008. Apud: DIRETORIA de Memória e Patrimônio Cultural. **Folias de Reis.** Dossiê de Registro de Patrimônio Imaterial. Patos de Minas: Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 2014. Não Publicado.

para continuar o giro, para alegrar os espíritos. Depois da janta, do doce e da cachaça, o jogo de truco e a roda de viola... [520]

Neste mundo outro, sagrado e profano, também emergem outros nobres. Uma corte de reis, rainhas e princesas, ressurge ao sol quando é chegado o mês de outubro. Representados por "Berenice", a negrinha que tinha asas nos pés, a corte convida a seguir o cortejo dos Congos e dos Moçambiques[521].

Das entrelinhas da documentação, a historiadora sabe que há muito, quando a Igreja da Rosário se erguia, delicada e altaneira, no arrabalde de Patos, "Berenice" e os seus fincavam os pés descalços na terra batida e seguiam dançando. Descendo "lá de cima", ou vindos "lá de baixo", a nobreza negra se encaminhava à Igreja do Rosário rememorando nos passos e nos cantos as suas origens.

Nos tempos do Major Jerônimo, o cortejo de congadeiros atravessava a Villa de Santo Antônio dos Patos à noite. Como em diversas outras localidades, os festejos se encerravam com os "quimbêtes", as danças em redor das fogueiras, acesas provavelmente de frente a Capella do Rosário[522]. Até o raiar do dia, os negros dançariam sob o som dos atabaques. Mas, também como em outras localidades, o Código de Posturas de 1870 proibiria os quimbetes ou "reinados" à noite, e sem o acompanhamento do Juiz da Irmandade do Rosário[523].

Desse período, a memória do Seu "Tião Chapotó" reivindica para o "Terno de Congado Nossa Senhora do Rosário" a herança fundadora. Negro alto, luzidio, perto dos seus oitenta anos, contou a Geenes Alves, com voz ainda impressionante e firme, que o Terno remonta ao "tempo da escravidão":

---

[520] As Folias de Reis seriam "normatizadas" na década de 1960, através da ação pastoral do Bispo Dom Jorge Scarso, do radialista Wulfrano Patrício e do prefeito Sebastião Alves do Nascimento, o "Binga". Os giros foram agregados ao "Festival Anual de Folias de Reis", promovido pelo Rádio Clube e os donativos, ajuntados na expressão *Campanha*, destinados aos pobres assistidos pelo dispensário São Vicente de Paulo. Ressalte-se, porém, que mesmo na atualidade, quando o processo de ordenamento das Folias já se concretizou, os foliões encontram brechas para "driblar a norma". Nem sempre os donativos são destinados, integralmente, à "campanha" da Folia. Não raro, uma parte é destinada ao *festar*e e à prática caritativa da própria Folia, a qual ajuda necessitados que não se conformam às regras do Dispensário.

[521] Sobre o tema ver: CARMO, Luiz Carlos do. **Salve o Rosário, o Rosário Salve.** Sentidos e modos de viver da população negra no Brasil central. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tese de Doutorado em História, 2005; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram:** recriação dos sentidos do sagrado e do profano no congado de Nossa Senhora do Rosário. Brasília: Universidade de Brasília. Tese de Doutorado em História, 2009; BRASILEIRO, Jeremias. **O ressoar dos tambores do congado - entre tradição e contemporaneidade:** cotidiano, memórias, disputas (1955-2011). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado em História, 2012.

[522] Cf. GAIO SOBRINHO, Antônio. **Memórias de Conceição da Barra de Minas.** Belo Horizonte: Editora Imprensa Universitária/UFMG, 1990, p. 139 -140.

[523] FONSECA, Geraldo. Op. cit., 1974, p. 70.

> O Terno de Gongado Nossa Senhora do Rosário surgiu em Patos de Minas em meados do século XIX, ou seja, há mais de 150 anos atrás, ainda no tempo da escravidão, conforme salienta o senhor Sebastião Belchior Basílio, popularmente conhecido como Tião Chapotó, atual capitão. Seu Tião conta que as primeiras lembranças de sua infância são de seu pai e sua mãe participando das danças e ritos do Congado. O Grupo e a tradição são tão antigos que nem seu pai, quando vivo, sabia dizer quando teria sido fundado e quem foram os responsáveis por isso. Dos líderes mais antigos de seu tempo, Tião Chapotó lembra-se com carinho do saudoso José Olímpio da Silva, grande capitão[524].

Das proibições do Código à retirada da Capela do Rosário do centro de Patos, foram quase cinqüenta anos. Porém, quando a "Igreja do Rosário", erguida na antiga "Beira da Lagoa", abriu suas portas em 1929, a normatização imposta desde 1870, já havia sido assimilada. Até a atualidade, os Ternos de Congados e Moçambiques que sulcam as ruas de Patos de Minas em Outubro, o fazem à luz do dia. Circunscritos aos limites do Bairro do Rosário, continuam "longe das vistas" dos que transitam pelo centro...

É certo que o processo histórico, que esculpiu a face atual da celebração, foi eivado de embates e negociações. Cabe recuperá-lo. As vozes que contam dele, os passos que dançam sobre o chão das memórias, são chamados que, insistentemente, convidam a historiadora. Lá do passado, a pequena "Berenice" acena, segurando ansiosa uma das fitas da bandeira. Contudo, não sem pesar, para a historiadora que reconheceu a face da menina, a incursão se finda. Para o futuro, esse aberto de possibilidades, a escrita da história permanecerá como a memória: uma "porta estreita pela qual pode entrar o Messias". Berenice também aguardará que futuros historiadores viagem a seu encontro. E do passado, junto dos seus, sua voz nos encontrará, a todos, em um brado de redenção e de fé: *Viva Nossa Senhora do Rosário!*

[524] ALVES, Geenes (Silva). **Os grupos de Patos de Minas.** Patos de Minas: Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural da Prefeitura de Patos de Minas, 2014. Não publicado.

considerações finais

Concluída a pesquisa e os entrelaçamentos textuais, cabe à historiada, agora, tecer suas considerações finais.

Se comparados à década de 1980, quando os estudos históricos sobre a "cidade" colocaram o tema na ordem do dia, atualmente a temática parece meio esquecida. Num certo sentido, as discussões que pautaram os estudos de forma inovadora na década áurea das pesquisas, aparentemente se exauriram. Pensar a "cidade" no Brasil, muitas vezes nos conduziu a reflexões miméticas, nos levando a enxergar quase sempre as mesmas coisas em lugares diversos.

Ao pesquisar a construção da cidade de Patos de Minas no contexto da velha República, a historiadora deste trabalho compreendeu que, enquanto temática, a "cidade" ainda produz seus frutos. Aliás, muitos frutos.

A começar pela especificidade. Deslocando-se o olhar dos grandes centros para as cidades erigidas no interior, ainda que uma série de elementos guarde entre as cidades a repetição de característicos como, por exemplo, a gerência do espaço por elites latifundiárias ou códigos de posturas semelhantes, *por óbvio*, os sujeitos que participaram do processo histórico *são diferentes*. Trazê-los à cena, observá-los, nomeá-los, persegui-los, compreender seus propósitos e suas articulações, por si só, devolve à cidade pesquisada uma identidade específica, que, muitas vezes, o historiador deixa de observar em meio à formatação dos conceitos.

A historiadora deste trabalho também compreende que o olhar necessário às camadas populares não significa, por suposto, o silenciamento sobre os sujeitos que compunham as elites. Entende mais: quando nos silenciamos sobre as memórias de determinados sujeitos, porque em defesa de uma memória silenciada, ao termo do processo apenas invertemos a fórmula de "vencedores e vencidos". Uma história redimida requer tanto o enfrentamento dos silêncios quanto uma escrita *às claras*. A compreensão do presente é exigente disso.

Considerando-se a pesquisa realizada, a historiadora guarda a sincera expectativa de que o trabalho possa inspirar outros historiadores, em outras jornadas. Sobretudo, no sentido de pensar, de forma bem mais rigorosa, a constituição da cidade mediante relações sociais que se dão *entre sujeitos sociais,* considerados no tempo e nos *espaços*. Observada a partir da trama complexa de relações, não raro conflitantes, a cidade ressurge sob os olhos do historiador como produto de *cultura*. Enquanto tal é obra humana: de pessoas, gente de carne e osso. Gente com

nome e gente sem sobrenome. Nomeados e anônimos. Suas práticas e, sim, o embate entre as suas representações, tomam outra forma: preenchem-se de cheiros, sons, sabores, saberes...

A mesma expectativa, a historiadora guarda com relação, especificamente, a Patos de Minas. É seu sincero desejo que o presente trabalho possa conduzir outros pesquisadores a outras incursões. Como objeto, é claro que a cidade se revela permanentemente *prenhe* de possibilidades. Elas não se esgotam nunca. Isso, afinal, nos ensinou Marc Bloch: é o *presente* que instiga a reflexão sobre o passado.

A historiadora espera que outros pesquisadores possam refletir, sobretudo, acerca dos embates. Ainda que a representação de cidade tranqüila e festeira seja reconfortante, é certo que o cotidiano dos sujeitos oferece uma miríade de "indagações". Compreender que a cidade se erigiu por sobre conflitos, travados entre sujeitos muito concretos, é a via para a compreensão do seu próprio presente. E, dentro dele, do teor das disputas políticas que permanecem sendo travadas no e pelo espaço, anelando-se, inclusive, aos caminhos do Campus Patos de Minas da Universidade Federal de Uberlândia.

A historiadora deste trabalho sabe que a disciplina da História já não ostenta mais a pretensão de ser *magistra* da vida. Porém, permanece convicta de que a transformação assertiva do presente, requer o enfrentamento corajoso do próprio passado. Ao despedir-se de Patos de Minas, ela espera, sinceramente, que sua pesquisa possa contribuir para que seus cidadãos construam um novo futuro.

referências

D O C U M E N T A Ç Ã O

1. Documentos de Imagens (Figuras, Mapas e Gráficos)

Figuras

AGGEO Pio & Cia. **Marcolino de Barros.** 1895. Suporte em papel e digital. Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

ALVES, Porphirio. D. Flaviana Rosa e Cel. Antônio Dias Maciel. Carmo do Paranahyba, s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

ALVES, Saulo. **Av. Getúlio Vargas.**Vista aérea, s/d. Suporte digital. Disponível na página "Panorâmio", em: <www.panoramio.com> Acesso em 12 dez. 2013.

ALVES, Saulo. **Vista panorâmica de Patos de Minas.**2008. Suporte digital. Disponível na página "Panoramio - Photos of the Word". <http://www.panoramio.com/photo/4596263> Acesso em: 20 jan.2014.

APRESENTAÇÃO Teatral: São Venâncio. Cidade de Patos, 1918. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

ARTESANATO em Palha, Marias Artesãs.2011. Suporte digital. Disponível na página "Patos Urgente", em: <http://www.patosurgente.com.br/noticias/detalhada/5048/Marias-Artesas-ja-estao-presentes-no-Salao-Internacional-de-Artesanato-no-DF> Acesso em 24 nov. 2013.

AVENIDA Champs Élysées.Vista aérea. Paris, 2008. Suporte digital. Disponível na página "Rejseguide365DK", em: <http://www.rejseguide365.dk/paris/champs-elysees/> Acesso em 06 dez. 2014.

AVENIDA Getúlio Vargas. Cidade de Patos, 1934. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

AVENIDA Getúlio Vargas. Sentido sul. s/d. Suporte digital. Disponível no Portal da Prefeitura de Patos de Minas: <http://patosdeminas.mg.gov.br> Acesso em 18 jan. 2014

AVENIDA Getúlio Vargas. Vista aérea, 2008. Suporte digital. Disponível no Portal da Prefeitura de Patos de Minas: < http://patosdeminas.mg.gov.br> Acesso em 18 jan. 2014.

AVENIDA MUNICIPAL. Em segundo plano, trabalhadores indo em direção à Várzea. s/d. Pasta Logradouros Antigos. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

AVENIDA Piauí, em Patos de Minas.s/d. Suporte digital. Disponível na página "Skyscrapercity. com": <http://www. skyscrapercity.com/showthread>Acesso em 25 jan. 2014.

BERNARDINO Antônio Borges e Família. s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

CAPITÃO João Antônio Borges. [Século XIX]. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

CARVALHO, Arminda A. Gomes. **Painel n. 2: Terminal Rodoviário José Rangel.**2014. Suporte digital. Registro de imagem: 01 fev. 2014.

CASA de Adélio Maciel. Visita de Carlos Chagas a Patos. 23 de nov. de 1923. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

CATEDRAL de Santo Antônio.Parte de trás. s/d. Suporte digital. Disponível na página "Panorâmio", em: <www.panoramio.com> Acesso em 12 dez. 2013.

CATEDRAL de Santo Antônio. Vista frontal. s/d. Suporte digital. Disponível no Portal da Prefeitura de Patos de Minas: < http://patosdeminas.mg.gov.br> Acesso em 18 jan. 2014

CINEMA Magalhães e Residência do Cel. Arthur Thomaz de Magalhães. Cidade de Patos, 1926. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

CLÉRIGO e meninos. Arquivo da Família Borges. Cidade de Patos, s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

COLÉGIO Marista de Patos de Minas.2012. Suporte digital. Disponível na página "Notícias das Gerais", em: <http://www.noticiasdasgerais.com.br/noticias/colegio-marista-da-exemplo-de-sustentabilidade-e-contribui-para-o-planeta> Acesso em 06 dez.2014.

CORONEL AUGUSTO Ferreira da Silva. Cidade de Patos, s/d. Suporte em papel. FONTE: MACIEL, Newton Ferreira da Silva. **Tempos idos e vividos.** Patos de Minas: 2011, p.134.

CORONEL Farnese Dias Maciel e Família. s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

CORONEL Farnese Dias Maciel. s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

CRIANÇAS NO JARDIM. Cidade de Patos, s/d. Suporte em papel e digital. Pasta: Logradouros Antigos. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

CRUZ, Selma. **Lagoa Grande.** 2012. Suporte digital. Disponível no Portal da Prefeitura de Patos de Minas. < http://patosdeminas.mg.gov.br> Acesso em 02 dez. 2012.

D. ANNA GONÇALVES da Mota. Cidade de Patos, s/d. Suporte em papel. FONTE: MACIEL, Newton Ferreira da Silva. **Tempos idos e vividos.** Patos de Minas: 2011, p.134.

D. SERAFINA Corrêa Borges. s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

DEIRÓ Eunápio Borges e Família. Cidade de Patos, s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

DIAS, Bastos. **Amadeu Dias Maciel.** Rio de Janeiro, s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

DIAS, Bastos. **Jorgeta Dias Maciel.** Rio de Janeiro, s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

DR. ADÉLIO Dias Maciel. 1900. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

DR. ANTÔNIO NOGUEIRA Coelho. s/d. Suporte em papel. FONTE: Fotocópia de Biografia. Obra sem referência. 1974, p.85-87. Arquivo Documental de Patos de Minas, Pasta: Famílias Tradicionais.

Dr. EUPHRASIO RODRIGUES, Zama Alves e famílias. Cidade de Patos, s/d. Suporte em papele e dighital. FONTE: MELLO, Antônio de Oliveira.**Patos de Minas Centenária.** Patos de Minas: Ed. Santa

Edwiges, 1992. Disponível na página “EFECADEPATOS”, link Fotos/Década de 1920, em: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=4908> Acesso em 10 jan. 2014.

DR. OLEGÁRIO Maciel. Assembléia Legislativa Provincial de Minas Gerais, 1882. Suporte em papel e digital. Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

ENTRADA principal do UNIPAM - Centro Universitário de Patos de Minas.2013. Suporte digital. Disponível na página “Patos em Destaque”, em <http://www.patosemdestaque.com.br/noticias/?n=W4Z0XnRhe3> Acesso em 06 dez.2014.

ESCULTURAS de Patos.Entrada sul de Patos de Minas. 2013. Suporte digital. Disponível na página “Turista Virtual”: <www.virtualtourist.comtravel>Acesso: 24 Nov.2013.

GETÚLIO Vargas e Olegário Maciel (em primeiro plano). Fazenda da Floresta, Belo Horizonte, 1933. Suporte em papel e digital. Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

HOSPITAL Regional Antônio Dias Maciel. Cidade de Patos, 1930. Suporte em papel e digital. Fonte: RIBEIRO, Giovanni Ronacalli Caixeta. Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950. **Revista Alpha,** v.9, 2008, p. 74.

JACQUES Dias Maciel. Belo Horizonte, s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

LARGO da Matriz de Santo Antônio.Século XIX. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

LARGO da Matriz. Igreja Matriz de Santo Antônio. Cidade de Patos, 1905. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

LARGO do Rosário: Coreto (primeiro plano) e Capela do Rosário (segundo plano). Cidade de Patos, 1912. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

MAJOR Jerônimo Dias Maciel. s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

MAJOR Sesóstris Dias Maciel e família. 1909. Fotografia tirada no Rio de Janeiro, antes do embarque da família para Paris. Suporte em papel. Fonte: FONSECA, Geraldo. **Domínios de pecuários e enxadachins**: história de Patos de Minas. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974, p.403.

MEMORIAL do Milho.2013. Suporte digital. Disponível na página “Fenamilho, 2013”, em: <http://www.fenamilho.com.br/2013/memorial/> Acesso em 06 dez. 2014.

MERCADO Municipal de Patos de Minas.2014. Suporte digital. Disponível na página “Patos Hoje”, em: <http://www.patoshoje.com.br/noticia/ministerio-publico-aciona-a-justica-contra-o-mercado-municipal-e-a-prefeitura-20301.html> Acesso em 16 fev.2014.

MONUMENTO das Três graças.2013. Suporte digital. Disponível na página “Patos Hoje”, em: <http://www.patoshoje.com.br/noticia/desleixo-com-cartao-postal-no-centro-de-patos-de-minas-e-motivo-de-preocupacao-19627.html>Acesso em 18 jan.2014.

MOURÃO, Sérgio. **Escola Estadual Marcolino de Barros**. s/d. Suporte Digital. FONTE: Patos de Minas, MG, Cartões Postais. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/sergio_mourao/sets/72157627023603481/> Acesso em 10 jan.2015.

NORMALISTAS e Escola Normal (em segundo plano). Cidade de Patos, s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

OLEGÁRIO Maciel, Carneiro Resende, Levindo Coelho, Luiz Pena, Alaor Prata, Francisco Campos, Arthur Bernardes. Na segunda fileira, da direita para a esquerda: Farnese Dias Maciel. Belo Horizonte, 1930. Suporte em papel e digital. Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de. **EE Marcolino de Barros**. Av. Getúlio Vargas.Patos de Minas,2013. Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de. **Antiga residência de Adélio Maciel**. Rua Olegário Maciel.Patos de Minas,2013. Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de.**Antiga residência de Antônio Cândido Borges**. Travessa dos Queiroz, Patos de Minas, 2013.Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de. **Antiga residência do Cel. Arthur Thomaz de Magalhães.** Av. Getúlio Vargas. Patos de Minas,2013. Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de.**Antiga residência do Dr. Itagyba Ferreira da Silva**. Esquina da R. General Osório c/Av.Getúlio Vargas.Patos de Minas,2013. Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de.**Antiga residência do Dr. João Borges**. Esquina do "Beco da Zélia" com a Rua Deiró Borges, Patos de Minas, 2013.Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de.**Busto de Olegário Maciel.** Av. Getúlio Vargas.Patos de Minas,2013. Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de.**Casa de Olegário Maciel** - Museu da Cidade de Patos de Minas, Av. Getúlio Vargas. Patos de Minas,2013. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de.**Catedral de Santo Antônio de Pádua.** Patos de Minas,2013. Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de. **EE. Antônio Dias Maciel, "Escola Normal"**. Av. Getúlio Vargas.Patos de Minas,2013. Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de.**Vista frontal do Cruzeiro. R**eferência à antiga Matriz de Santo Antônio**.** Patos de Minas, 2013.Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de.**Vista lateral da Praça Dom Eduardo.** Patos de Minas, 2013.Suporte digital. Registro de imagem: 21 jan. 2013.

ORDÁLIA Maciel e seu esposo, Dr. Antônio Dias Maciel (Tonico). s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

PALACETE Amadeu e Jorgeta Maciel. Avenida Getúlio Vargas,s/d.Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

PALACETE Amadeu Maciel. 1916. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

PARQUE de Exposições/*Fenamilho* 2013.Suporte digital. Disponível no *profile* de Facebook da Fenamilho: <www.facebook.com/fenamilho> Acesso em: 20 jan.2014

PASSEATA DOS OPERÁRIOS PATENSES. Cidade de Patos, s/d. Suporte em papel e digital. Pasta: Logradouros Antigos. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

PINTO, Fortunato. **Dr. Marcolino de Barros e família.** Cidade de Patos, s/d. Suporte em papel e digital. FONTE: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2014.

PINTO, Fortunato. **Família.** Arquivo da Família Borges. Cidade de Patos, s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

PINTO, Fortunato. **Inauguração do Grupo Escolar Marcolino de Barros.** Cidade de Patos, 1917. Suporte digital. Disponível na página "EFECADEPATOS", link Fotos/Década de 1910, em: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=4605> Acesso em 12 out.2014.

POSTO de Prophylaxia Rural. Cidade de Patos, 19 mar. 1924. Suporte em papel e digital. Fonte: RIBEIRO, Giovanni Ronacalli Caixeta. Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950. **Revista Alpha,** v.9, 2008, p. 78.

PRAÇA da Matriz. Cidade de Patos, década de 1950. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

PRÉDIO da Cadeia, antiga Casa de Câmara e Cadeia. Praça. Juquinha Caixeta,s/n. 2012. Suporte digital. Disponível na página "SkycraperCity.com" em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=96308256> Acesso em 06 dez. 2014.

PUBLICIDADE em Outdoor: Fenamilho.2011. Suporte digital. Disponível no blog "Sopro Solar": <http://soprosolar.blogspot.com.br/2012/02/conheca-cidade.htm> Acesso: 20 jan.2014

RESIDÊNCIA do Dr. Euphrasio José Rodrigues. Rua Olegário Maciel, Cidade de Patos, s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

RUA Major Gote.s/d. Suporte digital. Disponível no Portal da Prefeitura de Patos de Minas: < http://patosdeminas.mg.gov.br> Acesso em 18 jan. 2014

SALA DE ESPERA do Hospital Regional Antônio Dias. Patos de Minas, Década de 1950. Suporte Digital. Disponível na página "EFECADEPATOS", link Fotos/Década de 1950, em: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=9115> Acesso em 10 jan. 2014.

SEDE do Partido Político Popular de Patos. Cidade de Patos, 1927. Suporte em papel e digital. Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013.

TEXERA, Leandro. **Antiga casa de Deiró Borges.** Esquina da Rua Deiró Borges, Patos de Minas. 2014. Suporte digital. Registro da imagem: 07 mar. 2014.

TEXERA, Leandro. **Praça da Genoveva.** Patos de Minas. 2014. Suporte digital. Registro da imagem: 07 mar. 2014.

TEXERA, Leandro. **Rua Major Carlos Soares.**Patos de Minas. 2014. Suporte digital. Registro da imagem: 07 mar. 2014.

TEXERA, Leandro. **Rua Tenente Bino.** Patos de Minas. 2014. Suporte digital. Registro da imagem: 07 mar. 2014.

TEXERA, Leandro. **Rua Teófilo Otoni.**Patos de Minas. 2014. Suporte digital. Registro da imagem: 07 mar. 2014.

TEXERA, Leandro. **Rua Teófilo Otoni.** Patos de Minas. 2014. Suporte digital. Registro da imagem: 07 mar. 2014.

TEXERA, Leandro. **Travessa do Sumbem.** Patos de Minas. 2014. Suporte digital. Registro da imagem: 07 mar. 2014.

V FESTIVAL Nacional de Teatro Universitário/ I Mostra Internacional.2013. Suporte digital. Disponível na página "Patos em Destaque":<www.patosemdestaque.com.br>Acesso em: 20 jan.2014

ZAMA Maciel, Olegário Maciel e Gustavo Capanema (em primeiro plano). Palácio da Liberdade, Belo Horizonte, 1932. Suporte em papel e digital. Arquivo Público Mineiro, Fundo Olegário Maciel, 2013.

Mapas

CARRATO, José Ferreira. **Capitania de Minas Gerais em fins da era colonial.** s/d. Suporte em papel e digital. Arquivo Público Mineiro. Série: Documentos Cartográficos, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Localização de Patos de Minas em Minas Gerais.** 2013. Suporte digital. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso: 29 mai. 2013.

MACHADO, João Guilherme. **Área Central de Patos de Minas.** Suporte em papel e digital. Pesquisa histórica: Rosa Maria Ferreira da Silva. Uberlândia: Laboratório de Cartografia da UFU, 2014.

_____. **Planta da cidade de Patos [1916] sobreposta à configuração atual.** Suporte em papel e digital. Pesquisa histórica: Rosa Maria Ferreira da Silva. Uberlândia: Laboratório de Cartografia da UFU, 2014.

_____. Planta da cidade de Patos [1916]. Suporte em papel e digital. Pesquisa histórica: Rosa Maria Ferreira da Silva. Uberlândia: Laboratório de Cartografia da UFU, 2014.

MUNICÍPIO de Patos. 1927. **Album Chorográfico** -Comissão Mineira do Centenário de Belo Horizonte, 2012.

PLANTA da Cidade de Patos. 1927. Cor e legenda: Rosa Maria Ferreira da Silva. **Album Chorográfico** - Comissão Mineira do Centenário de Belo Horizonte, 2012.

PLANTA Geral das Linhas da Companhia Mogyanna de Estrada de Ferro e Navegações. 1922. Disponível na página: "Campinas de Outrora", *link*: *Plantas de Campinas*. Disponível em: <http://campinasnostalgica.wordpress.com/2014/05/13/plantas/> Acesso em 12 mar. 2014.

PORTAL DE MINAS GERAIS. **Região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba em Minas Gerais**. 2013. Suporte digital. Disponível em: <http://www.minas-gerais.net> . Acesso: 29 mai.2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS. **Macrozoneamento do Município de Patos de Minas.** 2013. Suporte digital. Disponível em: <http://www.patosdeminas.mg.gov.br> . Acesso: 29 mai. 2013.

Gráficos e Quadros

GOVERNO DE MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Defesa Social. **Evolução Mensal do Quantitativo de Registros de Crimes Violentos. Patos de Minas, 2012 e 2013.**Disponível em: <http:// www.seds.mg.gov.br>. Acesso: 30 out. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produto Interno Bruto de Patos de Minas.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br> Acesso: 15/Nov/2013.

POPULAÇÃO do Triângulo Mineiro - Censo de 1890. (Quadro). Fonte: CARVALHO, Carlos Henrique. **República e imprensa:** as influências do positivismo na concepção de educação do Professor Honório Guimarães: Uberabinha, MG, 1905-1922. Uberlândia: EDUFU, 2007, p.61.

SOUTO, Professor Valeriano Rodrigues. **Mapa de Freqûencia.** Escola Nocturna da Villa de Santo Antônio dos Patos. 1º Bimestre de 1886. Arquivo Documental de Patos de Minas.

2. Documentação Escrita

Atas

CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 29 de fevereiro de 1868.** Livro de Atas n. 01, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 03 de fevereiro de 1874.** Livro de Atas n. 01, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 19 de abril de 1883**. Livro de Atas n. 02, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 12 de desembro de 1883.** Livro de Atas n. 02, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 09 de desembro de 1889.** Livro de Atas n. 03, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

DIRETÓRIO Republicano do Município de Patos. **Acta da Segunda Sessão de 10 de Agosto de 1898.** Documentos de Fundo Público. Caixa 145, Pasta 30. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 19 de abril de 1869.** Livro de Atas n. 03, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA Municipal da Cidade de Patos. **Acta da Sessão de 19 de janeiro de 1899.** Livro de Atas n. 04, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos. **Acta da Sessão de 30 de maio de 1870.** Livro de Atas n. 01, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA Municipal da Cidade de Patos. **Acta da Sessão de 21 de setembro de 1906.** Livro de Atas n. 05, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA Municipal da Cidade de Patos. **Acta da Sessão extraordinaria de 19 de abril de 1909.** Livro de Atas n. 05, Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA Municipal da Cidade de Patos. **Acta da quarta (4ª) sessão ordinaria de 7 de junho de 1912.** Livro de Atas n. 5. Caixa 232. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Artigos de Jornais e Revistas

1906. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 13 de maio de 1906. Anno 1, n.23, p. 2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

A HYGIENE EM PATOS. **Cidade de Patos.** Patos, 7 de maio de 1916. Anno II, n. 67, p.1. Laboratório de Ensino e Pesquisa em História do Centro Universiário de Patos de Minas (LEPEH).

A PAZ HABITUAL. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 29 de março de 1908. Anno III, n.55, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

A VICTORIA DO SITUACIONISMO patense pela "Lógica do absurdo". **Jornal de Patos.** Patos, Minas, 15 de maio de 1927. Ano III, n.131. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Á VICTORIA. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 17 de abril de 1927. Ano III, n.127. p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

AO POVO PATENSE. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 20 de janeiro de 1908. Anno 3, n. 49, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

APELLO AO PRM. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 27 de fevereiro de 1927. Anno III, n.121. Arquivo Documental de Patos de Minas.

ASSASSINATO. **Cidade de Patos.** Patos, 8 de outubro de 1916. Anno II, n. 88, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

ASSASSINATO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 20 de novembro de 1921. Ano I, n. 10, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

ASSASSINATO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de fevereiro de 1909. Anno 4, n.73, p.1 e 2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

ASSASSINATO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de fevereiro de 1909. Anno IV, n.73, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

AULA DE LINGUA NACIONAL.**Cidade de Patos**. Patos, Anno II, n.64, 9 de abril de 1916, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

BONITO!... **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 12 de março de 1917. Trimestre III, n. 27, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CAMARA MUNICIPAL. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 24 de fevereiro de 1907. Ano II, n. 15, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CARNAVAL. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 01 de março de 1908. Anno 3, n.53, , p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CASA DE CARIDADE. **O Riso.** Cidade de Patos, Minas. 10 de abril de 1915. Trimestre I, n. 2, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CHISPAS.**Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 22 de fevereiro de 1925. Anno I, n. 22, p.1-2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CLÍNICA MÉDICO - CIRURGICA. **Cidade de Patos.** Patos, 23 de maio de 1915. Anno I, n. 20, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

COMEMORANDO A VICTORIA da Justiça. **Jornal de Patos.** Patos, Minas, 8 de fevereiro de 1928. Ano IV, n.160, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

COMO SE ESCREVE A HISTÓRIA do Partido cujas tradições "ennobrecem Minas". **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 15 de maio de 1927. Ano III, n.134, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

COMPARAÇÃO. **A Carapuça.** Patos, 25 de junho de 1916. Anno I, n. 18, p. 6. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CONSTA. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 14 de janeiro de 1927. Trimestre III, n.22, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CORRESPONDÊNCIA. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 02 de dezembro de 1906. Ano II, n. 3, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

COUSAS QUE ME AFLIGEM. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 14 de janeiro de 1917. Trimestre III, n. 22, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CRIMINOSOS EM PATOS. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 25 de março de 1906. Anno 1, n. 6, p.2-3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CUMPRINDO UM PRECEITO. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 20 de maio de 1915. Trimestre I, n.7, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

DELEGACIA de Polícia de Patos. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de fevereiro de 1909. Anno IV, n.73, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

DISTINCTO COLLABORADOR. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 12 de maio de 1907. Ano II, n. 25, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

DOM EDUARDO DUARTE SILVA. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 15 de julho de 1906. Anno 1, n. 32, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

DR. ANTÔNIO NOGUEIRA DE ALMEIDA COELHO. **O Trabalho.** (Edição especial). Cidade de Patos, Minas, 5 de maio de 1905. Anno 2, n.24, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

DR. JOÃO BORGES. **Cidade de Patos.** Patos, 23 de maio de 1915. Anno I, n. 20, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

EDITAL. **O Trabalho.** Cidade de Patos, 25 de novembro de 1906, Minas. Anno 2 n. 3, p. 3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

ELEITORES. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 17 de Abril de 1927. Anno III, n. 127, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

EM TORNO DE UM FLIRT. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 18 de novembro de 1916. Trimestre II, n. 17, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

ESPIRITO DE LUTA. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, 22 de fevereiro de 1925. Anno I, n.22, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

ESTÁ EM CONSTRUÇÃO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 4 de dezembo de 1921. Ano I, n. 12, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

EVASÃO DE PRESOS. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 01 de março de 1908. Anno III, n.53, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

FESTA DO ROSARIO.**O Riso.** Cidade de Patos, Minas, 12 de outubro de 1916. Trim. II, n.13, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

FONSECA, Geraldo. Participação Patense na Revolução de 1930. **A Debulha, n.78.** Patos de Minas: 15 de outubro de 1983, p. 11-14. Arquivo Documental de Patos de Minas.

HYPODROMO PATENSE. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 16 de agosto de 1906. Anno 1, n. 36, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

IMPLICANCIAS. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 20 de janeiro de 1907. Anno 2, n. 10, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

IMPLICANDO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 12 de maio de 1907. Ano II, n. 25, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

JURY. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 13 de outubro de 1907. Anno 2, n. 43, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

JURY. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 13 de Outubro de 1907. Anno II, nº43, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

JURY. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 25 de outubro de 1908. Anno IV, n.67, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

JURY. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 29 de março de 1908. Anno III, n.55, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

LEI N. 184 DE 15 DE MAIO DE 1916. **Cidade de Patos**. Patos, 21 de maio de 1916. Anno II, n. 69, p.2-3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

LOCAES. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 31 de janeiro de 1909. Anno 4, n. 72, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

MAJOR OLYMPIO BORGES. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 12 de Abril de 1925. Anno I, n. 29, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

MELHORAMENTOS DA CAPELLA DO ROSARIO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 14 de agosto de 1906. Anno 1, n.1, p. 2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

MENDIGOS. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de dezembo de 1906. Ano II, n. 4, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

NO JARDIM. **O Riso.** Cidade de Patos, Minas. 12 de março de 1917. Trimestre III, n. 27, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

NOTA. **Cidade de Patos**. Patos, Anno I, n.20, 23 de maio de 1916, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

NOTICIÁRIO. Dr. Olegário Maciel. **O Trabalho.** Cidade de Patos, 20 de Maio de 1906. Minas – Brasil. Anno 1 n. 24, p. 3-4. Arquivo Documental de Patos de Minas.

NOTICIARIO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, 20 de Maio de 1906. Minas – Brasil. Anno 1, n. 24, p. 3-4. Arquivo Documental de Patos de Minas.

NOTICIARIO. **O Trabalho**. Cidade de Patos, Minas, 15 de Julho de 1906, Anno 1, n.32, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

NOTICIARIO. **O Trabalho**. Cidade de Patos, Minas, 21 de Abril de 1906, Anno 1, n.20, p. 3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

NOTICIÁRIO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de dezembro de 1906. Anno 2, n. 4, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

NOTÍCIAS. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 18 de novembro de 1906. Anno 2, n. 1, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O ATHENEU. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 10 de junho de 1906. Anno 1, n. 27, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O BOI. **Cidade de Patos.** Patos, 4 de fevereiro de 1917. Anno 3, n.101, p. 2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O BOM FILHO À CASA TORNA. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 17 de fevereiro de 1907. Anno 2, n.14, , p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O DR. ITAGYBA INAUGURA uma linha telephonica. **Cidade de Patos**. Patos, Anno I, n.20, 23 de maio de 1916, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O DR. OLEGARIO MACIEL acompanhado de lusida commitiva, fez uma visita a Carmo do Paranahyba. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 19 de março de 1922, Anno I, n.29, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O ESPIRITISMO EM VOGA. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de dezembro de 1906. Anno 2, n. 4, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O ESTANDARTE CATHOLICO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 21 de novembro de 1905. Anno 1, n.10, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O EVANGELHO CONTRA O ROMANISMO. **Cidade de Patos.** Patos, 29 de abril de 1917. Anno 3, n. 113, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O FALECIMENTO do Presidente Olegario Maciel. **A Reforma.** Patos (Minas), 9 de setembro de 1933. Ano II, n.61, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O HOSPITAL DE MISERICORDIA. **Cidade de Patos.** Patos, 21 de maio de 1916. Anno II, n.69, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O JOGO. **A Carapuça.** Patos, 16 de setembro de 1915. Anno I, n. 6, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O PROGRESSO DE PATOS e o Dr. Marcolino de Barros. **Cidade de Patos.** Patos, 23 de maio de 1915. Anno I, n. 20, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O SANTISSIMO SACRAMENTO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de dezembro de 1906. Anno 2, n. 4, p.1-2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

O TRABALHO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 15 de Agosto de 1905. Anno 1, n.1, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

OS ENCAPOTADOS. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 13 de julho de 1917. Trimestre IV, n.31, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

OS SUCCESSOS do dia 11. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 16 de dezembro de 1906. Anno 2, n. 5, p.1-2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

PELA CIDADE. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 17 de abril de 1915. Trimestre I, n. 3, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

POR AQUI PASSOU... **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 3 de março de 1907. Anno 2, n. 16, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

RABISCOS E SINECURAS. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 9 de dezembro de 1906. Anno 2, n. 4, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

ROUBO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 29 de abril de 1906. Anno 1, n.21, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

SEM TÍTULO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 14 de abril de 1907. Ano II, n. 21, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

SEM TÍTULO. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 15 de agosto de 1907. Ano II, n. 38, p.3. Arquivo Documental de Patos de Minas.

SEMANA SANTA. **O Riso.** Cidade de Patos, Minas, 10 de Abril de 1915. Trim. I, n.2, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

SÓ O CORONEL NÃO BASTOU. **Jornal de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 10 de abril de 1927. Anno III, n.129, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

SOCIAES. **Cidade de Patos.** Patos, 4 de fevereiro de 1917. Anno 3, n.101, p. 2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

SOCIAES. **O Trabalho.** Cidade de Patos, 29 de Maio de 1906. Minas – Brasil. Anno 1 n. 24, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

SOUSA, Altamir Fernandes de. Hospital Regional de Patos - 1925 a 1999. **Folha Patense.** 29 de maio de 1999. Patos de Minas, n. 324, p. 2. Arquivo do Autor.

U.M.C. **Gazeta de Patos.** Cidade de Patos, Minas, 1 de Dezembro de 1929. Anno I, n.17, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

UM APELLO. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 20 de janeiro de 1917. Trimestre III, n.23, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

UNIÃO OPERARIA. **Gazeta de Patos.** Cidade de Patos (Minas), 10 de novembro de 1929. Anno I, n. 14, p. 1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

VINDO DE BELLO HORIZONTE. **O Riso.** Cidade de Patos (Minas), 2 de setembro de 1917. Trimestre IV, n. 38, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

VISITA PASTORAL. **O Trabalho.** Cidade de Patos, Minas, 13 de maio de 1906. Anno 1, n. 23, p.2. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Censos

BRASIL. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Diretoria Geral de Estatística. **Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1890** = précis du recensement du 31 décembre 1890**.** Rio de Janeiro:

Officina da Estatistica, 1898. Disponível em:<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227299>Acesso em 21 dez. 2015.

Correspondências

COMMISSÃO de Vaccinação. **Correspondência à Câmara Municipal da Villa de Santo Antônio dos Patos.** Ouro Preto, 19 de setembro de 1871.

MACIEL, Adélio. **Radiograma a Gustavo Capanema.** Cidade de Patos, 8 de dezembro de 1930. Fundo Olegário Maciel. Série: Correspondência Política. Arquivo Público Mineiro.

MACIEL, Olegário Dias. **Indicação à Commissão de Obras Públicas.** Villa de Santo Antônio dos Patos, 18 de abril de 1883. Série: Correspondência Interna. Arquivo Documental de Patos de Minas.

MACIEL, Olegário. **Radiograma a Getúlio Vargas.** Palácio da Liberdade. Belo Horizonte, 18 de agosto de 1931. Fundo Olegário Maciel. Série: Correspondência Política. Arquivo Público Mineiro.

VARGAS, Getúlio. **Radiograma a Olegário Maciel.** Palácio do Catete, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1931. Fundo Olegário Maciel. Série: Correspondência Política. Arquivo Público Mineiro.

Dicionários

MONTEIRO, Norma de Góis. (coord). **Dicionário biográfico de Minas Gerais** - período republicano - I 889-1991. 2 v. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994

PINTO, Luiz Maria da Silva. Cidade. **Diccionario da Lingua Brasileira.** Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

Fundos e Coleções:

COLEÇÃO GUARDA NACIONAL - Referência: Coleção PP- SS16. Arquivo Público de Minas Gerais. Inventário disponível através do Sistema de Acesso Integrado do APM, em: <www. siaapm.cultura.mg.gov.br>

FUNDO OLEGÁRIO MACIEL. Referência: Fundo Privado, OM. Arquivo Público de Minas Gerais. Inventário disponível através do Sistema de Acesso Integrado do APM, em: <www. siaapm.cultura.mg.gov.br>

Genealogias

PREFEITURA Municipal de Patos de Minas/Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural. **Árvore Genealógica - Família Maciel.** Pasta: Genealogias de Famílias Ilustres. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Inventários de Bens

CARTÓRIO DE 1º Ofício. **Inventário.** Inventariante: Dr. Olegário Dias Maciel. Inventariado: Dª. Flaviana Maciel. Patos, 7 de novembro de 1927. Documentos de Fundo Público, Caixa n. 55. Arquivo Documental de Patos de Minas.

CARTÓRIO DE 1º Ofício. **Inventário.** Inventariante: Cel. Farnese Dias Maciel. Inventariado: Dr. Olegário Dias Maciel. Patos, 6 de dezembro de 1933. Documentos de Fundo Público, Caixa n. 55. Arquivo Documental de Patos de Minas.

Inventário Patrimonial

ALVES, Geenes (Silva). **Os grupos de Patos de Minas.** Patos de Minas: Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural da Prefeitura de Patos de Minas, 2014. Não publicado.

PREFEITURA Municipal de Patos de Minas. **Cadeia Pública de Patos de Minas.** Pasta: Inventário de Proteção de Acervo Cultural- Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas. Patos de Minas: 1999, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

PREFEITURA Municipal de Patos de Minas. **Catedral de Santo Antônio de Pádua.** Pasta:Inventário de Proteção de Acervo Cultural- Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas. Patos de Minas: 2004, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

PREFEITURA Municipal de Patos de Minas. **Palacete Amadeu Maciel.** Pasta:Inventário de Proteção de Acervo Cultural- Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas. Patos de Minas: 1999, p.1. Arquivo Documental de Patos de Minas.

SILVA, Rosa Maria Ferreira. Contexto. In: DIRETORIA de Memória e Patrimônio Cultural. **Folias de Reis:** Dossiê de Registro de Patrimônio Imaterial. Patos de Minas: Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 2014. Não Publicado.

Leis e Decretos

NOTICIARIO. Dr. Olegario Maciel. **Diário Oficial da União.** 06 de setembro de 1933. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/>Acesso em 11 jan 2014.

MAMBRO, Galba Ribeiro di. **Levantamento das leis e decretos estaduais referentes a Patos de Minas.** Período: 1893 - 1930. Patos de Minas: Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Fundação Universitária de Patos de Minas, 1971, p.2.

Livros e Crônicas

BARBOSA, José Eduardo. **200 anos dos Santana e Almeida Barbosa**. Belo Horizonte: SEGRAC, 1990.

BORGES Júnior, Deiró. **De Deiró a Deiró:** memórias de um menino de recados. Belo Horizonte: Cuatiara, 1994.

BRANDÃO, Risoleta Maciel. O Carlos Chagas que eu vi (Crônica sentimental sobre o grande cientista). **Estado de Minas,** 28 de janeiro de 1981. Suplemento Literário.

CAPRI, Roberto. Minas Gerais e seus municípios. In:____.**O Brasil e seus estados.** São Paulo: Capri & C. Editores, 1916.

CAPRI, Roberto. **Município de Patos:** Minas. São Paulo: Pacai, 1916.

CHAVES, Maria de Melo. **Bandeirantes da fé.** Belo Horizonte: Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais, 1947.

FONSECA, Geraldo. **Domínios de pecuários e enxadachins**: história de Patos de Minas. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinqüente.** Tradução de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2013. (Coleção Fundamentos de Direito).

MACIEL, Newton Ferreira da Silva. **Tempos idos e vividos.** Patos de Minas: 2011.

MELLO, Antônio de Oliveira. **Patos de Minas:** capital do milho. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971.

_____. **Patos de Minas, meu bem querer.** Patos de Minas: Prefeitura Municipal de Patos de Minas/Secretaria Municipal de Educação, 3 ed., 2008.

_____. et al. **Uma história de exercício da democracia:** 140 anos do legislativo patense. Patos de Minas: Câmara Municipal de Patos de Minas, 2006.

_____. Governadores de Minas: Olegário Maciel – a vida pela política. Minas Gerais/abril/2002 – n.17.

_____. **Patos de Minas Centenária.** Patos de Minas: Ed. Santa Edwiges, 1992.

_____. **Patos de Minas:** Minha Cidade. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1978.

MORAES, Aurino. **Minas na Aliança Liberal e na Revolução.** Belo Horizonte: Pindorama, 1933.

QUEIROZ, Sebastião Cordeiro de. **Patrimônio de Santo Antônio.** Patos de Minas: Trabalho pessoal. Impresso. s/d.

SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem ás nascentes do Rio S. Francisco e pela província de Goyaz.** Tomo Primeiro. Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. Disponível em: <www.brasiliana.com.br>Acesso em: 30 set 2014.

TEIXEIRA, Donaldo Amaro; NASCIMENTO, Manoel Mendes. **Patos de Minas:** Histórias que até parecem estórias...Belo Horizonte, 1993.

VARGAS, José Resende. **Rio Paranaíba.** História e Estórias da Terra de São Francisco das Chagas do Campo Grande. Uberlândia: Gráfica e Editora Impresso, 1995.

Projetos Educacionais

MEC - Ministério da Educação/ Portal do MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais, 1ª a 4ª séries. História e Geografia. V. 05, n. 1 e 2. Arquivo em PDF. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf>Acesso em: 09 jan. 2014.

PREFEITURA de Patos de Minas/ Portal da Prefeitura Municipal de Patos de Minas/Secretaria de Educação. Proposta Curricular. Volume 3, Ensino Fundamental. Arquivo em PDF. <http://www.patosdeminas.mg.gov.br/downloads>Acesso em: 18 set. 2012.

Relatórios

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões geográficas.** V.1, Rio de Janeiro, 1990.

IGREJA Presbiteriana de Patos de Minas. **Atos Pastoraes e Rois da Igreja de Patos.** Patos de Minas, 1947, Livro II, fl. 13. Arquivo da Igreja Presbiteriana Central.

IGREJA Presbiteriana de Patos de Minas. **Histórico da Primeira Igreja Presbiteriana de Patos de Minas**. Patos de Minas, 1983. Arquivo da Igreja Presbiteriana Central.

MARINHO, Joaquim Saldanha. **Relatorio que apresentou ao Exm. Sr. Vice-Presidente da Província de Minas Geraes, Dr Elias Pinto de Carvalho, por occasião de lhe passar a Administração.** Rio de Janeiro, Typographia Perseverança, 30 de junho de 1867, p.59. Arquivo 300 - dpi, TIFF Imagem. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/provincial/minas_gerais> Acesso em: 27 fev. 2014.

MINAS GERAIS. Conselho Estadual do Desenvolvimento. **Regiões para fins de Programação**- Convênio CED/BDMG/ILPES. Belo Horizonte, 1973. 163 p.

RODRIGUES, Euphrasio José. **Relatório de atividades, 1912.** Cidade de Patos, 20 de abril de 1912. Manuscrito. Série Documentos Avulsos. Arquivo Documental da Cidade de Patos.

Diversos

CONVITE PARA EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS: "Famílias Tradicionais Patenses: Borges e Maciel". Patos de Minas, 1995. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas, Pasta: Famílias Tradicionais.

Dr. ANTÔNIO NOGUEIRA DE ALMEIDA COELHO. Fotocópia de Biografia. Obra sem referência. 1974. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas, Pasta: Famílias Tradicionais.

IONE MACIEL. Entrevista gravada em 12 de agosto de 2008. Suporte Digital. Patos de Minas. Arquivo Documental de Patos de Minas.

JOSÉ Davi Sobrinho. Capitão da "Folia do Aragão". Entrevista gravada em 10 de dezembro. 2008. Suporte Digital. Patos de Minas.FONTE: Arquivo Documento de Patos de Minas.

OLIVEIRA, Jandira Lopes; WAKAHARA, Julio Abe. **Uberlândia - Minas Gerais.** Folheto Informativo. Banco Safra, Projeto Pró-Documento. Uberlândia: 1984.

OLYMPIO BORGES. Fotocópia de Biografia. Obra sem referência. 1974, p.419-420. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas, Pasta: Famílias Tradicionais.

B I B L I O G R A F I A

ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos domínios do corpo**: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII. 1. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011. v. 1. 220 p.

ABREU, Sérgio França Adorno de. **Os Aprendizes do Poder:** O Bacharelismo Liberal na Política Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ALONSO, Angela. **Idéias em movimento:** a geração 70 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, Mariza Guerra. À porta do céu. **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro: Ano 2, n.14, Nov.2006, p.43-46.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento (Org.); FERNANDES, F. (Org.) **. Que tipo de República?.** São Paulo: Globo, 2007. 308 p.

_____. **Metrópole e Cultura em São Paulo no Século XX**. Bauru/SP: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 2001. 482 p.

AZEVEDO, André Nunes de. **Da Monarquia à República**: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro, entre 1868 e 1906. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica/ Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em História Social da Cultura, 2003, 327 p.

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República, de 1889 a 1930.** São Paulo: Fulgor, 1968.

BASTOS, Maria Helena Câmara; FILHO, Luciano Mendes de Faria Filho (org.). **A Escola Elementar no século XIX.** O método monitorial/mútuo. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

BENEVOLO, L. História da arquitetura moderna. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Hausmann Tropical.** A Renovação Urbana na Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. Passagens. Trad. de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BLOCH, Marc. **Introdução à História.** Lisboa: Europa América, 4 ed. s/d. Tradução de Maria Manuel e Rui Grácio. Título original: *Apologie pour lhistoire* ou *Métier d'historien,* 1941.

BOLLE, Willie. **Fisiognomia da metrópole moderna.** São Paulo: FAPESP/EDUSP, 1994.

BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BONAMETTI, João Henrique. A Arquitetura Eclética e a modernização da paisagem urbana brasileira. **Revista Científica Fap,** Curitiba, v. 1, p.1-11, já./dez. 2006, p.3. Anual. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica1/JOAO_HENRIQUE_BONAMETTI.PDF >. Acesso em: 10 fev. 2014.

BORGES, Cristina Caixeta. **Análise da paisagem urbana:** o caso da Avenida Getúlio Vargas em Patos de Minas. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. Dissertação de Mestrado em Ciência Florestal, 2008.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASILIENSE, Américo. Manifesto Republicano de 1870. In: **Os programas dos partidos e o 2º Império.** São Paulo, 1878, p. 59-88. Biblioteca Digital do Senado. Arquivo em PDF. Disponível em: <www2.senado. leg.br > Acesso em: 23/jul/2014.

BRITO, Diogo de Souza; WARPECHOWSKI, Eduardo Morais. (org). **Uberlândia revisitada:** memória, cultura e sociedade. Uberlândia: EDUFU, s/d.

BRITO, Maria Terezinha. **A Escola Normal de Patos de Minas.** 1932-1972 na encruzilhada entre o novo e o velho. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos. Dissertação de Mestrado em História da Educação, 1999.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARRASCOZA, João Luís Anzanello. **Redação publicitária** - Estudos sobre a retórica do consumo. 4 ed. São Paulo: Futura, 2003.

CARONE, Edgar. **A primeira República (1889-1930)**: Texto e contexto. São Paulo: difusão européia do Livro, 1969.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem e Teatro de Sombras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **A Escola de Minas de Ouro Preto**. O peso da Glória. São Paulo: Editora Nacioanal, 1978.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas.** O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Os bestializados:** o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELLS, Manuel.A geografia da internet: lugares em rede. In: ***A galáxia da internet reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.*** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTRO, Dorian Erich. **Relicário das práticas médicas no interior das Minas Gerais:** transformações, astúcias e persistências (Uberabinha/MG. 1903-1945). Uberlândia: Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia, 2004.

CERTAU, Michel. **A invenção do cotidiano.** As artes do Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim.** O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____**. Cidade febril:** cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História.** Porto Alegre: ARTMED, 2001.

_____ **Cultura:** entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro. Difel/Bertrand Brasil, 1988.

CHOAY, François. **O Urbanismo. Utopias e Realidades.** Uma Antologia. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. O reino do urbano e a morte da cidade. In: **Projeto História/ Espaço e cultura**. n.18. São Paulo: EDUC, 1999, p. 67-89.

COELHO, Edmundo Campos. **As profissões imperiais:** Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COLIN, Silvio. Ecletismo na Arquitetura I: 2010. In: **Coisas da Arquitetura.** Disponível em: http://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/09/28/ecletismo-na-arquitetura-i/>. Acesso em: 07 mar. 2014.
_____ Ecletismo na Arquitetura IV: 2010. In: **Coisas da Arquitetura.** Disponível em: http://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/09/28/ecletismo-na-arquitetura-i/>. Acesso em: 07 mar. 2014.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

COSTA Ângela & SCHWARCZ, Lília Moritz. **1890 – 1914: nos tempos da certeza.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões:** campanha de Canudos. 39ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora: Publifolha, 2000- Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro.

DE LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da. **A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno.** São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

DÉAK, Csaba; Schiffer, Sueli R. (org.). **O processo de urbanização no Brasil.** São Paulo: Edusp, 2004.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **O livro de Ouro da História do Brasil.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DEUS, João Batista de. As cidades médias na nova configuração territorial brasileira. **Boletim Goiano de Geografia.** Goiânia: v. 24, n.1-2, p.81-91, jan/dez 2004.

DINIZ, Alexandre Magno Alves; BATELLA, Wagner Barbosa. O Estado de Minas Gerais e suas regiões: um resgate histórico das principais propostas oficiais de regionalização. **Sociedade & Natureza.** Uberlândia, **17** (33): 59-77, dez.2005.

DOIN, José Evaldo de Mello, et. al., A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) — a proposta do Cemumc. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: v. 27, n. 53 (junho de 2007).

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador.** Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2v.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder.** Formação do Patronato político Brasileiro. São Paulo: Globo, 1993. 2v.

FARIA, Rosicléia Ap. Lopes de. **Da educação moderna à formação do cidadão republicano:** implantação da escola pública em Patos de Minas, MG (Grupo Escolar Marcolino de Barros – 1913 – 1928). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado em História da Educação, 2007.

FERNANDES, Ana. GOMES; Marco Aurélio A. de Filgueiras (orgs). **Cidade & História:** Modernização das cidades Brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador. UFBA, 1992, p.77-81.

FERNANDES, Nilson André Pe. **A história da Diocese de Patos de Minas:** antecedentes históricos, preparação, criação e primeiro episcopado (1866 - 1968). Patos de Minas: Edição do autor, 2012.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo do liberalismo excludente:** da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FERREIRA (da SILVA), Rosa Maria. **As águas e o tempo: memórias de Nova Ponte.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado em História. 1996.

FERREIRA, Luiz Otávio. **Os politécnicos:** ciência e reorganização social segundo o pensamento positivista da Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1862-1922). Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado em Sociologia.

FREITAG, Barbara. **Teorias da Cidade.** Campinas: Papirus, 2006.

FREITAS, Marcos Cezar de (org). **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais:** Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
_____. **Olhos de madeira:** nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e agricultura no Brasil:** política agrícola e modernização econômica brasileira. 1960-1980. São Paulo:HICITEC, 1997.

GOUNELLA, Pedro Henrique. **Arquitetura dos Estabelecimentos Prisionais da cidade de São Paulo (1852 – 1956).** São Paulo: Universidade São Judas Tadeu. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, 2013.

HABERT, Nadine. **A década de 70.** Apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo. Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de *La mémoire collective,* 1950.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 26 ed., 1995.

HORTA, Cid Rebelo. Famílias governamentais de Minas Gerais. ln: **Seminário de Estudos Mineiros 2.**. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais, 1956, p. 43 – 91.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da PUC Rio, 2006.

KROPF, Simone Petraglia. **Sonho da Razão, Alegoria da Ordem:** o Discurso dos Engenheiros sobre a Cidade do Rio de Janeiro no Final do século XIX e Início do Século XX. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado apresentada à PUC-Rio, 1995. (mimeo.).

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana:** as cidades do interior paulista. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto:** o município e o regime representativo no Brasil. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LEITE, Sergio Celani. Predestinação e Escolaridade: a comunidade presbiteriana e a educação no município de Lagamar. In: GATTI Jr. , Décio (org). **História da Educação em perspectiva:** ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas, SP: Autores Associados, Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. p. 193 - 225.

LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. **Uberlândia:** histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos: memórias, construção e apropriações dos espaços. Uberlândia, EDUFU, 2010.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **A oeste das minas:** escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista, Triângulo Mineiro (1750-1861). Uberlândia: EDUFU, 2005.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **Das fronteiras do Império ao coração da República:** o território do Triângulo Mineiro na transição para a formação sócio-espacial capitalista na segunda metade do século XIX. Tese de Doutorado em Geografia Humana. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

LOVE, Joseph. *A República brasileira: federalismo e regionalismo (1889-1937).* In: MOTA, Carlos Guilherme. **A experiência brasileira:** a grande transação. São Paulo: SENAC, 2000.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais:** caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985). Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 1998.

MARQUES, Rita de Cássia. **A imagem social do médico de senhoras no século XX.** Belo Horizonte: COOPMED, Editora Médica, 2005.

MARX, Murilo.Cidade no Brasil: **terra de quem? São Paulo: Edusp/Nobel, 1991.**

MATOS, Márcia Helena Rodrigues. **Educação e imprensa em palcos republicanos:** análise de jornais de Patos de Minas/MG (1889-1930). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de mestrado em História da Educação, 2008.

MAYER, Arno**. A Força da Tradição:** A Persistência do Antigo Regime (1848-1914). São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana.* **Tempo.** Niterói: Vol. 13, n.26, 2009.

MENEZES, Ulpiano T.Bezerra de. **Morfologia das cidades brasileiras**: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP.** São Paulo, n.30, p.144-145, jun./ago. 1996.

MORAIS, Carmem Sylvia Vidigal. **O ideário republicano e a educação.** Uma contribuição à história das instituições. São Paulo: Mercado das Letras/FAPESP, 2006.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história:** suas origens transformações e perspectivas. São Paulo. Martins Fontes, 1961.

NEDEEL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical.** Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1993.

NEPOUMUCENO, Luis André. **A Musa desnuda e o poeta tímido:**o petrarquismo na arcádia brasileira. São Paulo: Annablume; Patos de Minas:UNIPAM, 2012.

NISBET, Robert. **Historia de La Idea de Progreso**. Barcelona. Gedisa, 1981.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury . **Projeto História.** São Paulo, n.10, p. 7-28, Dez/1993.

OLIVEIRA, Ione de Fátima. **Governo Olegário Maciel:** Minas Gerais (1930-33). Brasília: Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado em História Política do Brasil, 1998.

PAULA, João Paulo de. **Raízes da Modernidade em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PATETTA, Luciano. “Considerações sobre o ecletismo na Europa”. In: FABRIS, Annatereza (org.)***Ecletismo na Arquitetura Brasileira.*** São Paulo: Nobel & EDUSP, 1987.

PROUST, Marcel. N**o caminho de Swann.** (Tradução de Mário Quintana). São Paulo, Abril Cultural, 1982.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 2002.

RAMA, Angel. **A cidade das Letras.** Tradução: Mario Vargas Llosa. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RESENDE, Maria Efigênia; VILLALTA, Luiz Carlos (org). **História de Minas Gerais -** As Minas Setecentistas.Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

RESENDE, Maria Efigênia. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo do liberalismo excludente:** da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RIBEIRO, Giovanni Ronacalli Caixeta. Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950. **Revista Alpha,** v.9, p. 67-81, 2008.

RIBEIRO, Viviane. **Do ideário protestante à finalidade do trabalho**: os presbiterianos no contexto educacional do Alto Paranaíba, MG (1946-1966). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado em História da Educação, 2005.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais:** nascimento do consumo século XVII –XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RODRIGUES, José Albertino (org.) **Emile Durkheim: Sociologia**. São Paulo, Ática, 1981.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.** 2 ed. Salvador: Progresso, 1957.

RONCAYOLO, Marcel. Mutações do espaço urbano: a nova estrutura da Paris haussmanniana. **Projeto História: S**ão Paulo, n.18, 1999, p. 91-96.

ROSSI, Michelle Pereira da Silva;RIBEIRO, V. Trabalho religioso e educação: a disseminação do presbiterianismo na região do Alto Paranaíba - MG 1884-1947. In: VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas - história , sociedade e Educação no Brasil, 2006, Campinas. **Anais do VII Seminário Nacional do HISTEDBR**. Campinas: Graf. FE., 2006. p. 1-17.

ROSSI, Michelle Pereira da Silva. **Dedicado à Glória de Deus e ao Progresso Humano**: A Gênese protestante da Universidade Federal de Lavras. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Tese de Doutorado em História da Educação, 2010.

ROSTOLDO, Jadir Peçanha. **A cidade republicana na belle époque capixaba:** espaço urbano, poder e sociedade. Doutorado em História Social. USP: 2008.

SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, progresso e a sociedade civilizada.** O Partido republicano Paulista e a Política de Mão de Obra (1870-1889). São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, R. C. **Urbanização, moral e bons costumes:** vertigens da modernidade em Patos de Minas (1900 –1960). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado em História. UFU: 2002.

SCHORSKE, Carl E. P**ensando com a História.** Indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon. **A redescoberta da cultura.** São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. et al. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra/ Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso *In*: NOVAIS, Fernando A. (coord) e SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**.VOL. 3 - República: da Belle Époque à era do rádio, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Orfeu estático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

SILVA, Geenes Alves da. **A união dos estudantes secundaristas de Patos de Minas (UEP/MG):** militância e formação cidadã e político-partidária (1958 -1971). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado em História da Educação, 2009.

SILVA, Michelle Pereira da;RIBEIRO, V. Trabalho religioso e educação: a disseminação do presbiterianismo na região do Alto Paranaíba - MG 1884-1947. In: VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas - história , sociedade e Educação no Brasil, 2006, Campinas. **Anais do VII Seminário Nacional do HISTEDBR**. Campinas: Graf. FE., 2006. p. 1-17.

SILVA, Rosa Maria Ferreira da. A Casa do Major Jerônimo Dias Maciel. **Revista Alpha**, v. 14, p. 199-204, 2013.

_____. Cidade e Urbanização, Progresso e Civilização: reflexões sobre a cidade oitocentista no sertão das Gerais (Patos de Minas, 1868 -1933). **Historia & Perspectivas** (UFU), v. 49, p. 407-438, 2013.

_____. A Cidade e o urbano: categorias explicativas e experiências históricas. **Revista Alpha**, v. 13, p. 235-243, 2012.

_____. Entre Borges e Maciéis: aspectos do processo de construção da cidade republicana no interior de Minas Gerais. Cidade de Patos, 1870-1933. **Revista Alpha**, v. 12, p. 98-111, 2011.

_____.; BORGES, Alex de Castro. A Casa do Lázaro Preto. **Revista Alpha**, v. ano10, p. 09-20, 2009.

TELLES, Pedro Carlos da Silva. **História da Engenharia no Brasil**. Rio de Janeiro: Clavero, 1994.

TEIXEIRA, Rubenilson; TRIGUEIRO, Edja. A PRAÇA, A IGREJA E A CASA DE CÂMARA E CADEIA. SÍMBOLOS, USOS E RELAÇÕES DE PODER. **Mneme: Revista de Humanidades,** UFRN -Natal, v. 5, n. 24, p.1-19, set/out 2008. Semestral. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/>. Acesso em: 24 fev. 2014.

TEIXEIRA, Manuel C., VALLA, Margarida. **O Urbanismo português. Séculos XIII-XVIII. Portugal - Brasil**. Lisboa : Livros Horizontes, 1999.

TELAROLLI, Rodolpho. **Eleições e fraudes eleitorais na República Velha.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

VENANCIO, Renato Pinto; DEL PRIORE, Mary. **Livro de Ouro da História do Brasil.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

VESENTINI, Carlos Alberto. **A Teia do Fato.** Uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: HUCITEC/História Social, USP 1997.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **O teatro das oligarquias:** uma revisão da política do café com leite. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

WIRTH, John. **O fiel da balança:** Minas Gerais na federação brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

Anexos

Anexo1

Roteiro de Janelas para 30

Janelas para 30

de

R o s a M a r i a F e r r e i r a

ROTEIRO CINEMATOGRÁFICO ORIGINAL

Uberlândia, março de 2014

SUMÁRIO

SINOPSE 3

PERSONAGENS 7

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO 1° PLANO - Sala Azul/Int. 9

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO JANELA 01 - 2° e 3° PLANO/Ext. 28

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO JANELA 02 - 2° E 3° PLANO/Ext. 42

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO JANELA 03 - 2° E 3° PLANO/Ext. 54

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO JANELA 04 - 2° E 3° PLANO/Ext. 72

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO JANELA 05 - 2° E 3° PLANO/Ext. 88

SINOPSE

Eram os idos de 1930. Getúlio Vargas acabara de chegar ao Palácio do Catete, conduzido pelo braço armado da Revolução.

As forças liberais do país se proclamavam em festa. No entanto, na trama política que conduzira Getúlio ao poder, o fiel da balança havia sido o representante de tudo o que os apoiadores de Vargas diziam repudiar: o coronelismo das oligarquias rurais.

Este representante, o homem de cujo apoio dependia o sucesso dos revolucionários de 30, era o Presidente de Minas Gerais: Olegário Maciel, da cidade de Patos.

Alcançada a vitória de Getúlio, Olegário retorna a Patos. A ocasião, afinal, requer uma festa.

Enquanto se prepara para receber seus parentes e amigos, na sala azul do suntuoso sobrado que erguera no coração da cidade, Olegário contempla o vulto do que deverá ser o seu maior legado: a Escola Normal. Seus contornos, como num sonho prestes a se concretizar, delineiam-se numa das janelas, à sua frente. Imerso num sonho de futuro, a cidade de Patos que se descortina através das janelas, sonha com ele.

Olegário desperta com o rádio, símbolo das ondas que agregavam... e também separavam, as gentes de 1930. Trazido à realidade pela música, ele se volta para a dança e os cumprimentos que o aguardam.

Ali, na sala azul de seu sobrado, estão reunidos seus irmãos, sobrinhos, compadres. Seus afetos. Seu esteio. O compadre e cunhado, Marcolino; o irmão Amadeu e sua esposa, a sobrinha de ambos, Jorgeta; a pequena Dóris; a jovem Yayá, esposa

de seu sobrinho Adélio, o irmão inseparável de Antônio e Zama, filhos do homem forte do clã Maciel: o Coronel Farnese.

Contudo, enquanto os Maciéis festejam, a oposição se organiza, dentro da igreja. Liderados por Deiró Borges, a liderança parda do Partido Popular de Patos, "os Borges" saem em procissão para externar seu desagrado. Têm motivos de sobra para isso. Afinal, a luta contra a política dos Maciéis remontava o alvorecer do próprio século XX, quando foram, paulatinamente, sendo alijados do campo decisório da política local. Da luta contabilizavam perdas, fraudes, mortes. Agora, marchando sobre as ruas, em procissão, enfrentavam, também, os rastros que a revolução de Getúlio deixara em Patos.

Os Maciéis entendem o gesto pelo o que, de fato, ele é: afronta. Mas, de acordo com o clima que o momento suscita, voltam as costas e, no primeiro plano, comemoram. Brindam, dançam, riem.

Lá fora, em segundo plano, os Borges cantam seus terços, dividem suas mágoas, compartilham seus temores, vivem seus amores. E tal qual os Maciéis, também viram as costas. Não para si, mas para o sucedâneo de "outros", cujas vidas se desenrolam, mudas.

No terceiro plano, ainda que sem direito à voz política, os negros e pobres labutam a batalha diária da sobrevivência: engraxando sapatos, servindo aos ricos, lavando roupas, se prostituindo. E enquanto lutam, se amparam: dividem o pão dormido, ajuntam os trocados para a compra de remédios, protegem os amantes perseguidos. Na disputa de Borges e Maciéis, não se envolvem. Afinal, já é custoso lutar para sobreviver.

A procissão segue. Leva com ela os anos. Corre com ela o tempo. Passa 1932, ano em que, mais uma vez, Getúlio se saiu devedor de Olegário Maciel. A despeito das probabilidades, o fiel da balança não apoiou os paulistas, na insurreição pela constituição. Olegário manteve-se firme. E as forças de Minas,

trucidaram as forças de São Paulo... Mais uma vez, os Maciéis comemoram. Porém, a sanha do tempo é implacável. Marcolino de Barros... tombara.

A procissão segue. E segue com ela, mais um ano. Chega 1933.

O olhar aquilino do Coronel Farnese, focaliza a procissão. Postado ao ar livre, no plano em que os Borges se movimentam, Farnese aguarda. E não está só. Espera os Borges, "tomando a fresca", costeado por seis homens armados.

Mas... a vida também é dor. A mensagem vinda de Belo Horizonte, lida pela voz estarrecida de seu filho Zama, avisa ao Coronel Farnese que Olegário morreu.

O mundo sucumbe. O velho Coronel fraqueja. Suas pernas tremem, o ar lhe falta. A perda do irmão é tão insuportável que explode do peito em ira. Transtornado pelo desespero, Farnese se lança à procissão. Esbarra, empurra, agride. E, no meio da rua, Borges e Maciéis, armas em punho, miram uns nos outros.

Deiró Borges, no entanto, reconhece a suspensão dos sentidos. E, assim, enquanto a procissão segue seu caminho, Farnese se permite o choro, abraçado ao irmão Amadeu.

Os tempos se dilatam. Dentro do casarão, na sala azul dos Maciéis, o luto é uma realidade perene. Eles pranteiam os seus: treze dias depois da morte de Olegário, Etelvina, a irmã mais velha, também partira...

Lá fora, os Borges comemoram. É 1936. O ano em que as esperanças se transformaram em projetos. Finalmente, a oposição do Partido Político Popular de Patos, conseguira cadeiras na câmara. Deiró Borges havia sido eleito na disputa pela vereança!

Chega 1937. A procissão segue altaneira, na esperança de dias melhores. Dentro do casarão, postado solidamente à frente da janela, mirando a Escola que Olegário deixara de legado,

Farnese Maciel ouve o discurso de Vargas. As liberdades políticas foram suspensas. Deiró Borges acabara de perder o mandato.

No alto dos seus 75 anos, o Coronel... ri.Os Maciéis, mais uma vez, haviam vencido.

Deiró segue, atrás da procissão que se dissipa, agora alquebrado, guerreiro tombado em combate.

Mas, tal qual o Coronel, Deiró não vê Berenice: a negrinha que irrompe da Várzea, representando todos os pretos, pobres e putas que teceram suas vidas e lutaram suas batalhas, ao largo da guerra de Maciéis e Borges.

Devagar, sem que quase ninguém os percebesse, foram se ajuntando de frente à igreja para celebrarem, juntos, uma festa de solidariedade e de fé.

Transmutada em princesa, Berenice segura a fita da bandeira. Junto com o seus, numa só voz, faz do grito dos congos o brado da esperança: *"Viva Nossa Senhora do Rosário!!!*

PERSONAGENS

OLEGÁRIO

- 75 anos. Branco, calvo, bigode e cavanhaques brancos, de terno e pince-nez. Político, Engenheiro civil, Presidente de Minas Gerais.

MARCOLINO

- 62 anos. Moreno, baiano, ligeiramente estrábico, bigodes, voz um pouco tísica, terno. Político, advogado, cunhado de Olegário.

ZAMA

- 26 anos.Branco, magro, gestos afetados, ex cadete da Escola Militar, filho de Farnese, usa terno.

FARNESE

- 68 anos. Branco, calvo, bigode e cavanhaque brancos. Coronel da Guarda Nacional, irmão de Olegário. Usa terno.

ANTÔNIO

- 32 anos. Branco, advogado, pastor presbiteriano, filho de FARNESE. Usa terno.

DÓRIS

- Por volta de 10 anos. Branca, sobrinha de Olegário, órfã de mãe. Roupa de festa.

JORGETA

- 49 anos. Branca, cabelos escuros, sobrinha de Olegário. Usa roupa de festa.

AMADEU

- 33 anos. Branco, irmão de Olegário, usa terno.

YAYÁ

- 20 anos. Branca, segunda esposa de Adélio. Usa roupa de festa.

ADELIO

- 41 anos. Branco, cabelos escuros, médico, roupa de festa, filho de Farnese.

DEIRÓ

- 50 anos. Moreno, bigodes. Usa terno sem gravata e colete.

OCTÁVIO

-37 anos. Moreno, bigodes. Usa terno sem gravata e colete.

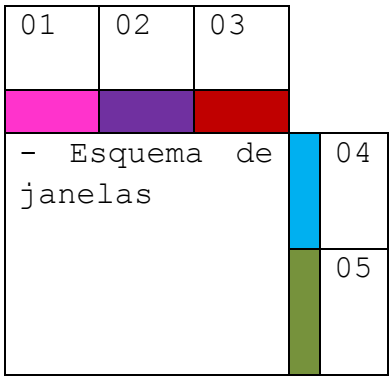
BERENICE

- Por volta de 10 anos. Negra, usa roupas de congadas.

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO 1° PLANO - Sala Azul/Int.

ROTEIRO - PRIMEIRO PLANO
Int./Sala Azul/Noite

LEGENDA DE CORES:
JANELA 01- IGREJA
JANELA 02- ESCOLA NORMAL
JANELA 03- CASA DE ADÉLIO MACIEL
JANELA 04-PALACETE ITAGYBA
JANELA 05-CASA DE JOÃO BORGES



ANO: 1930	
	Indicações: 1. A Procissão dos Borges entra em quadro pela pela JANELA 01/Igreja no Minuto 2. 2. Com o início da música Itararé, a atmosfera de onírica se dissipa. As locações externas se iluminam, com exceção da Escola Normal, [JANELA 02] que permanece envolta em penumbra até 1936.
1	- Atmosfera onírica. Áudio: passos secos de sapato de homem sobre o assoalho de madeira corrida. **[JANELA 02]** OLEGÁRIO entra em quadro, pela esquerda. Observa longamente o vulto da Escola Normal. Por fim, inclina-se, liga o rádio. ÁUDIO: MÚSICA ITARARÉ invade o ar. OLEGÁRIO marca o compasso da música com a cabeça.

- Lentamente vai se criando ambiência de festa: dança, burburinho de pessoas conversando e rindo.

[JANELA 01]
- Dóris entra em quadro. Observa a festa.

[JANELA 03]
FARNESE entra em quadro pela diagonal direita, fumando um cigarro quase no fim. Encosta na janela. Inclina-se um pouco para baforar a fumaça para fora.

[JANELA 02]
- MARCOLINO entra em quadro, cumprimenta efusivamente OLEGÁRIO.

MARCOLINO
Dá aqui um abraço, OLEGÁRIO! Ninguém saiu mais vencedor dessa Revolução do que tu! Quer saber?! Nem Getúlio! Nem Getúlio!

OLEGÁRIO
Exagerado...!

- OLEGÁRIO sai de quadro, estendendo a mão para HOMEM que vem cumprimentá-lo, fora de quadro.

- MARCOLINO tira um charuto do bolso interno do casaco. Cheira o charuto. Procura o isqueiro e não encontra. Olha em torno, vê FARNESE à direita [na **JANELA 03**].

MARCOLINO
Ó FARNESE, me dê fogo!

[JANELA 03]
Ao pedido de fogo, feito por MARCOLINO, FARNESE tira o isqueiro do bolso da calça.

[JANELA 02]

	- MARCOLINO sai de quadro pela direita, se encaminhando para pegar o isqueiro com FARNESE **[JANELA 03]** - MARCOLINO entra em quadro pela esquerda. MARCOLINO Esqueci a binga, homem! FARNESE [olhando para o charuto com expressão irônica] Isso daí ainda vai acabar te matando! MARCOLINO Olhe quem fala... - Os dois saem de quadro, pela esquerda. [JANELAS 03, 04 E 05] - Silhuetas de pessoas cruzam o quadro das JANELAS 03, 04 e 05: Casais dançando, pessoas conversando, bebendo, fumando. **[JANELA 01]** **-** Olegário entra em quadro pela direita e, fazendo uma mesura, convida DÓRIS para dançar: OLEGÁRIO *Donnez-moi cette danse, mademoiselle?* DÓRIS [Segurando o vestido, e fletindo levemente os joelhos] *Oui, monsieur! Je suis enchanté!* **[JANELA 05]** YAYÁ e ADÉLIO param de dançar e ficam na janela, conversando, rindo e namorando.
2	- ÁUDIO: Toca o sino da igreja, de maneira intermitente.[Áudio saindo da **JANELA 01**] - Os personagens olham intrigados na direção do som - ÁUDIO: Vozes fora de quadro expressam surpresa: VOZES Nossa, que susto!

Quando toca assim, é incêndio!

Quê isso...?! O que será que deu no padre?!

Ah, meu Deus! Será que morreu alguém?!

[JANELA 01]
- JORGETA entra em quadro, olha pela janela.

[JANELA 02]
ZAMA entra em quadro pela diagonal direita. Olha para a esquerda, na direção da igreja [janela 01].

ZAMA
Misericórdia! É o povo lá de baixo! Pai, o senhor está vendo aquilo?! Será que é enterro?!

[JANELA 03]
DÓRIS entra em quadro correndo. Olha para a esquerda [na direção da igreja/janela 01].
-FARNESE entra em quadro, ao lado de DÓRIS, lentamente. Olha com desdém na mesma direção.

FARNESE
É enterro, não, Zaminha! É afronta! OLEGÁRIO! Vem ver isso aqui!

Voz de criança, fora de quadro, grita:

VOZ:
Vem, DÓRIS! Vamo ver lá do portão!

DÓRIS sai de quadro, correndo.

[JANELA 01]

JORGETA
[depois de Farnese/Janela 03]
Ah, não acredito! Tio OLEGÁRIO precisa ver isso!

- JORGETA sai de quadro.

[JANELA 03]

MARCOLINO entra em quadro. Olha na direção da procissão.

MARCOLINO
Mas que diabo é isso...?!

[JANELA 01]
OLEGÁRIO entra em quadro. Observa a procissão dos Borges. Volta-se para a direita e pergunta, ironicamente, para MARCOLINO:

OLEGÁRIO
Será que os Borges resolveram sair em procissão por causa dos rádios, MARCOLINO?

[JANELA 03]

MARCOLINO:
Que rádio o que, homem! Isso daí é dor de cotovelo! Eles sabem que se não fosse tu, Getulio não entrava no Catete...! Agora ficam aí, melindrados! Não sabem escolher o lado! Bem feito...! [Tosse]

[JANELA 02]
ZAMA fala com MARCOLINO, com indisfarçável ironia e divertimento na voz:

ZAMA
Mas Tio Marcolino... Os Borges ainda estão sem rádio...!

[JANELA 03]

FARNESE:
E Borges lá precisa de rádio?! Rádio não toca missa...! Rádio toca é música! [Dirigindo-se a OLEGÁRIO, à sua esquerda, na JANELA 01]. Os soldados do Vigésimo ainda estão de prontidão. Só vão à Paracatu, amanhã. É só você dar a ordem, OLEGÁRIO!

MARCOLINO:
[olhando para a esquerda, para OLEGÁRIO]
Meus homens, também estão a disposição! É só você autorizar que mando esse povo todo circular!

3	**[JANELA 01]** OLEGÁRIO Não! Hoje é noite de festa! Sem falar que presepada de Borges acaba sendo uma diversão! **[JANELA 04]** Após a fala peremptória de OLEGÁRIO, uma voz masculina, grita eufórica: VOZ Viva Getúlio! TODOS Viva! EMPREGADAS circulam imediatamente bandejas com taças de champanhe. Os convidados pegam as taças. [JANELA 04] ADÉLIO ergue um brinde: ADÉLIO Viva OLEGÁRIO MACIEL, Presidente de Minas Gerais! TODOS [eufóricos] Viva! [JANELA 01] OLEGÁRIO ergue a própria taça e faz outro brinde: OLEGÁRIO Viva a Revolução! TODOS Viva! OLEGÁRIO sai de quadro. **[JANELA 03]** MARCOLINO sai de quadro. [JANELA 05]

	AMADEU entra em quadro. Pouco depois, MARCOLINO também entra em quadro, passando por AMADEU. AMADEU o chama e conversam. AMADEU MARCOLINO, me deixe te perguntar uma coisa... MARCOLINO Sim...? AMADEU O Coronel Quintino Vargas não havia desistido da apreensão dos rádios? MARCOLINO Olhe... Tinha. Mas ele não sabia que a oposição do "Partido Popular de Patos" tinha apoiado Mello Viana contra Olegário... AMADEU [compreendendo a situação] E como Mello Viana apoiou Júlio Prestes... MARCOLINO Pois então, homem! Imagine essa gente dos Borges espalhando notícia desencontrada?! Olhe, ia ser outra revolução só aqui em Patos! AMADEU: É, tem razão. Mas... você devolveu os rádios dos Borges ou não? [rindo, com ironia] MARCOLINO: Mas não é possível! Vou devolver, homem! Vou devolver! [tosse]
4	MARCOLINO sai de quadro resmungando. Volta a tocar música animada.

	JORGETA entra em quadro. AMADEU beija sua mão e os dois saem de quadro, dançando. **[JANELA 04]** ADÉLIO puxa YAYÁ pela mão, para dentro do quadro. Cochicha algo em seu ouvido. Ela ri, bate no ombro dele. E os dois saem de quadro, dançando. Ambiência de festa toma conta da sala azul.
ANO: 1932	
	Indicações:
5	- Penumbra. Silhuetas de corpos. Reflexo de velas em um bolo de aniversário. **- [JANELA 02]** - OLEGÁRIO está em quadro, de frente para a sala. TODOS Parabéns a você! Nesta data querida! Muitas felicidades, muitos anos de vida! Parabéns a você! Nesta data querida! Muitas felicidades, muitos anos de vida! Viva OLEGÁRIOl Viva! - enquanto os convidados cantam, JORGETA entra em quadro, trazendo um bolo redondo nas mãos, no qual se vêem velinhas de aniversário, indicando 76 anos. - OLEGÁRIO, muito satisfeito com a festa, ao término dos "Parabéns", assopra as velinhas. - Alguém grita, fora de quadro: VOZ Faça um pedido, Tio Olegário! - As luzes se ascendem. - As pessoas se aproximam de OLEGÁRIO, para cumprimentá-lo. Devagar, vai saindo de quadro. **[JANELA 04]** -ZAMA e YAYÁ estão em quadro. Depois que OLEGÁRIO assoprou as velinhas, ela comenta com o cunhado: YAYÁ

	Qual terá sido o pedido do Tio Olegário? ZAMA Que pergunta, YAYÁ! Lá vou saber dos pedidos dos outros?! Eu sei dos meus! YAYÁ É? E se fosse seu aniversário, Zaminha? O que você pediria? ZAMA suspira longamente. E, com ar sonhador, responde: ZAMA *Je veux un petit ami...* YAYÁ demora uma fração de segundos para entender. Depois, rindo, bate no braço dele, em reprimenda. YAYÁ Zaminha! Ai se teu pai ouve um negócio desses! Ele olha em torno e balança os ombros. ZAMA Está longe, boba! Nem sonha...!
	EMPREGADAS circulam com bandejas, oferecendo pedaços de bolo em pratinhos. **[JANELA 05]** - ANTÔNIO e ADÉLIO estão em quadro, observando a festa. ADÉLIO fuma na janela. Conversam sobre a morte de MARCOLINO. ANTÔNIO Francamente, ADÉLIO, achei que ele não agüentaria o baque da morte do Tio MARCOLINO. Eu estava em Belo Horizonte, no gabinete do Gustavo, quando chegou a notícia. Tio Olegário quase enfartou. Te juro, meu irmão, não achei que ele chegaria aos setenta e seis. ADÉLIO Pois eu acho que ele chega aos cem, fácil, fácil. Tio OLEGÁRIO é um coco! Besta de quem acha que ele é

doente...! Pois se não enterrou o Pedro Marques, que estava com pouco mais de quarenta?!

ANTÔNIO [rindo]
Acho que o Antônio Carlos está passado até hoje!

Os dois riem. ANTÔNIO aceita o bolo. ADÉLIO recusa. ANTÔNIO sai de quadro.

[JANELA 01]

- JORGETA e DÓRIS entram em quadro. JORGETA Tem uma das mãos no ombro de Dóris. Conversa com HOMEM fora de quadro.

JORGETA
Dóris ficou apavorada, coitadinha!

DÓRIS
Fiquei nada![responde ofendida, olhando para cima, na direção de JORGETA]

O HOMEM ri.

HOMEM
Nem quando os soldados cercaram o Palácio da Liberdade?

Dóris nega com a cabeça.

DÓRIS
Não!

[JANELA 02]

ANTÔNIO e OLEGÁRIO entram em quadro, conversando sobre a Escola Normal

ANTÔNIO
As obras da Escola estão um pouco atrasadas, Tio. Confesso que estou ficando preocupado. O casarão da Praça Antônio Dias está muito ruim. Não agüenta as próximas chuvas.

OLEGÁRIO
Está assim, Antônio? Mas já falei com o Gustavo! Falei antes de vir pra cá! Ele não te mandou um radiograma, informando da liberação da verba?

ANTÔNIO
Mandou, Tio! O problema é que tenho medo da estação das chuvas chegar e a Escola ainda não estar pronta...

OLEGÁRIO
Está resolvido: mande a meninada pra cá! Osório anda precisando mesmo de uns barulhos na cabeça!

ANTÔNIO ri, surpreendido com a decisão de OLEGÁRIO.

ANTÔNIO
Sério, Tio?

OLEGÁRIO
Não é por falta de casa que essas meninas vão ficar sem escola! E, de mais a mais, quero que a Escola Normal fique perfeita! Quando me aposentar vou ficar aqui, no alpendre,olhando as moças irem estudar...

ANTÔNIO [rindo]
Tio...!

Os dois riem. Saem de quadro, rindo.

[JANELA 05]

HOMEM fora de quadro, conversa brevemente com ADÉLIO:

VOZ
Que tal um carteado, Doutor Adélio? Anima?

ADÉLIO
Só se fora a dinheiro, meu caro! Porque não sou homem de apostar tentos!

	VOZ Então prepare a carteira, Doutor! ADÉLIO sai de quadro. - Ambiência de festa.
6	
7	[JANELA 05] FARNESE entra em quadro. Fuma um cigarro, escorado com indolência da JANELA, observando a festa.
	[JANELA 02] JORGETA entra em quadro, pela esquerda, conversando com OLEGÁRIO, fora de quadro. JORGETA Mas, já, Tio OLEGÁRIO?! OLEGÁRIO Tenho um encontro com Getúlio, na Fazenda da Floresta. Não posso faltar, minha querida! **[JANELA 04]** AMADEU cruza a JANELA 04. AMADEU Mas, OLEGÁRIO, está muito tarde! OLEGÁRIO É o horário do trem, AMADEU, não posso fazer nada! OLEGÁRIO também cruza a JANELA 04, na diagonal. E continua falando, enquanto passa pela JANELA 03 OLEGÁRIO

	Vou de charrete, daqui até a Estação da Catiara e de lá pego o trem. **[JANELA 02]** OLEGÁRIO entra em quadro. Está com um casaco dobrado no braço e um chapéu na mão. **[JANELA 05]** FARNESE Leve os meninos com você, OLEGÁRIO. Pelo menos até a Catiara. Com esse tanto de Borges na rua, nunca se sabe. Zaminha é bom de tiro e ADÉLIO é médico. No caso de uma precisão... é lógico! **[JANELA 02]** OLEGÁRIO FARNESE, meu irmão, se tem uma coisa que aprendi na vida, foi não discutir com você! OLEGÁRIO beija a mão de JORGETA. Olha longamente para o vulto da Escola Normal e sai de quadro. Vultos de siluetas de despedem de OLEGÁRIO. Os demais personagens saem de quadro. A ambiência se serena na sala azul. Música ambiente, conversas baixas, risos entremeados.
8	
ANO: 1933	
	Indicações:
9	

10	
11	**[JANELA 03]** JORGETA entra em quadro, passando despreocupada pela janela. Atenta-se para a movimentação fora da JANELA. Quando compreende o que está acontecendo, deixa cair a taça que traz nas mãos. E grita pelo marido JORGETA [em pânico] AMADEU!!! Acode, AMADEU! Acode! **[JANELA 02]** AMADEU e ANTÔNIO entram em quadro, correndo. Olham pela janela. Tomam pé da situação e saem, rapidamente de quadro. - Siluetas e corpos cortados entram e saem de quadro, olhando pelas janelas 01, 02 e 03, na direção da confusão.
12	- A sala azul silencia.
ANO: 1936	
	Indicações: Escola Normal [JANELA 02] está plenamente iluminada.
13	- Atmosfera fúnebre na sala azul. Silhuetas de mulheres contritas, com véus pretos sobre os ombros. Homens com braçadeiras negras nas mangas dos ternos, circulam pela sala, cruzando as janelas. - ÁUDIO; JORGETA chora convulsivamente. JORGETA [soluçando] Tio Olegário e Mamãe...

	Meu Deus, Yayá! Que desgraceira é essa?! YAYÁ Chora, Tia... Olha, toma esse chá. É de funcho. Vai fazer bem. - ÁUDIO HOMEM Meus pêsames, Major. Também estamos enlutados. GOTTE Obrigado.
14	ÁUDIO. MULHER Coronel FARNESE... meus pêsames. FARNESE Hummm... Hummm HOMEM Meus sentimentos, Coronel... ÁUDIO ADÉLIO Pai, por favor, aceite este comprimido! É para o senhor dormir um pouco... Pai! Pai, por favor...
15	ÁUDIO MULHER [falando baixo] Dona Etelvina morreu exatamente treze dias depois do irmão. Dá pra se pensar não acha? MULHER Vanda, OLEGÁRIO e ETELVINA eram muito unidos. Ela não suportou, já estava velhinha também. É só isso...!

	ÁUDIO AMADEU JORGETA, minha querida, venha descansar.
16	**[JANELA 02]** ÁUDIO ANTÔNIO [com pesar] Tio OLEGÁRIO queria ficar no alpendre, olhando as normalistas entrarem na Escola Normal... Não viveu para ver... Me dá um aperto no coração, ZAMA! ZAMA ANTÔNIO, onde quer que Tio Olegário esteja, eu sei que ele está orgulhoso do trabalho que você fez! Esta escola é uma vitória sua, do nosso tio e da sua fé! E se serve de consolo, meu irmão, pode contar comigo. Eu vou lutar ao seu lado, sempre! ANTÔNIO[engasgado] ZAMA...! Ô, meu irmão...Dá aqui um abraço!
ANO: 1937	
	Indicações:
17	A sala azul está em silêncio. ÁUDIO. Passos de homem ecooam pelo assoalho de madeira corrida. [**JANELA 02]** - FARNESE entra em quadro. Observa longamente a Escola Normal, plenamente iluminada. Inclina-se. Liga o rádio. O discurso de Getúlio Vargas instaurando o Estado Novo, ecoa pela sala. - Enquanto ouve o discurso, o Coronel ascende um cigarro. Bafora a fumaça para fora.

	- Quando o discurso termina, o coronel dá uma risadinha gutural. - Uma voz feminina, fora de quadro, pergunta da porta: EMPREGADA Licença, Coronel... FARNESE se volta. Olha para a empregada. EMPREGADA Coronel, o jantar está pronto. Pode mandar servir ou o senhor está esperando alguém? FARNESE Não, Juracy! Não estou esperando ninguém. Pode mandar servir. FARNESE olha diretamente para a JANELA 05. Observa por alguns momentos DEIRÓ Borges receber a notícia do golpe. Por fim, FARNESE sai de quadro, rindo.
18	
19	
20	

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO JANELA 01 - 2° e 3° PLANO / EXT.

	JANELA 01 LOCAÇÃO: IGREJA			01 02 03 ESQUEMA DE JANELAS	04
	ANO 1930	Indicações: Iluminação: iniciar com com aspecto bruxuleante (atmosfera onírica). Iluminar após 10”			05
	1° PLANO Int./Sala azul/Noite	**2° PLANO Ext./Adro da Igreja/Noite**	**3° PLANO Ext./Adro da Igreja/Noite**		
1			- Cachorro magro entra em quadro, pela direita. Atravessa o adro da igreja. Sai de quadro.		
		- Áudio: sino da igreja toca. - MOÇA 1, branca, de vestido claro, entra quadro vinda de trás da igreja. Olha para os lados, aflita. Atravessa o adro da igreja, correndo. Sai de quadro pela direita.	- HOMEM NEGRO, vestindo roupas de congadeiro, entra em quadro pela esquerda. Aguarda. - O HOMEM NEGRO olha para cima, surpreso com as badaladas do sino./ Observa a moça correr.		

2		Portas da igreja se abrem. A procissão dos Borges entra em quadro, vinda do interior da igreja. As pessoas trazem velas nas mãos, protegidas por papéis. À frente, um adolescente segura uma cruz de madeira. MÚSICA de procissão.	
		OCTÁVIO Deiró, como será que a Macielada vai reagir? DEIRÓ [Olhar firme, à frente. Mal se volta para OCTÁVIO] Como sempre reagem, OCTÁVIO! Com covardia! Tenho certeza que os jagunços do Marcolino vão tentar nos intimidar. Mas não há de ser nada! Deus está do nosso lado! [bate no	

		coldre que está na cintura e mostra, ligeiramente, a arma]. Desta vez... não vai ser como na Lagoa Formosa, quando mataram Hasenclever... OCTÁVIO [fazendo o sinal da cruz] Deus me livre de confusão, Deiró! Mas... também vim preparado. Olegário tem que saber que Patos não é o quintal da casa dele e muito menos um armazém do Getúlio! DEIRÓ Ah...! Mas ele vai saber, Octávio! OCTÁVIO [olhando na direção das janelas] Eles estão nas janelas...! Está vendo? DEIRÓ [olhar ainda firme, à frente, sem se voltar para as janelas] Estou.	

		A procissão avança. ÁUDIO, ao fundo: MATRACA.	
3		RAPAZ 1 [rindo] Agora que a Revolução acabou, o povo começa a voltar da pescaria... RAPAZ 2 [rindo] Eu fui um! Nem quando o Quintino Vargas foi para Paracatu, achei seguro voltar. Cê é besta...! Pegar em arma por causa de Getúlio?! Do Coronel Farnese?! Mas é neim...!	
		ÁUDIO, ao fundo: MATRACA.	
		MULHER 1 [com ironia] As tropas do batalhão provisório seguem amanhã, para Paracatu. Vão sentir falta das professoras do Grupo Escolar angariando donativos... MULHER 2 Ai, IZILDINHA! Que maldade!	

		MULHER 1 Não falei nada demais...	
4		PAI [procurando em torno] Não estou vendo a Erlinda... MÃE Estava com Esther, no fundo da igreja. Avisaram que iriam em casa. Esther estava com incômodo de moça... PAI É?! E por que a Esther está bem ali com a tia e Erlinda não voltou?! Eu sei bem onde ela foi! [sai da fila] MÃE Onde você vai, volte...ah, meu Deus!	
		Pai se separa da procissão e sai de quadro, pela direita. ÁUDIO: Canto da procissão.	
		MOÇA 2	- Dois HOMENS NEGROS entram em quadro pela direita, por trás

		O Laudelino me disse que o Coronel Arthur vai colocar filmes falados, lá no Cine Magalhães. MOÇA 3 Duvido! Fita falada, aqui em Patos?! Nem no Magalhães nem no Glória! MOÇA 2 Mas o Laudelino deu certeza! Disse até que o Coronel mandou pintar na fachada que agora filme lá é "falado". MOÇA 3 Pois continuo duvidando! Sou igual São Tomé, SANTINHA! Tenho que ver para crer! - Procissão sai de quadro, pela direita.	da procissão. Avistam o outro homem negro. Se cumprimentam. Ficam observando a procissão seguir..
	ANO 1932	INDICAÇÕES	
	1° PLANO **Int./Sala azul/Noite**	**2° PLANO** **Ext./Adro da Igreja/Noite**	**3° PLANO** **Ext./Adro da Igreja/Noite**

5			- 04 CONGADEIROS entram em quadro, pela direita. - Os dois grupos se avistam, se cumprimentam com abraços calorosos.
			- Os congadeiros vão tomando lugares pelo adro da igreja. Conversam, afinam instrumentos, ensaiam passos, fumam,
6			
			- O SACRISTÃO entra em quadro pela porta da igreja. Observa a movimentação na porta.
7			- Desgostoso, o SACRISTÃO volta para dentro da igreja.
8			- Mais 03 CONGADEIROS entram em quadro pela esquerda.
			- Os CONGADEIROS cumprimentam os demais e executam movimentos semelhantes: tomam lugares no entorno, conversam, afinam instrumentos.

			- Um dos CONGADEIROS tira um pão com salame de dentro de um embornal. Oferece. Uns aceitam, outros não. Comem o pão.

	ANO 1933	INDICAÇÕES	
	1° PLANO Int./Sala azul/Noite	**2° PLANO Ext./Adro da Igreja/Noite**	**3° PLANO Ext./Adro da Igreja/Noite**
9			- MENSAGEIRO entra em quadro pela esquerda, correndo. Leva um papel na mão. Desvia de alguns CONGADEIROS, tromba em outros. Segue. Sai de quadro, correndo, pela direita. - Os CONGADEIROS se surpreendem. Trocam observações surpresas e de indignação.
10			- Entra em quadro grupo grande de CONGADEIROS [Metade dos Congadeiros de Santana], pela

			esquerda. Cumprimentos. Abraços.
			- SACRISTÃO entra em quadro na porta da igreja. Olha em volta. Chega até o adro, observa a quantidade de CONGADEIROS presentes. Volta. Entra para dentro da igreja. Ostensivamente fecha a porta. Sai de quadro. - Os grupos reagem com indignação, mas também com resignação. Movem as cabeças em sinal de negativa. Apontam, conversam entre si.
11			
			- Os CONGADEIROS são alertados pela confusão em frente a Casa de Adélio [Janela 03]. Olham para a direita, na direção da janela 03. - 02 CONGADEIROS se afastam do grupo e saem de quadro pela direita, para ir ver a “o que estava acontecendo”.

12			

	ANO 1936	INDICAÇÕES

	1° PLANO Int./Sala azul/Noite	**2° PLANO Ext./Adro da Igreja/Noite**	**3° PLANO Ext./Adro da Igreja/Noite**
13			- 02 CONGADEIROS entram em quadro, vindos da direita. Contam "o que aconteceu"
			- Os grupos silenciam. Fazem gestos. Apontam.
14			
15			
16			
			- Entra em quadro grupo grande de CONGADEIROS [Segunda metade dos Congadeiros de Santana], pela esquerda e por trás da igreja. Dentre eles

			está o MESTRE, o que conduz o terno. Cumprimentos. Abraços. Procuram lugares, conhecidos. Formam pequenos grupos. Aguardam. O adro da igreja fica lotado.
	ANO 1937	INDICAÇÕES	
	1° PLANO Int./Sala azul/Noite	**2° PLANO Ext./Adro da Igreja/Noite**	**3° PLANO Ext./Adro da Igreja/Noite**
17			- Os CONGADEIROS se preparam para a saída do Congado. O Mestre organiza o terno.
18			
			- EMPREGADA de Adélio/Mãe de Berenice, entra em quadro pela direita. Cumprimenta os outros. Se desculpa pelo atraso. Olha ansiosa para a direita.
19			

			- Os CONGADEIROS tomam seus lugares. - As meninas seguram as fitas da Bandeira.
			- A EMPREGADA de Adélio/Mãe de Berenice, avista a filha. Grita: EMPREGADA Vem Berenice!
20			- Berenice entra em quadro pela esquerda. A mãe ajeita seus adereços. Berenice segura a fita da Bandeira. O Mestre grita: MESTRE Viva Nossa Senhora do Rosário!
			- Tem início a Congada. Sai de quadro pela esquerda.

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO JANELA 02 - 2° E 3° PLANO/Ext.

	LOCAÇÃO: ESCOLA NORMAL	JANELA 02		01 02 03		04
				ESQUEMA DE JANELAS		
	ANO 1930	Indicações: Iluminação bem fraca, mostrando apenas os contornos do prédio, como se a escola fosse um sonho, uma projeção para o futuro.				05

	1° PLANO **Int./Sala azul/Noite**	**2° PLANO** **Ext./Frente da Escola Normal/Noite**	**3° PLANO** **Ext./Frente da Escola Normal/Noite**
1			
			MOÇA 1 [de vestido claro], entra em quadro pela esquerda. Olha em torno, aflita. Espera por alguém. Aguarda.
		- ÁUDIO. Sino da igreja toca.	MOÇA 1 se volta, assustada, na direção do sino. Olha para a esquerda, com medo. Depois olha para a direita, na tentativa de delinear a pessoa que está aguardando [o RAPAZ que entra em quadro na janela 05]
2			RAPAZ entra em quadro, pela direita. Traz flores comuns nas mãos, enroladas num arranjo simples, de papel de

			pão. Avista a MOÇA 1, acena, sorri. Aperta o passo.
			MOÇA 1 e RAPAZ se encontram. Se abraçam e se beijam. Ele lhe oferece as flores.
			A MOÇA 1 aceita as flores, mas desaba num choro convulsivo. Chora copiosamente. O RAPAZ, sem saber o que fazer, a abraça, tentando confortá-la.
3			O casal conversa.
			O RAPAZ segura o rosto da MOÇA 1 entre as mãos. Beija sua testa, carinhosamente. Depois beija suas mãos, uma de cada vez.
			O casal sai de quadro pela direita, de mãos dadas.
4			PAI entra em quadro pela esquerda.Traz vela na mão e Procura nervosamente pela filha.
			PAI perscruta a escuridão. Olha em torno, em volta do vulto da Escola Normal.
			PAI sai de quadro pela direita.

	ANO 1932	INDICAÇÕES

	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO

5		PROCISSÃO entra em quadro pela esquerda.	- GRUPO DE CONGADEIROS NEGROS 1 [cerca de sete negros]entra em quadro pela direita, na calçada. Avista a procissão entrando em quadro na outra extremidade da rua. Ficam na calçada, observando o desenrolar da procissão.
		DOIS HOMENS conversam sobre a morte de Marcolino de Barros: HOMEM 1 Será onde Deus coloca uma alma como a do Marcolino? HOMEM 2 Ah, aquele foi direito pro inferno. Certeza! HOMEM 1 Será? Mas Deus não teria misericórdia...? HOMEM 2 [com azedume] Não sei. Mas eu é que não vou gastar vela com defunto ruim!	

		ÁUDIO: MATRACA	
6		No meio da Procissão, mais DOIS HOMENS conversam sobre as dívidas deixadas pela Revolução de 1930: HOMEM 1 Contratei advogado da capital! Contratei logo dois, que um só é pouco! O folgado do Marcolino assinou requisição, mandando buscar soldadesca lá na Catiara e na hora de pagar.. HOMEM 2 Morreu... HOMEM 1 Mas não vou no inferno cobrar! Quem tem que pagar é o governo de Minas Gerais! O Olegário Maciel não é o Presidente do Estado? Então! Ele que pague!	

		HOMEM 2 Comigo o prejuízo foi de choferagem, óleo e gasolina. Deu quase um conto de réis! Com o Hugo foi mais de dois contos! Da Casa dele retiraram brim, botina, chapéu de lebre... até pano vermelho pra fazer lenço! HOMEM 2 Mas do Armazém do Amadeu não ficou nenhuma dívida sem saldar, né?!	
		Em algum lugar da PROCISSÃO, duas moças conversam: MOÇA 1 Amarilina, que jecagem é essa?! Pára de mancar...! MOÇA 2 Ai, Mariquinha, quebrei meu salto...!	

		MOÇA 1 Mas também! Que idéia vir pra procissão de salto, hein? MOÇA 2[irritada] E eu sabia que ia ter procissão?! Vim na missa! Tio Deiró é que resolveu de última hora! Se eu soubesse, nem tinha vindo! Ai... meu pé...	
7			O PAI entra entra em quadro pela direita, com a vela acesa na mão. Anda devagar, cabisbaixo. Ergue a cabeça e vê os negros na calçada. Sai da calçada e entra no segundo plano, na rua.
		O PAI entra em plano, passando à frente da procissão e indo tomar seu lugar, ao lado da MÃE. MÃE Encontrou com Erlinda?	

		PAI Não.	
8		No meio da procissão, um dos rapazes avista FARNESE, parado na porta da casa de Adélio. RAPAZ 1 [em pânico] É impressão minha ou o Coronel FARNESE está lá na frente?! RAPAZ 2 Não é impressão não... Jesus Cristo! E ele não está sozinho... Tem seis macacos com ele!	
	ANO 1933	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO

9			-MENSAGEIRO entra em quadro pela esquerda, correndo com o telegrama na mão. Esbarra nos congadeiros. Desvia,vai pela rua.Sai de quadro pela direita.
10			
11			-GRUPO DE CONGADEIROS NEGROS 1 olha para a direita, na direção da casa de Adélio [janela 03]
12			-02 CONGADEIROS entram em quadro pela esquerda e se juntam aos demais para observar a confusão.
	ANO 1936	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
13			- OS DOIS CONGADEIROS saem de quadro pela esquerda, [voltando para a porta da igreja/janela 01].

			- O GRUPO DE CONGADEIROS NEGROS 1, já está ansioso, aguardando pelos demais. Alguns olham para a direita, para o fim da rua, na expectativa de delinear seus companheiros.
14			
15			
16			- GRUPO DE CONGADEIROS NEGROS 2 entra em quadro pela direita. Os grupos se acenam. Quando se encontram, se abraçam, se cumprimentam. Todos saem de quadro pela esquerda.
	ANO 1937	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
17			

18			- EMPREGADA de Adélio/MÃE de Berenice, entra em quadro apressa, pela direita. Pára um pouco. Olha para trás, para ver se delineia a filha. Mas desiste e segue seu caminho, rumo ao adro da igreja. Sai de quadro pela esquerda.
19			- BERENICE entra em quadro saltitante, pela direita. Pára de frente a Escola Normal. Segura as grades do portão e olha longamente para o prédio, que "cresce" à frente dela. Ouve a mãe gritar. Separa-se lentamente das grades e corre, saindo de quadro, pela esquerda.
20			

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO JANELA 03 - 2° E 3° PLANO/Ext.

	LOCAÇÃO: CASA DE ADÉLIO	JANELA 03	01 02 03		04
			ESQUEMA DE JANELAS		
	ANO 1930	Indicações: Janelas abertas, luzes apagadas. Ascender as luzes após 10’’ (quando começa a música Itararé).			05
	1° PLANO	**2° PLANO Ext./Frente a Casa de Adélio -/Noite**	**3° PLANO Ext./Frente a Casa de Adélio -/Noite**		

		ÁUDIO: SINO	
2			RAPAZ [COM FLORES NAS MÃOS]entra em quadro pela direita a passos rápidos.
			EMPREGADA /MÃE de BERENICE, negra, entra em quadro, saindo de dentro da casa para o alpendre. Olha para a esquerda e ao olhar para a direita, vê o RAPAZ. O cumprimenta, "estranhando as flores". O RAPAZ responde ao cumprimento e continua seu caminho.
			RAPAZ sai de quadro pela esquerda, enquanto a EMPREGADA/MÃE DE BERENICE o observa.
3			
			RAPAZ e MOÇA 1 entram em quadro pela esquerda. Estão de mãos dadas e ela traz as flores em uma das mãos.

			- A EMPREGADA/MÃE de Berenice observa a cena com indisfarçável interesse.
			- O Casal passa diante do alpendre e são interrompidos pela EMPREGADA/MÃE de Berenice. Ela os cumprimenta, querendo saber "que novidades são essas"? - O CASAL não estica muito a conversa. Despede-se e segue, saindo de quadro pela direita.
4			- GRUPO DE CONGADEIROS NEGROS 1 entra em quadro pela direita.
			- GRUPO para em frente ao alpendre. Conversa com a EMPREGADA/MÃE de Berenice. Alguém pede um copo d'água. Ela entra, traz a água. Depois que a pessoa bebe a água, o GRUPO segue para a esquerda.
			- O GRUPO cruza com o PAI da MOÇA 1, que entra em quadro pela esquerda. O PAI desvia dos congadeiros, ostensivamente temeroso. Na confusão, a vela apaga. O GRUPO sai de quadro pela esquerda.

	ANO 1932	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
5			- O PAI se aproxima da EMPREGADA/MÃE de Berenice. Quer saber se ela viu a filha. A EMPREGADA nega peremptoriamente.
			- O PAI agradece. Olha em frente, caminha mais um pouco para a direita, sob o olhar atento da EMPREGADA. Desiste. Volta. Pede à EMPREGADA fósforos para ascender a vela. Ela entra, volta trazendo os fósforos.
			- Desce até a calçada, ascende a vela para o PAI. Ele agradece e sai de quadro pela esquerda.
6			- A EMPREGADA fica olhando o homem sair de quadro, quando "vê" a procissão apontando na outra esquina. Leva a mão à boca, surpresa.
			- ELA volta para o alpendre fica olhando para a esquerda, observando o desenrolar da procissão.

7			
8			- FARNESE entra em quadro pela diagonal esquerda,fumando um cigarro já no fim. Vem seguido de seis JAGUNÇOS. -A EMPREGADA vê e coça a cabeça. Não sabe se entra, não sabe se fica.
			- FARNESE chega à calçada, junto com os jagunços. A EMPREGADA cumprimenta. Mas ele olha para ela, de alto a baixo. Vira as costas e fica olhando para a esquerda, "aguardando a procissão".
			- A EMREGADA sai de quadro, entrando dentro da casa.
	ANO 1933	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO

9		- A PROCISSÃO entra em quadro. Os Borges avançam, já alertados de que o Coronel FARNESE os aguarda,de frente a casa de Adélio. - Os membros da procissão voltam a cabeça, surpresos com a chegada do mensageiro.	- YAYÁ entra em quadro, vinda de dentro da casa, seguida, a uma "distância segura" pela EMPREGADA. Visivelmente apreensiva, aproxima-se do muro do alpendre e cumprimenta FARNESE: YAYÁ Meu sogro...! Que surpresa... - FARNESE só olha. Acena com a cabeça e volta a observar os Borges. - ZAMA entra em quadro, pela direita. Aproxima-se, lança um olhar longo para os jagunços perfilados atrás de FARNESE. ZAMA Pai... O que o senhor está fazendo aqui...?!

			FARNESE [baforando a fumaça do cigarro, olhos fixos nos Borges] Tomando a fresca! YAYÁ torce as mãos. YAYÁ Zaminha, posso mandar fazer um café... - MENSAGEIRO entra em quadro, correndo. Avista FARNESE e agita o telegrama na mão. MENSAGEIRO Coronel! Coronel![O MENSAGEIRO se aproxima de FARNESE e estende o telegrama. Telegrama de Belo Horizonte, Coronel! FARNESE pega o telegrama, abre. Afasta um pouco, para tentar ler e desiste. FARNESE

			Lê aqui, Zaminha. Sem óculos não enxergo isso não... - ZAMA apanha o telegrama. Lê. Fica pálido. Olha para o pai, que aguarda. E dá a notícia: ZAMA Pai... O Tio Olegário morreu. - FARNESE olha para ZAMA completamente pasmado, olhos desfocados. Está em choque. Então, "bambeia" as pernas, leva a mão no peito e busca o ar. Zama ampara o pai e grita por ADÉLIO, histérico: ZAMA ADÉLIO!!! YAYÁ [descendo as escadas, nervosa] ADÉLIO não está, Zaminha! Iraneide, busca água, pelo amor de Deus!

			- A EMPREGADA saiu de quadro, entrando dentro da casa. ZAMA Vai atrás do teu marido, YAYÁ, corre! YAYÁ saiu correndo calçada a fora e sai de quadro, pela direita. A EMPREGADA volta com um copo d'água. Os jagunços ajudam ZAMA a amparar FARNESE.
10		OS DOIS PLANOS SE MISTURAM	
		- FARNESE recusa a água. Afasta a EMPREGADA, os Jagunços. Desesperado, invade a procissão, sai empurrando quem estiver na sua frente. A confusão se instala. Os JAGUNÇOS e ZAMA também entram no meio. Na tentativa de proteger FARNESE, acabam empurrando também. - Mulheres e meninos saem correndo, aos gritos. Muitas saem de quadro pela direita, outras pela frente, indo para detrás da câmera.	

		FARNESE Sai do meu caminho! Sai do meu caminho! DEIRÓ Essa é uma manifestação pacífica, Coronel! Ninguém aqui quer violência! FARNESE Quem é que te deu autorização?! Ninguém te deu autorização pra ficar passeando por aí, não, Deiró! DEIRÓ A rua é pública, Coronel! RAPAZ Esse velho ta é gagá, Deiró! Zama vai para cima do rapaz que se referiu a FARNESE como "gagá". O empurra para longe e enfia o dedo no seu rosto: ZAMA Dobre a língua pra falar do meu pai, papa óstia! RAPAZ Quem você pensa que é, ô?! ZAMA [estufando o peito e "crescendo na frente do outro".

		Eu sou ZAMA MACIEL! E você?! Quem é? RAPAZ Você não passa de um pederasta, sô! Seu pederasta! [Empurra o peito de Zama com as mãos] - FARNESE se coloca na frente de ZAMA. Com a mão esquerda protege o corpo do filho. Com a direita, afasta a aba do casaco e mostra a pistola na cintura. FARNESE [com a voz baixa e gutural, cheia de ódio] Não encosta no meu filho...! Deiró fica na frente do rapaz e também o protege com o corpo. DEIRÓ e FARNESE sacam de suas armas, ao mesmo tempo, e miram, a menos de um metro, na testa um do outro. Imediatamente, homens dos Borges, os Jagunços de FARNESE e ZAMA, sacam suas armas e apontam uns para os outros. A EMPREGADA deixa o copo cair e saiu correndo para dentro da casa. O MENSAGEIRO vai atrás dela, mas antes que ele possa entrar, ela fecha a porta na cara dele. Sem alternativas, o MENSAGEIRO se abaixa atrás do muro do alpendre enquanto, no interior da casa, a EMPREGADA fecha as janelas. DEIRÓ

		Dessa vez, não, Coronel! Hoje é olho por olho, dente por dente! FARNESE [frio, com voz baixa, sem tremer as mãos e olhando direto nos olhos de DEIRÓ] Meu irmão OLEGÁRIO acabou de morrer. Quantos olhos os Borges tem, para pagar os dentes dele?
11		DEIRÓ fica lívido, surpreso com a notícia. Vagarosamente, vai abaixando a arma. Ato contínuo, FARNESE e os demais também abaixam.
12		DEIRÓ Receba... nossos sentimentos, Coronel. Somos solidários com a sua dor. FARNESE Você sabe onde enfiar os seus sentimentos, DEIRÓ! Coloca a arma na cinta e começa a andar, na direção do casarão. ANTÔNIO e AMADEU entram em quadro, correndo, vindos do casarão. O Coronel Arthur e os dois homens que estavam na janela 04, entram em quadro, correndo, vindos da direita. Aproximam-se de FARNESE, na expectativa de apartar uma briga que já não tem mais razão de ser. ANTÕNIO

		Zaminha, pelo amor de Deus, o que foi isso? ZAMA [seguindo o pai] Tio Olegário morreu, Antônio... Tira o papai daqui. Por favor. ANTÔNIO passa as mãos pelos ombros do pai. AMADEU fica momentaneamente em choque com notícia. Por fim, abraça FARNESE e os dois saem chorando, baixinho, na direção do casarão. São seguidos pelo Coronel Arthur, os dois homens do Placete Itagyba, ZAMA, ANTÔNIO e, por fim, os JAGUNÇOS. Saem de quadro. SILÊNCIO. A PROCISSÃO, devagar, se recompõe, e os Borges seguem, saindo de quadro pela direita. ÁUDIO: som intermitente de matraca.

	ANO 1936	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
13			- ADÉLIO e YAYÁ entram em quadro pela direita. Atravessam a rua, na direção do casarão. Saem de quadro.

			EMPREGADA/MÃE de Berenice, entra em quadro. Abre as janelas, meio ressabiada. Olha de um lado para o outro, para ter certeza de que a confusão já acabou. O MENSAGEIRO ergue a cabeça por trás do muro do alpendre. Faz o mesmo movimento. Quando se certifica de que não há mais perigo, desce as escadas, às pressas e sai de quadro pela direita.
			EMPREGADA sai de dentro da casa, vestida com roupas de congadeira. Fecha a porta, desce as escadas e fica na porta, aguardando.
14			
			GRUPO DE CONGADEIROS 2 entra em quadro. Acenam para a EMPREGADA. O grupo se encontra COM ela. Eles se cumprimentam, se abraçam. Conversam um pouco. Ela fica, aguardando por Berenice.

			EMPREGADA aguarda, olhando ansiosa para a direita, na expectativa de a filha aparecer.
15			
16			Finalmente, a EMPREGADA desiste de esperar e sai de quadro andando vagarosamente para a esquerda, vez ou outra olhando para trás, para ver se a filha aparece.
	ANO 1937	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
17			
18			BERENICE entra em quadro, correndo saltitante. Chega diante do portão, olha para dentro. Bate palmas. Aguarda.

			Como a mãe não aparece, a menina dá de ombros e continua seu caminho, saltitante. Sai de quadro pela esquerda.
19			
20			

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO JANELA 04 - 2° E 3° PLANO/Ext.

	JANELA 04 LOCAÇÃO: PALACETE ITAGYBA			01	02	03
				ESQUEMA DE JANELAS		04
	ANO 1930	Indicações: Janelas abertas. Luzes apagadas. Acesas após 10”, quando começar a música Itararé. Numa das janelas, aparece a silhueta de um rádio antigo. Observar que no esquema de janelas a locação não é linha contínua com as anteriores 01, 02 e 03.				05

	1° PLANO	**2° PLANO** **Ext,/Frente do Palcete Itagyba/Noite**	**3° PLANO** **Ext,/Frente do Palacete Itagyba/Noite**
1			
		ÁUDIO: SINO.	
2			- Dois homens e duas mulheres entram em quadro, aparecendo nas janelas, alertadas pelo barulho do sino. Olham na direção do som (em sentido nordeste).
			- As pessoas aparecem nas janelas, realizando atividades no interior da casa
3			GRUPO DE CONGADEIROS NEGROS 1, entra em quadro, pela direita. Casal (MOÇA 1, RAPAZ), entra em quadro pela esquerda.

			- O casal vê os negros e desvia para a rua, temerosos. - Os negros riem, fazem pilhéria. Um deles ensaia passos de capoeira, só para implicar. O casal acelera o passo e caminhando, apressado, sai de quadro pela direita.
4			- Dois homens brancos, de terno, entram em quadro, saindo da casa. Descem as escadas, conversando. Ficam parados à porta, conversando.

	ANO 1932	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
5			- MENINO NEGRO, com caixa de engraxar no ombro, entra em quadro pela direita. Aproxima-se dos dois homens e oferece os serviços. - Os homens perguntam o preço, regateiam com o menino. O menino sai, cabisbaixo. É

			chamado de volta e, só então, abaixa-se diante dos dois homens e começa a engraxar os sapatos de um deles.
6			- LAVADEIRA, negra, com trouxa de roupa na cabeça, entra em quadro pela direita. - Aproxima-se do grupo. Conversam. Sai de quadro, entrando para dentro da casa pelo portão lateral.
7			- UMA SENHORA e UMA JOVEM, brancas, vestidas com aprumo, entram em quadro pela direita, conversando "nervosas" e injuriadas (pelo encontro anterior com duas prostitutas). -Aproximam-se dos dois homens. Conversam brevemente. - As duas mulheres que estão no interior da casa, entram em quadro, aparecendo na janela.

			Acenam alegremente para as duas recém chegadas.
8			- A SENHORA e a JOVEM, entram pelo portão principal, sobrem as escadas. São recebidos em cima pelas duas mulheres. Saem de quadro, entrando na casa.
	ANO 1933	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
9			- O MENINO termina de engraxar os sapatos de um dos homens. Começa a engraxar os sapatos do outro. - ZAMA entra em quadro pela direita, andando calmamente, assoviando. Para diante do Palacete. Cumprimenta os dois homens e segue, saindo de quadro pela esquerda.
10			- O CORONEL ARTHUR entra em quadro pela diagonal, vindo por trás da câmera. Traz um cartaz enrolado debaixo do braço. Os homens acenam para ele.

			HOMEM 1 Ô, Coronel! - O Coronel Arthur se aproxima e fica na rua, no meio fio, conversando com os homens. Um deles se aproxima. HOMEM 2 Como é, Coronel Arthur? O Cine Magalhães vai ou não vai ter filmes sonoros? CORONEL ARTHUR Mas é lógico! Já encomendei maquinário, já mandei pintar letreiro, está tudo certo! Sábado estréia fita nova! Já comprei até o foguetório, que é pra anunciar o começo da sessão! Os Homens riem. HOMEM 1 Mas e o Matraca? Vai ter croissantes e chocolate

			quente, ou o Senhor vai continuar vendendo os biscoitos de polvilho? - Antes que o Coronel responda, YAYÁ entra em quadro, pela esquerda. Vem apressada. Aproxima-se e pergunta: YAYÁ Ah, graças a Deus! Tio Arthur, o senhor viu Adélio?! ARTHUR Não, filha, faz é tempo que não vejo seu marido! Alguma urgência? YAYÁ Tio Arthur, o Tio Olegário faleceu! E meu sogro não está nada bem! ARTHUR Ah, meu Deus do céu...!

			YAYÁ Eu tenho que ir, preciso achar o Adélio! - YAYÁ volta a caminhar para a esquerda. Sai de quadro. - Mulheres, meninos e rapazes entram em quadro, pela esquerda, correndo assustados. HOMEM 1 [fala com uma das moças, enquanto ela corre] Quê isso, Inenzita? Que confusão é essa?! MOÇA Coronel FARNESE e DEIRÓ Borges! Estão se enfrentando, na porta do Doutor Adélio! - O grupo de homens sai correndo e deixam o menino para trás.

			- O menino, injuriado, grita: MENINO Ô! Meu dinheiro!
11			- Sem alternativas, o menino coloca a caixa de engraxate no ombro e sai de quadro, pela direita.
12			

	ANO 1936	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
13		- O que sobrou da Procissão entra em quadro. Os Borges estão comemorando. O momento é outro, novas esperanças se ascendem. Deiró Borges acaba de ser eleito vereador. OCTÁVIO Parece um sonho, Deiró! Você, eleito vereador aqui em Patos, nas barbas do Coronel!	- YAYÁ e ADÉLIO, entram em quadro, correndo, pela direita. Saem de quadro, correndo, pela esquerda, na calçada, por trás da procissão dos Borges. - MENSAGEIRO entra em quadro, pela esquerda. Anda apressado, olhando vez ou outra para trás. Sai de quadro pela direita.

		DEIRÓ ri. DEIRÓ Com voto secreto fica mais difícil o bode velho fraudar as eleições. Não que ele não tenha tentado...! OCTÁVIO Quase comeu o chapéu, de raiva! Desde que Olegário morreu, ele ficou assim... meio ruim das idéias. DEIRÓ Eu já acho que ele nunca bateu bem! Os dois ficam rindo.	
14		No meio da procissão, duas mulheres conversam sobre a Escola Normal:	- LAVADEIRA entra em quadro, saindo de dentro da casa pelo portão lateral.sem a trouxa de roupas. Conta o dinheiro que recebeu. Coloca dentro do

		MULHER 1 Escola Anormal! Onde já se viu? Escola pública protestante! MULHER 2 Desvirtuando moças boas, de família! Maria Cremilda colocou lá a Rosalina. Você precisa ver as idéias de professora "nova" que ela está tendo! Não, Maria da Glória, um horror! MULHER 1 Se o Bispo não tomar uma providência, não sei o que será de Patos!	sutiã e segue em frente, saindo de quadro pela direita.
15		Dois casais conversam trivialidades: RAPAZ 1 O Napinho será o Juiz. Team roxo contra Team marrom. O maior jogo de Voley Bool de Patos!	- A SENHORA e a JOVEM saem de dentro da casa. Conversam um pouco, com ar contrito. Saem de quadro, atravessando a rua, indo para detrás da câmera.

		MOÇA 1 E quem está no marrom? RAPAZ 2 Romilda, Amanda, Laurita, Neusa... MOÇA 2 Neusa, NE?.. [rindo] Sei...!Agora entendi porque seu empenho em organizar a partida...!	- GRUPO DE CONGADEIROS 2, entra em quadro pela direita, vindo pela calçada. Observam a procissão dos Borges, parados, de frente ao Palacete. Quando a procissão começa a sair de quadro, caminham para a esquerda, saindo de quadro, também,
16		Dois homens conversam sobre a construção da Catedral: HOMEM 1 Agora que Deiró foi eleito, a construção Catedral acelera. HOMEM 2 Vi o projeto. Coisa mais linda! HOMEM 1	

		E você entende de projeto, Alceu? HOMEM 2 Não, mas sei ver desenho. Era lindo! - Dois rapazes conversam sobre o futuro político de Deiró. RAPAZ 1 Acho que depois da vereança Tio Deiró deve se candidatar logo à Presidência de Minas. RAPAZ 2 Você acha que ele tem chance? RAPAZ 1 Mas é lógico! Filho, o que existe de Borges, Caixeta e Queiroz espalhado por aí, já	

		garante eleição! Vejo as faixas, as propagandas: "Faça diferente! Votae Deiró Presidente!" RAPAZ 2 Bom, hein?	
	ANO 1937	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
17			- Movimentação nas janelas do Palacete. Três homens entram em quadro, aproximando-se do rádio. - Ouvem, atentos, o discurso de Getúlio Vargas,
18			- ÁUDIO: Som intermitente de matraca. - HOMEM DE CHAPÉU entra em quadro, saindo de dentro do palacete. Desce as escadas, sai apressadamente pelo porto principal. Sai de quadro pela direita.

19			- Berenice entra em quadro, pela direita. Vem saltitando, feliz. O sapatinho incomoda. Pára de frente ao Palacete. Tira o sapato, retira de dentro dele o jornal dobrado. Volta a dobrar. Recoloca no sapatinho, experimenta. Satisfeita, volta a saltitar, saindo de quadro pela esquerda.
20			

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO JANELA 05 - 2° E 3° PLANO/Ext.

	JANELA 05 LOCAÇÃO: CASA JOÃO BORGES			01	02	03
							04
				ESQUEMA DE JANELAS		
	ANO 1930	Indicações: Iluminar após 10”, quando começar a música Itararé. Observar que a locação é em linha contínua à 04 e que possui no centro rua lateral à casa.					05
	1° PLANO	2° PLANO Ext. Frente da Casa de João Borges/ Noite	3° PLANO Ext. Frente da Casa de João Borges/ Noite				
1							
			RAPAZ pobre, trazendo flores simples nas mãos, em arranjo singelo de papel de pão, entra em quadro, vindo da rua lateral à casa.				
		ÁUDIO; SINO DA IGREJA.	- MULHER negra, pobre, entra em quadro pela direita. Traz papel de receita nas mãos. Para na esquina, olha o papel, suspira. Está triste [não tem dinheiro para comprar os remédios]. Atravessa rua, para na esquina e aguarda.				
2							

3			- GRUPO DE NEGROS CONGADEIROS 1, entra em quadro pela rua lateral. Encontram-se com a mulher na esquina. Abraçam-se, conversam. Percebem sua tristeza. Ela faz gestos de que não poderá acompanhá-los. Mostra a receita. Chora.
			- Cada membro do grupo começa a procurar dinheiro nos bolsos. Tudo o que encontram, oferecem para a mulher. Ela agradece, chorando. Abraça a todos.
			- O GRUPO sai de quadro pela esquerda, brincando, dançando, rindo. A mulher ainda os observa, feliz. Depois sai de quadro, pela rua lateral à casa.
4			-Menino negro com caixa de engraxar no ombro, entra em quadro pela direita. - Põe a caixa no chão, senta-se sobre ela. Retira um dinheiro do bolso e conta-o

			criteriosamente, incluindo as moedas.
			- Retira um pedaço de pão, embrulhado em papel, de dentro dos apetrechos da caixa e come, com o olhar perdido.
			- Terminada a refeição, o menino se ergue e sai de quadro pela esquerda.

	ANO 1932	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
5			- 02 PROSTITUTAS entram em quadro pela rua lateral à casa. Posicionam-se na esquina, na calçada da casa. - Enquanto aguardam, andam pela esquina, conversam.
			- HOMEM entra em quadro pela direita, vindo do trabalho. As moças se oferecem. O homem faz gesto de dispensa com a mão e sai de quadro pela rua lateral.
6			
			- ADÉLIO entra em quadro pela direita. Para para conversar com as moças, todo cheio de

			galanteios. As moças reagem com alegria, ao vê-lo. Escolhe uma das moças. Para que a outra não fique triste, oferece à ela duas notas dobradas. Sai de quadro com a moça escolhida, pela rua lateral à casa.
			- LAVADEIRA, negra, com trouxa de roupa na cabeça, entra em quadro pela rua lateral. Passa pela PROSTITUTA e sai de quadro pela esquerda.
7			- 01 SENHORA e 01 JOVEM, brancas, vestidas com aprumo, entram em quadro pela esquerda. Avistam a PROSTITUTA e, ostensivamente, se afastam, caminhando pela rua, até saírem de quadro, pela esquerda.
8			

	ANO 1933	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
9			- ZAMA entra em quadro pela direita. Caminha calmamente. Cruza com a prostituta, que se oferece. Ele ri, afetado, e recusa educadamente. Sai de quadro, pela esquerda. - HOMEM, entra em quadro pela rua lateral. Cruza com a prostituta. Ela se oferece. Conversam. Acertam o preço. E saem de quadro, também pela rua lateral. Um CACHORRO magro entra em quadro, passando pela rua.
10			- ADÉLIO entra em quadro pela rua lateral. Está despenteado, com a gravata no bolso, o casaco nas mãos,, um cigarro no canto da boca. Pára, retira do bolso um maço de notas e as conta, calmamente. Está contando o

			dinheiro quando YAYÁ entra em quadro, pela esquerda. YAYÁ ADÉLIO! Graças a Deus! Ele guarda o maço de notas às pressas, no bolso em que se encontra a gravata. O maço cai no chão e ele não percebe.] ADÉLIO YAYÁ, minha filha, o que você está fazendo na rua, sozinha e justamente aqui?! YAYÁ ADÉLIO... [YAYÁ se aproxima e sente o cheiro de ADÉLIO] Eu é que lhe pergunto, doutor ADÉLIO! Que cheiro é esse?! ADÉLIO [irritado]

			Esse é o cheiro do dinheiro, mulher! Então...?! Vai me dizer o que está fazendo na rua? YAYÁ [também irritada] Seu pai está precisando de você! É o seu tio! ADÉLIO [sem muita paciência] Bom, então aí você vai ter que se decidir. Ou bem é meu pai, ou bem é meu tio. Aliás, um dos tios! Sabe qual? YAYÁ respira fundo. Olha para o rosto de ADÉLIO. Os participantes da procissão que saíram correndo, temerosos do desfecho da disputa entre DEIRÓ e FARNESE, entram em quadro, correndo, pela esquerda. YAYÁ

			ADÉLIO, seu Tio OLEGÁRIO faleceu. E seu pai...
11			- ADÉLIO reage imediatamente. Pega YAYÁ pela mão e os dois saem correndo, saindo de quadro pela esquerda.
12			- MENINO ENGRAXATE entra em quadro pela esquerda. Está desolado com o "cano" que levou dos homens que não pagaram seu serviço. Vem chutando pedrinhas e tudo o mais que encontra pelo caminho. Coloca a caixa de sapatos no chão, na esquina e senta-se sobre ela. Então, vê o maço de notas que ADÉLIO deixara cair no chão. O MENINO se levanta. Pega o dinheiro, boquiaberto. Olha para os lados, na tentativa de encontrar o dono. Nada. Não aparece ninguém. Ele, então, coloca o dinheiro no bolso, pega a caixa de sapatos e pulando de alegria, sai de quadro, à frente, indo para trás da câmera.

	ANO 1936	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
13			- MENSAGEIRO entra em quadro, pela esquerda. Caminha apressado. Dá uma última olhada para trás e sai de quadro, pela rua lateral à casa. - GRUPO DE CONGADEIROS 2 entra em quadro pela rua lateral. Vem dançando, cantando, brincando, ensaiando passos. Sai de quadro pela esquerda.
14			- PROSTITUTA 1 entra entra em quadro pela rua lateral. Fica na esquina, esperando. - PROSTITUTA 2 entra em quadro, também pela rua lateral. As duas conversam. Comparam seus lucros. - LAVADEIRA entra em quadro, pela esquerda. Passa pelas moças e segue pela rua lateral, saindo de quadro.

15			
16			
	ANO 1937	INDICAÇÕES	
	1° PLANO	2° PLANO	3° PLANO
17		- Procissão entra em quadro pela esquerda. - Após o AÚDIO do discurso de Vargas decretando o Estado Novo, ÁUDIO intermitente de matraca. - A procissão entra pela rua lateral e vai saindo de quadro. DEIRÓ é UM DOS ÚLTIMOS.	- Enquanto a Procissão entra em quadro, as PROSTITUTAS observam, na esquina.
18		- HOMEM DE CHAPÉU entra em quadro, correndo. Entra na rua lateral e puxa DEIRÓ pelo braço. HOMEM	- As duas PROSTITUTAS saem de quadro, caminhando, para a direita.

		DEIRÓ! DEIRÓ! DEIRÓ Que é que foi, criatura?! HOMEM DEIRÓ, Getúlio acaba de fechar o Congresso. Pôs fim às liberdades políticas no Brasil. DEIRÓ Como?! HOMEM Getúlio deu um golpe, Deiró! Fechou o Congresso, as Câmaras Municipais, tudo! A oposição acabou! DEIRÓ [custando a acreditar nas consequências da notícia] Como assim, acabou?! HOMEM DEIRÓ... acabou. Getúlio fechou a Câmara Municipal.	

		Nomeou o Prefeito Camundinho interventor. E ele nomeou os Maciéis para uma comissão interna. Acabou, meu velho. Você perdeu seu mandato... Eles venceram. Enquanto Getúlio estiver no poder... os Macieís também vão estar! [DEIRÓ fraqueja as pernas. O amigo o ampara. - DEIRÓ vai saindo de quadro, amparado pelo amigo. Fora de quadro, voz de homem velho, fala parte de um dos discursos de DEIRÓ Borges: "(...) do alto desta montanha de tempo, olhando para trás, eu vejo vencidas muitas etapas gloriosas. Não faltaram, mesmo, nesta paisagem que recordo, um emblemático Mar Vermelho, transposto pelos pés do povo de Patos. Desta altura, olhando para a planície, que	

		descansa perto e pouco em baixo, eu vejo a terra da Promissão, onde não impera Pharaó.(...) Lutei. Cheguei ao alto, mas só me é dado ver de longe a terra prometida, porque não posso atingi-la...!”	
19			- Berenice entra em quadro, correndo alegre e saltitante, pela rua lateral. Sai de quadro.
20			

Anexo2

Imagens de Making Off - Janelas para 30

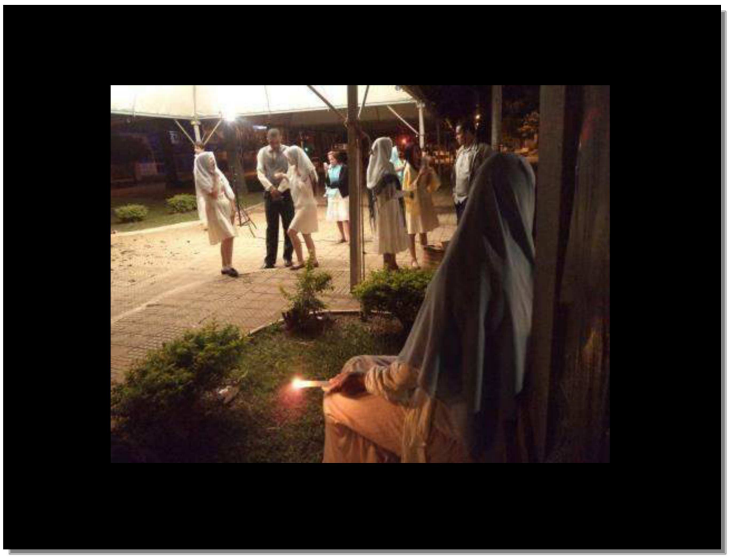
Slide 1



Slide 2



Slide 3



Slide 4



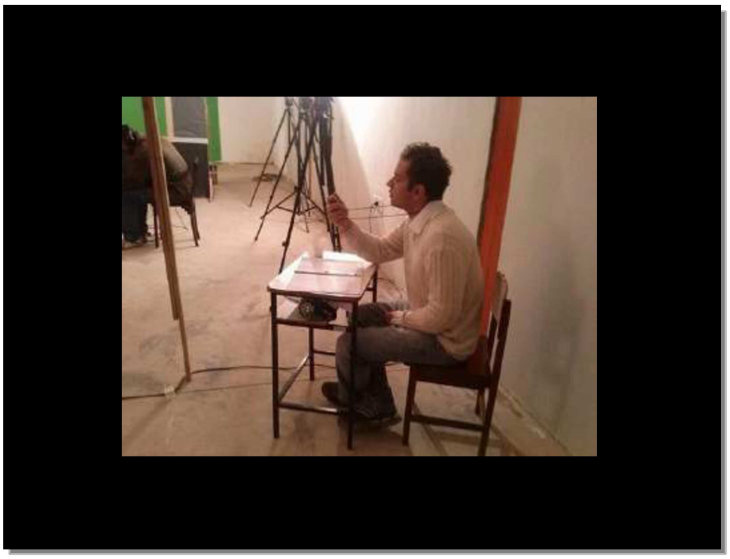
Slide 5



Slide 6



Slide 7



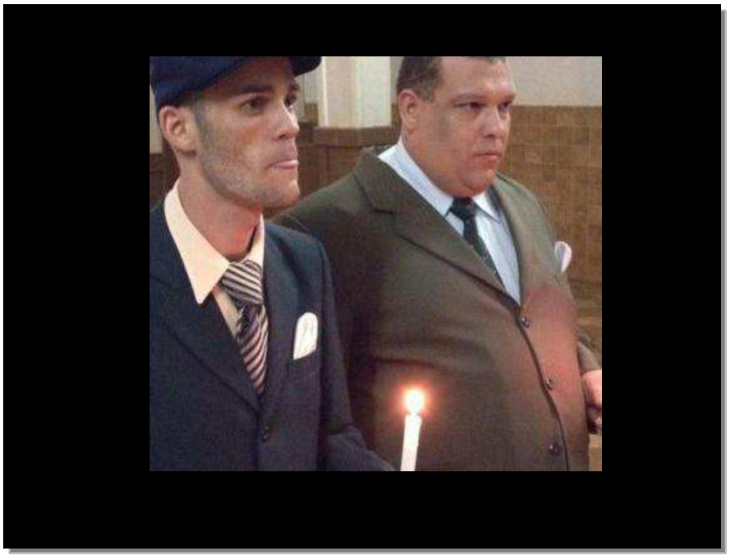
Slide 8



Slide 9



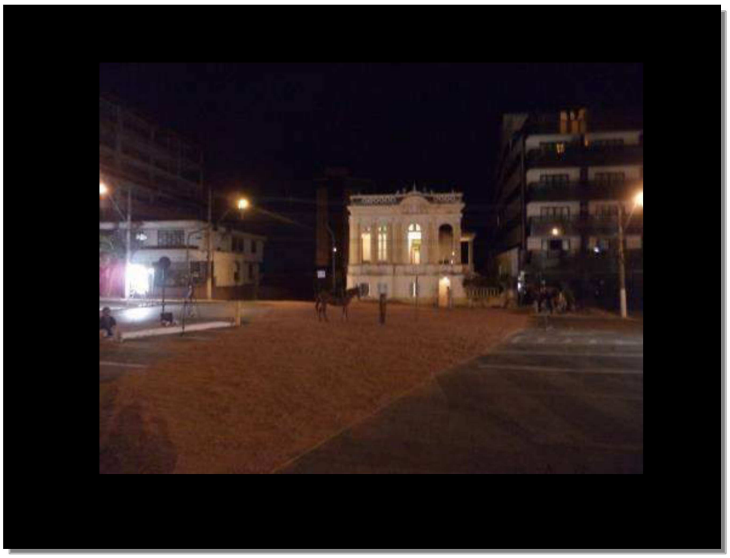
Slide 10



Slide 11



Slide 12



Slide 13



Slide 14



Slide 15



Slide 16



Slide 17



Slide 18



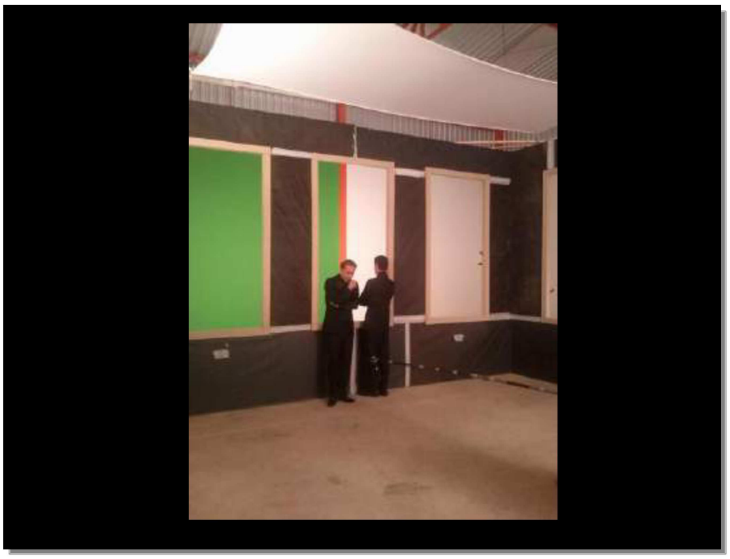
Slide 19



Slide 20



Slide 21



Slide 22



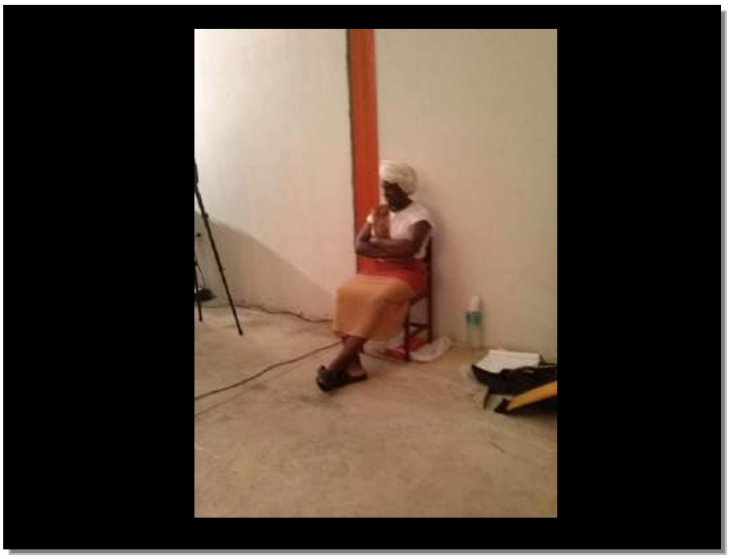
Slide 23



Slide 24



Slide 25



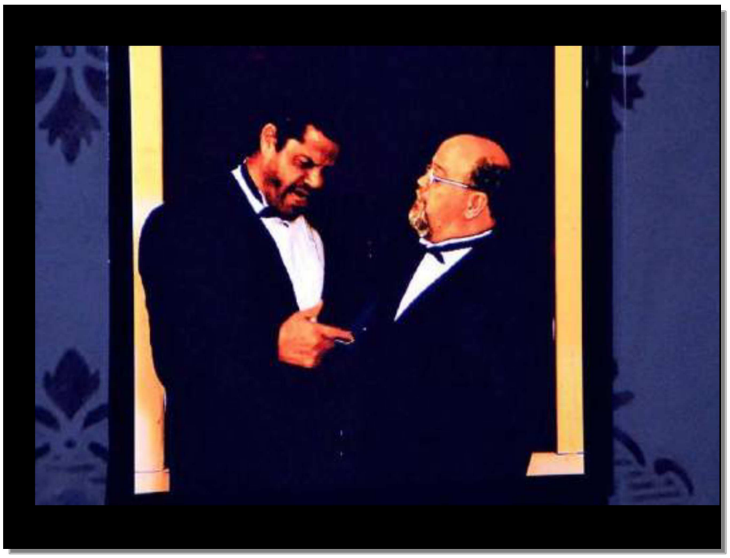
Slide 26



Slide 27



Slide 28



Slide 29



Slide 30



Slide 31



Slide 32



Slide 33



Slide 34



Slide 35



Slide 36



Slide 37



Slide 38



Slide 39



Slide 40



Slide 41



Slide 42



Slide 43



Slide 44



Slide 45


CRÉDITOS
ELENCO (em ordem alfabética)
Alexandre Olemário da Silva
Aline Rafaela Lopes de Faria
Anderson Cardoso
Arlindo Silvério de Faria
Aurélio Rocha Mendonça Pinheiro
Benedita da Paixão Correia
Bibiane Magalhães de Oliveira
Cleusmar João Sobrinho
Cristiane Andreia Silva
Daniel Sousa Gonçalves
Davi Ferreira e Peixoto
Deiveson Fernandes de Santana
Demerson Pereira
Diego Silveira
Dilleygor Lagares
Douglas Henrique Braga
Dyovanna Cristina Passos Ferreira
Fabrício Marques
Gustavo Henrique Carreiro Melo
Gustavo Tolentino
Humberto Mello
Isabela Caixeta
Isabela Rodrigues S. Freitas
João Paulo Guerreiro
Congadeiro
Aurora
Antônio (Tonico)
Amadeu
Marcolino
Mulher Devota /Mulher Janela 4
Esther
Coronel Arthur
Yayá
Matraqueiro
Joaquim
Teodoro
Octávio
Jagunço
Adélio
Pedro
Dóris
Pai
Criança Devota
Sacristão
Coronel Farnese
Prostituta
Criança Devota
Deiró Borges

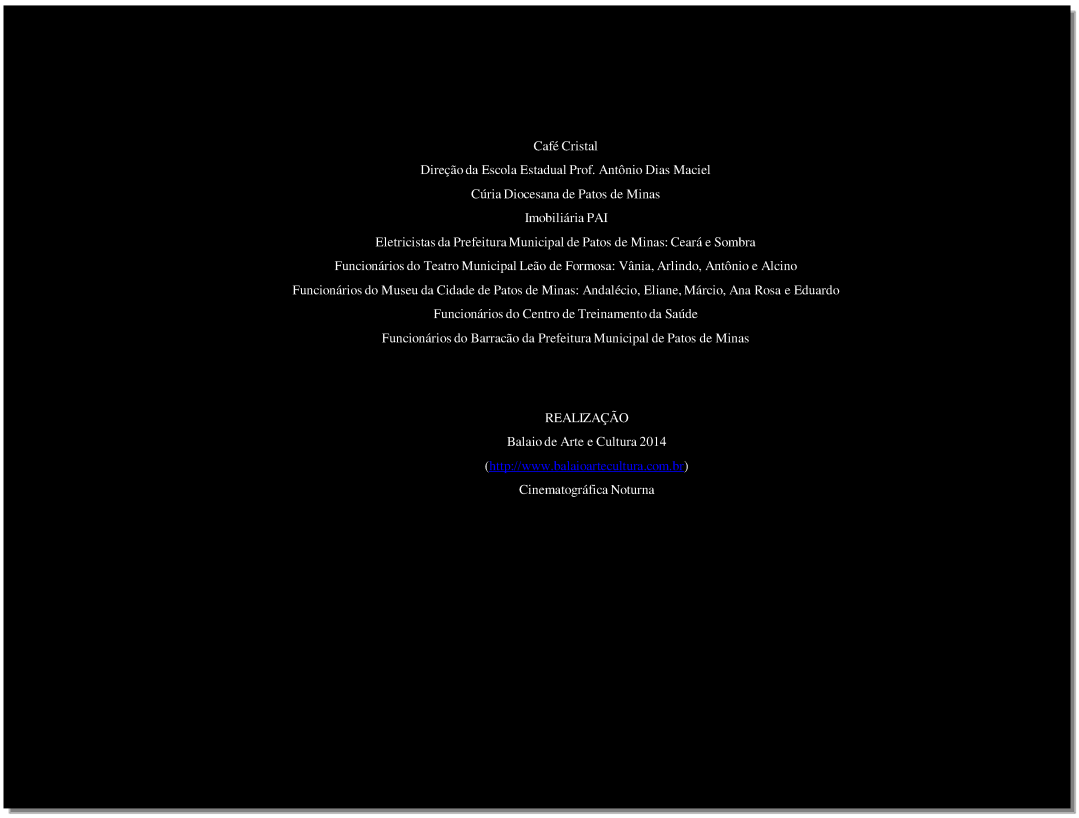

José Rodolfo de Castro Santos
Karolayne Caixeta de Jesus
Laissa Loraine de A. Silva
Laryssa Martins Santos
Letícia Ferreira Barcelos
Lucília Ferreira Gomes
Margareth Peixoto
Maria Célia Costa Santos
Maria de Lurdes Costa Santos
Marielle Cristina Cunha
Marilda Luísa de Melo
Matheus Alves Pereira
Meire Rosa
Matheus de Castro
Milton César Jr. Soares
Nayane Araújo Gomes
Phillemon Francis Wkn
Pollyana Caroline Pereira da Mota
Rafael Henrique Pereira Silva
Rayane Stéfane Rocha
Samuel de Sousa Barbosa
Shanti da Mota Porto Rezende
Sirlene Trindade Fagundes
Vane Pimentel Mathias
Victhor Lucas Borges Rocha
Adhemar
Berenice
Doca
Prostituta
Eugênia
Mulher Devota / Mulher Janela 4
Jorgeta
Juracy
Congadeira
Criança Devota
Mulher Devota/Wanda
Raul
Mulher Devota/Prostituta
Congadeiro
Olegário
Titina
Zama
Mãe
Congadeiro
Erlinda
Bento
Zenóbia
Francisca
Rodolfo
Napinho
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
Grupo de Moçambique de Santana de Patos - Capitão: Sebastião Cumbuca
Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário- Patos de Minas - Capitão: Sebastião Belchior (Tião Chapotó)
Grupo de Seresta do Conservatório Municipal de Patos de Minas
Luiz Carlos de Oliveira - Comitiva Terra do milho

Direção: Flávio Henrique Citton
Direção de Fotografia: Leandro Texera
Roteiro e Direção de Produção: Rosa Maria Ferreira
Produção Executiva: Geenes Valentim
Cenografia: Magra
Assistente de Direção: Letícia Teixeira
Assistente de Produção: Gabriela Alves Gonçalves.
Direção de Arte: Rodrigo Caixeta
Cabelo e Maquiagem: Roger Júnio e Tharley Ribeiro
Figurino Masculino e Sala Azul: Noivos e Cia
Consultor de Época: João Otávio Coêlho
Captação de Som: Elson Dias
Edição: Flávio Gebrim - Cromaleão

VOZES
Geenes Valentim
Flávio Henrique Citton
Rosa Maria Ferreira
Leandro Texera
APOIO:
Noivos e Cia
Ótica Barros
Ótica Precisa
HDV Stúdio

AGRADECIMENTOS

Sr. Cláudio Nasser Carvalho - Presidente do Sindicato Rural de Patos de Minas
Srª Regina Carvalho - Presidente do Balaio de Arte e Cultura
Srª Gleide Lucas Rodrigues - Presidente da Fundação PROMAM
Sr. Fábio Amaro - Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer
Sr.. Nélson Nogueira - Secretário Municipal de Infra Estrutura
Prof. Roberto Moreira Vargas
Prof. Altamir Fernandes
Sr. Alex de Castro Borges- Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural
Srª Elenice Cavalcanti - Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural
Sr. Vane Pimentel Mathias - Diretor de Memória e Patrimônio Cultural
Sr. Sebastião "Cumbuca" e Família - Santana de Patos
Sr. Sérgio Borges - Proprietário do Imóvel "Casa do Dr. João Borges"
Srª. Marialda Coury - Memorial do Milho
Srª Cláudia Márcia Mello - Secretária do Balaio de Arte e Cultura
Sr. Laéce Cardoso Silva - Secretaria Executiva do Balaio de Arte e Cultura
Sr. João Octávio Coêlho - Museólogo do Memorial do Milho
Sra. Marisa - Decorfest
Sr. Pedrão - Restaurante do Pedrão - Proprietário do Imóvel "Casa de Adélio Maciel"
Sr. Fernando - Lotérica Sorte Certa
Sr. Pedro Henrique Ferreira - CRIVO - Agência Experimental de Publicidade do UNIPAM
Restaurante Dom João



Créditos das Imagens de Making Off:

Dilleygor Lagares, Margareth Peixoto, Rodrigo Caixeta, Matheus de Castro

REALIZAÇÃO:

Balaio de Arte e Cultura 2014
(http://www.balaioartecultura.com.br)

Cinematográfica Noturna

“Janelas para 30” pode ser acessado em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Nx9B8mwbUE4>

Anexo 3

CD do filme Janelas para 30, em versão compacta